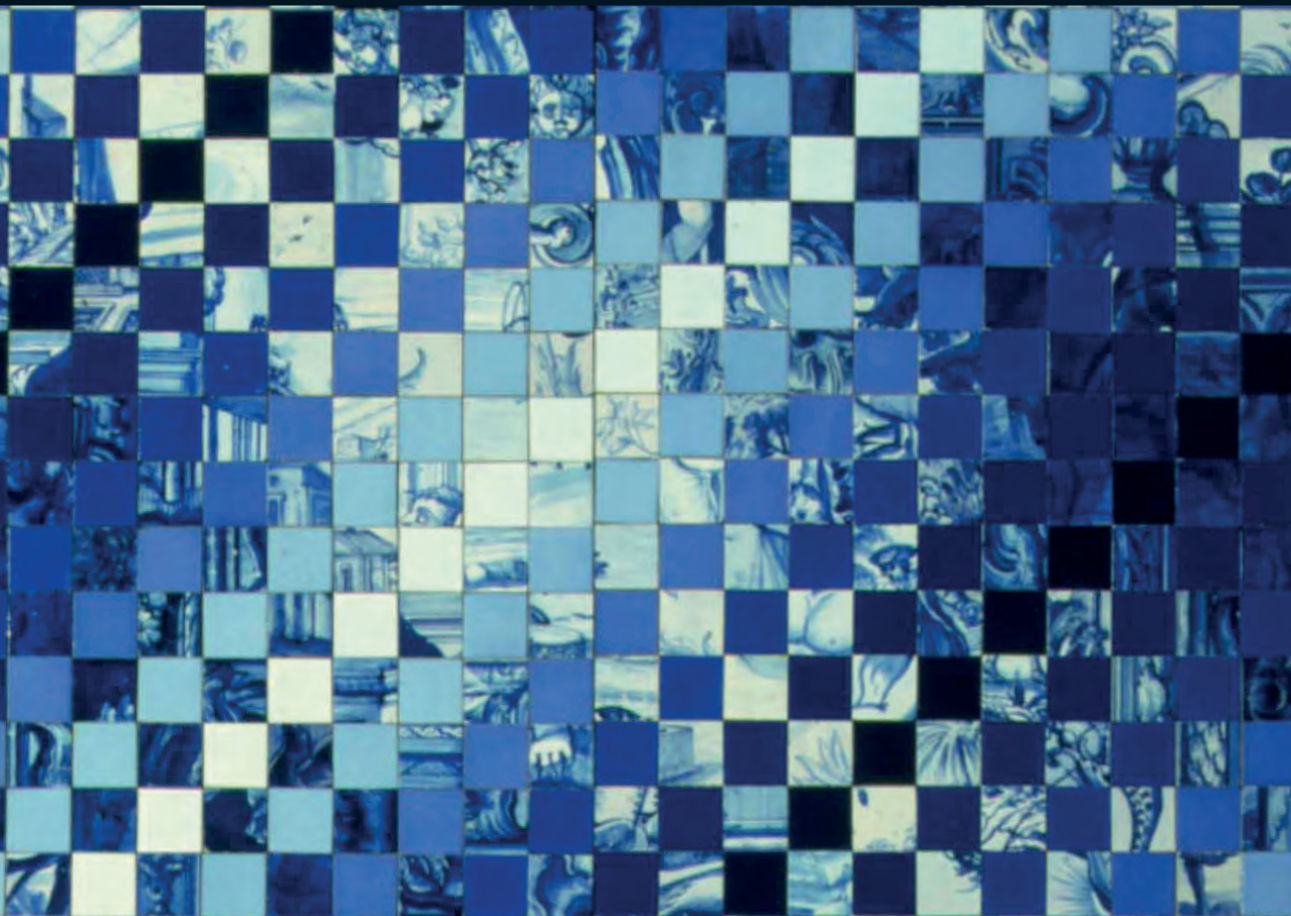


EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS



LENDAS DE SANTOS

N I M P R E N S A N A C I O N A L N I M P R E N S A N A C I O N A L

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

imprensanacional.pt
loja.incm.pt
facebook.com/ImprensaNacional
instagram.com/imprensanacional.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

© 2023 Carlos Reis, Anna Luíza Bauer, Eliane Hosokawa Imaiyuki e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Título: Lendas de Santos

Autor: Eça de Queirós

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Conceção gráfica: INCM

Capa: Série «Cor-luz», 2008,
da autoria de Eduardo Nery
guache sobre papel;
56,5 cm × 74 cm;
coleção do autor

Data de impressão: Setembro de 2023

ISBN: 978-972-27-3011-2

Depósito legal: 503219/22

Edição n.º 1025402



IMPRENSA
NACIONAL

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Coordenador: Carlos Reis

Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós

Plano de edição

FICÇÃO

Não-póstumos

- * O Mistério da Estrada de Sintra
- O Crime do Padre Amaro (1.^a versão)
- * O Crime do Padre Amaro (2.^a e 3.^a versões)
- O Primo Basílio
- * O Mandarim
- * A Relíquia
- * Os Maias
- * Contos I

Semipóstumos e póstumos

- * A Correspondência de Fradique Mendes
- * A Ilustre Casa de Ramires
- A Cidade e as Serras
- * Contos II
- * Lendas de Santos
- * A Capital!
- O Conde de Abranhos
- * Alves & C.^a
- A Tragédia da Rua das Flores

TEXTOS DE IMPRENSA

- Uma Campanha Alegre. De «As Farpas»
- * Textos de Imprensa I
- * Textos de Imprensa II
- Textos de Imprensa III
- * Textos de Imprensa IV
- * Textos de Imprensa V
- * Textos de Imprensa VI

EPISTOLOGRAFIA

- * Cartas Públicas
- Cartas Privadas

NARRATIVAS DE VIAGENS

- O Egito e Outros Relatos

VÁRIA

- * Almanagues e Outros Dispersos

TRADUÇÕES

- * Philidor
- * As Minas de Salomão

- * Volumes publicados

LENDAS DE SANTOS

Números 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

Não foram aproveitadas

nos em 66 9 Hano aprofundação...
em "Folhas Solitas"

S^{to} Onofre - Osob. raios

Motore nasceu em 14 de pro-
dite cidade do Egito, sobre a
margem árabe do Nilo.

Seu pai possuía um an-
tiga lavoura chamada de
gallo - e continuava alugando
procedimentos, para a travessia
do deserto ao Chertão i'che,
xandara e do Delta que, rubiam
o Nilo até Aphrodite, em pe-
reginação ao mundo da
Thebaida, a villa d'Oraxingue,
povoada de cel censbitas, ou ao

Ms. E1/289 (abertura de S.^{to} Onofre)

EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS

Ficção, Semipóstumos e Póstumos

Lendas de Santos

Edição de
Anna Luiza Bauer
e Eliane Hosokawa Imayuki

Imprensa Nacional
2023

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© CÓPIA DE LEITURA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

Nota prefacial

O volume *Lendas de Santos* que agora se publica constitui, na série Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, um contributo importante para colmatar lacunas e para se tentar chegar o mais perto possível da vontade de Eça de Queirós, no que diz respeito às três narrativas que aqui se encontram. Uma vontade inconclusa, acrescento, porque estamos perante textos que o grande escritor não deu à estampa e que foram deixados em estádios de desenvolvimento relativamente incipientes.

O plural a que aqui recorro tem justificação. Os três relatos das chamadas *Lendas de Santos*, provindo embora de um mesmo paradigma — a narrativa hagiográfica —, apresentam problemas próprios, exigindo soluções distintas às duas editoras, Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki. Com efeito, se num caso, o de *S. Cristóvão*, dispomos apenas do testemunho da tradição impressa (com a insegurança que isso implica, tratando-se de textos de publicação póstuma), nos outros dois (*S.^{to} Onofre* e *S. Frei Gil*) os manuscritos utilizados encontram-se incompletos, por vezes com ordenação confusa e dispersos por diferentes proprietários e arquivos. A isto acresce que, depois de iniciado o trabalho de edição, apareceu um manuscrito autógrafo (o de *S. Frei Gil*) cuja existência e localização, até há poucos anos, eram desconhecidas. Isso obrigou a retomar, desde o início, a fixação do texto, o que, com óbvia vantagem, permitiu consolidar o relato numa forma diretamente provida do punho do escritor.

Tudo isto e o mais que importa para a presente edição encontra-se exposto e caracterizado na circunstanciada introdução de Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki. Nela, fala-se não apenas do lugar ocupado por estes relatos no cânone queirosiano, como ainda da configuração e da natureza dos testemunhos a que aqui se recorre e que são, *grosso modo*, dois: o espólio de Eça de Queirós, guardado no Arquivo da Cultura Portuguesa

Contemporânea da Biblioteca Nacional (cf. http://acpc.bnportugal.gov.pt/espaios_autores/e01_queiros_eca.html) e a tradição impressa, configurada, para os efeitos desta edição, nos volumes *Últimas Páginas* (Livraria Chardron, de Lello & Irmão, Editores, 1912; edição de Luís de Magalhães), *Folhas Soltas* (1966, Lello & Irmão, Editores; edição de Maria d'Eça de Queiroz) e *Lendas de Santos* (Livros do Brasil, 1970; fixação de texto por Helena Cidade Moura).

Conforme frequentemente ocorre com trabalhos desta natureza, aquilo que agora se publica não está (nem poderia estar) isento de dúvidas. A seriedade e a competência investidas nesta edição por Anna Luiza Bauer e Eliane Hosokawa Imayuki (ambas autoras de estudos académicos sobre os santos de Eça, com orientação de Elza Miné) são, contudo, argumentos fortes para se avançar decisivamente no sentido de se atingir uma edição tão segura quanto o permitem os materiais disponíveis. Afirmo-o na minha qualidade de coordenador da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, com base na releitura de tudo o que aqui se encontra, releitura em que tive o apoio de Irene Fialho, experiente e profunda conhecedora do espólio queirosiano, a quem penhoradamente agradeço.

Com a publicação de *Lendas de Santos*, esta série editorial atinge o seu 21.º volume. Desenvolvida desde os anos 90 do século passado, a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós tem beneficiado, como neste caso acontece, dos esforços e da dedicação de investigadores identificados com um labor de salvaguarda patrimonial cuja relevância nem sempre é devidamente reconhecida. Deve-se à Imprensa Nacional o acolhimento desta iniciativa, desde o seu início. Por isso, deixo aqui exarado, mais uma vez, o justo agradecimento que é devido ao Dr. Duarte Azinheira, Administrador da INCM, e a toda a equipa da Unidade de Edição e Cultura.

CARLOS REIS

Sumário

<i>Nota prefacial</i>	11
INTRODUÇÃO	15
1. AS LENDAS E OS SANTOS	15
2. AS <i>LENDAS DE SANTOS</i> E A HISTÓRIA DOS SEUS TEXTOS	22
3. AS LENDAS E O SEU TEMPO	25
4. DOCUMENTOS PRÉ-REDACIONAIS E MANUSCRITOS AUTÓGRAFOS	30
5. A EDIÇÃO CRÍTICA DAS <i>LENDAS DE SANTOS</i>	37
6. CRITÉRIOS DESTA EDIÇÃO	39
TEXTOS CRÍTICOS	43
S. CRISTÓVÃO	45
[CAPÍTULO] I	47
[CAPÍTULO] II	55
[CAPÍTULO] III	65
[CAPÍTULO] IV	75
[CAPÍTULO] V	85
[CAPÍTULO] VI	89
[CAPÍTULO] VII	91
[CAPÍTULO] VIII	99
[CAPÍTULO] IX	107
[CAPÍTULO] X	115
[CAPÍTULO] XI	123
[CAPÍTULO] XII	135
[CAPÍTULO] XIII	151
[CAPÍTULO] XIV	165
[CAPÍTULO] XV	175

[CAPÍTULO] XVI	189
[CAPÍTULO] XVII	197
[CAPÍTULO] XVIII	201
S. ^{to} ONOFRE	211
[CAPÍTULO] I	213
[CAPÍTULO] II	227
[CAPÍTULO] III	235
S. FREI GIL	329
APÊNDICES	419
S. CRISTÓVÃO	421
S. ^{to} ONOFRE	431
S. FREI GIL	451
<i>Notas biobibliográficas</i>	459

INTRODUÇÃO

1. AS LENDAS E OS SANTOS

Quando nos propusemos a preparar uma edição crítica das *Lendas de Santos* — *S. Cristóvão, S.^{to} Onofre e S. Frei Gil* — de Eça de Queirós, a nossa primeira curiosidade foi em relação ao título desta obra: porquê lendas e porquê estes santos?

Essa curiosidade foi, em parte, saciada com a descoberta de que o autor não havia atribuído título às narrativas que deixara inéditas e vieram a público somente 12 anos após a sua morte. O seu primeiro editor, Luís de Magalhães, foi o responsável pelo que conhecemos até hoje como *Lendas de Santos*. Mas, porque Magalhães caracterizara aquelas narrativas como lendas?

A lenda, historicamente, tem origem incerta e nebulosa. Há indícios de que uma lenda surja a partir de acontecimentos reais, de histórias verdadeiras que viajam pelo tempo e pelo espaço, passando por gerações e povos distintos. Nesse percurso, novos factos e interpretações variadas incorporam-se ao episódio que se vai deformando sob os diferentes pontos de vista.

Lenda é «legenda, narrativa de carácter maravilhoso em que um facto histórico, centralizado em torno de algum herói, se amplia e se transforma sob o efeito da evocação poética ou da imaginação popular; narrativa ou credence acerca de seres maravilhosos e encantatórios, de origem humana ou

não, existente no imaginário popular, explicando fenómenos da natureza»¹.

Lendas sobre mutações de pessoas em animais existem desde a Antiguidade. O historiador Heródoto, os romanos Plínio, Plauto e Ovídio já faziam referência ao «lobo-homem». Outros temas, como o Santo Graal, o amor de Tristão e Isolda também foram explorados como lendas. Tristão e Isolda inspiraram obras literárias e musicais e remetem à imagem fantástica de duas árvores nascidas sobre as tumbas desses dois amantes. Os seus galhos, entrelaçados, jamais puderam ser separados. Acreditamos que «a legenda existe como resto ou cinza da certeza antiga que, decaída, diverte a imaginação, isto é, se torna diversão ou fantasia. É próprio da fantasia esconder o que é incerto sob a capa do que foi outrora certo, num tempo que nunca houve e em que, portanto, tudo era possível.»²

As três narrativas de Eça de Queirós que têm como personagens os santos não fogem à interpretação ficcional, evocando até mesmo aspetos legendários. Provavelmente foram essas as razões que levaram Luís de Magalhães a adotar o título *Lendas de Santos* para as narrativas envolvendo S. Cristóvão, S.^{to} Onofre e S. Frei Gil.

Quanto à nossa outra pergunta: porque Eça escolhera estes três santos? Seriam eles santos apócrifos e por esta razão o autor se sentiu livre para «adotá-los» como personagens? Ou ainda, as suas histórias, vividas na Idade Média e repletas de elementos estimulantes, incitaram a sua imaginação?

Jaime Cortesão diz que «a cultura francesa favorecia Eça de Queirós quanto ao conhecimento da Idade Média na França. As obras de Viollet-le-Duc deram-lhe o quadro exterior e muitos aspectos da vida íntima medieval. [...] Para o estudo das *jacqueries*, possuía a obra de outro grande medievalista, Achille Luchaire,

¹ *Dicionário Eletrónico Houaiss*, Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001.

² António Braz de Oliveira, «São Cristóvão, sonho e fantasia da Geração de Setenta: notas para uma releitura da hagiofantasia queirosiana», in Elza Miné e Benilde J. Caniato (eds.), *150 Anos com Eça de Queirós. Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos*, São Paulo, Centro de Estudos Portugueses-USP, 1995, pp. 83-112.

que seguramente lhe forneceu algumas sugestões»³ úteis para a criação das lendas.

Jacobus de Voragine registou, numa coleção de vidas de santos (a *Legenda Aurea*, 1228-1298), a vida de S. Cristóvão. Dentre muitas histórias que se misturam a antigas tradições, está narrada a vida de Ofero, filho de um rei de Canaã, que viveu no século III da nossa era. Ele chamar-se-ia Cristóvão, *Christophoros*, em grego, aquele que carrega Cristo.

Há outras tradições que atribuem a Cristóvão o nome de Réprobo — em latim, *Reprobus*, que significa condenado por Deus —, possivelmente devido à sua origem pagã, antes de conhecer o Evangelho. Posteriormente, a coleção hagiográfica *Acta Sanctorum*, iniciada em 1643 por Jean Bolland e continuada pelos Bolandistas⁴, também relata um dos martírios de S. Cristóvão.

Nem a *Legenda Aurea* nem o *Acta Sanctorum* fazem qualquer referência a S.^{to} Onofre e a S. Frei Gil.

Procurámos conhecer o *Flos Sanctorum*⁵, obra a que o escritor fez alusão quando planeava ou mesmo já elaborava textos das lendas. Uma arca contendo a sua biblioteca particular, vinda de Paris após sua morte, trouxe 12 volumes da referida obra. Pudemos consultar alguns desses volumes, na Fundação Eça de Queiroz, em Tormes, e conhecer a história de vida dos santos que estávamos a pesquisar: S. Cristóvão, S.^{to} Onofre e S. Frei Gil.

A história de S. Cristóvão, segundo o Breviário de Évora, foi narrada por Santo Antonino e Vicencio, no Espelho Historial. Mas, segundo os seus próprios narradores, ela poderia ter sido mais bem contada, se não parecesse apócrifa.

Buscámos entender melhor o significado de santos apócrifos e procedemos a uma indagação, sob o ponto de vista do Direito Canónico, das regras eclesiásticas e dos dogmas da Igreja Romana.

³ Jaime Cortesão, *Eça de Queirós e a Questão Social*, Lisboa, Portugalia, 1970, p. 185.

⁴ Membros da Companhia de Jesus que formaram uma sociedade dedicada à publicação de edições críticas das vidas de santos.

⁵ P.^e Diogo do Rosário, *Flos Sanctorum ou Historia das Vidas de Christo e Sua Santissima Mãe e dos Santos e Suas Festas*, nova ed. aumentada com os santos modernos e outros omitidos nas ed. anteriores, pelo Padre José Antonio da Conceição Vieira, Lisboa, Typ. Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1869, vol. I.

Assim, segundo Silvana Cobucci Leite, os excessos na canonização de santos levaram a «uma ampla reforma no calendário litúrgico indicando o cronograma das festas religiosas. Em 14 de fevereiro de 1961, a *Acta Apostolica Sedis* editou uma instrução que, dentre outras medidas, eliminava várias festas comemorativas do culto de alguns santos. Com outra reforma, realizada em 1969, só foram mantidos no calendário romano os santos representativos de vários períodos da história e de diferentes países. Embora alguns deles sejam considerados de origem local ou fruto de iniciativas isoladas — como S. Cristóvão —, manteve-se seu culto em diversas partes do mundo. Algumas localidades escolheram o dia 10 de julho, data de seu provável martírio, para celebrá-lo. Outras, seguindo o Martirológio de Jerónimo, preferem realizar a sua festa em 25 de julho, como no Brasil, onde o santo é padroeiro dos motoristas»⁶.

Portanto, santos apócrifos são aqueles que, mesmo sendo venerados como santos em diversas comunidades, não são reconhecidos, na atualidade, pela Igreja Romana. Embora haja várias obras hagiográficas referindo-se a S. Cristóvão, sua santidade não existe perante o Direito Canónico.

Verificamos na narrativa queirosiana que em *S. Cristóvão* há episódios semelhantes aos vividos por personagens bíblicos. Na anunciação de Cristóvão, feita pelo moço de olhos brilhantes como lume e coberto com uma túnica branca, diz-se: «Entra contente... teu filho há de ser um grande santo!» Houve certo temor, incompreensão, arrepio, um misto de terror e esperança, certa descrença, exatamente como aconteceu com Zacarias, pai de João Batista. Como poderia, pois, num lar que nenhum riso de criança alegrava, crescer um grande santo? Ainda evocando episódios bíblicos, Eça de Queirós fez seu personagem-lenhador acreditar que «os méritos estavam na boa companhia», como ocorreu com os pais de Jesus, Maria e José.

Segundo Ramalho Ortigão, «Eça de Queirós foi ao *Flos Sanctorum* e aos Bolandistas, ao simbolismo das lendas cristãs, ao maravilhoso dos hagiólogos, ao Iluminismo dos Fra Angélicos e

⁶ Silvana Cobucci Leite, *São Cristóvão*, São Paulo, Edições Loyola, 1999.

dos Memlings buscar inspiração para seu novo livro sobre a vida de S. Cristóvão»⁷. Se o escritor conhecia a *Bíblia*⁸, conhecia a narrativa hagiográfica dos Bolandistas, a *Legenda Aurea* e o *Flos Sanctorum*, dentre tantos outros, parece evidente que teria extraído informações para alicerçar a escolha dos nomes atribuídos aos seus personagens, mesmo estando eles envolvidos em ações fantásticas, habitando uma narrativa ficcional.

No *Flos Sanctorum* há menção à imagem de Cristóvão carregando o Menino Jesus ao ombro e atravessando um caudaloso rio. O Senhor, agradecido pela caridade que o Bom Gigante fazia à beira do rio, a transportar aqueles que perigavam ao cruzar as águas, disfarçou-se de criança e pediu que o passasse, também a ele, para a outra margem. Cristóvão atendeu prontamente mas, no meio da travessia, sentiu um peso imenso, um sentimento de estar carregando o mundo. Ao queixar-se, levantou os olhos e viu resplandecer o Menino que segurava, com sua mão esquerda, o globo. Curiosamente, é com esta imagem que Eça de Queirós finaliza o texto de sua lenda.

Embora a vida de S. Cristóvão se misture a antigas tradições, ou mesmo a lendas, a sua existência histórica não pode ser negada. Se Cristóvão realmente existiu ou não, como santo ou como pessoa comum, ele passou a ter vida, nasceu e ainda vive ao lado de Gil e Onofre, habitando os cenários das narrativas queirosianas. Como protagonistas de histórias fantásticas, estes três santos exploraram mitos e lendas, ora em relatos maravilhosos, ora estranhos, ora monstruosos, todos ocorridos num passado cronologicamente indeterminado.

Na obra *Flos Sanctorum*, além de S. Cristóvão, S.^{to} Onofre e S. Frei Gil, a nossa atenção e o nosso questionamento recaíram também sobre Pacómio, santo do mesmo dia de S. Frei Gil: 14 de maio. As páginas que relatam a vida destes dois santos são contíguas: na página 195 termina a de S. Frei Gil e inicia-se a de

⁷ Ramalho Ortigão, *Figuras e Questões Literárias*, vol. II, pp. 17-18, *apud* Feliciano Ramos, *Eça de Queirós e os Seus Últimos Valores*, Lisboa, Revista «Ocidente», 1945, p. 94.

⁸ Cf. Eça de Queirós, «Um Gênio que era um Santo», in *Almanaques e Outros Dispersos*, edição de Irene Fialho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011, p. 289; Eça de Queirós, *Correspondência*, organização e anotações de A. Campos Matos, Lisboa, Caminho, 2008, vol. II, cartas 812 e 813, pp. 476-478.

São Pacómio, que foi narrada pelo padre Sarmento. O nosso interesse por São Pacómio começou quando notámos semelhanças entre a sua vida e a de S.^{to} Onofre. O personagem S.^{to} Onofre, de Eça de Queirós, também apresenta alguma similaridade com São Pacómio.

Pacómio nasceu em Tebaida em 292, filho de pais gentios, que o educaram na sua falsa religião e foi instruído nas letras e ciências dos egípcios. Aos 20 anos foi alistado como militar e conduzido a Tebas, onde conheceu cristãos que, compadecidos da sua indigência, lhe prestaram todo o socorro. Pacómio, admirado, perguntou-lhes quem eram e por que faziam favores sem o conhecer. Foi-lhe respondido que eram cristãos e tinham por costume, segundo a religião, fazer o bem a todos para agradar a Deus, que adoravam. Até então, Pacómio ignorava o que era o Cristianismo, mas decidiu converter-se a esta religião tão santa e tão benéfica. Passada a Páscoa de 314, foi regenerado em Cristo, por meio do batismo, sentindo-se um servo de Deus. Ao saber que certo solitário chamado Palemon praticava, no deserto, uma vida austera e penitente, foi logo procurá-lo a fim de ser seu discípulo e imitador das suas virtudes. Embora Palemon, em princípio, o tivesse alertado a exercitar, em outra parte, a sua paciência e só depois retornar, deu-lhe o hábito naquele momento e admitiu-o como seu discípulo, por sentir a sua grande fé.

Já a vida de S.^{to} Onofre, no *Flos Sanctorum*, foi narrada por Pafúncio, um monge eremita. Pafúncio estava a caminhar, quando chegou a uma cova e encontrou um santo morto e outro choroso e penitente. Estando ali, viu surgir ao longe um homem nu, coberto de sedas e cingido com folhas de árvores. Pafúncio, temeroso, fugiu, mas o homem seguiu-o, chamando-o. Era Onofre, que vivia há 60 anos naquela solidão. Fora monge em Tebas, no mosteiro Érico, contudo decidira viver como o profeta Elias e São João Batista, entregue à providência divina. Quando chegou ao ermo, muito caminhou. Chegando a uma cova, desejou saber se lá vivia algum solitário. Chamou à porta. Um venerável velho, em traje de ermitão, surgiu e pegando-o pela mão disse: «Tu és Onofre, meu hóspede e imitador.» Passados alguns dias, o santo velho levou-o mais adiante, ao interior do deserto. Os dois encontravam-se uma vez por ano, até que o santo velho morreu

e Onofre enterrou seu corpo junto da choça em que vivia. Tudo isso contou Onofre a Pafúncio.

Esse santo parece ter sugerido a criação do personagem queirosiano Onofre. Porém, ao comparar a história de vida de Onofre e Pacómio, percebemos também que alguns dos aspetos de ambos se imbricaram, quando Onofre assumiu a condição de personagem de ficção.

Retornamos ao *Flos Sanctorum*, a fim de verificar as características de S.^{to} Onofre e de São Pacómio e quanto, realmente, essas características se aproximam das de Onofre, o personagem queirosiano. Mas, ao conhecer a história de vida dos vários santos no *Flos Sanctorum*, inferimos que Onofre, ao emergir como personagem, mesclou aspetos dos seus outros irmãos santos. Se Onofre foi um ilustre solitário ou um santo, a imaginação e a criação literária atribuíram-lhe a responsabilidade inefável de viver o fantástico nessa narrativa.

A história da vida de S. Frei Gil, constante no *Flos Sanctorum*⁹, foi resumida daquela que se guarda em seu convento de Santarém, narrada pelo mestre Resende. As semelhanças com a lenda queirosiana parecem mais evidentes quando comparamos com o plano da obra, tanto no manuscrito, como nas edições de 1912 e de 1970. Segundo o historiador Jorge Custódio¹⁰, o problema está em conhecer melhor Frei Gil histórico e Frei Gil legendário.

Frei Gil, da Ordem dos Pregadores, é personalidade sobre a qual existem alguns documentos de inegável autenticidade, entretanto não suficientes para permitir rigor e solidez de interpretação. Aspetos mais obscuros da sua vida correm paralelamente à sobrevalorização da sua lenda, acrescida ainda de discursos de diversas origens e diferentes tempos históricos.

A hagiografia e a tradição ligam as suas origens a Vouzela, na região de Coimbra e sede de um concelho moçárabe, que se estendia pela região de Lafões, onde a população cristã falava

⁹ Cf. P.^e Diogo do Rosário, *op. cit.*, pp. 176-195.

¹⁰ Cf. *São Frei Gil de Santarém e a Sua Época*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1997.

árabe. Desconhece-se com rigor a data do seu nascimento, sendo provável o ano de 1190, no reinado de D. Sancho I. Há também outras hipóteses, que não explanaremos no momento. Quanto à sua ascendência, podemos citar duas hipóteses: se for a família Rui Pais de Valadares, ela vem mencionada no Livro Velho de Linhagens; por outro lado, o nome de Rodrigo, reconhecido pelos frades como pai do dominicano de Santarém, aparece no Nobiliário do Conde D. Pedro.

Encontramos em S. Frei Gil de Santarém a personalidade medieval que não só foi médico, como também religioso. A figura do mago e santo tem provocado o interesse de pesquisadores na busca de novos aspetos, tanto do ponto de vista histórico como cultural.

Embora os elementos ficcionais sobrepujem os componentes santos, não podemos deixar de distinguir certas características que o personagem queirosiano absorveu desse santo português, que viveu na Idade Média, quando a medicina era mescla de astrologia, com magia e nigromancia, todos elementos oriundos da magia popular e da feitiçaria. A Igreja Romana alertava para esses perigos, a ponto de ter insinuado a proibição do exercício da medicina.

Surpreendentemente ou talvez não, na mesma região onde a narrativa queirosiana tem início, imagens de um respeitado S. Frei Gil são veneradas em capelas¹¹.

2. AS *LENDAS DE SANTOS* E A HISTÓRIA DOS SEUS TEXTOS

Eça de Queirós manifestara, algumas vezes, a intenção de escrever sobre os santos: ao amigo Jaime Batalha Reis, quando lhe revelou que mergulhara «outra vez, totalmente no fantástico; [...] estou escrevendo a vida diabólica e milagrosa de São Frei Gil»¹²; a

¹¹ Cf. *São Frei Gil de Santarém e a Sua Época*, ed. cit., pp. 35, 41, 53, 86, 93, 106, 134, 136 e 140.

¹² Jaime Batalha Reis, «Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós», in Eça de Queirós, *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)*, edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004, p. 198.

Oliveira Martins, afirmando ter «uma ideia de me limitar a escrever contos para crianças e vidas dos grandes Santos.»¹³

Com efeito, ao consultar a correspondência de Eça de Queirós, pudemos perceber que a hagiologia, do ponto de vista estético, sempre atraiu o autor. A hagiologia teve seu início na tradição oral, ganhando a forma escrita a partir do século IV, sendo constituída pelo estudo dos santos, das suas vidas e das suas lendas e incluindo também a adoração e o culto a eles devidos.

Na visão dos historiadores da Igreja, a origem da devoção aos santos diz respeito ao culto e à morte de mártires que inspiravam louvor e imitação dentre aqueles primeiros convertidos ao Cristianismo. À medida que esse número crescia, o culto a eles também aumentava e, nos primeiros anos de Cristianismo, eles foram sendo santificados.

Tendo em vista o grande aumento desses relatos, foram eliminados do Breviário aqueles relatos de vida de santos tidos como inverídicos. Surge então uma hagiologia crítica, que visa eliminar a parte lendária da vida dos santos, tornando o relato fiel à realidade. O pesquisador hagiográfico moderno deve classificar os textos, estudar os seus estilos, verificar a autenticidade e as condições históricas, de modo a determinar o falso e o verdadeiro.

Os elementos presentes na correspondência de Eça de Queirós revelam o seu envolvimento com leituras hagiográficas e uma disposição de considerar as suas informações, valendo-se delas em obras literárias. É isso que mostra uma carta enviada a Oliveira Martins, em 23 de julho de 1891: «São estas as lições que me dá o *Flos Sanctorum* em que ando mergulhado.»¹⁴

Um outro aspeto que também reteve a nossa atenção, em relação à escrita das lendas, foi uma caderneta de anotações que Eça utilizou em 1869, durante a sua viagem ao Oriente, referindo-se à «presença divina dos lugares de mistério: como a História, a Bíblia, o Evangelho, e a Idade Média» que são exaltados pelo sublime¹⁵. Todos esses elementos, estimulando a mente criativa

¹³ Eça de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., vol. I, p. 331.

¹⁴ Eça de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., vol. II, p. 130.

¹⁵ Eça de Queirós, *Folhas Soltas. Palestina. Alta Síria. Sir Galahad. Os Santos*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1966, p. 49.

do autor, sugerem que «as ideias solitárias, abstratas, aparecem. É ali, quase já, a planície evangélica»¹⁶.

O cenário que é palco das três narrativas — ampla e detalhadamente descrito por Eça — confunde-se com os santos: a vida na Idade Média, as imagens orientais que se embaralharam a reminiscências outras, como leituras e pesquisas sobre a vida daqueles que se empenharam em conquistar a santidade. Entender esse aspeto da santidade na criação queirosiana, nas suas três lendas, foi um grande desafio durante todo este trabalho. Eça mostrava-se enevoado pelo fantástico, parecia determinado a entregar-se à escrita de contos para crianças e de vidas dos grandes santos. E qual o melhor caminho para enevoar-se senão construir personagens que fossem criados a partir de santos, dos seus valores e atingir o fantástico?

Essa atmosfera brumosa que tanto atraiu o escritor transporta-nos, ainda hoje, do nosso mundo real — ausente de diabos ou monstros — para um espaço cujos acontecimentos não são explicáveis pelas leis deste mesmo mundo em que vivemos.

Quando questionamos o conjunto de fenómenos que envolveram a vida dos santos-personagens, encontramos duas hipóteses: houve uma ilusão de sentidos, um produto da imaginação, ou os factos existiram e integraram uma realidade que ainda não conhecemos?

Diante de personagens-santos ou santos-personagens, as visões e outros acontecimentos extraordinários foram interpretados ora como milagres, ora como tentações demoníacas, ou ainda como provação ou castigo que contribuiriam para a purificação, para o alcance do Céu, da vida eterna. Em cada uma das lendas, os acontecimentos inusitados e extraordinários aparecem com frequência. Após o nascimento de Cristóvão, até mesmo a natureza se transformara:

Uma roseira seca havia um ano, e que tinha apenas o tronco mirrado, rebentou em grandes rosas que perfumavam todo o ar. Os melros que ali acudiam, fazendo um canto incessante e festivo, emudeciam quando a enorme criança dormia,

¹⁶ Eça de Queirós, *Folhas Soltas*, ed. cit., p. 26.

com os seus grossos punhos fechados. A mimosa, todas as árvores em redor, vieram estendendo as suas ramarias, como toldos de abrigo, para o lado onde se estendia o mantêu. E um dia a mãe entreabrindo a porta do eido, avistou, espantada, um enorme veado, que por cima da sebe, com os altos paus entre a folhagem, contemplava Cristóvão, com a gravidade dum avô.¹⁷

Por sua vez, Gil, desde o seu nascimento, era visto como um ser predestinado à santidade:

Mas a surpresa maior foi que no canto do pátio lajeado, onde se despejava a água em que D. Gil tomara banho, começaram a crescer por entre as lajes, umas florinhas azuis, brancas, e cor de ouro, que nenhum jardineiro jamais vira, e que perfumavam todo o ar.¹⁸

3. AS LENDAS E O SEU TEMPO

Quanto à época de escrita das lendas, há várias hipóteses e algumas contradições. Embora Ernesto Guerra da Cal diga que «las tres leyendas hagiográficas son de la última década de la vida del escritor, época en que, según confesión propia, andaba ‘mergulhado’ en el ‘Flos Sanctorum’»¹⁹, a gestação da lenda de *S. Cristóvão* pode ter sido iniciada em fins da década de 70.

Em 1879 o escritor já revelara, no manuscrito d’*O Conde de Abranbos*²⁰, a razão da sua opção por S. Cristóvão: era o melhor modelo amável de bondade terrestre. Eça estaria, assim, nessa época, modelando o personagem de amável bondade, criando-lhe um lar, um senhor a quem obedecer, uma multidão a quem servir?

¹⁷ *S. Cristóvão*, *infra*, p. 66

¹⁸ *S. Frei Gil*, *infra*, p. 349

¹⁹ Ernesto Guerra da Cal, *Lengua y estilo de Eça de Queiroz. Apêndice: Bibliografía queiroziana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975, t. I, p. 357, verbete 1263.

²⁰ Eça de Queirós, *O Conde de Abranbos*, in *Obras Completas*, fixação do texto de Helena Cidade Moura, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1986, vol. II, p. 904, citado também por Feliciano Ramos, *op. cit.*, p. 75.

Outros argumentos, como o de Jaime Cortesão²¹, apontam meados de 1897 e o período entre 1894 e 1897 como a época de escrita de *S. Cristóvão*, narrativa esta que parece ser a mais antiga, apresentando-se completa e bem trabalhada estilisticamente, apesar de Guerra da Cal afirmar que as três lendas foram deixadas inconclusas²². Como não encontramos nenhum documento que confirme essa posição e verificando a narrativa do ponto de vista da ação, concluímos que *S. Cristóvão* se apresenta completo.

O mesmo não podemos afirmar sobre *S. Frei Gil* que provavelmente estava sendo escrito em 1891, conforme revelação feita a Jaime Batalha Reis acima citada. Em 1897, a 29 de maio, Eça, com a lenda inacabada, escreve a Silva Pinto que «há dois anos que no capítulo 3.º ou 4.º o moço D. Gil, indo a caminho de Toledo, ficou parado [...] a conversar com o senhor de Astorga, que (aqui entre nós) é o diabo. [...] Outros estudos, outros livros me têm chamado — e até outros santos, que me retêm pela sua santidade mais doce e mais simples.»²³

O santo mais doce e mais simples que se apresenta como personagem de Eça de Queirós é Onofre. Provavelmente escrita em 1893, esta parece ser a última das lendas: «Interrompi S. Frei Gil, para me dedicar a Santo Onofre. Não creio que conheças este ilustre solitário — porque não há bem a certeza de que ele jamais existisse»²⁴, escreve Eça a Oliveira Martins, a 17 de abril de 1893.

As cartas enviadas a Silva Pinto e a Oliveira Martins não deixam de ser uma confirmação da incompletude de *S. Frei Gil*, embora defendamos a posição de que o relato poderia ser considerado concluído, do ponto de vista da estruturação narrativa.

Tendo em vista essas divergências quanto à época de escrita das três lendas — *S. Cristóvão* em 1879, 1894 ou 1897; *S. Frei Gil* em 1891 e *S. Onofre* em 1893 ou 1897 — acreditamos que elas foram escritas, talvez simultaneamente, ou entre 1879 e 1897, ou durante os últimos 10 anos de vida do autor, segundo Guerra da Cal já aqui citado.

²¹ Jaime Cortesão, *Eça de Queirós e a Questão Social*, ed. cit., p. 119.

²² Ernesto Guerra da Cal, *op. cit.*, t. I, p. 357.

²³ Eça de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., vol. II, p. 346.

²⁴ Eça de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., vol. II, p. 224.

Tentamos entender os motivos que levaram Eça de Queirós a abandonar seus temas sempre críticos e a dedicar-se a escrever sobre estes três santos, Cristóvão, Onofre e Gil. Seriam eles, naquela época da escrita, grandes santos? Ou santos apócrifos, que permitiriam a liberdade de que o escritor necessitava para criar os seus personagens?

Talvez não possamos afirmar que Eça abandonou o seu estilo irônico, mas que transformou e modalizou a linguagem no seu processo de escrita. A ironia antes evidente, em outras obras — *O Crime do Padre Amaro* e *O Primo Basílio*, por exemplo — da época do realismo, passou a uma ironia velada, subtil, quase alegórica, mas persistente na sua essência crítica. Ao eleger os santos como personagens, o autor atribuiu-lhes outros papéis, outros objetivos que seriam perseguidos durante o caminhar pela vida. S.^{to} Onofre e S. Frei Gil não têm aspirações de apenas desejarem o reino dos céus e lá viverem eternamente ao lado do Senhor. Estes santos queirosianos são santos que, ao representarem os seus papéis, têm outro propósito: o de retomar os anseios humanos, desejando, sim, a santidade, porém como instrumento do orgulho e de poder:

Então uma alegria sobre-humana transbordou, no coração de Onofre! Era dele, era dele, e permanente, o Dom do Milagre!²⁵

Consideramos que Eça de Queirós não planeava, em S.^{to} *Onofre* e em S. *Frei Gil*, celebrar santos ou os seus feitos milagrosos. A sua preocupação e o seu compromisso estiveram sempre relacionados com a criação literária, o que lhe permitiria provocar a curiosidade dos leitores e, assim, transmitir sua mensagem. Ao criar personagens-santos poderia, através deles, explorar valores simbólicos e subjetivos, envolvendo conflitos entre razão e fé, como o percurso de vida daqueles que dedicaram toda uma existência — ou parte dela — resistindo a tentações satânicas, fazendo sacrifícios que apagariam todos os pecados e, com o reconhecimento divino, conquistariam o reino celeste.

²⁵ S.^{to} *Onofre*, *infra*, p. 298

Constantemente atento e ligado aos movimentos literários da época, Eça de Queirós já pressentia e antevia uma atmosfera diferente que estava a indicar novas tendências abrindo-se para o universo das artes. Por isso, em 1893, escreveu que «o romance experimental, de observação positiva, todo estabelecido sobre documentos, findou»; e mais adiante, no mesmo texto: «O homem contemporâneo está evidentemente sentindo uma saudade dos tempos gloriosos em que ele era a criatura nobre feita por Deus.» Por fim: «Este renascimento espiritual, este nevoeiro místico que em França e Inglaterra está lentamente envolvendo a literatura e a arte, eu penso que ele será benéfico — benéfico como todos os nevoeiros, repassados de fecundo orvalho e donde as flores emergem com mais viço, mais cor, mais graça e mais doçura de aroma.»²⁶

Observamos que, em textos anteriores às *Lendas de Santos*, Eça começava a mostrar esses aspetos novos que estavam a despertar na arte literária: «Do seu simples nome [Onofre] (não da sua Vida que a não tem, nos Hagiológos) consegui extrair umas cem páginas, uma pequena *plaque*, para ir acostumando o Público a este *neoflós-santorismo*.»²⁷ No artigo «Um santo moderno», publicado em 29 de fevereiro de 1892 pela *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro, Eça já deixava transparecer a sua nova tendência, ao prestar homenagem ao primaz Manning, arcebispo de Westminster, que falecera pouco tempo antes. Nesse artigo, Eça faz referência a vários santos: S.^{to} Antão, São Francisco, San Juan de Dios, São Pacómio, São Bruno e Santo Agostinho, demonstrando, assim, a sua familiaridade com santos do hagiológo: aqueles seres humanos que, depois de fazerem penitência, conhecem enfim o Senhor. Mas nesse artigo são atribuídos outros valores ao primaz Manning: era um santo do século xx, porém tinha alma idêntica à de S.^{to} Antão que vivera no deserto. A santidade do primaz Manning

²⁶ Eça de Queirós, «Positivismo e Idealismo», in *Textos de Imprensa IV* (da «Gazeta de Notícias»), edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, pp. 349, 353 e 357. No mesmo sentido (e no mesmo ano), Eça falou numa «derradeira emanção do romantismo, que está hoje levando os artistas e os poetas a tomarem por temas preferidos as lendas cristãs e as vidas dos santos» («O *bock* ideal», *loc. cit.*, p. 405).

²⁷ Eça de Queirós, *Correspondência*, ed. cit., vol. II, pp. 224-225. Carta a Oliveira Martins, acima citada.

deveria ser interpretada como uma santidade que tomou a forma social, única que poderia ser compreendida nos nossos tempos²⁸. Tudo leva a crer que, nessa época, Eça estivesse comprometido com a reelaboração de *S. Cristóvão* e talvez com a escrita ou planeamento de *S.^{to} Onofre* e *S. Frei Gil*.

O conto *Engelberto* também «parece tratar-se del fragmento inicial de una narración de mayor extensión, nunca terminada [...]». El tema neomedievalista, y el ambiente de reconstrucción histórica apoyan la validez de esa hipótesis, que ligaría este relato a las ‘Lendas de Santos’ y a *ICR*»²⁹.

No conto *Frei Genebro* temos personagens-santos e quase-santos. Frei Genebro e Egídio eram eremitas que habitavam as montanhas da Úmbria, na Itália. Genebro, discípulo de São Francisco de Assis, era louvado pela sua santidade por toda a Itália. Mas, ao visitar seu amigo, o também ermitão Egídio que estava prestes a morrer, Genebro decidiu satisfazer a sua última vontade gastronómica: mutilou um porquinho, arrancou-lhe a perna que serviu de alimento — talvez o último — a Egídio. Por este pecado cometido na terra, Genebro teve de fazer estágio no Purgatório, quando deixou o mundo dos vivos.

Encontramos outras alusões ao tema das lendas, quando voltamos o nosso olhar para a obra queirosiana:

Durante as insónias do marido não dormia também, sentada ao pé da cama, conversando, lendo-lhe as *Vidas* dos santos, porque o pobre entrevado ia caindo em devoção³⁰.

E, aos lados, simpáticos santos sob redomas de vidro, lembravam legendas mais doces de religião amável: o bom gigante S. Cristóvão atravessando o rio com o divino pequerucho que sorri, e faz saltar o mundo sobre a sua mãozinha como uma pela [...]; o bom porteiro S. Pedro, tendo na sua

²⁸ Cf. Eça de Queirós, «Um santo moderno», in *Textos de Imprensa IV* (da «*Gazeta de Notícias*»), ed. cit., pp. 243-247.

²⁹ Ernesto Guerra da Cal, *op. cit.*, t. 1, pp. 405-406, verbete 1392.

³⁰ Eça de Queirós, «No moinho», in *Contos I*, edição de Marie-Hélène Piwnik, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009, p. 209.

mão de barro as duas santas chaves que servem nas fechaduras do Céu! Nas paredes, em litografias de coloridos cruéis, o patriarca S. José apoiava-se ao seu cajado [...]; o cavalo empinado do bravo S. Jorge pisava o ventre dum dragão surpreendido; e o bom Santo António, à beira dum regato, sorria, falando a um tubarão.³¹

4. DOCUMENTOS PRÉ-REDACIONAIS E MANUSCRITOS AUTÓGRAFOS

Para a preparação da presente edição, tivemos contacto com o espólio de Eça de Queirós, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, e complementarmente com fragmentos de *S.^{to} Onofre*: aqueles que se encontram no Círculo Eça de Queiroz e no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Embora tenhamos consultado todo o espólio do autor, a nossa atenção esteve voltada para as caixas n.ºs 4 e 8, cotas 267 e 289³², onde estão os originais do plano de *S. Frei Gil*, e da narrativa da lenda de *S.^{to} Onofre*, respetivamente. Mas não pudemos contar com os autógrafos da lenda de *S. Cristóvão* que, segundo Guerra da Cal, desapareceram³³.

Os documentos autógrafos relativos a *S. Cristóvão* correspondem somente à fase pré-redacional da narrativa, material este composto por planos e cenários, já editados em 1966, por Maria d'Eça de Queiroz em *Folhas Soltas*³⁴. A edição de 1970 das *Lendas de Santos*, sob responsabilidade de Helena Cidade Moura³⁵, também apresenta esses documentos, acompanhados das mesmas variantes da edição de 1966, de Maria d'Eça de Queiroz, sem incluir, entretanto, os desenhos dos dois cenários espaciais.

³¹ Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000, pp. 303 e 305.

³² Numeração atribuída pelo *Inventário Preliminar dos Manuscritos de Eça de Queirós*, Lisboa, Biblioteca Nacional — Serviço de Espólios, 1981.

³³ Ernesto Guerra da Cal, *op. cit.*, t. 1, p. 358.

³⁴ Eça de Queirós, *Folhas Soltas*, ed. cit., pp. 169-173.

³⁵ Eça de Queirós, *Lendas de Santos*, fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura, Lisboa, Livros do Brasil, [1970].

Em *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós*³⁶, Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro apresentam não só a descrição desse material de trabalho, como um quadro contendo informações sobre o editor, a data da primeira edição e a descrição de manuscritos inéditos. No apêndice documental dessa obra há transcrições diplomáticas de alguns dos manuscritos, além de reproduções de outros. Entre eles estão as dos seguintes manuscritos: «Crenças», «Aldeias», «Castelos, Pestes e Fome», «Cidades», «Vestuário», «Festas e Procissões», «Costumes», «Feiras», «As Companhias», «Listas de Palavras» e «Palavras por Ordem Alfabética».

António Braz de Oliveira, da Biblioteca Nacional de Portugal, realizou uma minuciosa pesquisa sobre esse material de trabalho e, após criteriosa análise, denominou-o de dossiê preparatório de *S. Cristóvão*, que assim se constitui:

- Um primeiro plano (plano inicial);
- Um segundo plano;
- Dois cenários espaciais (desenhos);
- Três cenários tópicos;
- Um cenário argumentativo;
- Dez registos de leitura (contendo 236 notas);
- Duas listagens vocabulares (pequenos esboços de cenários).

O resultado dessa pesquisa foi apresentado em 1995, durante o III Encontro Internacional de Queirosianos, e editado em 1997³⁷, acrescido das Listas de Palavras e Notas de Leitura. O autor informa que algumas das notas incluídas nos registos de leitura foram divulgadas por Beatriz Berrini em 1985³⁸ e por Reis e Milheiro, em 1989. Braz de Oliveira, além de transcrever cada um desses materiais, deteve-se a analisar em que continuidade teriam sido definidos e redigidos os planos, cenários e registos de leitura na narrativa de *S. Cristóvão*.

³⁶ Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, *A Construção da Narrativa Queirosiana: O Espólio de Eça de Queirós*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, pp. 287-381.

³⁷ António Braz de Oliveira, «São Cristóvão, sonho e sentido da Geração de Setenta. Notas para uma releitura da hagiografia queirosiana», in *loc. cit.*, pp. 83-112.

³⁸ Beatriz Berrini, *Eça e Pessoa*, Lisboa, A Regra do Jogo Edições, 1984.

Ao confrontarmos as edições de Luís de Magalhães e Helena Cidade Moura com as notas de leitura preparadas por Braz de Oliveira, ficou evidente um aproveitamento de 30 % a 40 % dessas notas na construção da narrativa de *S. Cristóvão*, o que as institui, sem dúvida, como integrantes da génese da lenda. Algumas notas, porém, migraram para a composição de outros textos.

O quadro a seguir mostra o aproveitamento na elaboração textual da lenda, a partir da leitura de Braz de Oliveira³⁹.

Exemplo 1: capítulo XIII⁴⁰

[Correspondência vocabular.]

Por vezes, porém, o menino queria que Cristóvão viesse assistir ao seu jantar: — e então dous pajens abriam mais largos os grandes repositores de tapeçaria para que Cristóvão penetrasse na vasta sala, onde o **teto** era **pintado de azul**, e salpicado de flores que brilhavam como recortadas em **ouro**. Imóvel a um canto, ele contemplava o menino, que se sentava ao lado da avó, numa **cadeira de alto espaldar** como a dela. Por trás, o seu aio tomava os pratos da mão do escudeiro. Sobre a mesa, coberta de linho fino, retiniam os copos de prata. Os bufetes vergavam ao peso das baixelas. Uma grande fogueira bailava na **chaminé**, onde estava representado **o cerco de Antioquia**: — e sobre os **poleiros**, de ferro polido, **os falcões** afiavam o bico.

As traves do **teto pintadas de /**
/ ouro e azul 240-17 [78]

A **cadeira** do senhor **mais elevada** / e com docel 240-18 [82]

No manteo da **chamine** esculpido / **o cerco d'Antioche** 240-14 [67] **Poleiro** para os **falcões**. 240-17 [80]

³⁹ Cf. António Braz de Oliveira, «São Cristóvão, sonho e sentido da Geração de Setenta. Notas para uma releitura da hagiografia queirosiana», in *loc. cit.*, pp. 103-104, 110 e 105.

⁴⁰ *S. Cristóvão, infra*, p. 159

Exemplo 2: capítulo 1⁴¹

[Substituição de vocábulo estrangeiro e utilização de termos em diferentes combinações.]

Um dia, numa floresta, ao entardecer, quando por sob as frondes ressoavam as buzinas dos porqueiros, e lentamente na copa alta dos carvalhos se calavam as gralhas, **um lenhador, um servo, de surrão de estamenha**, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a **machada ao cinto** de couro, e, com a sua égua carregada de lenha, recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castelo do seu Senhor.

O **paysant** veste-se de saião /
/ apertado por **um cinto**,
(donde pen / dia a **faca ou a machada**) e / bragas de couro.
Por cima uma / **capa curta de estamenha** 243-46 [194]

Exemplo 3: capítulo XIII⁴²

[Correspondência semântica, mas não vocabular.]

O frade erguia as pálpebras dormientes; a dama ficava com a longa agulha suspensa sobre a tapeçaria; e todos, olhando Cristóvão, sentiam mais real e viva a longa história de fadas e cavaleiros. Depois os escudeiros serviam bolos secos, e as grandes canecas de **hipocraz**.

Vinhos perfumados d'anís / e de coriandro 240-23 [106]

Quanto aos autógrafos das lendas de *S.^{to} Onofre* e *S. Frei Gil*, a nossa percepção global foi quase uma apreensão pictórica, pois o que tínhamos em mãos não era uma cópia acabada, aquela que

⁴¹ *S. Cristóvão, infra*, p. 47

⁴² *S. Cristóvão, infra*, p. 160

se entrega ao impressor, mas um espaço gráfico aberto para diferentes leituras e interpretações⁴³.

Quando iniciámos o trabalho com os autógrafos, já prevíamos encontrar uma realidade de leitura diferente daquela que um texto aceite como concluído oferece. No presente caso, essa realidade apresentou-se mais complexa, pois os autógrafos de S.^{to} Onofre e de S. Frei Gil foram deixados inéditos e publicados postumamente, 12 anos após a morte de seu autor, por Luís de Magalhães, em *Últimas Páginas*⁴⁴. Neles encontrámos indícios da presença de mão desconhecida, incluindo inserções na escrita do autor. A leitura e a análise desses documentos permitiram que percorrêssemos o caminho que leva ao passado do texto, penetrássemos em bastidores habitados pelos manuscritos autógrafos, pelas listas de palavras, cenários e desenhos que remetem à história do texto.

O nosso olhar sobre o autógrafo de S.^{to} Onofre recaiu sobre a organização da página. Eça escreveu a tinta preta, correndo a página de maneira uniforme, deixando grandes margens à esquerda, enquanto o espaço à direita foi aproveitado ao máximo, chegando mesmo a inclinar descendentemente uma sílaba para que a palavra coubesse totalmente naquele espaço.

Mas, se a margem esquerda foi deixada generosamente ampla, esse espaço não permaneceu vazio. Ele foi utilizado para acrescentos, supressões, transposições e substituições que Eça foi inserindo — às vezes de parágrafos inteiros —, no decorrer do processo de escrita ou após o seu término. Esses fólios estavam separados em duas partes por uma folha de papel branco, que continha os dizeres:

Não foram aproveitadas.

Mas em 66 D. Maria apresentou-as em *Folhas Soltas*.

S.^{to} Onofre — *O Solitário*

⁴³ Ao verificar o espólio, pudemos atestar a diversidade dos materiais de trabalho e o incansável labor de Eça durante a génese das suas narrativas, muitas vezes desenvolvidas a partir de pesquisas, como verificámos ao consultar, por exemplo, as cotas n.ºs 238 a 253, 278, 279, 284 e 288.

⁴⁴ Eça de Queirós, *Últimas Páginas (Manuscritos Inéditos)*. S. Cristóvão — S.^{to} Onofre — S. Frei Gil — *Artigos Diversos*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores, 1912.

Numeração: [1], 2, 3, 4, 3-A, 5, 6, 7, 8 (Ms.), 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 (Ms.), 28, 29, 30, 31, 32 e 33.

[Conforme publicação em *Folhas Solitas*, Porto, Lello & Irmão, 1966, pp. 183-202]⁴⁵

A partir da observação acima, percebemos que, no caso de *S.^{to} Onofre*, há dois conjuntos de manuscritos que denominamos — como metodologia de trabalho — de conjunto A e de conjunto B. O conjunto A é constituído pelos fólhos 1 a 33 e é relativo à publicação de *Folhas Solitas*, por Maria d'Eça de Queiroz, em 1966, conforme mencionado acima. O conjunto B — fólhos 10 a 184 — é relativo à publicação de *S.^{to} Onofre* em *Últimas Páginas*, por Luís de Magalhães, em 1912. Em 1970, Helena Cidade Moura publicou *Lendas de Santos* que inicia com os fólhos do conjunto A e que, no final destes, continua com os fólhos do conjunto B, totalmente aproveitados. Foi essa a opção seguida na presente edição.

Embora façamos referência à numeração de fólhos, devemos esclarecer que ela não é do autor, é numeração feita a lápis, por mão desconhecida; além disso, em vários fólhos, é evidente a marca de apagamento, isto é, um número é apagado e outro é inserido no mesmo espaço. Essa ocorrência também se verifica em relação às rasuras. Há, inclusive, fólhos totalmente escritos por mão alheia (provavelmente de Maria d'Eça de Queiroz), em tinta azul e papel mais recente, sem a marca amarelada do tempo: fólhos 8, 184A e 184B. Este procedimento comprova a inserção de mão alheia, não só na numeração de fólhos, mas também na própria escrita de Eça de Queirós. As palavras corrigidas ou inseridas por mão alheia foram aceites quando a «rasura-correção» justificou esse ato, ora para dar sentido ao texto, ora para reforçar a grafia de palavras ilegíveis, uma vez que não pudemos avaliar se tal correção aconteceu ou não na presença do autor.

Quando colocámos lado a lado os originais e as duas edições que utilizámos (a de Luís de Magalhães e a de Helena Cidade

⁴⁵ A primeira frase está escrita a azul, por Maria d'Eça de Queiroz. O restante, com a numeração na vertical, foi acrescentado a lápis, por outra mão. Ver *supra*, p. 7.

Moura) para realizar o cotejo manuscrito/edições, deparámos com a ausência de alguns fólios, tanto em *S.^{to} Onofre* como em *S. Frei Gil*. Não pudemos comprovar se eles desapareceram ou se realmente nunca existiram — por eventuais falhas no processo de escrita —, mas o facto é que ambas as edições mencionadas, respetivamente a de 1912 e a de 1970, diferentemente dos originais, mostram um texto sem lacunas. Ao elaborar o texto crítico procurámos preencher essas lacunas — por manuscrito insuficiente ou ilegível —, trazendo elementos da edição de 1912, embora algumas vezes tenhamos utilizado ambas as edições, ou seja, também a de 1970; isso mesmo está registado em notas de editor. Demos preferência à edição de 1912 por ter sido ela a primeira após a morte de Eça e também por ser mais fiel aos originais quanto à pontuação e divisão em parágrafos.

Não poderíamos deixar de mencionar um facto que veio a colaborar com o nosso trabalho: o aparecimento do manuscrito autógrafo da lenda de *S. Frei Gil*. Quando estagiámos na Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1999, o único fólio existente desse conjunto, que hoje reúne 190 fólios, resumia-se ao plano da obra, um esboço incompleto, todavia sem rasuras; e assim, estávamos a elaborar o texto crítico com apoio daquele plano e das edições de 1912 e 1970. Com grande surpresa e satisfação recebemos a boa notícia: um médico do Porto, o Dr. João Paulo Menéres Campos, possuía os autógrafos da lenda de *S. Frei Gil* e a Biblioteca Nacional ficou com a guarda temporária desse importante documento. Ele foi adotado, permitindo que elaborássemos um texto crítico que segue o manuscrito que Eça de Queirós deixou inédito.

O nosso olhar para esses papéis teve como objetivo primeiro a análise comparativa com as duas edições que já estavam na base do nosso trabalho. Pudemos acompanhar e decidir, diante do manuscrito autógrafo, em que momento poderíamos discordar das edições, pois tínhamos a opção viva do autor que, muitas vezes, ao romper com algumas normas de pontuação, estava a criar um novo ritmo para a narrativa literária e, simultaneamente, a enriquecer o seu já rico idioma.

Não pudemos deixar de comparar o aspeto visual de ambos os manuscritos originais: *S.^{to} Onofre* e *S. Frei Gil*. Enquanto o primeiro se mostrou com lacunas, provocando rutura textual, com rasuras e

hesitações que se evidenciam nas correções marginais e naquelas localizadas nas entrelinhas, o manuscrito de *S. Frei Gil* é quase livre de correções. Se há rasuras como apagamento, substituição ou acrescento, elas aparecem na sequência linear, praticadas durante o processo de escrita, isto é, pelo autor. E contudo, tal como o manuscrito de *S.^{to} Onofre*, *S. Frei Gil* também revela a presença de mão desconhecida, tanto na numeração dos fólios como em rasuras.

Embora a organização da página de ambos seja a mesma, com amplas margens à esquerda, o original de *S. Frei Gil* não apresenta textos marginais em nenhum dos fólios. Durante a escrita de *S. Frei Gil* ocorreu, entretanto, uma oscilação quanto ao nome dos personagens Rui e Tareja, os pais de Gil. Até ao fólio 18 os personagens chamavam-se Soeiro e Teresa. Nesse fólio, o próprio autor substitui Soeiro por Rui e Teresa passa a Tareja, mas no decorrer da escrita ainda encontramos alguns fólios evidenciando essa oscilação. Uma outra divergência semelhante a esta ocorre com o escudeiro Pêro Casco, que oscila com Pêro Malho. A opção desta edição crítica pelo primeiro nome está explicada em nota de editor ao texto.

Para além disso, encontramos, no plano da obra em apêndice da presente edição, outro nome para o personagem Rui: Rodrigo. Na verdade, Rodrigo é reconhecido como pai do dominicano de Santarém, que aparece no Nobiliário do Conde D. Pedro, conforme consta no catálogo já citado *São Frei Gil de Santarém e a Sua Época*.

5. A EDIÇÃO CRÍTICA DAS *LENDAS DE SANTOS*

A edição crítica, tendo como objetivo a edição de um texto, deve partir da tradição direta, que compreende a edição definitiva, isto é, aquela revista pelo autor e que, portanto, condiz com seus desejos. Outros documentos como manuscritos e edições integram o dossiê que permitirá o estudo e a análise da obra. Os elementos da tradição indireta, como cartas, listas de palavras, mapas, citações, etc., são coadjuvantes para o entendimento do texto e ampliação do horizonte da obra, principalmente quanto à percepção das suas variantes.

No caso da presente edição, que tem como objeto uma obra literária publicada postumamente, não podemos contar com uma

edição definitiva, nem com originais revistos pelo autor. Valemo-nos, assim, dos materiais existentes, tanto da tradição direta — no caso, os originais manuscritos e planos da obra —, como da tradição indireta: cartas e obras referentes a Eça de Queirós.

Utilizámos os documentos pré-redacionais e a edição de 1912 como texto-base para elaborar o texto crítico de *S. Cristóvão*. Quanto às variantes, elas partiram do confronto da edição de 1912 com a de 1970, dada a relevância editorial que a esta é reconhecida, no caso deste título queirosiano. Essa lenda apresenta divergências quanto à divisão em capítulos. Enquanto a edição de 1912 possui 18, a de 1970 possui 17 porque reuniu os capítulos 13 e 14. Conservamos, no nosso texto crítico, a divisão em 18 capítulos, por não haver razão, em nosso entender, para aquela junção.

Adotámos os manuscritos autógrafos como textos-base para elaborar os textos críticos de *S.^{to} Onofre* e de *S. Frei Gil*. Foram respeitadas, em casos especiais, algumas das intervenções na escrita do autor, realizadas por mão desconhecida. As variantes foram constituídas a partir da comparação do manuscrito original com as edições de 1912 e de 1970.

No caso de *S.^{to} Onofre*, seguimos a edição de 1970 quanto ao sectionamento em três capítulos: os dois últimos estão numerados no manuscrito; no primeiro, as duas secções que o integram podem ser lidas como momentos autónomos do capítulo. A edição de 1912 apresenta a narrativa em 10 capítulos; o texto é coerente, porém exclui uma versão do manuscrito, que seria relativa ao 1.º capítulo. Provavelmente o editor não terá conseguido encontrar unidade textual, que realmente não existe, ao aproximar ambas as versões ou, até mesmo, talvez não tivesse em mãos essa versão do manuscrito.

Ao elaborar o texto crítico de *S.^{to} Onofre*, deparámos com repetições, confirmando-se que «Eça não destruíra, recomeçava. Assim temos duas, três vezes a mesma ideia, o mesmo trecho apresentado de forma diversa»⁴⁶. Essas versões consideradas abandonadas encontram-se em apêndice.

Na edição de 1912, *S. Frei Gil* apresenta-se com plano da obra e mais oito capítulos. Na edição de 1970 encontra-se

⁴⁶ Maria d'Eça de Queiroz, *op. cit.*, p. 180.

o mesmo plano da obra e o texto todo desenvolve-se sem a marcação de capítulos. No manuscrito autógrafo, encontramos o texto seccionado em função de espaçamentos que poderiam vir a corresponder a divisões capitulares; esses espaçamentos, mantidos na transcrição que suporta a presente edição, encontram-se nos fólios 27, 40, 100, 142, 151-2 e 190. Uma segunda versão do plano da obra corresponde ao Ms. BN E1/267. Ambas encontram-se em apêndices desta edição crítica.

6. CRITÉRIOS DESTA EDIÇÃO

O texto desta edição crítica foi numerado de cinco em cinco linhas, reiniciando-se essa numeração a cada novo capítulo. No aparato crítico, colocado no rodapé da página, encontram-se as variantes textuais, bem como as notas de editor, em itálico, quando estas são necessárias. Sabendo-se embora que cada texto apresenta as suas peculiaridades, adotámos os seguintes procedimentos, de acordo com as normas da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós:

1. O aparato crítico identifica cada variante pelo número de linha correspondente ou, quando for o caso, pelos números da linha inicial e final economizando, assim, os algarismos da dezena ou da centena (ex.: 657-9).

2. O registo de cada variante inicia-se pelo elemento textual (frase ou vocábulo) do texto-base, objeto de alteração, separado da variante por um colchete (]) e seguido pelo elemento textual que foi alterado, acompanhado do ano da edição entre colchetes ([]). Esse registo começa pelo vocábulo imediatamente anterior ao início da variante e termina com o último elemento textual alterado.

3. O sinal de pontuação, quando vem logo a seguir ao último elemento textual alterado, foi conservado.

4. As variantes encontradas na mesma linha são separadas por uma barra oblíqua; se entre elas encontramos somente dois vocábulos elas são reduzidas a uma única variante.

5. Quando a alteração coincide com o início do parágrafo, registam-se somente os elementos alterados, incluindo o travessão, quando presente.

6. As abreviaturas dos hagiónimos seguem a opção das edições de 1912 e 1970, no caso de nomes começados por consoante (S. Cristóvão e S. Frei Gil). Nos nomes iniciados por vogal e verificando-se oscilação em manuscritos autógrafos (p. ex., Santo Antão/S.^{to} Antão), adota-se, em coerência com aquela opção, a forma abreviada (S.^{to}).

7. Quanto às maiúsculas, são respeitadas as opções do autor (ou assim conjecturadas), quando entendidas como estilisticamente relevantes. Nos casos de oscilação do mesmo termo, ora com maiúscula, ora com minúscula, ele é regularizado pelo comportamento textual dominante, eventualmente com confirmação da norma ortográfica (p. ex., «Terra» na aceção astronómica, diferentemente de «terra», em sentido comum).

8. Em vocábulos usados em sentido reverencial, toponímico ou religioso — p. ex., «Senhor» (referido a Deus ou ao Senhor feudal) ou «Céu» —, opta-se pela maiúscula⁴⁷. O mesmo acontece com os pronomes pessoais «Ele» e «Lhe», referentes a Deus.

9. São respeitadas as formas vocabulares sincréticas — p. ex., loura/loira — e oscilações consentidas pelo contexto, ainda hoje vigentes. Do mesmo modo, são respeitadas grafias arcaizantes, mas registadas no Vocabulário Ortográfico do Português como estando ainda em uso, particularmente por terem incidência fonética (p. ex., «quási», «dous»). São modernizadas grafias caídas em desuso, como «idea» ou «area».

10. Os encontros intervocabulares constituídos pela preposição «de» e seguidos de artigo indefinido, pronomes demonstrativo ou pessoal, bem como substantivos grafados com apóstrofe, foram apresentados quer na forma contraída, quer anulando-se a elisão, de acordo com a norma atual: d'uma/duma; d'aquele/daquele; d'Onofre/de Onofre.

⁴⁷ Por exemplo: «E Onofre deixou cair o corpo, como esmagado sob tanta cólera do Céu. Imediatamente, todas as formas medonhas, os dorsos, os focinhos, as asas frementes, se abateram [...]. E só houve um silêncio sob o grande céu estrelado». De modo semelhante os vocábulos deserto/Deserto ou solitário/Solitário: «Envolveu num longo olhar, o deserto, a horta, nunca acabada, que cultivara, as palmeiras benéficas que o tinham alimentado: o arbusto, que flor a flor lhe marcara os anos de penitência; o regato, que fora a frescura do seu Deserto»; «Mas ele! mais solitário que todos os Solitários, habitava os confins do mundo.»

11. A grafia de pronomes átonos, relativos a objeto direto e em posição enclítica ao verbo, segue a norma atual: modernizal-o/modernizá-lo.

12. No caso dos textos críticos de *S.^{to} Onofre* e *S. Frei Gil*, procurámos manter, tanto quanto possível, a pontuação usada por Eça nos seus originais, uma vez que este componente, às vezes fora da norma atual, faz parte de seu estilo literário⁴⁸.

13. As conjecturas de vocábulos ou pontuação claramente em falta ou inadequados no manuscrito são assinaladas a negrito; quando se entende necessário, a forma do manuscrito é transcrita em nota.

⁴⁸ Segundo Ernesto Guerra da Cal (cf. *Língua e Estilo de Eça de Queiroz. Elementos Básicos*, 4.^a ed., versão portuguesa definitiva de Elsie Allen da Cal, Coimbra, Livraria Almedina, 1981, pp. 267-278), o comportamento estilístico queirosiano buscava eliminar os ritmos tradicionais, fazendo mudar a finalidade e, até mesmo, o conceito de pontuação. A sua interpretação quanto à pontuação extravagante, que interfere na ordenação sintática, é de um autor que procura dar à língua um novo sistema de ritmos breves e interrompidos, baseados em movimentos emocionais da comunicação oral; para Eça, a pontuação tem como missão principal marcar as pausas respiratórias, separar massas fónicas e acentuar entonações; assim, para assinalar e ressaltar a arquitetura rítmica essencial, Eça recorre a toda classe de expedientes de natureza ortográfica: a vírgula é substituída pelo travessão, pelos dois pontos ou pela combinação de ambos, aspeto este a que Ramalho Ortigão chamou de estilo visual-ortográfico, em Eça de Queirós.

TEXTO CRÍTICO

S. CRISTÓVÃO

Um dia, numa floresta, ao entardecer, quando por sob as frondes ressoavam as buzinas dos porquinhos, e lentamente na copa alta dos carvalhos se calavam as gralhas, um lenhador, um servo, de surrão de estamena, que rijamente trabalhara no souto desde o cantar da calhandra, prendeu a machada ao cinto de couro, e, com a sua égua carregada de lenha, recolheu, pelos caminhos da aldeia, ao castelo do seu Senhor.

Diante de cada cruz pregada nos troncos da mata, tirava o seu barrete de pele de coelho, rezava uma Ave-Maria. Ao passar na lagoa, mais reluzente, sob a amarelidão da tarde entre os seus altos canaviais, que uma moeda de ouro nova, deixou um molho de carqueja e de achas para o ermita, que ali erguera a sua choça de rama. E adiante, num pinheiral, apesar de já luzir no alto a estrelinha da tarde, e o bom trabalhador ter fome, parou até encher o saco duma velhinha que, tremendo, e arrimada a um bordão, apanhava agulhas e pinhas. A velha murmurou: «Deus te dê alegria em tua casa!»

Longamente ainda, ora por caminhos claros que soavam como lajes, ora sob a ramaria alta, por veredas fofas de musgo, tilintavam no silêncio e na penumbra os guizos da égua. E a noite cerrava-se,

8: Senhor] senhor [1970]

10: Ave-Maria.] ave-maria [1970]

13: ermita,] eremita [1970]

16: duma] de uma [1970]

17: murmurou:] murmurou: — [1970]

quando para além duma ponte de tabuado que tremia sobre uma
torrente, seca por aquele lento agosto, o povoado apareceu entre o
arvoredo do vale, com a capela branca e toda nova que o Senhor
25 do Castelo andava erguendo a S. Cosme.

O lenhador, com a sua égua, meteu por uma longa alameda
de faias, atrás dum carro que chiava lentamente, carregado de
mato. A estacada, que outrora cercava a aldeia, apodrecera sob
os sóis, sob as chuvas, ao abandono, durante os longos e fartos
30 anos de paz: e as cabanas repousavam entre os pomares, em
segurança e fartura. Dos tetos, bem cobertos de colmo, seguros
por lascas de lousa, subia o fumo lento e cheiroso das pinhas e
das agulhas ardendo com abundância nas lareiras. Em todas as
cortes grunhiam porcos. Pelas quelhas mais escuras, as raparigas
35 passavam para os serões, sem temor, com a sua roca à cintura.
Por trás dos muros de adobe, morria o murmúrio dormiente dos
Terços e das Coroas rezadas em coro, nas contas. Raramente um
rafeiro latia por trás da cancela ou das sebes. No adro, o forno
senhorial ainda ardia, tanta era a fartura do pão a cozer. E junto
40 da fonte toldada pelas ramagens dum ulmeiro, no banco de
pedra onde aos domingos os velhos vinham julgar os pleitos de
gado ou de águas, os dous Archeiros do Castelo, que todas
as noites rondavam a aldeia, dormiam sem cuidados como frades,
com os seus arcos caídos no chão.

45 Lentamente, ao rumor lento dos guizos, o bom lenhador
e a sua égua passaram, ao fim do povoado, a alta taberna do
Galo Preto, que estendia através da estrada a sua comprida vara
enfeitada de louro. Dous romeiros, com vieiras na murça de burel,
bebiam à porta por grossos pichéis de estanho. Dentro um pobre
50 menestrel, de longa guedelha caída sobre o gibão em farrapos,
tangia a sua viola de três cordas: e um frade mendicante com a

22: duma] de uma [1970]

24-5: Senhor do Castelo] senhor do castelo [1970]

27: dum] de um [1970]

37: Terços e das Coroas] terços e das coroas [1970]

40: dum] de um [1970]

42: dous [*Grafia adotada em 1970*: dois]

42: Archeiros do Castelo] archeiros do castelo [1970]

47: *Galo Preto*,] Galo Preto, [1970]

sacola sobre os joelhos, um caldeireiro com os tachos de latão e a ferramenta pousada ao lado no chão de terra negra, jogavam os dados sobre um banco, na penumbra das grossas pipas, que
 55 tinham todas uma cruz branca para que os maus Espíritos não azedassem o vinho.

O bom lenhador apressava a sua égua: e bem depressa, do alto dum cerro coberto de azinheiras, avistou em baixo o rio, o largo rio escuro que corria, mudamente, sob os quatro arcos
 60 duma velha ponte romana, que tinha ao meio uma capelinha nova, onde palidamente, na névoa húmida, bruxuleava uma lâmpada. Para além, na outra margem, era uma longa colina suave, onde se erguia, acompanhado de arvoredos e cercado de muralhas como uma cidadela, um mosteiro rico de Domínicos.

Mas, descendo o cerro, o caminho estreito, por onde, sob a estrelada mudez da noite, iam tilintando os guizos da égua, corria fundo e negro entre altos barrancos. E como aí, por vezes, de noite, aparecia um estranho pastor, de cabelos cor de fogo, e seguido por dous lobos familiares, o bom lenhador murmurou,
 70 voltado para o santo lugar onde nasce a estrelinha d'Alva, o nome do anjo Gabriel.

Depois, sem temor, atravessou o pinheiral. Já então trilhava as terras do solar do seu Senhor. Vastos pastios de gado, campos onde se fizera a ceifa, desciam até ao rio, que um choupal bordava, escuro e cheio de rouxinóis. E sobre um forte outeiro, logo
 75 o Castelo apareceu, negro, formidável, com altas muralhas, os grandes cata-ventos em forma de dragões e de aves heráldicas no cimo de cada torre, e, na mais alta, a chama clara do seu alto farol.

Uma calçada de grossas lajes, orlada de faias, conduzia ao
 80 terreiro, para onde abriam, sob a torre de menagem, a estreita porta chapeada de ferro e a ponte levadiça, que sempre descida,

55: branca] branca, [1970]

55: Espíritos] espíritos [1970]

58: dum] de um [1970]

60: duma] de uma [1970]

65: Mas,] Mas [1970]

73: Senhor.] senhor. [1970]

76: Castelo] castelo [1970]

80: abriam [*em 1912 e 1970: abria*]

naqueles doces anos de paz, tinha as cadeias de ferro enferrujadas. Dum lado do terreiro havia um pequeno alpendre, coberto de rama, onde se vendia, à vasilha, o bom vinho branco das vinhas
85 senhoriais. Do outro lado, negrejavam os grossos barrotes das forcas patibulares. Um velho olmo assombreava o banco de pedra, onde, pelas tardes de verão, o Senhor vinha julgar os delitos, receber vassalagens, ou marcar as portagens devidas pelos
90 mercadores, que com longas récuas de machos carregados passavam por dentro das suas terras. Nenhuma claridade saía das janelas das torres, mais esguias que fendas. As rãs coaxavam na água negra dos fossos.

O bom lenhador costeou as compridas muralhas, onde por vezes uma mancha mais clara na pedra negra era como uma
95 cicatriz de batalha numa face requeimada; e passando pela alta cancela duma sebe, que ao longe se perdia nos prados escuros, penetrou por uma estreita poterna aberta na muralha como uma fenda abobadada, e guardada por um cão enorme, cuja corrente de ferro arrastava nas lajes.

100 Dentro, no vasto recinto murado, para além dum poço de bordas baixas, encimado por um pombal, a casa senhorial erguia a sua fachada simples e severa, donde saía, através dos vidros miúdos encaixilhados em chumbo, a claridade pálida dos brandões da sala, ao lado da luz mais vermelha das cozinhas. Um torreão
105 redondo, com balcão, erguia a uma esquina o seu agudo teto de escamas de lousa, encimado por um vasto cata-vento em forma de bandeira desdobrada. Aos cantos da casa, esguios dragões alados, voltavam para o pátio as goelas escancaradas, por onde as chuvas se escoavam nos regueiros da cisterna. E a lanterna
110 dum servo, que passava sobre o terraço, alumiaava grossas filas de abóboras pousadas no parapeito, secando ao sol.

83: Dum] De um [1970]

87: Senhor] senhor [1970]

89: mercadores, que] mercadores que, [1970]

89: carregados] carregados, [1970]

96: duma] de uma [1970]

100: dum] de um [1970]

108: alados,] alados [1970]

110: dum] de um [1970]

O bom lenhador descarregou a égua na tercena da lenha. Depois, tirando o seu barrete de pele de coelho, empurrou a grossa porta da cozinha, armada de puas de ferro. Sob a chaminé, enfeitada de réstias de cebola e de ramos de louro seco, 115 tão vasta que abrigava, de cada lado da lareira, um longo banco de carvalho, uma chama clara de troncos ardendo sobre brasido alumiava as paredes caiadas, onde pendiam de ganchos de ferro odres de vinho, caldeirões reluzentes, e os sacos de especiarias. 120 Com o seu longo avental de couro, um barrete de couro na cabeça rapada, o mestre cortava, sobre um cepo imenso de pau, um anho esfolado. Um servente, de braços nus, regava de molho, com uma longa colher de ferro, as grossas peças de carne que assavam nos espetos, mais longos que lanças de guerra. Dous 125 lebréus brancos enroscados dormiam diante do lume. E rente do muro, sentados em tripeças, já os moços das abegoarias, os pastores, os cordoeiros, esperavam a ceia, calados, com os seus gorros na mão.

Mas um pajem, de longos cabelos encaracolados, e trazendo 130 um jarro lavrado, ergueu ao fundo a grossa cortina de estamena, que tapava uma imensa porta em arco, ornada com duas cabeças de lobos. E o bom lenhador dobrou humildemente o joelho, entrevendo para além, já alumiada para a ceia, por tochas de cera, a sala senhorial: a vasta mesa tapetada de ervas frescas; as 135 duas lanças transversais por cima, suspensas do teto por correntes de ferro, carregadas de grossos pães de sêmea; a alta cadeira de espaldar, no topo, encimada por um alto brasão, tendo ao lado um poleiro onde dormiam dous falcões; a imensa chaminé de pedra, ao fundo, com figuras em relevo que agitavam armas. Todos os 140 servos se tinham erguido. E quási imediatamente, arrastando os seus sapatos de pano amarelo, o despenseiro apareceu, calvo e gordo, com o seu molho de chaves. Era ele que distribuía as rações aos pastores, aos cordoeiros, aos tosquiadores, aos forneiros, e aos outros servos do domínio que não ceavam nas cozinhas 145 do solar: e bem depressa o bom lenhador recebeu no seu saco

117: troncos ardendo sobre brasido] troncos, ardendo sobre brasido, [1970]

140: quási [*Grafia adotada em 1970*: quase]

de estopa o pão de sêmea, o pichel de vinho, e a posta de carne salgada, devida nos dias de grande corte.

De novo o bom lenhador empurrou, sem ruído e humildemente, a porta da cozinha. Passou a poterna da muralha, que
150 abria para os jardins e para o jogo da bola. Atravessou a rua de limoeiros que dividia os jardins e o pomar, onde docemente cantavam na sombra os repuxos e a água das regas; ladeou a casa do cabanal e a eira, alvejando, toda caiada de fresco, sob a claridade das estrelas; e passando entre as abegoarias e a liça dos
155 pajens, que desenrolava entre mastros enfeitados de bandeirolas a sua pista areada de saibro, saiu por uma porta da alta estacada, que circundava a quinta senhorial. Para além eram vastos prados, pastagens descendo até ao rio, onde uma larga avenida de olmos abrigava a cordoaria do castelo. Um outro cerrado de sebe espi-
160 nhosa cercava estas fartas dependências rurais, defendidas ainda por armadilhas para os lobos, valas erriçadas de puas, e pequenas torres de adobe onde ardia uma lanterna.

O bom lenhador passou esta sebe, e meteu pelas azinhagas, a caminho da sua cabana, aninhada entre os pinheiros e faias à
165 orla da floresta, que, desde os coutos onde ele todo o dia trabalhava, vinha pelo interior das terras vestindo vale e monte. Por entre os troncos dos pinheiros mansos, o largo rio alvejava em baixo à claridade das estrelas. Os pirilampos faiscavam na ponta das sebes. Um aroma de madressilva adoçava o ar.

O bom lenhador atravessou, sobre uma ponte feita de troncos, um riacho que saltava entre rochas, onde os pajens da
170 Castelania vinham pescar trutas. Um rouxinol cantava em baixo entre a ramaria dos choupos. Adiante havia uma cruz de pedra coberta de heras, que tinha um braço partido. Piedosamente o bom lenhador tirou o seu barrete de pele de coelho. O seu coração
175 simples, nessa noite, sentia como um contentamento desacostumado. Ouvindo o sino do mosteiro, que nas colinas além do rio tocava a Vésperas, murmurou uma Salve-Rainha, com uma

161: erriçadas] eriçadas [1970]

172: Castelania] castelania [1970]

178: Vésperas, murmurou uma Salve-Rainha,] vésperas, murmurou uma salve-rainha, [1970]

180 devoção maior, certo de que a Virgem o escutava, debruçada do Céu, toucada de todas aquelas estrelas que rebrilhavam mais que o ouro. Já, à distância, sob o céu pálido, se arredondavam os cimos dos arvoredos onde se escondia a sua cabana. A mulher, a boa companheira, esperava por ele fiando à lareira. Estugou o passo, — e, subitamente, da sombra dum chorão debruçado
185 à beira do caminho, surgiu um moço, de olhos brilhantes como lumes, coberto com uma túnica branca, encostado a uma vara branca, que parou diante dele, e disse sorrindo:

— Entra contente na tua morada, que teu filho há de ser um grande santo!

190 E subitamente desapareceu. Um aroma vivo, como de incenso misturado a cravos, passou de leve no ar. E as relvas altas do prado ondeavam, dobradas, como se as roçasse um manto de seda fina.

O bom lenhador ficara imóvel, tremendo, na sombra que se adensou, mais cerrada, sob as ramagens das faias. E mal compreendia a quem tão docemente falara aquele moço, de olhos mais claros
195 que lumes de altar. A sua boa companheira não lhe dera ainda um filho naqueles longos anos, tão serenamente passados, desde a manhã de Natal em que por sobre a neve dura brilhando ao sol, ao fino som da rebeca que o menestrel tangia, coroada de
200 rosas, ele a trouxera à cabana construída por suas mãos, com a madeira por suas mãos rachada. Como poderia pois, no seu lar que nenhum riso de criança alegrava, crescer, para sua glória, um grande santo?... Arrepiado, penetrou por sob a ramaria, espreitando, escutando, na esperança e no terror de surpreender ainda
205 uma claridade, um rumor daquele mensageiro estranho, que vestia de branco como os anjos. Todo o bosque estava mudo e ermo. Então entrou na sua alma simples um grande medo de todos os seres invisíveis que, vindos do Céu, ou vindos do Inferno, de repente surgem nos caminhos escuros. Começou a correr por
210 uma estreita azinhaga até aos castanheiros que abrigavam a sua

180: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

184: passo, —] passo [1970]

184: dum] de um [1970]

198: por sobre [*adota-se a lição de 1970; em 1912: por sob*]

208: do Céu / do Inferno [*adota-se a lição de 1970; em 1912: do céu / do Inferno*]

cabana. Uma fenda de luz saía da porta, entreaberta à frescura doce da noite. O rafeiro que a guardava, com a sua coleira erriçada de pregos, latiu alegremente. Entrou, limpando na face o suor que o alagava.

215 Sentada à lareira numa tripeça, a sua boa companheira esperava, fiando. A panela de ferro fervia, suspensa por uma corrente sobre o lume. A um canto da arca, as malgas vidradas, as canecas de estanho reluziam bem limpas. Sobre a palhoça do catre, o lençol de estopa era branco e fresco. Todo o dia a boa companheira
220 lidara para o asseio do seu lar. O lenhador pendurou junto à chaminé o seu machado, e, nem à ceia, nem deitado junto dela no catre, revelou à mulher o encontro com aquele moço de olhos resplandecentes. Receava que ela, tão séria e justa, repreendesse o seu orgulho. Porque mandaria Deus um anjo, com tão maravilhoso
225 recado, a um rude servo, de saião de estamenha? Decerto não fora a ele que o moço, brilhante de claridade, anunciara a santidade dum filho... Se Deus os tivesse escolhido para tão grande ventura, não seria por ele, rude como os troncos da sua mata, mas pela sua boa companheira, tão séria, diligente no trabalho,
230 clara de alma, compassiva aos mais pobres, sempre alegre, e tão leal! Nela e não nele, estavam decerto os méritos divinos.

E enquanto ela, direita, robusta, e corada como uma maçã, enchia as malgas da ceia, o lenhador sentia abrir-se no seu coração, como uma flor que sob o orvalho reflorescesse, uma ternura doce
235 e melhor por aquela que, em tantos anos, tornara a sua pobre cabana lugar mais apetecível que a casa rica dum senescal ou o castelo do seu Senhor.

227: dum] dum [1970]

231: Nela] Nela, [1970]

232: E [1970; *não abre parágrafo*.]

236: dum] de um [1970]

237: Senhor] senhor [1970]

Era o tempo das vindimas nas vinhas da Castelania. Uma manhã, cedo, ao cantar das calhandras, quando o bom lenhador prendia ao cinto o seu machado, partindo para o Castelo onde
5 ia rachar a lenha miúda, a sua companheira, que se sentara na arca com os braços cruzados, disse de repente, toda séria e vermelha:
— Meu homem, vamos ter um filho.

Ele ficou diante dela, mudo, como no espanto dum milagre. Depois balbuciou, pediu uma certeza. Ela estava tão segura, que
10 já na véspera, enquanto ele andava trabalhando no souto, fora ao Mosteiro comungar, para que a Santa Hóstia fosse o primeiro alimento da criancinha que em si trazia, e que assim recebia logo o corpo e o sangue de Jesus. O bom lenhador tornou a emudecer, como deslumbrado, coçando a barba rude. Então a boa compa-
15 nheira, pensando que ele, assim silencioso, se amargurava na alma com aquele filho que vinha para ser, como eles, um servo, preso àquela terra de florestas como um qualquer carvalho que só serve para render, e quando não rende se abate, lembrou quanto

2: Castelania.] castelania [1970]

4: Castelo] castelo [1970]

8: dum] de um [1970]

11: Mosteiro] mosteiro [1970]

17: como um qualquer] como qualquer [1970]

a vida servil era fácil e branda nos domínios do bom Castelão.
20 Já tão velho, paternal, o bom Senhor amava os seus servos, e
velava por eles como searas dos seus campos. Havia tantos anos
que as masmorras estavam vazias, que o senescal perdera as
chaves. Sempre que os homens eram chamados para compor os
telhados ou limpar os fossos, voltavam contentes com um bom
25 salário. Quando, montado na sua mula, percorria as terras, parava
a aconselhar os trabalhadores, sem mesmo consentir, nos dias de
vento, que eles tirassem os seus barretes. O preço da moagem,
e o da fornada, no moinho e no forno senhoriais, fora por ele
abaixado... E a boa menina, a herdeira daquele domínio, onde
30 haveria outra tão caridosa e suave? Era ela que ligava, com os
seus dedos mais brancos que os duma Nossa Senhora, as feri-
das dos pegureiros. Se a ventania levava o colmo duma cabana,
logo ela o mandava consertar. Nos grandes frios, distribuía pelos
velhos vinho antigo e peles de carneiro... Se a vida era assim
35 fácil e branda na Castelania, bem podiam eles estar contentes
com o filho que lhes nascia, para ser um servo contente sob
aqueles bons senhores.

— Não é verdade, meu homem?

A face do lenhador resplandecia, como um ouro sem liga
40 sob um raio de sol.

— Bendito seja Deus por eu te ter conhecido, mulher!

Apertou fortemente nos braços a companheira valente, e
partiu para o trabalho. Pelo caminho que levava ao Castelo,
sorria, vaga e deslumbradamente, para o céu e para as árvores.
45 E a cada instante lhe alvoroçava a alma aquela promessa lançada,
sob a escuridão das faias, pelo moço de olhos resplandecentes.
Era esse, pois, o filho anunciado que se devia tornar um grande
santo? Quási assustado, não ousava crer num tão maravilhoso favor

19: Castelão.] castelão. [1970]

20: Senhor] senhor [1970]

31: duma] de uma [1970]

32: duma] de uma [1970]

35: Castelania,] castelania, [1970]

43: Castelo,] castelo, [1970]

de Deus. Um servo gerar um santo! Quando o seu Senhor,
50 tão poderoso, doador de capelas, acolhedor de peregrinos, que
fora em moço libertar Jesus Cristo da maldade dos Turcos, não
lograva o favor dum filho, para governar as suas terras, seria
ele, servo rude, de saião de estamenha, rachador de madeira, o
escolhido por Deus para dar àquelas gentes o dom maravilhoso
55 dum santo, para as proteger, e chamar sobre elas a amizade
dos Céus? Tal não podia ser — e mesmo em o pensar, em
o esperar, ele sentia confusamente o perigo dum orgulho que
ofenderia Jesus e os outros santos, e desde logo alhearia a sua
proteção do menino que lhe ia nascer.

60 Decidiu então não pensar mais naquela promessa: mas quando
ao recolher à cabana, de noite, passava junto ao bosque de faias,
os seus passos, a seu pesar, se tornavam mais lentos, — e parava,
escutava, com o coração a bater tão fortemente, que as suas pan-
cadas ansiosas eram como as que se dão a uma porta fechada
65 sobre um tesouro. E a mudez, a negrura impassível do bosque
davam uma indefinida, fugitiva tristeza ao seu coração, como se
uma água fresca, em hora de sede, se lhe secasse entre as mãos.

Entrando, porém, na cabana, todo ele sorria contente, vendo a
sua companheira que fiava já a teia do enxoval. Ele tomava a um
70 canto as madeiras que escolhera com carinho, as ferramentas que
lhe emprestara o carpinteiro do Castelo, e trabalhava no berço
do seu menino: — porque em ambos todas as ocupações, todos
os pensamentos eram unicamente em serviço daquele filho, que
lhes parecia milagroso e raro como uma estrela que de repente
75 brotasse, e começasse a dardejar os seus raios na ponta dum
galho seco. Ambos começavam a ter ambições: ela queria ser,

49: Senhor,] senhor, [1970]

52: dum] de um [1970]

55: dum] de um [1970]

56: Céus? [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céus?*]

56: ser —] ser, [1970]

57: dum] de um [1970]

62: lentos, —] lentos, [1970]

71: Castelo,] castelo, [1970]

75: dum] de um [1970]

depois de criar o menino, a tecedeira do Castelo: ele pensava no lugar do chefe-mateiro, que estava velho e pedira ao Senhor para repousar. Quando o inverno começou, consideravam mesmo
80 quanto a sua cabana era desabrigada e rude, e o bom mateiro começou todas as manhãs, mal luzia a primeira claridade, a trabalhar nos reparos, pondo colmo novo no teto, tapando fendas, preparando um chão de tabuado, onde mais tarde os pezinhos nus do menino não sentissem a frialdade da terra negra. Depois
85 limpou, areou a horta, que cercou dum silvado, defendendo, isolando mais o seu lar, que ia encerrar um tesouro.

Por vezes a sua companheira queria ajudá-lo nestas tarefas piedosas. Ele não consentia, num receio constante de que se fatigasse, viesse mal àquele corpo precioso, que a seu pesar, por
90 vezes, imaginava escolhido por Deus, e que contemplava então com pasmo como um relicário numa capela. Era sempre para ela a malga maior, a fatia mais larga de pão, no desejo de a sentir forte, comunicando força ao seu filho; procurava por toda a floresta mel silvestre para misturar ao vinho que ela bebia aquecido à lareira;
95 e como a moleira do moinho senhorial, junto ao rio, assistia na hora dolorosa a todas as servas da Castelania, o pobre mateiro não cessava de a servir, de lhe levar sacos de pinhas, de lhe rachar a lenha, e mesmo, arregaçando as mangas de estamena, pretendia limpar as rodas da azenha. A boa comadre, cruzando os
100 braços sob o avental enfarinhado, dava os seus conselhos; e já por ordem dela, o bom mateiro todas as noites, com uma longa vara, batia as ramas do arvoredado que abrigava a sua cabana, para que não viesse nelas pousar alguma coruja, que, piando de noite, faria nascer a criança medrosa e com os olhos tortos. Mas o seu
105 maior cuidado era queimar na lareira galhos de azinho, para que o leite da mãe fosse abundante e forte.

77: Castelo:] castelo: [1970]

78: Senhor] senhor [1970]

80: rude,] rude; [1970]

85: dum] de um [1970]

94: silvestre] silvestre, [1970]

96: Castelania,] castelania, [1970]

100: braços sob] braços sobre [1970]

O inverno no entanto viera, tormentoso e negro: e nos longos crepúsculos, sentados na tripeça, ao lume da lareira, estes dous servos simples pensavam somente no seu filho. Ele contava, recontava na memória as peças de ouro poupadas naqueles longos anos e enterradas debaixo da arca, e noutras ainda que pouparia, para pagar o padre-mestre que ensinasse ao seu filho as letras e o latim... Porque não? Quantos filhos de servo tinham cantado missa nova! E a seu pesar, aterrado com o seu orgulho incorrigível, via o seu filho com uma mitra cravejada de ouro, em vestes recamadas de ouro, atravessar sob um pálio os caminhos da aldeia, juncados de rosas e de erva-doce. A mãe, essa, calada, movendo o seu fuso, só via o seu filho pequenino, muito gordo, com a face cheia, lisa, e corada como uma manhã, rindo sobre o seu colo.

Uma noite, que ela assim pensava, adormeceu, fatigada de ter lidado, já pesada, todo aquele dia de abril, quente e longo. E quási imediatamente se viu sentada, no adro da capela, na aldeia, um domingo de festa, no primeiro dia de maio: em volta as raparigas dançavam, ao som da rabeca que tocava um menestrel; os moços mais fortes lutavam sobre a relva; um servo do Castelo vendia vinho duma grande pipa enfeitada de louro; e um cavaleiro, todo armado, segurava um cavalo de grandes clinas, tão bravo que ninguém o podia montar... E eis que, de repente, o seu filho aparece com um gibão de pano azul, um capuz escarlata como o filho dum mercador, — e logo derruba na luta os mais fortes, amansa o corcel indomável, faz empalidecer de amor todas as raparigas só com volver os olhos radiantes, e, tomando a rabeca do menestrel, começa tão divinamente a tanger, que todos os pássaros saíam das ramarias, e vinham, maravilhados, pousar nos

114: aterrado com] aterrado sob [1970]

125: Castelo] castelo [1970]

126: duma] de uma [1970]

130: filho dum] filho de um [1970]

130: e logo] e de repente [1970]

135 seus ombros largos. Ela tremia, num infinito orgulho. E em roda todos, erguendo os barretes, bradavam:

— Eis o mais belo, o mais destro, o mais forte. Seja ele o Rei de Maiol!

140 Acordou ao clamor triunfal. O seu homem areava o seu machado. E quando ela, ainda ofegante, lhe contou o seu sonho, ele permaneceu muito tempo pensativo, porque os sonhos são como tapeçarias que os anjos desenrolam e em que estão bordados, em cores claras, os destinos que hão de ser.

145 Ambos acordavam de manhã, a um grande canto de pássaros, tão alegre e ruidoso como se todas as cotovias e melros da floresta estivessem celebrando uma festa sobre o colmo da sua cabana: e em torno ao catre flutuava estranhamente um fresco cheiro de verduras e flores novas. Mas a mulher do lenhador não se podia erguer, num cansaço que a tornava mais pálida que um linho muito lavado: e bem depressa, gemendo, pediu ao
150 seu homem que fosse buscar a moleira caridosa e hábil, porque chegava a sua hora de glória e de dor. E, ainda gemendo, a boa mulher começou logo a sua oração a Santa Margarida.

Atirando o machado que apertava ao cinto de couro, o
155 bom lenhador correu através dos campos, ansiosamente, pisando sem dor os milhos novos, saltando as sebes em flor. A moleira carregava um saco cheio sobre o seu jumentinho branco. Descarregou logo o saco, saltou ela para sobre o jumento, e através das azinhagas, a moleira galopando, o lenhador correndo,
160 pararam à porta da cabana, quando do seu beiral se erguia, tomando o voo, um casal de pombas brancas. Era um feliz prenúncio: — e enquanto o lenhador ia prender o jumentinho no eido, a moleira entrou na cabana depois de riscar no chão uma cruz com o pé, murmurando o nome de Santa Margarida.
165 Mas voltou logo, trazendo nas mãos um largo cinto de couro, com que a boa fiandeira apertava as saias, e gritou pelo lenhador, para que ele corresse à capela, atasse o cinto na corda do sino,

137-8: — Eis / Maiol] «— Eis / Maiol» [1970; *não abre parágrafo*.]

139-40: o seu machado.] o machado [1970]

e repicasse nove repiques, rezando nove Ave-Marias. Eis de novo o bom lenhador correndo, com o cinto apertado ao peito
 170 preciosamente: desceu aos choupaís, frescos e cheios de sombra; correu ao comprido do rio, todo reluzente de sol, que uma grossa barca, com armas dum D. Abade e toda carregada de pipas, subia lentamente à sirga; galgou os lameiros, onde os gados pastavam, ao som das flautas dos pegureiros; abalou pela estrada,
 175 por diante da taberna do *Galo Preto*, donde carvoeiros da mata o chamavam erguendo alegremente os pichéis de estanho... Ele, sem escutar, seguiu: mas teve de parar, de repente, porque dos lados da ponte, com um lampejar de armas e um brilho de sedas claras, desembocava uma rica cavalgada, a caminho do
 180 Castelo. Um clarim soava triunfalmente; guardas barbudos e graves traziam as lanças erguidas ao alto; uma bandeira, no ar, desdobrava o seu grande brasão de cores estridentes; os pajens, empoeirados dos caminhos, conduziam à rédea azémolas carregadas de pesados cofres pintados a escarlata e ouro; — e um
 185 fidalgo, moço, de barba negra, com um falcão no punho, ria de cima do seu alto corcel, coberto com um xairel de veludo azul, com um frade que cavalgava ao lado, numa mula toda branca. Galgos ágeis corriam em roda; e um troço de lanças seguia, erguendo grande poeira.

190 Curvado, cosido contra a sebe espinhosa, com o seu barrete na mão, o bom mateiro saudava humildemente, esperava com o coração a bater de ansiedade. Ao seu lado, outros vilões, dobravam o joelho; e um velho alto murmurava que aquele era um barão doutras terras, que chegava para noivar com a filha do
 195 bom castelão. Mas de repente alguns cavaleiros pararam: uma das azémolas, espantada, atirara ao chão os cofres de escarlata e

168: Ave-Marias.] ave-marias. [1970]

172: dum] de um [1970]

175: *Galo Preto*,] Galo Preto, [1970]

176: chamavam] chamavam, [1970]

180: Castelo] castelo [1970]

181: erguidas] erguidas, [1970]

192: vilões,] vilões [1970]

194: doutras] de outras [1970]

195: pararam: [adota-se a lição de 1970; em 1912: paravam]

ouro; e um senescal, correndo logo, reclamou todos os vilões ali juntos para virem erguer os cofres, carregar novamente a azémola. E o bom mateiro lá se adiantou, aflito, com os olhos quási
 200 enevoados de lágrimas, mal podendo atar as cordas que prendiam os cofres nas andilhas da azémola. Três vezes o senescal o injuriou. E a sua pobre companheira sofrendo por não repicarem os santos sinos, que amansariam a sua dor!

Mas o animal, carregado de novo, aquietou, levado à rédea
 205 pelos pajens; e os cavaleiros trotaram na poeira, que o sol dou-rava. Então, livre, o lenhador correu desesperadamente à capela que servos do Castelo andavam caíando de fresco. Ajudado pelo sacristão, um velho corcunda a quem ele às vezes rachava lenha, atou o cinto de couro à corda grossa do sino: — e bem
 210 depressa, no azul cheio de sol, cantavam alegremente os nove repiques devotos. Para maior segurança acendeu ainda, num altar, duas velas a Santa Margarida. Depois, confiado na misericórdia do Céu, recolheu à sua cabana.

Os olhos quási se lhe enevoavam de lágrimas, quando, da
 215 azinhaga por onde ia arquejando, a avistou, sob as grandes árvores. Mas não lhe pareceu nesse instante tão escura e humilde. O sol, que batia em redor nas ramagens, tinha um desacostumado esplendor. A cruz branca, que ele pintara na porta para afugentar os demónios, reluzia, como feita duma luz clara. Das sebes, a seu
 220 lado, saía um aroma mais doce que incenso. As grandes papoulas entre a erva, as flores silvestres, pareciam maiores, com grandes cores de festa. Regatos que não via borbulhavam alto, com um som fresco de riso.

Ele pasmava desta beleza rara, que nunca vira nestes caminhos
 225 familiares. E eis que subitamente, do lado do rio, rompem, num repique festivo, os grandes sinos do Mosteiro, e do lado do

197: ouro;] ouro: [1970]

205: trotaram] trotavam [1970]

207: Castelo] castelo [1970]

213: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

219: duma] de uma [1970]

226: Mosteiro,] mosteiro, [1970]

Castelo a sineta da capela lança também pelo azul um repique argentino. Todo o Céu tinha uma alegria de festa. E quando chegou à porta da sua cabana, os pinheiros em redor, movendo
 230 as altas ramas, pareciam cantar.

Entrou. Sobre o catre, a sua companheira jazia imóvel, branca como o lençol, já composto e liso, que a cobria. E, diante do lume que estalava, a moleira, abatida sobre uma tripeça, sustentava no colo o menino, estendido num pano branco... Mas o pobre
 235 lenhador, que estendera os braços, como se ante ele se abrissem as portas do Céu — recuou espavorido. O seu filho era um monstro!

Escuro, coberto duma pele rugosa e áspera; com uma face vaga, informe, onde as feições faziam como vagas protuberâncias nodosas; as mãos enormes enclavinhas sobre o ventre felpudo;
 240 torto das pernas, que findavam em dous pés agudos, como os dum fauno, — todo ele parecia uma raiz sombria, raiz de árvore estranha, ainda negra da terra negra de que fora arrancada. E nem gemia. Era como o rudimento dum ser vegetal!

Duas lágrimas amargas e lentas rolaram pela barba do bom
 245 lenhador. Deu um passo para a beira do catre. Na face branca, e como morta, da sua companheira, duas lágrimas corriam também, como na amargura dum sonho desfeito.

227: Castelo] castelo [1970]

228: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

236: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

237: duma] de uma [1970]

241: dum fauno, —] de um fauno, [1970]

243: dum] de um [1970]

247: dum] de um [1970]

III

Como aquele ser informe decerto ia morrer, o próprio pai, aterrado e chorando, o batizou, e lhe deu o nome de Cristóvão.

5 Durante três dias, durante três noites, Cristóvão não mamou, não gemeu, imóvel no berço, que o lenhador e a sua companheira constantemente velavam, numa esperança teimosa, sentindo naquela pele rugosa e dura o calor dum sangue forte. Uma tarde que ambos cansados tinham adormecido, sentiram subir, dentre os lençóis do berço que rangia, um rumor singular como o lento balar
10 dum anho muito robusto. Cristóvão descerrara as pálpebras moles, e eles viram enfim os seus olhos dum azul pálido, como a flor da pervinca. A mãe, radiante, arrebatou-o contra o seio que a abundância de leite sufocava: — e em poucos sorvos, largos e fundos, Cristóvão esvaziou um dos peitos.

15 Começou então a viver duma vida intensa e rápida. Dormindo, a sua respiração era mais que uma brisa entre ramos; ao acordar os seus gritos abalavam a cabana; e na sua voracidade,

7: dum] de um [1970]

10: dum] de um [1970]

10: Cristóvão descerrara] Cristóvão descerrava [1970]

11: dum] de um [1970]

13: sufocava:] sufocava [1970]

15: duma] de uma [1970]

sem parar, secava o leite da mãe, chupava através dum pano
largos pedaços de mel silvestre, e ficava trincando com impaciência
20 o dedo que, para o consolar, o pai lhe metia entre as gengivas,
mais duras que pedras.

E no entanto aquela monstruosidade, que o assemelhava
a uma grossa e negra raiz, compunha em formas familiares
dum corpo grosseiro, mas humano. A pele, perdida a aspereza
25 negra, era lisa e vermelha como uma casca de maçã: a cabeça
emergia dos ombros como numa decisão de começar a vida; e
as pernas agora direitas, com dous grandes pés chatos, eram tão
fortes que, se as agitava, quási fazia tombar o berço.

E bem depressa, com terror da mãe, não coube no berço.
30 Como era no calor de maio, o bom lenhador fazia com musgo
seco, recoberto dum mantéu, um leito na horta, onde o dei-
tavam sob uma mimosa em flor. Mas Cristóvão rolava para fora
do mantéu, procurando a terra quente e mole, onde se estendia,
se dilatava com delícia, como num elemento preferido, sorrindo
35 quieto, num sorriso mudo, que deixava já transparecer o brilho
dum dente. Começaram então a aparecer, voando, por sobre
os legumes da horta, borboletas de cores prodigiosas, como
o lenhador nunca vira. Uma roseira seca havia um ano, e que
tinha apenas o tronco mirrado, rebentou em grandes rosas que
40 perfumavam todo o ar. Os melros que ali acudiam, fazendo um
canto incessante e festivo, emudeciam quando a enorme criança
dormia, com os seus grossos punhos fechados. A mimosa, todas
as árvores em redor, vieram estendendo as suas ramarias, como
toldos de abrigo, para o lado onde se estendia o mantéu. E um
45 dia a mãe entreabrindo a porta do eido, avistou, espantada, um
enorme veado, que por cima da sebe, com os altos paus entre a
folhagem, contemplava Cristóvão, com a gravidade dum avô.

18: dum] de um [1970]

22: E no entanto] E, no entanto, [1970]

24: dum] de um [1970]

31: dum] de um [1970]

36: dum] de um [1970]

45: mãe] mãe, [1970]

47: dum] de um [1970]

Era então tão pesado que a boa mulher vergava, mal o podia transportar da porta para o berço. E todavia tinha só seis meses.
 50 A moleira que parava, com o seu jumentinho carregado de sacos, diante da cabana, para o ver, pasmava das suas cores vermelhas, da sua força, dos seus membros perfeitos e daquele sossego em que permanecia, todo um longo dia de verão, sentado, cravando na mesma pedra ou no mesmo ramo os seus olhos azulados, sem
 55 brilho e sem vida. E ela via nesta transformação um milagre de Santa Ana.

Muito antes do Natal, Cristóvão começou a andar. Já corria toda a horta, era quasi da altura da sebe, — e se, para se segurar, atirava a mão a um ramo, o ramo rachava como sob o esforço
 60 dum homem forte. O pai vivia no encanto e deslumbramento desta força magnífica: — e o seu prazer era contemplar a criança erguendo uma grossa panela de ferro, ou caminhar para a lareira abraçado a duas imensas achas de lenha. Não duvidava que ele viria a ser o homem mais valente de toda a Castelania, e já o
 65 imaginava soldado, com uma pesada armadura, comandando os terços da Castelania. No coração da mãe havia uma surda, vaga tristeza, por aquele crescer maravilhoso de força e de formas. Já o não podia trazer ao colo; Cristóvão tinha apenas um ano, e já não era o seu menino, o seu pequenino. Os ternos cuidados da sua
 70 maternidade eram já para ele inúteis. Não necessitava amparar-lhe os passos, nem meter-lhe na boca a comida. Enorme, tão forte como ela, Cristóvão, quando tinha fome, levantava a tampa da arca e partia ao meio as broas mais duras. O lenhador marcara na parede, com um traço branco, a altura do filho, pelo Natal: — e cada dia
 75 os riscos subiam mais alto, quasi rente à prateleira da louça. Aos dous anos a sua cabeça pequenina, coberta duma lã espessa e loura, já dava pelo cinto do lenhador. Os saiozinhos de pano, que ela cosera com tanto amor, jaziam inúteis no fundo da arca, sem que ele tivesse jamais sido bastante pequenino para se mostrar, com

58: sebe,] sebe [1970]

60: dum] de um [1970]

64: Castelania,] castelania, [1970]

66: Castelania.] castelania. [1970]

76: duma] de uma [1970]

80 eles, pela sua mão, aos domingos, no adro da aldeia. E quando o
via, ainda mudo e inocente como uma criancinha de peito, e já
tão grande, enchendo quasi a porta da cabana, onde costumava
estar horas, parado, a olhar monotonamente o ar e o sol, a pobre
mãe desconsolada sentia uma lágrima humedecer-lhe a face.

85 O que a consolava era senti-lo tão manso e doce. Se ela,
assustada, lhe tirava o machado do lenhador, que ele gostava de
erguer, ou se o afastava do lume, que incessantemente o atraía,
ele não mostrava nem resistência nem impaciência. Não era mais
inerte um fardo de lã. Permanecia longas horas na tripeça em
90 que o sentava, ou à sombra, debaixo da cerejeira da horta. O seu
encanto era ver fiar a mãe, atento profundamente ao rodar, ao
cantar do fuso. E a cada instante lhe tomava a mão, para nela
pousar um beijo mudo, sem brilho, que não findava. Ela apertava-o
ao seu coração, murmurando, desolada:

95 — Porque não és tu mais pequenino?

E no entanto, já perto dos quatro anos, não falava. O único
som que saía, cavo e grosso, dos seus lábios cor de aurora
era: *Han! Han!* Se tinha sede apontava com um grande dedo,
rosnava: *Han! Han!* Para sair mostrava a porta, e grunhia, com
100 os olhos vagos, para a mãe: *Han! Han!* A pobre mulher já per-
dida a doce esperança de o ouvir jamais chamar *mãe* e *pai*. Já não
duvidava de ter concebido um mudo, um imbecil. E na sua dor,
num resto de orgulho, não permitia que Cristóvão transpusesse a
sebe da horta, descesse abaixo, aos caminhos, com receio que os
105 trabalhadores da floresta, as vizinhas da aldeia, o encontrassem,
descobrissem a sua monstruosidade, lamentassem a tristeza do
seu lar.

Mas o que sobretudo a aterrava era a insensibilidade de
Cristóvão à dor, como coisa diabólica. Uma vespa mordera-o na
110 face, e ele nem chorava, nem a pele lhe inchava. Sentava-se indi-

84: mãe desconsolada] mãe, desconsolada, [1970]

96: E] E, [1970]

97: aurora] aurora, [1970]

98: *Han! Han!*] *Han! Han!* [1970]

99: *Han! Han!*] *Han! Han!* [1970]

100: *Han! Han!*] *Han! Han!* [1970]

ferentemente sobre musgo fresco, ou sobre as selvas espinhosas. E um dia mergulhara a mão na água a ferver, e retirara-a, quieto, como se ela fosse de pedra.

— Ai! meu homem, murmurava a pobre mãe, que malogro
115 o nosso!

Ele suspirava, sombriamente. Toda a sua alegria, diante daquela robustez primeira do filho, tão prometedora, se mudara em dor constante, perante a sua deformidade — porque Cristóvão não falava, tinha a simplicidade dum serzinho no berço, e já lhe
120 dava pelo ombro, forte como ele, com grandes músculos, mãos formidáveis que brandiam no ar a sua machada tão facilmente como uma varinha de olmo. Já não falava no seu filho aos outros servos da Castelania, carvoeiros, serradores, companheiros da floresta. Se ao menos Cristóvão falasse, tivesse, naquela estatura de homem,
125 os modos dum homem... Iria com ele para o trabalho, não revelaria a sua idade, — e seria como um companheiro moço e robusto que habitava no seu lar. Mas, assim, imenso, com uma vasta face, os ombros de atleta, ele passava horas, esgravatando a terra, como uma criancinha, contemplando de rastos o caminhar
130 das formigas, ou, quieto, chupando um dedo.

Já na aldeia, entre os servos do Castelo, corria que o filho do lenhador era um monstro. Decerto fora algum feiticeiro, seu inimigo, que assim lhe lançara uma sorte temerosa. E alguns
135 mais afoitos, vieram rondar, espreitar em torno da cabana de Cristóvão para ver o enfeitiçado. A pobre mãe, uma tarde, sentira grossas risadas, rente à sebe da horta, adivinhara estas curiosidades que vinham escarnecer a dor do seu lar. Tinha agora sempre fechada aquela porta da sua cabana, tão limpa, tão honesta, e por onde até aí ela deixara passar os olhares de

114: homem, / mãe,] homem — / mãe — [1970]

119: dum] de um [1970]

123: Castelania,] castelania, [1970]

125: dum] de um [1970]

126: idade, —] idade — [1970]

130: quieto, chupando] quieto, a um canto, chupando [1970]

131: Castelo,] castelo, [1970]

133: alguns] alguns, [1970]

135: Cristóvão] Cristóvão, [1970]

140 todos, tão livremente como os raios do sol. Quando alguma
comadre da aldeia, alguma serva do Castelo, a chamava de
fora, ela antes de abrir, empurrava para fora, para o escuro
das árvores, o seu pobre monstro, que lá ia movendo os pés
tardos, com baba ao canto do queixo. O seu desejo seria erguer
145 em torno da sua morada um muro, um alto cerrado de tábuas,
que a isolasse de toda a Terra. E juntamente sofria em ter
assim enclausurado o seu pobre Cristóvão naqueles escassos
palmos de cabana e de horta, em o trazer escondido como um
fruto amaldiçoado de que ela se envergonhava. Toda a sua
150 alma simples e reta andava afogada em tristeza e sombra. E já
não duvidava que a monstruosidade do seu filho era o castigo
que a Virgem Maria dera ao seu orgulho de mãe. Tão certa
andara de que o seu Cristóvão seria divinamente lindo como o
Menino Jesus que S. José erguia nos braços, — que a Virgem
155 se escandalizara no fundo dos Céus. E bem justamente! Como
poderia o fruto dum ventre servil ser igual em beleza ao fruto
dum ventre divino?

Uma tarde que assim pensava, movendo o seu fuso,
sentiu na horta um rumor, e como pedras batendo a folhagem
160 da cerejeira. Inquieta, abriu o loquete — e viu três pajens do
Castelo que por trás da sebe, joviais e cruéis, escarneciam o
seu filho, e lhe atiravam, como a um bicho numa toca, pedras
e torrões secos. E Cristóvão, mais forte que os pajens, mas
sem compreender, apenas erguia a mão ante a face, imóvel no
165 meio da horta assoalhada. Ela arrebatou-o desesperadamente
para dentro, atirou a porta, enquanto os pajens, ofendidos com
a audácia da serva, apedrejavam os muros da cabana. Desde

141: Castelo,] castelo, [1970]

142: ela] ela, [1970]

147: Cristóvão] Cristóvão, [1970]

149: amaldiçoado] amaldiçoado, [1970]

153-4: lindo / braços, —] lindo, / braços, [1970]

155: Céus. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céus.*]

156: dum] de um [1970]

157: dum] de um [1970]

160: Inquieta,] Inquieta [1970]

161: Castelo] castelo [1970]

esse dia a pobre mãe começou a definhar. Era uma dor surda, um desconsolo de tudo, que a deixava longas tardes imóvel, com a roca esquecida na cinta, o fuso caído no chão, perdida, entorpecida numa melancolia sem fim e sem nome. Todo o trabalho lhe pesava como um fardo inútil. Quási lhe custava a vestir Cristóvão, que nem o seu grosso gibão de estamena sabia enfiar, e que quási fazia corar a pobre mãe, com o seu enorme corpo nu, grande como o dela, e que lhe parecia a nudez dum estranho, dum homem, que invadira o seu lar. À noite, silenciosa e pálida, repelia a sua malga de caldo, que Cristóvão logo devorava em silêncio. E não queria que o seu homem, assustado, chamasse o físico do Castelo. Para quê? «O meu mal, murmurava, há de *crescer*, e *crescer*...» As tardes na cabana eram tristes como as dum hospital. Tão fraca que se não podia mover do catre, ela contemplava o seu homem, sentado ao lado, com um longo olhar de saudade, o olhar humedecido de quem vai partir. Ele, com as mãos dela entre as suas, só instava para que ela experimentasse algum dos remédios, que aconselhava a moleira, contra aquela míngua de corpo: e para o contentar, ela acedeu a atar ao pescoço um saco onde estava metida uma rã e a comer um caldo de margaridas apanhadas à lua cheia. Mas, sem dor, sem agonia, o seu pobre corpo ia como que desaparecendo, tão magro e transparente que ela via a vermelhidão da lareira através das mãos abertas.

Desde que ela adoecera, Cristóvão não abandonara a beira do catre, pasmando para a mãe, ansiosamente, como no esforço de compreender porque ficava ela deitada e de olhos adormecidos, quando o sol envolvia a cabana, e até as árvores tinham acordado. Por vezes tocava-lhe o braço, o ombro, com um pequenino gemido triste. Ela murmurava, com toda a sua alma: «Meu pobre filho! meu pobre filho!» Mas voltava o rosto amargamente, se o

172: pesava] pesava, [1970]

176: dum estranho, dum homem] de um estranho, de um homem [1970]

179: Castelo.] castelo. [1970]

181: dum] de um [1970]

190: transparente] transparente, [1970]

193: mãe,] mãe [1970]

200 via ir, com os seus passos lentos e balançados de urso doméstico, erguer com uma só mão a pesada bilha de água, esvaziá-la dum trago.

205 Era então o fim do outono. Já o lenhador, ao recolher, sacudia o saião, todo molhado da humidade da floresta e um grande vento por vezes gemia nos pinheirais. Toda a noite a candeia ficava acesa. Numa enxerga, ao lado da lareira, Cristóvão dormia sob peles de cabra, fazendo um grande vulto na sombra, ressonando tão fortemente como uma forja. E a pobre mulher, o homem ao lado, sentado na tripeça, entorpecido de fadiga e de sono, não dormia, pensando no abandono e na tristeza em que
210 cairia aquela pobre cabana, de que ela fizera um ninho tão doce! Quem cozinaria a sopa do seu homem, quem trataria daquele pobre monstro que nem sabia enfiar o seu gibão? Um grande soluço sacudia o seu peito magro: — e o lenhador, despertando, estremunhado, arranjava a manta que cobria o catre, ou ia remexer
215 as brasas da lenha.

Uma noite, em que havia um grande silêncio no arvoredo e no ar, porque caía a neve, ela sentiu um grande frio que lhe passava no rosto, e através do desmaio que a tomava, estendeu a mão, apalpando para dizer para sempre adeus ao seu homem.
220 E os seus olhos vagos e lentos encontraram então os olhos do seu Cristóvão, que se erguera, embrulhado numa pele de cabra, e estava aos pés do catre, atento, e como esperando, num espanto. Moveu os lábios para lhe pedir que se deitasse, se agasalhasse, mas só pôde suspirar, desfalecida... E pareceu-lhe que, diante, o seu
225 filho começava a crescer visivelmente; já os seus cabelos ruivos tocavam o teto da cabana: o colmo esgaçou, e, através da abertura, Cristóvão crescia para o céu mais alto que os pinheiros, já com a face perdida entre os flocos de neve; e tão feio e monstruoso que as estrelas fugiam pelo ar, como almas assustadas. Deu um
230 grito. O pobre lenhador despertou, debruçado logo sobre ela, a tremer. A sua companheira parecia adormecida. Então Cristóvão

201: dum] de um [1970]

208: tripeça, entorpecido] tripeça, entorpecida [1970]

212: monstro] monstro, [1970]

veio lentamente em torno do catre, e pondo as mãos, de leve, sobre os cabelos que um suor humedecia, gritou:

— Oh mãezinha, mãezinha, não durmas!

235 Cristóvão falara! O seu filho falava! Um rubor de infinito contentamento subiu-lhe ao rosto macerado, que ficou imóvel, sorrindo: — e a boa fiandeira partia desta terra, para além...

235: filho falava!] filho falara! [1970]

237: partia] partiu [1970]

A cerejeira na horta estava coberta de cerejas: o lenhador outra vez trabalhava nos soutos desde o cantar da calhandra: — e a viúva dum carvoeiro da mata vinha todos os dias cuidar da cabana e guardar Cristóvão. Era uma velha muito magra e
5 sombria, que surdia dentre os pinheiros, encostada a um bordão, acompanhada por um gato negro. Nos primeiros dias, a cada passo, agachada sobre o lume, ou fiando à porta, voltava para os membros imensos de Cristóvão com inquietação os seus olhi-
10 nhos luzidios, que os grossos pelos das sobrancelhas cobriam. Aquele ser disforme, que o pai chamava «o menininho», e que ela vinha guardar, enchia-a de espanto, quando erguia até à boca o enorme cântaro cheio de água, ou tapava toda a porta da horta, parado, a chupar o dedo, a olhar para o Sol. Debalde o
15 bom lenhador lhe afiançara a sua mansidão, a sua simplicidade: a velha serradeira temia aquela mansidão muda, como uma toca escura e sem ruído, donde pode surdir uma fera. Mas quando, durante longos dias, ela o viu quieto sob a cerejeira, sorrindo às formigas que lhe trepavam pelas pernas já peludas, ou, encruzado

3: soutos] souts, [1970]

4: dum] de um [1970]

4: vinha / dias] vinha, / dias, [1970]

14: Sol. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: sol.*]

20 diante da horta, pasmar, chupando um dedo, para o fuso que ela
fiava, — a velha reconheceu a sua simplicidade, e considerou
que ele era como um animal caseiro, porco gordo ou borrego,
que pertencesse à choupana. Para não sentir mesmo pousados
25 nela aqueles olhos azulados e sem brilho, e aquele corpo disforme
atravancando a cabana, tapando a luz, empurrava-o para a horta,
e lá lhe levava, ao bater do meio-dia, a sopa e a ração de broa,
numa grande malga, que pousava no chão: e Cristóvão ali passava
os seus dias, sentado, remexendo a terra com os dedos lentos e
30 vagos, seguindo o ramalhar das folhas, ou, a passos lentos, rente
da sebe, alongava para os campos, para os arvoredos de além,
o olhar pasmado e sem brilho, com a quietação do boi farto.
A serradeira, no entanto, varria o chão, areava as ferragens do
armário, batia o colchão do catre, ou sentada à porta fiava até
35 que, às trindades, soavam no caminho os guizos da égua branca,
que o bom lenhador trazia à rédea.

Logo à porta a velha, apertando as mãos, contava como
Cristóvão se conservara quieto, e tão bom, brincando na
horta ou atento às histórias, que ela sabia, de fadas e de mouros.
O lenhador coçava a barba, contente: — e Cristóvão, diante da
40 lareira, onde a lenha estalava, sorria pasmadamente, sacudindo as
mãos cheias de terra.

Quando os frios vieram, a serradeira, às vezes, ao lidar na
cabana, gemia, esfregando os joelhos. Cristóvão arregalava para
ela os olhos compadecidos. E um dia que ela coxeava, gemia
45 mais, saindo para a fonte, Cristóvão timidamente tocou na asa do
grosso cântaro de barro, murmurando, muito vermelho: «Eu vou».
Espantada, ela deixou, ficou à porta vendo Cristóvão desapare-
cer entre os olmos e logo voltar, subindo a vereda, sob a chuva
fria, com o cântaro que lhe pesava menos no braço estendido
50 que uma malga ligeira. Todo ele sorria, com um contentamento
profundo. A velha limpou-lhe os cabelos molhados — e, pela vez
primeira, desde que guardava a cabana, tomando Cristóvão como
um ser humano, falou das dores dos seus pobres ossos, no seu

21: fiava, —] fiava — [1970]

37: conservara] conservava [1970]

homem que lhe deixara a velhice sem pão, na morte que vinha
55 perto com uma grande foice. Mas a face que Cristóvão erguia
para ela, agachado à lareira, voltara à imobilidade, sem alma e
sem calor, duma face feita de pedra. E foi para o seu velho
gato, que tomara no regaço, não para Cristóvão, que a serradeira
prolongou, no silêncio, os queixumes da sua velhice. Nessa tarde,
60 porém, Cristóvão varreu a cabana com a vassoura que a velha,
coxeando e gemendo, lhe metera nas mãos.

E, desde então, ele começou a fazer pouco a pouco todos
os trabalhos domésticos. Através do longo inverno a serradeira
não se moveu mais do canto da lareira, fiando na sua roca, com
65 o gato agachado aos pés. Cristóvão ia encher a bilha à fonte,
acendia a lareira, areava a panela, polia as ferragens do armário,
batia os colchões dos catres — e mesmo aos sábados, numa
dorna cheia de água quente e cinza, fazia a barrela da roupa.
E, em todos estes serviços, punha uma aplicação, um interesse
70 profundo. Todo o seu imenso corpo se tornava mais ágil, mais
pronto. Já dos seus grossos lábios, que só se alargavam num sor-
rir pasmado e morto, saíam murmúrios vivos: «Está bem! Ficou
bem... Cristóvão limpou!»

À noite, à ceia, esfarelando com lentidão a broa no caldo,
75 o lenhador contemplava com espanto o seu Cristóvão, que lhe
parecia diferente, mais atento, desentorpecido, conhecendo já que
ele abatia árvores numa floresta, que a égua branca, e as terras,
e os gados que pastavam, pertenciam a um Senhor, e que aos
domingos se descansava para visitar Deus na sua casa, onde os
80 sinos cantavam no ar. Mas o que encantava o bom lenhador era
o cuidado novo de Cristóvão em o servir, — desejo que lhe
nascera no coração de repente, sem que ninguém lá o semeasse.
Mal o sentia subindo das terras, ia, com o seu andar embalado
e lento, tomar a rédea da égua, para a levar para o curral, onde
85 a palha estava serrotada, e o balde cheio de água; na cabana, de
joelhos, desapertava-lhe os cordões das grossas botas de couro, que

57: duma] de uma [1970]

78: Senhor,] senhor, [1970]

81: servir, —] servir — [1970]

83: ia,] ia [1970]

a lama cobria; e estendia diante do lume, com cuidado, o seu
surrão de estamenha, trespassado das humidades da mata. O bom
lenhador murmurava, radiante como um bem-aventurado: «Foi
90 Deus que te mandou, filho meu!» E nos olhos com que Cristóvão
lhe sorria, ele, apesar de rude e simples, percebia uma claridade,
um brilho desacostumado. O seu inocente já pensava, já compreen-
dia. Pálida ainda e hesitante, mas certa e de todo visível, uma
almazinha despontava naquele corpo imenso, como uma pequena
95 luz numa grande torre.

Depois da ceia, aproveitando o resto do candil, o lenhador
tinha já o contentamento inefável de conversar com o seu filho,
como outrora com a sua boa companheira, — contar o seu duro
dia na mata, a árvore que fora derrubada, as madeiras vendidas
100 para as obras do Mosteiro, as queixas dos serradores contra o
senhor senescal. O seu pobre lar perdia a frialdade e o silêncio,
que até aí, engolido tristemente o caldo, o fazia estirar no catre
viúvo, tão triste que até o ramalhar dos sobreiros lhe parecia um
gemer humano. Agora tinha um companheiro — e podia, com
105 felicidade, começar a envelhecer.

Teve então orgulho no seu filho, desejou que na aldeia o
conhecessem. Cristóvão crescia sempre, — e era já, antes dos dez
anos, como um homem de grande corpo e de grande força, que
conservasse, na face lisa e sem barba nem penugem, a candidez
110 duma criança, alta apenas como uma sebe. Um cabelo ruivo e
encaracolado, que lhe nascia das sobrancelhas cerradas, cobria-
lhe a cabeça pequenina como um barrete muito justo de lã de
carneiro, até ao pescoço, onde os músculos tinham a saliência, a
rijeza, a amplidão dos dum toiro. A boca larga constantemente
115 se alargava mais num sorrir para tudo, de candidez e pasmo.
E os seus olhinhos, pequeninos como contas azuis, tinham uma

87: cobria;] cobria: [1970]

89: bem-aventurado;] bem-aventurado: — [1970]

99-100: madeiras vendidas para as obras do] madeiras fornecidas para o [1970]

100: Mosteiro,] mosteiro, [1970]

110: duma] de uma [1970]

111: das sobrancelhas] nas sobrancelhas [1970]

114: dum toiro,] de um touro. [1970]

doçura que se derramava, em redor, como uma carícia vagarosa e compassiva. Todos os seus vastos membros se moviam com uma lentidão tímida: e, mesmo para descer à fonte ou contornar a sebe da horta, se acostumara a trazer um bordão, a que apoiava, quando parado, as duas mãos enormes, e por cima o queixo pesado, marcado com uma cova funda. Duma peça de camelão azul, que o pai há muito guardava na arca, o alfaiate dos pajens do castelo talhara-lhe um capuz de romeira, e um gibão direito como um saco que, franzido na cinta por uma tira de couro, caía em pregas longas e grossas sobre as botas escarlates, com relevos cosidos de cordovão amarelo. E, assim enroupado e limpo como um filho de mercador, o levava o pai todos os domingos, sorrindo de orgulho, pelos caminhos, à missa na aldeia.

Cristóvão penetrava na velha igreja, de muros severos como os duma cidadela, com um enleio, um medo vago. Ele sabia que aquela alta casa de pedra, com lâmpadas que rebrilhavam, era de Deus Nosso Senhor, que tinha uma assim em cada aldeia, onde, nos dias quietos e silenciosos em que se não trabalhava, o povo, vestido de panos novos, o vinha visitar e louvar. E desde o domingo de maio, em que ele descera da cabana, através dos campos verdes, entre as sebes de madressilvas, para ouvir a sua primeira missa, sempre aquela casa de Deus Nosso Senhor deixara, na sua alma simples, o terror dum lugar muito rico, muito triste, e todo cheio de mistério. Uma grande sombra fria caía das abóbadas escuras. Todas as imagens, sobre os altares, lívidas, emaciadas, pareciam sofrer: — o moço nu que torcia o corpo amarrado a uma árvore, e trespassado de frechas; a rainha, tão triste, sob a sua coroa de ouro, e no seu manto de cetim, com o coração varado por sete espadas; o monge, com um resplendor de prata, que mostrava as chagas das mãos abertas. Em tocheiros de ouro lavrado ardiam longos lumes de tristeza. Panos de veludo, de seda, com recamos rebrilhantes, tapavam

117: redor, como] redor, sobre tudo, como [1970]

122: Duma] De uma [1970]

131: duma] de uma [1970]

136: maio,] Maio [1970]

139: dum] de um [1970]

recantos donde por vezes saía como o murmúrio dum gemido.
 150 Toda a multidão dobrava para as lajes as faces cheias dum
 pensar triste. E a faixa de luz duma fenda, aberta na muralha,
 alumiaava a melancolia maior, o Homem pregado numa cruz
 com pregos, com sangue vivo nos joelhos, no peito, nos pés,
 que erguia a face atormentada para o Céu e parecia chamar,
 155 num abandono. E assim, pois, era a casa do Senhor, cheia de
 ouros, de sangue que escorria, de veludos magníficos, de tristeza
 e de mudez!

Diante do altar maior, no entanto, um velho, todo calvo,
 coberto com uma capa resplandecente, alargava os braços, beijava
 160 a toalha bordada da ara, voltava as folhas dum grande livro,
 ofertava para as alturas um bolo de farinha muito alva, bebia
 por um copo onde joias faiscavam. Voltado para ele, ao lado
 do pai, Cristóvão ajoelhava como o pai sobre as lajes, traçava
 uma cruz sobre a testa, martelava o peito com os seus duros
 165 punhos: — mas permanecia tão insensível e alheio à adoração
 que ante ele se desenrolava, como o pilar de pedra escura,
 a que findava por se encostar, fatigado daquela melancolia
 da casa de Deus. Os seus olhos então embebiavam-se numa
 grande pomba branca, que se conservava imóvel, com as asas
 170 abertas, por cima do sacrário, e que cada domingo o atraía
 mais, sempre ali, fiel, paciente, sem que uma das suas penas
 estremecesse: só ela era doce, alegre, natural, na sua brancura
 adorável, e macia à vista: com um bico claro, patas rosadas,
 só ela não tinha, no seu corpo de pomba, nem ouro, nem
 175 sangue: natural, e igual às outras pombas, só ela o não assus-
 tava, nem deslumbrava: — e Cristóvão não compreendia por
 que se conservava ali, naquela sombra fria, entre granitos, ao
 lado de agonias e dores, e não vinha voar e arrulhar com as
 outras, sobre os castanheiros do adro.

149: dum] de um [1970]

150: dum] de um [1970]

151: duma] de uma [1970]

154: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

160: dum] de um [1970]

173: bico claro,] bico branco, [1970]

180 O seu incerto pensamento ia então para os prados que
atravessara, descendo das cabanas, para a verde frescura do
choupal, para o sol que aquecia os lagartos dormindo nas pedras
brancas. Teria decerto gostado de ficar lá, pelos campos, pela beira
do rio, todo o longo domingo, sentindo a erva fresca entre os
185 joelhos, roçando a mão pela frescura das ramagens baixas. Mas nos
domingos era necessário visitar, louvar a Deus Nosso Senhor.
Só assim, como lhe afirmava o pai, se subia depois ao Céu. Ele,
decerto, iria um dia para o Céu. E uma inquietação passava
na sua alma, porque o Céu, como a Igreja, se lhe afigurava
190 escuro, pesado, com ouros, grandes panos de seda, Homens
cobertos de sangue, Rainhas com o pobre coração varado de
espadas — um sítio, além, nas alturas, muito rico, e muito triste.
Quanto melhor a horta em que vivia, com a cerejeira, a sebe de
madressilva, e a salsa junto da dorna! Um rumor passava entre os
195 pilares de pedra, todas as faces sorriam, mais claras. O senescal
descia do seu banco, a missa findara. E um contentamento enchia
o coração de Cristóvão, tornando a ver os castanheiros do adro.

Então, pouco a pouco, tomou mais familiaridade com
florestas e prados. Já corria a sua grossa mão sobre a doçura
200 dos musgos; trepava aos troncos para espreitar para dentro
da densidão das folhagens; estirava-se no meio das relvas altas,
rolando os seus cabelos crespos pela brancura das margaridas. E ao
mesmo tempo descobria, dentro de toda esta natureza, uma
vida múltipla, vasta, ativa e maravilhosa. A terra, que ele remexia
205 com os seus dedos grossos, estava toda mole dos vermes que a
habitavam; cada hastezinha de relva abrigava um povo de insetos,

180: O seu [1970; *não abre parágrafo*.]

181: das cabanas,] da cabana, [1970]

187: Céu. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.*]

187-8: Ele, decerto,] Ele decerto [1970]

188: Céu. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.*]

189: Céu, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu,*]

189: Igreja,] igreja, [1970]

190: Homens] homens [1970]

191: Rainhas] rainhas [1970]

200: musgos;] musgos: [1970]

203: natureza,] Natureza, [1970]

mais numerosos que a gente da aldeia, aos domingos, sob os castanheiros do adro; cada folha cobria uma asa; nas espessuras, longos dorsos peludos roçavam as suas pernas lentas; olhinhos
 210 brilhantes espreitavam dentre a negrura das tocas; o restolhar dos matos dizia a passagem das feras. Um confuso, obscuro amor por todos estes seres, crescia no seu coração simples. Passava horas encantadas, estirado nas ervas à beira duma poça clara, admirando os insetos de grandes patas que riscam a água lisa; chamava
 215 com as mãos, sorrindo, todos os veados que, à orla das clareiras, subitamente mostravam a face majestosa e séria, entre os troncos dos castanheiros; e parava nos carreiros verdes de humidade e musgo para acariciar o dorso dos sapos.

Assim a floresta se lhe tornava familiar e íntima, e nela
 220 passava os dias, nos retiros mais densos, enterrado entre as verduras, agachado contra uma rocha, de bruços sobre uma poça de água, sem se mover, vegetando na doçura infinita de sentir os seus longos cabelos emaranhados nas folhas, os ombros aquecidos pelo mesmo sol que batia as pedras, as rãs saltando sobre os seus
 225 pés como sobre troncos meio enterrados nas ervas húmidas. Só a fome o fazia recolher à cabana. Os seus passos desprendiam-se a custo, como se já tivesse raízes: todo ele cheirava a torrão e humidade, e era na penumbra da tarde como um tronco que se separava de outros troncos. Crescera tão prodigiosamente que se
 230 agachava todo para transpor a porta da cabana. Como nenhuma tripeça sustentava o seu peso, sentava-se no chão diante da lareira aos pés do pai, embebido no espanto, na admiração daquela força.

O bom lenhador então já lhe não dizia ao partir para a mata: «Cristóvão, não saias da nossa horta, que te pode vir
 235 mal.» E pouco a pouco começou então a percorrer, maravilhado, os prados, as bordas do rio, os densos arvoredos, para que tantas vezes da porta da cabana se tinham alongado os seus olhos pasmados e vagos. Lento e incerto, como uma rês tresmalhada descia

213: duma] de uma [1970]

220: dias, nos] dias, entre os [1970]

228: era / tarde] era, / tarde, [1970]

234: mata: «Cristóvão,] mata: — «Cristóvão [1970]

238: tresmalhada] tresmalhada, [1970]

240 pelos caminhos abertos, orlados de sebes, parando a cada passo,
ficando a pasmar para os trigais altos, para os longos prados,
macios e doces à vista como veludo verde, todos avivados de
margaridas, papoulas e botões-de-ouro; cortando pelos choupais,
ia admirar, durante longas e mudas horas, o correr e o brilhar do
245 grande rio; ou penetrava sob os pinheirais, onde se esquecia até
ao entardecer, vago e pensativo, respirando com espanto e amor a
frescura, o silêncio e o aroma das resinas. Depois recolhia à cabana
devagar, com os braços caídos, a face no ar, risonha e contente.

De noite sonhava com ramagens tenras que lhe acariciavam
a face, com águas claras e frias que fugiam, cantando, entre os
250 seus pés nus, enterrados na areia. E quando de manhã outra vez,
fechando o loquete de pau da cabana, descia para os campos, era
em todo o seu coração como um desejo de abraçar, num abraço
inteiro, toda a terra que via, desde as flores silvestres dos caminhos
até a vasta floresta que cobria as colinas, magnífica e sombria.
255 Mas era nele como uma timidez, um pudor que o retinha mesmo
de tocar nas amoras...

Os pajens que pela tarde vinham à fonte rir com as moças, tendo falado dele, nas veladas do castelo, o Castelão quis vê-lo. E uma manhã, seguido do pai, que pusera os seus melhores trajes, subiu a colina, que levava à ponte levadiça. Dous archeiros, com saíões de couro, guardavam a porta; e os molossos no pátio puxavam furiosamente as correntes que os prendiam, ladrando, com as patas erguidas, contra o gigante que passava. A fachada do castelo erguia-se majestosamente, com um alto portão ogival sobre degraus de mármore, duas torres aos cantos com telhados agudos, cobertos de lousa em escamas; e a cada janela havia um vaso de barro amarelo, onde crescia um craveiro.

Um pajem levou-o pela alta escada, e tendo erguido uma tapeçaria, deixou-o numa sala, em abóbada, onde um tronco de árvore ardia sob uma alta chaminé, e lanças agudas brilhavam encostadas às paredes nuas e frias. Um galgo branco entrou correndo e pulando, e logo atrás o Castelão e uma dama apareceram, com pajens que os seguiam, e um padre que trazia nas mãos um breviário. Uma túnica de veludo orlada de peles

3: Castelão] castelão [1970]

5: colina,] colina [1970]

17: Castelão] castelão [1970]

20 envolvia o corpo magro do Senhor, caindo sobre os sapatos pontiagudos, também orlados de peles. A barba ruiva avançava, dura e pontiaguda: o nariz era como o dum abutre: e sob o barrete de veludo, a grenha crespa, fugia, para trás, como uma romeira hirta. O alto *béguin* da dama roçava quâsi o alto da
25 porta; o seu vestido escuro arrastava nas lajes, e os olhos baixos pareciam contemplar as mãos caídas e cruzadas, mais pálidas que cera, donde pendia um rosário. Um truão ao lado deles, anão e corcunda, pousava com um orgulho burlesco a mão nos grossos copos duma espada de pau.

30 O pai de Cristóvão caíra de joelhos, e como Cristóvão permanecia de pé, com o seu barrete de pele debaixo do braço, ele puxava-lhe pelo saio para que ajoelhasse também. Os seus joelhos por fim vergaram, ressoaram nas lajes. E diante o Senhor, puxando entre os dedos os pelos da barba dura, a dama com
35 um sorriso tímido, e o capelão de mãos cruzadas no ventre, contemplavam os grossos membros de Cristóvão. A uma ordem do Senhor, ele ergueu-se, deu um passo. O Senhor apalpou-lhe os músculos, puxou-lhe mesmo a carapinha: — depois, a nova ordem sua, três homens trouxeram uma enorme espada de ferro,
40 enferrujada, que parecia a clava de Hércules. Com um movimento ligeiro, Cristóvão brandiu-a no ar. Então o truão, arrancando a sua espada de pau, avançou para Cristóvão com os ademanes dum espadachim: os guizos do seu barrete tilintavam; a sua corcunda torcia-se grotescamente; e com uma vozinha esguia,
45 gritava: «Peravante! Deus o manda!» Então Cristóvão baixou a espada de ferro; a sua boca fendeu-se, mostrou uma cavidade imensa, — e saiu dela uma risada enorme, troante, ressoante, que abalou os vidros nos seus caixilhos de chumbo. A dama tapou

20: Senhor,] senhor, [1970]

22: dum] de um [1970]

29: duma] de uma [1970]

33: Senhor,] senhor, [1970]

37: Senhor,] senhor, [1970]

37: Senhor] senhor [1970]

38: carapinha: —] carapinha — [1970]

43: dum] de um [1970]

43: tilintavam;] tilintavam: [1970]

os ouvidos com as mãos pálidas; os pajens por trás abafavam o
 50 riso; — e com um gesto da sua mão cabeluda, o Senhor mandou
 que conduzissem Cristóvão às cozinhas.

Em baixo, na cozinha, sob a alta chaminé, grandes peças de
 carne, em espetos, assavam diante duma fogueira enorme que
 estalava — enquanto que, nas caçarolas suspensas de correntes de
 55 ferro, a água fervia fazendo palpitar as tampas. Os cozinheiros, com
 rolos de pau muito branco, enrolavam massas: um jorro de água
 cantava numa bacia de pedra; e duas aias muito velhas, sentadas
 em escabelos, fiavam junto da janela, onde cresciam manjeriões.
 Um servo trouxe uma malga enorme, onde uma enorme colher
 60 de pau vinha espetada na espessura dos legumes e das febras de
 carne. Com a cabeça baixa, Cristóvão devorava: — mas, junto da
 porta escura, subiam, vindos de baixo, gemidos de homens como
 no esforço de carregar um fardo muito pesado: Cristóvão deixou
 a colher, limpou a boca com as costas da mão, e desapareceu sob
 65 o arco escuro: — e daí a momentos subia trazendo às costas uma
 vasta pipa de arcos de ferro: atrás vinham dous homens, limpando
 ainda o suor, a arquejar. Para recompensar Cristóvão, o cozinheiro
 ofereceu-lhe uma terrina cheia de vinho: ele bebia lentamente,
 segurando-a nas duas mãos, com os olhos cerrados.

70 Depois, apanhando o seu barrete de pele de coelho,
 saiu. As aias corriam às janelas para o ver. De sobre as ameias
 os homens de armas debruçavam-se: e ele caminhava, confuso,
 coçando devagar a grenha.

No entanto o inverno sobreveio. Os caminhos estavam bran-
 75 cos de neve. E sobre os ramos descarnados e nus, os pássaros
 caíam mortos. Uma tarde o pai de Cristóvão voltou pálido da
 floresta, e sentou-se à porta a olhar o sol que descia ao fundo
 do vale. Cristóvão estava adiante, sentado, encabando toscamente
 uma lâmina de foice. Quando o sol se sumiu sentiu por trás

53: duma] de uma [1970]

54: que,] que [1970]

70: pele de coelho,] pele, [1970]

76: tarde] tarde, [1970]

79: foice.] foice; [1970]

80 um gemido; voltou-se: — o pai estava com a cabeça caída
contra a parede da casa, a mão sobre o coração. De noite, os
gritos de Cristóvão atroavam a aldeia. Vieram homens com for-
quilhas, mulheres encolhidas nos mantéus, erguendo, diante da
face, uma lanterna. O cadáver estava estirado no chão sob um
85 lençol. E à porta, que enchia com o seu vasto corpo, Cristóvão
chorava estridentemente.

Dous dias, duas noites, Cristóvão ficou estendido à porta com
a face contra o chão: por vezes um soluço sacudia-o todo; depois
a sua imensa forma era tão imóvel como os troncos em redor,
90 derrubados e rígidos. O inverno e a fome tinham espalhado pelos
caminhos gente sinistra, que assaltava os casebres. Um bando veio
subtilmente numa dessas noites: e, penetrando pela janela aberta,
roubou tudo dentro, os vestidos, as ferramentas, o grão da arca,
as roupas do catre — enquanto, prostrado, Cristóvão ressonava
95 lentamente, como o ruído dum rio na escuridão.

De manhã, vendo o casebre vazio, Cristóvão desarraigou um
choupo novo, limpou-o de todos os ramos, e apoiando-se ao vasto
tronco, subiu pelo monte, desapareceu.

80: voltou-se: —] voltou-se, [1970]

95: lentamente, como] lentamente, com [1970]

95: dum] de um [1970]

Durante um ano viveu na serra. E pouco a pouco, naquela solidão, longe de toda a vida humana, ele quási perdeu a sua humanidade, e foi como um pedaço da montanha que o cercava. Sentado durante dias, imóveis, os seus grossos membros brancos não se distinguiam das rochas: o mesmo vendaval esguedelhava-lhe os cabelos e as ramarias das árvores: e a sua voz, quando se erguia, confundia-se com o rugir das torrentes. As feras não tinham medo dele; as aves pousavam sobre os seus braços como sobre troncos dobrados. A serra era solitária. Outrora vivera lá um ermita, mas as penitências tinham-no extenuado. Um anjo descera a buscá-lo, e a cabana que ele habitava desfizera-se, prancha a prancha, sob os chuviros do inverno. Durante um ano Cristóvão não vira um olhar humano pousar-se nele, nem uma voz humana tinha alegrado o seu coração.

Quási esquecera os homens: e no seu espírito simples apenas muito confusamente restava a memória dos casais, dos lugares, e das crianças rindo por trás das sebes. Os seus dias passava-os imóvel, olhando: por vezes movia um braço com a lentidão dum ramo

5: Sentado durante dias, imóveis,] Sentado, durante dias imóvel, [1970]

18: passava-os] passava-os, [1970]

19: dum] de um [1970]

20 sacudido da aragem: e quando os trovões estalavam, erguia um instante a face para o céu; depois, recaía na sua imobilidade.

Um dia, porém, sentiu tilintar guizos, e vozes que falavam. E por trás dumas rochas surgiu uma fileira de mulas carregadas, que homens armados conduziam. Como a noite descia, os homens
25 pararam numa clareira: daí a pouco ardia um fogo claro, tapetes juncavam o chão, e os homens, sentados em roda, passavam de mão em mão um pichel de vinho. Cristóvão toda a noite, dentre a floresta, os espreitou: — e uma curiosidade infinita tomava-o de ouvir de perto as suas falas, beber do pichel, aquecer-se ao fogo
30 claro. Se eles quisessem, ele conduziria algum dos fardos.

Um estranho, singular impulso o levava a querer bem àqueles homens, — e toda a noite rondou para que as feras não atacassem o rancho.

De manhã, eles enrolaram os tapetes; a longa fila de machos desceu a encosta, e os guizos que tilintavam perderam-se pelas quebradas.
35

Então, um frio estranho, um frio que ele não compreendia, que não vinha do vento, nem da neve, arrefeceu Cristóvão até ao coração. E, através da sua simplicidade, sentia que não teria tanto frio, se ouvisse outras vezes vozes humanas, e os passos de animais
40 conduzindo fardos, e uma fogueira acesa por mãos de homens.

Começou então a percorrer a serra, os desfiladeiros, os barrancos, os vales, os bosques, as rochas que conhecia. E de cada vez aquela sensação de frio o mordida tanto, e tanto, que subitamente se sentiu como exausto: a cabeça pendeu-lhe entre as mãos, e grandes
45 lágrimas rolaram-lhe pela face. A tarde caía: a noite veio cheia de estrelas. E Cristóvão, imóvel, sentia, através das lágrimas, surgirem-lhe como visões de coisas desvanecidas, uma velha carregada de lenha, e arquejando sob o fardo; crianças que não podiam passar um rio; uma junta de bois que não podia puxar um carro
50 carregado de pedras. E um desejo imenso vinha-lhe de sacudir aquele frio, trabalhando, carregando o fardo da velha, ajudando a junta de bois. Tomou o seu cajado, e começou a descer a serra.

23: dumas] de umas [1970]

45: caía: a noite veio] caía — a noite veio, [1970]

47: desvanecidas,] desvanecidas: [1970]

49: carro] carro, [1970]

Uma tarde, na fonte, as mulheres viram como uma torre que avançava: as mais novas fugiram de medo, mas outras mais velhas erguiam as mãos e diziam: «É Cristóvão! É Cristóvão!»

5 O seu vasto corpo crescera ainda, e a sua grenha ruiva ia mais alta que as mais altas árvores; lento nos movimentos, cada um dos seus passos parecia despregar-se do chão, com dificuldade; todo ele cheirava a torrão e a arvoredos; uma barba ruiva, como um capim queimado, cobria-lhe a face: — e os seus olhos azuis
10 conservavam, como os duma criança, um espanto perpétuo.

Ao chegar junto da fonte baixou a cabeça, bebeu com lenti-
dão; depois, limpando os beiços, olhava, com um bom sorriso, as
mulheres, que já sem medo, reconhecendo o filho do lenhador,
se ajuntavam em torno dele, tocando-lhe com as toucas altas pelo
15 joelho, e erguendo os olhos pasmados para as alturas da sua face.

Obtuso de espírito, ele não reconhecia ninguém — mas sorria sempre. Pouco a pouco, porém, na grande penumbra do seu

4: diziam:] diziam: — [1970]

6: árvores:] árvores: [1970]

7: dificuldade:] dificuldade: [1970]

8: arvoredos:] arvoredos: [1970]

10: duma] de uma [1970]

14: se ajuntavam] se juntavam [1970]

espírito, decerto surgiram certas memórias dos tempos em que, ainda pequeno, era o servo da aldeia, e os seus enormes braços moveram-se com lentidão como procurando de novo fardos a levantar, fraquezas a socorrer. E quási imediatamente, vendo uma
20 velha que passava, vergada sob um molho de lenha, tirou-lho e meteu-o, como uma simples acha, sob o braço: depois como um carro com pedra passava, tão pesado que os bois o não podiam
25 puxar, desatrelou o gado, tomou o timão. Mas avistando ainda o moleiro, que picava o seu velho burro carregado de sacos de farinha, com os seus cinco enormes dedos ergueu os fardos do jumento: atirou ainda para os ombros um pobre velho, manco, que mal se arrastava — e assim, com o molho de lenha debaixo do
30 braço, o velho pendurado do pescoço, os sacos pendentes da mão, o pesado carro de pedra preso pelo outro braço, começou a caminhar para a aldeia, seguido das mulheres, que acenavam para o lado, para as portas dos casais, e gritavam: «É Cristóvão! É Cristóvão!»

Despojado dos fardos, foi-se sentar no cruzeiro — e a sua
35 cabeça chegava ao seio de Jesus crucificado, e parecia repousar sobre ele. No entanto, de toda a aldeia, gente corria a ver Cristóvão. Os homens vinham da taberna, limpando à pressa os beiços: as mulheres vinham fiando, outras trazendo ainda na mão as hortaliças dos caldos. As crianças, ao princípio assustadas, vendo que ele
40 lhes estendia a mão com um bom riso, saltavam-lhe para cima da palma, e ficavam de lá rindo e acenando com os barretes como do alto dum eirado. O Regedor das terras veio por fim diante de Cristóvão rolando os olhos redondos, coçando o queixo, e falando baixo ao archeiro que o seguia, desconfiado
45 decerto daqueles fortes músculos, que podiam arrasar a aldeia, tudo roubar e vencer os archeiros: mas decerto todas as suas algemas não eram bastante fortes para algemar aqueles enormes

18: tempos em que, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: tempos, que,*]

25: timão.] timão: [1970]

33: gritavam:] gritavam: — [1970]

39: crianças,] crianças [1970]

41: barretes] barretes, [1970]

42: dum] de um [1970]

42: O Regedor] O regedor [1970]

pulsos, por onde as crianças trepavam, como por troncos de olmeiros: e afastou-se com dignidade, coçando sempre o queixo agudo. Mas duas mulas zurravam, por trás do caminho, — e apareceram dous guardiões do convento, que, decerto avisados, desviavam-se do caminho para ver o enorme gigante. Todas as mulheres dobraram o joelho, e os homens com os barretes nas mãos baixavam os olhos: — e então o mais velho espicaçou a mula com os calcanhares até a fazer chegar junto de Cristóvão. Para experimentar, com receio que em tão grande corpo habitasse Satanás, fez o sinal da cruz, murmurou três vezes o nome de Jesus. Cristóvão fez também uma cruz sobre a testa. Então, tranquilo, o guardião começou a andar em volta dele, batendo os calcanhares nos ilhais da mula, para o examinar, como um monumento. E a cada grosso músculo, a cada detalhe de força, uma ideia surgia nele: e falava baixo ao outro, que aprovava, com um sorriso reverente. Por fim o guardião gritou: «Cristóvão, se queres ganhar o teu pão, vai amanhã, a matinas, à portaria do convento.»

Os dous frades picaram as mulas. Pouco a pouco a gente recolhera aos casais, donde saía o fumo das lareiras acesas. Uma a uma, as estrelas brilhavam. E Cristóvão só, cansado, estirou-se junto ao cruzeiro, onde o sacristão veio acender uma lâmpada. Estirado de costas, Cristóvão olhava as estrelas. Eram as mesmas que ele tantas vezes contemplava na serra: — mas pareciam-lhe mais brilhantes, mais próximas, e derramando um calor como lâmpadas que alumiam uma morada humana. E ele mesmo, enfim, sentia vir daqueles casebres, que em volta se acendiam e mandavam o seu fumo para o céu, um calor que o penetrava até ao coração. Adormeceu sorrindo.

De manhã, chegou ao outro lado do vale, em frente do mosteiro. Uma muralha envolvia-o como a um castelo: — e por trás da porta, de grossa pregaria, os cães inquietos agitavam as

48: pulsos,] pulsos [1970]

50: caminho, —] caminho, [1970]

53-4: homens / barretes nas mãos / olhos:] homens, / barretes na mão, / olhos: — [1970]

79: porta, de grossa pregaria,] porta, pregada de ferros, [1970]

80 cadeias de ferro. No pátio enorme uma faia abrigava a roldana dum poço. Altas fachadas, com reixas nas janelas, erguiam-se em redor: — e ao fundo, junto à entrada da capela, havia um banco de pedra onde um guardião lia o breviário.

Ao ver Cristóvão, fechou o breviário, — e examinou-lhe
85 outra vez, com satisfação os grandes membros serviçais. Depois, por um corredor, alto e fresco, levou-o a um claustro que cercava um jardim: ruas areadas contornavam os canteiros de flores; ao meio cantava um repuxo; e um espaço, entre paredes que a hera revestia, estava lajeado, como chão de igreja. Aí quatro frades de
90 hábitos arregaçados jogavam a bola; outros mais longe conversavam, ao sol; e sob um caramanchão o Abade dormitava, com as mãos cruzadas no ventre.

Mas quando Cristóvão apareceu, tudo se interrompeu, todos ergueram as faces, um rumor correu de espanto: — e o guardião
95 diante de Cristóvão, que hesitava, com o seu barrete na mão, fazia-lhe sinais para o levar até ao Abade.

Sua senhoria deu um salto na cadeira ao encarar com o monstro. Depois ergueu as mãos ao céu, com olhos de piedade. Para mostrar a força de Cristóvão, o guardião mandou-lhe
100 erguer uma pilastra partida que jazia no chão. Cristóvão brandiu a pilastra, como um simples cajado: e todos os frades recuaram com grandes *ahs* maravilhados.

Cristóvão fora trazido para servir no convento, fazendo o trabalho de muitos serventes. O rancheiro, porém, perguntava
105 se era na realidade uma economia — porque ele igualmente comeria a ração de muitos homens. Os frades argumentavam com gravidade. O Abade porém decidiu. Além da economia, o convento ganhava a glória de possuir o mais forte de todos

81: dum] de um [1970]

84: breviário, —] breviário — [1970]

89-90: frades / arregaçados] frades, / arregaçados, [1970]

90-1: outros mais longe conversavam,] outros, mais longe, conversavam [1970]

91: Abade] abade [1970]

96: Abade.] abade. [1970]

98: céu,] Céu, [1970]

102: *ahs* maravilhados.] «Ahs!» maravilhados. [1970]

107: O Abade porém] O abade, porém, [1970]

os homens. E imediatamente Cristóvão foi levado às cavaliças,
110 para as limpar.

Foi o servo da comunidade — e sobre ele recaiu todo o
serviço do convento, onde havia oitenta frades, trinta novi-
ços, e dependências inumeráveis. Varria os pátios, limpava as
mulas, cavava as hortas, caiava os muros, carregava os sacos
115 de farinha, acarretava os feixes de lenha — e era ele que trazia
das pedreiras as grandes pedras para as obras da lavanderia.
Durante longos meses os seus fortes ossos rangeram sob o
trabalho violento. Substituía as cavalgadas, puxando os carros
pesados, com eixos de ferro. Todo o dia, dentro do convento,
120 na cerca, sob o sol ou sob a chuva, a sua forte figura se movia
no trabalho contínuo: só por vezes descansava, para tirar do
poço um balde de água, que punha à boca, e secava dum
trago. À noite, estendido sobre as lajes do pátio, dormia dum
sono de animal, entre os cães soltos, que lhe punham as patas
125 sobre o peito, como sobre um rebordo de muralhas, para ladrar
contra os ruídos da noite.

Todos os anos, na véspera da Candelária, o Padre-
-Mestre reunia os serventes, e interrogava-os sobre a doutrina. Cris-
tóvão não pôde responder, nem sequer enfiar o Padre-Nosso. Não
130 sabia quem criara o mundo — e eram-lhe desconhecidos os casos
do Paraíso. Aterrado com tão negra ignorância, o Abade ordenou
que Cristóvão assistisse à aula de História Sagrada. O seu imenso
corpo não cabia nos bancos da escola: — e o Padre-Mestre dispôs
que Cristóvão, encostando-se ao muro do pátio, aplicasse a cabeça
135 à janela aberta da aula.

Quando a sineta do estudo tocava, Cristóvão chegava ao
muro: — e a sua imensa grenha surgia no parapeito da janela.

111-2: servo da comunidade — / serviço do convento,] servo do convento / serviço
da comunidade [1970]

122: dum] de um [1970]

123: dum] de um [1970]

127-8: Padre-Mestre] padre-mestre [1970]

129: Padre-Nosso.] padre-nosso. [1970]

131: o Abade] o abade [1970]

133: Padre-Mestre] padre-mestre [1970]

Todos os discípulos riam, — e os mais inquietos atiravam-lhe aos olhos caroços de frutos ou vibravam-lhe, como pequenas
 140 lanças, penas de pato que se lhe enterravam na grenha. Ele sorria, com paciente respeito.

Sentado no estrado o Mestre ensinava — e Cristóvão, como através duma névoa, entrevia as coisas maravilhosas do começo do mundo. Um Deus enorme, grande como ele, alargando os
 145 seus braços potentes, separava o Sol e a Lua; a sua voz era o trovão que rolava; e o seu sopro ora fazia curvar as florestas, ora encapelava as vagas. Mas os homens começavam a povoar a Terra, e Deus entrava logo em grandes cóleras. Ao seu capricho as cidades tombavam, sepultando sob as ruínas as criancinhas
 150 que sorriam nos berços; vastos prados secavam, e os gados balavam lamentavelmente de fome; um grande terror tomava a Terra: — e os homens viviam no terror daquela mão imensa, que só saía das nuvens para os devastar.

De noite, o doce sono fugia de Cristóvão. E, encolhido, voltava para o céu os olhos desconfiados. Se Deus reparando nele,
 155 de repente, fizesse sobre ele cair o fogo que queimara Gomorra? Todo o barulho o inquietava: e numa noite de trovoada os seus gritos acordaram todo o convento.

Mas o Padre-Mestre bem depressa começou a explicar os
 160 Dogmas. E foi como se toda a Terra e Céu perdessem a sua realidade, ficando apenas deles baixas névoas que flutuavam. Nas alturas já não governava um homem forte e velho de longas barbas: — mas uma trindade, que era de três, mas que

138: riam, — e os mais inquietos] riam — e os mais irrequietos [1970]

142: o Mestre] o mestre [1970]

143: duma] de uma [1970]

145: Lua;] Lua: [1970]

146: rolava;] rolava: [1970]

148: Terra [*adota-se a lição de 1970; em 1912: terra*]

150: berços;] berços: [1970]

151: fome;] fome: [1970]

152: Terra [*adota-se a lição de 1970; em 1912: terra*]

159: Padre-Mestre] padre-mestre [1970]

159-60: os Dogmas.] os dogmas. [1970]

160: Terra e Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: terra e céu*]

162: velho] velho, [1970]

165 formava um só, e era um Pai, um Filho e um Espírito que
 tinha asas. O pecado não era fazer mal, mas nascer, e a água,
 escorrendo numa concha, lavava-o como um linho sujo. Cris-
 tóvão arregalava os olhos desmedidamente — e as prédicas do
 Padre-Mestre eram como névoas que flutuavam intangíveis,
 logo esvaídas apenas formadas. Sentia como uma tristeza diante
 170 daquelas coisas inacessíveis: — e o suspiro que lhe fugia do peito
 fazia voltar os novíços, que, às escondidas do Padre, lhe faziam
 visagens como de demónios.

Um só parecia simpatizar com Cristóvão. Era um moço
 franzino, que tinha a sua banca junto da janela, sobre a qual
 175 caíam os caracóis dos seus cabelos louros. As suas mãos pálidas
 folheavam de leve um *in-fólio*. — e havia em todo ele como a
 gravidade dum letrado e a doçura duma virgem.

Todos os dias Cristóvão o via chegar da aldeia com o seu
 tinteiro metido no cinto, o rolo de papel sob o braço: e todas as
 180 tardes o seguia com os olhos quando ele, finda a aula, regressava
 à aldeia, folheando ainda pelo caminho algum livro onde havia
 cores brilhantes. Por vezes via-o parar, colher as flores silvestres
 do caminho. Ou alegremente, deitando os seus longos cabelos
 para trás, cantava sob a doçura da tarde.

185 Sempre que passava junto de Cristóvão, dizia-lhe: «Deus te
 salve!» E Cristóvão sentia como uma carícia na alma. Muitas
 vezes pensava nele — e voltava-lhe à lembrança o que ouvira ao
 Padre-Mestre, dos anjos que desciam à Terra, se misturavam
 às ocupações humanas. Ia então colocar-se no caminho em que
 190 ele passava. E um dia que os caminhos estavam alagados pela
 chuva, Cristóvão ofereceu-se para o passar ao colo. Desde então
 procurava maneiras de o servir. Nos dias de calor, tinha para ele
 a bilha de água mais fresca: e nos dias de frio, fazia depressa no

166: duma] de uma [1970]

168: Padre-Mestre] padre-mestre [1970]

171: Padre] padre [1970]

176: *in-fólio*] in-fólio: [1970]

177: dum letrado / duma virgem.] de um letrado / de uma virgem. [1970]

188: Padre-Mestre.] padre-mestre, [1970]

188: Terra, [adopta-se a lição de 1970; em 1912: terra,]

pátio um fogo de rama, para ele aquecer os pés húmidos antes
195 de subir aos claustros. Por fim, como o inverno se avizinhasse,
com os crepúsculos mais escuros, Cristóvão seguia-o na sua
volta à aldeia, para o proteger dos lobisomens, ou dos maus
encontros: e quando vieram as chuvas, ofereceu-se para o levar
às costas como um macho, até à porta da sua morada. Então
200 pelo caminho conversavam baixo: Cristóvão contava os seus tra-
balhos no convento, o moço dizia os seus desejos de ser militar,
conhecer o mundo, percorrer as cidades. Seu pai era o Regedor
das Terras e destinava-o para padre; mas ele queria casar com
uma prima, chamada Etelvina, que morava ao pé do castelo, para
205 além do Pego das Donas. E um dia que assim conversava, o
moço contou a Cristóvão que às vezes ia encontrar essa rapariga,
longe, à orla dum bosque; mas temia que a surpreendessem
os archeiros do pai, que rondavam os campos, ou os servos do
castelo mandados pelo pai de Etelvina. Se Cristóvão quisesse,
210 poderia ficar à orla, vigiando os caminhos, como uma torre,
e se viesse alguém chegando, avisá-los com um grito. Cristóvão
disse: «Irei para onde me mandares.»

203: Regedor das Terras] regedor das terras [1970]

207: dum] de um [1970]

209-10: quisesse, poderia] quisesse, podia [1970]

O sítio onde se encontravam era num claro de árvores derrubadas, à orla do bosque. Havia ali uma torre outrora erguida pelo Conde da Ocitânia. O Diabo um dia derrubara-a; e ainda se distinguíam nas pedras tismadas os vestígios das garras do Tentador. Um terror afastava dali os passos humanos: mas a abundância das flores silvestres, a doçura dos musgos, oferecia, aos audazes que lá chegavam, um asilo fresco de paz silvana. Era ali que se encontravam Alfredo e Etelvina. Para chegarem mais depressa, Cristóvão tomava Alfredo aos ombros, e com passadas de côvados, saltando as ribanceiras, transpondo os lameiros, chegava lá primeiro, ao cair fresco da tarde. Por um caminho que contornava a colina, viam descer Etelvina, que levantava o seu vestido cinzento, por causa dos espinhos das sebes. Como voltava da igreja, trazia um livro na mão. As suas duas tranças louras caíam-lhe pelos ombros. As longas pestanas dos seus olhos baixos faziam-lhe uma sombra na face da cor e doçura duma rosa branca. E junto da sua escarcela soavam as tesouras, as chaves, o dedal, pendentes da cinta por correntes de prata. O bom estudante dobrava diante

4: Conde] conde [1970]

16: pestanas / baixos] pestanas, / baixos, [1970]

17: duma] de uma [1970]

20 dela o joelho: e tomando-a pela mão delicada, caminhava com
ela pelo bosque, parando para lhe tirar da orla do vestido as
silvas que se lhe prendiam. Ela tinha sempre para Cristóvão um
sorriso a que se misturava o brilho dos seus olhos: e ele de
pé, vigiando o caminho, ficava pensando naqueles olhos, que lhe
25 pareciam estrelas. No arvoredo em torno cantavam as aves: um
aroma de verduras, de pinheiros, de madressilvas, flutuava no ar: e
por vezes os passos duma corça roçavam por entre a espessura
das faias tenras. E Cristóvão, apoiado a um forte cajado, lançava os
olhos em redor, pelo vale. Mas ninguém se aproximava da torre
30 derrocada. E ele, pouco a pouco invadido pela doçura da tarde,
pensava em doçuras que recebera, — na carícia das mãos de sua
mãe sobre a grenha crespa, nas festas das crianças que por vezes
sem medo lhe trepavam aos joelhos. Uma melancolia tomava-lhe
o peito. E, na sua vaga ternura, desejava apertar contra si todo
35 aquele vale, e as nuvens dos céus, e a água que fugia cantando.

No entanto Alfredo e a sua bem-amada vinham repousar,
sentados numa pedra. Ele olhava a fímbria do seu vestido, ou
segurava os seus dedos delicados, que arrancavam uma a uma
as flores dos malmequeres. Por vezes ele colhia um ramo; ou
40 apanhando o livro dela, que caíra a seus pés, voltava as folhas; ela
debruçava-se, e os fios soltos dos seus cabelos roçavam os ombros
de Alfredo: e muitas vezes assim se esqueciam, com os olhos postos
na mesma página que não voltavam, corados, com o peito a arfar.

Mas um dia que ambos passeavam longe, ao fundo dos
45 pinheirais, com os ombros juntos, Cristóvão ousou tocar o livro,
esquecido sobre uma pedra, e com os seus grossos dedos voltar
as folhas. Eram linhas negras que não compreendia: mas uma
emoção tomou-o diante das imagens cheias de cor. Parecia ser
uma história — e começava por uma criancinha, que num curral,
50 entre uma vaca e uma jumenta, sorria, toucada de estrelas, nos
joelhos duma mulher pálida. Depois a mesma criança, já maior,

21: tirar / vestido] tirar, / vestido, [1970]

23: sorriso] sorriso, [1970]

27: duma] de uma [1970]

31: recebera,] recebera [1970]

51: duma] de uma [1970]

e sempre coroada de estrelas, falava diante dum grupo de velhos barbudos, que espalmavam as mãos com espanto. Quem era esse, pois, que, tão novo, assombrava a velhice sapiente? Mais longe os dedos de Cristóvão, virando as folhas duras, encontravam o mesmo ser, que ele reconhecia pelo seu aro de estrelas, já homem, envolto numa túnica, passeando à beira dum lago: e não cessava mais de aparecer, pondo as suas mãos sobre os entrevados, estendendo os braços para as crianças, desatando as ligaduras dos mortos, consolando as multidões. Montado num burro, penetrava as portas duma cidade, entre um povo que o aclamava movendo folhas de palma; sentado sob um sicômoro, ouvia duas mulheres, que fiavam a seus pés; de joelhos, entre oliveiras, orava sobre um monte: preso em meio de soldados, com tochas, comparecia ante um juiz que erguia o dedo, pensando.

E Cristóvão sentia uma ansiedade de compreender, quando viu diante de si os dous noivos com os braços enlaçados, que sorriam. Surpreendido, Cristóvão fechou o livro. E como Etelvina, vendo a sua larga face perturbada e cheia de piedade, lhe perguntava se ele amava o Senhor, Cristóvão moveu a cabeça, sem compreender. Pois quê! Ele não conhecia o Senhor e não amava a sua doçura? Tão grande escuridão naquela alma encheu-a de piedade: e um escrúpulo rosou-lhe as faces, pensando que, enquanto ela se ocupava de amar, alguém, ao pé dela, vivia sem conhecer o Senhor. E então, para que bem merecessem de Jesus, e para recompensar a proteção de Cristóvão, ela pediu a Alfredo que lessem o santo livro àquele homem simples, que o ignorava.

Foi ao outro dia, por uma tarde de outono. Já as árvores se desfolhavam; mais tristemente cantava o regato; e uma palidez banhava o céu. Para ouvir melhor, Cristóvão sentara-se sobre um alto monte de pedras derrocadas. Alfredo, rindo, trepara ao seu vasto joelho, — e Etelvina sentou-se no outro joelho, tão simplesmente

52: dum] de um [1970]

54: pois, que,] pois que [1970]

57: dum] de um [1970]

61: duma] de uma [1970]

71: quê!] quê? [1970]

82: joelho,] joelho [1970]

como se fora uma rocha ou um cômodo de relva. Os seus pe-
ninhos cruzaram-se como os dum anjo: as suas mãos pousavam
85 castamente no regaço. Defronte, Alfredo abrira o livro: — e com
a vasta face de Cristóvão entre eles, era como se estivessem senta-
dos nos membros frios e duros duma enorme estátua de pedra.

E toda a tarde, no silêncio do arvoredor, Alfredo leu a vida do
Senhor. Disse a estrela brilhando sobre o seu berço, e os pastores
90 de longe vindo para ele, misturados aos Reis que traziam tesou-
ros. Depois homens duros chegavam com alfanges: e o Menino
sorria adormecido no colo da mãe, enquanto a burrinha, toc, toc,
os levava para o Egito. Lá repousavam sob uma palmeira: o sol
vermelho descia nas areias do deserto: e o Menino, rindo,
95 puxava as barbas de seu pai, cujo cajado floria como um ramo
de açucena. Mas era tempo que, o longo rolo sobre o joelho,
Santa Ana ensinasse a ler o Menino: seu pai sorria por trás na sua
grande barba, S. Joãozinho, ao lado, escutava com a mãozinha
apoiada à face; e dous anjos no alto erguem a mão, param os
100 ventos, para que nenhum ruído perturbe o Menino que aprende.
Depressa o Menino aprendeu, porque eis que velhos barbudos,
de mitra, arregalam os olhos espantados do seu saber...

Cansado de ler, Alfredo parava, com o dedo entre as folhas
do livro. E na face simples de Cristóvão havia tanto espanto,
105 como na dos doutores: o seu grosso lábio tremia. E murmurou
humildemente, e já cheio de amor:

— Mas que fez o Menino?

Quem sabe? Um doce silêncio caía sobre a Terra. Em Nazaré,
o carpinteiro aplaina a sua tábua, e S. João com os cabelos ao
110 vento partia para o Deserto. Mas já ao longe brilham as claras
águas dum lago, com barcos amarrados na areia: Jesus fala

83-4: pezinhas cruzaram-se] pezinhas cruzavam-se [1970]

84: dum] de um [1970]

87: duma] de uma [1970]

93-4: Lá repousavam / vermelho descia] Lá repousaram / vermelho desceu [1970]

94: Menino, rindo,] Menino rindo [1970]

98: barba,] barba: [1970]

105: como na] como nas [1970]

110: Deserto.] deserto. [1970]

111: dum] de um [1970]

devagar, erguendo o braço; e os pescadores deixam as suas redes, os semeadores esquecem a sementeira, os publicanos deixam os seus postos, os pobres saem dos cotovelos das estradas, e Jesus, seguido de todos, começa a caminhar pela Judeia. Uma incomparável doçura enche a vida dos homens. Jesus está entre eles. Os que não podiam ver, aclamam o esplendor da luz; os que não andavam, galgam, cantando, as colinas; todos os demónios se somem; os mortos desatam as suas ligaduras; não há dor que não espere consolação; as crianças têm um amigo, e as multidões, nas aldeias, veem o pão nascer do pão.

Porque vai ele a Jerusalém, terra dura, onde os homens, com as barbas agudas, gritam uns contra os outros, brandindo rolos da Lei? Mas, que importa! Ele vai para tornar os homens melhores, e o povo vai com ele, cantando. É então que o céu se começa a tornar escuro. Os Fariseus tramam baixo sob as arcarias do Templo. E uma ansiedade pesa na Terra...

E uma ansiedade enche também a face de Cristóvão. Porque não permanecera ele sempre Menino, sobre os joelhos da mãe, quando a Estrela luzia, e ele estendia a mãozinha para o focinho da vaca? Ou, se devia ser homem, porque deixou ele a beira do lago, e os caminhos verdes, onde a cada um dos seus passos a Terra se tornava melhor, e melhor a alma dos homens?

— Tens pena, Cristóvão?

Era Etelvina que assim murmurava com os olhos apiedados.

Ele moveu a cabeça, em silêncio. O seu vasto peito arfava, e um terror invadia-o de o ver a ele, tão bom, naquela cidade onde os homens eram tão duros.

— E depois?

Alfredo disse então os dias derradeiros. Tristemente, Jesus, sozinho, sobe, ao cair da tarde, para o vergel de Betânia. Aí são as melancolias duma felicidade que finda. Madalena, desgrehada, lava os seus pés cansados. Marta fia, com um fiar tão

118-9: colinas; / somem;] colinas: / somem: [1970]

126: Fariseus] fariseus [1970]

142: duma] de uma [1970]

142-3: Madalena, desgrehada, [adota-se a lição de 1970; em 1912: Madalena desgrehada]

lento como se fiasse um sudário. Mas já Jesus se assenta para a
 145 última ceia. S. João inclina a cabeça sobre o seio do Mestre. Judas
 aperta sob a túnica a sua negra bolsa. Jesus diz: «Em breve
 não estarei mais entre vós». A noite é escura; Jesus sobe deva-
 gar o monte, onde há oliveiras; e um anjo, todo coberto de
 negro, marcha no ar ao seu lado. Um vento passa no ramo das
 150 oliveiras. Um rumor de armas vem com o vento que passa...

Nos olhos de Cristóvão borbulhavam grossas lágrimas.
 E Alfredo dizia as tochas surgindo na escuridão das ramagens, os
 soldados brutais, e a prisão do Senhor. Porque o prendiam assim,
 e levavam, a ele, mais doce que o anho? Ei-lo que passa! E os
 155 seus pés, que encontravam o caminho do bem, sangram sobre
 as lajes duras, da casa de Pilatos à casa de Caifás. Traz sangue na
 face, as mãos arroxeadas pelas cordas, os ombros riscados pelas
 vergas: — e a sua doçura é tão grande que diz: «Porque me
 bateis?» A cruz que lhe dão é tão pesada, que cai uma vez, outra
 160 vez, ferindo os joelhos nas pedras, com grandes bagas de suor na
 face... Mas eis que em tropel todos sobem a colina: cravam com
 grandes pregos as suas mãos sobre o madeiro; cravam no madeiro
 os seus pés, com grandes pregos... E da água com que ele secava
 a sede das multidões pede, sem que ninguém o escute, um trago
 165 que mate a sua sede. Os homens maus atiravam pedras à sua
 cruz. E todo o mal era feito Àquele que não fizera senão bem!

E então um grande suspiro abalou o vasto peito de Cristóvão,
 e, na solidão do bosque, gritou:

— Oh! Porque não estava eu lá com os meus braços!

170 Os dous bem-amados estavam de pé diante dele, e o homem
 enorme chorava. Chorava pela morte d'Aquele que conhecera tão
 tarde. Chorava por todos os que, morto Ele, perdiam o amigo

144: se assenta] se senta [1970]

146: aperta sob a túnica] aperta, sob a túnica, [1970]

146: diz:] diz: — [1970]

154: a ele,] a ele [1970]

155: bem, sangram] bem, marcham [1970]

158: diz:] diz: — [1970]

melhor dos homens. — Mas porque o mataram? Porque o mataram? E Cristóvão, deixando os dous, desceu a colina chorando.

175 A noite caía no vale. Um vento triste vergava os canaviais. Cristóvão seguia e chorava. Os seus vastos pés empurravam as rochas como seixos. O seu ombro ao passar quebrava os ramos tenros. Oh! se ele estivesse então no monte escuro onde o prenderam! O seu braço sacudiria, como ervas secas, as espadas
180 reluzentes. Tomaria sobre o seu ombro o Mestre adorável. Fugiria com ele para a paz dos campos: e como um cão fiel, junto aos seus passos, defenderia dos soldados, dos padres, aquele corpo que era de Deus, e espalhava Deus entre os homens.

A noite caía, Cristóvão parou. E sentado sobre uma
185 rocha, com grandes lágrimas sobre a face, olhava as estrelas que, uma a uma, marcavam os pontos do céu. Era ali, naquela altura, que ele habitava. Oh! Se ele pudesse subir lá, e ver como era a sua face, e sentir a doçura das suas mãos! Porque não voltaria ele mais para consolar os pobres, secar as lágrimas, agasalhar as
190 criancinhas, e nutrir as multidões? Agora, que todos o amavam, ninguém o prenderia: o caminho que ele seguisse seria juncado de rosas; os Bispos, nas suas capas de ouro, cantando e balançando os incensadores, viriam ao seu encontro. E para o defender, os Barões correriam, cobertos de ferro e com lanças, nos seus
195 grandes corcéis! Porque não voltava? Ele seguiria pelo mundo os seus passos ligeiros: a cada instante afastaria as silvas, que o não magoassem; com grandes brados espantaria os cães que ladram às portas dos castelos; fardos que houvesse, com alegria ele os levaria; só ele, e mais ninguém, colheria os frutos para o Senhor,
200 ou iria buscar a água às nascentes melhores. De noite, faria com uma rama uma cabana para o abrigar do vento mau: — e estenderia

173: mataram? E] mataram? — E [1970]

174: colina] colina, [1970]

177: ombro ao passar] ombro, ao passar, [1970]

181: campos:] campos; [1970]

181: fiel,] fiel [1970]

184: caíra,] caíra. [1970]

192: Bispos,] bispos, [1970]

194: Barões] barões [1970]

o seu braço para que nele repousasse a sua cabeça cansada. E assim pensando, um imenso amor erguia-lhe o peito: — e, de pé numa rocha, os seus braços estendiam-se para o céu, para
205 neles estreitar Aquele que, para o salvar, fora pregado na cruz. E três vezes chamou: «Jesus, Jesus, Jesus!»

Então, perto dele, ouviu como um pranto que cortava o silêncio da noite. Vinha de longe, donde brilhava uma luz de cabana. Os seus passos foram para lá, esmagando a terra fresca.
210 E mais perto reconheceu o soluçar duma mulher que chorava. Decerto alguém sofria muito. Havia ali orfandade ou viuvez, uma miséria que erguia os braços para o céu. Porque não vinha o Senhor? Se ele habitasse a Terra, para aquele casebre iriam os seus passos. Ele iria atrás humildemente, seguindo-o. Mas Jesus
215 estava além, por trás daquelas estrelas. Porque não iria ele, como se seguisse o Senhor? Mais vivo e triste, o pranto cortou a noite. E Cristóvão devagar, e com medo, bateu à porta do casebre.

202: braço] braço, [1970]

205: que, / salvar,] que / salvar [1970]

210: duma] de uma [1970]

213: 'Terra, [adota-se a lição de 1970; em 1912: terra,]

IX

1

Longos dias são passados, e Cristóvão, na aldeia, é o servo de todos. As portas do convento nunca mais as transpôs: porque lá habitam a paz e a abundância, o celeiro está cheio de trigo, a adega cheia de vinho, uma grande alegria e orgulho reinam nos corações, — e para lá não iriam decerto os passos de Jesus, nem os seus a seguir o seu Senhor. Mas na aldeia há os velhos, os mendigos, os tristes, os órfãos, as viúvas; e a força dos seus braços pertence a esses, como o amor do seu coração, porque assim mandaria o seu Senhor.

10

Simple e tímido, Cristóvão impõe os seus serviços: mas toda a fraqueza, que recorre à sua força, ganha a gratidão da sua alma. E pouco a pouco, sentindo nele um amparo, todos os fracos vieram a ele, — de sorte que, desde que nasce a estrela de alva até que a noite cobre o vale, Cristóvão trabalha com tanta alegria, que o pesar dos maiores fardos lhe parece uma carícia, e nas feridas piores de curar sente um perfume inefável. Ele lava a terra dos velhos; desbasta as florestas, a grandes golpes de machado; seca os pântanos, com grossas pipas que carrega às costas; puxa os carros para que os bois não se esfalfem; transporta

15

20

4: paz e] paz, [1970]

11-2: mas toda] mas até ali, [1970]

aos ombros os coxos; guia os passos dos que não veem; vai ao longe mendigar o pão e a lenha dos pobres; embala os berços; cava as sepulturas dos mortos: — e quando não há vento, ele, retesando os braços, faz girar a mó dos moinhos. Constantemente
25 o seu nome é gritado por cima das sebes dos casais. Este tem o burro doente, e é Cristóvão quem transporta os fardos: aquele precisa um ceifeiro, e Cristóvão parte com a foice: aquele teto precisa colmo, e Cristóvão trá-lo às braçadas; para fazer o casebre da viúva não há pedra, e Cristóvão chega da remota pedreira,
30 gemendo sob os blocos da rocha. É Cristóvão quem sopra o fogo do ferreiro; é Cristóvão quem sacode, a matinas, a corda do sino: é ele que, sozinho, abre nos lameiros a calçada nova: é ele quem escava os poços nos pátios dos casais. À noite estava prostrado. Quando os grandes invernos alagavam a aldeia, abrigava-se num
35 vasto alpendre que mal o cobria todo: de verão estendia-se junto ao cruzeiro, e os primeiros pássaros, chalrando de madrugada, pousavam sobre os seus ombros, como sobre colinas escuras.

Aos domingos repousava, e esse era o seu dia melhor, porque as crianças brincavam com ele. Sentindo-o doce e paciente, todas
40 corriam para ele como para um grande bicho que as divertia: e trepando por ele, era como o vivo prazer de trepar a árvores e a torres. Por vezes, com as mãos pousadas na terra, ele oferecia o seu vasto dorso, em que cavalgavam, presos pelas cintas, uma longa fileira de corpinhos ágeis e vivos: e dando corcovos, imitava,
45 entre as risadas alegres, o urro do leão ou o heroico relinchar dum corcel. Além disso sabia fazer, com as suas mãos cabe-ludas e cheias de terra, todas as sortes de brinquedos — flechas de caça, pequenos carros que rodavam no pó, barcos com velas para vogar no pego. Para tudo as crianças o tinham pronto — e
50 só se recusava quando elas tentavam estragar a fruta verde, ou fazer mal aos melros.

21: coxos;] coxos: [1970]

21: veem;] veem: [1970]

22: berços;] berços: [1970]

46: dum] de um [1970]

50: quando elas [*adota-se a lição de 1970; em 1912: quando eles*]

Mas, de todas as crianças da aldeia, uma governava superiormente o seu coração. Era a filha duma viúva — daquela que Cristóvão ouvira chorar, e à porta de quem batera, como mandado por Jesus, seu amo. O pai morrera nessa noite — e à pobre 55 mulher não restava ninguém no mundo para tratar as terras, cuidar das ovelhas. Mas, desde essa noite, uma grande força útil entrara no casebre. Cristóvão foi o servo fiel: — e nenhuma horta na aldeia andou mais bem regada, nenhum gado apascentado em 60 prados melhores, nenhum torrão mais fundamente arado. Um riso da criança (que se chamava Joana), o seu jeito de lhe puxar as barbas, recompensava-o de todo o trabalho. Mesmo brincando com as outras, era em Joana que pensava. De noite rondava a porta do casebre, a escutar se ela chorava no seu berço. Cedo, de 65 manhã, ia postar-se na horta entre os limoeiros, à espera que ela corresse de dentro com os seus bracinhos abertos: e todo o dia ficava sentindo nos cabelos, nas barbas, a doçura das suas mãozinhas, que o arrepelevam. Ele amava-a por toda a sua pessoa — a covinha da face quando ria, a graça da sua voz hesitante, os seus 70 pés mal seguros sobre a terra lavrada. Amava-a sobretudo pela sua fraqueza — e não antevia vida melhor do que passar eternamente a servi-la, e a ser alegremente arrepeitado. O seu prazer maior era trazê-la escarranchada aos ombros; ela ria, agarrada aos seus longos cabelos; e ele caminhava grave e vaidoso, como se conduzisse a sagrada hóstia. 75

Por vezes comparava-a ao Menino, ao Menino divino, que ria no seu curral, e aprendia a ler no grande livro de Sant'Ana. Os seus olhos claros e largos deviam ser como os de Joana. E o seu pesar era não saber ler, para abrir sobre os joelhos um livro, onde o seu 80 dedinho espetado fosse seguindo as letras grossas. Decerto Jesus, se conhecesse Joana, a devia amar. Ela era inocentinha como uma flor do valado: e o seu anjo da guarda esperava quieto, quando ela parava no caminho, a remexer na terra, à procura de bichos. Por mais longe que andasse trabalhando, sentia a voz de Joana se ela o

52: Mas,] Mas [1970]

53: duma] de uma [1970]

56: no mundo] no mundo, [1970]

75 a sagrada hóstia.] a Sagrada Hóstia. [1970]

85 chamava, como se a voz viesse de cima, do Céu — e apressava
então a obra, à força dos braços, para correr ao seu encontro,
não se esquecendo de trazer as amoras de que ela gostava, ou
medronhos, menos corados que a sua facezinha. Durante horas
então acamaradavam — e Cristóvão era tão simples que, para a
90 entreter, só sabia repetir a voz dos bichos, dançar pesadamente
como um urso. A mãe dizia:

— Cristóvão, Cristóvão, muito tempo gastas com a menina...
Olha a lenha... Olha o gado...

Ele baixava a cabeça, abria a cancela: e ainda se voltava, já
95 longe, para sorrir, com a sua vasta face iluminada.

Ora no meio desta felicidade, começou um murmurar na
aldeia. O guardião do convento não perdoara a Cristóvão ter ele
abandonado os seus serviços à ordem; e os frades que passavam,
ou os que vinham pregar à tarde no adro, diziam depois que,
100 segundo os livros, todos os gigantes tinham pactos com Satanás.
Decerto, este era doce e serviçal. Mas assim eram as artes dos
servos do Demónio, que durante um tempo se faziam doces
e afáveis, para melhor se apoderarem das almas. As mulheres,
ouvindo isto, ficavam pensativas. Era então em maio; já as macieiras
105 tinham flor, e as primeiras espigas dos trigos saíam da terra, e
os prados enverdeciam. Mas eis que, uma noite, grandes relâmpagos
luzem sobre o vale, um trovão rola sobre as serras — e
subitamente, com o estalido de lanças entrechocando-se, caiu o
granizo. Longo tempo caiu, arrasando o colmo dos casebres,
110 matando os rebentos novos, esmagando as frutas, devastando o
gado nos apriscos. De manhã toda a aldeia estava pobre: — e os
homens corriam pelos campos, a olhar os destroços, enquanto as
mulheres, juntas no adro, carpiam como num funeral. Um padre
veio logo do convento, e estendendo a mão demonstrou que
115 por causa dos endurecimentos das almas viera aquela visita-
ção. Porque persistiam eles em acamaradar com um servo do
Demónio? Cristóvão, como todos os gigantes, era um emissário
de Belzebu: — via-se-lhe o inferno nos olhos, nas barbas que o

85: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

114-5: que / das almas] que, / das almas, [1970]

120 fogo crestara, e na sua fingida humildade. Mas eles continuavam a dar-lhe o pão e o sal, e aí estava que o Senhor lhes devastara as sementeiras. Toda a tarde assim falou — enquanto Cristóvão andava no campo, atando os ramos caídos, secando os charcos, compondo os tetos dos casebres.

125 Os homens no entanto tomavam os seus cajados. O Balio, chamado, tocou a trompa para reunir os seus archeiros. As mulheres escondiam as crianças: outras plantavam cruzeiras à porta da casa. O Abade mandara tocar o sino. E era como quando na aldeia aparecia um bando de lobos.

130 Cristóvão devia vir por uma azinhaga, onde se postaram os homens com os cajados, os archeiros com os seus arcos retesados, e o padre, atrás, alçando a cruz com mão trêmula. E num bando as mulheres da aldeia, até as velhas trôpegas, esperavam para ver o feiticeiro espancado e expulso. Todos eles tinham recebido os serviços de Cristóvão; a todos ele cavara a terra, transportara os carros, rachara a lenha, tosquiara o gado. 135 Mas, em cada um desses serviços, cada um via agora como um ardil de Satanás. Mil coisas lembravam, que o condenavam. Uma noite aparecera um velho desenterrado. Quem o desenterrara senão Cristóvão? Às vezes, de noite, luziam na treva da 140 aldeia dois grandes olhos vermelhos. De quem seriam senão de Satanás, que vinha alta noite conversar com Cristóvão? Porque não rezava ele nunca no adro? Outros acudiam, afirmando que ele tinha, nas costas, pintada uma caveira. Era decerto o sinete da Morte. E alguns que duvidavam, lembrando-se da sua doçura, 145 da sua bondade, receavam defendê-lo, para que não parecessem, diante do frade, ter inclinação pelo Inimigo.

Assim o esperavam, quando, pelo caminho que descia da serra, ele apareceu, vergado sob um imenso molho de troncos. O padre imediatamente ergueu alto o crucifixo, e os archeiros

124: homens no entanto] homens, no entanto, [1970]

124: O Balio,] O balio, [1970]

127: O Abade] O abade [1970]

129-30: os homens] os homens, [1970]

130: os archeiros] os archeiros, [1970]

136: serviços,] serviços [1970]

150 retesaram o arco — e do bando um clamor subiu, enquanto se abaixavam a apanhar grossas pedras.

Cristóvão parara espantado: — e tão certo estava do amor de todos, que se virou para trás, para ver que inimigo ruim ou homem de temer subia o caminho, e despertava assim a cólera da aldeia. Mas o caminho estava vazio, já escuro. E era contra ele que o frade erguia a cruz, os besteiros apontavam os dardos, e os punhos tremiam de cólera no ar!

— *Vade retro! Vade retro!* — gritava o frade.

— Aos corvos! Aos corvos, o malfazejo! — clamava a multidão.

160 Deixando escorregar dos ombros o molho de troncos, que tombou esmigalhando a sebe, Cristóvão ergueu a face, alargou os braços: — e durante um momento o espanto fez tão feia a sua face, que o bando recuou, as mulheres fugiram alçando os braços. Mas o frade, com o crucifixo trémulo no ar, acumulava os exorcismos, o Balio com a vara acirrava a multidão, — e as pedras partiram, arremessadas com tanto medo, que todas se perderam no mato, em redor. Então, sem temor, Cristóvão deu um passo lento. Os seus olhos esbugalhados sondavam a turba ruidosa: via ali, gritando contra ele, todos os que auxiliara: o moleiro, a quem servira de alimária, e carregara os fardos, brandia contra ele um cajado; a viúva do ferreiro, a quem soprara a forja, tinha duas pedras nas mãos: — e as crianças, que ele acariciava no adro, gritavam: «Aos corvos! aos corvos!» Então uma grande dor varou o seu coração simples. A aldeia não o queria mais. Como um bicho malfazejo, como um lobo, ele era escorraçado. 175 Duas lágrimas enevoavam as suas vastas pupilas, que reluziam: e baixando a cabeça, com humildade, Cristóvão desceu o caminho. Então a multidão ganhou ânimo. As pedras, voando, bateram nas suas espáduas, cansadas de todos os fardos; uma seta emaranhou-se na sua guedelha hirsuta. Cristóvão desapareceu. 180

Diante dele estava a serra: para a serra subiu lentamente. E uma só dúvida tumultuava no seu coração: — porque o tinham perseguido? que fizera ele? Amava a todos, servia a todos. Era que o seu trabalho não parecia bastante útil? Ele não podia tirar mais

165: o Balio] o balio [1970]

185 força dos seus músculos, nem fazer que, para a labutação, os
dias fossem maiores. Porque o apedrejavam então? E uma recor-
dação entrou na sua alma, a memória de Jesus, que só fizera o
bem, e que os homens tinham flagelado contra uma coluna de
pedra. Ele era, pois, como o Senhor, um perseguido. E um amor
190 maior crescia na sua alma por Jesus, sentindo confusamente que
houvera entre os seus destinos uma igualdade de sofrimento...
Os seus braços erguiam-se para a lua que subia. Ali, nas alturas,
estava o Senhor. E mesmo vendo a lua tão brilhante e triste,
ele pensava se não seria essa a face do Senhor!

195 Assim pensava, sentado numa rocha. Os olhos dum lobo
luziram entre o mato. Ele pensou que talvez, esfomeado, o lobo
descesse à aldeia. E erguido, deu um brado, espantou a fera para
os altos, para longe dos caminhos que desciam à aldeia. Ele via-os,
esses caminhos, por entre os pinheiros. E, em baixo, as luzes
200 mortijas, mais longe o Pego da Dona, brilhando como um disco
de prata. Aí era o casebre onde, a essa hora, Joana dormia. Nunca
mais ele a veria deitada na sua canastra, coberta com o mantéu
negro da mãe. Nunca mais as suas mãozinhas lhe arrepelariam
as barbas. E uma tristeza imensa tomava-o, uma vontade de se
205 deitar para sempre na serra, e ficar ali até que os seus ossos
brancos se não distinguissem das rochas brancas. Mas quem faria
rir Joana, como ele, quando a erguia nos braços até à rama dos
mais altos pinheiros? E quem lavraria o campo da viúva? Essa
decerto lamentava a sua saída da aldeia. Nela sempre encon-
210 trara doçura, e um rosto que sorria na sua tristeza. Se ela o visse,
decerto diria: «Cristóvão, olha o gado; Cristóvão, olha a lenha!...»
Se os outros o perseguiam, ela ao menos o acolheria. E agora
Cristóvão esperava a madrugada para descer ao casebre de Joana.

215 Ténue e fresca, a madrugada nasceu por fim na serra. Ras-
tejando entre os arvoredos, agachado para que a sua cabeça não

185: que, para a labutação,] que para a labutação [1970]

192: lua] Lua [1970]

193: lua] Lua [1970]

195: dum] de um [1970]

199: E,] E [1970]

208-9: Essa decerto] Essa, decerto, [1970]

fosse vista acima das árvores, rodeou a serra, veio ao casebre da viúva. A cancela estava fechada. O galo cacarejava, sobre o monte de mato. Já decerto o lume se acendera dentro, porque da telha-vã saía fumo: e as cotovias cantavam muito alto no céu
220 claro. Cristóvão apareceu por trás, defronte da porta do aido. Um grito assustado cortou o ar. A viúva vira Cristóvão, e, arrebatando Joana, que brincava no chão, fugiu para dentro do casebre, gritando como o padre: «*Abrenuntio!*»

Cristóvão ficou imóvel. Também ela, pois, o temia, não o queria mais! Não havia em toda a aldeia já um coração que se
225 lembrasse. As crianças fugiam dele. Porquê? Lentamente afastou os passos, tão triste que o canto das cotovias quási o fazia chorar. Ao lado o Pego da Dona rebrilhava, como um espelho redondo. Debruçado sobre ele, olhou a sua face. Então, pela vez primeira,
230 sentiu a sua fealdade. Decerto o repeliam por ser disforme. Esse era o seu pecado. E carregado com o peso da sua fealdade, Cristóvão para sempre deixou os lugares onde nascera.

220: aido.] eido. [1970]

Longos dias caminhou. O país era deserto, com rochas,
grandes despenhadeiros. A sede levou-o a um regato, que cantava
entre pedras. Bebeu, e foi seguindo aquela água clara que fugia.
5 Ao fim de longas marchas encontrou um rio. Colinas suaves,
onde branquejavam casas, erguiam-se dos dous lados da corrente
serena e muda, orlada de salgueiros. Uma ponte antiga ligava as
duas margens — e tendo-a passado avistou, erguidos, recortados
na manhã clara, os muros duma cidade. Quási de repente duas
10 portas, sob uma torre que encimava a muralha, rodaram: — e
delas irrompeu uma multidão que fugia. Era gente que trazia
às costas as enxergas, as bilhas de água. As crianças, chorando,
agarravam-se às saias das mães; os velhos erguiam os braços, para
que esperassem por eles; — e por vezes todos se afastavam de
15 algum cavaleiro, que, embuçado no manto, a pluma do chapéu
ao vento, se escapava ao galope dum ginete magro. Um fumo,
como de fogueiras, subia por trás das muralhas; as ameias não

9: duma] de uma [1970]

12: crianças, chorando,] crianças chorando [1970]

16: dum] de um [1970]

16-7: fumo, como de fogueiras,] fumo como de fogueiras [1970]

tinham sentinelas: e todo o ar estava cheio do dobrar de finados, badalado nas torres.

20 A turba que fugia, vendo Cristóvão, corria mais espantada, tropeçando, caindo sob o peso dos fardos: ele estendia os braços para amparar os velhos: o terror crescia: — e em torno das suas pernas, como em volta de torres, a multidão debandava gritando.

Chegou por fim à entrada da cidade. Dous soldados, ató-
25 nitos, fecharam as portas. Cristóvão galgou o fosso, transpôs as muralhas. Diante dele abria-se uma rua, com trapos caídos nos enxurros, e todas as portas fechadas sob as tabuletas, que rangiam na haste de ferro ao vento agreste. Um fétido terrível tornava o ar pesado: e dous frades, erguendo o hábito, fugiam dum homem,
30 que se espojava no chão, com a face toda verde, a boca escancarada, gritando por água! Cristóvão correu para ele, ergueu-o nos braços, levou-o a um chafariz, onde a água jorrava de carrancas. O homem bebeu a largos tragos — as suas pernas inteiriçaram-se, e ficou nos joelhos de Cristóvão morto, já quasi decomposto.
35 Mas, duma casa próxima, gritos soavam; e, erguendo a face, viu uma velha, esguedelhada, que da esguia janela, onde restava um pé de flor seca num vaso, chamava por socorro torcendo os braços. Das janelas vizinhas faces pálidas espreitavam. Mais longe, prantos novos se ergueram. Cristóvão, tendo posto o cadáver no
40 chão, olhava espantado sem compreender a dor que parecia pesar na cidade. Duma taberna, subitamente, saíram soldados bêbados, cambaleando, cantando, com as faces lívidas numa noite de vinho e de orgia. Cristóvão ia interrogá-los — quando um de repente caiu, torcendo-se numa agonia. Os outros, subitamente desembriagados,

18: sentinelas:] sentinelas; [1970]

21: fardos:] fardos; [1970]

22: velhos:] velhos; [1970]

22: crescia: —] crescia — [1970]

23: debandava] debandava, [1970]

29: dum homem,] de um homem [1970]

35: duma] de uma [1970]

37: socorro] socorro, [1970]

41: Duma] De uma [1970]

41: soldados] soldados, [1970]

42: duma] de uma [1970]

45 fugiram. E Cristóvão acudia ao agonizante, quando ele ficou hirto,
morto. Ao fundo da rua passava uma procissão, em que um padre,
de túnica branca, erguia um relicário que reluzia, enquanto mulhe-
res, atrás, descalças, desgrenhadas, torciam os braços, clamando
para o Céu misericórdia. Os sinos não cessavam o seu dobre a
50 finados: e homens trazendo barricas de breu⁴⁹acendiam às esquinas
fogueiras que subiam ao ar, fazendo estalar os vidros das gelosias.

Um padeiro, mais pálido que uma tocha, abria a uma
esquina as tábuas da sua loja. Cristóvão dirigiu-se a ele, e
curvando-se, com as mãos nos joelhos, perguntou-lhe que mal
55 corria na cidade, e porque soavam tantos prantos. O homem
recuara, inquieto, perguntando por seu turno se ele viera com
saltimbancos para se mostrar. Cristóvão disse que não, e com
um gesto mostrou o horizonte distante donde vinha. Então o
homem aconselhou-lhe que fugisse, porque a cidade toda morria
60 da peste negra.

Quando assim falavam, um ruído de correntes arrastadas
ressou no lajedo. E dous homens, com cadeias de ferro presas
aos pés, apareceram, trazendo um morto numa padiola. Atrás
outros homens, de faces sinistras, com correntes aos pés, traziam
65 outros mortos... Eram os forçados das galés, que iam enterrar os
mortos, guardados por soldados, que faziam estalar no ar com-
pidos látegos de couro. Então, Cristóvão tomou aos ombros
os dous mortos que jaziam junto à fonte, e começou a seguir os
forçados. Assim saíram as portas, até chegar a um olival, onde
70 estava plantada uma cruz. Uma vala irregular e tortuosa atravessava
sob a ramaria pálida. À pressa, os forçados atiraram os mortos
para dentro, e com as enxadas lançaram sobre eles uma ligeira
camada de terra. Ao ruído, bandos de corvos, que pousavam nas
oliveiras, bateram o voo, grasnando furiosamente.

75 Cristóvão sacudiu as mãos da terra, e sem atender aos brados
dos soldados que o chamavam, recolheu à cidade, ao acaso, por
outra porta, que estava toda tomada por outro funeral, onde havia

49: Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu*]

50: breu,] breu [1970]

67: Então,] Então [1970]

74: voo,] voo [1970]

80 frades, escudeiros com círios em torno dum caixão, cujo pano
de veludo tinha um brasão bordado. Então, todo o dia percorreu
as ruas, socorrendo os que caíam, desviando os mortos do meio
das calçadas — e ao escurecer já se tornara tão familiar, que das
gelosias gritavam: «Eh homem!» Ele vinha, carregava os mortos
para a vala, limpava as imundícies dos pátios, corria a encher as
bilhas de água, — e mesmo alimentava as crianças que chora-
85 vam sozinhas nos casebres.

Como em todas as casas havia um morto, e se receava o con-
tágio, a multidão errava pelas ruas, entregue ao terror e ao delírio.
As mulheres, os velhos, corriam às igrejas, a implorar as relíquias,
saltavam por cima dos cadáveres que atulhavam os adros. Estes,
90 julgando que o mundo ia findar, corriam às tabernas, arrombavam
as pipas, e as blasfémias dos ébrios juntavam-se ao pranto das
mulheres. A cada esquina havia rixas — e por vezes, numa rua
deserta, onde todos os moradores tinham morrido, Cristóvão tinha
de expulsar os porcos, que roíam ossos humanos. De resto os
95 animais abandonados percorriam as ruas, e por vezes um cavalo
espantado, um touro fugido do matadouro, corriam, esmagavam a
gente, e era Cristóvão que os segurava com os seus punhos enormes.

A cada instante os gritos dos doentes abandonados o
detinham. De rastos, ele introduzia o seu vasto corpo pelas
100 escadas estreitas, e ia dar de beber aos doentes, limpar-lhes as
imundícies, oferecer-lhes o seu vasto peito para eles morrerem
sobre o calor dum coração humano. Por vezes um moribundo
queria a extrema-unção; mas os padres tinham fugido, os
raros que ainda havia não bastavam para tantos moribundos: e
105 Cristóvão, tomando um crucifixo, de joelhos, bradava junto do
leito fétido: «Jesus, meu Senhor, sê com este infeliz!»

78: dum] de um [1970]

84: água, —] água — [1970]

88: velhos,] velhos [1970]

89: Estes,] Outros, [1970]

99: rastos,] rastos [1970]

102: dum] de um [1970]

103: extrema-unção;] extrema-unção: [1970]

104: moribundos:] moribundos; [1970]

Todas as noites havia grandes penitências. Bandos de homens, de mulheres seminuas, corriam as ruas, rasgando as carnes, cobrindo a face de lama, cantando cânticos ferozes em que as invocações ao Senhor se confundiam com apelos ao Demónio. Por vezes, de repente, uma voz gritava: «É culpa dos judeus!» E a multidão, tomando chuços, agarrando fachos, corria às casas dos judeus, que apareciam oferecendo sacos de ouro, e caíam sob os golpes, ou ficavam com as barbas queimadas.

Nas ruas ricas os palácios estavam fechados: e através das janelas sentiam-se músicas e o tinir das baixelas de prata, porque alguns pensavam que se devia esperar a morte no seio do prazer. Outros, porém, iam de casa em casa, em festas seguidas: — e viam-se cavaleiros sem manto com gotas de vinho nas barbas agudas, caminharem na rua, entre tocadores de bandolim e de flauta, tropeçando com os seus imensos sapatos bicudos nos cadáveres abandonados: e, para os ver passar, surgiam aos balcões mulheres pálidas, com o seio descoberto, peles de arminho na orla do vestido, e a cabeça coberta duma mitra aguda donde pendiam molhos de longas fitas, que o vento fazia ondear como flâmulas de mastros.

Toda a noite Cristóvão trabalhara. Como os guardas não fechavam as portas, por vezes os lobos, atraídos pelo cheiro da podridão, apareciam nas ruas escuras. E Cristóvão, que juntava os cadáveres, corria contra eles bradando, com uma tocha na mão. Os mortos, que assim ajuntava, ia-os de manhã sepultar nos campos de oliveiras. Depois ia colher à serra ervas aromáticas, que salvam da infeção, e pondo-se às esquinas oferecia-as à gente que saía das suas moradas e que, tomando um molho, se afastava respirando-o com confiança. Como os ladrões abundavam, Cristóvão vigiava as casas dos cambiadores da moeda, dos joalheiros: e se surpreendia uns homens correndo, com alguma coisa escondida sob o saião, tirava-lha e ia depositá-la numa igreja.

110-1: vezes, de repente,] vezes de repente [1970]

122: e,] e [1970]

124: duma] de uma [1970]

131: ajuntava,] juntava, [1970]

134-5: se afastava [*adota-se a lição de 1970; em 1912 e afastavam*]

140 Era ele quem distribuía a água, varria as imundícies, acendia fogueiras para depurar o ar. E pouco a pouco, era tão conhecido, que as mulheres, vendo a sua sombra passar rente das gelosias, chamavam sobre ele a bênção do Senhor. Os ricos atiravam-lhe bolsas com que ele ia comprar pão às viúvas. Os seus passos eram por vezes embaraçados pelas crianças, que se prendiam

145 às suas pernas como a colunas. Os mercadores confiavam-lhe as suas tendas. Quando ele se ajoelhava à porta duma igreja, dentro as orações eram mais ardentes. E como ele acarretava as lenhas dos soldados, polia as suas armas, rondava por eles as portas, — os soldados gritavam na rua: «Viva Cristóvão!»

150 Uma tão grande popularidade inquietou o sobrinho do Príncipe, que, tendo seu tio fugido da peste, com os seus tesouros e concubinas, governava a cidade, e queria, por ambição do poder, ganhar as simpatias do povo. Mas a sua face lívida e dura, sobre um corpo enfezado e corcunda, desagradava às

155 mulheres pela sua fealdade, aos soldados pela sua fraqueza. Um dia que ele seguia uma procissão, com as relíquias de S. Teódulo, o povo à sua passagem permaneceu com o joelho apenas dobrado. Logo atrás, porém, entre o povo vinha Cristóvão, como uma torre entre casebres. Um mercador rico dera-lhe vinte

160 varas de pano de Flandres, para um saio: e todo ele sorria na sua simplicidade, agitando duas palmas verdes que as confrarias dos Irmãos Hospitaleiros lhe tinham dado, como emblema da sua caridade. Ao vê-lo, o povo, que se apertava contra as portas fechadas, rompeu a gritar o seu nome entre bênçãos: «Bom

165 Cristóvão! Cristóvão grato ao Senhor!» Uma dama atirou-lhe a flor que tinha no seio. Os velhos baixavam a cabeça como na passagem dum justo.

O Conde, adiante, tornara-se mais pálido. E nessa noite dizia, sentado à lareira, desapertando o gibão: «Quem me livrará

147: duma] de uma [1970]

150: portas,] portas [1970]

151: Príncipe,] príncipe, [1970]

156: dia que] dia em que [1970]

167: dum] de um [1970]

168: O Conde,] O conde, [1970]

170 daquele monstro que transvia o povo!» Os guardas, tendo combinado baixo, a um canto, vieram, cercando a sua alta cadeira de espaldar, animar por adulação o seu secreto pensamento. Não era conveniente, na verdade, que um ser disforme, dos que se mostram nas feiras, ganhasse assim raízes no coração do povo...

175 De resto, a sua força seria depressa domada com fortes correntes de ferro. E não havia, fora da cidade, um despenhadeiro, onde se poderia lançar o corpo do imenso bruto? E quando, na manhã seguinte, Cristóvão começava o seu almoço junto da catedral, um pajem veio, sorrindo, e convidou-o a ir à presença do Príncipe,

180 que lhe queria dar ouro, e vestidos que conviessem a um homem tão serviçal. Pensando que os vestidos serviriam a cobrir os presos, que a miséria trazia nus, Cristóvão sacudira as mãos, onde a broa se esfarelara, e obedeceu ao pajem, que corria para lhe seguir as passadas.

185 Apenas Cristóvão entrara no palácio, as grossas portas, erriçadas de ferros, foram fechadas. O Conde, que estava num balcão, gritou agitando o gorro emplumado: «Eh Cristóvão!» E como ele movia um passo, sorrindo, com a face erguida para o balcão, donde pendia um veludo franjado de ouro — dous soldados meteram-lhe

190 bruscamente entre as pernas uma trave, e Cristóvão tombou no lajedo. Logo, de todas as portas, romperam homens inumeráveis, que cobriram o imenso corpo deitado, como as formigas cobrem um tronco. Num momento foi amarrado com grossas correntes de ferro: e para que nenhum grito dele saísse, uma mordança tapou-

195 -lhe a boca. Depois todos, recuando vivamente, contemplaram em silêncio o gigante vencido. O Príncipe desceu para o ver, com damas, cujas caudas eram como longas tiras de tapete sobre o pátio. E os pajens cuspiam sobre a sua face barbuda. Ele pensava no Senhor que fora flagelado, — e mais nos pobres que ele servia,

200 e que decerto nesse dia sentiriam a sua falta. Todo o dia assim

173: conveniente,] conveniente [1970]

177-8: quando, na manhã seguinte,] quando na manhã seguinte [1970]

179: Príncipe] príncipe, [1970]

186: O Conde,] O conde, [1970]

196: O Príncipe] O príncipe [1970]

199: flagelado,] flagelado [1970]

ficou, cercado de lacaios, de cozinheiros, que deixavam o serviço para o vir ver. E no coração de alguns havia uma compaixão.

A noite desceu, escura, sem uma estrela. Então Cristóvão abriu os olhos. Os cães de fila soltos, rondavam o pátio. A sentinela
205 dormia, à porta, encostada à lança: e das altas ogivas do palácio vinha um clarão, e um rumor de violinos. Então Cristóvão retesou os músculos — e com grande ruído todas as correntes estalaram. Diante da grande forma erguida, os molossos fugiram, latindo. A sentinela, largando a lança, fugiu. E Cristóvão, dum só golpe
210 de ombros fazendo estalar a porta, saltou o fosso, entrou nas ruas desertas. Mas de repente parou, pensando que, se revelasse a traição do Conde, o povo, os soldados, que o não amavam, lhe fariam mal, e, se a calasse, o Conde, decerto, o faria matar. Assim se ficasse, ou o seu sangue correria, ou correria o sangue
215 dele por sua causa. E então Cristóvão dirigiu-se à grande porta da cidade. À luz dum retábulo da Virgem os soldados jogavam os dados. E vendo Cristóvão, perguntaram-lhe se o Príncipe lhe dera uma bolsa, ou panos para um vestido. Cristóvão murmurou:
— O Príncipe deu mais que eu esperava.

220 E passou, penetrou nos caminhos, deixando para sempre a cidade onde fora bom aos aflitos.

202: ver. E] ver: — e [1970]

204: fila] fila, [1970]

208: erguida,] erguida [1970]

209: dum] de um [1970]

211: parou,] parou [1970]

212: do Conde,] do conde, [1970]

213: o Conde, decerto,] o conde decerto [1970]

216: dum] de um [1970]

217: Príncipe] príncipe [1970]

219: Príncipe] príncipe [1970]

Longos dias Cristóvão errou pelos caminhos — até que uma tarde chegou ao sopé duma montanha, cujas rochas o sol poente cobria de cor-de-rosa. Um homem, com um hábito de frade, um
5 longo capuz donde saía uma barba branca, subia lentamente os córregos alcantilados, gemendo sob um molho de lenha. Cristóvão pedira ao velho para carregar ele a lenha. O frade, receando um demónio, traçou no ar uma cruz, e como Cristóvão repetisse sobre o peito as linhas santas, o frade consentiu que ele lhe tirasse
10 o molho dos ombros. E limpando o suor com a manga esfarapada do hábito, enquanto caminhava ao lado de Cristóvão, perguntou-lhe se ele fugira dos homens que o mostravam numa feira: e como Cristóvão dissesse que vinha da cidade, dalém, o frade compreendeu que ele viera decerto atraído pela santidade
15 daquela montanha povoada de ermitas. E pensava: «Aqui está um homem, decerto simples e de força imensa, que poderia aliviar dos seus trabalhos os santos varões que ali habitam, deixando-lhes mais tempo para aperfeiçoar a alma, e dar batalha segura ao Tentador...»

3: duma] de uma [1970]

11: hábito,] hábito [1970]

13: dalém,] de além, [1970]

- 20 Então foi guiando Cristóvão até que chegaram a uma choupana
feita de ramos, entre pedras alcantiladas. À porta da cabana, cravada
entre duas pedras, erguia-se uma cruz tosca, e ao pé, sob uma
caveira, pousava, aberto um grande in-fólio. Dentro da cabana
havia só um leito de folhas secas e uma bilha com a asa quebrada.
- 25 O ermita, tendo indicado a Cristóvão o sítio onde devia
deixar o molho de lenha, tomou duma buzina pendurada à
porta da cabana, e afastando os longos pelos do bigode branco,
lançou três sons roucos, que ecoaram nas quebradas. Cristóvão,
tímido, considerava cada movimento do ermita como uma ação
30 de santidade. Então, das sendas várias do monte, começaram a
aparecer, caminhando devagar, uns apoiados a bordões, outros com
as mãos escondidas nas mangas, ermitas, a quem um longo capuz
escondia a face. O primeiro que chegou, dando com Cristóvão,
fez o sinal-da-cruz, e depois com um gesto chamou os outros,
35 que, assim apressados, saltaram de rocha em rocha. Quási todos
tinham longas barbas, grisalhas e incultas, as túnicas esfarrapadas,
e o lodo dos caminhos seco em crosta nas pernas. Com um gesto
lento coçavam pelo corpo a vérmina que os cobria: e, se as pernas
ou os braços se lhes tinham chagado, erguiam as túnicas como
40 tirando contentamento daquelas misérias da carne. Alguns, porém,
eram novos, ainda robustos, mas tão pálidos já, que as faces sob
o capuz eram como uma cera na sombra. Todos se curvavam
diante do monge que guiara Cristóvão; e depois ficavam mais
calados e mudos que imagens sobre um túmulo. Mas então o
45 ermita, que parecia ter a autoridade dum prior, explicou que,
ao sopé da montanha, voltando de recolher a lenha, encontrara
aquele homem de corpo imenso e de imensa força, mas tão sim-
ples que não sabia donde viera, nem em que terra nascera. E logo
lhe acudira, como inspiração de cima, a ideia de o recolher, e de
50 o ocupar no serviço dos santos irmãos que habitavam a serra, à

22-3: pé, sob uma caveira, pousava, aberto, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: pé sob uma caveira pousava aberto*]

26: duma] de uma [1970]

34: depois com um gesto] depois, com um gesto, [1970]

43: depois ficavam] depois ficaram [1970]

45: dum] de um [1970]

maneira do que praticara S.^{to} Antão no Egito, que, para que os seus irmãos do ermo, e ele próprio, se absorvessem melhor na oração, e mais livres ficassem para dar combate ao Demónio, tomara um negro de muita força, que conduzia a água, rachava
55 a lenha, segurava nas mulas dos peregrinos, transportava as coifas das provisões. Assim, de ora em diante, tendo quem os servisse, nas suas almas não haveria mais cuidados do que a conquista do Céu. Tendo findado, e baixando a face sob o capuz, como recolhido em oração — os ermitas, sem quebrar a sua mudez,
60 retomaram os caminhos da serra, e um a um foram-se sumindo entre as rochas e os robles.

Só com Cristóvão, o ermita, voltando à cabana, trouxe um pedaço grosso de broa, de que deu uma parte a Cristóvão. Ambos beberam da bilha: — e tendo ordenado a Cristóvão que fosse com
65 a lenha às costas, através da serra, para a distribuir pelas ermidas esparsas, estendeu-se em frente da cruz, e pousando a cabeça sobre uma pedra ficou mergulhado em oração.

Cristóvão partiu. Cada ermita lhe ensinava, sem falar, com um mover lento da mão, a ermida mais vizinha. Em todas, a
70 mesma caveira alvejava ao pé da mesma cruz. E àquela hora da tarde todos estavam à porta da ermida partindo o seu pão, e tendo ao lado, interrompido, ou o livro que liam, ou o grande rosário que desfiavam, ou algum cesto que encanastravam, ou as esteiras que teciam. À porta de cada cabana pendia uma buzina
75 e um molho de disciplinas, com pontas de ferro. Quando Cristóvão chegava, todos alçavam o olhar baixo: nalguns o olhar era sereno, duma serenidade morta; noutros refulgia com um vago clarão de terror, ou uma viva luz, que parecia alongar-se numa curiosidade sem fim. Humildemente Cristóvão depunha
80 o molho de lenha com respeito, como junto dum altar: e os

58: Céu. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.*]

66-7: e / pedra] e, / pedra, [1970]

77: duma] de uma [1970]

77: refulgia com] refulgia como [1970]

78: uma viva] uma longa [1970]

79: Humildemente] Humildemente, [1970]

80: dum] de um [1970]

monges, tendo seguido o seu movimento, baixavam de novo a face sob o capuz. Quando Cristóvão voltou à ermida do prior, — ainda o encontrou estendido, com a cabeça pousada na pedra, dando por vezes um suspiro. Então, calado, foi sentar-
85 -se a distância numa pedra.

O sol descia ao longe, vermelho como uma amora. Nenhum rumor cortava a placidez do ar. Os homens pareciam estar muito longe: — e depois daqueles dias passados na cidade empestada, Cristóvão sentia toda aquela serenidade entrar-lhe na alma como
90 uma carícia sem fim. Mas lembrava todos aqueles que deixara, e mesmo lhe parecia ver certos detalhes — a casa da esquina onde ele ia levar pão às crianças abandonadas, o velho a quem ia chegar a bilha de água. Decerto sentia a falta desses seres que socorria: — mas naqueles ermitas havia tanta fraqueza, tanta
95 necessidade, que decerto seria doce ocupar-se no seu serviço. O sol desaparecera. Todo o vale de rochas estava negro. Por vezes um grande pássaro escuro esvoaçava. Uma estrela pequenina luzia, depois outra. O santo prior orava, com a face sobre a pedra fria. E Cristóvão, cansado, estendeu o imenso corpo na
100 terra, adormeceu.

Alta noite acordou: — um som lento, desolado, de buzina, caía de rocha em rocha pelo silêncio da serra. Era como o apelo dum coração aflito: — e imediatamente o prior, correndo de dentro da cabana, se atirou de joelhos diante da cruz, rezando,
105 com furor tumultuoso. Decerto, longe, algum irmão estava sofrendo uma tentação do Inimigo, e já meio vencido, soprava a buzina avisando todos os ermitas para que o ajudassem com as suas orações a rechaçar Belzebu. Sentado no seu rochedo, Cristóvão olhava, cheio de simplicidade, sem compreender, com as mãos pousadas sobre os joelhos, — quando doutro lado da serra, lá
110

82: face] face, [1970]

83: prior,] prior [1970]

86: O sol] O Sol [1970]

93: de água.] da água. [1970]

96: O sol] O Sol [1970]

103: dum] de um [1970]

106: vencido,] vencido [1970]

110: doutro] de outro [1970]

no cimo, outra buzina soou, chamando socorro para outra alma atacada. Mais tumultuosas se precipitaram as orações do ermitão. Mas a buzina ressoava mais aflita! E então o santo homem, desesperado, gritou a Cristóvão que acendesse uma fogueira perto
115 da cruz, para que ela, destacando em negro sobre o vermelho do lume, fosse vista pelos demónios, que nessa noite pareciam dar um ataque terrível à santa montanha.

Ferindo lume com duas pedras, Cristóvão rapidamente fez uma fogueira, soprando com as faces inchadas: a lenha nova
120 estalou, uma chama subiu, outros lumes em breve apareceram na negrura da serra: — e os sons das buzinas decresciam como as ânsias dum coração que sossega. Um silêncio pesou então. Cristóvão cerrara as pálpebras. E o prior, um momento, aqueceu à chama as suas mãos trémulas.

125 Mas os seus olhos fixavam-se na chama, com uma atração crescente: um clarão de cobiça iluminava-lhe a face, e a sua língua apareceu à beira da boca seca, como adiantando-se para uma grande peça de carne tenra, vermelha, chiando ainda no largo prato onde fora assada... Chegou mesmo a estender a mão aberta. Mas deu
130 um grito. Onde tinha ele os espíritos, que não reconhecera uma ilusão do Inimigo, que o vinha tentar pela gula?! Furioso, ordenou a Cristóvão que apagasse a fogueira.

Com os braços em cruz, passeou então no estreito ter-
raço bordado de pedras. A sua boca seca mascava com um ruído
135 contínuo: — e ia balbuciando orações. Os olhos de Cristóvão, fixos no brasido vermelho que restava do fogo, iam-se cerrando. Toda a montanha se calara. E como insensivelmente atraído, o ermita voltou a olhar o brasido, que vermelhava numa brasa viva. O que ele agora via eram montões de dinheiro, ducados de
140 oiro, montes de rubis escarlates que se esboroavam, uma infinita rutilação de tesouros. Bastava baixar a mão, e teria tesouros para comprar um condado, erguer catedrais, salariar mercenários, comprar joias às rainhas, ter todas as satisfações do poder, e do

122: dum] de um [1970]

133: cruz,] cruz [1970]

142: catedrais, salariar] catedrais, assalariar [1970]

amor, e do orgulho eclesiástico. E todavia o ermita sorria, sacudia
145 a barba branca, murmurando: «Bem vejo a tua ilusão, oh Maldito,
que me julgavas desprevenido! Mas a minha alma está forte, e
nela, como o archeiro na torre, a oração vigia, cheia de força!...»
E com o pé espalhou os carvões ardentes. E Cristóvão pensava
na sua simplicidade: «Quantas coisas vê este homem, que eu não
150 vejo! Decerto é por causa da sua sabedoria e da sua santidade.»

No entanto, o ermita recolhera à sua cabana: mas, apenas
entrara, soltou um grito, e saiu recuando, com os braços abertos,
que pareciam sacudir uma visão. Era uma mulher, de esplêndida
brancura e toda nua, que ele encontrara deitada de costas sobre o
155 seu catre de folhas, com braços abertos que o esperavam e o cha-
mavam. E durante um momento, as suas mãos, como impelidas por
uma força oculta, tinham-se estendido para ela irresistivelmente: mas
nos pés, tão brancos, reconhecera um pé de cabra, — e, tendo-se
benzido freneticamente, a mulher evaporara-se, como um fumo
160 negro, através dos ramos da cabana. Mas quasi cedera à temerosa
ilusão — e se no momento em que lhe estendia os braços tivesse
morrido, era o Inferno, a danação completa! Então agarrou vio-
lentemente as disciplinas, e arrancando a túnica, gritou: «À obra,
à obra santa!» As duras correias de coiro de boi, armadas de
165 unhas de ferro, cingiam-lhe a cinta, rasgavam-lhe a pele do dorso.
A cada golpe, dava um gemido rouco: mas, pouco e pouco, de
duros e aflitos os gemidos tornaram-se lentos e lânguidos: — e
o pobre ermita, a cada vergastada, murmurava: «Socorro, meu
Senhor, socorro, que estes golpes que dou em mim começam a
170 ser como um contacto delicioso!... Faze que eu sofra, Senhor!
Dá ardor infinito aos vergões que sulcam a minha carne! Sopra
para dentro das feridas a tua cólera! Que ela me queime e arda,
como um pez inflamado!...» E, de repente, caiu como morto,
com os braços estendidos.

175 Cheio de piedade, Cristóvão ergueu-o do chão, e empurrou-o
como um corpo morto para dentro da cabana, onde ele ficou
estirado, com algum lento gemido que por vezes o sacudia.

A manhã clareava. Cristóvão adormeceu.

Então começou, desde esse dia, o seu serviço entre os ermi-
180 tas. Todas as manhãs ia buscar um tonel à fonte, que brotava
em cima, dentre rochas, e ia enchendo, de ermida em ermida,

as bilhas de barro. Depois cortava a lenha, amassava o pão, que se cozia num forno de tijolo, junto duma capela onde os santos homens ouviam missa e comungavam. Era ele quem tocava o sino, punha giesta sobre o altar, — e, por ordem do prior, espalhava seixos sobre o chão da capela, para que os joelhos dos ermitas se macerassem. Pela tarde, tendo reunido as esteiras, as alpercatas, os cestos, que os ermitas fabricavam, descia a uma povoação do outro lado da serra, onde trocava aquelas obras das santas mãos pela farinha, por ervas, e pelo vinho das galhetas. Todos estes serviços eram fáceis e doces. Mas, pouco a pouco, Cristóvão sentia como uma melancolia e um desejo das cidades e da vida dos homens. A montanha era triste e sem verdura; — mas a sua tristeza vinha sobretudo do silêncio, da amargura, da desolação dos santos que a povoavam. Todo o dia era por eles consumido a gemer, mesmo quando trabalhavam — e o seu esforço constante era a martirização dos corpos, onde se lhes instalava o Inimigo. Mesmo imóveis, quietos, se estavam mortificando: uns traziam um cinto de pregos, que lhes rasgava a carne: outros introduziam debaixo do hábito formigas ou vespas que os picavam; outros suspendiam do pescoço uma pedra enorme, e caminhavam arquejando e tropeçando. Toda a doçura humana lhes era alheia. Ao pão que coziam misturavam terra; a água, só a queriam já envelhecida e pútrida. Por vezes alguns permaneciam, dias e dias, imóveis, de pé sobre uma pedra, com as mãos espalmadas, sob a chuva, e, quando o sono ou a fome os iam vencer, enterravam uma espinha aguda no peito: outros dormiam com a cabeça sobre uma pedra, outra pedra sobre o estômago, outra sobre as pernas juntas, e eram como cadáveres de justos lapidados. Por vezes, Cristóvão oferecia-se para lavar as chagas, tirar os espinhos dos pés,

183: duma] de uma [1970]

185: altar,] altar [1970]

188: cestos,] cestos [1970]

197: se lhes [*adota-se a lição de 1970; em 1912: se lhe*]

199: carne,] carne: [1970]

200: picavam,] picavam: [1970]

206: e,] e [1970]

207: peito:] peito; [1970]

209: vezes,] vezes [1970]

curar com cinza e água a mordedura dos insetos. Mas todos o repeliam, e para tornar as feridas mais irritáveis expunham-nas ao sol ardente, ou deitavam-lhes areia fina. Um imenso sofrimento cobria a montanha; e sobre ela o Sol parecia uma lâmpada triste, através dela o vento um gemido angustiado.

Era, porém, de noite, que ela se tomava terrível. Animados pela escuridão, os demónios subiam por cada caminho, para atacar os santos homens. Em cada cabana era uma luta temerosa. Os santos tinham a oração, as suas longas disciplinas armadas de unhas de ferro: mas os demónios, por seu lado, tinham as coisas deliciosas a que as almas sucumbem. Aos ermitas que vinham esfomeados, os diabos ofereciam longas mesas, cobertas de flores, onde os pavões assados arqueavam as penas entre os montes de fruta e os blocos de gelo: aos que tinham sido cavaleiros, mostravam montes de ouro, armas invencíveis, longos exércitos para ir conquistar reinos e saquear cidades ricas: aos velhos faziam ofertas de mitras que lhes dariam entre os homens a suprema autoridade das coisas santas; — e a todos a tentação suprema, a Beleza, a Mulher, ora magnífica, desenrolando as tranças, erguendo uma túnica de gaze, ora delicada, escondendo com os braços o peito nu, e sorrindo fragilmente.

Mas quando as seduições não bastavam, os demónios furiosos tentavam o terror. Então eram serpentes pavorosas, surgindo dentre as rochas; vastas asas moles e fétidas, que com um golpe derrubavam figuras colossais, listradas de branco e negro, que brandiam forquilhas, vertendo uma baba de fogo. Os gritos dos ermitas atroavam a serra; as buzinas ressoavam; uma furiosa rajada de orações subia para as nuvens; as correias das disciplinas voavam no ar, com gotas de sangue: — e, espantados pela grandeza da penitência, os demónios cediam, abalavam, limpando o suor, esfalfados.

216: Era, porém, de noite,] Era porém de noite [1970] [1970 não abre parágrafo.]

220: demónios, / lado,] demónios / lado [1970]

227: mitras] mitras, [1970]

228: santas;] santas: [1970]

237: ressoavam;] ressoavam: [1970]

Uma grande piedade enchia então o coração de Cristóvão. Porque sofriam assim aqueles homens bons, que encanastravam as vergas, caminhavam com a face baixa, não faziam nenhuma ofensa e só apeteçiam o Céu? O seu desejo era ajudá-los, rechaçar ele
 245 só, com a sua grande força, as turbas negras do Inferno. Então, ao menor apelo da buzina, corria para o lado do ermita atacado. Arquejando, com os imensos punhos fechados de santa cólera, avançava na escuridão. Mas onde estava o Demónio? Ele via o
 250 santo ermita recuar com pavor, via o escuro lugar para onde ele estendia a cruz, como uma lança... Mas se se arremessava para lá, os seus braços vingadores só encontravam a noite negra. Quantas vezes ele encontrava o ermita, que tremia todo, e murmurava: «Oh como é branca, e doce à vista, e cheia nas suas formas!...» Cris-
 255 tóvão compreendia: era decerto uma mulher, a temida Mulher, que arqueava os braços, descobria o peito... Para a empolgar, a esganar, ele quási rastejava no chão, colhendo o hábito. Mas as suas mãos indignadas só agarravam o tojo, os musgos duma pedra fria. Então ele próprio clamava para os terríveis demónios: «Vinde
 260 para mim, vinde para mim!» E, arrancando um tronco, atirava tremendos golpes, ou, arrancando uma imensa lasca às penedias, arremessava-a através da noite. Os troncos batiam contra os troncos: as rochas, com estridor, quebravam sobre as rochas. E diante dele, nada havia, senão a montanha. Pois era possível que
 265 ele nunca ferisse um dos demónios inumeráveis, que ali vinham de noite? Ia então, mal clareava a madrugada, procurar, com a cabeça baixa, as pegadas dos diabos fugidos, algum chifre que lhes tivesse partido, ou sobre a terra chamuscada alguma gota do sangue maldito. Encontrava apenas as violetas lustrosas de
 270 orvalho. E então recolhia à sombra dos seus robles, bocejando com lentidão.

Pelas festas do ano, o povo da aldeia subia à montanha, vinha visitar os ermitas. Uns, doentes, aflitos com males, amparados pelos parentes, vinham implorar a saúde àqueles amigos

245: Céu? [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu?*]

249: Demónio? [*adota-se a lição de 1970; em 1912: demónio*]

258: duma] de uma [1970]

263: troncos:] troncos; [1970]

275 do Senhor. Outros pediam a sua intervenção para obter uma
colheita abundante, ou a herança perdida. As mulheres traziam os
filhos para que eles, tocando-os na cabeça, lhes dessem vida forte
e próspera: — e as que eram estéreis vinham implorar as doçuras
da maternidade. A montanha era como um arraial de peregrinos.
280 As crianças, correndo, tropeçavam nas muletas dos coxos.
As raparigas, com uma flor metida na orelha, formavam danças no
adro da capela. Os que tinham feito promessas arrastavam-se de
joelhos sete vezes em torno das cruzes, ou penduravam no altar
pés de cera, laços de fitas e cestos de frutas. Como voltariam tarde
285 para a aldeia, quási todos traziam provisões, e, dependurando os
mantéus nos troncos das árvores, faziam grande círculo em torno
das melancias abertas, bebendo dos pichéis de vinho.

Os ermitas iam por entre a turba, e por vezes mal podiam
mover os passos lentos, envolvidos, suplicados pelos feridos que,
290 fartos de unguentos, pediam que lhes tocassem nas chagas com
o rosário, pelos mendigos que queriam que lhes sarassem a sarna,
pelas velhas hidrópicas que descobriam o ventre esperando um
remédio do Céu. Outros queriam apenas a bênção. Havia faces
inquieta que pediam uma profecia sobre as vindimas. Outros
295 estendiam os rosários para eles os benzerem. E os ermitas toca-
vam as feridas, prometiam boas colheitas, sossegavam as mães
dos endemoninhados.

Depois o prior subia ao púlpito rústico, feito de pedras, e
enumerava as obras gloriosas da montanha. Onde houvera, mesmo
300 na Tebaida, no tempo sublime dos Antãos, dos Pacómios, uma
penitência mais alta? E mostrava as suas faces emagrecidas pelos
jejuns, as suas carnes rasgadas pelas flagelações. Uma imensa
admiração arrebatava as turbas piedosas. E todos queriam ver
nos corpos dos santos a evidência da sua santidade. E só havia
305 então ermitas mostrando as chagas que eles tinham assanhado, as
pisaduras que lhes deixavam as pedras onde dormiam, os dentes
estragados pelo pão azedo a que misturavam cinza. As mulhe-

275-6: obter uma colheita] obter colheita [1970]

280: crianças, correndo,] crianças correndo [1970]

293: Céu. [adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.]

res erguiam as mãos, chorando. As mais ardentes arrancavam
pedaços da túnica dos ermitas, que guardavam no seio como
310 relíquias. Os velhos beijavam a terra onde eles tinham pousado
os pés. Diante das cabanas havia multidão a admirar a dureza dos
leitos, a bilha quebrada, o grande in-fólio. Alguns julgavam ver
as pegadas dos anjos que visitavam os ermitas. Outros queriam
provar o pão, ou, cheios de respeito, tocavam com o dedo nas
315 disciplinas. Cristóvão era invejado por viver entre eles. Muitos
queriam abandonar os casais, para vir servir os santos: — e havia
sempre algum que, para ficar na montanha, se escondia entre as
rochas, e que era necessário expulsar quando o Sol descia, e a
hora chegava da solidão e da prece.

320 Mas nessas noites, depois dos arraiais, as orações não eram
tão profundas, nem as penitências tão altas. Cansados, sentados
à porta das suas cabanas, os ermitas saboreavam no silêncio do
seu coração, a sua imensa santidade. Cada um se sentia famoso,
falado nas lareiras do vale. Decerto a fama da sua santidade che-
325 garia aos castelos. Os Bispos falariam deles nos Concílios.
E mais tarde talvez as suas imagens se ostentariam sobre os altares.
E Cristóvão então via-os olhar complacentemente, acariciar as feridas
da penitência, escolherem uma pedra maior para encostar à noite
a cabeça. O prior vinha então congratular os seus irmãos. A sua
330 face resplandecia. E era ele que relembra os movimentos da
multidão, e como as suas chagas tinham sido beijadas. E já certo
do poder da sua voz, falava em descer à planície pregar contra a
relaxação dos Beneditinos. A sua estatura cada vez se erguia mais.
Um dia mesmo mostrou em triunfo uma carta do Conde da
335 Occitânia, que o consultava sobre os dízimos. E Cristóvão entris-
tecia. Era como uma saudade doutros homens mais humanos,
e do riso das crianças. Era sobretudo como uma impaciência de

308: chorando.] chorando, [1970]

325: Os Bispos] Os bispos [1970]

325: Concílios.] concílios [1970]

332: planície pregar] planície, pregar [1970]

334-5: do Conde da Occitânia] do conde da Ocitânia [1970, *que, noutras ocorrências, persiste na grafia* Ocitânia.]

336: doutros] de outros [1970]

toda aquela inutilidade dos ermitérios, os longos e ociosos silêncios, as horas passadas com a fronte sobre uma pedra, aquela imobilidade contempladora donde não saía nenhum bem, nada que aquecesse o coração. Povoada por toda aquela inércia, a montanha ainda lhe parecia mais inerte. E vinha-lhe como um desejo de sacudir aquela imobilidade dos homens e das coisas, e com as suas mãos arremessar conjuntamente os ermitas e os robles, as caveiras e as rochas, e empurrá-los para alguma ação útil, mandá-los de roldão, pela montanha abaixo, a ser úteis aos homens!

O seu coração pouco a pouco se destacava daqueles amores. Já não corria tão alegremente a encher as bilhas; tanta cruz envolta por tantos braços, não lhe causava doçura na alma; e aborrecia as caveiras, com o seu riso imóvel, oferecendo ao sol a sua frialdade branca. Quando de noite as buzinas soavam, implorando o auxílio de orações irmãs, não se erguia em sobressalto, apiedado. Toda a flagelação o impacientava. E nos dias de festa embrenhava-se nos altos da serra para não presenciar o orgulho dos ermitas, mostrando as feridas das disciplinas.

Um dia o prior mandou-lhe construir, com um madeiro, uma cruz da altura dum homem. Três dias Cristóvão trabalhou. E quando, enfim, cravou a cruz num ponto evidente da serra, onde não havia arvoredos, o prior chamou os seus irmãos de ermitério. Um por um, desceram, rezando baixo. O prior encostara-se à cruz, com o corpo colado ao madeiro, e abriu os braços ao longo dos braços da cruz — cruz humana, colada à cruz de lenha. Depois ordenou um cântico. Quando ele cessou:

— Agora — disse o prior — vou ficar aqui, sem comer, sem dormir, durante três dias, pelas três pessoas da Santíssima Trindade. Esta obra é gloriosa!

Todos ergueram as mãos ao céu, edificadas. Cristóvão, nessa tarde, desceu o córrego até ao vale, e sem sequer volver os olhos, abandonou para sempre a montanha.

354: ermitas,] ermitas [1970]

357: dum] de um [1970]

367: céu,] Céu, [1970]

Cristóvão tomou o caminho do lado oposto aos povoados — e começou a caminhar, ao acaso, pela longa ravina que contornava a serra. Era como o leito duma antiga torrente, que seguia funda
5 entre rochas, seca e triste infinitamente. Toda a noite caminhou à luz duma grande lua cheia. De madrugada dormiu à boca duma caverna. A solidão era como a dum mundo deserto, onde só ele habitasse. Cristóvão sonhou com prados e regatos muito frios, muito límpidos, que corriam entre aloendros em flor.
10 Quando acordou teve sede, e em roda só havia um torrão tão estéril que nem nele crescia o tojo.

Todo o dia, marchando sempre, Cristóvão padeceu sede. Ao pôr-do-sol, julgou ver ao longe uma água que rebrilhava. Eram
15 largas lajes de pedra como restos dum terraço, ou do lajedo dum solar. Deitado, esperou ali a manhã: e, através dum sono incerto, julgava ver como olhos luzidios de lobos, que passavam, se

4: duma] de uma [1970]

6: duma grande lua] de uma grande Lua [1970]

7: duma] de uma [1970]

7: dum] de um [1970]

11: estéril] estéril, [1970]

14: dum] de um [1970]

15: dum terraço / dum solar.] de um terraço / de um solar. [1970]

15: dum] de um [1970]

sumiam para além dum barranco. De manhã dirigiu os passos para esse barranco, e aí ao fundo havia como uma água lodosa e pútrida, que ele bebeu com delícia.

20 Durante dous dias mais, caminhou; e o deserto não cessava, com vales estéreis, penedias alcantiladas, e um solo pedregoso, negro, gretado, que escaldava sob o sol de agosto. Sentado por vezes contra uma rocha, Cristóvão cerrava os olhos sob a fadiga, o ardor da estiagem, e parecia-lhe ver grandes pedaços de pão, 25 e frutos que caíam de maduros ao passar dum vento fresco. Estendia a mão, e só encontrava as pedras quentes. Retomava a marcha, e, marchando sempre, padecia fome.

Mas uma tarde que caminhava, já tão fraco que os seus pés tropeçavam a cada instante, encontrou-se de repente numa encosta, 30 onde uma floresta sombria verdejava. Cristóvão mergulhou na espessura. Bem cedo sentiu um murmúrio de água. Mais longe, uma carvalheira estava carregada de bolota. Cristóvão ficou ali dous dias, consolando com lentidão a fome e a sede. Depois, quando emergiu da floresta, avistou diante de si uma região com 35 árvores, um riacho que fugia, muros, e uma tranquilidade habitada. Um fumo lento subia, a distância, para o claro céu. Cristóvão alongou para lá os passos. O fumo subia dum casebre queimado; ao lado havia barricas arrombadas; o cadáver duma vaca, meio seco, desaparecia sob o zumbido das moscas; o pomar estava 40 arrancado e devastado; e em redor todo o solo, a erva, estavam espezinhados, como por um tropel de cavaleiros em marcha.

Cristóvão seguiu, caminhando à beira do regato. Grandes prados verdejavam, cobertos de botões-de-ouro. As ramas dos salgueiros mergulhavam na água fugidia e clara. Os pássaros 45 chalravam na frescura. E no meio desta paz, um moinho com a porta arrombada, e pendente dos gonzos, os grandes paus das velas partidos, as paredes chamuscadas do lume, jazia com a tristeza dum cadáver num prado de primavera. Cristóvão dirigiu-se

17: dum] de um [1970]

25: dum] de um [1970]

33: Depois, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: Depois*]

38: duma] de uma [1970]

48: dum] de um [1970]

50 para o moinho. Duma árvore meio partida, que se erguia por trás, junto às escadas, pendia um velho enforcado, com uma pedra amarrada aos pés. Ao lado negrejavam os tições apagados duma fogueira, e junto dela uma lança esquecida.

55 Cristóvão foi seguindo. Por todo o caminho havia as confusas pegadas de cavaleiros em marcha: todas as sebes estavam rotas; uma ponte rústica fora partida a machadadas; outros casebres apareciam devastados, nus, com o colmo queimado: — e nem uma criatura se via, entre aquelas ruínas.

60 Ao fim dum longo dia, porém, tendo-se sentado junto dum casebre em ruínas, sentiu um ruído entre as árvores: — e um homem apareceu, em farrapos, lívido, escaveirado, e logo se sumiu entre a espessura das árvores. Para o deixar livre de medo, Cristóvão ergueu-se e foi mais adiante, onde havia uma colina com rochas. Um grande roble crescia à boca duma caverna. E ao ruído dos seus passos, uma cabeça de velha apareceu à boca da
65 caverna, e logo se sumiu assustada. Cristóvão pensava com dor porque se esconderiam estes homens. Porque seria aquela terra povoada por gente que se escondia nos bosques, nas tocas dos bichos, debaixo das penedias?... Porquê? Uma grande piedade já o ia tomando. Se ouvia um rugir de ramagens afastadas, gritava: *Paz!*
70 *paz!* para tranquilizar aqueles corações aterrados. Mas logo as ramagens se fechavam e tudo ficava mudo.

Ia caminhando. Bebia nos regatos, comia a bolota e as ervas dos prados. Um dia avistou uma aldeia de casebres de colmo juntos em torno duma igreja, cuja torre estava em obras.
75 Um caminho seguia entre filas de plátanos. Ao penetrar nele, uma mulher que, agachada com uma criança, procurava ervas, fugiu tão tontamente, que deixou a criança no chão. Cristóvão apanhou a criança, tão magrinha que se palpavam os seus pobres

49: Duma] De uma [1970]

52: duma] de uma [1970]

54: marcha:] marcha; [1970]

58: dum] de um [1970]

59: dum] de um [1970]

63: duma] de uma [1970]

74: duma] de uma [1970]

78: palpavam] apalpavam [1970]

ossinhos sob a pele cheia de feridas: e nem chorava, com a
80 mãozinha sobre a testa, onde as chagas eram maiores. Todo o
coração de Cristóvão se enchia de dor. Lançou um grande brado
pela mulher. Ninguém respondeu. Então, tomando a criança ao
colo, seguiu sob os plátanos. Mas sentia, através das folhagens,
alguém que o seguia. Pousou no chão a criança, afastou os passos.
85 E voltando-se bruscamente, viu a mulher que saltava dentre o
tojo, arrebatava a criança e de novo se sumia no mato.

Ao fim do caminho era a aldeia. As primeiras casas, junto
duma paliçada de estacas, estavam desertas, nuas por dentro,
como saqueadas. Nem uma rês de gado se via nos aidos. Nem
90 uma foice pendia sobre a lareira. A uma porta, uma velha, mais
magra que um esqueleto, olhava com os olhos fixos cavados no
vago, e como deslumbrados de espanto. Um cadáver abandonado,
que ninguém enterrara, tinha as mãos decepadas. Por
vezes uma figura passava correndo, com os cabelos ao vento.
95 Uma figura de mulher, de bruços, com os cabelos soltos, estava
agarrada a um berço vazio.

Mas ao fim da aldeia, junto dum calvário, viu correr gente
em magote. Um frade meio descalço, sem capuz, de olhos arden-
tes, erguia uma cruz, chamava a justiça de Deus. Como podiam
100 os homens sofrer mais sobre a Terra? Os senhores andavam em
guerra, e daí vinha o mal dos pobres. Os barões corriam as suas
terras, e tudo saqueavam, tudo roubavam para adestrar soldados,
ter hostes brilhantes. Se outros, mais fortes, os faziam prisio-
neiros, de novo voltavam nos seus grandes corcéis, a saquear,
105 roubar, tirar ao pobre a última acha, a última mão-cheia de
favas, para reunir o preço do resgate. Se ficavam vencedores, eis
que voltavam a saquear os restos, a arrancar a seara ainda mal

79: ossinhos] ossinhos, [1970]

88: duma] de uma [1970]

89: aidos.] eidos. [1970]

90: velha,] velha [1970]

92: vago,] vago [1970]

92: espanto.] espantos. [1970]

93: enterrara,] enterrava, [1970]

97: dum] de um [1970]

103: outros, mais fortes,] outros mais fortes [1970]

madura, para celebrar festas, e erguer solares ricos. Depois, atrás, passavam ainda as companhias de mercenários, que, nada encontrando, queimavam os muros, destruíam os arvoredos, e matavam as crianças nos berços. Quanto tempo mais consentiria o Senhor este mal que ia na Terra? Por toda a parte que ele andara, só vira a fome. As mulheres comiam os cadáveres dos filhos. Os homens em breve seriam como feras. E aí dos que se encontrassem no caminho da turba esfaimada!

A sua mão tremia no ar cheia de ameaças. E em torno dele os moços lívidos apertavam os punhos, com olhares que procuram uma arma. Mas outros baixavam a cabeça. Que podia o pobre, só, na sua terra estéril? A justiça devia vir de Deus. Uma mulher gritou: «Ou antes do Demónio!...» Um murmúrio de terror passou entre a gente.

Cristóvão saiu da aldeia com o coração esmagado. Os seus olhos erguiam-se para o Céu. Ali, por trás do azul, estava o Senhor! Decerto ele via tantos sofrimentos, as guerras, as fomes, as pestes. Porque não descia do seu trono de ouro? Uma carícia da sua mão direita daria aos pobres a abundância, os frutos, as tulhas cheias de pão; e os bandos negros dos senhores cruéis desapareceriam como nuvens que o Sol desfaz, ao mover da sua mão esquerda... Porque não vinha o Senhor?

As terras que Cristóvão atravessava continuavam desoladas, até que, penetrando numa região mais amável e fértil, com pradarias, aldeias, viu ao longe longos fumos esguios que se elevavam para o céu. Um grupo de soldados derrubava árvores. E bem depressa, viu as barracas dum acampamento. Era uma companhia de tunos. As tendas estavam alinhadas sem ordem, ao acaso, todos procurando a maior proximidade do rio. E como era à hora do rancho, viam-se os soldados de bruços mergulharem na água as grossas panelas de ferro. Por toda a parte, sobre as fogueiras acesas, suspensos de varas de ferro ensarilhadas, ferviam os caldeirões: — e

108: madura,] madura [1970]

119: pobre,] pobre [1970]

123: Céu. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.*]

127: tulhas cheias de pão;] tulhas de pão; [1970]

134: dum] de um [1970]

140 junto aos carros, onde vinham as barricas de vinho roubadas nos casais e nos mosteiros, os homens ajuntavam-se, com os seus pichéis na mão. Dous carneiros esfolavam um boi estirado no chão: — e o trabalho era feito num rumor incessante de pragas e cantos.

145 Todos os homens, de barbas incultas, grandes cicatrizes nos rostos, imundos, tinham um curto saio de malha de ferro: e como estavam num país vencido, sem receio de surpresas, os morriões e os broquéis pendiam à entrada das tendas rotas, umas de lona, outras de peles de carneiro. Sobre um cômodo era a dos chefes, 150 com bandeiras flutuando. Por todo o acampamento circulavam mulheres, que seguiam os soldados, umas roubadas nos assaltos das aldeias, outras que acompanhavam, por deboche, o bando dos homens; todas tinham o ar cansado dos grandes furores que suportavam. Aqui e além, um monge descalço, com uma adaga 155 na corda do hábito, o olhar ardente, ia de tenda em tenda. Alguns homens jogavam os dados, outros limpavam as armas. Os falcões gritavam sobre os seus poleiros feitos de lanças.

Serenamente, na sua simplicidade, Cristóvão atravessou o acampamento.

160 Como os bandos cada dia recrutavam novos tunos, ou apri-sionavam servos, ninguém estranhava a sua presença. «A quem pertences?» perguntavam-lhe. Ele atirava um gesto vago para as tendas. E julgando-o idiota, como todos os gigantes, deixavam-no ir, ou aproveitavam a sua força para mover os pipos, rachar lenhas, 165 descarregar dos machos os grandes fardos amarrados com cordas. Tendo trabalhado, Cristóvão comeu e bebeu. A noite caiu: as estrelas luziram. Por toda a parte se acenderam fogos. Em torno deles, os homens bebiam, jogavam os dados, ou escutavam um monge contando histórias do Diabo. Por vezes um grito de

140: e junto aos] e pelos [1970]

141: homens ajuntavam-se] homens juntavam-se [1970]

154: além,] além [1970]

157: poleiros] poleiros, [1970]

162: pertences?» perguntavam-lhe. Ele] pertences?» Ele [1970]

163: idiota,] idiota [1970]

168: deles,] deles [1970]

170 mulher espancada cortava o ar. As canções imundas abafavam o grito das sentinelas. E da colina, onde acampavam os chefes, vinha uma música doce de pífanos e atabales.

Cristóvão no entanto ia através das tendas. Se via um tuno ferido que punha panos nas chagas, agachava-se para ajudar.
 175 Aos cavalos presos, que relinchavam voltando o focinho para a água, ia buscar uma dorna cheia. E aliviava as mulheres dos fardos de lenha que os homens as obrigavam a acarretar. Mas aquela gente era má, queimava as aldeias, arrombava os sacrários, espancava duramente os animais, deixava as crianças morrendo à minguinha nos silvados dos caminhos — e Cristóvão, alta noite, saiu do acampamento, pensando, na sua simplicidade, que Jesus, seu amo, não o queria entre aqueles corações duros.

Três dias e três noites caminhou, e penetrou por fim numa região de grande penúria. A terra seca, gretada, abandonada, nem
 185 produzia cardos. Toda a flor secara nas árvores. A cada instante, ossos de animais branquejavam nos caminhos. As gentes dos campos, que ele encontrava, não tinham mais que ossos sob os trapos que os cobriam, e os seus olhos brilhavam como os das feras. Por vezes, à beira dum riacho, viam-se mulheres, crianças, maceradas,
 190 arrastando-se, devorando as raízes das árvores. Nas terras mais nuas, era a terra mesma que eles comiam às mãos cheias, entre lágrimas que lhes caíam nos dedos. Uma noite, passando junto dum cemitério, viu figuras sombrias, que, tendo desenterrado um morto, o talhavam em postas junto duma fogueira. Depois
 195 foi um mendigo que lhe pediu para o proteger, porque a gente daqueles sítios atacava os pobres mais fracos para ter carne humana. Todo um dia Cristóvão caminhou com o mendigo às costas. E, batendo os dentes de horror, o mendigo contava de pais que comiam os filhos pequenos, doutros que atraíam os

173: Cristóvão no entanto] Cristóvão, no entanto, [1970]

175: presos,] presos [1970]

189: vezes, / dum riacho,] vezes / de um riacho [1970]

191: nuas,] nuas [1970]

193: dum] de um [1970]

194: duma] de uma [1970]

196: fracos] fracos, [1970]

199: doutros] de outros [1970]

200 viajantes para os matar. Ao fim do dia, tendo posto o pobre coxo no chão para descansar, viu-o suspirar e morrer. De noite, por todas as partes luziam os olhos dos lobos, esfaimados também, correndo a roer os cadáveres. Negros bandos de abutres torneavam no ar.

205 E a dor de Cristóvão era tão grande que erguia os braços ao céu, e gritava pelo Senhor. Ele decerto não escutava. À porta das ermidas, debalde o povo se apinhava, implorando misericórdia: os santos não desciam dos seus altares; as relíquias dos mártires pareciam ter perdido a força; e, desiludida do Céu, essa gente apedrejava os sacrários.

210 Quem salvaria os homens? E Cristóvão caminhava cheio de dor por não os poder salvar. De que lhe servia a força dos seus grandes braços, toda a vontade do seu coração?! Alargando os passos, atirando os olhos ao longe, ele só procurava um meio de servir os homens: — e mesmo por vezes lhe vinha à ideia reunir alguns miseráveis, e dar-lhes a sua própria carne a comer.

Um dia que assim pensava, chegou a uma terra onde viu homens cavando o torrão, outros arando, outros semeando a terra. Um troço de besteiros vigiava aqueles homens, que a fome emagrecera: — e um monge, com um tinteiro metido no cinto de corda, lia um rol de nomes. Eram os abades dos mosteiros, os bispos em concílio, que assim arregimentavam os mais fortes das aldeias, e por uma ração de pão os obrigavam a trabalhar, para que as terras não ficassem incultas e não fosse maior o tormento da fome. Eram homens de braços fortes, mas emagrecidos pela fome. As mulheres, os filhos, vinham com eles para partilhar da magra ração de pão. Cristóvão pediu uma enxada; e, tendo admirado a força dos seus braços, o monge indicou-lhe um campo a limpar do pedregulho e do tojo. Com que paixão ele se lançou ao trabalho! Era como se já estivesse saciando todas as fomes

206: céu,] Céu, [1970]

209: força; e,] força, e [1970]

209: Céu, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu,*]

219: semeando a terra.] semeando. [1970]

219: homens,] homens [1970]

222: concílio,] concílio [1970]

futuras. O tojo arrancado fazia montes junto aos seus grossos pés nus: — e ainda por vezes acudia a ajudar os mais fracos, que tropeçavam sob um carroto de pedras, ou, exaustos, deixavam fugir a enxada das mãos. Em torno as mulheres, sentadas, imóveis, com os filhos em redor, esperavam que os homens trouxessem
 235 ao fim da tarde a ração de pão, junta num cesto que os besteiros guardavam: mas a sua fome era tanta, que se precipitavam sobre os semeadores, quando mergulhando a mão na sacola atiravam, com um gesto lento, um punhado de grão. Os besteiros tinham
 240 de correr, repelir as crianças que gritavam.

Os olhos de Cristóvão estavam cheios de lágrimas. Por vezes, cavando a terra, dizia baixo: «Oh terra, dá depressa o pão! Oh terra, tem piedade!» E então os seus golpes de enxada tornavam-se mais doces, quasi tímidos, como se receasse magoar aquela que implorava. Quando se distribuía o pão, ele tomava apenas uma
 245 côdea, e fazia partes iguais que dava às escondidas às crianças. Todos os olhos das mães se voltavam para ele. Os homens murmuravam pensativamente: «Tu és o melhor...» De noite ele seguia o bando dos cavadores, que iam dormir em largos alpendres, à orla da floresta. Mas raros eram os que se atiravam para cima dos molhos de palha. Uma grande velha, descarnada e esguedelhada, cujos olhos rebrilhavam como brasas, vinha rondar em torno aos casebres apoiada a uma forte vassoura. Ao encarar a sua sombra negra passando no luar, os homens soltavam um suspiro, outros
 255 murmuravam: «É a sinal!» As mulheres, à pressa, adormentavam as crianças, procuravam entre a palha vassouras, ou pequenas cabaças, ou um pedaço de véu branco. E todos, uns depois dos outros, em silêncio, desapareciam sob o arvoredor. Uma noite uma forte criatura, de olhos ardentes, disse a Cristóvão: «Vem.» E ele, na
 260 sua simplicidade, tomou o bordão e partiu. Por toda a floresta, por baixo de toda a folha, se sentia o roçar de gente que caminhava em silêncio. Por vezes, um grito prolongado cortava o

232: fracos,] fracos [1970]

234: mulheres,] mulheres [1970]

238: quando / sacola] quando, / sacola, [1970]

246: côdea,] côdea [1970]

262: Por vezes,] Por vezes [1970]

grande silêncio... E, mais rápidas, as formas perpassavam sob a
 folhagem que rumorejava. Assim, Cristóvão chegou a uma clareira,
 265 cercada de velhos e altos carvalhos, onde a lua mal penetrava.
 Uma multidão já a atulhava, trazendo candeias, ou alguma tocha
 fumarenta que bailava entre os ramos. Uma vasta mesa de pedra
 alvejava no meio; e um raio de luar, caindo em cima, alumia
 um alguidar de ferro, junto duma tripeça, coberta por uma
 270 pele de chibo. Uma impaciência parecia agitar toda aquela negra
 turba, onde por vezes um olhar reluzia, como o duma fera na
 espessura. Uma voz, ao longe, gania: «Voa, voal» E, umas após
 outras, vozes lamentosas e dolentes murmuravam: «Voal»

Então a grande velha descarnada avançou, escarranchada
 275 sobre a vassoura. Outra correu atrás dela, com os grossos cabe-
 los ao vento; e outra ainda, — até que uma longa cauda de
 mulheres, esguedelhadas, com o peito nu, grande sendal branco
 voando ao vento, começou a girar em torno da mesa, lamentável,
 com um mover de braços abertos semelhante a um bater de asas
 280 cansadas. Deram assim uma volta lenta — até que, parando diante
 da tripeça vazia, a grande velha estacou, e erguendo os braços
 lançou uma invocação:

S. Marcos te amarque,

285 S. Manços te amanse,
 A Graça te fique,
 A Hóstia te pique!
 Sempre que me vires
 Em mim te remires,
 E quando me não vires
 290 Contra mim suspires!

263: silêncio...] silêncio. [1970]

269: duma] de uma [1970]

271: duma] de uma [1970]

276: ainda, —] ainda, [1970]

E soturnamente toda a turba gemeu, com a cadência dum martelo que cai na bigorna:

S. Marcos te amarque,
S. Manços te amanse!

295 Subitamente a grande fila de mulheres largou numa correria, onde os cabelos se misturavam, as saias meio rotas se espedaçavam, gritando, clamando, uivando, desesperadamente:

300 Sempre que me vires
Em mim te remires,
Quando me não vires
Contra mim suspires.

Cada vez mais rápida girava a grande ronda, com pulos enormes, que atiravam as fraldas brancas pela cabeça, misturavam as grenhas, faziam entrechocar no ar as vassouras e rocas.
305 Já dentre a turba, que olhava em volta, partiam grandes brados. Aqui e além um braço erguia-se, sacudindo furiosamente uma tocha. Pulos furiosos mostravam uma saia esvoaçando no ar. Havia uivos de lobisomens. E entre as pernas de Cristóvão, aterrado, grandes figuras, como de cães, fugiam com as mãos galopando
310 na terra. Mas mais alta que todos os clamores, uma buzina de corno ressoou. Então houve um silêncio tão grande, que se sentia as folhas mover-se ao vento lento da noite.

De novo a grande velha estava defronte da tripeça, agitando a sua grande vassoura. E lentamente, baixo, numa súplica humilde,
315 começou:

Eu te encanto e recanto
E ainda te sobre-encanto,
E por um sino-saimão

292: dum] de um [1970]

296: saias meio [*adota-se a lição de 1970; em 1912: saias meias*]

302-3: ronda, / enormes,] ronda / enormes [1970]

320 Metido num coração,
 E por fel d'excomungado,
 E pelo bode pintado,
 E pela asa do morcego,
 E pelo seixo do rego,
 325 E pelo sangue do drago,
 E por tudo o que te trago,
 Vem!

Um imenso apelo ressoou: «Vem!» Todos os braços se erguiam desesperadamente para a tripeça vazia. E a velha, como possuída do delírio, bradava em apelos agudos que varavam o ar:

330 — Vem contra o Senhor! Vem contra o Bispo! Vem contra o Letrado! Vem contra o Rico!

E cada vez a turba clamava mais ansiosamente: «Vem! vem!»

Uma grande restolhada cortou a espessura, — e sobre a mesa, escarranchado, apareceu um homem enorme, de longa barba
 335 preta, todo coberto de pelo preto, que o assemelhava a um bode. Uma aclamação soou, um delírio arrebatou a todos. As mulheres pulavam, os homens sacudiam os barretes — enquanto a criatura negra, imóvel, dardejava em silêncio os seus olhos coruscantes. Depois, quando se fez de novo um silêncio, a criatura, estendendo
 340 o pé, gritou numa voz rouca:

— Adorai!

Todos lhe beijaram o pé, que desaparecia sob os felpos longos do pelo.

345 Mas então um homem, envolto num grande lençol branco arranjado como uma dalmática de bispo, e com uma mitra negra na cabeça, veio caminhando a coxear para o altar, a ler um livro que segurava nas mãos. Cristóvão conhecia-o. Era o coxo que trabalhava ao lado dele, rosnando palavras ininteligíveis.

350 Tendo posto o livro sobre o altar, o homem abriu os braços, e começou a celebração dum rito, que, com horror, parecia a Cristóvão semelhante à missa da sua aldeia. Curvado sobre o livro, com as mãos postas, ele resmungava uma leitura; erguendo

os braços, saudava a criatura felpuda; e quando, voltando-se para a turba, lançava uma bênção, todos se curvavam, e risos bestiais
 355 estalavam com amargura. Imóvel, a criatura, com as mãos pousadas nos joelhos, recebia o culto. Um acólito, lindo como um pajem, misturava um líquido negro num vaso. E dos grandes carvalhos em redor caía uma sombra negra, que a lua, aqui e além, cortava de manchas lívidas.

360 Como na missa, uma campainha ressoou. O homem mitrado recebeu o vaso, fez uma invocação, derramou uma gota sobre os pés juntos da criatura negra, bebeu o resto, — e tendo limpado os beiços à ponta da sua dalmática, subiu a uma tripeça, e ficou recolhido, como um pregador que vai lançar o seu texto. Um silêncio
 365 caiu, tão fundo que se sentia o menor rumor das folhas. Um raio de lua batia a face barbuda do coxo, que começou a pregar.

Erguendo os braços, perguntou onde se encontraria felicidade para o pobre? A Terra era para ele um lugar de desolação. E desde que nascia até que o levavam para a vala, ele não fazia
 370 mais que gemer, na escravidão. Da alvorada à noite, trabalhava. E para quem ia todo o fruto do seu trabalho? Para o Senhor, para o Bispo, para o Intendente que vinha com archeiros. Para que o Senhor tivesse armas, ele não tinha lume, e tremia de frio. Para que o Bispo tivesse banquetes, ele não tinha pão, e
 375 empalidecia de tome. Para que o Intendente vivesse em casas cobertas, ele vivia em tocas que as suas mãos cavavam na terra.

E era só necessidades que sofria? Não. Era espancado, arremessado para o fundo de prisões, morria entre tormentos... Se a sua mulher era bela, vinham homens de armas que a leva-
 380 vam. Se a sua cabra dava bom leite, vinha o senescal do convento que a confiscava. Tinha de pagar para nascer, tinha de pagar para morrer. Nos homens, para ele, não havia piedade. E havia-a

371-2: Senhor, / Bispo, / Intendente] senhor, / bispo, / intendente [1970]

373: Senhor] senhor [1970]

374: Bispo] bispo [1970]

375: Intendente] intendente [1970]

377: E era [1970 não abre parágrafo.]

porventura no Céu? O Céu mandava as fomes, mandava as
 pestes. Quem salvaria o pobre?... Amo forte, que o protegesse,
 385 só lhe restava Aquele que vive debaixo da terra e que tem todos
 os poderes. Ele reunia os seus filhos, ali, onde eram livres e
 onde não chegava a lança do Senhor, nem o báculo do Abade.
 Ele ensinava os remédios que livram da peste. Ele fazia achar
 os tesouros. Ele fazia reflorir a terra. Ele dava do seu corpo
 390 o comer aos que têm fome, do seu sangue o beber aos que têm
 sede. Glória a ele nas trevas!

E a multidão gritava: «Glória a ele nas trevas!»

Então, saltando da tripeça, o coxo gritou:

— É a hora! Vinde comer e beber, amai a quem vos ame,
 395 e sede homens livres no fundo da noite livre!...

Subitamente, dous homens apareceram trazendo um grande
 carneiro assado, que com facas começaram a retalhar. Outros
 colocaram na mesa de pedra uma pipa de vinho. Com um clamor
 bestial, toda a turba se arremessou para o feiticeiro. A criatura
 400 negra bradava: «Comei do meu corpo, bebei do meu sangue!»
 Os pedaços sangrentos da rês desapareciam nas bocas vorazes.
 Em malgas de louça, em vasos de buxo, o vinho negro espumava.
 Alguns fugiam com a sua ração para a devorar em silêncio. Outros
 lutavam entre si, como cães disputando um osso. As mulheres
 405 empinavam as malgas do vinho, que lhes escorria nos peitos. Havia
 outros que, na alegria do comer, dançavam, brandindo um osso
 esburgado... Sob a mesa, havia braços descarnados lutando
 pelos restos. Já uma embriaguez aquecia as almas. Gritos roucos
 partiam das bocas das mulheres. E de pé o grande bruxo inti-
 410 mava a lua a que se escondesse, para que os homens fossem

383: Céu? [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu?*]

383: O Céu [*adota-se a lição de 1970; em 1912: O céu*]

387: Senhor,] senhor [1970]

387-8: do Abade. Ele] do bispo. Esse [1970]

388: peste. Ele] peste. Esse [1970]

389: tesouros. Ele] tesouros. Esse [1970]

389: terra. Ele] terra. Esse [1970]

407: esburgado...] esburgado. [1970]

410: lua] Lua [1970]

410: escondesse,] escondesse [1970]

mais livres, no fundo da noite livre. Cristóvão, imóvel, olhava, encostado a um tronco, a cabeça escondida na ramagem ligeira. Por vezes, um pastor, agarrando uma das mulheres, arrebatava-a para a escuridão. Gemidos de pecado contente soavam na negra
415 espessura. As feiticeiras rasgavam os últimos trapos, e nuas, hediondas, galopavam escarranchadas sobre as vassouras. A grande mulher trigueira arrebatou e enlaçou Cristóvão, com olhos que o devoravam, murmurando: «Vem!»

Ele suavemente empurrou a criatura — e, só, triste, duma tris-
420 teza infinita, começou a caminhar através do mato espesso. O seu coração sangrava. Aquela gente clamorosa não era amiga do Senhor. Perdidas estavam as suas almas. Mas porque sofriam eles tanto? O coxo dissera a verdade. Para o pobre só havia miséria. O Senhor vinha com a sua grande lança, depois o Bispo com
425 o seu duro báculo. E quando nada restava ao pobre, uma mulher branca surgia, encostada a uma vara branca — que era a Peste. Pobres homens! Pobres criancinhas! Porque não vinha o Senhor?

419: duma] de uma [1970]

424: Senhor] senhor [1970]

424: Bispo] bispo [1970]

Assim pensando, caminhava Cristóvão. Todo o dia caminhou. Desde a véspera não tivera pão, nem água: — e ao fim do dia, sentado numa pedra à beira dum caminho, ele pensava onde
5 encontraria o pão dessa ceia. O sítio em torno era deserto e triste. Nenhum caminho conduzia a moradas humanas. Ao lado estendia-se uma grande lagoa. Altos canaviais erguiam as suas maçarocas negras. E a água parecia dourada, tocada do sol que descia. Um bando de patos bravos voava no alto. E o silêncio
10 era triste e profundo.

Cristóvão ia seguir, marchar, quando o rumor duma cavalgada ressoou ao longe, e uma comitiva apareceu, caminhando com lentidão. Dous besteiros a pé marchavam na frente. Um servo trazia molhos de archotes, para a primeira escuridão da noite.
15 E logo atrás caminhava uma vasta liteira, com cortinas de couro vermelho e topes de plumas aos cantos. Duas damas, ao lado, montavam mulas brancas. Em roda vinham cavaleiros com lanças. E as arcas das bagagens carregavam duas fortes mulas, emplumadas de vermelho.

4: dum] de um [1970]

11: duma] de uma [1970]

16: cantos. Duas [1970; *abre parágrafo.*]

20 Cristóvão, logo de pé, tirou humildemente o seu barrete.
E vendo aquela forma enorme, esguedelhada, negra, na claridade
dourada da tarde, os dous archeiros, estacando, retesavam o arco,
uma das damas deu um grito. A liteira parara, e dentre as cortinas
uma dama muito velha, envolta em peles, espreitou pondo ante
25 os olhos a mão, coberta com um guante de caça. Mas Cristóvão,
humildemente, caíra de joelhos. Então a dama deu uma ordem: — e
um escudeiro, rudemente, mandou aproximar o homem enorme.
Ele veio por entre os cavaleiros, cujas altas lanças direitas nas
selas, não lhe chegavam aos ombros largos. E pelas cortinas da
30 liteira, descerradas, a velha dama, outra mais nova e pálida, e uma
criança loura como um anjo, olhavam com espanto. Cristóvão caiu
de joelhos junto da liteira. E como lhe perguntassem a que terra
senhorial pertencia, e porque andava só nos caminhos, Cristóvão,
na sua simplicidade, só pôde murmurar que vinha de além e tinha
35 fome. A dama mais nova palpou a sua escarcela — e a criança
gritou: «É o gigante que servia Roldão!» Em roda os cavaleiros
riram com respeito. E subitamente o pequeno fidalgo, sentado
sobre os joelhos da velha, pediu, com um lindo mimo, para ter
ele também um gigante, que o seguisse, com uma clava. A velha
40 sorria. E, sem hesitar, deu ordem aos cavaleiros para que trou-
xessem Cristóvão. Com um gesto foi mandando marchar ao lado
das bagagens. E de novo os guizos dos machos tilintaram, e a
comitiva seguiu lentamente. O Sol descera. Os escudeiros acende-
ram os archotes. E a cada instante, dentre as cortinas da liteira,
45 aparecia a cabeça loura da criança que espreitava, queria ver se
vinha o seu gigante. E Cristóvão soube, pelos estribeiros, que
aqueles eram os senhores do castelo de Riba Dona, que ficava
para além das lagoas.

22: estacando, retesavam] estacando, retesaram [1970]

23: parara,] parara [1970]

24: espreitou] espreitou, [1970]

28: direitas] direitas, [1970]

36: Roldão!»] Roldão.» [1970]

37: fidalgo,] fidalgo [1970]

38: velha,] velha [1970]

42: tilintaram,] tilintaram [1970]

50 Bem depressa, no alto duma colina, entre grandes bosques
que desciam para o vale, surgiram as altas torres. Na mais alta
ardia uma chama, que se torcia ao vento. Longas buzinas soaram.
E à entrada da ponte levadiça apareceram tochas inumeráveis que
os escudeiros erguiam alto.

55 O intendente, o senescal, dous frades com hábito, outros
cavaleiros esperavam no pátio. Nas janelas ogivais brilhavam cla-
ridades. E o sino da capela repicava alegremente. Um escudeiro,
cuja barba branca caía sobre um corpete de couro branco, recebeu
nos braços a criança loura, que as damas cortejavam, mergulhando
nas suas longas saias de cauda, orladas de peles. Um tapete fora
60 desenrolado sobre a vasta escadaria. Os cães latiam alegremente.
E sob a grande porta, que sustentava um escudo de armas,
uma camareira esperava, com um jarro de prata na mão, enquanto
outras ao lado tinham uma bacia que rebrilhava, e uma branca
toalha fina. A cauda enorme da velha que levava a criança pela
65 mão, desapareceu sob o alto portão. Os estribeiros levavam
os cavalos à rédea, outros recolhiam as lanças. E os cavaleiros,
cujas esporas retiniam sobre os lajedos do pátio, contavam ao
intendente e ao padre como a jornada fora boa com a ajuda do
Senhor, sem encontro de touros, nem de lobisomens.

70 Mas, no entanto, todos os criados cercaram Cristóvão,
com espanto. Ele torcia o seu barrete nas mãos, humildemente.
Os pajens riam da sua grenha hirsuta, da imensidade dos seus
pés cheios de terra. Os mesmos cozinheiros tinham corrido, para
o admirar. Os cães, assustados, latiam.

75 Mas um pajem veio correndo chamar Cristóvão à sala de
armas: — e através dum corredor abobadado, por onde ele
tinha de caminhar todo vergado, e de portas de carvalho que
mal podia passar, levou-o a uma sala que era grande como a

49: duma] de uma [1970]

51: chama,] chama [1970]

60-1: alegremente. E / porta,] alegremente: — e / porta [1970]

63: rebrilhava,] rebrilhava [1970]

65: mão,] mão [1970]

70: Mas, no entanto, / Cristóvão,] Mas no entanto / Cristóvão [1970]

74: cães, assustados,] cães assustados [1970]

76: dum] de um [1970]

80 nave duma igreja. Pelas paredes estavam encostados molhos de
lanças. Das traves do teto pendiam bandeiras, e ao fundo, numa
vasta chaminé, ardiam troncos de árvores, a que os cavaleiros, de
pé, aqueciam as mãos. Uma cortina ergueu-se e as duas damas
apareceram com a criança no meio delas, e seguidas dos pajens,
que traziam tochas de cera.

85 O pequeno Senhor do castelo (porque seu pai morrera,
havia dous anos, na guerra do Rei da Occitânia) tinha feito seis
anos pelo Natal, e era tão delicado e louro que pareceu a Cristóvão
o Menino Jesus que havia no altar da capela. Mas, desde criança,
fora educado para ser um cavaleiro forte: todas as manhãs lhe
90 esfregavam os lábios com um pedaço de oiro bento, para que as
suas falas fossem honestas e brilhantes; a sua roupa era secada ao
lume sobre o fio duma grande espada, para que crescesse forte
e amigo das armas; e trazia ao pescoço um pedaço do Santo
Lenho, para que o seu coração se enchesse do amor do Céu.
95 O seu encanto fora sempre ouvir as histórias dos Paladinos. De
noite sonhava com Roldão, e estendia o braço para empunhar a
grande trompa que soara em Roncesvales. E desejava libertar damas
presas em torres, domar dragões e ser servido por um gigante
armado duma clava.

100 E ali o tinha, o seu gigante, maior de que todos aqueles de que
ouvira falar, nos serões de inverno, aos trovadores que passavam
esmolando, ou aos peregrinos que tinham visto as maravilhas da
Terra Santa. Direito, a mãozinha assente na cinta, o olhar rebrilhante,
estava diante de Cristóvão, — que sorria, com a vasta face bar-
buda toda pendida e enternecida para ele. Então, erguendo o dedo
105 para o alto, onde estava o ombro de Cristóvão, disse muito sério:
— Quero subir lá cima.

79: duma] de uma [1970]

85: Senhor] senhor [1970]

86: do Rei] do rei [1970]

90: de oiro] de ouro [1970]

92: duma] de uma [1970]

92-3: forte e] forte, [1970]

94: Céu. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.*]

99: duma] de uma [1970]

104: Cristóvão,] Cristóvão [1970]

O seu aio ergueu-o nos braços, mas não chegava àquela altura. As damas riam; os cavaleiros também, metendo os dedos entre os
110 fios das barbas. Então Cristóvão agarrou delicadamente na criança, e pousou-a no seu grande ombro. Lá no alto, a criança sorria, vendo todos em baixo, tão pequenos, junto dos joelhos do gigante. Espicçou o ombro de Cristóvão, gritou: «Caminha!» E Cristóvão marchou, através da sala. Para passar, a criança afastava as bandeiras
115 que pendiam. Os seus olhos, cheios de orgulho, reluziam como estrelas. Mas a mãe inquieta erguia as mãos, chamava: «Ruperto! Ruperto!» — E o aio, todo erguido nas pontas dos pés, estendia os braços para as alturas de Cristóvão, para receber Ruperto que se atirara de lá, rindo e sem medo.

120 Então a dama velha deu as suas ordens ao senescal. Cristóvão foi levado às cozinhas — onde os pajens, os criados, correram para ver Cristóvão, sentado no chão, com uma bacia de barro nos joelhos, cheia de vinho, esfarelar dentro grandes broas, que um criadito lhe trazia, ajoujado.

125 Deitado, nessa noite, numa velha cavaliariça abandonada, Cristóvão sentiu uma grande paz, e como um calor que o envolvia, vindo menos da palha fresca em que jazia do que do sentimento vago de que alguém o estimava, o queria, necessitava dele. Era aquela criança, tão linda, tão nobre, com os seus longos cabelos
130 de ouro. E toda a noite sonhou que uma criança assim, cujos cabelos louros caindo sobre a camisa branca o envolviam num brilho de ouro, vinha desde a ponta dos seus pés, caminhava ao comprido do seu corpo, como por uma estrada desigual que galga montes e vales: os seus pezinhos mal pousavam; e chegada junto
135 da sua face, a criança parava, e debruçada sobre os seus grandes olhos, parecia contemplar dous lagos tranquilos e claros como espelhos. Depois no mesmo silêncio, e caminhando sobre o seu corpo, recuava até à ponta dos seus pés, donde se elevava para o ar, resvalando num raio oblíquo da lua, que entrava por uma fenda.

140 Ao primeiro alvor da madrugada, antes que a buzina das sentinelas anunciasse o dia, Cristóvão, saindo por uma porta aberta, foi rondar em torno do castelo. Nunca ele vira construções tão

118: Ruperto] Ruperto, [1970]

145 magníficas. Uma longa muralha envolvia toda a colina. Os nenú-
fares cresciam na água dos fossos. E para além eram arvoredos,
terras de cultura, por onde um rio, coberto àquela hora de névoa,
serpeava por entre grandes choupos.

Desde tanto tempo havia paz naqueles feudos senhoriais, que
a erva crescia nas fendas da ponte levadiça. A força patibular,
sob a clemência das Damas que governavam, tinha as vigas
150 apodrecidas e verdes de musgo. E sobre o torreão erguia-se uma
lança, com um morrião espetado, e uma cabaça, significando que
ali se dava hospitalidade a cavaleiros e peregrinos. As torres, de
telhados agudos, eram inumeráveis, tendo todas bandeiras ou
flâmulas, vermelhas e verdes, que esvoaçavam na brisa. Dragões,
155 debruçados das ameias, vomitavam a água das chuvas. E em cada
janela ogival, com brasões nas vidraças, havia um vaso escarlata,
onde crescia uma açucena.

Dentro das muralhas, tudo era magnífico. Os lajedos dos
pátios, polidos como os duma igreja, eram cercados duma bor-
160 dadura de terra onde cresciam roseiras. O poço era encimado por
um pombal, que terminava por uma imagem de S. Marcos,
onde as pombas vinham pousar, beijando-se sobre o seu grande
livro aberto. Por trás da negra torre isolada, que servia de tesouro
e de arquivo, havia um jardim em flor: e aos lados um coberto para
165 o jogo da bola, uma álea para o jogo da lança. E na tranquilidade
daquele solar de damas, alheias a coisas de guerra, respeitadas nas
longas léguas dos arredores, as sentinelas, sobre as ameias, jogavam
os dados, ou dormiam como frades repletos.

Cristóvão pasmava destas maravilhas, quando um pajem
170 o chamou à presença dum intendente. Numa sala abobadada,

149: Damas] damas [1970]

152-3: torres, de telhados agudos,] torres de telhados agudos [1970]

154: Dragões,] Dragões [1970]

155: ameias,] ameias [1970]

159: duma / duma] de uma / de uma [1970]

161: pombal,] pombal [1970]

161: Marcos,] Marcos [1970]

169: maravilhas,] maravilhas [1970]

170: dum] de um [1970]

sentado numa vasta cadeira de carvalho lavrado, diante duma
 mesa coberta de rolos de pergaminho, de in-fólios com armas
 estampadas, o intendente marcou a Cristóvão as suas obriga-
 ções que consistiriam em acompanhar o Senhor sempre que
 175 ele saísse, a pé, ao lado do seu ginete, e armado duma clava.
 Depois um homem, um corcunda entrou, e trepando vivamente a
 uma cadeira mediu Cristóvão, com um côvado de madeira, desde
 a cabeça aos pés, e saiu, recuando e saudando, com um molho
 de tesouras e de agulheiros tinindo à cinta.

180 Quando o fato que ele assim medira ficou pronto, Cristóvão
 recebeu ordem para talhar uma maçã num tronco de árvore, e,
 vestido, acompanhar o Senhor, que ia visitar as suas florestas: e
 enquanto o esperava, na clara manhã de agosto, Cristóvão não
 cessava de se mirar na água clara da cisterna, pasmado das bra-
 185 gas de pano às listas azuis e vermelhas, que lhe cobriam as
 pernas, e do gibão vermelho e azul, que lhe cobria o peito,
 tendo bordadas as armas da senhoria.

Bem depressa o Senhor apareceu montado num potro
 branco, com plumas brancas na gorra, sob a qual caíam os seus
 190 cabelos louros. Um aio, ao seu lado, levava o falcão no punho.
 E dous cavaleiros seguiam, de lança alta. Vendo Cristóvão, o
 menino gritou de alegria: e três vezes fez correr o potro, que se
 espantava, em torno de Cristóvão imóvel, com a sua maçã ao
 ombro. Depois, atravessando a ponte levadiça, correu pelo caminho
 195 largo, voltando-se na sela, airoso e vivo, para ver Cristóvão, que
 trotava com as suas vastas passadas, a longa guedelha ao vento.
 Pelas portas dos casebres, os vilões do castelo ajoelhavam à pas-
 sagem do Senhor, que lhes atirava moedas de cobre, da sua

171: duma] de uma [1970]

173-4: obrigações] obrigações, [1970]

174: Senhor] senhor [1970]

175: duma] de uma [1970]

182: Senhor,] senhor, [1970]

185: listas] listras [1970]

185-6: vermelhas, / pernas,] vermelhas / pernas [1970]

188: Senhor] senhor [1970]

198: Senhor,] senhor [1970]

escarcela: depois, em grupo, com os braços estendidos, ficavam
200 a olhar o gigante que corria atrás.

Ao fim do passeio, tendo parado numa clareira onde se erguia
uma torre, o menino não quis montar o potro, mas voltar ao castelo
cavalcando Cristóvão. Debalde o aio, com um joelho em terra, o
potro pela rédea, lhe pediu para montar. Com o olhar vivo, ele disse
205 só: «Mas querol!» E, suspirando, o velho aio ajudou-o a trepar até
ao pescoço de Cristóvão, onde ele montou, com as suas esporas
fixadas no peito de couro. Então a sua alegria foi extrema. Era
como se estivesse no alto duma torre que caminhasse. Ora o
fazia parar para apanhar as mais altas flores dos medronheiros, que
210 atirava ao chão; ora queria espreitar os ninhos; ora, espicaçando
o peito de Cristóvão, corria agarrado aos seus cabelos como
às rédeas dum ginete. E assim voltou ao castelo, onde a mãe
e a avó, na grande varanda de pedra, apertavam as mãos, entre
inquieta e agradadas, ao ver assim o menino cavalgar o gigante,
215 como nos contos dos menestréis.

E desde esse dia a melhor alegria do menino foi cavalgar
Cristóvão. Eram então grandes correrias em torno às muralhas,
ou em volta dos fossos, por vezes mais longe, até à floresta, Cris-
tóvão sempre trotando, o menino sempre rindo. E assim pouco
220 a pouco o menino se afeiçoara a Cristóvão, como a um cavalo
que o compreendia, o fazia rir, com corcovos violentos, ou passos
largos e ondulados, como os dum vasto dromedário. Cristóvão
também, pouco a pouco, se dera de todo o coração à criança.
Quando o sentia sobre os ombros, toda a sua face se alumia-
225 Por mais fortemente que ele lhe puxasse os cabelos, só sentia a
carícia das suas mãos. Para o fazer rir, relinchava como um corcel
de guerra; ou fingia medo, não queria avançar, e as esporas do
menino rasgavam o couro do seu tabardo. Nos dias em que chovia
e o menino não saía do castelo, todo o dia Cristóvão rondava
230 tristemente pelos pátios, com a melancolia da sua ociosidade: e de

208: duma] de uma [1970]

211: cabelos] cabelos, [1970]

212: dum] de um [1970]

222: dum] de um [1970]

225: ele lhe puxasse] ele puxasse [1970]

noite não recolhia à sua estrebaria, com os olhos na janela onde luzia a luz que alumiaava o menino.

Por vezes, porém, o menino queria que Cristóvão viesse assistir ao seu jantar: — e então dous pajens abriam mais largos
 235 os grandes reposteiros de tapeçaria para que Cristóvão penetrasse na vasta sala, onde o teto era pintado de azul, e salpicado de flores que brilhavam como recortadas em ouro. Imóvel a um canto, ele contemplava o menino, que se sentava ao lado da avó, numa cadeira de alto espaldar como a dela. Por trás, o seu aio
 240 tomava os pratos da mão do escudeiro. Sobre a mesa, coberta de linho fino, retiniam os copos de prata. Os bufetes vergavam ao peso das baixelas. Uma grande fogueira bailava na chaminé, onde estava representado o cerco de Antioquia: — e sobre os poleiros, de ferro polido, os falcões afiavam o bico.

Mas por vezes o menino queria Cristóvão mais perto. Então a mãe, resignada, fazia um gesto seco: — e Cristóvão, muito humilde, assustado dos esplendores senhoriais, vinha, vergando os ombros, com o seu barrete na mão. O menino queria-o de joelhos, com as mãos no chão, e batia-lhe nas costas, estendia-lhe pedaços
 250 de carne, que ele comia com ruído, para o divertir mais.

Outras vezes, à noite, um pajem vinha buscar Cristóvão às cozinhas, e entrava na grande sala, onde ardia uma fogueira na chaminé. Sentada na sua cadeira, a avó tinha um livro de horas aberto nos joelhos, com o menino ao lado. Defronte a
 255 mãe fazia tapeçaria. E um trovador, ao pé, sentado num escabelo, contava um longo romance de cavalaria e de amor. Era sempre um paladino de armas negras, uma dama encerrada nalguma alta torre, um gigante guardando a porta dum castelo encantado. O menino exclamava:

260 — Também eu tenho um gigante!

E fazia então erguer Cristóvão que parecia monstruoso, com os grossos joelhos vivamente alumiados pela chama dos

239: trás,] trás [1970]

245: Mas por vezes] Mas, por vezes, [1970]

251: vezes, à noite,] vezes à noite [1970]

258: dum] de um [1970]

261: Cristóvão] Cristóvão, [1970]

troncos ardendo, a cabeça quási perdida na sombra das altas vigas. O frade erguia as pálpebras dormentes; a dama ficava com a longa
265 agulha suspensa sobre a tapeçaria; e todos, olhando Cristóvão, sentiam mais real e viva a longa história de fadas e cavaleiros. Depois os escudeiros serviam bolos secos, e as grandes canecas de hipocraz.

Assim os dias tranquilos passavam no castelo tranquilo.
270 O vigia, invariavelmente, ao anunciar, com um toque de buzina, o nascer do sol, içava no mastro da torre de menagem a grande bandeira de seda com as armas do Senhor. As janelas do castelo abriam-se; o sacristão varria a capela; o servo dos currais chegava, ajoujado com os seus cântaros de leite; e os pajens,
275 cantando como pássaros que acordam, desciam correndo para o jogo da bola, ou para a liça coberta, onde o mestre de armas já experimentava as espadas, vergando as lâminas, ou examinava os ferros das lanças.

Se o tempo era claro, as damas e o menino davam um passeio
280 pelos altos terraços. O menino por vezes, debruçando-se, gritava por Cristóvão, enquanto as damas respiravam o ar fresco, ou seguiam o voo dos falcões novos, que os falcoeiros adestravam.

Ao meio dia dous trombeteiros anunciavam o jantar dos Senhores; ao portão do castelo iam-se juntando os pobres das
285 terras senhoriais, para receberem depois nos saíões estendidos o resto dos pães, ou a carcaça das aves.

Às vezes, pela tarde, um repique de pandeiretas, de guizos, anunciava a chegada duma companhia de menestréis e jograis: um
290 deles, com o barrete na mão, pedia permissão para dar uma representação no pátio. As damas vinham ao balcão; todos os pajens corriam, o arquivista deitava a cabeça fora da janela da torre, os cozinheiros espreitavam dentre as reixas de ferro: — e no pátio os jograis, atirando bolas, dançando na corda, erguendo

271: do sol,] do Sol, [1970]

272: Senhor.] senhor. [1970]

273: abriam-se;] abríam-se, [1970]

284: Senhores;] senhores, [1970]

288: duma] de uma [1970]

290: balcão;] balcão, [1970]

295 pesos, ou representando farsas, levantavam grandes *Ah! ah!* lentos e maravilhados. Quando saíam, sempre algum deles chamava Cristóvão com um gesto discreto — e fora da ponte levadiça persuadiam-no a vir com eles, na vida livre e alegre, percorrer os castelos, visitar as feiras, entrar nas cidades, ganhar dinheiro para a velhice. Ele recusava, com um mover lento da cabeça. E eles
300 seguiam voltando-se ainda para o ver, calculando os ganhos que teriam com a exibição daquele gigante.

Outras vezes era uma comitiva de fidalgos que chegava em visita. O pátio estava todo sonoro do relinchar dos corcéis. Os pajens corriam azafamados. Nas janelas batiam-se as alcatifas: — e nas
305 cozinhas, o mestre, mais afogueado e vermelho que um pimentão, preparava grandes empadões, donde saíam pombas vivas. Nesses dias o menino tinha orgulho de mostrar o seu gigante: e, diante dos cavaleiros pasmados, Cristóvão corria em torno com o menino a cavalo no ombro. E o capelão dos hóspedes tomava sempre as
310 medidas de Cristóvão, para relatar nas histórias.

Outras vezes, já por noite escura, ressoava às portas do castelo uma trombeta de guerra. E um cavaleiro entrava, silencioso, coberto de ferro, seguido do seu escudeiro. Uma camareira corria com o gomil de água perfumada para lhe derramar nas mãos;
315 um pajem desembaraçava-o da sua lança; outro marchava adiante, com uma tocha de cera: — e o cavaleiro, com o seu elmo na mão, sacudindo os cabelos, lançava um nome sonoro de paladino, famoso já naquelas terras. Ou então era um peregrino, que os escudeiros levavam primeiro à cozinha, onde ele alargava o seu
320 manto diante do lume para o secar da humidade dos caminhos. Cristóvão segurava com respeito o seu bordão, donde pendia uma cabaça. Em breve um capelão o conduzia às damas, a quem ele contava as suas jornadas, as maravilhas do Santo Sepulcro: — e Cristóvão esperava, para lhe beijar a orla da sua esclavina, que
325 tocara no túmulo do Senhor.

Assim os anos passavam. O menino crescia — e agora começava a ser ensinado em tudo o que respeita às cousas da caça e às cousas da guerra. Todos os dias o monteador trazia cães,

294: *Ah! ah!* «Ah! ah!» [1970]

para completar a matilha do Senhor: e chegavam às costas
330 das mulas caixas contendo armas tauxiadas, para o menino lhes
aprender o manejo. Mas, por desejo da avó, que era dada às
cousas do *alegre saber*, o menino passava longas horas com o
capelão, que lhe ensinava a conhecer as letras, os números, e a
traçar o seu nome num pergaminho. Pouco a pouco, o menino
335 perdera a sua curiosidade por Cristóvão. E já por vezes passava
diante dele sem lhe sorrir, ou lhe acenar com a mão, já calçada
com o guantezinho de caça.

Mas Cristóvão não vivia ocioso. Os pajens davam-lhe as
armas para limpar. O sacristão, velho e trôpego, pedia-lhe para
340 varrer a capela — e mesmo era ele quem acendia os fornos da
cozinha, ou lavava a baixela suja. Depois, um dia, a avó, lendo
uma história em que um gigante guardava um tesouro, quis que
Cristóvão guardasse a torre onde estavam os arquivos e as arcas
de dinheiro. A torre, então, foi o seu cuidado: constantemente a
345 vigiava para a limpar dos musgos ou das ervas. Todas as manhãs e
todas as tardes batia as reixas das janelas esguias, para que nenhum
ferro estivesse frouxo ou dessoldado. Era ele que levava o jantar,
a ceia, ao arquivista, sempre debruçado sobre os seus pergami-
nhos. E agora dormia à porta da torre, com a grande chave de
350 ferro toda fechada na mão. Todavia o menino, às vezes, ainda
queria ser seguido por Cristóvão. Eram esses os seus dias alegres.
Como um cão meio abandonado, os seus olhos simples e bons
imploravam uma carícia. Mas em breve, o menino, com um gesto,
o despedia: agora só se interessava por armas, por falcões, por
355 ginetes de guerra. E Cristóvão, suspirando, com o coração pesado,
ia estirar-se junto da torre, com a sua grossa chave sobre os joelhos.

Depois, um dia, um parente chegou ao castelo, trazendo de
presente ao menino um anão disforme, pouco mais alto que uma
seta, com uma cabeça enorme, de olhos maus, e uma longa barbicha

329: Senhor:] senhor; [1970]

332: *alegre saber*] alegre saber [1970]

350: menino, às vezes,] menino às vezes [1970]

359: enorme,] enorme [1912 e 1970]

360 rala, que lhe fazia como o queixo dum bode. O menino teve então a paixão do seu anão. E nunca mais reparou em Cristóvão.

A dor de Cristóvão foi imensa. E o castelo tornou-se-lhe subitamente tão frio e deserto como um cerro que as nortadas batem. Todo o dia os seus olhos espreitavam os terraços onde
365 o menino passeava, a porta por onde saía, a liça onde ele vinha jogar a seta. E quando ele aparecia, Cristóvão escondia-se por entre os ângulos das torres — não se querendo mostrar por sentir que não era desejado, ou pelo receio de ver que não era chamado com o riso alegre de outrora. E na sua simplicidade
370 pensava: «Que lhe fiz eu? Porque me não quer?» Todas as noites sonhava com ele. Era sempre a mesma criança, com os cabelos louros sobre uma camisa muito branca, que caminhava sobre o seu corpo, mas, em lugar de vir espreitar a sua face, só vinha para lhe enterrar a ponta da sua seta no sítio onde sentia bater
375 o coração, com um jeito que era seco e cruel.

Sentado à porta da torre, pensando naquela ingratidão, soltava grandes suspiros: e o arquivista debruçava a cabeça calva pelo postigo, aos ruídos daquela dor. Para ao menos estar misturado às coisas do menino, era ele quem limpava o seu potro
380 favorito: mesmo por vezes lhe beijava o focinho; e a sela em que o menino montava, as rédeas cobertas de veludo, os seus estribos de prata, eram como cousas sagradas, em que tocava com devoção.

Por esse tempo, uma manhã, houve um grande rumor no castelo. O menino estava doente. Bem depressa dous pajens
385 partiram galopando — e não tardou a chegar, montado na sua mula, o Físico, com a sua caixa de drogas. Foram então dias de inquietação. A capela estava todo o dia acesa, e as aias rezando. Dum convento vizinho vieram as relíquias de S. Teódulo. Os pajens, sem jogar, sem lutar, cochichavam com medo pelos
390 cantos: — e outros iam procurar pelos caminhos peregrinos, ou mercadores ambulantes, que trouxessem de longe alguma receita nova e ignorada. Cristóvão não dormia. Toda a noite, os seus

360: dum] de um [1970]

363: deserto] deserto, [1970]

386: Físico,] físico, [1970]

388: Dum] De um [1970]

olhos estavam cravados na janela dos aposentos do menino. Interrogava, tremendo, as camareiras. Ia pelos casais de colmo,
395 dos servos, perguntando por ervas. Foi muito longe consultar um pastor feiticeiro. E para que nenhum rumor inquietasse o menino, ia de noite, com uma grande vara, bater a água dos fossos para fazer calar as rãs.

Um dia, porém, o menino apareceu no terraço do castelo,
400 apoiado às duas senhoras, pálido ainda, sorrindo ao sol de inverno. Todos os criados, os servos, correram, saudando-o de longe com os barretes. A sineta da capela repicava alegremente. E Cristóvão, com as mãos postas, esperava ansiosamente que os olhos do menino se pousassem nele. O menino acercou-se da beira do
405 terraço — e os seus olhos, ainda vagos e tristes, pareceram nem reparar no seu gigante. Cristóvão foi recolher à sua torre, com duas grossas lágrimas rolando-lhe por entre as barbas.

O castelo perdeu então para ele todo o seu encanto: — e, como que sufocado entre os seus altos muros, voltava os seus pensamentos para os campos e para as moradas dos servos, entre quem nascera. Como a paz era tão grande, nenhum dos serviços de guarda
5 era feito com exatidão: as sentinelas dormiam nos torreões, como frades no locutório; os porteiros deixavam os molhos de chaves pendentes das argolas de ferro; e a torre dos arquivos não precisava ser guardada. Logo pois que a varria, Cristóvão, tomando o bordão, ia pelas terras do feudo, pelos casebres dos colonos e servos.
10

Todos o conheciam. Havia sempre para ele um pichel de vinho: — e Cristóvão brincava com as crianças ou ajudava a tosquiar os anhos. Pouco a pouco, tornou-se o serviçal de todos, e, como outrora na sua aldeia, era ele que acarretava os fardos, rachava a lenha, compunha os telhados, lavrava os chãos mais duros. Mesmo por vezes ia pastorear os rebanhos ou guardava os moinhos. À noite ficava entre aquela pobre gente, sem pena do bom calor das cozinhas do castelo, do pão fresco, e da sua larga porção de carne salgada. Reunidos à lareira, num dos casebres,
15 eles passavam o fim da tarde já escuro olhando o lume, onde
20

1: XIV [1970; *não inicia capítulo*]

2: encanto: — e,] encanto — e [1970]

- as raparigas assavam castanhas na cinza. E Cristóvão, no meio deles, escutava o seu falar lento e grave. Os mais velhos contavam histórias do velho conde, homem cruel, que nos campos impelia o seu corcel contra os lavradores, ou talava os vergéis.
- 25 Dizia-se que tinha pacto com o Demónio: — e muitos o tinham visto caçar de noite, à luz de tochas, guiado por um caçador todo escarlata, que tocava uma trompa donde saíam chispas de lume. Outros tempos mais doces tinham vindo com o outro conde, o que morrera nas guerras, e com as damas, tão clementes, que as
- 30 forcas patibulares estavam apodrecendo. Mas quanto lhes pesava ainda aquele alto castelo, de brasões e de flâmulas! Que dura era ainda a vida sempre sujeita, toda de duro trabalho! E cada um contava a sua miséria, o labutar incessante, o pão escasso, os
- 35 filhos rotos pelos grandes frios, a fome por vezes vindo com os seus dentes de loba... As vozes iam-se tornando mais tristes. O vento entrava pelas fendas dos casais. As mães, com um suspiro, embalavam os berços, onde dormiam inocentes, votados à mesma servidão e à mesma miséria. Cristóvão sentiu o seu coração doer, com uma compaixão infinita.
- 40 Às vezes um frade mendicante batia ao portão, e entrando, deitando as bênçãos, arrumando a um canto o seu alforge, ia aquecer às lareiras os pés doridos dos caminhos, lacerados pelas urzes, e o hábito de burel que fumegava. Filho de vilões, tendo nascido nas lavouras, conhecia as misérias da servidão: e, frade
- 45 pobre, sofria da opressão, do orgulho dos prelados ricos, com castelos e terços armados. Então, sentado na melhor tripeça, com o seu rosário caído entre os joelhos, ele falava também da miséria dos tempos. Certamente Nosso Senhor, cansado de tanta maldade dos grandes, não tardaria a voltar à Terra, distribuir melhor o pão,
- 50 reformar as ordens, abater o orgulho dos Ricos-homens. E quem sabe? Incompreensíveis são os caminhos da Providência! Talvez,

21-2: castanhas na / Cristóvão, no meio deles,] castanhas e batatas na / Cristóvão no meio deles [1970]

25: Demónio: [adota-se a lição de 1970; em 1912: demónio:]

38: Cristóvão sentiu] Cristóvão sentia [1970]

46: Então, [adota-se a lição de 1970; em 1912: Então]

49: Terra, [adota-se a lição de 1970; em 1912: terra,]

50: dos Ricos-homens.] dos ricos-homens. [1912; 1970]

para castigar os castelos, Deus revoltasse as cabanas. Um chuço
fura a melhor armadura, quando é a mão de S. Miguel Arcanjo
que o impele. Talvez na Terra se repetisse em breve a batalha
55 do Arcanjo e do Demónio. Já um fogo andara no céu, para
o lado do oriente. E sobre o mar, tinham-se visto, erguidas e
entrechocando-se, uma foice e uma lança. E então, baixando a
voz, contava como nos condados que atravessara, os homens se
juntavam de noite numa floresta e tramavam o fim da servidão.

60 Cristóvão recolhia ao castelo pensativo. E todas aquelas
torres, aquelas muralhas lhe pareciam dum aspeto cruel e hos-
til ao pobre. Porque não haveria para todos a mesma lareira, o
mesmo pão? Aqueles tesouros que ele guardava na torre seriam
a abundância para criancinhas sobre toda a Terra. Para que eram
65 tantas armas? Os homens não se deviam combater, mas somente
abraçar em concórdia.

Um dia que ele assim pensava, sentado à beira dos fossos,
um velho veio a passar, um dos servos do castelo, picando o seu
burro carregado de erva. Parecia ter pressa, e no seu olhar havia
70 como uma inquietação. Ao ver Cristóvão, parou dizendo: «Novas
más, novas más!» E como Cristóvão arregalava os olhos simples, o
servo contou que no mercado donde viera corria entre a gente
que um bando de servos se levantara, num domínio, além, para
trás das colinas, tendo por brado: «Morte aos castelos!» Outros
75 servos se tinham juntado, com chuços. Toda a Terra parecia em
revolta. E já dous castelos tinham sido atacados, as damas mortas,
as crianças mortas, e agora as duas torres ardiam sobre a colina.
E, sem outra palavra, picou o seu burro carregado de erva. Mas
imediatamente Cristóvão se ergueu e o começou a seguir. Quando
80 chegou, atrás dele, à aldeia, já havia grupos no adro, já se falava
baixo à porta dos casais. A nova viera no vento, e a todos espan-
tava. Nas faces dos homens moços havia como uma emoção, uma

56: mar,] mar [1970]

56: visto, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: visto*]

58: atravessara,] atravessara [1970]

61: dum] de um [1970]

63: tesouros / torre] tesouros, / torre, [1970]

72: mercado donde viera] mercado, donde viera, [1970]

dúvida, se não seria o dever de todos tomar as foices, as enxadas,
fazer armas com o ferro dos arados, ir juntar-se aos irmãos de
85 servidão, vingar os pobres. Os velhos abanavam a cabeça numa
grande prudência. De que serviria? Sempre os barões venceriam,
descendo nos seus grandes corcéis. E as mulheres, inquietas,
lembravam a bondade das damas do castelo, as suas esmolas, os
pedaços de anho que pelo Natal mandavam a todos os casais.
90 Que seria se o bando viesse atacar o castelo? Não havia soldados
para o defender, nem armas. Pobres senhoras, tão sós e fracas!
Pobre condezinho, tão fraco e só!

Cristóvão escutara em silêncio. E em silêncio também,
recolheu ao castelo. Toda essa tarde rondou as muralhas como
95 para lhes estudar a solidez e a resistência. Depois com os seus
punhos fortes, palpou as portas. E como nesse momento o inten-
dente passava, seguido do seu grande cão, perguntou:

— Que fazes, Cristóvão?

Ele respondeu:

100 — Anda gente má pelos campos: é necessário levantar a ponte.

O intendente sorriu, encolheu os ombros — e nessa noite
fez rir as damas contando os terrores do gigante. Cristóvão,
porém, não dormia. No alto da torre da almenara, toda a noite
espreitou as terras em redor. Ao longe, sobre uma colina, havia
105 como fogos dum acampamento. Mas nenhum rumor se ouvia,
senão o cantar dos sapos na planície. Quando a alvorada veio,
Cristóvão desceu: — e indo às abegoarias, escolheu duas trancas
enormes de ferro, que serviam para trancar as portas, agora desu-
sadas. Depois a sineta tocou à missa no ar fino. O arquivista veio
110 sentar-se entre os seus in-fólios, e as damas distribuíam o trabalho
às fiandeiras e às servas. E todo o castelo repousava na santa
paz do domingo — quando um pajem, que nas ameias fazia uma
armadilha aos pássaros, soltou um grito, que acordou os archeiros,

85: cabeça] cabeça, [1970]

93: silêncio] silêncio, [1970]

94: muralhas] muralhas, [1970]

95: Depois] Depois, [1970]

102: damas] damas, [1970]

105: dum] de um [1970]

adormecidos na sua guarita de pedra. Logo um som de buzina,
115 um grande apelo de alarme ressoou. Todos os pajens correram
às ameias. As damas apareceram por trás das vidraças do balcão.
E os cozinheiros saíam aos pátios, com as suas caçarolas na mão.

Bem depressa correu o grito que um bando armado avançava
sobre o castelo. Os pajens correram, em confusão, à sala de armas,
120 a tomar espadas, lanças. Os guardas trancavam as portas, desespera-
damente. E o intendente, com os cabelos ao vento, gritava que
se aquecesse o pez, o alcatrão, para despejar sobre o bando, se ele
quisesse escalar as muralhas. Mas ninguém escutava, na desordem.
A longa paz desabitudara os habitantes do castelo da disciplina, da
125 prontidão. Não havia um cavaleiro para comandar. E as mulhe-
res, correndo para a capela, e chorando, amoleciam os corações.

Subitamente um grande alarido ressoou sob os muros.
Cristóvão subiu às ameias: — viu um bando imenso de homens,
servos em farrapos, furiosos, brandindo foices, chuços, tochas,
130 amontoando-se na ponte levadiça, que ninguém se lembrara de
erguer, enquanto outros em redor, a grandes machadadas, aba-
tiam as forcas patibulares e o banco de pedra de justiça, que
o musgo cobria, sob o olmo senhorial. Já golpes de machado
ressoavam contra a porta, fazendo saltar faíscas. Um tronco
135 enorme, que mãos inumeráveis sustentavam, foi trazido, arremes-
sado, como um aríete, contra a porta, em que ele marrava como
um carneiro. De cima, os archeiros despediam frechas com mão
mal segura. Cada grito de ferido mais excitava a turba, as macha-
dadas redobravam — e a velha porta bem depressa foi aberta em
140 lascas. Então os archeiros, os pajens, desceram para se refugiar
na torre — e Cristóvão, tomando nas mãos as trancas de ferro,
correu para a torre senhorial. Dentro, na grande sala abobadada,
estavam as damas pálidas, uma junto da outra, com o condezinho
entre elas, quási escondido nos seus vestidos. O velho senescal
145 rezava de joelhos. E em torno, amontoavam-se os in-fólios, os
arquivos da casa, as grandes árvores genealógicas, tudo o que fazia

131: redor, a grandes machadadas, [*Adota-se a edição de 1970; em 1912: redor a grandes machadadas*]

132: pedra de] pedra da [1970]

145: E] E, [1970]

o orgulho daquela família. Era como a cidadela do feudalismo, onde tudo se achava resumido, a esperança duma casa, os seus títulos, os seus tesouros, todo o seu orgulho. E tudo aquilo era
150 ameaçado por uma plebe revolta!

Cristóvão fora humildemente postar-se ao fundo da sala abobadada. E tão grande era o terror, tão arreigado o desdém pelos servos, que não era nele que os Senhores pensavam, nem no poderoso socorro da sua força indomável, mas nas espadas dos
155 pajens, a quem eles gritavam que defendessem a porta.

Através dos pátios, no entanto, já os gritos dos feridos ressoavam por entre o clamor da turba de Jacques, que vinha como uma onda que arrebentou os diques. E mal a porta da torre fora fechada, que sobre ela caíram enormes machadadas,
160 entre uivos de furor, o ruído dos vidros que se partiam, os gritos dos servos assassinados. Dentro ninguém falava, todos com os olhos cravados naquela porta atacada — velhas pranchas de carvalho e ferrugentas chapas de ferro, que eram a única defesa contra a morte. Os pajens, mais pálidos que a cera, amolecidos
165 pelos anos de paz, sem educação guerreira, faziam diante das mulheres uma sebe de espadas — espadas cujas pontas tremiam. O capelão rezava de bruços. E o arquivista, estendia os braços por cima dos seus in-fólios, como para os proteger, com os olhos cravados na porta, e estremecendo a cada machadada. Só a avó
170 parecia serena, sustentada pelo seu orgulho, com o peito direito, como preparado para a morte, enquanto a nora sucumbia agarrada ao filho, banhando-o de lágrimas. E pela escada de caracol, que subia ao pavimento superior, apinhava-se a criadagem, as aias, — algumas ainda com a sua roca na mão.

175 Sob os golpes desesperados a porta cedia! Pelas fendas da muralha entrava o fumo das fogueiras, que os Jacques acendiam no pátio para pegar o fogo ao castelo, com os móveis que arrastavam

148: duma casa,] de uma casa, [1970]

153: Senhores] senhores [1970]

157: turba de] turba dos [1970]

167: arquivista,] arquivista [1970]

171: como preparado] como preparada [1970]

174: aias,] aias [1970]

das salas, cadeiras brasonadas, arcas cheias de estofos. Já ninguém contava com a vida. Duas aias velhas, de rosários na mão, pediam
 180 a absolvição ao padre, que as não escutava, de joelhos, batendo os queixos, entre gritos de *misereres*.

De repente a porta cedeu, tombou sobre os seus grandes gonzos estalados — e pontas de chuços, de foices, faces lívidas, braços descarnados, irromperam numa fúria de matança. As damas
 185 tinham fugido. Já um grande velho, em farrapos, pulava por sobre a porta, com uma foice em cada mão — quando, do fundo da abóbada, Cristóvão surgiu, enorme, com a face ardente, uma barra de ferro em cada mão.

Foi como uma aparição — e a turba furiosa recuou com
 190 terror. Era como se surgisse ante ela, visível, real, esse gigante monstruoso, guardador de torres, de que eles tinham ouvido falar, pálidos de espanto, nas histórias contadas à lareira. E nesse momento de espanto, Cristóvão, com um grande brado, carregou sobre a turba, que recuou em tropel, recolhendo os chuços e as
 195 foices. Baixando a cabeça, Cristóvão rompeu da porta como uma grande torre, e no grande ar do pátio a sua figura escura, coberta duma pele de lobo, com duas chamas brilhando sob a hirsuta sebe das sobrancelhas, pareceu saída do inferno, e como cheia de força invencível. Os seus brados faziam tremer os muros: — e
 200 as duas barras de ferro furiosamente cortavam o ar, silvando. A cada um dos seus largos passos, a turba recuava, com um rouco murmúrio de terror. Alguns tinham fugido por entre as fogueiras, onde ardiam os grandes móveis de carvalho lavrado. As mulheres do bando gritavam que era o Demónio: — e um
 205 ou outro chuço que se erguia, voava em lascas sob o golpe da barra de ferro.

Para trás, para trás, sempre para trás, ia a turba, reatravessando os pátios, tropeçando nos servos que matara, caindo por sobre os

182: tombou sobre [*adota-se a lição de 1970; em 1912: tombou sob*]

190: visível, real, esse] visível, esse [1970]

197: duma] de uma [1970]

204: Demónio: [*adota-se a lição de 1970; em 1912: demónio;*]

205: erguia,] erguia [1970]

lumes que acendera. Já estavam contra a muralha. Já as costas se
210 voltavam para fugir. Então, com um último urro, que atroou toda
a colina, carregou sobre a turba, — que, num súbito pavor, varou
a porta aberta, galgou a ponte levadiça, desceu de roldão a colina,
até parar no vale, onde os carros esperavam. E Cristóvão, passando
215 também a ponte, ficou no meio da colina, imóvel, grande como
uma torre, apoiado à sua barra de ferro e limpando o suor. Mas
então, dentre a multidão que em baixo se agitava, um velho avan-
çou, sem armas, com um ramo de oliveira na mão, — e caminhou
para Cristóvão. A meio da colina parou, e erguendo os braços
perguntou a Cristóvão porque os atacava ele, servo, que decerto
220 sofria da servidão, a eles, servos também, que no fim de tantos
tempos de sofrimento só queriam partilhar de algumas das doçuras
da Terra? Não era só pelo mal de destruir que eles atacavam os
castelos. É que ali, entre as suas muralhas, estava a gente orgulhosa
que os escravizava, causava a fome dos seus filhos, o frio das suas
225 moradas, as fadigas sem nome, — e eles vinham simplesmente matar
o mal da Terra. Ele, velho, que lhe falava, trabalhara cinquenta
anos a gleba, tivera o corpo vincado pelos azorragues, vira a sua
choupana queimada pelo Senhor: em torno dele, longos tempos,
seus filhos tinham gritado de fome, tremendo de frio, — e, escor-
230 raçado, esmagado, pisado, espremido pela força como um trapo
vil, tomara uma faca, e partira a fazer justiça no mundo. De todos
os seus, só lhe restava um neto, um neto pequenino, de seis anos,
inocente e simples como um anho. E porque ele tirara uma maçã
às macieiras do pomar do castelo, onde era servo, o Senhor
235 fizera-o dependurar pelas mãos duma árvore, acirrara contra ele
os cães, e toda uma noite de inverno o deixara nuzinho sob a neve.
Quando o despregaram da árvore, estava moribundo. E a voz do
velho tremia. Cristóvão deixara cair a barra de ferro, e com as mãos
vazias e vagas, e abertas no ar, a cabeça caída, parecia pensar, no

209: estavam contra] estavam entre [1970]

219-20: ele, / eles,] ele / eles [1970]

222: Terra? [adota-se a lição de 1970; em 1912: terra?]

228: Senhor:] senhor: [1970]

234: Senhor] senhor [1970]

235: duma] de uma [1970]

240 fundo da sua simplicidade. E o velho, avançando, perguntava-lhe
porque não viria com eles abater os monstros que matam crianças
nos seus negros castelos, acabar com os amos cruéis, para que sob
o céu, um momento, os humildes respirem e limpem as lágrimas.
E o velho limpava as suas lágrimas, com as suas pobres mãos que
245 tremiam. Então, lentamente, Cristóvão apanhou a sua barra. Pouco
a pouco desceu a colina. E o velho adiante gritava agitando o ramo,
tropeçando nos pedregulhos:

— Este é o grande gigante que nos vem libertar!

Os Jacques mal compreendiam. Alguns, vendo descer Cris-
250 tóvão, fugiam saltando os valados. Outros, furiosos, enristavam
os chuços. Mas Cristóvão, brandindo a barra, gritou:

— Vinde!

E num impulso irresistível, todo o bando o seguiu numa
aclamação — enquanto das muralhas do castelo o intendente,
255 entre os homens de armas, de pé nas ameias, estendia o braço,
mostrando Cristóvão, que se bandeava com os Jacques, e partia
através das campinas.

250: Outros, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: Outros*]

256: Jacques,] Jacques [1970]

Todas as manhãs marchavam através de terras, duramente. Era o velho que os guiava — e Cristóvão, em silêncio, caminhava ao seu lado, com a sua barra de ferro ao ombro. Atrás, era a
5 longa fila dos maltrapilhos em farrapos, com velhas cotas de armas, cuja malha se desfazia, morriões amolgados, onde alguns tinham espetado plumas, as pernas nuas, as mãos erguendo foices, chuços, fueiros. As mulheres vinham depois, umas com filhos magros perdurados das saias, outras trazendo os mais
10 pequeninos ao colo, e as mais velhas vergando sob fardos, onde se tinha reunido o que restava nas arcas, algum escasso alqueire de pão, uma almotolia de azeite, um pedaço de carne salgada; e atrás ainda era outra fila de homens, velhos, pastores com o seu cajado e o seu molosso, ceifeiros erguendo ao alto a foice, servos
15 fugidos, mendigos, longas filas de miseráveis, que de esfomeados não podiam marchar depressa, e deixavam uma longa nuvem de poeira, que ficava suspensa no ar.

Pelo começo da tarde, guiados pelo velho, acharam-se subitamente, depois de terem costeadado um pinheiral, diante dum

1: XV [Uma vez que 1970 não separou os capítulos XIII e XIV, a numeração ficou alterada naquela edição, sendo este o capítulo XIV.]

19: dum] de um [1970]

20 castelo que duas torres flanqueavam: e nesse momento, vinha saindo
da ponte levadiça, a cavalo, um Senhor de longas barbas brancas,
sem armas; ao seu lado, montada numa hacaneia branca, uma aia
sustentava no colo uma menina, e atrás seguiam quatro escudeiros
armados de lanças. Ao ver subitamente aquela turba que avançava,
25 o Senhor estacou, um dos escudeiros tocou desesperadamente
a buzina, enquanto outros toques respondiam sobre as ameias.
E, voltando a égua, a aia galopou para dentro do castelo. Já as
muralhas se cobriam de soldados. Mas o Senhor desarmado
fixara, sem se mover, os seus olhos de águia sobre a turba imensa
30 de maltrapilhos, que numa fila, sobre o caminho tortuoso, soltava
grandes gritos de ataque, brandindo os ferros. Então Cristóvão,
com um grande gesto da sua barra de ferro, deteve a turba, que
parou. E, arrojando a barra, avançou só com os braços abertos
para o Senhor, imóvel no seu grande corcel. Toda a muralha
35 em cima estava coberta de archeiros, de homens de armas. Todo
o caminho em baixo estava negro da multidão dos maltrapilhos.
E na ponte levadiça, o cavaleiro e o gigante ficaram sós, face a face.

Então, arrancando uma grande voz do peito, Cristóvão gritou:

— Vimos em paz. Trazemos as mulheres e as crianças. Nada
40 temos contra ti... Mas todos os que me seguem têm fome. Detrás
das tuas muralhas, há tesouros, arcas cheias de pão, grandes peças
de carne diante da lareira... Estes, que vêm comigo, não têm
uma moeda de cobre, trabalham toda a vida, sofrem da fome,
veem as criancinhas devorar as raízes, morrem pelos cantos dos
45 bosques como um lobo, e a vida toda para eles é um tormento...
Dá uma esmola da tua abundância a toda esta pobreza que passa.
Se queres, vem, não receies, passa através dessa multidão, olha
para esses corpos magros, vê as criancinhas chorando com fome,
as velhas tropeçando sob os fardos, toda uma miséria que já não
50 pode sofrer mais... Tem piedade!

E tendo assim falado, Cristóvão recaiu na sua simplicidade,
ficou mudo, estúpido, com os seus grandes olhos de boi de

21: Senhor] senhor [1970]

25: Senhor] senhor [1970]

28: Senhor] senhor [1970]

34: Senhor,] senhor, [1970]

trabalho pregados no castelo. Devagar, o Senhor voltou rédeas, e a passo, com a cabeça baixa e pensativa, sumiu-se sob a porta do
 55 castelo. Mas as portas não se fecharam — e de dentro, em pouco, um servo saiu arrastando uma vaca; outros trouxeram carneiros; outros fortes gigos com pão, sacos de favas; outros uma arca, que vinha cheia de dinheiro; e tendo juntado tudo num monte diante da ponte levadiça, um dos servos gritou, retirando:

60 — Este é o dom do meu Senhor aos pobres que passam!

E a ponte levadiça subiu com um forte ranger de correntes de ferro.

Comandados pelo velho, sem desordem, os Jacques carregaram às costas, nos carros, o dom do Senhor, e de novo se meteram
 65 ao caminho, levando na frente Cristóvão, que parecia mudo e como espantado, com a sua grande barra de ferro.

Um regato corria, na falda da colina. E aí ficaram os Jacques, para passar a noite. Em breve se acenderam fogos. O velho pôs sentinelas a todos os cantos. E nessa noite as crianças não cho-
 70 raram com fome, e houve uma gratidão no coração dos homens. Cristóvão não quis mais que um pedaço de pão. Bebeu da água pura do regato — e toda a noite, sentado numa pedra, enquanto estirados no chão, sob as árvores, os Jacques dormiam, ele olhou as estrelas e pensou em Jesus, que estava por trás, e àquela cla-
 75 ridade das suas lâmpadas, o via talvez entre esses desgraçados, como um pai entre os seus filhos.

De madrugada, os Jacques levantaram o campo, e guiados sempre pelo velho e pelo frade, partiram ao longo do regato, até que, chegando aos primeiros carvalhos dum grande bosque,
 80 sentiram um cheiro nauseabundo, e viram um homem, um servo, enforcado num ramo de árvore, e já meio roído pelos corvos. Uma indignação correu entre os Jacques, quando alguns que se

53: Senhor] senhor [1970]

60: Senhor] senhor [1970]

64: Senhor,] senhor, [1970]

74: estrelas] estrelas, [1970]

75: lâmpadas,] lâmpadas [1970]

77: campo, e] campo e, [1970]

79: dum] de um [1970]

tinham adiantado descobriram outros corpos pendentes das árvores. Ao rumor da turba, os corvos fugiam dentre a ramagem: e sob
85 os pés dos mortos, suspensos no alto, o chão estava todo espezi-
nhado das patas dos lobos. Lá em cima, numa colina, negras na
luz clara, apareciam as torres dum castelo. E aquilo era decerto
a justiça do Senhor!

Então um clamor de cólera correu entre os Jacques. Uns que-
90 riam logo lançar fogo à floresta, para envolver o castelo. Outros
falavam em abater árvores para fazer aríetes com que bater as
muralhas. E Cristóvão, impelido pela multidão, que atrás dele
brandia as foices e os chuços, começou a subir um caminho que
levava ao castelo, entre rochas que o musgo cobria.

Avistaram, por fim, ladeando uma torre de menagem, altas
95 muralhas negras e sombrias, com grandes manchas brancas de
pedra nova, que eram como cicatrizes de assédios. A ponte leva-
diça estava fechada, o gradil de ferro descido. E uma estacada de
vigas cercava o fosso, de água esverdeada. Nem um rumor saía
100 das altas muralhas. Tudo parecia abandonado. De um dos lados,
grandes rochas rolavam em desordem para um precipício. Uma
águia voava nas alturas.

Uma inquietação deteve os Jacques ante aquele silêncio
sinistro. Alguns, pensando o castelo abandonado, gritavam que se
105 seguisse. Outros falavam de o escalar. E Cristóvão, ao acaso,
caminhou para a ponte levadiça. Mas subitamente as correntes
rangeram, a ponte abateu, e das portas que se escancararam, um
troço de cavaleiros saiu, de viseira baixa, a lança em riste, num
grande galope e estridor de armaduras. Os Jacques recuaram em
110 massa. Cristóvão estava só no planalto.

À frente dos cavaleiros, um, de grandes plumas brancas no
elmo, a lança enristada, correu sobre ele. Cristóvão já não tinha

87: dum] de um [1970]

88: Senhor!] senhor. [1970]

99: fosso,] fosso [1970]

101: desordem] desordem, [1970]

105: Cristóvão, [*adota-se a lição de 1970; em 1912: Cristóvão*]

106: Mas subitamente] Mas, subitamente, [1970]

a sua barra de ferro. Mas correu a um pinheiro, agarrou-o às
 115 mãos ambas, arrancou-o da terra, e tomando-o como uma mons-
 truosa vassoura, atirou-o, num gesto de servo que varre, contra o
 cavaleiro e o cavalo, que rolaram, com um estampido de armas,
 embrulhados na rama densa. Num pulo Cristóvão empolgou o
 cavaleiro, e segurando-o entre os joelhos como uma criança débil,
 partiu-lhe as fivelas do elmo, descobriu uma cabeça lívida, uma
 120 espessa barba ruiva. Depois, erguendo-o ao ar como um broquel
 contra os outros cavaleiros, que tinham estacado num espanto
 mudo, gritou desesperadamente: «Resgate, resgate!» Os Jacques
 cercavam Cristóvão, querendo despedaçar o Senhor prisioneiro.
 E ele erguia mais alto o miserável, que nem se movia, seguro nas
 125 mãos de ferro, e gritava: «Resgate, resgate!»

Os outros cavaleiros, num furor súbito, correram sobre ele.
 Mas Cristóvão, saltando para a beira do precipício, debruçou sobre
 ele o prisioneiro, como se o fosse despenhar na corrente e nas
 penedias, gritando sempre: «Resgate!» Então os cavaleiros pararam,
 130 e rapidamente consultaram-se, com grandes gestos dos seus guan-
 tes de ferro até que um, avançando, bradou: «Está resgatado!»

O velho então avançou também, e expôs o resgate. Queria
 dinheiro, vinte sacos de pão, vacas, vinho, para sustentar a sua
 gente, um juramento sobre a cruz de que não seriam perseguidos,
 135 e dous carros para levar os mantimentos. O cavaleiro estendeu
 a mão sobre a cruz do frade, e jurou.

Então os Jacques, abaixando as armas, esperaram — enquanto
 Cristóvão, sentado na rocha, tinha o cavaleiro atravessado sobre
 os joelhos, com a mão direita agarrando-lhe as pernas, com a
 140 esquerda a garganta. Pouco a pouco os servos saíram do cas-
 telo trazendo o resgate — e os Jacques desceram o caminho,
 rodeando os animais e os dous carros com os sacos, o ouro e
 os odres de vinho. Cristóvão ficara só com o cavaleiro. Quando

113: ferro. Mas [1970; *abre parágrafo*.]

123: Senhor] senhor [1970]

131: ferro] ferro, [1970]

135: cavaleiro estendeu] cavaleiro velho estendeu [1970]

o último homem desapareceu para além da colina, ele pousou o
145 cavaleiro no chão com cuidado, e murmurou simplesmente: «Vai.»

E, sem se voltar, passo a passo, foi-se juntar aos Jacques.

Então começou, de castelo em castelo, através das provín-
cias, a marcha dos Jacques. Das aldeias por onde eles passavam
corriam a juntar-se-lhes miseráveis, servos revoltados, mendigos.
150 Agora era uma multidão imensa que enchia os caminhos. Mas não
havia neles nem violência, nem cólera. Iam mostrando, através das
baronias ricas, a sua miséria de servos, e sem violência pediam
esmola. Cristóvão era como um grande pai, que mendigava com
os seus filhos, pelos caminhos. Ao chegar diante dos castelos,
155 mostravam os seus andrajos, as faces maceradas, as cicatrizes da
servidão, e gritavam por pão. As portas abriam-se com fragor, e
uns por piedade, outros por temor, davam dos seus cofres e dos
seus celeiros. Dia e noite, Cristóvão mantinha a ordem na turba
imensa. Não permitia que despojassem as árvores dos frutos, que
160 se tomasse o gado nas pastagens. Só era aceite o que a caridade
dava. Se encontrava mendigos, histriões famintos, gritava com um
grande gesto: «Vinde também.» O seu coração queria abrigar toda
a miséria humana, levá-la a esmolar pelas estradas do mundo.
Do dinheiro recebido repartia com as aldeias pobres. As crianças
165 corriam estendendo os saios, que ele às mãos-cheias enchia de
grão, de fava. Uma doçura ia tomando aqueles corações da turba
miserável. Alguns tinham arrojado a foice. Outros, ao passar pelas
ermidas ou pelos cruzeiros, caíam de joelhos, chorando.

E sempre adiante, Cristóvão ia como uma torre que marchava.
170 Uma adoração subia para ele. «Santo é o nosso gigante» — diziam.
E, na sua confiança, julgavam que a vida seria assim, eterna-
mente, uma marcha pelos caminhos, recolhendo os bens que os
nobres repartiam com os pobres. Decerto Jesus voltara à Terra.
Em breve todos os castelos se abriam, e partilhadas as riquezas,
175 quebradas as armas, não haveria fomes nem guerras, e apenas,
na paz dos campos doces, irmãos abastados. O acampamento,

154: filhos,] filhos [1970]

164: repartia com as] repartia nas [1970]

171: assim,] assim [1970]

173: Terra. [adota-se a lição de 1970; em 1912: terra]

quando paravam, era como aldeia em festa, onde a carne abunda
no espeto, e todas as mãos têm uma fatia de pão. Já a marcha
se abrandava, e por vezes ficavam num vale, ou à beira dum
180 ribeiro, num repouso feliz, esquecidos de todas as misérias.
Dos filhos, das mulheres que tinham ficado nas aldeias, ninguém
se inquietava — porque, cada dia, partiam mensageiros a levar
aos casebres dinheiro e provisões. Mas alguns, tendo feito o seu
pecúlio, recolhiam às suas moradas distantes, sem receio, tanta
185 era a confiança em Jesus.

E Cristóvão sentia uma alegria imensa. De dia e de noite,
vigia a turba enorme, para que nela nada houvesse de violento
ou de brutal. As questões que surgissem, aplacava-as estendendo
os braços. Se alguém roubava as frutas dos caminhos, expulsava-o
190 da turba. A todos distribuía a sua justiça. A todos dava a sua
caridade. E era ele, não outro, que tirava os espinhos dos pés
feridos, ou amparava os velhos fatigados das marchas.

Assim vagueavam, quando uma tarde, chegando a uma grande
lagoa, que, orlada de canaviais, brilhava ao sol do outono, viram
195 do outro lado um longo troço de cavaleiros, cujos pendões tre-
mulavam no ar. Costeando a lagoa, decerto se encontrariam: e
os Jacques e os cavaleiros pararam, um momento surpresos.

Uma grande planície estendia-se entre eles, toda cheia e coberta
da erva amarelada do outono, desenrolando-se até a uma fileira
200 de colinas, que grandes pinheirais vestiam. O sol brilhava sobre
as águas da lagoa — e havia um vasto silêncio.

À frente dos Jacques inquietos, Cristóvão ficara pensativo,
um instante: — e ia marchar para os cavaleiros, pedir a caridade
para os seus pobres, quando por trás a turba gritou: «Para! Para!»
205 Os homens de armas, desenrolando uma longa linha de batalha,
galopavam com as lanças enristadas contra a turba miserável. Com
um brado, o velho mandou-os erguer os chuços, as foices, as
lanças, fazendo uma sebe de ferro contra aquela pesada cavalaria,

179: dum] de um [1970]

186: noite,] noite [1970]

196: lagoa, / encontrariam:] lagoa / encontrariam — [1970]

199: outono,] Outono [1970]

202: Jacques inquietos,] Jacques sem armas [1970]

toda negra e de ferro, que fazia tremer o chão. Já chegavam, já
210 Cristóvão sentia o arquejar dos cavalos, — quando um grande,
imenso clamor soou, e a confusa massa de ferro abateu sobre
os Jacques, com um grande ruído de armas, furiosos golpes de
montantes, cavando, com o peitoral em esporão dos cavalos, gran-
des sulcos entre os Jacques, que tombavam varados pelas lanças,
215 decepados pelos espadões vibrados às duas mãos. A legião dos
Jacques ficou separada em dous pedaços — com uma grande fenda
no meio, toda cheia de cadáveres, espezinhados pelas patas dos
grandes corcéis. E já esses dous pedaços corriam sobre o troço
dos cavaleiros, quando este se separou em dous, fazendo face às
220 duas alas dos Jacques, e enchendo a planície com o clamor de
duas batalhas. Peões, cavaleiros, misturados, faziam duas massas
clamorosas, onde os chuços dos Jacques se quebravam contra as
armaduras, e as longas clavas com puas dos cavaleiros esmaga-
vam crânios, que apenas algum velho morrião de ferro protegia.
225 Os clarins dos cavaleiros tocavam furiosamente. Um relampejar
de ferro enchia o ar, por entre o esvoaçar dos grandes penachos.

Os Jacques, tendo bem depressa quebrado o seu pobre arma-
mento, arremessavam-se sobre os pescoços e garupas dos cavalos,
e derrubavam a braço o cavaleiro que, tombando com um grande
230 ruído de armas, desaparecia, sob os braços armados de facas.
Outros com foices abriam o ventre aos cavalos. Alguns cavaleiros
combatiam a pé, fazendo largos círculos com as espadas: — e as
pedras, que os Jacques lhes arremessavam, soavam furiosamente
sobre o metal das couraças. Quatro grandes ceifeiros, caminhando
235 a passo como num milharal maduro, iam com um movimento
regular lançando as suas foices, que apanhavam os jarretes dos
cavalos, levavam braços donde se tinham desprendido as braceiras
de ferro, apanhavam pelas gorjas guerreiros sem capacete. E no
meio do combate, sem armas, como não querendo derramar san-
240 gue, Cristóvão, esguedelhado, enorme, ia com os seus enormes
braços arrancando cavaleiros das selas e atirando-os para o chão

230: desaparecia,] desaparecia [1970]

231: Outros com foices] Outros, com foices, [1970]

235-6: iam / regular] iam, / regular, [1970]

como fardos de ferragens. O sangue já lhe escorria, da face, do
peito, através do seu saião de couro, retalhado em longas fendas.
Os seus imensos brados faziam empinar os cavalos. Lançando mão
245 aos montantes, quebrava-os como palha. As puas e os broquéis
que arrancava iam pelos ares, como folhas que uma rajada leva.
Por vezes, correndo, com os dous braços e os punhos fechados,
mais grossos que cabeças de carneiros, atirava por terra, com um
baque seco, os cavalos e os seus cavaleiros. Tendo dado com o
250 pé num montão de cordas, apanhou-o, e quando agarrava algum
passava-lhe um nó nas pernas e assim o deixava deitado no chão,
como uma rês num mercado. Pouco a pouco, todos os guerreiros
se tinham voltado contra ele. E sem armas, tendo apanhado pelos
pés um cadáver coberto de armadura, que usava como uma maçã,
255 ele ia recuando, até à alta colina coberta de pinheiros. Sobre ele
caíam as flechas, sobre ele ressoavam as pedras dos fundeiros.
O gigante recuava mais — e subitamente correndo contra os
assaltantes, derribava um, prostrava outro, com grandes pancadas
do cadáver, que já perdera o capacete. O círculo dos cavaleiros
260 crescia todavia sobre ele, gritando-lhe injúrias, arremessando-lhe
de longe as maçãs. E cada vez esse círculo era mais estreito, e
todo erriçado de ferros que rebrilhavam. Ele, sereno, fazia girar
em torno o cadáver, cuja armadura se quebrara pouco a pouco,
não tendo mais que os coxotes das pernas por onde o segurava
265 Cristóvão, e mostrando já a carne branca, os cabelos duros do
peito. Mas de tanto bater, por fim, foi pouco a pouco perdendo
a força da ossatura, tinha o crânio quebrado, os braços moles
como trapos, a arca do peito esmigalhada; — e aquela arma
terrível não era já, nas mãos de Cristóvão, mais que uma tira
270 de carne mole. Mas chegara à colina. Aí, em cada pinheiro, tinha
uma arma. E já se voltava, atirava as mãos a um tronco enorme

242: escorria,] escorria [1970]

247: vezes,] vezes [1970]

257: subitamente] subitamente, [1970]

261: as maçãs.] as puas. [1970]

262: erriçado] erriçado [1970]

268: esmigalhada;] esmigalhada [1970]

269: já, [em 1912 e 1970: já] / Cristóvão,] Cristóvão [1970]

para o desarreigar, quando uma flecha, varando-lhe o joelho, o abateu um momento, fazendo-o escorregar no declive húmido da colina. Então, num instante, um grande corcel negro veio sobre ele, uma lança faiscou — e Cristóvão ficou prostrado, imóvel, com
 275 uma espuma de sangue na boca.

Todos se tinham precipitado sobre ele, quando um clamor surgiu por trás. Eram os Jacques que se tinham reunido, e, guiados pelo frade, vinham contra aquele grupo de cavaleiros, entalados contra a colina, nas terras moles onde os pés dos cavalos se enterravam. Então os homens de lança voltaram
 280 rédea, e fugiram entre a colina e os Jacques, de novo direitos à planície, juncada de mortos. Os Jacques bradaram vendo fugir os cavaleiros, e começaram a correr atrás deles, atirando as últimas
 285 flechas — arremessando mesmo por escárnio grossos torrões da terra lamacenta. Mas, vendo os peões assim expostos na planície, os cavaleiros deram uma volta brusca, e abateram-se contra os miseráveis. Foi uma grande matança, o frade caíra logo com o crânio aberto, a sua cruz apertada na mão. E os que fugiam eram
 290 perseguidos por toda a parte, até que atirando-se para a lagoa, as grandes lanças por trás os faziam arremessar à água.

Agora, na vasta planície só havia homens de armas. Os Jacques juncavam a terra em negras poças de sangue. Lentamente, trotando, os cavaleiros acabavam os feridos, que gritavam
 295 de sede. Outros, parados, tirando os morriões, limpavam as grossas gotas de suor. Os físicos amarravam os braços feridos. E os pajens passavam com grandes pichéis de vinho. O sol desaparecia, e toda a lagoa era como de ouro, por trás dos seus grandes canaviais negros. Uma revoada de patos passou no céu, já pálido.
 300 E ao toque do clarim os Senhores ainda esparsos vieram-se juntando, retomando a fila. Os feridos foram postos sobre as carretas. E, a passo, o troço de cavaleiros retomou o caminho

273: declive] declive, [1970]

279: e, / frade,] e / frade [1970]

289: que] que, [1970]

292: planície] planície, [1970]

300: E / clarim] E, / clarim, [1970]

300: Senhores] senhores [1970]

em torno à lagoa, onde o brilho de ouro se apagara, deixando-a agora toda negra e triste.

305 Na vasta planície, jazem os Jacques mortos. Findou a grande marcha, que levava aos castelos e abadias a visão estranha das grandes misérias da Terra. Nenhum mais voltará às cabanas da aldeia, onde os filhos esperam até tarde na lareira apagada. Os Jacques estão mortos, a terra limpa dos seus andrajos.

310 Cristóvão jaz estendido na colina, entre os pinheiros. Um vento passa, frio e triste. Ele abre os olhos, e a custo, erguendo-se sobre a mão, olha a planície. E em toda a sua extensão vê montões de corpos mortos, entre os quais reluzem já os olhos dos lobos. A grande lagoa está imóvel. Por cima passa a lua cheia. Uma
315 dor imensa arrefece o seu coração. De novo os seus olhos se fecharam — e caiu inanimado.

Toda a noite, no entanto, ele reviu a batalha. Dos montões de Jacques mortos outros Jacques se levantavam, com outros trajes, outras armas, impelidos à revolta pela mesma miséria que os
320 oprimia. E sempre do fundo do horizonte, dos altos dos montes, dos cimos, desciam cavaleiros, que tinham armas diversas, gritos de guerra diversos, que carregavam, esmagavam os Jacques, os deixavam mortos, sob a grande lua cheia. Mas desses, pouco a pouco, mais pálidos, outros se erguiam, brandindo picaretas de
325 mineiros, ferramentas de oficina, mostrando os seus andrajos, os filhos esfaimados, clamando justiça. E logo, a um brado do alto, fortes esquadrões desciam, trazendo à frente magistrados togados, homens carregados de sacos de ouro, e essa massa, caindo sobre os Jacques, de novo os prostrava, os deixava num montão, que a
330 lua, mais pálida e mais desmaiada, cobria de alvura e silêncio. E assim, indefinidamente, os Jacques renasciam dos ossos dos Jacques mortos, cada vez mais numerosos, até que a planície toda era uma sarça de braços magros, clamando, pedindo igualdade. E imediatamente outros esquadrões desciam, mais diminuídos,
335 com um arranque menos vivo, hesitando, lançando golpes mais

314: lua] Lua [1970]

323: lua] Lua [1970]

330: lua,] Lua, [1970]

frouxos. Até que, por fim, os Jacques eram tão inumeráveis, que da planície se estendiam aos montes, e a lua, que já desmaiara de todo, alumiaava multidões disciplinadas, armadas, conscientes, que avançavam com ordem e ritmo. Os esquadrões, mandados contra estas coortes, fundiam-se como cera numa chama. Os Jacques ocupavam a Terra. Um último cavaleiro veio ainda, e, derrubado, largou as armas, desapareceu. E sobre a Terra só ficavam Jacques, que cantavam em triunfo na frescura da manhã clara.

Então, sentindo na face esta frescura, Cristóvão entreabriu os olhos, ainda vago, meio dormente, como num sonho. A luz fria e pura da manhã penetrava sob as ramagens que o cobriam. As aves cantavam finalmente nos ninhos, com *froufrous* de asas, de ramo em ramo. Um doce cheiro de rosmaninho e verduras novas perfumava o ar. E na relva toda húmida, lustrosa de orvalho, havia em redor flores silvestres, botões-de-ouro, papoulas frescas. Um fio de água cantava friamente de pedra em pedra. E então pareceu a Cristóvão que via um moço, de longos cabelos louros, com uma túnica branca, onde se cruzavam as pregas dum manto branco, surgir entre as ramas dos pinheiros, ao longe, vir para ele encostado a uma vara branca. Os seus passos eram tão leves, tão leve decerto o linho do seu vestido, que as papoulas não se dobravam, quando ele sobre elas passava, ligeiro e branco. E na penumbra dos arvoredos, um sulco branco ficava, por onde ele passava, com um aroma tão doce como se desabrochassem naquela terra flores que não são da Terra. Pouco a pouco se aproximou: — e Cristóvão podia ver os seus olhos pousados sobre ele, como duas estrelas da tarde. Docemente ajoelhou ao lado de Cristóvão, pousando o seu bastão tão levemente que nem vergou as pontas finas das ervas. Com os dedos mais macios que veludo, percorreu as feridas de Cristóvão, que sentia as dores desaparecerem e como uma força nova que lhe voltava. Depois rasgou uma tira do seu manto, pousou-a sobre as feridas, a da perna, a do peito; e aquela tira de linho parecia a Cristóvão leve como o ar e perfumada como um jasmim. Depois, apanhando o seu bastão branco, em

337: lua] Lua [1970]

353: dum] de um [1970]

370 silêncio, partiu, penetrou no bosque, e pouco a pouco se perdeu
entre os troncos negros, que um momento conservaram como a
claridade daquela passagem branca. Os pássaros começaram a
cantar. De novo as ramagens se moveram brandamente. Então
375 Cristóvão moveu os braços, — depois ergueu o seu imenso
corpo. Todas as suas feridas estavam fechadas. E sentindo uma
força nova, aquele bom gigante cortou através do pinheiral, e
recomeçou a correr mundo.

374: braços,] braços [1970]

Percorreu então longas terras. E por cidades e campos só buscou, na simplicidade do seu coração, ser útil e bom. Batia à porta das cabanas, perguntava se eram necessários ali
5 dous braços fortes, para todos os trabalhos. Não pedia salário. A côdea menor de pão era a que lhe bastava. E a água tinha-a nos regatos mais frescos. Nenhum serviço por mais forte, ou vil, lhe custava. Limpava todas as imundícies, com um cuidado piedoso: e pedia sempre para si o maior fardo. Tirava a machada
10 das mãos dos lenhadores, para abater as florestas. Puxava os barcos à sirga. Atrélava-se aos varais dos carros. E se um camponês queria mandar o seu burro à igreja, para ser benzido e libertado de todo o mal, ele carregava o burro às costas, com tanto cuidado como se fosse uma donzela. Se o injuriavam,
15 baixava a face humildemente. Se o espancavam, ficava imóvel e quieto sob os golpes. Se o despediam, apanhava o seu bordão e partia suspirando.

Nos caminhos, sentava-se nas encruzilhadas para guiar os peregrinos ou histriões. Se havia algum grande lamaçal, ficava à
20 beira dele para passar aos ombros os homens e os animais. Era ele que partia as rochas, para se construírem caminhos. E nas

florestas onde sabia que deviam passar caravanas de mercadores, acendia grandes fogueiras para afugentar os javalis.

25 Por vezes accitava servir só um amo. Foi assim o servo dum curandeiro e puxava, como um macho, a grande carriola, onde tilintavam os boiões das ervas simples e dos unguentos, e que parava nos adros das igrejas à tarde, depois das missas. Mas sentindo que o físico era interesseiro e duro — deixou o serviço. Foi depois o escudeiro dum cavaleiro errante, que encontrou 30 banhando a ferida dum pé a beira dum fonte. Cristóvão sarou-lhe a ferida, e começou a segui-lo nas suas aventuras, caminhando, atrás do seu corcel, com uma maça feita dum pinheiro. Com o cavaleiro fez grandes proezas. Libertou servos que um Senhor duro levava a enforcar por eles não lhe terem tirado o 35 barrete na estrada; desbaratou salteadores que infestavam o bosque; restituiu a um órfão o condado que lhe haviam roubado parentes avaros; — mas, como o cavaleiro tivesse ajudado a salvar uma dama, veio a casar com ela, teve um solar, abandonou os caminhos, e Cristóvão, não querendo ficar naquela ociosidade, deixou o bom 40 cavaleiro, levando, como paga, uma bolsa farta de ouro, bons vestidos quentes, que ele logo distribuiu aos pobres.

Então, seguindo o exemplo do cavaleiro, passou a socorrer os oprimidos. De noite, ao passar pelos castelos, derrubava as forcas patibulares. Se sabia dum campo que fora roubado, forçava 45 o ladrão à restituição. Salvou os bandos de mercadores que os Senhores, com grandes lanças, assaltavam nos caminhos para os roubar. Onde soubesse que o Senhor tinha imposto um trabalho excessivo aos servos, ia ele, não outro, fazer o trabalho. Nunca diante dele deixava castigar uma criança. Se passando num casal 50 ouvia uma mulher chorar, e rumor de pancadas, quebrava a porta, tirava o pau das mãos do marido. Quando soldados deviam passar numa aldeia, ele ficava de guarda, para impedir as crueldades da

25: dum] de um [1970]

34: Senhor] senhor [1970]

40: levando, como paga,] levando como paga [1970]

46: Senhores,] senhores, [1970]

47: Senhor] senhor [1970]

49: casal] casal, [1970]

tropa. E ninguém ousava afrontá-lo. Já ia, então, envelhecendo. Os seus cabelos tinham-se tornado mais crespos, hirsutos: trazia
55 sobre o corpo farrapos, e a barba era rude e forte como um mato. Sob a barba, e sob as sobrancelhas, ficava invisível a doçura incomparável do seu olhar, do seu sorrir, — e para os que o viam, na verdade o seu aspeto era horrendo e temeroso.

Quando entrava nas cidades, as crianças fugiam, todas as portas
60 se fechavam — e os homens de guarda acudiam a saber donde viera, a que baronia pertencia, e se tinha licença de vaguear nos caminhos. Ele respondia que só queria trabalhar: e tão humilde e quieto ficava, junto duma fonte, ou ao canto duma praça, que bem depressa as portas se abriam, e, já sorrindo, as crianças
65 voltavam. Todas faziam lembrar a Cristóvão a Joana da sua aldeia. A essa hora ela devia ser mulher, e talvez, por seu turno, trouxesse pendurada das saias uma criança loura e graciosa como ela fora. Chamava algumas das crianças espantadas, fazia-as saltar sobre os joelhos. Das gelosias as mães sorriam. Já ninguém receava o gigante — e ele sentindo-se aceite, começava logo a ajudar os
70 trolhas que erguiam uma casa, ou a empurrar um carro atolado nas lamas. Bem depressa todos queriam os serviços daquela força imensa. E era ele que limpava os mercados, caíava as torres de fresco, transportava os fardos, apanhava a neve dos rios no
75 inverno, regava o pó das ruas no verão, consertava os telhados, apagava os incêndios, — e, sentado à porta dos hospitais, ia enterar os mortos pobres. Colando a face às altas grades das prisões, consolava os presos, ajudava nos seus trabalhos os forçados, e tendo reunido o seu salário em pão ou em dinheiro, sentava-se
80 num adro, e distribuía-o pelos mendigos.

Ora um dia, saindo duma cidade, encontrou no caminho um pobre histrião, com uma perna de pau, e acompanhado pela mulher doente, que amamentava o filhinho. Eram tão miseráveis e tristes, ele com uma espada debaixo do braço, ela suspendendo

53: ia, então,] ia então [1970]

63: fonte,] fonte [1970]

70: ele] ele, [1970]

72: queriam os] queriam [1970]

81: cidade,] cidade [1970]

85 aos ombros um saco de bolas e peloticas, que Cristóvão começou
a caminhar ao seu lado. Assim soube que outrora percorriam os
caminhos e as feiras, ganhando amplamente a sua vida, e (desde
que ele, numa queda, perdera a perna) mostrando cães sábios
e um macaco, que faziam sortes maravilhosas. Havia dias,
90 porém, estando numa taberna, numa estrada, a repousar, tinham
chegado os escudeiros e homens de armas dum Senhor, que,
embriagados, e numa rixa, lhe tinham a grandes cutiladas
morto o macaco e os pobres cães. Com eles se fora a sua for-
tuna. Trabalhar não podia, assim manco. E agora só lhes restava
95 mendigarem, até que o frio, a fome, os prostrassem uma noite, a
eles e à criança, mortos à beira dum caminho. E o saltimbanco
acrescentava: «Bem feliz és tu, que te fez Deus tão grande, e
te podes mostrar nas feiras ganhando mais que um letrado a
escrever!» — Decerto, o saltimbanco o tomava a ele, Cristóvão,
100 por um desses gigantes que se mostram nas feiras. E apenas
assim pensara, Cristóvão, com simplicidade, propôs ao saltim-
banco que a troco do pão, e da metade do ganho, o levasse a
uma feira, para o mostrar numa barraca. O pobre saltimbanco
quási chorou de alegria — e logo dali partiram para uma grande
105 feira, que todos os anos, pelo S. Miguel, se fazia junto duma
grande cidade murada.

Chegaram lá de noite, e tendo obtido licença dos guardas
para entrar, o saltimbanco foi logo a um desses judeus que trocam
dinheiro, pediu emprestado o que era necessário para construir uma
barraca, erguer os estrados, suspender lonas vermelhas, e possuir um
110 tambor que anunciasse o gigante. O judeu, tendo examinado Cristó-
vão e certo que era monstro de boa mostra e de boa renda, contou
uma a uma dez peças de prata na palma do saltimbanco: — e,
tendo assinado o papel diante do corregedor da feira, o sal-
timbanco partiu com Cristóvão, a construir a barraca. Toda a
115

89: macaco,] macaco [1970]

91: Senhor,] senhor, [1970]

92: tinham] tinham, [1970]

92: cutiladas] cutiladas, [1970]

112-3: contou uma a uma] contou, uma a uma, [1970]

noite trabalharam, pregando, martelando, enquanto a mulher do palhaço cosia à pressa uma túnica escarlate para Cristóvão.

120 Ao outro dia tudo estava pronto, e posta sobre dous postes a grande peça de paninho branco, em que se anunciava o maior gigante e o maior atleta de Navarra e dos Mundos. Cristóvão, sentado numa vasta caixa que um tapete recobria, esperava, enquanto fora o saltimbanco, tocando tambor, anunciava a maravilha, e a mulher, com cequins de metal nas tranças caídas, como uma moira, esperava diante dum prato de cobre, onde deviam cair as entradas.

125 A feira era enorme, num vasto prado que defrontava com os muros da cidade. As barracas de lona, de madeira, de tapetes, de ramagens, alinhavam-se em grandes ruas. No tope dos mastros flutuavam bandeirolas. E homens enfardelados como orientais, mulheres com plumas na cabeça, outras com trajos de nações
130 estranhas, conservavam-se por trás dos balcões, onde, segundo a rua, e os mesteres, se desdobravam panos, reluziam joias em caixas gradeadas, se perfilavam os frascos de essência, se amontoavam as peles, se confundiam as armas tauxiadas. Noutras ruas, sob tendas de lona, havia cozinhas, grandes barricas de cerveja
135 ou de vinho. E os saltimbancos ocupavam um lugar perto do rio, que longos olmeiros assombreavam. Em volta, por toda a vasta planície, era uma confusão de carros descarregados, de pilhas de madeira, de cavalgadas presas pelas patas, de grandes gigos onde se debatiam aves.

140 Apenas as portas da cidade se abriram, a multidão começou a encher as ruas da feira, onde a erva desaparecera sob os pés. E bem depressa começou o vozear dos pregões, os brados dos que chamavam fregueses, os atabales tocando à porta das tabernas, as sinetas repicando.

145 Mas ninguém fazia maior barulho que o saltimbanco coxo, rufando desesperadamente o tambor, diante da tenda onde aquele bom gigante esperava, pensativo. Bem depressa, homens do burgo, mulheres com crianças pela mão, os feirantes, começaram

116: trabalharam,] trabalharam — [1970]

127: No tope] No topo [1970]

131: rua,] rua [1970]

a entrar, deixando cair uma moeda de prata no vasto prato de
150 cobre. E apenas se levantava a cortina, era em todos os lábios
um longo *ab!* lento e maravilhado. A barraca era alta, em forma
de torre: — e, vestido com uma longa túnica escarlate, bor-
dada a lantejoulas e ouropéis, com um turbante onde ondeavam
enormes plumas verdes, um colossal alfange de pau passado na
155 cinta amarela, Cristóvão era, na verdade, um assombro e como
um ogre disforme dos contos de fadas. Cheio de timidez, não
movia os braços: e um grande rubor invadia-o todo diante daque-
las faces atónitas, onde havia terror da sua força, e como uma
piedade da sua deformidade. As crianças escondiam-se nas saias
160 das mães: — e os homens, espantados, queriam apalpar a rijeza
dos seus músculos. Cada grupo que saía ia contar nas tavernas,
espalhar por toda a feira a maravilha daquele gigante. Já uma lenda
circulava — e era ele, não outro, que derrotara o Imperador da
Occitânia, matara um grande dragão que infestava os Algarves,
165 e, só com a empurrar, derrubara a torre construída pelo Diabo
para Roberto de Normandia. Todo o dia uma grande fila esperou
à porta da barraca — e à noite sobre o prato de cobre havia um
monte de dinheiro esboroad.

Pouco a pouco, Cristóvão habituara-se à multidão, — e
170 mesmo, para fazer rir as crianças, fazia esgares, ou agarrava um
homem pelas pernas e erguia-o como uma palha ligeira. Depois
levantou com dous dedos uma barrica cheia de pedras, torceu
com os dentes grossas barras de ferro, e duma só pancada,
com o punho fechado, fendeu uma mó de moinho.

175 À noite estava coberto de suor: — e enquanto o saltimbanco
e a mulher, com a face radiante, faziam as pilhas do dinheiro,
ele tomava ao colo e embalava a criancinha, que nos seus braços
tinha um sono mais doce.

152: torre:] torre [1970]

163: Imperador] imperador [1970]

165: e,] e [1970]

173: ferro, e duma só pancada] ferro, de uma só pancada [1970]

174: fechado,] fechado [1970]

180 A sua fama correria no burgo — e o próprio Príncipe que
ali reinava, e o bispo, vieram em grande comitiva, com cavaleiros
e pajens, ver o gigante. Foi grande neles a maravilha. E o Prín-
cipe, homem de grandes músculos, queria medir as forças com
Cristóvão, jogando a qual deles vergaria a mão do outro. E diante
daqueles cavaleiros, por humildade, Cristóvão cedeu, e deixou
185 que a mão cabeluda do Príncipe vergasse a sua. Os cavaleiros
aclamavam o Senhor. E o Príncipe, radiante, despejou a sua
bolsa cheia de ouro nas mãos de Cristóvão, isentou a barraca do
saltimbanco de todos os impostos ao corregedor, e mandou, de
noite, moços da cozinha com tochas, trazer uma perna de veado
190 e empadões da sua mesa.

Todas as noites, o saltimbanco, partindo o dinheiro, dava a sua
metade a Cristóvão — que ele guardava numa cova, a um canto da
barraca, coberta com uma mó de moinho. Depois ia pela feira
solitária, e todo o serviço era ele que o fazia. Carregava as barricas
195 de vinho, descarregava os fardos, limpava o chão das barracas,
e, à porta das cozinhas, fazia a lavagem dos pratos de estanho.

Mas o fim da feira chegara, e uma noite, em que sentia o
barulho das barracas que se desmanchavam, o saltimbanco contou
os seus ganhos — e as lágrimas bailaram-lhe na face, porque para
200 sempre estava ao abrigo da miséria. Então Cristóvão desenterrou
o seu tesouro, e em silêncio veio juntá-lo ao dinheiro do saltim-
banco murmurando: «É para a criança.» Duas moedas de cobre
tinham rolado no chão. Cristóvão apanhou-as, beijou-as como
uma esmola que lhe atirassem, beijou a criança, saiu da barraca.
205 E, tendo comprado uma broa e um pichel de vinho, deixou a
feira que se desmanchava.

179: Príncipe] príncipe [1970]

181-2: Príncipe,] príncipe, [1970]

185: Príncipe] príncipe [1970]

186: Senhor.] senhor. [1970]

186: Príncipe,] príncipe, [1970]

193: barraca, coberta] barraca, coberto [1970]

De novo Cristóvão correu o mundo, servindo os homens. Pelos descampados e pelos povoados, por longos invernos, por longas primaveras, correu o mundo, oferecendo os seus braços. Os anos tinham passado, e Cristóvão era mais velho que os mais velhos carvalhos. Os seus longos cabelos tinham embranquecido, e a sua força já não era tão forte. Mas cada dia o seu coração se enchia duma ternura maior e mais vaga. Por vezes, sentado numa pedra, à beira dum caminho, olhava as árvores, os campos, os montes, as simples flores silvestres, e sentia então como o desejo de apertar toda a Terra contra o seu peito. Depois pensava que sobre ela viviam tantos miseráveis, tantos humildes, tantos enfermos, — e era um desejo de sondar até aos últimos recantos aquele mundo, e de curar cada dor, matar cada fome, tornar o mundo alegre, são, perfeito. Partia então — e através das estradas mendigava para dar aos mendigos. Colocava-se à entrada das pontes, como um socorro sempre pronto — a ajudar um velho, ou a carregar um fardo. O seu desejo seria sofrer ele

1: XVII [*Capítulo XVI em 1970.*]

8: duma] de uma [1970]

9: dum] de um [1970]

11: Terra [*adopta-se a lição de 1970; em 1912: terra*]

18: velho,] velho [1970]

só todas as opressões, carregar ele só todos os fardos humanos.
20 E por vezes parava, olhava em redor, como procurando, nos vastos horizontes, serviços a prestar, fraquezas a socorrer. Depois pensava que eles, inumeráveis, decerto se apresentariam cedo aos seus olhos. E partia, ficando triste, quando durante o dia os seus braços tinham ficado ociosos. Para que lhos dera então Jesus
25 tão grossos e fortes? Ia então sentar-se à entrada das pontes, onde a passagem era maior, como uma força pronta a trabalhar, pronta a socorrer. Se era um cavaleiro que passava, corria a buscar água para dar ao cavalo. Se era um carreteiro, ajudava as mulas a empurrar o carro. Se era um mendigo, mendigava para ele.

30 Pouco a pouco, a sua bondade ocupou-se dos animais. Também eles sofriam e tinham sobre a Terra o seu quinhão de miséria e de dor. Quando via então um animal carregado, tomava sobre os seus ombros o fardo. Recolhia ossos, pelas esquinas dos mercados, para distribuir aos cães famintos. Era o enfermeiro
35 dos animais feridos, a quem lavava as chagas, onde as moscas se prendiam. Um passarinho voando enchia-lhe o peito de ternura. E penetrava nas florestas, na esperança de cuidar dos velhos lobos doentes, ou dos veados que morrem de fome pelos tempos de neve.

Depois, pouco a pouco, na sua alma densa e simples veio a
40 nascer lentamente a ideia de que as árvores também sofriam, bem como as florinhas dos campos. E desde então nunca mais cortou um tronco para dele fazer um cajado. Todo o ramo, partido e seco no chão, o compadecia. Arredava-se para não pisar a erva. E pelos tempos de seca fazia longas caminhadas ao rio para trazer
45 água, e dar de beber às plantas sufocadas pelo pó dos caminhos. Nas pedras mesmo, veio por fim a suspeitar que podia haver um sofrimento. A picareta que as cortava, as duras rodas que as vincavam, o sol que as escaldava, a neve que as cobria, não lhes fariam uma dor, que elas guardavam na profundidade da sua

24: tinham ficado] tinham permanecido [1970]

31: sofriam] sofriam, [1970]

31: Terra [*adota-se a lição de 1970; em 1912: terra*]

36: passarinho voando] passarinho, voando, [1970]

42: tronco] tronco, [1970]

48: cobria,] cobria [1970]

50 mudez? E muitas vezes, com o seu vasto corpo, fez sombra às rochas; com as suas mãos, à maneira de longas pás, livrava as pedras das frialdades do gelo.

A sua ternura abrangia o Universo. Por vezes, de noite, olhando o céu, vinha-lhe como um grande amor pelas estrelas.
55 Elas eram claras e puras. Um momento brilhavam, depois partiam. E a lua que chegava então era tão triste, que um suspiro, sem som, levantava o coração de Cristóvão. Para onde iam assim todos aqueles astros, correndo, correndo? E viera a pensar que seriam
60 almas subindo, subindo nos espaços, mais altas à medida que eram mais puras, ganhando uma légua por cada bondade que realizavam, e tendendo assim à perfeição, até se tornarem dignas de se abismar no seio sublime de Jesus.

51: pás, livrava] pás, livrara [1970]

53: Universo. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: universo.*]

56: lua] Lua [1970]

59: subindo, subindo] subindo, [1970]

Assim envelhecia aquele bom gigante. Ora, um dia que caminhava por uma colina entre rochedos, ouviu um rumor de vozes que parecia vir do fundo do despenhadeiro. Desceu, agarrando-se
5 à ponta das rochas. E viu um largo rio, negro e tumultuoso, que corria espumando sobre as rochas que o cortavam, com um mugido sombrio. À beira dele, estava um grupo de mercadores com os seus machos carregados. E do outro lado, eram rochas, a pique, um monte que se elevava, coroado de negros pinheiros.

10 Cristóvão desceu, apareceu diante dos homens. Todos se juntaram, tirando facalhões do cinto, no terror daquela força e daquela deformidade. Depois, como ele de longe lhes falou com humildade, todos, pouco a pouco, o cercaram, perguntando o que acontecera à ponte que ali havia. Cristóvão não sabia. E então
15 disseram-lhe que aquele era um caminho curto e fácil que havia naquelas terras. Mas tinha aquela passagem má, o rio tumultuoso. Outrora houvera ali uma ponte de barcas amarradas com correntes. Mas o rio quebrara as correntes, levava as barcas, como palhas secas. Depois tinham lançado uma ponte de madeira e

1: XVIII [*Capítulo XVII em 1970.*]

18: barcas,] barcas [1970]

20 o rio outra vez levava a ponte. No entanto o Senhor daque-
las terras morrera, e tendo elas passado a um outro que vivia
nas cidades, ninguém mais se ocupara de fazer uma ponte aos
viandantes. E agora ali estavam eles, sem poderem passar, e as
mulheres e os filhos esperavam-nos, debalde, nas suas moradas
25 para além dos montes.

Cristóvão no entanto olhava a água. E em silêncio mer-
gulhou no rio, e começou a atravessá-lo. A água cobriu os seus
joelhos, subiu até à cintura, por fim bateu furiosamente sobre
o seu peito, como sobre o pilar duma ponte. E Cristóvão
30 caminhava. Depois a cinta de Cristóvão saiu da água, depois
apareceram os seus joelhos, e a escorrer, ele pôs pé, enfim,
nas rochas duras da outra margem, onde um caminho íngreme
subia entre fragas. Cristóvão passara o rio.

35 Voltou, e abrindo os braços para os mercadores espantados,
gritou:

— Quem quer passar?

Um mais novo logo se ofereceu. Cristóvão tomou-o sobre os
seus largos ombros, em cada braço carregou um fardo, enquanto
os outros, ansiosos, rezavam à Virgem. Cristóvão passou, — e
40 do outro lado, o mercador, radiante, fazia grandes gestos aos
companheiros, gritava que o gigante era seguro. Então Cristó-
vão passou os homens, depois os fardos. E por fim agarrando
as mulas, que zurravam espantadas, conduziu para o lado de lá
toda a caravana, sem que um pelo dos animais, ou uma corda
45 dos fardos, ou um sapato dos homens se tivesse molhado. Tendo
combinado baixo, os homens puseram-lhe na mão um punhado
de dinheiro, deram-lhe um rolo de cordas, e deixaram-lhe pão
para uma semana.

Logo nessa tarde Cristóvão, examinando aquele lugar agreste,
50 recolheu troncos quebrados, ramarias secas, e calando a madeira na

20: Senhor] senhor [1970]

26: Cristóvão no entanto] Cristóvão, no entanto, [1970]

28: joelhos, subiu] joelhos, [1970]

29: duma] de uma [1970]

31: e] e, [1970]

39: passou,] passou [1970]

fenda das rochas, arranjou com a corda um longo, estreito telheiro, onde o seu corpo se abrigasse das chuvas e das neves. Depois, tendo desembaraçado dos pedregulhos o caminho, esperou, sentado na grande solidão, que aparecessem viandantes. Não tardaram
 55 a aparecer na outra margem um grupo de frades, que viajavam com o abade, montado numa mula. Apenas os viu, Cristóvão atravessou — enquanto os frades, aterrados, lhe faziam grandes acenos, para que se não arriscasse naquelas águas da torrente. Mas quando o viram chegar, enorme, a escorrer água, e com os braços
 60 abertos para os receber, hesitaram pensando ser uma cilada do Demónio. A cruz que o abade traçou no ar, e que Cristóvão repetiu sobre o peito, logo os tranquilizou — murmurando entre si que então certamente era um auxílio do Senhor. Um por um, arregaçando o hábito, cavalgaram Cristóvão, e no meio do rio,
 65 sentindo a água furiosa bater a cinta do gigante, gritavam o nome da Virgem, Estrela dos Náufragos. Depois, quando Cristóvão os pousava na outra margem, enxutos, era um espanto, e baixando os hábitos, reapertando as sandálias, riam daquela ponte viva que trabalhava nas águas. O abade passou, passou a sua mula. E os frades
 70 deixaram a sua bênção ao gigante e um ramo de buxo benzido.

Começou então para Cristóvão uma vida estável, quieta, junto daquele rio. Nas horas em que não havia gente, esperava sentado numa pedra, olhando correr a água, ou então alargava o caminho e construía à beira de água, com pedras, como um
 75 cais onde a gente lhe subia para as costas. A cada instante, porém, havia alguém a passar — e como Cristóvão era já conhecido, os viandantes, do alto da colina, vinham logo gritando: «Eh gigante!» Alguns, mais brutais, se ele se demorava, rompiam em injúrias. Outros, que o vinho bebido nas tabernas da estrada excitava,
 80 arrepejavam-lhe os cabelos. Ele, quieto e humilde, fendia as águas. Por vezes era um cavaleiro que, com a sua pesada armadura, lhe esmagava os ombros, e rindo o espicaçava com os acicates. Outras

60: hesitaram] hesitaram, [1970]

61: Demónio. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: demónio.*]

63: então certamente] então, certamente, [1970]

73: então] então, [1970]

vezes era uma dama, que se horrorizava com a fealdade de Cristóvão, tapava a face, e apenas passada para a outra margem
85 lhe fugia das mãos, mostrando o seu nojo. O maior trabalho era com os animais. Havia rebanhos que levavam todo um dia a passar. Os ginetes de guerra, furiosos, mordiam-lhe os braços. E os galgos, latindo, queriam saltar para o rio, entre a indignação dos fidalgos, que atiravam pedras a Cristóvão. Nenhum esforço
90 custava ao bom gigante. Passava os fardos mais duros, grossas barricas de vinho, pedras enormes para a construção das abadias. Passou touros, que iam para um curro de fidalgos. E passou um bando de leprosos, que fugiam duma cidade, e lhe deixavam sobre a pele o pus das suas fístulas.

95 Se lhe não pagavam, baixava a cabeça, saudando com humildade. Se lhe pagavam, beijava a escassa moeda de cobre: — e guardava debaixo duma pedra esse dinheiro para o repartir com os mendigos.

Assim vivia desde longos anos. A sua cabeça já se vergava,
100 os seus braços já não eram tão fortes. Por vezes, sob os grandes fardos, gemia lamentavelmente. Todos os seus membros estavam como troncos nodosos, inchados pela humidade constante. De todo ele saía um cheiro a vasa e a limo. E as suas pernas, sempre na água, tinham um tom verde, como as estacas duma levada.

105 O seu leito de folhas secas era-lhe doce, e quando sentia vozes que o chamavam, era com um gemido que se erguia. Já lhe levava o dobro do tempo a cortar a corrente — e por isso eram constantes as injúrias que recebia. Para se apoiar na água, sentindo que as suas forças diminuía, teve de fazer um grande
110 bastão aguçado, com um tronco. E cada inverno pensava, com inquietação, se a força lhe sobraria para fender a corrente furiosa do rio mais cheio.

83: dama,] dama [1970]

92: touros,] touros [1970]

93: duma] de uma [1970]

97: duma] de uma [1970]

97: dinheiro] dinheiro, [1970]

104: duma] de uma [1970]

Agora, apenas passava os viajantes, logo se vinha deitar. E chegou mesmo a pedir por caridade que lhe deixassem um
 115 pouco de vinho, para tomar nas noites muito duras, como um
 cordial que o amparasse. Oh! muito pouco, um pichel somente...
 Ele, cautelosamente, o pouparia.

Ora uma noite de grande inverno, em que ventava, nevava,
 e o rio muito cheio mugia furiosamente, Cristóvão, já muito
 120 velho, trôpego, com feridas nas pernas, dormia no seu chão
 molhado — quando fora, na noite agreste, uma voz pequenina e
 dolorida gritou: «Cristóvão! Cristóvão!»

Com um gemido, logo se ergueu aquele bom gigante. Abriu o
 loquete da sua choça. E viu diante de si uma criancinha, pisando
 125 descalça a relva, com os cabelos a esvoaçar no vento e na chuva, e
 apertando sobre o peito, com as mãozinhas, a camisa muito branca
 que o cobria. Espantado, com lágrimas, Cristóvão abriu os braços.

— Oh meu menino, quem te trouxe?

E tremendo toda, no frio e na neve, a criancinha murmurou:

130 — Cristóvão, Cristóvão, estou sozinho e perdido, e por quem
 és te peço que me leves a casa de meu pai!

Já Cristóvão arrancara dos ombros a pele em que se agasalhava, e envolvia nela o corpinho tenro que tremia.

— Oh meu menino, onde é a casa de teu pai?

135 A criancinha estendeu o braço para o outro lado, onde os
 montes negros se erguiam. E murmurou muito baixo:

— Além, para além, muito longe...

Mas um espanto tomava Cristóvão. Porque debaixo da pele
 negra da cabra, de novo a camisinha da criança aparecia rebrilhando
 140 na noite negra, toda branca de linho. Muito humilde, baixando
 para ele a face, o bom gigante disse, muito humilde:

— Oh meu menino, vem, que eu te levo ao colo.

A criança estendeu os braços pequeninos. Cristóvão com
 cuidado e docemente a foi pondo ao ombro. Mas, bruscamente,
 145 os seus joelhos vergaram, tocaram a rocha, sob o imenso peso que

114: pedir por caridade] pedir, por caridade, [1970]

139: da cabra] de cabra [1970]

144: pondo ao] pondo no [1970]

o esmagava. Ah! quanto pesava o menino! Com custo, se firmou nas suas velhas pernas doridas. Desceu, arrimado ao seu bastão, o caminho escorregadio, mergulhou na água os pés, — e logo a corrente mugiu furiosamente em redor, atirando a espuma até aos
150 pés da criança. Arquejando, Cristóvão rompeu a água. O vento imenso silvava, e atirava-lhe sobre os olhos, que a humidade embaciava, os seus longos cabelos grisalhos. Ele disse: «Ah! meu menino, meu menino!» A cada passo sentia que o leito limoso do rio lhe fugia sob os pés. Todo ele tremia, firmado no bordão.
155 E a água, toda branca de espuma, empurrava-o furiosamente, com um marulho medonho. Na densa escuridão nada distinguia, nem sabia onde estava a outra margem. Grossas pedras de granizo de repente caíram, e o menino, arrepiado, todo se aconchegava à sua face. Já a água temerosa lhe chegava ao peito. Tropeçou
160 numa rocha, e quando se susteve sentiu a água, furiosa, gelada, correndo a roçar-lhe as barbas. Arrojou o bordão, e com as mãos ambas ergueu o menino ao ar. Mas mal o podia sustentar, grandes vagas já lhe batiam a face. Arquejando, parava para respirar fora da água, e bebia a espuma turva e amarga. Grossas traves, que
165 a corrente acarretava, batiam-lhe o corpo. Os seus pés rasgavam-se em pedras agudas. E ele, num esforço enorme, os braços esticados ao alto e todos a tremer, sustentando o menino, arrojava o peito para a frente, com gemidos que eram mais fortes que o vento. Duas vezes os seus joelhos fraquejaram, ia cair sob a força da
170 torrente; duas vezes, com um esforço sobre-humano, se manteve firme, erguendo ao alto o menino. A água já lhe chegava pela barba, e a espuma das vagas humedecia-lhe os olhos. E, sempre arquejando, rompia, com as mãos a tremer todas do peso imenso do menino. Mas os seus pés encontraram uma rocha firme, e a
175 água desceu outra vez até ao peito. Na rocha resvaladiça, porém, os seus passos mal se podiam sustentar. E era por um esforço da alma, que se empinava arquejando. Mas ia saindo do rio.

160: e quando se susteve] e, quando se susteve, [1970]

164: espuma turva e amarga.] espuma salgada. [1970]

168: frente,] frente [1970]

172-3: E, sempre arquejando,] E sempre arquejando [1970]

177: empinava] empinava, [1970]

A água já lhe descera à cintura. E o fragor da torrente parecia
 abrandado e como remoto. Grandes pedras emergiam da água.
 180 Já apenas tinha mergulhados os pés, que ele sentia dilacerados.
 Um esforço mais, e estava na margem, salvo, apertando contra
 o peito o menino.

Mas, naquele esforço supremo, toda a sua vida se fora. Não
 podia mais. E já se sentava, exausto, numa rocha, quando o menino
 185 lhe murmurou que não parasse, que marchasse ainda, o conduzisse
 à casa de seu pai. E Cristóvão, arquejando, começou a trepar o
 íngreme caminho da serra. Uma vaga claridade errava nos altos.
 E as rochas, os abetos, emergiam da treva densa, que os afogara.
 Uma frialdade trespassava o ar — e Cristóvão tiritava, com o seu
 190 pobre saião de estamena encharcado, que ia pingando na terra
 mole. E mais baixo murmurava: «Ah! meu menino! meu menino!...»

Cada vez mais escarpado, entre rochas, se empinava o cami-
 nho da serra. E Cristóvão todo curvado, com os seus cabelos
 caídos sobre a face e pingando, arquejava a cada passo. Subiria
 195 ele jamais até à morada do menino? E uma grande dor batia-lhe
 o coração, no terror de cair sem força, e a criancinha ficar ali,
 naquele ermo rude, entre as feras, sob a tormenta. A cada instante
 tinha de arrimar a mão a uma rocha, desfalecido, de se prender
 à ramagem dum abeto. E a claridade crescia; já, no alto dos
 200 montes ele via palidamente alvejar a neve.

— Oh meu menino, onde é a casa de teu pai?

— Mais longe, Cristóvão, mais longe...

E aquele bom gigante, agasalhando os pés do menino na
 dobra da pele de cabra, que o vento desmanchava, seguia com
 205 longos gemidos no caminho infundável, que mais se apertava
 entre rochas, erriçadas de silvas enormes. Por fim, mal podia
 passar; as pontas das rochas rasgavam-lhe os braços, os longos
 espinhos, atravessados, levavam-lhe a pele rude da face. E seguia!
 Já das feridas lhe pingava o sangue e os olhos embaciados mal
 210 distinguiam o caminho, que parecia oscilar todo como abalado

199: dum] de um [1970]

199: crescia; já,] crescia, já [1970]

206: erriçadas] eriçadas [1970]

num tremor de terra. Uma luz no entanto, mais viva, cor-de-rosa, já subia por trás das linhas dos cerros.

Mas Cristóvão parou, sem poder mais. Com o menino agarrado nos braços, ficou encostado a uma pedra, arquejando.

215 — Onde é a casa de teu pai?

— Mais longe, Cristóvão, mais longe...

Então o bom gigante fez um prodigioso esforço, e a cada passo, meio desfalecido, os olhos turvos, a cada instante lançando a mão para se arrimar, tropeçando, com grossas gotas de suor
220 que se misturavam a grossas gotas de sangue, rompeu a caminhar, sempre para cima, sempre para cima. Os seus pés iam ao acaso, no desfalecimento que o tomava. Uma grande frialdade invadia todos os seus membros. Já se sentia tão fraco como a criança que levava aos ombros. E parou, sem poder, no topo do monte. Era o
225 fim: um grande Sol nascia, banhava toda a Terra em luz. Cristóvão pousou o menino no chão, e caiu ao lado, estendendo as mãos. Ia morrer. Mas sentiu as suas grossas mãos presas nas do menino, — e a terra faltou-lhe debaixo dos pés. Então entreabriu os olhos, e no esplendor incomparável reconheceu
230 Jesus, Nosso Senhor, pequenino como quando nasceu no curral, que docemente, através da manhã clara, o ia levando para o Céu.

225: Sol [*adota-se a lição de 1970; em 1912: sol*]

225: Terra [*adota-se a lição de 1970; em 1912: terra*]

227-8: mãos presas nas do menino, —] mãos nas do menino, [1970]

231: Céu. [*adota-se a lição de 1970; em 1912: céu.*]

S.^{TO} ONOFRE

Onofre nasceu em Afrodite, cidade do Egito, sobre a margem Árábica do Nilo.

Seu pai possuía uma antiga taverna chamada *O Galo* — e costumava alugar dromedários, para a travessia do Deserto, aos Cristãos de Alexandria e do Delta que subiam o Nilo até Afrodite, em peregrinação aos mosteiros da Tebaida, à vila de Oxalínque, povoada de cenobitas, ou ao Monte Colzim, onde vivia ainda, em glória e com cem anos, o grande solitário S.^{to} Antão. O escravo Núbio que acompanhava estas caravanas como cameleiro, entrara secretamente na seita

1: [Enquanto o volume *Folhas Soltas* (aqui designado pelo ano da sua publicação, 1966) apresenta o texto agora reproduzido a partir do Ms. E1/289 como um apêndice de variantes ao «S.^{to} Onofre», de Últimas Páginas (1912), *Lendas de Santos* (de 1970) transforma-o na parte inicial do primeiro capítulo da narrativa, opção que aqui se segue.]

2-3: Egito, / Árábica] Egito / arábica [1970]

4: taverna] taberna [1966; 1970]

4: *O Galo* —] *O Galo* [1966] *O Galo* [1970]

5: Deserto, aos Cristãos] deserto, aos cristãos [1970]

7: mosteiros / Oxalínque,] Mosteiros / Oxalínqua [1966]

8: Monte] monte [1970]

8: Colzim,] Colzim [1966]

8-9: vivia ainda, / anos,] vivia ainda / anos [1966; 1970]

9: O escravo [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

9: Núbio] núbio [1970]

10: cameleiro,] cameleiro [1966; 1970]

dos Cristãos — cativado pela doçura daqueles homens, vestidos de branco, que nessas longas marchas, de duas **ou** três luas, através das areias Líbicas ou Arábicas, o aliviavam do seu serviço, lhe tiravam dos pés os espinhos ou as lascas de conchas, partilhavam com ele
 15 das suas rações de lentilha, mel e bolo seco de Canópia, e, sob a tenda, ou pelas sestas, à beira dos poços, lhe abriam um lugar, afavelmente como a um semelhante e a um irmão. E desde essa manhã de Páscoa, em que no Mosteiro de Pisper, entre as serras, a água da piscina batismal escorrera sobre as cicatrizes que o cobriam,
 20 feitas pelo açoite e pelos ferros, a face do bom **Ahmès**, mais lustrosa que ébano, não cessou de resplandecer, num sorriso perene de consolação e paz.

Onofre amara sempre aquele servo, comprado por seu pai a um bando de Sarracenos, e que, tendo percorrido toda a Arábia e
 25 a Etiópia, lhe contava histórias de guerras, de leões, e de tesouros escondidos em **cavernas**.

E mal descia a noite Onofre arrastava para o seu cubículo o bom Ahmès — a quem levava bolos de ervilhas, uma infusa de água com mel: — e não se fartava ali, até que as estrelas
 30 iam altas, de escutar as histórias extraordinárias, que o Núbio

11: Cristãos —] cristãos — [1970]

11: homens,] homens [1966; 1970]

12: duas **ou** três luas] duas ou três luas [1966; 1970]

13: Líbicas ou Arábicas,] líbicas ou arábicas, [1970]

15: das suas] as suas [1970]

15: Canópia, e, / sestas,] Canopia, e / sestas [1966; 1970]

17-8: E desde essa manhã de Páscoa,] E desde essa manhã de Páscoa [1966; 1970]

[1966 abre parágrafo.]

18: Mosteiro] mosteiro [1970]

18-9: Páscoa, / batismal [*Adota-se a lição da tradição e suprime-se a vírgula.*]

20: bom Rhamès,] bom Ahmès, [1966] bom Amés, [1970] [*Ms.: Ammono*]

21: não cessou de resplandecer,] não cessava de resplandecer [1966; 1970]

24: Sarracenos, e que,] Sarracenos e que [1966] sarracenos e que [1970]

25: Etiópia, / leões,] Etiópia / leões [1966; 1970]

26: em **cavernas**,] em ca [*Ms.; omissão por mudança de folio em falta.*] em cavernas. [1966; 1970]

27: E mal descia a noite] Mal descia a noite, [1966; 1970]

28: bom Ahmès —] bom Ahmès, [1966] bom Amés, [1970] [*Adota-se Ahmès, predominante no Ms.*]

29: mel: —] mel — [1966; 1970]

29: se fartava ali,] se fartava, [1966; 1970]

trazia, e que contava, baixo, com um tom santo, os olhos reluzindo, como ónixes preciosos. Era sobretudo de algum solitário de que ele ouvira alguma grande maravilha: — Serapião, que jejuara quarenta dias, como o Senhor, de joelhos e imóvel,
 35 sobre o cume duma rocha; Pacómio, que quando atravessava o Nilo, chamava um crocodilo e lhe cavalgava sobre o dorso; Gregório, que fazia reflorir os galhos duma árvore queimada, para dar sombra aos seus discípulos.

Mas nada comovera Onofre, como as novas que um dia
 40 o bom Núbio trouxe de Colzim, onde ele avistara, de longe, o grande Antão.

Sentado defronte da sua caverna, com um surrão de pele de cabra, sobre o corpo mais duro e vermelho que tijolo, o grande Solitário trabalhava com lentidão num cesto de verga. Em redor,
 45 num largo círculo, os peregrinos, imóveis, contemplavam o Santo em veneração e silêncio: — alguns tinham vindo do fundo de Arábia, e entre eles havia mulheres, damas ricas, com escravas e liteiras, que de vez em quando soltavam um longo suspiro, ou choravam baixo entre as pregas dos véus. Depois o Santo

30-1: extraordinárias, que o Núbio trazia, e que contava,] extraordinárias que o Núbio trazia e que contava [1966] extraordinárias que o núbio trazia e que contava [1970] [*Segue-se a lição da tradição e suprime-se uma vírgula em Núbio.*]

32: preciosos.] preciosos! [1966; 1970]

32-3: Era sobretudo de algum solitário de que ele ouvira alguma grande maravilha: —] Era sobretudo dos grandes solitários que ele ouvira alguma grande maravilha. [1966] [*Neste lugar e até Serapião as edições da tradição inserem parte do texto do fôlio 3A, para dar sequência à narrativa.*]

33-4: Serapião, que jejuara] Serapião que jejuava [1966; 1970]

35: duma rocha;] duma rocha. [1966] de uma rocha. [1970]

35-6: atravessava o Nilo,] atravessar [*Ms.; adota-se a lição da tradição.*] atravessava o Nilo [1966; 1970]

37: duma árvore] de uma árvore [1970]

39: Onofre,] Onofre [1970]

40: Núbio] núbio [1970] / onde ele avistara,] onde ele avistou [1966; 1970]

41: Antão.] Antão! [1966; 1970]

42-3: caverna, / cabra,] caverna / cabra [1966; 1970]

44: Solitário [*Cancela-se sempre vírgula entre sujeito e predicado, como em 1966 e 1970*]

44-5: Em redor, num largo círculo, os peregrinos, imóveis,] Em redor num largo círculo os peregrinos imóveis [1966; 1970]

46: silêncio: —] silêncio; [1966; 1970]

48: soltavam um longo suspiro,] soltavam longos suspiros [1966; 1970]

49: Depois [1966 e 1970 abrem parágrafo,]

50 pousara o trabalho — e apoiado por dous ermitas começara a
 descer a colina. A sua longa barba descia em flocos brancos até
 à cintura, — e no seu sorriso e nos seus olhos, havia o brilho
 cândido, infantil, e de contentamento infinito. Caminhando
 55 diante dos peregrinos, ele contava, numa voz ainda forte, a morte
 de Paulo, seu amigo e companheiro — e como dous leões lhe
 tinham cavado a sepultura, e como ele vira a sua alma vestida
 de claro, ascender, lentamente ao céu, entre fulgores brancos,
 que pareciam de asas. Os fiéis quando ele passava beijavam os
 seus pés veneráveis. O silêncio do Deserto era doce como o
 60 dum êxtase. — E, mais tarde enquanto se arreavam os camelos
 para a partida, os seus discípulos contavam, baixo, que o grande
 Solitário recebera duas cartas do Imperador Constantino, em
 que se dizia seu filho!

Onofre vivia então na impaciência de partir enfim [...]
 65 [...] das despesas, — ele fugia, tremendo da sua cupidez!
 Tanto era o seu zelo, que à volta do Deserto, quando ele ia espe-
 rar a Caravana, fora da porta das areias, sempre algum dos Cristãos

50: trabalho — e apoiado] trabalho e amparado [1966; 1970]

52: cintura, —] cintura — [1966; 1970]

52-3: olhos, / e de contentamento] olhos / de contentamento [1966; 1970]

54-5: contava, / e companheiro —] contava / e companheiro; [1966; 1970]

56: vira [*Suprime-se uma vírgula, adotando-se a lição da tradição*]

57: de claro, ascender, lentamente ao Céu, entre fulgores brancos,] de claro ascender
 lentamente ao Céu, entre fulgores brancos [1966; 1970]

58: Os fiéis [*1966 e 1970 abrem parágrafo.*]

59: O silêncio [*1966 e 1970 abrem parágrafo.*]

59: Deserto] deserto [1970]

60: dum êxtase. —] dum êxtase. [1966] de um êxtase. [1970]

60: E mais [*1966 e 1970 abrem parágrafo*]

62: Imperador Constantino,] imperador Constantino [1966; 1970]

64: Onofre vivia então na impaciência de partir enfim [*1966 e 1970 transferiram esta
 frase, sem o vocábulo enfim, para o final do fôlio 8.*]

65: das despesas, / cupidez! [*Passagem omitida em 1966 e 1970, substituída por Onofre
 vivia então na impaciência de partir. V. supra.*]

66: Tanto [*1966 e 1970 abrem parágrafo.*]

66: zelo,] zelo [1966; 1970]

66-7: esperar a Caravana, fora da porta das areias,] esperar caravanas fora da Porta
 das Areias, [1966; 1970]

67: Cristãos] cristãos [1970]

o reconhecia logo, lhe acenava as boas-vindas de cima do dromedário — e o seu coração pulsava de alegria e de orgulho.

70 Enfim o momento chegara, em que ele realizou o desejo que o atormentava. Dous monges da Síria tinham chegado a Afrodite para ir visitar Oxalim, todos os Mosteiros de Thebane, de **Líbia** e Ermitérios da Tebaida — e seu pai, que procurava
75 então contratar com esses Abades, desses mosteiros, o fornecimento regular de farinha, óleo, e lãs, desejou que ele partisse nessa caravana, com cartas para as Comunidades. Ele fora então abraçar ao Santuário, o seu velho Mestre. Era a hora da sesta, todo o bosque dormia; — e durante um momento ambos tinham caminhado em silêncio, sob a frescura dos pórticos. Depois o
80 velho Escriba deu-lhe um amuleto contra as mordeduras das serpentes e a sede — e ele partiu nessa tarde! E já ao passar o muro da necrópole voltou-se ainda sobre o seu dromedário. Seu pai está junto à porta das Areias, de pé, com a sua túnica branca.

Uma rapariga picava para a água dous grandes búfalos.
85 Os Íbis voavam de ramo em ramo nas romãzeiras em flor. Por cima

68: reconhecia logo,] reconhecia, logo [1966; 1970; *suprime-se a vírgula em* acenava.]

68-9: de cima do dromedário —] ainda de cima do dromedário, [1966; 1970]

69: e de orgulho,] e orgulho [1966; 1970]

70: chegara,] chegara [1966; 1970]

71: Dous monges [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

73: [Cétis; *palavra considerada ilegível por 1966 e 1970*.]

72-3: visitar Oxalim, todos os Mosteiros de Thebane, de **Líbia** e Ermitérios da Tebaida] visitar todos os solitários de Tebane [...] e eremitas da Tebaida [1966; 1970] [*Líbia é aqui conjecturada*.]

73-4: que procurava então] que precisava então [1966; 1970]

74: com esses Abades, desses mosteiros,] com os Abades desses Mosteiros [1966] com os abades desses mosteiros [1970]

75-6: óleo, / caravana,] óleo / caravana [1966; 1970]

76: Comunidades.] Comunidades. E partira! [1966; 1970] [E partira! *lugar onde a tradição abre parágrafo, foi riscado no Ms.*]

76: Ele [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

77: abraçar ao Santuário, o seu velho Mestre.] abraçar o seu velho mestre. [1966; 1970]

78: dormia; —] dormia [1966; 1970]

79: Depois [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

80: Escriba] escriba [1970]

81: partiu nessa tarde!] partiu essa tarde. [1966; 1970]

83: pai está junto à porta das Areias,] pai estava junto à Porta das Areias, [1966; 1970]

84: Uma [1966 e 1970 *não abrem parágrafo*.]

85: Os Íbis] Os íbis [1966; 1970]

das muralhas verdejavam os plátanos do bosque sagrado de Esculápio. Seu pai movia a mão, num último adeus — o seu [...]

Onofre, desde os vinte anos, vivia no deserto da Tebaida.

A sua caverna de Solitário era no alto dum monte, todo
 90 de rocha, avermelhada, e nua sem um tojo ou musgo que lhe
 amaciasse a aspereza: — e decerto outrora abrigara Salteadores
 Sarracenos porque a vasta laje que diante dela se estendia, em
 eirado, estava cerrada e defendida por um muro de pedras soltas,
 enegrecido pelo fumo de labaredas, e com seteiras, como as
 95 duma cidadela. Rudes degraus, escavados na penedia, desciam
 tumultuosamente a um vale onde um fio de água, caindo de
 fraga em fraga, criara um horto de ervas silvestres, tamargueiras,
 terebintos, três altas palmeiras, e mesmo uma mimosa, que, em
 cada primavera, floria e perfumava o ermo. Para além, depois de
 100 grossos penhascos de pórfiro, eram as areias, as imensas areias
 arábicas, ondulando, até ao Mar Vermelho, lisas, fulvas, como a
 pele dum leão.

Cada vez que a mimosa se cobria de cachos amarelos, Onofre,
 com um ferro de lança encontrado no fundo da sua caverna,
 105 entalhava na rocha um risco, como os que seu pai, na sua taberna,
 em Afrodite-sobre-o-Nilo, traçava no muro para apontar os anos
 do Vinho Mareótico. Todos os três meses, um monge de

87: Seu [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

87: adeus — o seu] adeus. [1966; 1970]

88: Onofre, [Texto-base estabelecido, a partir daqui e até onde indicado, por transcrição do fragmento autógrafo pertencente ao Círculo Eça de Queiroz, por se considerar, dadas as suas características, ser o mais próximo da última vontade do autor. A edição de 1912, que também segue este manuscrito, divide a narrativa em capítulos, iniciando-se aqui o capítulo 1.]

90: rocha, avermelhada, e nua] rocha avermelhada e nua, [1912; 1970]

91-2: Salteadores Sarracenos] salteadores sarracenos, [1912; 1970]

94: enegrecido] enegrecidas [1912; 1970]

95: duma] de uma [1970]

96: vale] vale, [1912; 1970]

99: primavera,] primavera [1912; 1970]

101: ondulando,] ondulando [1912; 1970]

101: Mar Vermelho,] mar Vermelho, [1970]

106: Afrodite-sobre-o-Nilo,] Afrodite, sobre o Nilo, [1912; 1970]

107: Vinho Mareótico,] vinho Mareótico. [1912] vinho mareótico. [1970]

107: Todos [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

- 110 Pisper, aparecia, montado no seu dromedário, trazendo em
seirões de esparto, esses pães de aveia, duros e mais largos que
rodas, que os Abades dos Mosteiros distribuíam pelos Solitários.
Sem descer do dromedário, o monge dava a Onofre o seu pão,
bebia uma malga da água fresca, contava a nova considerável
dalgun édito imperial sobre os Cristãos, dum outro César
115 aclamado pelas legiões, ou duma heresia inesperada que afligia
a Igreja — e partia, desaparecia, entre as dunas, curvado, sob
o seu longo capuz, ao lento badalar dos guizos do seu drome-
dário. Por muitas luas Onofre não avistava outra face humana.
E a sua vida recomeçava, sempre igual, como a água do seu
horto que, com o mesmo rumor, escorria nas mesmas pedras.
120 Cada noite, ainda com as estrelas empalidecendo no céu, dei-
xava o montão de folhas secas que lhe servia de leito, atava uma
corda em torno da sua túnica de pele de cabra, e ajoelhado, com
os braços abertos diante duma cruz de pau cravada entre duas
lajes, no eirado, começava a sua Oração, até que ao fundo dos
125 areais já rosados, o Sol surgia no céu sem nuvens, já ardente,
todo de brasa e de ouro. Direito então, Onofre entoava um
cântico, agradecendo ao Senhor o dia novo. Depois em obediên-
cia ao preceito de S.^{to} Antão que atribuía ao Trabalho tanta
virtude como à Prece, tomava a sua enxada, o seu podão,

107-8: monge de Pisper,] monge [1912; 1970]

108: aparecia,] aparecia [1970]

110: Abades dos Mosteiros] abades dos mosteiros [1970] [Ms.: *de acordo com a tradição, supprime-se a vírgula em* Mosteiros.]

112: da água] de água [1912; 1970]

113: dalgun / Cristãos, dum] de algum / cristãos de um, [1970]

114: duma] de um / de uma [1970]

115: desaparecia, / curvado,] desaparecia / curvado [1912] desaparecia [1970]

117: luas] luas, [1912]

119: horto] horto, [1912; 1970]

123-4: duma / Oração,] de uma / oração, [1970]

125: rosados,] rosados [1912; 1970]

125: surgia] surgia, [1970]

126: Direito] Direito, [1912]

127: Depois] Depois, [1912; 1970]

127-8: obediência [No Ms.: obdiencia]

128: S.^{to} Antão] Santo Antão, [1912; 1970]

128: Trabalho / Prece,] trabalho / prece, [1970]

129: enxada, [No Ms.: enchada]

130 o seu balde de couro, e descia, ainda cantando a trabalhar, em
baixo naquele horto, que a água criara, e que ele alargava,
pacientemente por sobre as areias, para que a Palavra se cum-
prisse, e o *Deserto se cobrisse de flores*. Quando o céu pesado flamejava
na sua imobilidade, e as ramarias enegreciam como bronze na
135 refulgência ambiente, e a terra lhe escaldava os pés nus, Onofre,
esfalfado, sedento, fumegando como um boi na lavragem, subia
à sua caverna, desenrolava os rolos de papiro, que continham
os Quatro Evangelhos, e encolhido numa tira de sombra, depois
de beijar as linhas divinas, mergulhava numa meditação, em que
140 toda a Vida do Senhor revivia lentamente na sua alma, e a
inundava de doçura, ou a trespassava de dor. Prostrado, com a
face nas lajes abrasadas, orava: — e de novo descia ao seu duro
labor, cantando Salmos, enquanto a enxada batia o torrão,
ou os ombros lhe vergavam sob o carroto de pedregulhos, para
145 que sem descontinuar subisse do ermo para o Céu, como
um fumo de ara que nunca se apaga, o preito do seu coração.

Lentamente monte e rochas se tingiam duma cor rosada,
semelhante a um rubor humano: as alturas eram de âmbar fino: nas
folhagens, mais leves, e como aliviadas, passava um frémito de
150 asa, um pio fugidio das aves que vinham beber à fonte; — e
quando Onofre recolhia ao alto eirado, com a sua enxada ao
ombro, todo o deserto, em baixo, até ao mar, rebrilhava como

130: cantando] cantando, [1912; 1970]

130-1: em baixo] em baixo, [1970]

131: horto,] horto [1912; 1970]

132: pacientemente] pacientemente, [1912; 1970]

137: papiro,] papiro [1970]

140: Vida] vida [1912; 1970]

143: Salmos,] salmos, [1970]

143: enxada [*No Ms.*: enchada]

144: sob [*No Ms.*: sobre; *adota-se a lição da tradição*.]

145: que sem descontinuar] que, sem descontinuar, [1912; 1970]

145: Céu,] céu, [1912]

147: Lentamente] Lentamente, [1912; 1970]

147: duma] de uma [1970]

149: aliviadas,] aliviadas [*Ms.*; *adota-se a lição da tradição*.]

150: fonte;] fonte: [1912; 1970]

uma lâmina de cobre. O sol descia por trás de nuvens, que
 ensanguentava — e era então que o Solitário, aliviando a fadiga
 155 num longo suspiro, se sentava, com uma côdea de pão duro,
 e umas poucas de tâmaras no regaço, e a sua cabaça de água
 fresca pousada junto da cruz. Com os olhos derramados pelas
 areias imensas que empalideciam, Onofre comia lentamente.
 Cada sorvo de água espalhava no seu ser, como a frescura o
 160 contentamento dum dia todo consumido a trabalhar na obra
 de Deus. E a sua Oração de Graças era tão enternecida, que
 as lágrimas uma a uma, lhe rolavam nas barbas poeirentas.

A lua curva como uma barca do Nilo, ou redonda e fais-
 cante como a roda dum Carro Sagrado, roçava o cimo negro
 165 da Cordilheira Arábica. Na ravina os chacais uivavam descendo à
 fonte. Depois, tudo emudecia — e Onofre encostado ao parapeito,
 embebido, na frescura e na paz do luar, sentia, naquele silêncio
 universal, o bater cansado do seu coração. Mas mesmo esses
 instantes de repouso os dava ao Senhor, — atribuindo somente
 170 à sua misericórdia o impulso que o arrancara dentre os homens, e
 do lodo em que eles se debatem, e o trouxera, à pureza desta
 solidão, onde a eterna verdade se avista tão claramente, como aquela
 grande lua, lustrosa e consoladora. No seu reconhecimento
 de novo se abatia ante a cruz — e era de joelhos, cantando um

153: sol] Sol [1970]

155: duro,] duro [1912; 1970]

159: Cada [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

159: como / frescura] com / frescura, [1912; 1970] [Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de água.]

160: dum] de um [1970]

162: lágrimas] lágrimas, [1912; 1970]

163: A lua] A lua, [1912] A Lua, [1970]

164: dum Carro Sagrado,] dum carro sagrado, [1912] de um carro sagrado, [1970]

167: embebido,] embebido [1912; 1970]

168: Mas mesmo [Final de transição do fragmento autógrafo pertencente ao Círculo Eça de Queiroz.]

168-9: esses instantes [Início de texto-base transcrito do Ms. E1/289; neste conjunto e fora de ordem encontra-se o folio copiado por Maria d'Eça de Queiroz, por ela integrado na posição adequada.]

169: Senhor,] Senhor [1970]

171: e o trouxera,] o trouxera [Ms.] [Adota-se a lição da tradição.]

172-3: claramente, / lua,] claramente / Lua, [1970]

173: reconhecimento] reconhecimento, [1970]

174: a cruz —] a cruz, [1912; 1970]

175 derradeiro Salmo, que, depois de se arrastar três vezes em torno do seu cirado, Onofre penetrava na sua negra caverna, e se estendia, contente, no seu leito de folhas secas. E sentia como uma fonte de misericórdia descer sobre o seu coração Solitário miserável.

Então o Demónio tentou expulsá-lo daquele ermo, pelo terror.
180 Ao princípio foram feras e bandos de esqueletos, cujos ossos rangiam lamentavelmente, filas de demónios cor de lume, uivantes e fumegantes, tropéis de negras figuras pavorosas, mais altas que torres, com braços que eram serpentes assanhadas, com bocas que eram trombas devoradoras, faziam tal estridor e tão horrenda
185 confusão, que as estrelas pareciam empalidecer. Ou então ele via uma goela, vasta como uma caverna, toda sangrenta, com rangeres de dentes donde pingava sangue, e esperando para o tragar. Mas se Onofre abria os braços, ofertando-se à morte, logo feras e fantasmas se sumiam como se fossem som-
190 bras numa parede. Assim a sua alma ganhava em fortaleza: — e então o Demónio, mais astuto, tentou o seu lento amolecimento.

Todo aquele vale agreste se tornava, com o crepúsculo, mais cheio de doçura que um vergel real. As asperezas das rochas, amaciadas, tisonavam com uma brancura quente e

175: Salmo,] salmo, [1970]

177: secas. [Início de passagem omitida por 1912 e 1970, mas recuperada por 1966 e integrada no apêndice de 1970.]

178: seu coração Solitário miserável.] seu coração. [1966] [O *fólio* começava com as palavras Solitário miserável; *Eça acrescentou na margem superior esquerda a frase anterior.*]

180: Ao princípio [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

180: esqueletos,] esqueletos [1966; 1970]

184-5: devoradoras, faziam tal estridor e tão horrenda confusão,] devoradoras; faziam tal estrídula e horrenda confusão [1966; 1970]

185: Ou então [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

186: goela,] goela [1966; 1970]

186-7: uma caverna, toda sangrenta, com rangeres de dentes donde pingava sangue,] uma caverna, de onde pingava sangue, [1966; 1970]

188: Mas [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

188: braços,] braços [1966; 1970]

190: Assim [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

192: tornava, com o crepúsculo,] tornava com o crepúsculo [1966; 1970]

193-4: As asperezas das rochas, amaciadas, tisonavam com] As asperezas das rochas amaciadas..... como [1966; 1970; abrem parágrafo.]

195 como viva, delicadas e redondas formas de brancos ombros,
de brancos peitos. Relvas altas e frescas verdejavam, como
tapetes desdobrados sobre o areal. Do pequeno fio de água,
subia um murmúrio, beijado e suspirado, por entre as flores
200 raras, que se balançavam sobre a sua limpidez. E o ar tinha
mais perfumes, que um Serralho Persa. Uma opressão, um
desmaio doce infinitamente invadiam Onofre, que, respirando
a frescura, à porta da sua cabana, torcia lentamente os braços;
e os seus braços nus roçavam rosas, grandes molhos de rosas, que
se desfaziam no chão, como em noites de calor. Depois
205 eram rumores brandos de sedas, de estofos finos, — e alguma
mulher, ora delgada, de longos cabelos negros que a vestiam,
ora loira e gorda, e mais branca que o leite, surgia, e murmu-
rando, lascivamente — oh meu lindo Ermita, meu lindo Ermita,
deixava escorregar véus e túnica, e toda se arqueava, com os
210 braços moles, numa oferta que punha quási contra o corpo
de Onofre, bruscamente erguido, todos os íntimos esplendores
da sua nudez. O Solitário tremia, arquejando: já as suas mãos
sôfregas se estendiam, iam arrebatrar aquela carne perfeita: mas,

195: delicadas e redondas] delicadas, redondas [1966; 1970]

196: Relvas [1966; 1970; *abrem parágrafo; elimina-se a vírgula.*]

196: verdejavam,] verdejavam [1966; 1970]

197: tapetes [*Ms.*: tapetetes, *certamente por lapsos.*]

197-9: de água, / suspirado, / raras,] de água / suspirado / raras [1966; 1970]

199: E [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

200: perfumes, que um Serralho Persa.] perfumes que um serralho persa. [1966; 1970]

200: Uma [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

201: doce] doce, [1966;1970; *elimina-se vírgula em infinitamente.*]

201-2: que, / frescura, / cabana, / braços;] que / frescura / cabana / braços, [1966; 1970]

204: chão,] chão [1966; 1970]

204: Depois [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

205: finos,] finos [1966; 1970]

207: gorda,] gorda [1966; 1970]

207-8: murmurando, lascivamente — oh] murmurando lascivamente: «Ó [1966; 1970]

208: Ermita,] ermita, [1970]

208: Ermita,] Ermita!» [1966] ermita!» [1970]

209: túnica, e toda se arqueava,] túnicas e toda se arqueava [1966; 1970]

210: punha quási] punha quase [1966; 1970]

212: arquejando:] arquejando, [1966; 1970]

da sua alma arrebatada no vendaval da Luxúria, um grito, de
 215 resistência derradeira, partia: — Jesus! Jesus! E formas nuas,
 rosais, relvas tentadoras, passavam, como levadas por vento: — só
 havia em redor o Deserto severo, e a sua tristeza agreste. Onofre
 limpava o suor que o cobria: e correndo às suas discipli-
 220 nas, longamente se vergastava, rezando e cantando Salmos, até
 que preces, e gritos de dor, e lágrimas e gotas de sangue se
 misturavam, e iam pelos ares, levando ao Senhor a certeza
 do seu arrependimento. Tão longas tinham sido da parte do
 Demónio estas tentações da Carne, tão duras tinham sido, da
 parte de Onofre as repressões do seu desejo — que ao fim de
 225 curtos anos, o seu desejo era nele como um carvão apagado.
 E se quando ele rezava, à entrada da sua cova, aparecessem
 as mais belas formas, com os suspiros mais tentadores, ele
 nem erguia os olhos nem interrompia a oração. Muitas vezes, ao
 estirar-se sobre o seu leito, descobria de repente estirada ao lado
 230 dele, uma cortesã, nua, que sorria, e murmurava «queres?» — e

214: mas, da sua alma arrebatada] arrebatada [Ms.] mas da sua alma, [1966; 1970]

214-5: grito, de resistência derradeira, partia: — Jesus! Jesus!] grito de resistência
 derradeira partia: «Jesus! Jesus!» [1966; 1970]

215: E formas] As formas [1966; 1970; *abrem parágrafo*.]

216: passavam, como levadas por vento: —] passavam como levadas pelo
 vento. — [1966; 1970]

217: em redor o Deserto severo,] à roda o Deserto severo [1966] à roda o deserto
 severo [1970]

217: Onofre [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

218: cobria: e] cobria e, [1966; 1970]

219: Salmos,] salmos, [1970]

220: preces, / dor,] preces / dor [1966; 1970]

221: misturavam,] misturavam [1966; 1970]

222: Tão longas] Tão longas e contínuas [1966; 1970, *que abrem parágrafo. Vírgula
 eliminada, depois de longas.*]

222-3: tinham sido da parte do Demónio] tinham sido [1966; 1970] [*Não Ms.: tinham
 da par do Demon*]

224: Onofre] Onofre, [1966; 1970]

225: anos,] anos [1966; 1970]

226: E se] E se, [1966; 1970]

226: cova,] cova [1966; 1970; *elimina-se a vírgula do Ms., depois de aparecessem.*]

228: erguia os olhos nem interrompia] ergueria os olhos nem interromperia [1966; 1970]

228: Muitas vezes,] Muitas vezes [1966; 1970; *abrem parágrafo*.]

229-30: leito, / dele, uma cortesã, nua, que sorria, e murmurava «queres?»] leito / dele
 cortesã nua, que sorria e murmurava: «Queres?» [1966; 1970]

Onofre, encolhendo com tédio, os ombros magros, deixava o leito, ia deitar-se fora sobre as rochas, tão desdenhoso da Tentação, que nem chamava contra ela o Senhor!

235 Mas destas lutas saíra tão magro e débil, que nem podia
conduzir ao seu jardim, sempre assolado e sempre replantado,
o seu balde de couro, cheio de água. E muitas vezes pensava,
que se um dia pudesse comer uma pouca de carne, ou ave bem
assada, as suas forças renasceriam, e mais produtivo seria o seu
trabalho, como mais longa podia ser a sua penitência. Logo nessa
240 tarde, quando ia a partir a côdea do seu pão — viu, diante dos
seus pés cruzados, no chão, um prato com uma carne vermelha
e succulenta, e um pichel de vinho, muito frio que espumava.
Ele não duvidou que fosse um dom do Senhor. Não mandou
Ele alimentos a Elías? Não dera Ele a Paulo, na Tebaida, frutos
245 para o consolar? E estendeu a mão trémulo, tocou na carne
tocou no vinho, murmurou: — «Bendito sejas Tu, meu Deus!»
E de repente só lhe ficou nas mãos uma pouca de cinza
fétida. Deu um grito de Terror. Fora pois uma oferta do

231: Onofre, encolhendo com tédio,] Onofre encolhia com tédio [1966; 1970]

232: fora sobre as rochas,] fora, sobre a rocha, [1966; 1970]

232: Tentação,] tentação [1966; 1970]

235-6: jardim, / replantado, / couro,] jardim / replantado / couro [1966]

236: E muitas [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

236-7: pensava, / carne,] carne / pensava [1966; 1970]

238: renasceriam, e mais produtivo] renasceriam e mais proveitoso [1966; 1970]

239: Logo [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

240: ia [*Virgula eliminada*.]

242: de vinho,] de vinho [1966; 1970]

243: Não mandou] Não mandara [1966; 1970]

245: a mão] a mão, [1966; 1970]

245-6: carne tocou no vinho, murmurou: — «Bendito] carne, tocou no vinho e murmurou: — Bendito [1966; 1970; *abrem parágrafo em* — Bendito] [*As aspas são conjeturadas*.]

247: E [1966 *abre parágrafo*.]

247: uma pouca] um pouco [1966; 1970]

248: Deu [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

248: Terror.] terror. [1966; 1970]

250 Inferno — e no Inferno se assara aquela carne, e se vindimara
aquele vinho? Se ele tivesse morrido nesse [...]

255 Assim, naquela vastidão de areias, que ondulava do Egito até
à Arábia, sob essa imensa curva do céu, onde se cansava a asa
das águias e dos ventos, se movia aquela forma solitária, única
entre tanta imensidade, sempre diligente, como uma abelha
que faz o seu mel — orando de braços abertos, cavando a terra,
folheando o Livro Santo, trepando os degraus da caverna com
o seu odre de água, de rojo nas lajes ante a cruz, entoando da
borda do seu eirado um cântico de grande esperança, mergu-
lhando na treva da sua caverna, emergindo ansiosamente dela
260 para voltar à oração, ao labor, ao êxtase, à penitência incansável.
Deus olhava e esperava.

249: Inferno —] Inferno, [1966; 1970]

250: vinho?] vinho! [1966; 1970]

250: Se ele tivesse morrido nesse [Omitido em 1966 e no apêndice de 1970. A frase é interrompida aqui, sem sequência no folho seguinte; faltará certamente manuscrito.]

252: céu,] céu [1912; 1970]

254: diligente,] diligente [1912; 1970]

256: Livro Santo,] livro santo, [1912; 1970]

261: olhava] olhava — [1912; 1970]

Mas como o Solitário ia entrando na perfeição, — o Demónio, inquieto com o Santo novo que surgia, correu ao Ermo: — e desde então começaram na alma de Onofre os
5 sustos, as surpresas, os ruídos, os combates duma cidadela cercada. O cenobita com quem ele ao princípio habitara no deserto de Cétis, o velho Apolónio, que transpusera um cento de anos, e só conseguia caminhar com as mãos no chão, muito longamente o instruíra sobre as artes múltiplas e ondeantes de Satanás que
10 invade os corações, menos pela força e despedaçando, que por uma penetração de horrenda, abominável doçura. E todavia, tão serenos e seguros foram os seus primeiros tempos no Deserto, que Onofre como uma sentinela que vê, em torno, a planície

2: Mas [O Ms. E1/289 inicia aqui um capítulo autónomo, dando-lhe o número II, tal como se encontra em 1912 (que faz divisão do texto em capítulos) e em 1970, cuja numeração não vai além do capítulo III.]

3-4: Santo / Ermo] santo / ermo [1912]

5: duma] de uma [1912]

9: Satanás] Satanás, [1912; 1970]

11: E] E, [1970]

12: Deserto,] deserto, [1970]

13: Onofre] Onofre, [1912; 1970]

13: que vê,] que vê [1912; 1970]

15 só coberta de espigas e luz, se encosta à lança e adormece,
 deixara o Inimigo penetrar no seu ser, com a facilidade duma
 cobra que escorrega entre as tábuas mal juntas duma cabana.
 Ainda ele, cada dia, ao escurecer, repousando à borda do seu
 eirado, com os olhos afogados nas estrelas, agradecia ao Senhor
 20 aquela doce Misericórdia que caía na sua alma como uma fonte
 de leite — e já a Serpente bebia desse leite. O arbusto dá o per-
 fume da sua flor e não sente o verme — Onofre não sentia o
 Demónio deteriorando a raiz da sua perfeição. Era então apenas
 nele, a essa hora de silêncio, de estrelas, uma recordação tão doce
 da cidade de Afrodite e da taberna de seu pai, que a cabeça lhe
 25 pendia, contra a rocha, e cerrava as pálpebras para reter, mais
 perto da alma essas imagens inesperadamente belas, de arvoredos,
 e casas alvejando entre os arvoredos, e alegres rumores humanos.

A taberna de seu pai era no bairro grego de Afrodite, junto
 à Porta das Areias, à orla dum bosque de mimosas e sicômo-
 30 ros que, por sobre uma colina mais alta que as muralhas, se
 estendia até um pequeno santuário de Esculápio. Por aquele
 lindo bosque acompanhava ele sua mãe, — que era Grega, das
 Ilhas Egeias — quando ela, já pálida, consumida pelos ardores
 do Egito ia suplicar a saúde ao Deus helénico, o claro Ídolo de
 35 barbas douradas, e derramar sobre a sua ara o puro azeite da
 Ática, que ele levava na mão numa infusa pintada. Era sempre de
 madrugada, quando, nos vergéis do Santuário, cantavam os galos

14: se encosta] e se encosta [1912]

15: duma] de uma [1970]

16: duma] de uma [1970]

19: Misericórdia] misericórdia [1970] [*Nô Ms.: Mesicordia*]

21: verme] verme: [1912; 1970]

25: pendia, contra a rocha,] pendia contra a rocha [1912; 1970]

26: da alma essas imagens] da alma, essas imagens, [1912]

29: dum] de um [1970]

31: Por [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

32: mãe,] mãe [1970]

32: Grega,] grega, [1970]

34: Egito] Egipto, [1912; 1970]

34: Deus / Ídolo] deus / ídolo [1970]

37: Santuário,] santuário, [1970]

40 votados a Esculápio. Do lado das muralhas, onde se aquartelava a Legião Germânica, vinha o som áspero e grave das tubas, que o faziam pensar em marchas triunfantes por países bárbaros e altas cidades cercadas. E sua pobre **mãe** parava cansada, com a mão transparente contra um tronco de árvore, respirando o aroma esparso de violetas entre a relva que lhe lembravam a doçura da sua pátria.

45 Por aquele bosque também todas as tardes, com a sua infusa de greda sob o manto de linho, descia, a buscar à taberna cerveja da Cilícia, ou Vinho Mareótico, o velho Ammonio, o Arquivista do Santuário, que lhe ensinava as Letras, os Números, certos ditames da Música, as divisões do Império Romano, e mesmo, sobre uma esfera feita de verga fina, o caminhar das estrelas. Bom Ammonio que sempre o amara, lhe admirava tanto a inteligência, e mesmo aconselhava a seu pai que o mandasse estudar às
50 Escolas de Alexandria, a Gramática e a Retórica. Nem todos os pagãos, decerto pertencem ao Inferno. Aquele era simples, doce, humano — e esfarelava sempre, na taberna, sobre o chão
55 areado, um pouco do seu pão para as andorinhas e os íbis...

Assim Onofre cismava e recordava, à porta da sua caverna entre as rochas, envolto pelo Deserto. E como hóspedes bem acolhidos em casa aberta e farta, que voltam contentes, trazendo
60 outros camaradas — estes pensamentos invadiam cada noite a alma do Solitário, arrastando outros, mais ligeiros, mais cheios

38: Do lado [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

41: sua pobre **mãe** parava [No Ms.: mãe foi acrescentado por mão alheia; adota-se a lição da tradição.]

43: relva] relva, [1912; 1970]

43 lhe lembravam] lhe lembrava [1970]

47: Vinho Mareótico,] vinho Mareótico, [1912] vinho mareótico, [1970]

48: Ammonio, o Arquivista do Santuário,] Amónio, o arquivista do santuário, [1970]

48-9: Letras, os Números, / Música,] letras, os números, / música, [1970]

51: Ammonio] Ammonio, [1912] Amónio, [1970]

52: estudar] estudar, [1912; 1970]

53: Escolas] escolas [1970]

53: Retórica.] Retórica! [1912]

53: Nem [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

54: decerto] decerto, [1912; 1970]

57: caverna] caverna, [1912; 1970]

58: Deserto.] deserto. [1970]

do rumor e da alegria do mundo que ele abandonara. Todos vinham sempre daquela taverna do Galo tão clara e fresca entre os sicômoros. Como ela era asseada e bem regulada. Junto da
 65 porta estava pendurado o longo azorrague para os servos que não estendessem, bem finamente, pelos pátios, a areia vermelha entre as sebes de rosas — ou que não esponjassem cada madrugada, sobre os muros caiados de amarelo, o sulco fumarento das lâmpadas: mas, na verdade, só sobre o açoite se amontoava o
 70 pó, tanta era a diligência e a ordem. Nenhum pão se amassava em Afrodite mais ligeiro e branco e doce que o do *Galo*! E para comer as ostras de Canópia, que todos os dias chegavam pelos barcos do Nilo, em grossas caixas forradas de limo, vinham lá mercadores ricos, e até Sacerdotes — porque os que servem os
 75 Ídolos são sempre vorazes. Também os Gregos, naquele bairro novo, escolhiam sempre o *Galo* para rematar, à noite, com danças, as horrendas festas Dionisiacas. Quantas vezes, antes que a Verdade o penetrasse, ele ajudara culpadamente a pendurar lanternas no largo, espalhado sicômoro que assombreava o pátio,
 80 do lado das muralhas. Ao escurecer, os Místicos apareciam, em bando, moços e raparigas, de volta do Templo, coroados de hera e choupo, disfarçados com máscaras, embrulhados em peles de bode, cantando os hinos de Iacos. Os servos subiam logo da

63: taverna do Galo] taberna do *Galo*, [1912; 1970]

64: regulada.] regulada! [1912; 1970]

65: que] que que [Ms.] [*A tradição também corrige.*]

68: lâmpadas:] lâmpadas; [1912; 1970]

70: era a diligência [No Ms.: era diligência; *adota-se a lição da tradição.*]

71: ligeiro e branco e doce] ligeiro, e branco, e doce, [1912; 1970]

71: *Galo*!] Galo! [1970]

74: Sacerdotes / Ídolos] sacerdotes / ídolos [1970]

75: Gregos] Gregos, [1912] gregos, [1970]

76: o *Galo*] o Galo [1970]

77: Dionisiacas.] dionisiacas. [1970]

79: largo,] largo e [1970]

79: sicômoro] sicômoro, [1912]

80: escurecer, os Místicos] escurecer, os Místicos [1912] escurecer, os místicos [1970]
 [*A primeira vírgula é conjecturada.*]

81: Templo,] templo, [1970]

- adega segurando pelas **asas** um vasto cântaro de vinho novo.
- 85 Caraças e peles eram arremessadas para junto das mesas, armadas sob o velário de esparto, cobertas de azeitonas, de bolos de mel, de frutas em cestas, e de gelo que rebrilhava. Todos corriam a refrescar as faces, esbraseadas e cheias de pó, na larga piscina ao lado do alpendre dos dromedários. Dous moços dos mais
- 90 ágeis, então, dançavam a *Phírrica*, erguendo vasos à maneira de escudos, e brandindo, como lanças num combate, os tirso de mirto e rosas. Depois o cântaro enorme de vinho era arrastado para o meio do terreiro, coroadado de flores — e todos, de mãos dadas, rapazes alternando com as moças, a Força entremeada
- 95 à Graça, bailavam, ao som triunfal das flautas e dos crótalos, a *Choreia* sagrada, gritando: «Iacos! Sê connosco!» Delírios abomináveis! Mas, no dançar daquelas pagãs, votadas aos fogos do Inferno, mais brancas que mármore, e com formas impuras de Deusas, quanta Arte perversa, e quanta beleza!
- 100 Uma sobretudo, Glicéria, que era filha dum gravador de pedras finas, e morava **tão** perto do *Galo* que ele a sentia cantar fiando sentada à beira do seu eirado, ou pendurando nos ramos do limoeiro as roupas do irmão pequenino! Muitas vezes, passando pela sua porta, de madrugada, vira sobre ela
- 105 traçados com gesso, louvores à sua formosura, e à graça do seu andar — «*Glicéria, por ser a mais bela, inquieta Vénus!*» — «*Os teus pés, oh Glicéria! correriam sobre lírios sem lhes macular a pureza!*» — E ele corava indignado, como se surpreendesse um ultraje. Tinha então

84: adega] adega, [1912; 1970]

84: pelas **asas** um vasto cântaro [No Ms.: asas *foi acrescentado por mão alheia; adota-se a lição da tradição.*]

89: Dous] Dois [1970]

90: a *Phírrica*,] a Pírrhica, [1912] a pírrica, [1970]

95: Força / Graça,] força / graça, [1970]

95: e dos crótalos] e das crotales [1912]

96: a *Choreia*] a Choreia [1912] a coreia [1970]

99: Deusas, / Arte] deusas, / arte [1970]

100: dum] de um [1970]

101: morava **tão** perto [No Ms.: tão *foi acrescentado na entrelinha; adota-se a lição da tradição.*]

101: do *Galo*] do Galo [1970]

102: cantar fiando] cantar, fiando, [1912]

106-7: «*Glicéria, / Vénus!*» / «*Os teus / pureza!*»] *Glicéria, / Vénus! / Os teus / pureza!* [1912; 1970]

110 quinze anos — ela vinte: e quando a avistava à beira do terraço,
 ligeira e branca, com o irmãozinho no colo, uma melancolia sem
 razão, doce como o crepúsculo, descia sobre o seu coração. A última
 vez que a encontrara fora nessa manhã, em que ele subira ao
 Templo de Esculápio, para se despedir do velho Arquivista,
 seu mestre. Era à hora da sesta — e em torno do Santuário,
 115 branco e lustroso, o bosque sagrado repousava, no esplendor do
 sol de agosto, sem um murmúrio de ramagem, abrigando aqui e
 além, na sombra fresca, alguma nudez de estátua, que rebrilhava.
 E no silêncio, o gotejar dormiente das águas lustrais, sobre as
 bacias de pórfiro, o arrulhar fugitivo duma rola, eram ainda como
 120 rumores religiosos, cheios de gravidade e doçura. O vasto Esculápio,
 sobre o seu altar, no alto das escadarias de mármore cor-de-
 -rosa, sorria beneficentemente na sua barba dourada, encostado
 ao seu bastão onde se enroscava uma cobra de bronze. Numa
 gaiola de cedro as duas serpentes rituais, gordas, mosqueadas
 125 de amarelo, dormiam com beatitude enroscadas sobre fofas lãs de
 Mileto. A um canto, na sua cadeira de marfim, o Sacerdote
 de serviço dormia também, com as mãos, resplandecentes de anéis,
 pousadas sobre o ventre, e uma ponta do manto de linho esten-
 dida sobre a face, suada e nédia. E na ara de bronze, coberta
 130 de brasa, um fumo leve, e lento, e direito, e perfumado, subia
 como uma prece contínua e serena. À espera do seu mestre, ele
 passeava, na frescura dos pórticos, entre as colunas de mármore,

113: Templo] templo [1970]

113: Arquivista,] arquivista, [1912; 1970]

114: Era [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

114: Santuário,] santuário, [1970]

115: repousava,] repousava [1912; 1970]

118: E no [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

118: lustrais,] lustrais [1912]

119: duma] de uma [1970]

120: O vasto [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

121: seu altar,] seu alto, [Ms.; adota-se a lição da tradição. No Ms. mão albeia riscou alto
que substituiu na entrelinha por altar]

125: beatitude] beatitude, [1912; 1970]

126: o Sacerdote] o sacerdote [1970]

128-9: estendida [No Ms.: estendido; adota-se a lição da tradição.]

130: de brasa,] de brasas, [1970]

135 cobertas de estelas votivas, e de cachos de mimosas, abafando
sobre as lajes bem lavadas, o ruído das suas sandálias — quando
ela apareceu na longa avenida de palmeiras. Lenta, pensativa, com
as mãos embrulhadas no véu leve cor de açafão, que lhe pendia
dos cabelos, ela veio caminhando, pela tira de sombra, até à esca-
daria de mármore, que os seus joelhos tocaram, levemente. E nos
seus olhos, que ergueu vagorosamente para o Deus, e onde uma
140 lágrima bailava, eram como duas pedras preciosas refulgindo sob
água. Depois com a mão que desembulhara do véu, deixou
cair na ara, um punhado de incenso. Contemplou um instante o
fumo aromático que envolveu a face do Ídolo — e desceu a
avenida, com passos lentos, e pesados de cuidado sob a sombra
145 estreita das palmeiras. Ela resplandecia de saúde e viço. Para que
ser bem-amado, viera pois implorar o seu Deus? Longe sob
as árvores o seu véu, colhido num raio de sol, reluziu como
ouro. E ele não a vira nunca mais.

Ora uma noite que assim cismava, com a cabeça encos-
150 tada às rochas, sentiu, perto, como um rumor de sandálias, e um
aroma lento de incensos. Abriu os olhos, num espanto — e
no sítio da sua negra caverna **alvejavam** os mármore do
Templo, Esculápio sorria nas suas barbas douradas, a ara fumegava
docemente, e Glicéria, sem véus, estendia os braços! Mas era
155 para ele, não para o Deus, que estendia os braços suplicantes e nus.
Sob a túnica, mal franzida, o seu seio arfava, como num desejo

132-3: passeava, / estelas / abafando] passeava / estelas / abafando, [1912; 1970]

133: de estelas] de stelas [1912] de estrelas [1970]

138: e nos] e os [1912; 1970]

141-2: Depois / na ara,] Depois, / na ara [1912]

143: Ídolo] ídolo [1970]

144: cuidado] cuidado, [1912]

146: bem-amado,] bem-amado [1912; 1970]

146-7: Longe sob as árvores] Longe, sob as árvores, [1912] Longe sob as árvores, [1970]

148: vira] vira, [1912]

150: sentiu, perto,] sentiu perto [1912]

150: sandálias,] sandálias, [1970]

152: caverna **alvejavam**] alvejam [Ms.] caverna alvejavam [1912] caverna, alvejavam [1970]

153: Templo,] templo, [1970]

que anseia e se retém. Toda ela sorria, com as pálpebras pesadas. E o calor do seu corpo, radiava através dos tecidos leves.

Tão viva e real era aquela presença que Onofre, a tremer,
 160 murmurou: — «Que queres?» E já se erguia, as suas mãos mergu-
 lhavam naquelas brancuras de carne e mármore — quando tudo
 subitamente desapareceu, como sorvido pela boca negra da
 caverna. Onofre então com imensa tristeza reconheceu que o
 Demónio penetrara enfim na sua solidão. Aquelas recordações dos
 165 antigos dias que julgara mandadas por Deus para que ele agora,
 vivendo nas delícias da verdade, as contemplasse com o salutar
 horror com que o homem, um momento transviado, considera as
 nódoas de vinho, na túnica que de si arrojou — eram trazidas
 pelo Demónio, que as embelezava, para que o que nele restava
 170 ainda de humano e carnal se prendesse à sua doçura. E com
 efeito ele estremecera, suspirara... A sua alma, pois, que fechara
 toda dentro de Deus, não estava ainda bem segura!

Rojado nas lajes, com os braços lançados em torno da Cruz,
 Onofre toda a longa noite implorou ao Senhor fortaleza.

158: corpo,] corpo [1912; 1970]

160: mãos [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de mãos.*]

163: Onofre] Onofre, [1970]

163: então com imensa tristeza] então, com imensa tristeza, [1912; 1970]

165: dias / Deus] dias, / Deus, [1912; 1970]

168: vinho,] vinho [1912; 1970]

170: E [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

173: Cruz,] cruz, [1970]

174: implorou ao Senhor] implorou, ao Senhor, [1970]

Como uma sentinela desconfiada à porta dum castelo, ele vigiou então severamente os pensamentos que se lhe apresentavam, vindos do seu passado, e só recebeu aqueles que traziam a marca luminosa da Graça. O mais doce, desses, era o do bom Ahmès, um escravo núbio, que seu pai comprara a um bando de Sarracenos Nómadas, e que, tendo percorrido a Arábia, e a Mauritânia, e a África até ao país dos Garamantes, lhe contava, na sua infância, maravilhosas histórias de guerras, de leões, de povos temerosos, e de tesouros escondidos em cavernas. Seu pai, desde que findara a perseguição de Diocleciano, costumava alugar dromedários aos cristãos de Alexandria e do Delta que subiam o Nilo até Afrodite em peregrinação aos Mosteiros da Baixa Tebaida. Ahmès, que conduzia, como camaleiro, essas caravanas piedosas, adorara muitos Deuses, porque servira muito amos.

2: desconfiada] desconfiada, [1912; 1970]

2: dum] de um [1970]

4: apresentavam,] apresentavam [1912; 1970]

5: O mais doce,] O mais doce [1912; 1970; *abrem parágrafo*.]

6: Ahmès,] Amès, [1970]

7: Sarracenos Nómadas,] sarracenos nómadas, [1970]

13: Afrodite / Mosteiros] Afrodite, / mosteiros [1970]

14: Ahmès,] Ahmès [1912] Amès, [1970]

15: Deuses,] deuses, [1970]

Mas desde essas primeiras jornadas à Tebaida, reconheceu, e compreendeu o Deus verdadeiro, através da bondade, e da caridade tão novas para ele, desses doces Cristãos, pacientes e piedosos, que lhe ajudavam a arrear os dromedários, lhe tiravam dos
 20 pés os espinhos ou as lascas de conchas, partilhavam com ele das suas porções de lentilha e de azeite, e, sob a tenda, diante das fogueiras, ou pelas sextas, à beira dos poços, o chamavam, lhe abriam lugar, como a um semelhante e a um irmão. As águas inestimáveis do Batismo tinham, enfim, banhado resgatadora-
 25 mente, o seu miserável corpo de escravo, mais lustroso que o ébano, e todo coberto das cicatrizes do açoite e dos ferros. O bom Ahmès, desde então, resplandecia de contentamento e paz. E fora esse pobre servo, resgatado na alma, que lhe contou desse Deus novo que nascera, humildemente num curral, errava
 30 pelos caminhos da terra com os pés nus, e cercado de pobres, ensinava a Caridade e a Bondade, e a Humildade, parava à porta dos casais a beijar as criancinhas, e quisera morrer, por amor dos escravos, numa Cruz, como um escravo. Era sempre de noite no cubículo em que ele dormia, sobre o alpendre dos dromedários, que o bom Ahmès, agachado numa esteira, com
 35 os olhos a reluzir, como estrelas, lhe desenrolava esta história maravilhosa — a daquele grande Reino celeste, além das nuvens, para onde todos aqueles que amassem Jesus e cumprissem a sua doce lei, iriam, logo depois da morte, sem demora começar uma
 40 Vida incomparável, toda feita de delícias, entre vergéis de cristal

16: Mas] Mas, [1912; 1970]

17-8: caridade / Cristãos,] caridade, / cristãos [1912] cristãos, [1970]

24-5: resgatadoramente,] / resgatadoramente [1912; 1970]

26: ébano,] ébano [1912]

27: O bom [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

27: Ahmès,] Amés [1970]

29: nascera,] nascera [1912; 1970]

33: Cruz,] cruz, [1912; 1970]

33: Era [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

34: sobre o alpendre] sob o alpendre [1912; 1970]

35: Ahmès,] Amés, [1970] [No Ms.: Ahmez,]

36: reluzir,] reluzir [1912; 1970]

37: Reino] reino [1970]

40: Vida] vida [1970]

e ouro. E ele, a estas revelações de Ahmès, sentia na sua alma um rumor, um brilho de claridades, e a frescura dum ar mais puro, como se ela fosse uma casa muito tempo fechada e abafada, onde alguém bruscamente, e uma a uma, abrisse as janelas à brisa e ao sol da manhã.

Que alvoroço, então, quando aparecia, na taberna, conduzida pelo gordo Bazílios, diácono da Igreja de Afrodite, alguma pequena companhia de Cristãos, que desembarcava, e vinha apreçar dromedários. Até esse dia sempre se afastara deles, num vago susto, uma desconfiança que lhe ficara, do tempo em que sua mãe lhe contava que os Cristãos «comiam crianças embrulhadas em farinha» — e para lhe abafar os choros e as perrices, murmurava apontando para a porta: —«Cala, filho, cala, senão vêm os Cristãos que te comem!» Mas depois! Mal eles apareciam, corria, mais reverente que nenhum servo, para os aliviar das trouxas e das bagagens, e acarretava alegremente a água para as abluções, e estendia tapetes sob os pés dos mais velhos, atento aos seus menores movimentos como a atos consideráveis de santidade. Quando seu pai, tomando as lâminas de chumbo, e o estilete, começava a somar as despesas, ele corava, tremendo da sua cupidez. À Porta das Areias, esperava, longas horas, entre os Publicanos, o regresso das caravanas. E se ao chegarem, algum dos peregrinos cristãos, poeirento, e tismado

41: E ele, [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

41: Ahmès,] Amés, [1970]

42: dum] de um [1970]

44: alguém] alguém, [1912; 1970]

46-7: aparecia, / Bazílios,] aparecia / Bazílio, [1912; 1970]

48: Igreja / Cristãos,] igreja / cristãos, [1970]

49: apreçar dromedários.] apreçar dromedários! [1912] apreçar os dromedários. [1970]

50: ficara,] ficara [1912; 1970]

51: Cristãos] cristãos [1970]

50-3: ficara, / farinha» — / porta: —] ficara / farinha» / porta: [1912; 1970]

54: Mas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

60: ele [Adota-se a lição da tradição]

61: esperava,] esperava [1912; 1970]

62: Publicanos,] publicanos, [1970]

63: poeirento,] poeirento [1912; 1970]

65 dos sóis, o reconhecia, lhe acenava logo, sorrindo do alto do seu dromedário, — o seu coração batia de alegria e de orgulho.

Depois, nessas noites, no seu cubículo, não se fartava de escutar o bom Ahmès, contando as marchas e os repousos, e os Mosteiros florindo no Deserto, e as novas façanhas dos grandes Solitários — Múcio, para que os seus discípulos se abrigassem, fazendo reverdecer uma acácia seca, ou Pacómio, para 70 atravessar o Nilo acenando a um crocodilo e montando sobre o seu dorso! O desejo de acompanhar também as caravanas, e testemunhar tão doces maravilhas, foi então na sua alma, mais imperioso e ardente que uma longa sede num areal deserto. 75 Mas essa sede, de que sofria, com quanta pressa e misericórdia lhe contentaria o Senhor.

Dous monges da Síria, Germano e Cassiano, tinham então, depois duma longa peregrinação pela Níttria, e Deserto Líbico, 80 chegado a Afroditépolis para tomarem dromedários, e visitar os Mosteiros da Baixa Tebaida, até Colzim e o Mar Vermelho. E seu pai que desejava então contratar com os Abades desses mosteiros, o fornecimento de trigo e óleos e lãs, determinou, de repente, que ele partisse nessa caravana dos dous monges Sírios, levando cartas de Arquébio, Bispo de Pafenísia. Que surpresa, que 85 alvoroço! João Cassiano e o seu companheiro eram do país dos Citas,

67: Ahmès,] Amés, [1970]

68: Mosteiros florindo no Deserto,] mosteiros florindo no deserto, [1970]

70: abrigassem, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

71: Nilo] Nilo, [1912; 1970]

73: alma,] alma [1912]

76: Senhor.] Senhor?! [1912]

77: Dous] Dois [1970]

78: duma] de uma [1970]

78: Níttria,] Níttria [1912]

80: Mosteiros] mosteiros [1970]

80: Mar Vermelho.] mar Vermelho. [1970]

81: Abades] abades [1970]

82: mosteiros,] mosteiros [1912; 1970]

82: de trigo e óleos e lãs,] de trigo, e óleos, e lãs, [1912; 1970] [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

83: dos dous] dos dois [1970]

84: Sírios, / Bispo] sírios, / bispo [1970]

mas polidos por uma longa residência na Ásia-Menor, e ambos
homens de grande saber e doçura. E quando naquela primeira noite
em que acamparam junto às grandes serras donde se tira o mármore
vermelho, ele, tremendo, suplicou a João Cassiano que tomasse a
90 sua alma para a conduzir à Verdade, foi como se pela primeira
vez soubesse o que era a ternura dum pai. Ó incomparável jornada,
em que cada passo, mais gostoso que o dum triunfo, o avizinha-
do Céu! Então conheceu inteira e mais verdadeira, do que
lha soubera ensinar o bom Ahmès na sua simplicidade, a Lei de
95 Jesus: — e a Fé penetrou no seu coração com a certeza e o fulgor
duma espada. O céu não era mais luminoso do que a sua esperança,
naquela madrugada em que avistaram o Mosteiro de Cétis — e
as três palmeiras que estão à entrada, tendo cada uma pendente dos
ramos baixos disciplinas de corda, de couro e de ferro, porque a
100 sua Regra é austera. A buzina do Velador, que observa as estre-
las, na torre da Igreja, acorda de noite, de hora em hora, os
monges para que eles rezem, de pé, nas suas cabanas, estreitas como
esquifes, sem porta, apenas guarnecidas duma grade baixa contra
os escorpiões. De dia cada um permanece isolado na sua cabana,
105 encruzado sobre um montão de folhas de papiro que lhes serve
de leito, a rezar sem repouso, a trabalhar sem repouso — tecendo
esteiras, copiando Evangelhos, cosendo odres, polindo ágatas.

86: na Ásia-Menor] na Ásia Menor [1912; 1970]

91: dum] de um [1970]

92: dum] de um [1970]

93: Então [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

93: inteira] inteira, [1912; 1970]

94: Ahmès] Amés [1970]

95: a Fé] a fé [1970]

95-6: coração / duma] coração, / de uma [1970]

97: Mosteiro] mosteiro [1970]

99: uma / baixos] uma, / baixos, [1912; 1970]

100: Regra] regra [1970]

100: Velador,] velador, [1970]

101: estrelas,] estrelas [1912; 1970]

101: Igreja,] igreja, [1970]

103: duma] de uma [1970]

105: papiro] papiro, [1912; 1970]

107: Evangelhos,] evangelhos, [1970]

- 110 Ao declinar do sol o Despenseiro vem colocar silenciosamente a cada porta, um pão duro. Então, no ar mais fresco, passa o lento, longo suspiro daqueles penitentes que enfim descansam. No curto crepúsculo, com os braços ociosos, eles contemplam, da abertura avara das celas, os altos montes que cercam o Mosteiro, e o Céu que é o cuidado das suas almas. À noite, os chacais uivam nas quebradas. Na escuridão de cada cela há gemidos, e o silvar dos azorragues.
- 115 Depois tudo emudece: — e dous monges dos mais velhos, sumidos nos seus capuzes, rondam através do Mosteiro adormecido, com lâmpadas e grandes cruzeiras, para afugentar os Demónios, que sob formas horrendas ou formosas, àquela hora invadem o ermo. Oh! a regra é dura — mas como ela dá contentamento e paz infinita
- 120 a todas aquelas almas, por sentirem tão certo e vizinho o Paraíso! Por isso, ele, depois de receber o Batismo, em dia de Páscoa, e ter comido o bolo de mel, e revestido a túnica de inocência, suplicara, com lágrimas, ao velho Abade Serapião, que lhe concedesse uma cela para viver entre os seus monges, no trabalho perpétuo, na
- 125 perpétua oração... Mas o bom Abade não consentira — porque a sua Fé era recente, o que um sopro levanta um sopro o abate, e só almas experimentadas em maior aspereza e solidão podiam recolher, nas doçuras espirituais daquele Mosteiro ilustre, o preço da sua fortaleza.
- 130 Então, por conselho de Serapião, ele penetrara mais longe, no Deserto, para além da Planura dos Carros, nas agrestes seranias que se alongam até Colzim. E aí fora servir um velhíssimo

108: sol o Despenseiro] sol, o Dispenseiro [1912] sol o despenseiro [1970]

108-9: silenciosamente a cada porta,] silenciosamente a cada porta [1912] silenciosamente, a cada porta, [1970]

110: penitentes] penitentes, [1912]

112: Mosteiro,] mosteiro, [1970]

115: e dous] e dois [1970]

116: Mosteiro] mosteiro [1970]

118: formosas,] formosas [1912]

121: Por isso,] Por isso [1912; 1970; *abrem parágrafo*.]

123: com lágrimas,] em lágrimas, [1912; 1970]

123: Abade] abade [1970]

125-6: Abade / Fé] abade / fé [1970]

128: Mosteiro] mosteiro [1970]

131: Deserto,] deserto, [1970]

Solitário, a quem o derradeiro discípulo fugira, com um bando
 de Sarracenos, para remergulhar no Pecado. Nilo era o nome
 135 desse Solitário espantoso, que tinha cento e vinte e três anos, e
 já não podia caminhar, senão de rastos, com as mãos sobre as
 pedras. Tão longa e alta fora a sua penitência, naquela solidão,
 durante um século, que não temia Deus, nem orava, — e como
 um obreiro que findou a obra, apenas se contentava em olhar o
 140 céu, silenciosamente, à espera do seu salário. Durante três anos
 que servira aquele Santo terrível, nunca dele recebera um sorriso,
 uma consolação, um amparo — porque de tanto viver na solidão
 arenosa e pedregosa, aquela alma ganhara a secura das areias e a
 rigidez das serranias. Mas se ele, entre duas longas orações, estendia
 145 mais o seu repouso, ou se retardava à beira do poço salobre que
 lhes dava a água — logo, os olhos do Solitário, aqueles seus
 olhos pequeninos e rebrilhantes, entre densas pestanas brancas,
 o trespassavam numa repreensão muda e dura. Ah! ele nunca
 decerto compreendera aquela virtude medonha!... A fama da sua
 150 velhice, da sua santidade invadira todo o Egito. Dos montes
 e das cidades, acudiam monges, acudiam mesmo pagãos, para o
 visitar, uns na admiração de tão espantosa penitência, outros na
 esperança de serem por eles curados de feridas e males. O terrível
 velho porém nem sequer consentia que eles se aproximassem
 155 da sua caverna: — e um dia mesmo tentou arremessar contra um
 mais ousado que lhe queria tocar o corpo ou a túnica de pele,
 uma pedra que o seu braço já não pôde erguer. Era de longe
 que os peregrinos o contemplavam — enquanto, sentado no chão,
 com os olhos baixos, ou perdidos no céu, e tão alheio àqueles

134: Sarracenos,] sarracenos, [1970]

136: caminhar, senão de rastos,] caminhar senão de rastos [1912; 1970]

137: Tão [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

138: e] e, [1912; 1970]

141: Santo] santo [1970]

146: que lhes] que lhe [1912; 1970]

146-7: logo, / rebrilhantes,] logo / rebrilhantes [1912; 1970]

150: santidade] santidade, [1912; 1970]

154: velho porém] velho, porém, [1912]

156: ousado] ousado, [1912; 1970]

159: baixos,] baixos [1912]

160 homens como se fossem as pedras do seu Deserto, bocejava
 com lentidão, ou metia a mão por entre **a túnica** para coçar
 sobre o peito, e sobre os rins, as feridas incuráveis que lhe dei-
 xara o cilício. Enfim uma madrugada, indo ele junto do monte
 de folhas secas que lhe servia de leito para o ajudar a erguer,
 165 encontrou o Solitário morto! Morto, como adormecido, na pos-
 tura duma criancinha, com a mão sob a face, os joelhos junto
 do peito, tão pequenino, que as ervas secas do leito eram mais
 longas: — e **a** sua face, tornada cor-de-rosa, sorria com sere-
 nidade. Por suas mãos o enterrara na areia, junto da grande
 170 cisterna: — e quando a cova ficou bem coberta, com pedras por
 cima por causa das feras, ele sentiu penetrar na sua alma o
 heroísmo penitente do velho Solitário. Era como se tivesse herdado
 aquela alma formidável, que se reunia à sua e lhe comunicava a
 sua fortaleza invencível. Transportado numa imensa esperança,
 175 apeteceu ansiosamente, também, uns cem anos de Deserto, e
 de oração, e de mortificação, e o seu nome espalhado por todo
 o Egito cristão, e uma morte igual, com a mão sob a face, sor-
 rindo, e tão pequenino que coubesse nos braços dum anjo!
 Recolheu então a túnica de pele que usava Nilo, e o seu rolo
 180 da Escritura, e o seu bordão, e a sua cabaça, e avançara pelo
 Deserto, para o lado de oriente e do mar. O seu sustento
 todo fora um pão trazido da caverna do Velho: para evitar que um
 bando de Nómadas o levasse como escravo, estivera uma noite
 inteira agachado, enterrado nos lodos fétidos duma lagoa: lutara,

160: Deserto,] deserto, [1970]

161: **a túnica** [*Acrescentado no Ms. por mão albeia; adota-se a lição da tradição.*]

166: duma] de uma [1970]

168: e **a**] e na [*Ms.; mão albeia riscou na e entrelinhou a, lição que a tradição adotou.*]

169: Por [*1912 abre parágrafo.*]

170-1: coberta, com pedras por cima,] coberta com pedras [1912; 1970]

175: Deserto,] deserto, [1970]

178: dum] de um [1970]

179: Recolheu] Recolhera [1970]

181: pelo Deserto,] pelo deserto, [1970]

181: lado de oriente e do mar.] lado de Oriente e do Mar. [1912] lado do oriente [1970]

182-3: Velho: / Nómadas] velho: / nómadas [1970]

184: duma] de uma [1970]

185 às pedradas contra **as** hienas; uma planície de sais, grossos e
cortantes, retalhara-lhe os pés; marchando sob **o sol**, chorava
de sede, contente de chorar porque bebia as lágrimas... E sob
estas angústias e terrores da carne, a sua alma resplandecia, certa
de **que** cada sofrimento era um degrau subido na longa
190 escadaria do Céu. Por fim, uma madrugada avistara aquelas
palmeiras ramalhando no vento, e a mimosa em flor, e no alto,
aberta, como se o esperasse, a Caverna.

Com que felicidade a visitara, e toda a serra de rocha em
rocha, e a fonte clara e fria, que cantava no vale, e os arbus-
195 tos, que a ensombravam! Oh maravilhosa granja, em que era
escravo, para viver sozinho com o seu Senhor. Todo esse
dia cantara, cânticos de Graça. E desde que ali habitava — já
três vezes a mimosa se cobrira de flores!

Assim rememorava Onofre agora, cada dia, o seu passado pie-
200 doso. E sempre emergia desta meditação, com um contentamento
maior, mais vivo, pela sublime obra que empreendera. Ela era
magnífica e rara entre os homens. Os monges de Thebane, de
Cétis, da Níttria, do lago Maria, viviam nas doçuras da comuni-
dade, viam girar, no alto das colinas, os moinhos, que lhe moíam
205 a farinha, e se as febres os assaltavam, o irmão Sabedor das

185: **as** hienas; [No Ms.: às hienas; *adota-se a lição da tradição.*]

186: **o sol**, [*Acréscitado por mão alheia no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

189: de **que** [*Acréscitado no Ms. por mão alheia: que; adota-se a lição da tradição.*]

190: Céu.] céu. [1912]

190: madrugada] madrugada, [1912; 1970]

191: no vento,] ao vento, [1912; 1970]

192: Caverna.] caverna. [1970]

194: fria,] fria [1912]

195: arbustos,] arbustos [1912; 1970]

196: Senhor.] Senhor! [1912]

197: cantara,] cantara [1912; 1970]

200: meditação,] meditação [1912; 1970]

201: Ela [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

202: Thebane,] Tebane, [1970]

204: viam / moinhos,] e viam / moinhos [1912; 1970]

205: e] e, [1970]

Artes Médicas corria com o seu frasco de óleo e molho de plantas salutares. Os Solitários não se afastavam das cercanias do Mosteiro, ou do Nilo, que é a **rica**, populosa estrada do Egito. Antão mesmo! O velho túmulo em que se enterrara vinte anos, estava a dous dias de Afrodite, no caminho das Caravanas. Mas ele! mais solitário que todos os Solitários, habitava os confins do mundo. A ocidente eram léguas sem fim de areias e rochas; a oriente, o mar estéril: e só ele, naquelas solidões pavorosas, lançando o seu cântico perene para o Céu. Por isso também, o olhar de Deus, o distinguiria mais claramente, assim destacado e único naquela imensa extensão de terra. E depois com que facilidade ele abandonara o mundo e os homens, e todas as alegrias da humanidade! É um pobre escravo, simples, inculto, que um dia, lhe conta desse Deus novo que nascera em Galileia — e eis que ele sacode de si como uma velha sandália, crenças, e afeições, e as riquezas de seu pai, e as promessas surpreendidas nos olhares das mulheres, e logo se dá inteiramente e para sempre, e parte, e penetra nas solidões, para servir, e amar em silêncio esse Deus, ainda mal conhecido e indistinto, como uma estrela entre nuvens! Onde houvera aí Fé mais pronta, e mais confiada? Por isso

205-6: Sabedor das Artes Médicas] sabedor das Artes Médicas [1912] sabedor das artes médicas [1970]

206: e molho] e o molho [1912; 1970]

208: Mosteiro,] mosteiro, [1970]

210: a dous] a dois [1912; 1970]

210: Caravanas.] caravanas. [1970]

211: ele!] ele, [1970]

212: A ocidente] A Ocidente [1912]

213: a oriente,] a Oriente [1912]

214-5: também, / Deus,] também / Deus [1912; 1970]

216: E [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

217: mundo] mundo, [1912; 1970]

218: É um pobre] Um pobre [1912; 1970]

218-9: que um dia, lhe conta] conta-lhe um dia [1912; 1970]

220: de si] de si, [1912; 1970]

223: servir] servir, [1912]

225: Fé] fé [1970]

225: pronta,] pronta [1912; 1970]

225: Por [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

também Deus reconhecido lhe dera aquela serenidade — em que ele vivia, já havia três anos, sem saudades que o pungissem, nem terrores que o arrepiassem, seguro naquelas bravias serras, como um Rei no seu Palácio. Oh, sem dúvida, o olhar de
 230 Deus estava sobre ele, e todo o envolvia no seu sublime esplendor, que o Demónio e o seu sopro mundanal, não podiam transpor, nem sequer roçar aquela Graça que o defendia.

Ora uma noite que ele assim pensava, sentiu como o deslumbramento duma claridade — e erguendo os olhos, viu entre
 235 a treva rasgada, como um pano, uma vaga nuvem refulgente, donde Jesus, debruçado, com a sua cruz entre os braços, espreitava para baixo para a terra do Egito. E, oh dor! não era para ele, único e tão visível, naquela grande solidão, que se voltava e sorria a face do Crucificado — mas para além, para o lado das cidades,
 240 para uma multidão que se agitava, miúda e escura e ínfima como um formigueiro, entre searas e muros! Atirou os braços ao céu, gritou desesperadamente: — «Oh meu Senhor estou aqui, teu servo, no teu Deserto.» Mas entre as sombrias cortinas que se cerravam, a face do Senhor desapareceu, desatenta, como
 245 se para ele não houvesse nem servo, nem deserto! — E tudo recaiu em mudez e treva.

226: Deus reconhecido] Deus, reconhecido, [1912]

226: serenidade —] serenidade [1912; 1970]

229: Rei no seu Palácio.] rei no seu palácio. [1970]

229: Oh,] Oh! [1912; 1970; *abrem parágrafo.*]

230-1: no seu sublime esplendor, que o Demónio] no seu esplendor sublime; e o Demónio [1912]

231: mundanal,] mundanal [1912; 1970]

234: duma] de uma [1970]

234-5: viu / rasgada,] viu, / rasgada [1912; 1970]

237: baixo] baixo, [1912; 1970]

237: E, [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

240: miúda e escura e ínfima] miúda, e escura, e ínfima, [1912; 1970]

241: Atirou [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

242: — «Oh] — Oh [1912; 1970; *abrem parágrafo.*]

243: Deserto.]] Deserto! [1912] deserto! [1970]

243: Mas [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

244: Senhor [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Senhor.*]

245: deserto! —] deserto! [1912]

Então, com os cabelos erriçados de horror, Onofre compreendeu que aqueles pensamentos em que se comprazia, como se fossem flores da sua Piedade, eram subtis rebentões do seu Orgulho. Numa lacrimosa oração prometeu ao Senhor repelir da sua alma todos os pensamentos do passado, pois que todos eles, mesmo os da sua doce ascensão para as Verdades, traziam consigo a mácula do mundo como raízes que, ou sejam de planta salutar ou de flor venenosa, vêm sujas do lodo negro em que mergulhavam. E para maior humildade selou a sua promessa com o sangue que as disciplinas, toda a noite lhe arrancaram do corpo.

Então, para que esses pensamentos da sua vida entre os homens não lhe turbassem a alma, Onofre, na curta hora de repouso, ao escurecer, forçava os olhos a contemplar, uma a uma, as aparências do seu Deserto. Imóvel, à beira do seu eirado, considerava, longamente, as formas e as semelhanças das rochas — umas escarpadas, lisas, como muros de cidadelas, outras agudas, avançando na sombra crepuscular como proas de galeras encalhadas, outras redondas, em montão, dum alvor fúnebre como os crânios que restassem duma antiga, esquecida matança. Meditava as serras que se estendem para o Sul, a sua aspereza e nudez, os antros que decerto as escavavam, e os fundos barrancos, mudos, abafados em treva. Mais longe seguia a infundável lividez do areal, ondeando à maneira dum sudário onde o vento

247: erriçados] eriçados [1970]

250: oração] oração, [1912; 1970]

252: traziam [*Elimina-se a vírgula.*]

253: mundo] mundo, [1912; 1970]

253: que, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

255: mergulhavam.] mergulharam. [1912; 1970]

255: E [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

255: humildade] humildade, [1912; 1970]

256: disciplinas,] disciplinas [1912; 1970]

258: Então [1912, abre aqui o capítulo IV.]

261: Deserto.] deserto. [1970]

261-2: seu eirado, considerava, longamente,] eirado, considerava longamente [1912]
eirado considerava longamente [1970]

266: duma] de uma [1970]

267: Sul,] sul, [1970]

fez pregas, até às orlas dum mar bravio, que não se avistava...
 E para além das areias, e das rochas, e dos montes havia ainda
 outros montes, e penedias, e dunas, e pântanos, e solidões que
 o separavam dos homens. Então lentamente, foi nele nascendo o
 275 espanto, depois o terror da sua Solidão. Arrepiado, ele recor-
 dava as histórias outrora ouvidas no *Galo* a Ahmès, a velhos
 camaleiros das caravanas entre Berenice e a Líbia, sobre as gen-
 tes medonhas, as feras que povoam aquela região, a mais bravia
 de toda a terra. Pelas bordas do mar, erram as horrendas tribos
 280 Troglodíticas, que não têm Deuses, nem leis, se nutrem de peixe
 cru e das cobras dos rochedos, bebem sangue, possuem em
 comum as fêmeas felpudas e saem de rastos dos seus covis de
 lama, para uivar à lua. Ali, naqueles descampados, vive a mais
 pavorosa das feras, o touro-sarcófago, que come a carne humana,
 285 é cor de fogo, expele um bafo que resseca as plantas, e alterna-
 damente deixa pender os cornos, como membranas moles, ou
 os enrista para o ataque, tão agudos, e longos e duros, como
 dardos de ferro! Mas terríveis entre todas as feras, eram essas
 serpentes do Deserto Árábico, tão compridas e grossas, que em
 290 repouso e quando fartas, fazem na planície como uma colina de
 roscas e escamas, onde luzem no cimo, e se avistam de longe, as
 duas brasas dos seus olhos... E era no meio de serranias, povoadas
 por estes monstros que ele vivia, desamparado.

270-1: dum / dum] de um / de um [1970]

273: montes / solidões] montes, / solidões, [1912; 1970]

274: Então] Então, [1912; *abre parágrafo*.] Então, [1970]

275: Solidão.] solidão. [1912; 1970]

276: *Galo*] Galo [1970]

276: Ahmès, [*No Ms.*: Ahmez] Amés, [1970]

278: medonhas,] medonhas [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição*.]

279: terra.] Terra. [1970]

280: Troglodíticas, / Deuses,] troglodíticas, / deuses, [1970]

282: felpudas] felpudas, [1912; 1970]

283: lua.] Lua. [1970]

285-6: e alternadamente / cornos,] e, alternadamente, / cornos [1912; 1970]

287: longos e duros,] longos, e duros [1912] longos e duros [1970]

288: Mas] Mas, [1912; 1970]

289: grossas,] grossas [1970]

290: repouso] repouso, [1912; 1970]

293: monstros] monstros, [1912; 1970]

Então desvairado pelo medo, começou a fortificar, como
 295 na véspera dum assalto, o largo eirado onde se abria a sua
 caverna. Em longos dias de suado trabalho, conseguiu rolar
 um penedo, para defronte dos rudes degraus, que desciam
 para o vale e para o horto. E apenas reconheceu a inani-
 300 dade da sua obra. Selvagens e feras podiam descer sobre ele
 dos cumes do monte, que do lado do Sul se ligava, por um
 dorso fácil, a outras serras, aos areais. Recomeçou: arquejando
 e gemendo acarretou grossas pedras para a boca da sua cova,
 onde todas **as noites** erguia laboriosamente um muro, que
 cada madrugada desfazia. Mas assim emurado, ainda não
 305 sossegava. Constantemente, silvos, mugidos, o rojar de pedras
 sob patas moles, sacudiam, sobressaltavam o seu dormir ansiado.
 Certo bater de asas, sobretudo, semelhante a grossos tapetes que
 se sacodem, tornava agora, a cada instante sonoro, aquele ar
 tão mudo e limpo do seu deserto: — e ele não duvidava que
 310 fossem essas horrendas aves, de face humana, que assaltam os
 viajantes solitários, os embrulham nas asas felpudas, lhes chupam
 o sangue. Quantas vezes ele ouvira contar a Ahmès como dous
 soldados da Coorte estacionada em Fulacon, para escoltar as
 caravanas da Líbia, tinham sido devorados, por estes Vampiros!
 315 Uma noite sentiu desabar, com estrondo, o muro que fechava
 a sua caverna. Até que a madrugada clareasse não cessou de

294: Então] Então, [1912; 1970]

295: dum] de um [1970]

297: penedo,] penedo [1912; 1970]

298: apenas [*Elimina-se a vírgula.*]

299: obra.] obra! [1912]

300: Sul] sul [1912; 1970]

302: gemendo] gemendo, [1912; 1970]

303: **as noites** [*Acrescentado no Ms. por mão albeia.*]

303-4: muro, que cada madrugada] muro que, cada madrugada, [1970]

304: Mas assim emurado,] Mas, assim imurado, [1912]

308: instante sonoro,] instante sonoro [1912] instante, sonoro [1970]

312: a Ahmès como dous] a Amés como dois [1970]

313: Coorte] coorte [1970]

314: devorados, por estes Vampiros!] devorados por estes vampiros! [1912; 1970]

316: clareasse] clareasse, [1912; 1970]

320 tremer, agachado num recanto, com os cabelos eriçados, e o
 rolo do Evangelho aberto diante do peito, como um escudo. Que
 valiam, com efeito, pedras, mal postas sobre pedras? Só do Senhor
 devia esperar a defesa **que** nenhuma força derruba. E não
 tornou a erguer aquela vã e frágil parede. Diante da caverna, plan-
 tou a Cruz de madeira. Mas o deserto parecia agora cheio de
 rumores e de formas. Cada hora de escuridão se tornou
 um imenso pavor.

325 Com que inquietação ele via descer, ao longe, sobre os deser-
 tos da Líbia, o sol que era a sua proteção. Não se sente mais
 desamparada uma criancinha que a mãe abandona **numa** estrada
 escura. Apenas a sombra se estabelecia nas quebradas e toda a
 cor se apagava sobre as rochas, começava em torno do Solitário,
 330 o mover e rumorejar duma vida tenebrosa e disforme.
 Bafos mornos e fétidos passavam logo sobre a sua face: tropéis de
 patas, o duro entrecocar de cornos, roncões ásperos, estalidos
 de galhos que se partem, não cessavam na treva densa: longe, no
 areal, corriam, volteavam, clarões de facho, guedelhas sacudidas
 335 no ar, e panos lívidos como sudários; — e até lhe parecia que
 os montes se mexiam, como dorsos cansados que se estiram.
 Debruçado da sua esplanada, ele distinguia então o lento ondular
 dalguma serpente, cujas escamas raspavam as rochas: mais grossa
 que um tronco de cedro, ela avançava, silvando, colava a cabeça

317: eriçados,] eriçados, [1912; 1970]

319: pedras,] pedras [1970]

320: defesa **que** nenhuma [No Ms., que foi acrescentado por mão alheia.]

320: E [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

322: Cruz] cruz [1912; 1970]

322-3: de rumores] de rumo [Ms.] [Adota-se a lição da tradição.]

323: Cada [1970 abre parágrafo.]

323: escuridão [Elimina-se a vírgula.]

326: o sol / proteção.] o sol, / proteção! [1912] o Sol / proteção. [1970]

327: **numa** estrada [Eça riscou uma que se retoma, de acordo com a tradição.]

328-9: quebradas e toda a cor] quebradas, e toda a cor [1912; 1970. Adota-se a lição da tradição e elimina-se uma vírgula depois de cor.]

329: começava] começava, [1912]

330: Solitário, / duma] Solitário / de uma [1970]

337: então [Elimina-se a vírgula.]

338: dalguma] de alguma [1970]

340 à alta escarpa do seu monte, e lentamente, viscosamente subia, crescia tão perto que as duas brasas dos seus olhos lançavam sulcos escarlates no rochedo. Com um grito Onofre recuava, para se esconder na sua caverna — e surpreendia então, alguma anca negra, uma cauda felpuda, desaparecendo pela abertura baixa.

345 Cercado de monstros, caía no chão, a arquejar, esperando a morte, numa derradeira oração ao Senhor; — e quando erguia a face, tudo reentrara em imobilidade e mudez, e uma estrela luzia no céu, com serenidade. Mas o seu repouso não durava; outras visões surdiam logo da sombra inesgotável.

350 À beira da escarpada rocha onde se abria a caverna, no alto, começou, durante longas noites, um silencioso e confuso mover de larvas que se recortavam, nas suas formas diferentes, com uma cor lívida, sobre a negrura do céu. Eram gordas massas rastejantes, esguias figuras semelhantes a obeliscos, pescoços que se torciam

355 no ar como fitas ao vento tendo na extremidade, uma cabeça guedelhuda... Em baixo, no meio do eirado, Onofre tremia, esperando a cada instante que elas se precipitassem, se abatessem sobre o seu corpo misérrimo. Mas nenhuma se descolava da borda da rocha, no seu perpassar incessante e mudo: apenas por vezes

360 um longo braço mole escorregava, pendia, raspando a pedra com garras ásperas; ou uma longa asa se espreguiçava por sobre a cabeça do Solitário muito no alto; ou uma face horrenda se debruçava, a espreitar com a língua pendente e cor de fogo. Se ele se refugiava na caverna, sentia por cima, como se a densa

365 massa de rocha fosse apenas um soalho ténue, o pesado tropel de patas moles — e pelas rachas da abóbada de repente caía

340 lentamente, [*Adota-se a lição da tradição.*]

340-1: lentamente, viscosamente / perto] lentamente, viscosamente, / perto, [1912; 1970]

342: grito] grito, [1912; 1970]

343: então,] então [1912; 1970]

346: Senhor,] Senhor: [1912; 1970]

355: vento] vento, [1912; 1970]

361: asa [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de asa.*]

362: Solitário] Solitário, [1912; 1970]

363: debruçava, a espreitar] debruçava a espreitar, [1912; 1970]

364-5: cima, / ténue, [*As vírgulas não existem no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

366: da abóboda de repente] da abóboda, de repente, [1912; 1970]

uma ponta de rabo que se torcia, ou descia um dedo com uma longa unha de ferro. Todo o monte parecia ferver de vidas monstruosas. Debaixo dos seus pés nus a pedra tinha o calor, a
 370 moleza viscosa dum ventre. A própria abertura da sua cova, ora se alargava ora se cerrava como uma boca que espera a presa.

De madrugada, o seu cansaço era tão grande, que mal podia segurar a enxada para cavar o seu horto: — e muitas vezes adormecia exausto, sobre as folhas abertas do Evangelho. Para
 375 espantar os monstros imaginou acumular galhos e ervas secas, na sua esplanada, e acender de noite uma fogueira. Imediatamente nas contorções da chama apareceu um medonho Basilisco, serpente cor de brasa, que tem dous cornos — e o fumo formava longos fantasmas cinzentos que se enrodilhavam no
 380 pescoço do Solitário, e o esganavam.

Certo então da sua destruição próxima, pois que toda a Natureza arrojava contra ele os seus monstros, desde os mais pesados aos mais subtis, Onofre aceitou com submissão o destino que lhe marcava o Senhor: — e, uma noite, ajoelhou diante da caverna,
 385 cruzou firmemente os braços, e não se moveu, esperando, quasi apeteendo, o remate dos longos tormentos. Imediatamente, uma avantesma monstruosa, e estranha, apareceu, e sem um rumor, sem que um dos vastos membros se movesse, ficou diante, com a rigidez, e a inércia pesada dum monte. Todo o seu vasto corpo

369: nus] nus, [1912; 1970]

370: dum] de um [1970]

371: alargava ora se cerrava] alargava, ora se cerrava, [1912; 1970]

373: enxada [*No Ms.*: enchada]

373: e muitas vezes] e muitas vezes, [1912] e, muitas vezes, [1970]

374: exausto,] exausto [1912; 1970]

375: monstros] monstros, [1912; 1970]

376: Imediatamente] Imediatamente, [1912; 1970; *abrem parágrafo.*]

377: chama] chama, [1912; 1970]

377: Basilisco,] basilisco, [1970]

378: tem dous] tem dois [1970]

379: fantasmas [*No Ms.*: phantas; *adota-se a lição da tradição.*]

379: cinzentos] cinzentos, [1912; 1970]

385: esperando, quasi] esperando, quase [1970]

387: monstruosa, e estranha, apareceu, e] monstruosa e estranha apareceu, e, [1912; 1970]

388-9: ficou diante, com a rigidez,] ficou diante dele na rigidez [1912; 1970]

390 se perdia na sombra, para além da esplanada — e Onofre ape-
nas lhe avistava o gordo, enorme focinho, alongado em tromba, e
dous olhinhos, meio cerrados, perdidos na gordura, duma imensa,
intolerável estupidez e tristeza. Era essa certamente a alimária
suprema que o vinha devorar — e tapou a face, com as mãos
395 trémulas e frias, murmurando a oração derradeira. Quando de
novo olhou — o Monstro lá permanecia, imóvel e mudo. Um pelo
ralo, e nojento, **cobria** todo o imenso focinho, onde reluzia, como
supurado da sua gordura, um óleo grosso, e em bolhas. A abertura
das ventas desaparecia sob o monco que nelas coalhara. E os seus
400 dous olhos pequeninos, baços, não se desviavam de Onofre, tão
medonhamente estúpidos, e duma tristeza tão crassa e densa, que
ele fugiu, para os não suportar, rolou para o fundo da caverna,
soluçando de desespero. Longas, intermináveis horas passaram: vol-
tou, de rastos, a espreitar; a avantesma lá jazia, imóvel, luzidia de
405 gordura, mais estúpida e triste. Furioso, o Solitário, agarrou uma
pedra, que lhe arremessou contra a tromba. A pedra não deu
som: — o Monstro, impassível, olhava estupidamente, tristemente
o Solitário. Gritou, com um grande gesto de excomunhão o nome
de Jesus Cristo: — e apenas o som da Invocação santa morreu no
410 ar mudo, a avantesma lá estava, maciça, crassa, gordurosa, soturna,

391: gordo, enorme] gordo e enorme [1912; 1970]

391-2: e dous] e dois [1970]

392: duma] de uma [1970]

394: devorar —] devorar: — [1912]

395: Quando [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

396: olhou — o Monstro] olhou, o monstro [1912; 1970]

397: **cobria** [Eça riscou a palavra, que foi acrescentada na entrelinha por mão albeia e aqui se retoma para manter o sentido da frase, em harmonia com a tradição.]

398: A abertura [1970 abre parágrafo.]

401: duma] de uma [1970]

401: que ele [Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula, depois de ele.]

404: a avantesma] a aventesma [1912]

405: Solitário,] Solitário [1912; 1970]

407: Monstro,] monstro, [1912; 1970]

408: Gritou, [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

408 excomunhão] excomunhão, [1912; 1970]

409: da Invocação santa] da invocação santa [1912; 1970; adota-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de santa.]

410: avantesma] aventesma [1912]

olhando o Solitário com a sua tristeza estúpida. E assim foi durante intermináveis, angustiosas noites. Ou Onofre orasse, ou corresse aflito pela esplanada, ou se encolhesse a um canto da caverna com a face nas mãos, — o Monstro lá estava, na sua pavorosa imobilidade, tão lúgubre, tão estúpido, tão gorduroso, que
 415 parecia comunicar às rochas em redor, aos montes, aos céus, às nuvens a sua gordura, a sua estupidez, a sua imensa tristeza. Onofre passava as noites, chorando, gritando, de fastio e de horror.

Um momento chegou, mais desesperado, em que Onofre
 420 decidiu abandonar aquele deserto. Tomou o seu rolo da Escritura, a cruz que fora de S. Nilo, e um dia, antes do declinar do sol, começou a caminhar para ocidente, para as serras do Mosteiro de Cétis. Estava à orla da grande planície arenosa, quando a escuridão o colheu. Para comer o punhado de tâmaras que
 425 trouxera, e beber da sua cabaça, descansou numa rocha — e imediatamente viu diante, a alimária disforme, que, sentada sem que as patas se distinguissem do corpo, fazia como um monte sobre a areia, com a vasta tromba pendente, e cravados nele os olhos, de estúpida e horrenda tristeza. O desgraçado
 430 Onofre fugiu, para trás, para o seu rochedo, onde ao menos a sua caverna o escondia. E quando de novo, alta noite, alagado em suor, arquejando pisou as lajes costumadas, — o Monstro lá estava, com a sua tromba, a sua tristeza, a sua estupidez.

414: Monstro] monstro [1912; 1970]

416: nuvens] nuvens, [1912; 1970]

417: Onofre [1970 abre parágrafo.]

418: as noites,] as noites [1912; 1970]

421: sol,] Sol, [1970]

422: para ocidente,] para Ocidente, [1912]

422-3: Mosteiro de Cétis.] mosteiro de Cétis. [1970]

423: Estava [1912 abre parágrafo.]

424: Para [1970 abre parágrafo.]

426: diante,] diante [1912; 1970]

426: sentada] sentada, [1912; 1970]

429: olhos,] olhos [1970]

430: fugiu,] fugiu [1912; 1970]

432: as lajes] lajes [1970]

432-3: arquejando / Monstro] arquejando, / monstro [1912; 1970]

Então o Solitário sentiu o intolerável horror à vida — e os seus
 435 olhos devoravam ansiosamente a borda daquele alto rochedo,
 donde podia cair para sempre, na paz, e na insensibilidade. Não
 se matara Saul? Não procurara, e se dera a si mesma a morte,
 Pulquéria de Antioquia, que toda a Igreja louvava? E o que era
 a confissão da Verdade, perante os Pretores romanos, senão a
 440 voluntária entrada na morte? E quando assim pensava, — eis
 que, de repente, a tromba do Monstro se abre, com lentidão,
 e aparece, sangrenta, e profunda, a sua imensa goela. Decerto
 Deus determinava que aquele fosse o seu fim sobre a terra.
 E ele, com arrebatada gratidão o aceitava, pois que seria assim
 445 mais portentosa que a de todos os Confessores nos Martírios!
 Ah! não estarem ali multidões para testemunhar a heroicidade da
 sua Fé, e a sua Confiança no Senhor!

Encarou, erguendo bem a cabeça (pois que decerto os Anjos
 o contemplavam) aquela goela horrenda mais que todos os hor-
 450 rores, e que esperava, escancarada para o tragar. Mais vasta
 que um antro, com dois renques de presas, donde gotejava um
 sangue espesso, a sua profundidade desaparecia sob uma névoa e

435: ansiosamente [*Elimina-se a vírgula*]

436: sempre,] sempre [1912; 1970; *vírgula eliminada, depois de podia.*]

436: na paz,] na paz [1912]

437: procurara, / morte,] procurara / morte [1912]

438: E o que] O que [1912; 1970]

439: Pretores] pretores [1970]

440: E [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

440: pensava, —] pensava — [1970]

440-1: eis que, de repente,] eis que de repente [1966; 1970]

441-2: do Monstro / sangrenta,] do monstro/ sangrenta [1912; 1970]

441-2: Monstro, se abre, / sangrenta,] monstro, se abre / sangrenta [1912; 1970]

443: determinava] determinara [1912; 1970]

443: a terra.] a Terra. [1970]

443: gratidão] gratidão, [1912; 1970]

445: portentosa] portentoso [1970]

445: Confessores nos Martírios!] confessores nos martírios! [1970]

447: Fé, e a sua Confiança] fé, e a sua confiança [1970]

448: Anjos] anjos [1970]

449: goela] goela, [1912]

450: esperava,] esperava [1912]

450: escancarada] escancarada [1970]

um vapor cor de sangue. E não se movia, com a indiferença dum
 455 braços, entoou furiosamente um cântico alegre, e marchou para o
 Monstro, e para a morte. Subitamente tudo desapareceu como
 uma sombra numa parede.

Imóvel, à beira do eirado, Onofre esfregava os olhos,
 espantado como quem emerge dum sonho sinistro. E sentia
 460 um cansaço tão pesado, que ali mesmo se deitou sobre as lajes,
 e todo o seu ser se dissolveu num sono benéfico e calmo.
 A madrugada que o despertou era **a** mais fresca, e rósea,
 e doce, que ele experimentara no Ermo. Quando desceu, ao
 seu horto, a encher a bilha, encontrou a mimosa toda em flor
 465 e aroma. Chegara pois a estação, doce entre todas no Egito, *Shá*,
 a Estação dos Renovos. Já, a essa hora, na negra Etiópia, o
 divino Nilo estremecia, e recolhendo a boa terra negra como
 um Esmoler que enche os sacos, começava a sua marcha mag-
 nífica para o Norte e para os Vales... E nessa noite a Lua, a
 470 que perpetuamente morre, e perpetuamente renasce, surgiu sobre
 o Deserto, redonda e cheia, como um seio, derramando a
 sua luz como um leite carinhoso.

Toda a noite, sentado à porta da sua caverna, Onofre
 embebeu os olhos na lua; e recordava, a seu pesar, vagamente,

453: dum] de um [1970]

454: Onofre] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Onofre.*]

456: Monstro,] monstro, [1912; 1970]

456: desapareceu,] desapareceu [1912; 1970]

459: espantado] espantado, [1912, 1970] dum] de um [1970]

459: dum] de um [1970]

462: era **a** mais] era mais [*No Ms.: era mais; adota-se a lição da tradição.*]

463: Ermo.] ermo. [1970]

463: desceu,] desceu [1912; 1970]

465: Chegara [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

467 terra negra] terra negra, [1912; 1970]

467: Nilo [*Vírgula suprimida.*]

468: Esmoler] esmoler [1970]

469: Norte / Vales...] norte / vales... [1970]

470-1: morre, / cheia,] morre / cheia [1912; 1970]

471: Deserto,] deserto [1970]

474: lua;] Lua, [1970]

475 uma cantiga da sua ama, uma escrava de raça Cananeia, em
que se celebrava a lua e a sua influência que faz fermentar os
vinhos e governa o amor das mulheres. A lua parara sobre o
mar; Onofre sentia a carícia da sua luz macia: — e todo o deserto,
com os seus rochedos e dunas, parecia voltado para ela, para
480 se mirar no seu brilho, como num espelho suspenso.

Doces noites, então, assim passou, num imenso repouso,
estirado nas lajes, e bebendo a espaços a água fresca da sua
cabaça, — porque a Estação dos Renovos é quente e sem orvalhos.
Todo o deserto jazia em redor, alumiado, limpo inteiramente de
485 Fantasmas e Monstros, numa larga inocência, e mais seguro que
um templo. O Senhor, na sua misericórdia, varrera para longe
com mão forte, o tropel disforme e roncante dos Fantasmas
e dos Monstros. A névoa, onde se formavam os Terrores, fora
dissipada — e a Natureza reaparecia, na sua inocência real e
490 magnífica. E tão limpo e purificado estava todo o ar, que o canto
fino da fonte subia até ele, misturado ao perfume das flores
das acácias. Como era doce, assim, a Solidão! Até as rochas per-
diam, naquela suavidade da primavera, a sua rigidez — e nem
eram proas de galeras naufragadas, nem montões de crânios alve-
495 jando. Na sua brancura havia agora um calor de vida: redondas,
emergindo da encosta negra, lembravam a curva macia dum ombro
nu, se a túnica, cor de jacinto, escorregou; altas e lisas eram

475: Cananeia,] cananeia, [1970]

476: a lua] a lua, [1912] a Lua, [1970]

477: A lua] A Lua [1970] [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

479: para ela] para ele [1970]

481: num imenso [No Ms.: num — imenso; *adota-se a lição da tradição.*]

485: Fantasmas e Monstros,] fantasmas e monstros, [1970]

487-8: Fantasmas e dos Monstros,] fantasmas e dos monstros. [1970]

488: Terrores,] terrores, [1970]

489: reaparecia,] reaparecia {1912}

492: Como [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

492: Até [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

495: Na [1970 abre parágrafo.]

496: dum] de um [1970]

como os claros muros duma cidade bem acolhedora, onde o
 viajante, que atravessou desertos, encontra a frescura das Termas,
 500 e nas ruas, que cheiram a sândalo e mirra, e o frigidar do peixe
 no clarão das tavernas.

Um cansaço doce e lânguido oprimia o Solitário; e do seu
 peito, que se levantava como uma onda, saía, por vezes, sem
 razão, um suspiro soluçado. Na sua caverna, não encontrava
 505 como outrora um sono fácil e sereno: a abóbada negra, o duro
 chão de rocha, exalavam um calor macio, tocado de aroma,
 como se um frasco de essência se tivesse entornado, e em torno
 pendessem estofos e peles: e sobre o seu montão de papíros
 secos, ele torcia os braços, sufocado, num espreguiçamento que
 510 lhe fazia estalar os ossos fortes. Saía ao eirado, para respirar,
 ocupar a vigília com a oração: — mas o nome mesmo do Senhor
 lhe morria nos lábios, distraído por sons estranhos, certos cheiros
 estranhos que vinham de longe, da sombra. Era por vezes um
 riso esquivo fino, de mulher, que se perdia entre as ramagens
 515 do horto; um bafo de forno, com um bom aroma de pão quente,
 trazido por uma aragem; o véu amarelo que se abria devagar,
 arrastava sobre as rochas. Debruçado da muralha, com o coração
 batendo fortemente, Onofre espreitava, escutava: — e por vezes
 toda a noite ali ficava, sem se mover, com os olhos cravados na

498: duma] de uma [1970]

499: encontra] encontrou [1912]

499: Termas,] termas, [1970]

500: e nas ruas,] e o alegre bulício das ruas, [1912] e as ruas [1970]

500-3: mirra, e o frigidar do peixe no clarão das tavernas. / Um] mirra... / Um [1912]
 das tabernas. / Um [1970] [*Escrito na margem esquerda do fôlio «há aqui falta» situação que se
 refere ao facto de o fôlio anterior terminar com um «a» sem sequência; pode, por outro lado, tratar-se de
 lapso, devido à mudança de fôlio.*]

503: saía,] saía [1912]

504: Na sua [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

505: outrora] outrora, [1912; 1970]

506: de rocha,] da rocha [1912]

508: peles:] peles; [1912; 1970]

510: Saía [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

514: esquivo] esquivo, [1912; 1970]

516: o véu] um véu [1912; 1970]

520 escuridão à espera, como se alguma coisa devesse chegar, deliciosa,
e que ele ansiosamente apetecia, e a que não suspeitava nem o
nome nem a forma.

O dia, o radiante sol não lhe afugentavam estas imaginações.
E cavando a terra, empedrando os canais de rega no seu vergel,
525 ele parava, colhido vivamente pela lembrança do riso esquivo
e lânguido, ou pelo cheiro do pão ao sair do forno. Ao chegar
de manhã à fonte, lavava os braços nus, as pernas, acamava o
cabelo que lhe caía revoltamente, sobre a túnica de pele de
cabra: esmagava sobre as mãos certas plantas que tinham um
530 bom aroma: — e tinha gosto, considerando os seus músculos,
em pensar que era forte, e airoso. A chegada da noite já o
não assustava, — antes a apetecia, pelo seu mistério e por aquela
sua vasta sombra que é como uma cortina que tudo esconde.
Mas como ela era solitária e vazia! Se ao menos, tivesse, como
535 alguns Cenobitas, um companheiro moço, com quem pudesse
passar, naquelas veredas do monte, passando o braço sobre o seu
ombro. Juntos cantariam os hinos santos — e murmurariam,
um ao outro, para se fortalecerem, as tristezas dos seus corações.
Oh! se algum desses monges, que erram de mosteiro em mosteiro,
540 ou dos que percorrem, para se instruir, os retiros dos Solitários,
ali passasse, naquelas serranias! As palmeiras do seu horto
bastariam para sustentar dous ou três irmãos — e na sua caverna
havia espaço para abrigar outros sonos...

520: escuridão] escuridão, [1912; 1970]

520: à espera,] à espera [1970]

520: alguma coisa] alguma coisa [1970]

522: nome] nome, [1912; 1970]

523: sol] sol, [1912] Sol, [1970]

528: revoltamente,] revoltamente [1912; 1970]

531: forte,] forte [1912]

533: sombra] sombra, [1912; 1970]

534-5: Se / Cenobitas,] Se, / cenobitas, [1912; 1970]

537: ombro.] ombro! [1912; 1970]

537: Juntos [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

541: As palmeiras [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

Com uma esperança, sem razão, ficava então, espreitando, longas
 545 horas, debruçado do seu eirado, — e ante os seus olhos, cravados
 na penumbra, fatigados de esperar, surgiam, então, imagens estra-
 nhas, — um canto de rua, com flores pendentes dum terraço; um
 pátio, com uma mesa, cheia de taças, de pedaços de gelo, abrigadas
 por um velário; uma cortina que se descerrava, deixava entrever
 550 uma mulher, derramando um perfume sobre os braços nus...
 Onofre estremecia, como despertando — e, reentrava na caverna,
 atribuindo aquelas visões à debilidade, aos longos jejuns. Ah! se ele
 pudesse um dia comer uma carne forte, beber um longo trago de
 vinho — mais longas podiam ser as suas orações, e na sua doçura
 555 salutar, se desfaria toda a inquietação da sua alma. E sempre que
 assim pensava, logo um prato de argila, cheio de ostras de Canópia,
 alvejava no chão, ao lado duma vasilha de vinho que espumava ou
 um cheiro de anho assado e fumegando se espalhava na treva.
 Era uma realidade, uma ilusão? Bem podia ser um dom milagroso
 560 do Senhor? Não alimentara ele Elias no Deserto? Não fizera
 ele brotar, aos pés de Pacómio, que a sede torturava, um ramo
 carregado de damascos? E uma noite, que ele via, ao lado do seu
 leito de folhas, um pão muito fresco, e muito branco, e uma taça
 larga de vinho onde flutuava gelo — não duvidou da Misericór-
 565 dia do Senhor, e, rindo, de gozo, estendeu a mão trémula. Deu
 um grito, sentira o ardor duma brasa. Era pois uma horrenda

544: então, espreitando,] então espreitando [1912; 1970]

545: eirado, —] eirado; [1912; 1970]

546: surgiam, então,] surgiam, então [1912]

547: dum] de um [1970]

551: despertando — e,] despertando, e [1912; 1970]

555: E sempre [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

557: duma] de uma [1970]

557: vinho que espumava] vinho, que espumava, [1912; 1970]

560: Senhor?] Senhor! [1912] Senhor. [1970]

560: ele Elias no Deserto?] Ele Elias no deserto? [1970]

561: ele brotar,] Ele brotar, [1970]

562: ele via,] ele viu, [1912; 1970]

565: Misericórdia] misericórdia [1970]

565: rindo,] rindo [1912; 1970]

566: grito,] grito: [1912; 1970]

566: duma] de uma [1970]

oferta do Demónio — e no Inferno se amassara aquele pão, no Inferno se vindimara aquele vinho! Agarrou o açoite — e despindo a túnica furiosamente açoitou a carne infetada de Gula. Mas, logo os primeiros golpes, em lugar de o ferirem lhe deram o incompreensível estranho gosto duma carícia. Era como se braços nus se colassem ao seu corpo nu. Arrojou de si o azorrague, num imenso terror: — e as negras tiras de couro tomaram, caídas sobre a rocha, a forma redonda e branca de braços cansados, que se estiram. Caiu de joelhos, — e de joelhos, diante dele estava uma figura, uma mulher, cujos olhos muito negros, cujos lábios muito escarlates transpareciam, através do véu que ela apertava contra o seio, com os braços, e redondos, cheios de frescura e de aroma. Tão grande era a penitência. Logo nessa tarde, quando ia, a partir a côdea do seu pão — viu, diante dos seus pés cruzados, no chão, um prato com uma carne vermelha e succulenta, e um pichel de vinho, muito frio que espumava. Ele não duvidou que fosse um dom do Senhor. Não mandou Ele alimentar

567: Demónio —] Demónio, [1912; 1970]

568: vinho] vinho! Se ele tivesse morrido nesse momento era a perdição irreparável! [1912] [O Ms. *repete infra*, com variantes, a sequência anterior; 1912 preferiu omitir, transpondo para aqui a frase acrescentada a seguir a vinho!]

568-9: e / furiosamente] e, / furiosamente, [1912; 1970]

569: Gula.] gula. [1970]

569: Mas,] Mas [1912; 1970; *abrem parágrafo*.]

570: ferirem] ferirem, [1912]

571: duma] de uma [1970]

573: couro tomaram, [*Segue-se a lição da tradição: elimina-se a vírgula depois de couro e acrescenta-se depois de tomaram.*]

575: joelhos, —] joelhos — [1970]

575 dele estava] dele, estava [1912; 1970; *elimina-se a vírgula depois de estava.*]

577: escarlates] escarlates, [1912; 1970]

578: braços, e redondos,] braços redondos, [1912] [*A primeira vírgula é conjecturada.*]

579: de aroma.] de aroma... [1912]

579: Tão [*Sequência repetida com variantes do episódio do pecado da gula — v. supra; início de passagem omitida em 1912; 1970 abre parágrafo.*]

579: era a [*No Ms.: era; adota-se a lição de 1970.*]

579-80: tarde, quando ia,] tarde quando ia [1970]

581: com uma carne vermelha e succulenta,] com carne vermelha e succulenta [1970]

582: frio] frio, [1970]

584: mandou Ele alimentar] mandara Ele alimentos [1970]

a Elias? Não dera Ele a Paulo, na Tebaida, frutos para o consolar?
 585 E estendeu a mão trémulo, tocou na carne, tocou no vinho,
 murmurou: — «Bendito sejas tu, meu Deus!» E de repente só
 lhe ficou nas mãos uma pouca de cinza fétida. Deu um grito de
 Terror: fora pois uma oferta do Inferno — e no Inferno se assara
 aquela carne, e se vindimara aquele vinho? Se ele tivesse morrido
 590 nesse momento — era a Perdição irreparável!

Então, longos dias, não comeu, não bebeu, — e nunca foi
 mais dolorosa e furiosa a sua luta com o grande Inimigo. Tortu-
 rado pela fome, torturado pela sede, a cada instante Onofre
 encontrava diante de si, uma larga mesa, com uma resplande-
 595 cente toalha de linho, coberta de todas as delícias da cozinha, do
 pomar, e da adega, carnes que fumegavam, com um aroma
 rico, legumes que de tenros e bem cozidos, se desfaziam, den-
 tro do seu molho transparente, montes de frutas, cuja polpa
 suculenta estalava de madura, frascos com vinho cor de ametista
 600 e cor de ouro, esfriando entre blocos de gelo que reluziam. E a
 tentação era tão deliciosa e forte — que Onofre, diante, tremia
 todo, com uma espuma na boca ressequida, e grossas lágrima-
 mas rolando pelas barbas. Fugia — a mesa reaparecia, tão
 rente do seu peito que ele sentia a frescura da neve, o fumo

584: Ele [No Ms.: ele; *adota-se a lição de 1970*]

585: trémulo,] trémula, [1970]

585: carne, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição de 1970.*]

586: «Bendito [*A abertura de aspas é conjecturada.*]

587: uma pouca] um pouco [1970]

588: Terror:] terror; [1970]

589: vinho?] vinho! [1970]

590: irreparável! [*Fim de passagem omitida em 1912.*]

591: bebeu, —] bebeu — [1970]

593 Onofre [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Onofre.*]

594: si,] si [1912; 1970]

596: pomar,] pomar [1912; 1970]

596: fumegavam, com [*Existem no Ms., entre estas duas palavras, duas outras ilegíveis, que a tradição também omite.*]

596-7: que / desfaziam,] que, / desfaziam [1912; 1970]

598: frutas,] frutas [1912]

600: E [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

603: Fugia —] Fugia: [1912; 1970]

604: peito] peito, [1912; 1970]

605 das carnes, e um aroma de pomar regado, e de flor de romãzeira,
e de flor de laranjeira. Dava um brusco empurrão, àquelas delí-
cias do inferno: — as frutas esbroavam sobre os seus pés,
rachando de maduras, os vinhos entornados faziam regatos chei-
rosos na areia. Desesperado, torcia os braços, gritava pelo Senhor!
610 «Socorro, meu Deus, socorro!» — Tudo desaparecia: — mas
logo, sobre ele, pendiam grossos ramos, carregados de laranjas,
de romãs, de cachos de moscatel, de damascos dourados — e do
chão rebentava uma chama clara onde um anho, gordo e branco,
alourava no espeto... Onofre espedaçava os ramos, Onofre espezi-
615 nhava o lume. «Socorro, meu Deus, socorro». E ia cair, quási
desmaiado, à porta da sua caverna, escondendo a face na areia
quente, — que bebia as suas lágrimas. Um ano inteiro assim
combateu — e todos os seus cabelos embranqueceram. Um dia,
que ele recolhia, e exausto do seu trabalho, se sentara, numa
620 rocha, à beira de água, avistou de repente, no regaço, um pão
pequenininho, loiro e tostado, quente ainda como saído do forno.
Então o Solitário, começou a rir serenamente. O quê! Tanto
se esvaziara o Demónio que depois de mesas, mais ricamente
cheias que as do Imperador, só lhe restava, agora, para o sedu-
625 zir, um pão miserável, de legionário. E com aquele riso, uma paz
imensa entrou no seu coração. O Demónio, assim humilhado,
abandonou o Deserto.

605: das carnes,] da carne, [1912; 1970]

606-7: empurrão, / inferno] empurrão / Inferno [1912; 1970]

607: frutas esbroavam] frutas esboroavam-se [1912] frutas esboroavam [1970]

610-1: mas logo, sobre ele,] mas logo sobre ele [1912; 1970]

611: laranjas, [*A vírgula é conjeturada.*]

615: socorro.]] socorro!]] [1912; 1970]

615: cair, quási] cair, quase 1970]

617: Um ano [1912 *abre parágrafo.*]

619: recolhia, e exausto / se sentara,] recolhia exausto / e se sentara [1912; 1970]

620: avistou] encontrou [1912]

621: loiro] louro [1970]

622: Solitário,] Solitário [1912; 1970]

623: Demónio que depois de mesas,] Demónio em que depois de [Ms.] Demónio
que, depois de mesas [1912; 1970]

624: restava, agora,] restava agora [1912] restava agora, [1970]

625: legionário.]] legionário! [1912; 1970]

627: Deserto.]] deserto. [1970]

630 Mas poucas luas tinham passado, quando, uma tarde ao escurecer, voltando, do Mosteiro longínquo de Thebane, onde fora buscar semente para semear, encontrou, sentado pensativamente numa pedra, um homem, um velho, com uma túnica severa de Filósofo, e um bastão na mão, que se ergueu, o saudou e começou a caminhar a seu lado com respeito, e calado.

Estranhando o seu silêncio, Onofre murmurou:

635 — Bem-vindo sejas, meu irmão em Jesus, filho de Deus Padre, que por nós padeceu.

O velho, sem levantar os olhos do chão, onde as suas sombras **se** estendiam longamente, disse com lentidão:

— Deus é um, e imaterial, e não podia ter filhos.

640 E como Onofre, recuava, escandalizado — o outro, retendo-o pela manga, rompeu em palavras estranhas e magníficas. Se Jesus era filho de Deus — por que se chamara a si mesmo filho do Homem? Tudo nega, em cada uma das suas ações, e das suas palavras, a sua essência divina. Se ele era Deus, para que necessitava o Batismo? Como poderia o Demónio tentar pela oferta
645 dum reino na terra, aquele que ele sabia possuir como Deus, os reinos da terra e do Céu? Quando a Madalena lhe tocou a túnica, ele exclamou «Quem me tocou?» Logo não sabia: onde estava então a sua onisciência de Deus? Em Emaús depois da ressurreição

628: Mas [1912, abre aqui capítulo, sem número, certamente por lapso; seria v.]

628: uma tarde] uma tarde, [1912; 1970]

629: Mosteiro longínquo de Thebane,] mosteiro longínquo de Tebane [1970]

632: Filósofo,] filósofo, [1970]

632-3: saudou / lado] saudou, / lado, [1912; 1970]

636: padeceu.] padeceu! [1912; 1970]

637-8: sombras **se** estendiam] sombra estendiam [Ms.; adota-se a lição da tradição.]

640: Onofre, / escandalizado —] Onofre / escandalizado, [1912; 1970]

642: Deus — por que] Deus, porque [1912; 1970]

642-3: do Homem?] dos Homens? [1970]

644: Se [1970 abre parágrafo.]

644: Deus,] Deus [1912]

645: tentar] tentar, [1912; 1970]

646: dum / terra] de um / Terra [1970]

646-7: possuir / terra] possuir, / Terra [1912; 1970]

649: Emaús / ressurreição] Emaús, / ressurreição, [1912; 1970]

650 ele pede aos discípulos que lhe apalpem as chagas. — Logo, mesmo depois de ressurrecto era um corpo material, suscetível de verter ainda sangue...

Onofre dilatava os olhos, estupidamente. E então o homem, apontando com o bastão para o lado do deserto onde o sol
655 desaparecia:

— O meu caminho é para além... Mas a tua alma é digna de receber a Verdade. Outros virão que ta ensinarão.

E outros vieram — uns solitariamente e em silêncio surgindo dentre as rochas, que ressoavam sob os seus bastões ferrados;
660 outros em bando através das areias como mestres, marchando entre os seus discípulos. Era de noite e sob a lua cheia. E por vezes o eirado, diante da Cova de Onofre, ficava atulhado de uma multidão de homens, de longas barbas, soltas e entrançadas, envoltos em mantos negros, ou ostentando simarras
665 de cores estridentes, todos mais pálidos que marfim, com olhos encovados que refulgiam, e agitando nas mãos inquietas, grossos rolos de papiros ou tabulários escritos. Ora um só, de pé falava, com abundância e cadência: ora todos tumultuosamente disputavam, mas sem se encararem, com os raios negros das
670 pupilas ardentes, cravados no Solitário. Encruzado à porta da sua caverna, com os longos dedos descarnados pousados sobre

650: ele pede] Ele pede [1970]

650: chagas. —] chagas. [1912]

651: ressurrecto] ressurrecto, [1912; 1970]

654: bastão] báculo [1912; 1970] [*Palavra conjecturada. No Ms.: basto que mão albeia riscou e substituiu na entrelinha por báculo.*]

654-5: deserto / sol desaparecia:] Deserto, / sol desaparecia, tornou: [1912] deserto / Sol desaparecia: [1970]

658: silêncio] silêncio, [1912; 1970]

659: dentre] de entre [1970]

660: ferrados:] ferrados, [1912]

660: outros em bando através das areias como mestres,] outros, em bando, através dos areais, como mestres [1912]

661: lua] Lua [1970]

662: Cova] cova [1970]

666-7: inquietas, / papiros] inquietas / papiros, [1912; 1970]

667-70: de pé falava, / tumultuosamente / ardentes,] de pé, falava / tumultuosamente, / ardentes [1912; 1970]

os ossos salientes dos joelhos, Onofre pasmava para aquelas
 facúndias sonoras. Através delas uns, após outros, sem respi-
 675 rar, enchendo o deserto de ruído aqueles homens (que eram
 decerto Doutores) afirmavam Princípios, cheios de irrisão ou
 mentira. — O Deus de Israel era um anjo subalterno! Jesus
 não passava duma simples continuação de Adão. O Mundo
 fora criado por um Delírio do Senhor! Para vencer a carne era
 necessário contentá-la — e só pelo vício se atingia a perfeição.
 680 Há só uma alma, que está tanto nos homens como nas rochas!
 Só a matéria eterna, e os Deuses morrem. O Mundo foi
 concebido pelo Diabo. Jesus é filho de Achamarot — e a sua
 residência é o Sol. O Espírito Santo é uma mulher! Só Caim
 é verdadeiro! — E a cada uma destas revelações, lançadas
 685 com estridor, Onofre, ora entreabria uma boca, néscia — ora
 rompia num riso largo e límpido, que lhe sacudia as costelas
 sob o seu surrão de peles. Então arremessados sobre ele, todos
 lhe brandiam junto da face os seus papiros, os seus tabulários.
 Eram as Provas! Eram as Escrituras. Eis a Profecia de Maxila!
 690 Eis o Tratado de Apolónio! Eis o tratado da Alma Adventa!...

673: Através [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

673-4: delas uns, / ruído] delas, uns / ruído, [1912; 1970]

675: Doutores) afirmavam Princípios,] doutores) afirmavam princípios, [1970]

677: duma] de uma [1970]

677: de Adão.] de Adão! [1912; 1970]

677: O Mundo] O mundo [1912]

678: Delírio] delírio [1970]

679: perfeição.] perfeição! [1912; 1970]

681: matéria eterna,] matéria é eterna [1912; 1970]

681: Deuses] deuses [1970]

681: O Mundo] O mundo [1912]

682: Diabo.] Diabo! [1912; 1970]

682: Achamarot —] Achmaroth [1912; 1970]

683: Sol.] Sol! [1912; 1970]

684: — E] E [1912; 1970; abrem parágrafo.]

684: revelações,] revelações [1912]

685: Onofre,] Onofre [1912; 1970]

685: boca, néscia —] boca néscia, [1912] boca néscia — [1970]

687: Então] Então, [1912; 1970]

689: Provas!] provas! [1970]

689: Escrituras.] Escrituras! [1912]

690: da Alma] de Alma [1970]

— Compreendeste?

E o mais novo dos Doutores, que tinha uma Mitra Oriental, suplicava Onofre, curvado sobre ele com sofreguidão:

— Faze um esforço! Faze um esforço! Dize que percebes!

695 Silenciosamente, com um resto de riso que lhe fariscava nos
olhinhos miúdos, Onofre encolhia os ombros, murmurava:

— Só creio no Padre, no Filho, no Espírito Santo!

Então um murmúrio de tédio, de indignação contra tanta
simplicidade, corria entre os Doutores subtis. Os mais violentos
700 arremessavam-lhe injúrias. Outros, majestosamente voltavam as
costas largas, cobertas de largos mantos que roçagavam. E todos
se sumiam, por entre as rochas, em tumulto.

Mas com o crepúsculo do astro voltavam — e Onofre
lá estava, sentado à entrada da sua cova, já risonho, como quem
705 numa feira se prepara a gozar as artes divertidas dos Mágicos.
E a grande lição recomeçava, ressoante e facunda. Cada **dia**
surgia algum Doutor novo, com um Dogma novo. E sempre,
o riso do Solitário! E sempre a sua confissão, cândida e simples,
no Padre, no Filho e no Espírito **Santo**. Até que uma noite em que
710 a douta contenda se alongara, e a lua já desmaiava — como

692: Doutores,] doutores, [1970]

692-3: Mitra Oriental, / ele] mitra oriental, / ele, [1912; 1970]

697: no Filho, [No Ms.: filho; *adota-se a lição da tradição*.]

699: Doutores] doutores [1970]

700: majestosamente] majestosamente, [1912; 1970]

702: sumiam, por entre as rochas,] sumiam por entre as rochas, [1912; 1970] [*A segunda vírgula não existe no manuscrito; adota-se a lição da tradição*.]

703: Mas] Mas, [1912;1970]

703: o crepúsculo do astro] o crepúsculo, [1912]

704: Onofre lá estava,] Onofre lá estava [1912]

705: Mágicos.] mágicos. [1970]

706: E [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

706-7: Cada **dia** surgia [No Ms.: Cada surgia; *adota-se a lição da tradição*.]

707: Doutor / Dogma] doutor / dogma [1970]

707: E sempre,] E sempre [1912; 1970]

708: Solitário!] Solitário lhes respondia! [1912]

708: E sempre a sua confissão] Sempre a confissão da sua fé [1912]

709: Espírito **Santo**. [*Adota-se a lição de 1912; em 1970: Espírito*.]

709: uma noite] uma noite, [1912; 1970]

710: lua] Lua [1970]

Onofre, fatigado, apesar de terem sido mais profundas e sublimes, as Conceções dos Doutores, começasse a bocejar, cerrando as pálpebras — um, que tinha uma mitra bicórnea, onde lampejavam pedrarias, ergueu o braço, clamou subitamente:

715 — Deixai esse bruto!... Vinde.

E num grande silêncio, o bando dos Doutores, todos hirtos, e juntos, elevaram-se no ar, e fundiram-se, docemente, na claridade última da lua. Já Onofre dormia.

720 Não voltaram: — mas foi então, no Solitário, como uma saudade daqueles homens, e daquelas vozes, que cada noite povoavam a sua solidão. E mais deserto lhe pareceu o Deserto. E às horas em que eles costumavam aparecer, como sombras que se desprendiam da sombra, e ele depois do labor do longo dia, se encruzava no chão, preparado a gozar, como um recreio, as suas arengas
725 sonoras como músicas de batalha, — subia às penedias, aguçando os olhos, a espreitar, se algum, ou todos não voltariam, pelo caminho estreito, apanhando os mantos por causa dos tojos ásperos.

O caminho permanecia ermo e não havia nem estrelas nem lua: — e vazio e largo lhe parecia o deserto, em redor, e dentro
730 do seu coração.

Mas uma noite, que ele assim espreitava do cimo das rochas, pensou ouvir de repente, o tinir lento e triste dos guizos dum dromedário. E tochas fumarentas bailaram na sombra.

712: Conceções] concepções [1912; 1970]

712: Doutores,] doutores, [1970]

713: um,] um [1912; 1970]

715: Vinde.] Vindel [1912]

716: Doutores,] doutores, [1970]

717: hirtos,] hirtos [1912; 1970]

718: lua.] Lua. [1970]

721: Deserto.] deserto. [1970]

723: e ele] e ele, [1912; 1970]

726: espreitar, / todos] espreitar / todos, [1912; 1970]

728: ermo] ermo, [1912; 1970]

729: lua: —] lua: [1912] Lua: — [1970]

729: em redor,] redor, — [1912]

732: repente,] repente [1912; 1970]

733: dum] de um [1970]

Alvorocado, ele gritou agitando os braços:

735 — Por aqui! Por aqui!

E imediatamente, com um rumor de armas em marcha surdiram em fila do caminho estreito, soldados barbudos, com os escudos metidos em sacos, uma liteira emplumada de panos de púrpura, que se balançava sobre os ombros de escravos; as
740 Insignias de Roma; e dromedários com fardos e odres. Vozes bradavam entre o fagulhar das tochas:

— É aqui que vive o Santo Ermita?

O Solitário espantado, balbuciou:

— Onofre, Servo de Deus, aqui vive!

745 Então dentre os panos franzidos da liteira que estacara — um homem, togado de branco, e todo ele mais branco que um mármore, escorregou, pousou no chão, os seus borzeguins de escarlate e ouro. Os contos das lanças ressoaram no chão — duas buzinas ásperas estrugiram, o dromedário ajoelhou. E o homem,
750 arrepanhando as pregas da sua vasta toga, caminhou para o Solitário, com lentidão e majestade. Depois, na grande mudez do deserto e da noite, começou, direito, grave como se arengasse num Senado:

— Onofre, a nomeada da tua pureza, e das tuas penitências transpôs o Deserto, chegou a Roma. E eu venho em nome

734: gritou] gritou, [1912; 1970]

737: em fila / estreito,] em fila, / estreito, [1912; 1970] [*A vírgula a seguir a estreito não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

738: sacos, / emplumada] sacos; / emplumada, [1912]

739: balançava [No Ms.: balança; adota-se a lição da tradição,]

740: Insignias] insignias [1970]

743: Solitário] Solitário, [1912; 1970]

744: Servo] servo [1912; 1970]

745: Então] Então, [1912; 1970]

745: dentre] de entre [1970]

745-6: liteira que estacara —] liteira, que estacara, [1912; 1970]

746: homem,] homem [1970]

747: no chão,] no chão [1912; 1970]

748: chão —] chão, [1912] chão: — [1970]

752: direito, grave] direito, grave, [1912; 1970] [*A primeira vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

753: pureza,] pureza [1912; 1970]

754: Deserto,] deserto, [1970]

754: E eu] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de eu.*]

755 de Honorius, César, três vezes Augusto, Invencível e Senhor do Mundo, e que te saúda!

E saudou. Um brado correu entre soldados e escravos:

— Glória a César, três vezes Augusto!

760 E bruscamente o Homem togado abeirou-se do Solitário que recuava, intimidado, apertando contra o peito as mãos magras por sobre as longas barbas — e num murmúrio familiar, e risonho:

— Onofre aqui está, a cousa imperial e formidável de que se trata. **Honorius**, atraído pela Verdade, quer conhecer a Lei Nova. Mas quem seria bastante puro, e inspirado do Céu, para lhe ensinar? Só tu amigo. Os Doutores de Alexandria e de Palestina têm almas cheias de ambição e mentira. A tua é cândida! E pela pureza perfeita tu atingiste a vontade perfeita. Em Roma viverás no Palácio de César. E quando César conhecer a Lei Cristã, convocará o Senado, e todo o Império será proclamado Cristão. Hein? Tu mesmo por tua mão, fecharás as portas dos Templos — E, sem mesmo despires esse surrão, em toda a tua simplicidade ofertarás ao teu Deus, Roma, as Legiões, as Províncias, e todo o Género Humano. Hein?

757: Um [1970 abre parágrafo]

759: E bruscamente] E, bruscamente, [1912; 1970]

759: Homem togado] Homem togado [1912] homem togado [1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de togado.*]

761: familiar, e risonho:] familiar e risonho continuou: [1912] familiar e risonho: [1970]

762: — Onofre aqui está,] — Onofre, aqui está [1912; 1970]

763: **Honorius**,] Honório, [Ms.; 1970]

765: Só tu amigo.] Só tu, amigo! [1912; 1970]

765: Doutores] doutores [1970]

765-6: de Palestina] da Palestina [1912; 1970]

767: E pela pureza perfeita] E, pela pureza perfeita, [1912; 1970]

768: Palácio] palácio [1970]

768: E quando César] E, quando César 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de César.*]

770: Cristão. Hein?] cristão. Hem? [1970]

770: Tu mesmo] Tu mesmo, [1912; 1970]

771: Templos —] Templos. [1912] templos. [1970]

772: simplicidade / Deus,] simplicidade, / Deus [1912; 1970]

772-3: Legiões, as Províncias,] legiões, as províncias, [1970]

773: Hein?] Hem? [1970]

Debruçado com os braços abertos, donde pendiam os panos
 775 rubros do manto, ele parecia uma ave de rapina, coberta de san-
 gue, e de asas cerradas já sobre a presa fácil. E, num bafo ardente,
 murmurava:

— Que ocasião, Onofre, que ocasião. O que não fez nem
 Paulo, nem Gregório, nem o grande Atanásio, nem o imenso
 780 Orígenes, tu o farás só com falar, de manso, e finamente,
 junto à orelha de César! Bem sei! Não é o orgulho do esplêndido
 feito, que te impele... Decerto. Mas pensa! Todos os Martírios
 findos, os ídolos cobertos de bolor, a terra cheia de cantares,
 e o Cordeiro no seu Redil. Hein?

785 Onofre tremia todo, deslumbrado. Balbuciou:

— E o Imperador?

— Quer! Pois se já, nos Idos de março, uma noite, ele vos
 viu em sonhos, a ti e ao Outro — ao Outro com a sua coroa de
 espinhos, e as mãos ainda, com os pregos, que te empurrava,
 790 para diante de César, e gritava, em grego: — *Este te ensinará o*
que convém saber! E eras tu, tu, com essa pele de cabra, essas
 barbas, e beleza clara, e majestosa que te comunica a Virtude.
 Oh Onofre, a terra cansada é por ti que suspira. Vem!

774: Debruçado] Debruçado, [1912; 1970]

774 abertos,] abertos [1970]

775: parecia [*Elimina-se a vírgula.*]

776: asas cerradas já] asas já cerradas [1912; 1970]

776: E, [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

778: ocasião.] ocasião! [1912; 1970]

780: Orígenes, [*No Ms. não existe vírgula; adota-se a lição da tradição.*]

780: falar, de manso, e finamente,] falar de manso e finamente [1912; 1970]

782: feito,] feito [1912; 1970]

782: Martírios] martírios [1912; 1970]

783: ídolos] Ídolos [1912]

784: Redil. Hein?] redil. Hem? [1970]

786: Imperador?] imperador? [1970]

789: ainda,] ainda [1912; 1970]

791: tu, tu,] tu, tu [1912; 1970]

792: e beleza clara, e majestosa] e essa beleza clara e majestosa, [1912; 1970]

792: Virtude.] virtude. [1912; 1970]

793: suspira.] suspira! [1912; 1970]

793: Vem!] Vem. [1970]

795 E Onofre passou longamente as mãos pela face sor-
rindo: — e deu um passo, depois outro, com o pulso já preso
na garra do Homem de Púrpura. E ia como no esplendor
dum sonho todo feito de certeza!... César esperava por ele
para confessar a Fé. Porque não? O imperador Constâncio
800 escrevera duas Cartas a Antão: e as patricias de Alexandria
faziam a travessia do Deserto para beijar os joelhos chagados
de Pacómio! E a sua vida não fora menos terrível, que a des-
ses Solitários magníficos. Não havia forma de dor que ele não
tivesse atravessado: — e as suas lágrimas de penitência jun-
tas podiam fazer um rio no Deserto. Mas enfim Deus elegia-o,
805 para o feito melhor dos tempos! E ele marchava, firme, sob o
olhar contente do Céu! Todo o erro ia desaparecer da Terra;
e desde o primeiro dia ele persuadiria o Imperador, a exilar
os heréticos, para os confins das nações, onde começam as
neves, e os mares tenebrosos. Todos os templos seriam des-
810 truídos, e queimados os livros dos Filósofos que perpetuam

794: passou [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de passou*]

794-5: face sorrindo: —] face, sorrindo. [1912] face, sorrindo: — [1970]

795: depois outro,] depois outros, [1970]

796: Homem de Púrpura.] homem de púrpura. [1970]

796: E ia] E ia, [1912; 1970]

797: dum sonho] dum sonho, [1912] de um sonho, [1970]

798: Fé.] Fé! [1912] fé! [1970]

798: não?] não. [*Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

799: Cartas a Antão:] cartas a Antão, [1912; 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Alexandria.*]

800: Deserto] Deserto, [1912] deserto, [1970]

801: Pacómio!] Pacómio. [1912; 1970]

801-2: terrível, / magníficos.] terrível / magníficos! [1912; 1970]

803: atravessado: —] atravessado: [1970]

803-4: penitência juntas] penitência, juntas, [1912; 1970]

804: Deserto.] Deserto! [1912] deserto! [1970]

804: Mas enfim Deus elegia-o,] Mas, enfim, Deus elegia-o [1912; 1970]

807: primeiro dia] primeiro dia, [1912; 1970]

807: Imperador,] Imperador [1912] imperador [1970]

808: heréticos,] heréticos [1912; 1970]

808-9: as neves,] as neves [1912; 1970]

810: Filósofos] filósofos [1970]

o erro. Depois reformaria as Igrejas da Ásia. E num grande Concílio, a Doutrina pura seria estabelecida para sempre imutável. Então começaria uma grande paz divina. Que obra, que obra! Ao lado do Imperador, ele percorreria as Províncias. Mas para si não queria honras, nem poder sobre as almas...
 815 Talvez apenas, o Governo dos Mosteiros do Egito. E junto da púrpura de César, os povos prostrados pasmariam do seu surrão de pele, cheio ainda dos espinhos do tojo! Que obra! Que obra! Todo ele crescia — e parecia ver as estrelas de mais
 820 perto, como se fossem já a sua coroa imortal.

— Chegai a liteira! Clamava o homem Purpurado. E vós, hostes, saudai o Mestre de César, o possuidor da verdade!

825 Todos os ferros das lanças retiniram, as Insígnias de Roma ondearam no ar — os escravos estavam rojados no Pó. E o Homem então, junto das barbas do Ermita, murmurou, na abundância da sua Vitória:

— Em Roma verás multidões mais prostradas! Todas as Igrejas da Ásia porão o teu nome nas Escrituras! E bem o mereces!

811: Depois] Depois, [1912; 1970]

811: Igrejas] igrejas [1970]

811-2: E num grande Concílio,] E, num grande concílio, [1912; 1970]

812: Doutrina] doutrina [1970]

812: estabelecida] estabelecida, [1912; 1970]

813: Então] Então, [1912; 1970]

813-4: Que obra, que obra!] Que obra! Que obra! [1912; 1970]

815: Imperador, / Províncias.] imperador, / províncias. [1970]

816: Talvez apenas,] Talvez, apenas, [1912; 1970]

816: Governo dos Mosteiros] governo dos mosteiros [1970]

816: E] E, [1912; 1970]

817: prostrados [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula.*]

818: pele,] pele [1912]

821: homem Purpurado] Homem purpurado [1912] homem purpurado [1970]

821-2: E vós, hostes,] E vós [1912; 1970]

822: verdade!] Verdade! [1912; 1970]

823: Insígnias] insígnias [1970]

824: no ar —] no ar, [1912]

824: no Pó.] no pó. [1912; 1970]

825: Homem / Ermita,] homem / ermita, [1970]

826: Vitória:] vitória: [1912; 1970]

827: Igrejas] igrejas [1970]

Porque o Outro em Galileia, só converteu pecadores — e tu, per-
suadindo César, e com ele o Mundo, és maior, és maior! Vem!

Maior que o Senhor. Então foi na alma de Onofre, como
um clarão que alumia um precipício! Sacudiu com um grito a mão
do homem que o esaldava. E no seu olhar, reconheceu o
lume do Inferno. Na sua angústia, só pôde suspirar, «Oh Jesus!
Oh Jesus!» Subitamente, o grande manto de Púrpura, mole
e como vazio, abateu no chão: — e ao longe a liteira emplu-
mada, o dorso do dromedário, as lanças em confusão, fugiam em
debandada, e num rolo de fumo.

Onofre caiu de joelhos. Diante dele o manto enrodilhado fazia
uma mancha vermelha. Palpou muito de leve com os dedos — era
sangue. Arrepiado, num terror infinito, recuou — e o sangue
começou a rebrilhar, tão liso e vidrado que ele avistou nele
como num espelho a sua face. Não a vira, desde que entrara no
deserto — e recuou, espavorido ante a fealdade com que ela lhe
reaparecia, dura, esbraseada de orgulho, toda entumecida de Pecado.

829: Porque o Outro] Porque o Outro, [1912; 1970] [*No Ms.: Porque Outro; adota-se a lição da tradição.*]

830: César, / Mundo,] César / mundo, [1912; 1970]

830: és maior, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

831: o Senhor.] o Senhor! [1912; 1970]

831: Então / Onofre,] Então, / Onofre [1912; 1970]

833: homem] Homem [1912]

833: seu olhar,] seu olhar [1970]

834: angústia, só pôde suspirar,] angústia só pode suspirar: [1912; 1970] [*As aspas são conjecturadas.*]

835: Púrpura,] púrpura, [1970]

836: chão: — e ao longe] chão e, ao longe, [1912; 1970]

838: rolo de fumo. [*No Ms., entre rolo e de fumo há uma palavra entrelinhada, ilegível.*]

840-1: dedos — era sangue.] dedos: — era sangue! [1912] dedos — era sangue! [1970]

841 o sangue [*Elimina-se a vírgula depois de sangue.*]

842: vidrado] vidrado, [1912; 1970]

842-3: nele / espelho] nele, / espelho, [1912; 1970]

843: vira,] vira [1912; 1970]

844: espavorido] espavorido, [1912; 1970]

Muito tempo então, chorou amargamente! Oh Miséria, oh Dor! Em tantos anos de Penitência e Ermo o seu coração não obtivera purificação — e permanecia coberto duma crosta de maldade. Decerto mil noites de dura peleja ele rechaçara o
850 Pai da Mentira! Mas esses eram os triunfos fáceis que os mesmos Pagãos, sem o socorro de Jesus, alcançam sobre a Carne. Quando porém, o grande Mentidor vem, e do cimo duma rocha, como ao Senhor, lhe promete uma grande glória entre os homens, logo ele se deixa levar pela mão, consentindo, com
855 uma facilidade de prostituta. Oh alma miserável, há tanto fora do mundo, ensopada ainda no orgulho do mundo, como uma esponja que saiu de água podre! Que penitência, e que exercício heroico de humildade havia aí, que pudesse espremer, até à última gota impura, aquela soberba que transbordava, empestava todo
860 o seu ser. Trinta anos se flagelara! Trinta anos se esfomeara! A sua oração subia para o Céu tão constantemente, como o seu hálito. — E arrastara correntes de ferro; velara meses, com os joelhos em pedras agudas, os olhos risonhos postos nas claras estrelas; ou dormira embrulhado em cardos e dera a beber
865 do seu sangue às vespas; esmagara os ossos debaixo de grossas pedras... E em vão!... Que podia então ainda fazer naquele ermo?

846: tempo então,] tempo então [1912] tempo, então, [1970]

846-7: Miséria, oh Dor!] miséria, oh dor! [1912; 1970]

847: Penitência e Ermo] Penitência e Ermo, [1912] penitência e ermo, [1970]

848: não obtivera [No Ms.: não obterá; *corrige-se de acordo com a tradição.*]

848: duma] de uma [1970]

851: Pagãos,] pagãos, [1970]

852: Quando] Quando, [1912; 1970]

852: duma] de uma [1970]

856: ensopada] e ensopada [1912; 1970]

857: de água] da água [1970]

859: transbordava,] transbordava [Ms.; *adota-se a lição da tradição.*]

860: ser.] ser! [1912]

861: Céu tão] céu tão [1912]

861: constantemente,] constantemente [1912; 1970]

862: hálito. —] hálito. [1912; 1970]

864: estrelas,] estrelas, [1912; 1970]

864: cardos e] cardos; [1912] cardos; e [1970]

Onde havia martírios mais dolorosos? Onde se aprendiam preces mais extáticas?... Onde?

870 Sentado, abatidamente sobre os calcanhares, com a barba des-
cendo em flocos entre os braços caídos, Onofre erguia os olhos
arrasados de lágrimas, suplicando um ditame. — Porventura
aquela vida solitária seria estéril para o Bem? Na verdade — entre
aqueles areais e aquelas penedias, como exercer suficientemente,
a humildade, a caridade? Ele não tinha sequer ao seu lado um
875 cão, para quem pudesse **ser** paternal. E se a humildade passava
dentro da sua alma, sem que o mundo a testemunhasse, ou com
ela aproveitasse — era fácil, e era vã. Que fazer? Deixar o Ermo?
Voltar para entre os homens?

Lentamente murmurou, no silêncio:
880 — Voltar para entre os homens!...

E, ante os seus olhos, que se embebiavam nas estrelas, julgou
vagamente entrever a forma dum homem: — estava sentado
junto dum muro, quasi nu, e gemia coberto de chagas!
Depois o muro prolongou-se e era um alpendre, onde outro
885 homem, um escravo, muito velho, com o dorso vincado dos

868: extáticas?... [Passagem de decifração difícil, onde também é possível ler estáticas. Adota-se a lição da tradição.]

869: abatidamente] abatidamente, [1912; 1970]

870: Onofre [Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Onofre]

871: suplicando um ditame. —] suplicando ao céu um ditame. [1912] suplicando ao Céu um ditame. [1970] [Eça escreveu primeiro: E Onofre erguia os braços, como suplicando ao Céu um ditame. Riscou a primeira oração da frase e acrescentou o passo Sentado / ditame? na margem esquerda; como não eliminou a segunda parte da frase, o sentido surge repetido no Ms.]

871: — Porventura] Porventura [1912; 1970; abrem parágrafo.]

872: Bem?] Bem?... [1912; 1970]

872: verdade — entre] verdade, — entre [1912]

873: suficientemente,] suficientemente [1912; 1970]

875: pudesse **ser** paternal. [No Ms.: pudesse paternal; adota-se a lição da tradição.]

875-877: E se [...] vã [Eça riscou grande parte de um primeiro discurso no qual surgem as palavras fácil e vã que depois repetiu quando reescreveu o trecho, sem que elas façam sentido na frase, pelo que aqui se eliminam.]

878: Ermo?] ermo? [1970]

882: entrever [Elimina-se a vírgula.]

882-3: dum / dum] de um / de um [1970]

883: muro, quasi] muro, quase [1970]

884: prolongou-se] prolongou-se, [1912; 1970]

açoites, arquejava, fazendo mover a pesada mó dum lagar! Depois a mó do lagar separou-se em lajes — e era uma estrada onde seguiam, ligados por cangas, arrastando grossas algemas, bandos de cativos, que soldados impeliam, com picadas das
 890 lanças. Depois as lanças ficaram cravadas no chão, e eram cruzeiros, onde agonizavam, listrados de sangue, corpos, que os abutres voando, em redor, batiam com as asas negras. — E dos olhos de Onofre que seguiam estas dores, as lágrimas caíam em fio, silenciosas e quentes.

895 A cada lágrima que assim saía, Onofre sentia no seu coração um alívio inesperado e novo. Muitas lágrimas chorara no ermo — mas nunca tão consoladoras! E todavia eram as memórias das Dores do Senhor, do seu doce corpo cheio de chagas, do seu suor de aflição, e da sua queda, na áspera **serra**, sob
 900 o ultraje dos soldados, e da Cruz, que lhas fizera derramar, em noites de piedoso cismar. Porque eram mais doces e pacificadoras estas, que lhe arrancavam as chagas, e os trabalhos, e os cativos; e os suplícios, dos homens mortais? As lágrimas vertidas pelas dores humanas eram pois mais gratas ao Céu,
 905 que as lágrimas derramadas pelas dores divinas. Decerto, então,

886: dum] de um [1970]

887: lajes —] lajes, [1912; 1970]

889: soldados impeliam,] soldados impeliam [1912; 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de soldados.*]

892: abutres voando,] abutres, voando [1912] abutres, voando, [1970]

892: negras. —] negras. [1912; 1970]

893: Onofre] Onofre, [1912; 1970]

895: saía,] caía, [1912; 1970]

896: Muitas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

898: chagas, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

899: **serra**, [*Palavra de leitura difícil; adota-se a lição da tradição.*]

900: soldados, e da Cruz,] soldados e da cruz, [1912] soldados, e da cruz, [1970]

901: derramar, em] derramar, nas em [*Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

901: Porque [1970 abre parágrafo.]

903: cativos; e os suplícios,] cativos, e os suplícios [1912; 1970]

904: eram pois] eram, pois, [1912]

904: Céu,] céu [1912]

905: divinas] divinas! [1912; 1970]

servir os homens, no mundo, seria mais aprazível ao Céu, do que servir a Jesus, na solidão...

De pé, atirou os braços para as estrelas, e murmurava:

— Oh meu Senhor, ensina o teu servo, que sofre o tormento da incerteza.

Um desejo, bruscamente, entrou na sua alma, de ir ser bom e humilde, no mundo.

Então com a mão ainda toda trémula, limpou as lágrimas. Alegremente entrou na sua cova, apanhou o seu bordão, meteu no seio, sob o surrão de pele, a cruz preciosa, que fizera Antão, na cidadela do alto Egito. Depois subiu às rochas — envolveu num longo olhar, o deserto, a horta, nunca acabada, que cultivara, as palmeiras benéficas que o tinham alimentado: o arbusto, que flor a flor lhe marcara os anos de penitência; o regato, que fora a frescura do seu Deserto.

E com um longo suspiro, tomando pelo rumo das estrelas o caminho do sul, e do Grande-Mar, Onofre voltou para entre os homens.

O primeiro que encontrou, junto a uma aldeia que aparecia num alto, toda escura, e de adobe — foi um velho muito

906: servir os homens,] servir os homens [1912]

906: mais aprazível ao Céu,] mais apreciável no céu, [1912] mais apreciável ao Céu, [1970]

907: a Jesus,] a Jesus [1912] Jesus [1970]

908: murmurava:] murmurou: [1912]

910: incerteza.] incerteza! [1912; 1970]

912: humilde,] humilde [1912; 1970]

913: Então] Então, [1912; 1970] [1970 *deixa entre este parágrafo e o anterior um espaço de várias linhas.*]

914: Alegremente] Alegremente, [1912; 1970]

916: Depois [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

917: olhar,] olhar [1912; 1970]

918: benéficas] benéficas, [1970]

918: alimentado:] alimentado, [1912; 1970]

919: penitência; o regato,] penitência, o regato [1912; 1970]

920: Deserto.] deserto. [1970]

922: Grande-Mar,] Grande Mar, [1970]

923: O primeiro [O *fólio tem, na margem superior, um «X» que pode indicar uma separação na narrativa; 1912 abre aqui o capítulo vi.*]

923: encontrou,] encontrou [1912; 1970]

924: de adobe — / velho] de adobe, / velho, [1912; 1970]

925 alquebrado, vergado sob um feixe de lenha, e conduzindo um
 jumento, muito ruço, velho também já manco, que carregava
 um saco de grão. E um atrás do outro, o velho em farrapos,
 o jumento com chagas no lombo magro, iam arquejando, e man-
 quejando, por uma calçada íngreme, sob o sol e as moscas,
 930 entre piteiras poeirentas.

Humildemente Onofre abeirou-se do velho, e lembrou
 que sendo mais forte, melhor conduziria pela subida a lenha e
 o grão. E **sem** esperar o consentimento do velho, que mal
 compreendia, vago e senil, — tomou sobre o ombro o molho
 935 de lenha, sobre o outro o saco de grão, e atrás do seu homem,
 e do seu jumento, assim aliviado de todo o fardo, foi marchando
 contente, e cantando os louvores do Senhor.

O velho era o servo duma viúva, pobre, entrevada, — que
 só o tinha a ele, e àquele jumento, e uma horta, mal tratada
 940 de poucas ervas. Onofre nessa tarde amassou a farinha, rachou
 a lenha, acarretou água do poço, cavou o talhão de cebola,
 tirou os espinhos dos pés do servo, e lavou as velhas chagas
 do burro — e junto do catre da viúva, que era cristã, para a
 consolar, contou a paixão do Senhor. E assim começou Onofre
 945 a sua obra entre os homens.

925: conduzindo [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de conduzindo.*]

926: jumento, muito ruço, velho também] jumento ruço, muito velho também, [1912; 1970]

927: E] E, [1912; 1970]

928-9: e manquejando,] e mancando, [1912]

931: Humildemente] Humildemente, [1912; 1970]

931: abeirou-se [*No Ms.: abeirou; o enclítico foi acrescentado na margem esquerda por mão albeia. Adota-se a lição da tradição.*]

931: velho,] velho [1912]

932: que sendo] que, sendo [1912; 1970]

933: E] E, [1912; 1970]

933: E **sem** esperar [*No Ms.: E esperar; sem foi acrescentado na margem esquerda por mão albeia. Adota-se a lição da tradição.*]

933-4: mal compreendia,] mal compreendera, [1912; 1970]

934: ombro,] ombro [*Elimina-se a vírgula.*]

937: Senhor. [*No Ms.: senhor. Adota-se a lição da tradição.*]

938: duma] de uma [1912; 1970]

939: horta,] horta [1912; 1970]

943: burro —] burro, [1912; 1970]

Mas bem depressa deixou a aldeia, que rodeada de terras férteis, com poços abundantes, sob um ar muito doce, não abrigava nos seus casebres, nem indigências nem males: — e a simplicidade da vida não oferecia ação a um coração sedento de humildade.

950 A dous estádios, porém, da aldeia, havia a velha cidade de Bubastes, entre as águas Pelusiacas e o canal de Nécio — onde cada ano vinham de todo o Egito à festiva peregrinação ao velho templo de Phta, então dedicado à Artemis grega. Bubastes era rica em Obeliscos e Termas. As suas muralhas formidáveis
955 estavam cobertas de estátuas. E nas longas avenidas, ao comprido das águas, sob os sicômoros, e as palmeiras, todo o dia as tavernas e as casas esguias das cortesãs ressoavam dos cantos, e dos folgares pagãos. O pretor Romano era aí doce aos Cristãos: — mas a Heresia dilacerava a Igreja já considerável, e ativa, onde
960 era Bispo Alexandros, homem austero e rude, que guardara cabras, na Galácia. Onofre foi habitar Bubastes. Como as suas longas barbas inspiravam respeito, e alguns fiéis o saudavam, nas ruas, cortou as barbas — e trocou o seu surrão de Solitário,

946-7: que / abrigava] que, / abrigava, [1912; 1970]

948: indigências nem males: — e a] indigência, nem males. A [1912]

949: da vida] dessa vida [1912]

950: A dous] A dois [1970]

951: Nécio —] Nécio, [1912; 1970]

952: vinham / à festiva] vinha / a festiva [1912; 1970]

953: Phta,] Ftás, [1970]

953: Artemis grega.] Artemis Grega. [1912] grega Ártemis. [1970]

953: Bubastes [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

954: Obeliscos e Termas.] obeliscos e termas. [1970]

956: sicômoros,] sicômoros [1912; 1970]

956: tavernas] tabernas [1912; 1970]

958: O [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

958: Romano] romano [1970]

958: Cristãos:] Cristãos; [1912] cristãos; [1970]

959: Heresia] heresia [1970]

959: considerável, e ativa,] considerável e ativa [1912] considerável e ativa, [1970]

960: Bispo] bispo [1970]

969: Alexandros,] Alexandre, [1912; 1970] [No Ms.: Alexandre; como tomará o nome Alexandros na sequência narrativa, considera-se esta a última vontade do autor.]

961: cabras,] cabras [1912; 1970]

963: ruas, [No Ms. não existe vírgula; adota-se a lição da tradição.]

963: Solitário,] solitário [1912] Solitário [1970]

965 por um saíão de escravo. Ele logo, na verdade se tornara o escravo
 dos Pobres. Junto ao muro, ricamente ornado de esculturas que
 cercava o Templo, e os bosques sagrados, costumavam, desde o
 romper da alva, juntarem-se, doentes e mendigos. E aí desde
 alva também, depois da noite velada em orações, Onofre trabalhava
 970 servindo os miseráveis, arranjando leitos de folhas para os velhos,
 lavando os trapos à beira do canal, cobrindo de fios as chagas, catando
 a vérmina nos cabelos intonsos. Depois ia mendigar para os seus
 pobres, por toda a cidade, desde as casas mais ricas onde os cães
 lhe ladravam, até às tavernas dos canais, ou às cubatas das prostitu-
 tas donde trazia sempre no saco algumas côdeas de pão, restos de
 975 peixe, ou uma maquia de lentilha: — e não duvidava mesmo entrar
 no templo de Artemis, ou ao fim da larga avenida, no templo de
 Hermes, e esmolar dos Deuses um pouco de óleo, para amaciar
 os membros doridos dos seus enfermos. Outras vezes alugava o seu
 pobre corpo descarnado aos mais duros serviços — e puxava à sirga os
 980 barcos nos canais, acarretava pedras para a reparação das muralhas;
 rachava, na caserna romana, a lenha da coorte: — e as moedas
 de cobre que lhe atiravam à palma da mão, vinha trazê-las cor-
 rendo, a algum casebre onde conhecia crianças sem pão. De noite
 com uma tocha alumiaava os tresnoitados — ou impedia que os
 985 ébrios, saindo das tavernas dos canais, rolassem à água escura.
 Como recompensa, recebia ultrajes. Ele replicava com bênçãos.

964: verdade] verdade, [1912; 1970]

965: Pobres.] pobres. [1970]

965-6: esculturas / Templo,] esculturas, / templo [1912; 1970]

967: juntarem-se,] juntar-se [1912; 1970]

967: E aí] E aí, [1912; 1970]

968-9: trabalhava servindo os] trabalhava no serviço dos [1912; 1970]

973-4: ricas / tavernas / prostitutas / ou] ricas, / tabernas / prostitutas, / ou, [1912; 1970] [*Elimina-se a vírgula, depois de* saco.]

977: Deuses] Deuses pagãos, pela mão dos seus sacerdotes, [1912] deuses pagãos, pela mão dos seus sacerdotes, [1970]

981: rachava, na caserna romana,] rachava na caserna romana [1912; 1970]

982: cobre / trazê-las] cobre, / trazê-las, [1912; 1970]

983: casebre] casebre, [1970]

983-4: noite com uma tocha] noite, com uma tocha, [1912; 1970]

985: tavernas] tabernas [1912; 1970]

986: ultrajes.] ultrajes. — [1970]

E nunca como então, gozara uma paz tão perfeita. No deserto, o seu rude labor de enxada e rega, para combater a esterilidade das areias e concorrer à realização da divina promessa, — não
 990 lhe dava alegria: — e a fadiga com que dele saía, era inquieta e melancólica. Na oração, que aí perenemente enviava para o Céu — a sua alma não se desafogava —; nem por ela obtinha do Céu o dom **da** apetecida misericórdia: — e havia apenas uma alma mais turva diante dum céu mais mudo. Agora, ao
 995 contrário, o cansaço daqueles longos dias de caridade era cheio, era feliz, e repassado de doçura: — e a mais curta oração, balbuciada, à pressa, fazia descer das alturas sobre o seu coração, como uma longa e vaga carícia que o refrescava deliciosamente. Mas o melhor bem logrado era a libertação do Demónio. Não
 1000 voltara mais, o Pai das Imposturas, nas suas formas variáveis de Sedução e Terror: — e a terra toda estava para ele, como limpa e vazia de Satanás como um altar lavado de fresco.

Nas ruínas dum templo muito antigo, junto das muralhas, e onde escolhera, para se abrigar, um túmulo dum Faraó,
 1005 sob a terra, havia, pintadas e entalhadas, sobre o resto dos muros

987: então,] então [1912; 1970]

988: o seu rude labor [No Ms.: os seus rude labor] os seus rudes labores [1912; 1970]

989-90: promessa, — não lhe dava] promessa, não lhe davam [1912] promessa, não lhe davam alegria: — [1970]

990: dele saía,] deles saía, [1912; 1970]

991: Na [1970 abre parágrafo.]

992: Céu —] Céu, [1912; 1970]

992: desafogava —; nem] desafogava, nem [1912; 1970]

993: do Céu] do céu [1912]

993: **da** apetecida [No Ms.: da foi acrescentado na margem esquerda por mão alheia; adota-se a lição da tradição.]

994: dum] de um [1970]

995: daqueles] naqueles [1912]

996: feliz,] feliz [1912; 1970]

997: balbuciada,] balbuciada [1912; 1970]

997: coração,] coração [1970]

1001: Sedução e Terror:] sedução e terror: [1912; 1970]

1001-2: ele, / Satanás] ele / Satanás, [1912; 1970]

1003: dum] de um [1970]

1004: um túmulo] o túmulo [1912; 1970]

1004: dum Faraó,] de um faraó, [1970]

figuras abomináveis: — e era um lugar temido dos Cristãos, porque de noite todas essas imagens, se despegavam da pedra, reviviam, e celebravam sob a lividez da lua, ritos abomináveis. Mas para ele, só houvera, naquelas ruínas, solidão e
 1010 sossego: — e até mesmo desde que as habitava, na estação das chuvas, tinham nascido, nas fendas das pedras, flores silvestres, que se alargavam, trepavam, e punham em redor dele, e das suas longas orações, um perfume casto e grave de capela em festa.

Mas ao fim dum ano que ali vivia, aquele terreno foi
 1015 escolhido pelo Pretor, para a edificação duma larga cisterna. Onofre, desalojado, dormia então nos currais: — e se os servos o repeliam ia estender-se contente entre o lixo das ruas. Tão descarnado se lhe tornara o corpo, que as crianças brincando na rua nos bairros pobres, lhe chamavam o *Pai da Morte*. Muitas
 1020 vezes lhe atiravam pedras ou lama. Ele parava, sorrindo, a receber aqueles ultrajes como carícias.

Uma noite, que Onofre orava, sob as árvores do Canal de Nécio passou sobre a cidade, no céu, de oriente para ocidente, uma grande tocha fumarenta. As sentinelas, sobre as muralhas, sol-
 1025 tavam sons de buzina, como num alarme: e nos terraços das casas surgiam figuras espantadas, que batiam desesperadamente na face,

1005-6: entalhadas, / muros figuras abomináveis;] entalhadas / muros, figuras execran-
 das: [1912] entalhadas / muros, figuras temerosas — [1970]

1006-8: Cristãos, / imagens, / celebravam] cristãos, / imagens / celebravam, [1912; 1970]

1009: Mas] Mas, [1912; 1970]

1009: houvera,] houvera [1912]

1010: mesmo] mesmo, [1912; 1970]

1011: chuvas, / nascido, / pedras,] chuvas / nascido / pedras [1912]

1014: Mas] Mas, [1912]

1014: dum] de um [1970]

1015: Pretor,] Pretor [1912] pretor [1970]

1015: duma] de uma [1970]

1015: cisterna.] cisterna; [1912; 1970]

1017: repeliam] repeliam, [1912; 1970]

1018-9: na rua] na rua, [1912; 1970]

1019: o *Pai da Morte*.] «o Pai da Morte». [1970]

1022: noite,] noite [1912; 1970]

1022-3: Canal de Nécio] Canal, [1912] canal, [1970]

1023: de oriente para ocidente,] de Oriente para Ocidente, [1912]

para conjurar o presságio. Logo, no outro dia, rompeu um incêndio, no bairro remoto, e mais miserável, onde viviam os Embalsamadores de Cadáveres — e em breve, foi por todo o casario até ao templo de Hermes, uma imensa lavareda. Onofre correu para as chamas — com a multidão que acudia, no terror de que fossem consumidos os corpos de parentes, de amigos, confiados aos Embalsamadores. Já uma fila de escravos, de cidadãos, misturados se formara pelas ruas até aos canais, para o carroto da água. Onofre repelindo o balde de couro cru, que soldados distribuíam, penetrou nas chamas, onde os gritos eram mais dolorosos. Em breve reapareceu logo, com fagulhas no pelo da túnica, trazendo um velho às costas: — e remergulhou seis vezes no braseiro tumultuoso, trazendo através dos tetos que abatiam, entre os montes de traves abrasadas, crianças, uma mulher aleijada, outro velho, até mesmo um anho que lhe balava entre os braços. Todo o cabelo lhe ficara crestado, das queimaduras; das pernas ficou para sempre coxeando.

Depois do seu espanto, o povo acusou do incêndio os judeus e os cristãos. Os mais pobres, que não pagavam ao Templo de

1027: Logo,] Logo [1912; 1970]

1027: outro dia,] outro dia [1970]

1028: incêndio,] incêndio [1912; 1970]

1028: remoto, e mais miserável,] remoto e miserável [1912]

1029: Embalsamadores de Cadáveres] embalsamadores de cadáveres [1912; 1970]

1030: Hermes,] Hermes [1912]

1031: chamas —] chamas [1912; 1970]

1033: Embalsamadores.] embalsamadores. [1912; 1970]

1033: Já [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1034: misturados] misturados, [1912; 1970]

1034: pelas ruas] pela rua [1912; 1970]

1035: Onofre] Onofre, [1912; 1970]

1035-6: couro cru, que soldados distribuíam,] couro, que soldados distribuíam, [1912; 1970] [*As palavras cru e distribuíam são de leitura duvidosa.*]

1039-40: trazendo através dos tetos que abatiam, entre os montes de traves abrasadas,] trazendo através das traves abrasadas dos tetos que abatiam, [1912] trazendo de entre as traves abrasadas, dos tetos que abatiam, [1970]

1042: crestado,] crestado [1912; 1970]

1042: das queimaduras; [*Pontuação conjecturada; adota-se a lição da tradição. Outra leitura possível: das queimaduras das pernas ficou para sempre coxeando.*]

1045: Templo] templo [1970]

Artemis, um tributo secreto, para evitar as perseguições, foram carregados de algemas, arremessados aos ergástulos. Onofre, que por miserável não fora perseguido, percorreu as prisões, consolando os Irmãos ajoelhado através das grades: — e na
 1050 manhã em que eles foram açoitados defronte dos pórticos da Basílica, ele, meio nu, em face aos flageladores, não cessou de cantar Hinos, vergastando o seu corpo miserável, e ainda cheio de queimaduras, com disciplinas de ferro. Impelidos pelo
 1055 velho gramático Flacus, alguns mais furiosos assaltavam com pedras Onofre que injuriava a majestade da Lei. E decerto ia ser lapidado e martirizado, junto a uma casa em obras, onde se refugiara, — quando uma grande chuva, tempestuosa e brusca, dispersou a turba praguejadora. Foi a água do céu que lavou as feridas de Onofre.

1060 A Assembleia dos Fiéis era junto ao Mercado do Peixe num terceiro andar duma casa velha ao fundo dum terraço — donde não passavam os Catecúmenos ainda não iniciados no Mistério dos Sacramentos, ou que estavam cumprindo penitência por culpas confessadas, em segredo, ao Bispo. Para além da porta santa
 1065 guardada pelo porteiro, encruzado no chão, com os tabulários que continham o rol dos Fiéis — só havia uma sala vasta, nua, mal caiada, onde ardiam doze lâmpadas. Na sexta-feira que seguiu à flagelação dos Irmãos, quando Onofre, como sempre descalço,

1046: Artemis, um tributo secreto,] Artemis um tributo secreto [1912] Ártemis um tributo secreto, [1970]

1047: ergástulos.] ergástulos; [1912; 1970]

1049: Irmãos] irmãos, [1912; 1970]

1052: Hinos,] hinos, [1970]

1053: Impelidos [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1055: Onofre] Onofre, [1912; 1970]

1060: Peixe] Peixe, [1912; 1970]

1061: duma] de uma [1970]

1061: velha] velha, [1912; 1970]

1061: dum terraço —] dum terraço [1912] de um terraço — [1970]

1062: Catecúmenos] Catecúmenos, [1912; 1970]

1064: confessadas, em segredo,] confessadas em segredo [1912; 1970]

1064: Bispo.] bispo. [1970]

1064: santa] santa, [1912; 1970]

1066: Fiéis —] Fiéis, [1912] fiéis, — [1970]

1067: que seguiu] que se seguiu [1912]

com o rolo da Escritura metido no seio da túnica, aí penetrou e
 1070 se colocou, humildemente num canto, — todos o saudaram,
 com o cântico que se deve aos Martirizados. Um diácono correu,
 murmurando: *Sanctum! Sanctum!* para o conduzir junto da mesa
 coberta de linho branco, que servia de Ara — e até o Bispo
 Alexandros se ergueu, apoiado ao báculo, para o beijar nas duas
 1075 faces. Onofre permanecia mudo, assustado com a veneração e
 os louvores. E apenas, findas as preces, os Irmãos trocaram o ósculo
 ritual, ele correu, cosido com os muros, como um culpado, até ao
 Templo de Artemis, aos seus mendigos e aos seus estropiados,
 e deliciosamente reentrou com ardor na sua humildade.

1080 Mas a fama da caridade de Onofre era já grande entre os
 Irmãos: — e uma Diácona, senhora de muitas terras e de muitos
 gados, a quem a velhice, a doença impedia os exercícios santos,
 chamou Onofre, a sua casa, e apontando para um cofre de
 cedro, disse: — «Aqueles bens eram para pobres, e para os
 1085 pobres tos entrego... Leva, tira, até que eu depressa, fique pobre
 também». Onofre, com a voracidade dum avaro mergulhou as
 mãos no cofre — e abalou, rindo deslumbrado, com as pregas
 do saião pesadas de ouro.

1070: humildemente] humildemente, [1912; 1970]

1070: canto, —] canto — [1970]

1071: aos Martirizados.] aos Mártires. [1912] aos mártires. [1970]

1072: *Sanctum!* [O ponto de exclamação não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.]

1073: de Ara / Bispo] de ara: / bispo [1970]

1074: Alexandros] Alexandre [1912; 1970]

1075: mudo, [A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.]

1075: veneração e [No Ms., e foi acrescentado por mão albeia; adota-se a lição da tradição.]

1078: Templo de Artemis,] templo de Ártemis, [1970]

1078: aos seus mendigos e aos seus estropiados,] para junto dos seus mendigos e
 dos seus estropiados, — [1912; 1970]

1079: reentrou com ardor] reentrou [1912]

1081: Diácona,] diácona, [1970]

1082: doença] doença, [1912; 1970]

1083: Onofre,] Onofre [1912; 1970]

1084: disse: —] disse: [1912; 1970]

1084: para pobres,] para os pobres, [1912; 1970]

1085: depressa,] depressa [1912; 1970]

1086: dum avaro] dum avaro, [1912] de um avaro, [1970]

1087: rindo] rindo, [1970]

Foi então, por Bubastes o grande bodo dos miseráveis.
 1090 Logo à alvorada estava no Mercado atulhando de provisões,
 de legumes, uma carriola a que ele se atrelava como um ani-
 mal, — e que arrastava pelos bairros mais **pobres**, deixando
 em cada morada, o bendito pão de cada dia. Às viúvas dava
 dinheiro, beijando-lhes a orla da túnica. Vestia todas as crian-
 1095 ças: — e comprara mesmo um campo, onde andava erguendo
 um barracão para abrigar todas as velhices e todas **as** enfermi-
 dades. E não cuidava só dos corpos — mas das almas,
 a ponto de empregar três copistas, pobres e que inclinavam para
 a fé, em preparar cópias das Santas Escrituras, que ele distribuía,
 1100 aos mesteiros, à hora da sesta, aos que descansavam, sob
 os plátanos no pátio das Termas, e mesmo aos viandantes que
 chegavam, com fardos, pela porta Pelúsica. Àqueles a quem
 saciava a fome, contava sempre, docemente, do Reino de Deus,
 onde todas as fomes são saciadas: — e aos que nessa cidade de
 1105 César eram, por condição, os mais *ínfimos*, afiançava, no Céu,
 naquele Céu azul, e tão sereno que os cobria, uma outra
 cidade, verdadeira, e eterna, a cidade de Deus, onde eles seriam
 os *Supremos*, e teriam mais alegria, que nunca tiveram, ricos

1089: Bubastes] Bubastes, [1912; 1970]

1090: Mercado] Mercado, [1912]

1091: legumes, / carriola] legumes / carriola, [1912; 1970]

1092: animal, —] animal, [1912]

1092: mais **pobres**, [pobres, *em falta no autógrafo, foi acrescentado por mão alheia na margem esquerda; adota-se a lição da tradição.*]

1093: morada,] morada [1912; 1970]

1095: crianças: —] crianças. [1912]

1096-7: todas **as** enfermidades [No Ms.: todas enfermidades; *adota-se a lição da tradição.*]

1097: E não] Não [1912; 1970; *abrem parágrafo.*]

1097-8: corpos — mas das almas, a ponto de] corpos, mas também das almas, — a ponto de [1912] corpos, mas das almas, a ponto de [1970] [*A expressão a ponto de é leitura duvidosa.*]

1099-100: distribuía, aos mesteiros,] distribuía aos mesteiros [1912; 1970]

1100: descansavam,] descansavam [1912; 1970]

1101: Termas,] termas, [1970]

1102: porta Pelúsica.] Porta Pelúsica. [1970]

1105: afiançava,] afiançava [1912; 1970]

1105-6: Céu, naquele Céu] céu, naquele céu [1970]

1106: azul,] azul [1912; 1970]

1107: verdadeira,] verdadeira [1912; 1970]

1108: *Supremos*,] *supremos*, [1912; 1970]

Senadores, abundantes em escravos e terras. Mas oferecia a
 1110 Verdade, aos gentílicos, de leve e sem intransigência, — porque o
 homem, por mais sedento, repele com cólera, a água que mãos
 brutais e autoritárias lhe queiram emborcar por entre os lábios
 ressequidos. Não injuriava os Deuses, nem os Ritos. E o seu
 ensino era todo para o coração, contando a Vida do Senhor,
 1115 e a sua humildade, e as suas visitas aos casais, e aos lugares, e a
 sua morte, tão triste como a dum pobre escravo. Jesus só
 queria que os homens se amassem uns aos outros! Para ele tanto
 vale um oleiro, como um Procônsul e no seu Reino não
 haverá nem escravos, nem tormentos. Para que ele se alegrasse
 1120 o rico devia partilhar com o pobre. Que era a vida, aqui, senão
 uma caminhada breve e trabalhosa que vai de rua a rua. Mas
 a vida além, no Céu, ao seu lado, era a verdadeira, e nela os
 que trabalharam repousarão, os que padeceram folgarão, e os que
 obedeceram, mandarão. E se fordes bons, vós que da alvo-
 1125 rada à noite trabalhais, tereis glória, e sereis imortais, e bebereis
 o vinho do Senhor: — e talvez o mesmo não suceda a César!

Assim, nas ruas pobres, à hora em que os obreiros
 e escravos despegam do trabalho, ele ensinava, sentado a

1108-9: alegria, que nunca tiveram, ricos Senadores,] alegria que nunca tiveram ricos senadores, [1912; 1970]

1109-10: Mas oferecia a Verdade, aos gentílicos, de leve] Mas aos gentílicos, oferecia a Verdade, de leve, [1912; *abre parágrafo*.] Mas oferecia a Verdade aos gentílicos, de leve, [1970]

1111: cólera,] cólera [1912; 1970]

1112: lhe queiram emborcar por] lhe queiram introduzir por [1912; 1970] [*Eça escreveu primeiro: lhe emborquem e mais tarde acrescentou queiram na entrelinha.*]

1113: Não [1970 *abre parágrafo*.]

1113: Deuses, nem os Ritos.] deuses, nem os ritos. [1970]

1115: casais,] casais [1912; 1970]

1116: dum] de um [1970]

1118: oleiro,] oleiro [1912; 1970]

1118: Procônsul] Procônsul, [1912] procônsul, [1970]

1119: alegrasse] alegrasse, [1912; 1970]

1121: rua.] rua? [1912; 1970]

1122: no Céu,] no céu, [1912]

1124: obedeceram,] obedeceram [1912; 1970]

1124: bons,] bons, — dizia — [1912]

1127-8: Assim, nas ruas pobres, à hora em que os obreiros e escravos despegam do trabalho, ele ensinava,] Assim ele ensinava nas ruas pobres, à hora em que os escravos despegam do trabalho, sentado [1912] Assim nas ruas pobres, à hora em que os escravos despegam

- uma porta amiga com crianças sobre os joelhos. E quando
 1130 Onofre, beijando os homens, na face, ou na mão humilde-
 mente, tomava o seu cajado e se afastava, — sempre algum dos
 que escutavam, obreiro, escravo, ou mesmo homem livre e
 senhor de bens, o seguia, lhe ia puxar a uma esquina pela
 1135 ponta da túnica rota, e muito baixo: Onofre, como se faz
 para pertencer a esse Deus que é tão bom? — Mesmo um
 dia, **Semeon** um avaro, correria atrás dele, apertando uma
 bolsa e balbuciara, com a inquietação duma alma tentada
 fortemente: — Onofre, quanto se paga, para se ser acolhido por
 esse teu Deus? Onofre rira, com um sincero e grande riso.
 1140 Mas Semeon, desde então, deu largas esmolas.

Mas esta santa popularidade, que o trazia por vezes
 seguido, de gente, pelas ruas — suscitou desconfiança entre
 os Diáconos zelosos de autoridade espiritual. E os judeus
 mais velhos da Assembleia, viam com cólera, que ele distribuíra

do trabalho, ele ensinava sentado [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de*
escravos.] [1970]

1129: amiga] amiga, [1912; 1970]

1130: homens, / na mão] homens / na mão, [1912; 1970]

1132: escutavam [No Ms.: escutava; *adota-se a lição da tradição.*]

1133: seguia, / esquina] seguia, e / esquina, [1912; 1970]

1134: baixo:] baixo perguntava: [1912; 1970]

1134-5: Onofre, / bom? —] «Onofre, / bom?» [1912; 1970]

1136: **Semeon**] Simeão [1970] [No Ms.: Simeão; *Eça escreverá depois Semeon, lição que*
se adota, como fez 1912, por ser a última vontade do autor.]

1137: bolsa] bolsa, [1912; 1970]

1137: duma] de uma [1970]

1138-9: — Onofre / Deus?] «Onofre / Deus?» [1912; 1970]

1140: Semeon,] Simeão, [1970]

1141: Mas esta santa] Esta santa [1912]

1141: popularidade,] popularidade [1970]

1142: seguido,] seguido [1912; 1970]

1142: suscitou] suscitou todavia [1912]

1143: Diáconos] Diáconos, [1912] diáconos, [1970]

1143: de autoridade] da autoridade [1970]

1143: E [1970 abre parágrafo.]

1144: Assembleia, viam com cólera] Assembleia viam com cólera [1912; 1970]

1145 as esmolas de **Domitila** fora dos bairros dos Judeus, e
 mesmo entre obreiros pagãos. Então, na Assembleia, surdiram
 murmúrios — e Onofre foi acusado de receber esmolas das Corte-
 sãs, de aceitar óleos medicinais dos arúspices, de frequentar
 os pagãos, e mesmo de tender para as doutrinas de Marcos
 1150 o Herético. O Bispo Alexandros chamou o velho, à casa
 pobre em que vivia, e onde fabricava esteiras para viver do seu
 trabalho, e asperamente, censurou a sua humanidade indiscreta.
 Onofre beijou chorando a orla da túnica de Alexandros: — e
 desde esse dia, não transpôs mais a porta da Assembleia, ficando
 1155 fora, no terraço, entre os penitentes, com a cabeça sobre as lajes,
 que ele regava, de lágrimas, como na expiação dum sombrio
 pecado. Por esse tempo, a velha Domitila morreu — e os seus
 herdeiros, avidamente, invadiram a casa, com escribas do pretório,
 que selaram as arcas, arrolavam os bens. Secara a larga fonte
 1160 de Caridade, que através dele refrescara tanta miséria! E os seus
 Irmãos em Jesus não o amavam! Onofre tinha então setenta anos.

Começou então pela cidade a mendigar para os seus
 pobres. Pensou mesmo em se vender como escravo — e ser

1145: **Domitila**] Petronilla [1970] [*No Ms.: Petronilla, que 1912 também usa; como a seguir terá o nome Domitila, é este que se usa por refletir a última vontade do autor.*]

1145: Judeus,] judeus, [1912; 1970]

1148: Cortesãs,] cortesãs, [1912; 1970]

1148: arúspices,] Arúspices, [1912]

1149: pagãos,] pagãos [1912; 1970]

1149: Marcos] Marcos, [1912; 1970]

1150: O Bispo Alexandros chamou o velho,] O Bispo Alexandre chamou o velho

[1912] O bispo Alexandre chamou o velho [1970] [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

1150: Alexandros / velho,] Alexandre / velho [1912]

1152: asperamente,] asperamente [1912; 1970]

1153: beijou chorando] beijou, chorando, [1912; 1970]

1153: Alexandros:] Alexandre: [1912; 1970]

1156: regava,] regava [1912; 1970]

1156: dum] de um [1970]

1157: velha Domitila morreu —] velha Petronilla morreu, [1912] velha Petronila morreu — [1970]

1158-9: pretório, que selaram] Pretório, que selavam [1912]

1160: Caridade,] caridade, [1970]

1161: Irmãos] irmãos [1970]

1162: então,] então [*Elimina-se a vírgula.*]

1165 apregoado, no Bazar, com a cabeça rapada, um rótulo no peito,
e os pés pintados de branco. Mas que valia aquele seu pobre
corpo, descarnado e vergado, com as mãos todas trémulas?
Cinquenta dracmas? E amarrado a uma servidão, não poderia velar
pelos velhos, pelos enfermos que dependiam, da sua caridade.
Ele conhecia agora, todas as misérias da cidade — e o seu amor
1170 crescia, cada instante, por aqueles miseráveis, que já não podia
socorrer, e de quem, um por um, sabia, as fomes, as chagas,
as dores, e a solidão. De noite, aflito, nos terrenos vagos, nas
ruínas, para onde ia orar, erguia os braços para o céu mudo,
gritava — Socorro, meu Senhor, socorro!

1175 Mas como o socorro não descia do céu, cada manhã
ele recomeçava desesperadamente, pela cidade, as suas súplicas
lamentáveis, com uma velha panela atada ao pescoço por duas
cordas, as mãos sempre estendidas. Assim estacionava nas praças,
ou onde os canais se cruzavam gritando: Pão para os pobres!
1180 Pão para os pobres!

Era então a estação das grandes chuvas: — e aquele velho,
imóvel sob as grossas cordas de água, com os cabelos brancos,
empastados nas covas da face e puxando, a pobre túnica colada
aos ossos que lhe tremiam, causava piedade, as esmolas caíam
1185 ressoando, na panela de barro. Por isso Onofre temia os

1164: Bazar,] bazar, [1970]

1168: enfermos que dependiam,] enfermos, que dependiam [1912; 1970]

1169: agora,] agora [1912; 1970]

1170: crescia, cada instante,] crescia cada instante [1912; 1970]

1171-2: sabia, / dores,] sabia / dores [1912]

1173: o céu] o Céu [1970]

1174: gritava — Socorro,] gritava: «Socorro [1912] gritava: — «Socorro, [1970]

1174: socorro!] socorro!» [1912; 1970]

1175: do céu,] do Céu, [1970]

1179: cruzavam] cruzavam, [1912; 1970]

1180: Pão / pobres!] «Pão / pobres!» [1912; 1970]

1182: brancos,] brancos [1912; 1970]

1183: face e puxando,] face, e puxando [1912; 1970]

1184: piedade,] piedade: [1912; 1970]

1185: ressoando,] ressoando [1912; 1970]

1185: Por [1970 abre parágrafo,]

céus alegres e o ar doce, que aligeiram as almas, as desviavam da compaixão.

Por vezes, passavam longos dias sem que tivesse alcançado esmola, ou um trabalho, por mais vil, que lhe desse um salário. E então ia
 1190 pelos caminhos, chorando no silêncio da noite. Chorava pelas fomes que não podia faltar, por todos os males que não **podia** sarar. A sua miséria própria, a sua nudez, a sua fome, eram as únicas consolações, — porque ao menos o tornavam igual, pela miséria àqueles que amava. Esse amor infinito, e insondável, era tudo o que
 1195 podia dar aos pobres seus irmãos. Mas ele saía do seu coração tão intenso e ardente, que Onofre por vezes pensava que ele poderia, mesmo de longe, e invisível, consolar, e dar esperança, como o sol, centro de calor, aquece, e faz reviver. Quantas vezes ele alargava os braços, na solidão, com um desejo desesperado de
 1200 poder apertar neles contra o seu seio, todos os que sofrem, e com eles morrer, deixar este mundo impiedoso. Atormentava então o Céu com orações ansiosas. Com os olhos postos nas alturas, como se visse Deus de perto, e lhe falasse, revelava, lembrava a Deus, como a um Pai distraído, certas misérias em certas moradas: — e
 1205 murmurava: «Meu Senhor, Senhor do meu coração, há na rua das Lojas velhas uma pobre viúva com três filhinhos, sem amparo,

1186: que aligeiram as almas, as desviavam] que aligeirando as almas, as desviam [1912] que aligeiram as almas, as desviam [1970]

1191: não **podia** sarar. [No Ms.: não sarar; *adota-se a lição da tradição*.]

1192: miséria] miséria, [1912; 1970]

1194: infinito,] infinito [1912; 1970]

1195: pobres] pobres, [1912; 1970]

1196: Onofre por vezes] Onofre, por vezes, [1912; 1970]

1197: invisível, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição*.]

1197: consolar, e dar esperança,] consolar e dar esperanças, [1912; 1970]

1198: o sol,] o Sol, [1970]

1198: aquece,] aquece [1912; 1970]

1199-200: braços, / neles] braços / neles, [1912]

1200: sofrem,] sofrem, — [1912]

1202: Céu] céu [1912]

1202: alturas,] alturas, a mão estendida [1912; 1970]

1204: Pai] pai [1970]

1205: Meu] «Meu [1912; 1970]

1205-6: rua das Lojas velhas] rua das Lojas [1912] Rua da Loja Velha [1970]

sem pão; volta para lá os teus olhos piedosos!» E esperava com os braços estendidos a esmola de Deus — até que os braços lhe caíam, e cansadas lhe caíam as lágrimas.

- 1210 Ora uma tarde, ao anoitecer, depois dum dia estéril em que nada recolhera para os pobres, nem achara trabalho, por mais vil, que lhe desse salário, errando assim junto das muralhas, perdido nestas dores, e a chamar por Deus — ouviu de repente ao fundo duma viela, um pranto dolorido e agudo, como é o dos
- 1215 funerais. Correu, numa grande compaixão. À porta dum casebre de adobe, onde ainda ardia o lume pobre da ceia, estava estirado um homem, com a face escondida num pano, e os dous braços nus e moles sobre o chão, cobertos de sangue negro. De joelhos
- 1220 diante dele uma mulher, esguedelhada, gritava, com longos ais uivados e lentos. Três criancinhas juntas, abriam os grandes olhos aterrados. Outras mulheres, dos casebres vizinhos, apinhadas em roda, batiam na face, soltavam também longos ais! E os camaradas que o tinham trazido, contavam ainda a um
- 1225 soldado barbudo e louro, da Legião Germânica, que acudira aos gritos — como uma grande pedra, caindo dum guindaste, nas obras das muralhas, esmigalhara os dous braços, ao miserável, e o abatera como morto.

1207: piedosos!] piedosos!» [1912; 1970]

1209: caíam] caíam cansados, [1912; 1970] [Na *entrelinha*, a seguir a caíam há uma palavra ilegível.]

1210: Ora [1912 inicia aqui o capítulo VII.]

1210: dum] de um [1970]

1213: repente] repente, [1912; 1970]

1214: duma] de uma [1970]

1215: dum] de um [1970]

1217: os dous] os dois [1970]

1218: nus e moles sobre o chão,] nus e moles, [1912] nus sobre o chão, [1970]

1218-9: joelhos diante dele] joelhos, diante dele, [1912; 1970]

1220: uivados [*Leitura duvidosa; na tradição*: magoados]

1220: juntas,] juntas [1912; 1970]

1220-1: os grandes] grandes [1912]

1222: soltavam também] soltando também [1912; 1970]

1223: camaradas] camaradas, [1912; 1970]

1224: que acudira] que acordara [1912; 1970]

1225: dum] de um [1970]

1226: os dous braços,] os dous braços [1912] os dois braços [1970]

Onofre, através das lágrimas que o turvavam recordava aquele casebre, pintado às listas pretas, aquelas crianças, quási nuas,
 1230 de grandes olhos famintos. Já ali decerto trouxera consolações,
 e pão... E ajoelhando, arredou devagar os panos, da face
 do homem que jazia, inanimado. Então reconheceu um pobre
 chamado Ozias, escravo dum homem cruel, um Empreiteiro de obras. Oh pobre Ozias! Desde longos meses tinha aquela
 1235 mulher, doente e definhando, e mal podia, com o salário de
 servidão, ter pão bastante para os seus três filhinhos, arrolados
 já como escravos. Quem o ganharia agora, aos três, desgraçadinhos,
 o pão incerto? Oh dor! Oh dor! E então, nesse instante, o
 pobre homem abriu, lentamente os olhos, donde duas lágrimas
 1240 correram, pesadas e lentamente, e murmurou, num sopro débil,
 de infinita dor:

— Ai os meus filhos... os meus pobres filhinhos!

Então Onofre, desesperadamente todo a tremer atirou para o céu:

1245 — Oh Deus Misericordioso! Oh Jesus meu Senhor, pelas
 tuas chagas, e por todas as minhas orações, dá-me a vida deste
 homem.

1228-9: turvavam recordava aquele casebre,] turvavam, recordava aquele casebre [1912; 1970]

1229: aquelas crianças, quási] aquelas crianças quási [1912] crianças quase [1970]

1230: consolações,] consolação [1912] consolações [1970]

1231: E [1970 abre parágrafo,]

1231: panos,] panos [1912; 1970]

1232: homem que jazia,] homem, que jazia [1912; 1970]

1233: dum] de um [1970]

1233-4: Empreiteiro] empreiteiro [1912; 1970]

1235: mulher,] mulher [1970]

1235-6: de servidão,] da servidão, [1912; 1970]

1237-8: aos três, desgraçadinhos,] aos três desgraçadinhos, [1912; 1970]

1239: abriu,] abriu [1912; 1970]

1240: pesadas e lentamente, e murmurou,] pesadas, e lentamente murmurou [1912; 1970]

1241: de infinita] de infinda [1912; 1970]

1242: — Ai] Ai! [1912; 1970]

1243: desesperadamente todo a tremer] desesperadamente, todo a tremer, [1912; 1970]

1244: céu:] Céu: [1912; 1970]

1245: Misericordioso!] misericordioso! [1912; 1970]

1245: Jesus meu Senhor,] Jesus, meu Senhor! [1912; 1970]

1246: dá-me [Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de dá-me.]

Os seus joelhos bateram o chão. E tremendo, tremendo todo, com os ralos cabelos eriçados de horror divino, Onofre
1250 arrebatou contra si, o corpo inanimado ergueu-o, e recuou!...

Um brado, ressoou de pavor e prodígio. O homem estava, de pé, com um sangue novo, na face, — retesando fortemente os braços brancos e reverdecidos, e são! Milagre! Milagre!
1255 Todas as mulheres se arremessaram para dentro do casebre, gritando, numa ânsia de palpar, sentir a pele refeita e quente daqueles braços de milagre. O soldado bárbaro da Legião Germânica fugira espavorido.

E Ozias, como tonto, com lágrimas que lhe corriam sobre o riso da face, abandonava os braços, repelia as mulheres, experimentava a
1260 força recuperada agarrando os filhos, considerava com espanto os músculos refeitos, ora balbuciava, gritava: — Estou são! Estou são!

Com o grande rumor, já vizinhos abriam os loquetes das portas, erguiam ao alto lâmpadas de barro. E o clamor erguido pelos dous camaradas de Ozias engrossava, rolava: — Milagre!
1265 Prodígio! Foi Onofre! Vinde ver!...

Mas Onofre desaparecera! Como levado por um vento largo, sem sentir os passos trôpegos, atravessara a praça dos **Obeliscos**, transpusera a muralha, derrocada, e caminhava junto ao rio, sob o silêncio das estrelas.

1249: eriçados] eriçados [1970]

1249: de horror] de terror [1912; 1970]

1250: inanimado] inanimado, [1912; 1970] [*Elimina-se a vírgula depois de si.*]

1251: brado,] brado [1912; 1970]

1251-2: estava, / novo, / na face, —] estava / novo / face, [1912; 1970]

1253: brancos e reverdecidos,] brancos, reverdecidos, — [1912]

1256: soldado bárbaro / fugira] soldado barbudo / fugira, [1912; 1970]

1261: ora balbuciava, gritava:] balbuciava e gritava: [1912; 1970] [*A vírgula é conjeturada.*]

1261: — Estou [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1262: rumor,] rumor [1912]

1264: pelos dous] pelos dois [1970]

1264: — Milagre!] — Foi milagre! [1970] [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1267: praça] Praça [1912; 1970]

1268: **Obeliscos**, [*Palavra de leitura duvidosa: pode tratar-se de Obeliskues em francês; adota-se a lição da tradição.*]

1268: muralha,] muralha [1912; 1970]

1270 E ia num deslumbramento, por vezes estacava, alargava os braços, murmurava — Fiz um Milagre! Fiz um Milagre! — Onofre, o mais humilde e rude dos servos do Senhor, na Igreja de Bubastes fizera um Milagre. E não desses, tão fáceis, e nascidos da ilusão, como os sabem fazer os discípulos de Simão

1275 o Mágico! Mas um milagre profundo, que tornara a Morte em Vida, como só os tinham feito os homens Apostólicos, depois do Senhor! Porquê? Porque lhe era concedido um tão divino poder? Decerto ele fora abundante em obras! Longos anos gemera no Deserto, longos anos servira com humildade os

1280 homens. Mas Alexandre vivera no Ermo, confessara a fé nos tormentos, ganhara almas inumeráveis ao Senhor, era Bispo e era Santo — e todavia nunca fizera um milagre! E Palemo abade de Thebane, e Panúcio abade de Antínoe, que governavam Comunidades na Tebaida, e recebiam de noite, de Jesus, a suma da

1285 Regra Monástica, não faziam Milagres! Porque o escolhera o Senhor a ele — escravo que mendigava entre os escravos? Sem dúvida porque a sua Vida, as suas longas penitências, a sua

1270: deslumbramento,] deslumbramento! [1912]

1271: murmurava — Fiz] murmurava: «Fiz [1912; 1970]

1271: Milagre! / Milagre! —] milagre! / milagre!» [1912; 1970]

1272: rude dos servos do Senhor,] rude servo do Senhor [1912; 1970]

1273: Bubastes fizera um Milagre.] Bubastes, fizera um milagre! [1912] Bubastes, fizera um milagre. [1970]

1273: desses,] desses [1912; 1970]

1274: fazer [*Elimina-se a vírgula.*]

1276-7: Apostólicos, / Senhor!] apostólicos, / Senhor. [1970]

1278: Decerto [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

1279: Deserto,] deserto, [1970]

1280: Alexandre [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Alexandre.*]

1280: Ermo,] ermo, [1970]

1281: ao Senhor,] para o Senhor, [1912]

1281-2: Bispo e era Santo] bispo e era santo [1970]

1282-4: E Palemo abade de Thebanes, e Panúcio abade de Antínoe, que governavam Comunidades] E Palemo, abade de Thebane, e Panúcio, abade de Antínoe, que governavam Comunidades [1912] E Palemo, abade de Thebane, e Penúcio, abade de Antínoe, que governavam comunidades [1970]

1285: Milagres!] milagres! [1912; 1970]

1287: Vida,] vida, [1912; 1970]

Oração, tinham mais que as de nenhum outro, em cidade ou ermo, satisfeito o Senhor! Ele pois realizara a obra sublime de
 1290 contentar Deus, — e tão bem limpava a sua vontade de toda a culpa, e tão transparente e brilhante de pureza a tornara, que Deus, desde já lhe confiava, na terra, um poder transcendente... Mas então — era um Santo! Presa ainda com a cinta vil da carne, a sua alma já recebera do Senhor a sua Santificação.
 1295 Brevemente libertado da carne, e da sua miséria ascenderia fácil e naturalmente àquele céu, salpicado de estrelas. Entre esses divinos lumes habitaria — enterrando os pés nus no azul macio, vendo a face do Senhor sorrir, no resplendor inefável. Da terra subiriam para ele, Onofre, longos rolos de orações: — e os restos
 1300 da sua argila mortal, os seus ossos receberiam também a veneração dos homens, guardados em sacrários, — entre lâmpadas e flores. Oh maravilha.

Mas aquele poder do Milagre enquanto vivesse seria perdurável, — constante? Poderia ele agora com segurança, curar
 1305 *todas* as feridas, e sanar *todas* as misérias? E uma inquietação apertava o coração de Onofre. Se aquele milagre tivesse sido isolado e único! Se amanhã, ante uma verdadeira e profunda

1288: Oração, tinham] oração, tinham, [1912; 1970]

1288: as de [No Ms.: a de; *adota-se a lição da tradição.*]

1289: Ele pois] Ele, pois, [1912]

1290: Deus, —] Deus — [1970]

1292: desde já] desde já, [1912; 1970]

1292: na terra,] na Terra, [1970]

1293: Santo!] santo! [1970]

1294: Santificação.] santificação. [1912; 1970]

1295: miséria] miséria, [1912]

1297: habitaria —] habitaria, [1912; 1970]

1298: Da terra] Da Terra [1970]

1300: seus ossos] seus ossos, [1912; 1970; *elimina-se a vírgula, depois de também.*]

1301: sacrários, —] sacrários — [1970]

1302: maravilha.] maravilha! [1912]

1303: Mas [1970 *não abre parágrafo.*]

1303-4: Milagre enquanto vivesse seria perdurável, — constante?] Milagre seria perdurável, constante, enquanto vivesse? [1912] Milagre, enquanto vivesse, seria perdurável, constante? [1970]

1304: agora] agora, [1912; 1970]

1305: E [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1307: Se [1970 *abre parágrafo.*]

1310 dor, semelhante à de Maria irmã de Lázaro, ele se encontrasse, de
novo impotente, para a desfazer, como antes da sua penitência
no Deserto? Fora ele, pela sua vontade, **que** curara os
braços esmagados de Ozias — ou fora a vontade de Deus, que
operara passando apenas através **da sua alma**, como o sol
através dum vidro? Se experimentasse?... Se experimentasse ali
mesmo, sob o testemunho das estrelas? Além, o rio alagara hor-
1315 tas humildes — empobrecera colonos. Se ele marchasse para o
Rio, lhe gritasse: — Volta ao teu leito, abandona esses campos
que assolas.

E já caminhava para a água, espalhada em largas poças, que
reluziam, como discos de aço. Mais longe, a inundação invadira
1320 casais, — de que se viam os colmos, ou os terraços, de adobe, quási
esbroados, e as pontas dos tamarindos, que outrora delimitavam
os campos. Um grande sulco de lua tremia na água imóvel: — e
havia uma longa mudez de abandono e ruína. Onofre olhou
em silêncio, apoiado ao seu bordão. Longe uma fila branca de
1325 cegonhas dormia rente da água, coberta de nenúfares. Se à sua
intimação aquelas águas recolhessem ao seu leito, deixando
enxutos os casais, e mais adubadas as leiras — certo estava então

1308-9: Maria / encontrasse, / impotente,] Maria, / encontrasse / impotente [1912; 1970]

1310: Deserto?] deserto? [1970]

1310: Fora [1970 abre parágrafo.]

1310: vontade, **que** [Eça escreveu: vontade, na verdade que; riscou o último segmento da frase, incluindo o pronome que aqui se repõe tal como fez a tradição.]

1311-2: Deus, que operara] Deus que operara, [1912; 1970]

1312: através **da sua alma**, [Eça riscou da sua alma, que aqui se repõe tal como fez a tradição.]

1313: dum] de um [1970]

1314: rio] Rio [1912]

1315: humildes —] humildes, [1912; 1970]

1316: Rio,] rio, [1970]

1316: gritasse: — Volta] gritasse: «Volta [1912; 1970]

1317: assolas.] assolas!?» [1912] assolas.» [1970]

1319: Mais [1970 abre parágrafo.]

1320-1: terraços, de adobe, quási esbroados,] terraços de adobe, quási esbroados,
[1912] terraços de adobe, quase esbroados, [1970]

1322: Um [1970 abre parágrafo.]

1323: [1912; 1970; abrem parágrafo.]

1324: Longe] Longe, [1912; 1970]

1325: dormia] dormia, [1912; 1970]

1325-6: Se à sua intimação] Se, à sua intimação, [1912; 1970]

e estabelecido o seu poder benéfico sobre as Cousas. E na ansiedade duma certeza, ergueu devagar o braço, bradou, arrepiado de
1330 emoção e temor:

— Rio, recolhe ao teu leito!

A água toda tremeu. As poças que rebrilhavam, bruscamente
se sumiram, deixando um limo grosso e rico: — e além os case-
bres, os tamarindos, os papiros, emergiam lentamente da água,
1335 pingando, e reluzindo à lua. O rio obedecera a Onofre — e um
frémido corria sobre a terra e o ar, como **no curso** dum terror
submisso ante uma presença divina.

Então uma alegria sobre-humana transbordou, no
coração de Onofre! Era dele, era dele, e permanente, o Dom
1340 do Milagre! Oh, quanto bem faria aos homens! E no seu
deslumbramento, corria, através dos Campos, com os bra-
ços abertos, como para acolher, estreitar, o Universo sofredor.
Onde havia aí agora chaga que ele não sarasse? Onde havia
mãe debruçada em lágrimas, sobre um esquife, a quem ele
1345 não restituísse o filho? Escravo, que ele não remisse? Terra
estéril donde não fizesse brotar, a lentilha e o vinho? — «Oh
meus irmãos, meus irmãos não receeis mais, Onofre pode
e está convosco!».

Ah, como Deus o amava! Mas também que obras! Heroi-
camente cinquenta **anos** ele padecera pelos homens! Por cada
1350

1328: e estabelecido] estabelecido [1912]

1328: Cousas.] coisas. [1912; 1970]

1329: duma] de uma [1970]

1335: O rio [1970 abre *parágrafo*.]

1336: como **no curso** dum] como o dum [1912] como de um [*Passagem de leitura difícil*.]

1338: transbordou.] transbordou [1912; 1970]

1340: Oh.] Oh! [1912; 1970]

1340-1: E / corria, / Campos,] E, / corria / campos, [1912; 1970]

1344: debruçada em lágrimas,] debruçada em lágrimas, [1912; 1970]

1345: Escravo,] Escravo [1912; 1970]

1346: brotar,] brotar [1912; 1970]

1347: irmãos / pode] irmãos, / pode, [1912; 1970]

1349: Ah,] Ah! [1912; 1970] [*A vírgula é conjeturada*.]

1349: que obras!] que obra! [1970]

1349-50: Heroicamente cinquenta **anos**] Cinquenta anos [1912; 1970] [*A palavra anos, que foi acrescentada no Ms. por mão albeia*.]

1350: homens!] homens. [1912; 1970]

dia **de** fome que ele arrastara no Deserto o Senhor dava-
 -lhe agora o **poder** de saciar a fome dum lar. E porque
 ele se abaixara a tanta humildade — ascendia agora a tanto
 poder! Um poder insondável e magnífico — que descia até aos
 1355 reinos escuros da Mortel! César não tinha mais poder. Com os seus
 prefeitos os seus lictores, e legiões mais bastas que as aves do
 ar, e máquinas de guerra rolando através da terra, César seria
 impotente, para deter uma gota de água, caindo duma nuvem.
 E ele, Onofre, escravo de escravos, só com estender o braço, recuava
 1360 as correntes do Nilo, o grande rio que desce do Paraíso...
 Se ele era mais poderoso que César — deveria, pela manifesta-
 ção desse poder transcendente, forçar César a reconhecer a Ver-
 dade! Nem Paulo, nem Marcos, nem Barnabé, tinham suficiente-
 mente deslumbrado os Gentílicos! **Intimações**, orações nos
 1365 Fóruns, Epístolas arguciosas — que importavam? Os pagãos
 tinham um saber sólido, e retores mais facundos! Só pelo
 Milagre, se poderia triunfalmente, provar Jesus! Pois bem, ele
 Onofre iria a Roma! Se as ondas cruéis assaltassem a proa da

1351: dia **de** fome [No Ms.: dia fome; *adota-se a lição da tradição.*]

1351: arrastara no Deserto] arrostara no Deserto, [1912; 1970]

1352: **poder** [*Palavra riscada no autógrafo e retomada por mão albeia na entrelinha.*]

1352: dum] de um [1970]

1353: humildade —] humildade, [1912; 1970]

1354: magnífico —] magnífico, [1912; 1970]

1356: prefeitos os seus lictores, e legiões] Prefeitos, os seus Lictores, e Legiões [1912]
 prefeitos, os seus lictores, e legiões [1970]

1357: da terra,] da Terra, [1970]

1358: impotente,] impotente [1912; 1970]

1358: duma] de uma [1970]

1360: rio] Rio [1912]

1363: Nem [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1364: Gentílicos!] gentílicos! [1912; 1970]

1364: **Intimações**, [*Palavra ilegível; adota-se a lição da tradição.*]

1365: Fóruns,] *Forum*, [1912] Forum, [1970]

1365: Epístolas] epístolas [1970]

1366: e retores] e retóricos [1912; 1970]

1367: Milagre, se poderia triunfalmente,] Milagre se poderia triunfalmente [1912; 1970]

1367-8: bem, ele Onofre] bem: ele, Onofre, [1912] bem, ele, Onofre, [1970]

1368: Roma!] Roma. [1970]

1370 sua galera — amansaria as ondas, — e, espalharia os prodígios, ao
comprido da estrada que o levasse à Cidade. Nos átrios de César,
ante aquela face que assusta e enche de sombra o mundo, ele diria
com Simplicidade: — Adora o Senhor! E quebraria, como galhos
secos, as espadas que se erguessem contra o seu peito! Com um
sopro derrubaria os ídolos do bronze mais eterno! E se contra
1375 ele se erguesse alguém no Pretório, Filósofos ou Gramáticos — ele
imediatamente lhes secaria as línguas impuras nas bocas impuras,
ou os faria ladrar como cães, contra a lua. Roma tremeria
toda, sob os seus prodígios, como uma cabana ao vento.
E quando César, vencido, rojando a púrpura no pó do seu
1380 Átrio, lhe perguntasse: — Que queres? — ele diria então
com simplicidade: — O mundo, para o restituir a Deus! — E a
Deus daria, com efeito, as cidades, os homens. Porque não?
Em verdade, ele seria César!

1385 Com a face erguida, no seu imenso sonho de orgulho, Onofre
riu largamente. Era César!

Então, larga, e áspera, uma outra risada, ressoou, por trás
dele, na solidão. Num terror, Onofre olhou em redor, ansio-
samente. «Quem ri?» Aqui, além, através do ar, tão sereno, e

1369: galera — amansaria as ondas, — e, espalharia] galera, amansaria as ondas: — e
espalharia [1912] galera — amansava as ondas: — e espalhava [1970]

1370: Cidade.] Cidade! [1912] cidade! [1970]

1372: Simplicidade: — Adora o Senhor!] simplicidade: «Adora o Senhor!» [1912;
1970]

1375: Filósofos ou Gramáticos] filósofos ou gramáticos [1970]

1377: cães,] cães [1912; 1970]

1377: lua.] Lua. [1970]

1378: toda,] toda [1912; 1970]

1378: prodígios,] prodígios [1912]

1380: Átrio,] átrio, [1912; 1970]

1380: perguntasse: — Que queres? —] perguntasse: «Que queres?» [1912] pergun-
tasse: — «Que queres?» — [1970]

1381: — O mundo, / Deus! —] «O mundo, / Deus!» [1912; 1970]

1382: cidades, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

1382: Porque não? [*No Ms.: Por que não. Adota-se a lição da tradição.*]

1384: Com] E com [1912]

1386-7: larga, / risada, ressoou, por trás dele,] larga / risada soou por trás dele [1912; 1970]

1388: ri?»] ri?» exclamou [1912]

1388: ar, tão sereno,] ar tão sereno [1912; 1970]

1390 repassado de luz, a risada áspera, e lenta, saltava, estalava. E já os joelhos de Onofre, tremendo, desciam para a terra — quando longos dedos moles o repuxaram, e uma Voz acudiu mais dura e seca, que o rolar de calhaus:

— Oh Onofre! Oh César que tudo podes! Olha o rio! Olha o rio! Para além do teu orgulho, oh meu irmão, olha o rio!

1395 Diante de Onofre, até às colinas, até aos muros derrocados de Bubastes o Nilo subira, mais largo, mais devastador. A lua brilhava sobre as águas. As cegonhas fugiam: silêncio. E uma onda fria, que marulhava encrespada, batia já os pés do velho. Tentou recuar — mas todo se sentiu enlaçado naqueles dedos
1400 moles, que se alongavam, se enroscavam como serpentes frias, em ramos de árvore. Então compreendeu — o seu milagre fora uma ilusão do Demónio — Um longo grito rompeu da sua alma — Jesus! — E caiu por terra, coberto dum suor, tão frio, que ele pensou ser a água que o devorava.

1405 Quando se ergueu, com tantas, tão densas lágrimas, que mal podia através da sua névoa, achar o bordão a que

1389: áspera,] áspera [1912; 1970]

1391: Voz acudiu] voz acudiu, [1912; 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Voz.*]

1392: seca,] seca [1912; 1970]

1394: Para além do] Do alto do [1912; 1970]

1394: irmão,] Irmão, [1912]

1394: rio!] rio!... [1912]

1396: Bubastes] Bubastes, [1912; 1970]

1396: A lua] A Lua [1970]

1397: fugiam: silêncio.] fugiam no silêncio. [1912; 1970]

1398: os pés] aos pés [1912; 1970]

1399: recuar —] recuar, [1912; 1970]

1400: alongavam, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

1400: enroscavam como serpentes frias,] enroscavam, como serpentes frias [1912; 1917. *Elimina-se a vírgula do Ms., depois de serpentes.*]

1401: compreendeu] compreendeu: [1912; 1970]

1401: milagre] Milagre [1912]

1402: Demónio —] Demónio! [1912; 1970]

1403: alma — Jesus! —] alma: «Jesus!» [1912; 1970]

1403: dum suor,] dum suor [1912] de um suor [1970]

1405: ergueu,] ergueu, — [1912]

1406: podia] podia, [1912; 1970]

se arrimava — foi para considerar o pecado **insondável** em
 que se despenhara. Como outrora, na sua cova do Ermo caíra
 pelo Orgulho! Na sua alma tão bem defendida, o Orgulho
 1410 abria à traição uma fenda — e por ela entrara todo o Inferno.
 Oh miséria incomparável! Tão longos e ardentes anos trabalhara
 para limpar a sua alma, que a julgava toda transparente, e branca,
 e rebrilhante como uma água muito pura num cristal muito
 polido. Não suspeitava, que, escondido no fundo, ainda restava
 1415 um pouco lodo primitivo — e eis que o Demónio a invade, e
 nela se debate furiosamente, e agita o lodo fundamental, e a torna
 tão turva e fétida como um charco, espezinhado e fossado
 por um bando de porcos. Oh Miséria, oh Dor! Como ele toda
 essa noite, sob o testemunho dos lumes divinos, ofendera
 1420 audazmente o Senhor! E de que modos afrontosos e diversos
 ele o ofendera — tomando como uma força da sua virtude — o
 que era apenas uma graça caída da misericórdia de Deus!
 Longe de se regozijar com o pobre Pedreiro, e com ele ficar,
 em humildade, louvando o Senhor, — correr para longe, a
 1425 repastar-se voluptuosamente na solidão, de sonhos, ardente
 de soberba e glória. E em vez de aproveitar aquele prodígio

1407: arrimava —] arrimava, — [1912] arrimava, [1970] [*Elimina-se a vírgula do Ms., depois de considerar.*]

1407: **insondável** [*Palavra de leitura difícil; outra leitura possível: inconsolável. Adota-se a lição da tradição.*]

1408: Ermo] Ermo, [1912] ermo, [1970]

1409: Orgulho] orgulho [1912]

1410: Inferno.] inferno. [1912]

1412: julgava [*No Ms.: julga; adota-se a lição da tradição.*]

1413: rebrilhante] rebrilhante, [1912; 1970]

1415: pouco lodo] pouco de lodo [1912; 1970]

1417: charco,] charco [1912; 1970]

1418: Miséria, oh Dor!] miséria, oh dor! [1912; 1970]

1419: testemunho [*Elimina-se a vírgula.*]

1421: virtude —] virtude [1912; 1970]

1422: graça caída da misericórdia] graça da calada misericórdia [1970]

1423: Pedreiro,] pedreiro, [1912; 1970]

1424: Senhor, —] Senhor — [1970]

1425: repastar-se voluptuosamente] saciar-se voluptuosamente, [1912; 1970]

1425: sonhos, ardente] sonhos ardentes [1912; 1970]

1426: prodígio] prodígio, [1912; 1970] [*Elimina-se a vírgula depois de aproveitar.*]

- tão doce e tão humano, para o derramamento da Verdade entre os gentílicos, — só sofregamente o considerara como proveito da sua ambição transcendente. Oh quanto ofendera o Senhor! Num
- 1430 momento estragara uma longa vida de penitência — e todo se tornara de novo, da cabeça, à sola dos pés, uma crosta fétida de pecado. Onde havia na terra monturo, bastante imundo, para ser congénere com o seu corpo; e com a alma, imunda, que dentro dele apodrecia? E agora tão velho, como poderia ainda, através da
- 1435 penitência, alcançar a purificação! A morte já se avizinhava, — e a alma que tinha para restituir a Deus, estava coberta toda da lepra do mal. E sem tempo para a limpar, pela oração, e pela humildade — era o Inferno, o Inferno iniludível. Oh miséria!
- Seguro com aquela infinita paz, em que deliciosamente se
- 1440 movia, como no inefável ar do Paraíso — ele esquecera o Demónio. Mas pacientemente, o Inimigo do Homem, rondava em torno dele, subtil, e mudo como um vento de pestilência! — E ele respirava tão profundamente esse vento pestilento, que cada um dos seus pensamentos fora então como uma chaga que supura. Com os
- 1445 pés enterrados na lama, ele considerara o Céu, como já seu, ousando pensar que era um Santo! E entre aquelas estrelas,

1428: gentílicos, —] gentílicos, [1912; 1970]

1429: Oh [1970 abre parágrafo.]

1431: cabeça,] cabeça [1912; 1970]

1432: terra monturo,] terra monstro [1912] Terra monturo [1970]

1433: com o seu corpo; e com a alma, imunda,] do seu corpo, e da alma imunda [1912] com o seu corpo e com a alma imunda [1970]

1434: apodrecia?] apodrecia. [Ms.; a dota-se a lição da tradição.]

1434: agora] agora, [1912; 1970]

1435: avizinhava, —] avizinhava, [1912; 1970]

1437: oração,] oração [1912; 1970]

1438: o Inferno, o Inferno iniludível,] o inferno, o inferno iniludível! [1912]

1441: Mas] Mas, [1912; 1970]

1441: Homem,] Homem [1912] homem [1970]

1442: subtil, e mudo] subtil e mudo, [1912; 1970]

1442: pestilência! —] pestilência. [1912; 1970]

1442: E ele [1970 abre parágrafo.]

1444: Com [1970 abre parágrafo.]

1445: considerara o Céu,] considerava o céu [1912] considerava o Céu [1970]

1446: Santo!] santo! [1970]

1446: E entre [1970 abre parágrafo.]

1446: estrelas,] estrelas [1912; 1970]

- marcara o seu lugar de beatitude! Horrendamente desvanecido, calculava como um conquistador que conta as suas coroas triunfais, as lâmpadas e as flores, e as oferendas, que cercariam
 1450 o altar onde pousassem os seus ossos! E certo da divinização, antegostara as orações, que por ele se elevariam da terra. E como se lhe não bastasse no Céu a Beatitude, apetecera, desde já, na Terra, o Império. Sonhara com Roma — e queria César, vencido e humilde, oferecendo-lhe o mundo como um fruto
 1455 maduro. Sete vezes insensato! Que enquanto assim se inchava horrendamente em Soberba, e se divinizava em Terra e Céu — o Demónio estava em torno dele, e dentro dele, ocupando, saturando, cada recanto do seu ser, como a água faz a uma esponja.
- 1460 Que lhe restava? Só a penitência, só a penitência — feita, na solidão, longe, muito longe de todas as suspeitas dos homens, para **que** nunca ela pudesse ser estragada, pelos louvores humanos. Longe, muito longe dos homens — porque toda a virtude que entre eles se manifesta, logo que
 1465 lhes arranca uma admiração é mais cheia de perigos, que um

- 1447: beatitude!] Beatitude! [1912]
 1447: Horrendamente [*A crescentado na margem: Horrenda; adota-se a lição da tradição.*]
 1448: calculava] calculava, [1912; 1970]
 1450: E] E, [1912; 1970] [1970 abre parágrafo.]
 1451: da terra.] da terra! [1912] da Terra. [1970]
 1452: no Céu] no céu [1912]
 1452: a Beatitude,] a beatitude, [1970]
 1452: apetecera,] apetecera [1912]
 1454: oferecendo-lhe o mundo [*Vírgulas eliminadas depois de oferecendo-lhe e de mundo.*]
 1455: Que enquanto assim se inchava] Que, enquanto assim medrava [1912] Que, enquanto assim se medrava [1970]
 1456: Soberba,] soberba, [1912; 1970]
 1456: e Céu —] e Céu, [1912; 1970]
 1457: ocupando, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]
 1458: saturando,] saturando [1912; 1970]
 1460-1: a penitência, só a penitência — feita,] a penitência — só a penitência, feita [1912] a penitência, só a penitência, feita [1970] [*A primeira vírgula é conjeturada.*]
 1462: para **que** [*Eça riscou a primeira forma: que só Deus a conhecesse; que foi retomado na entrelinha por mão albeia. Adota-se a lição da tradição.*]
 1462: estragada,] estragada [1912; 1970]
 1463: Longe, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]
 1465: admiração / perigos,] admiração, / perigos [1912; 1970]

1470 aroma muito sensual, ou um canto muito amoroso. A mais
humilde esmola, a chaga dum mendigo que se lava, uma con-
solação que se murmure — são perigos terríveis para a alma,
porque a persuadem da sua caridade e excelência. Pelo bem que
1480 semeamos nos outros, só colhemos dentro em nós orgu-
lho — e cada obra da nossa caridade, desmancha a obra da
nossa humildade. Só lhe restava, procurar uma cova bem
funda — e aí tão profundamente, humilhar **o seu** ser, que ele
pelos olhos de Deus pudesse ser diferenciado do lodo, ou das
1475 imundícies.

Assim Onofre gemia, sob o esplendor das estrelas. Quando a
madrugada já clareava, apanhou o seu bordão, e marchou para os
lados do Deserto Líbico. Quando já as palmeiras, apareciam mais
raras, e espaçadas, e nas areias rosadas pelo sol, apenas aqui e além
1480 rebrilhava alguma derradeira poça da água do Nilo, ele avistou
um chagal, que rastejava, entre pedras, procurando o covil — e
considerou, quanto se assemelhava àquele animal imundo, que fugia
da luz e dos homens. Só na verdade os diferenciava, não a alma
porque a dele se bestializara pelo Pecado — mas o corpo, que

1467: dum] de um [1970]

1467-8: uma consolação que se murmure — são] uma simples consolação, desde que
se mencionem, são [1912] uma consolação, que se mencionem, são [1970]

1469: Pelo [1970 abre parágrafo]

1471: caridade,] caridade [1912; 1970]

1472: Só [1970 abre parágrafo]

1472: restava,] restava [1912; 1970]

1473: e aí tão profundamente,] e, aí, tão profundamente [1912; 1970]

1473: **o seu** ser, que ele] a sua alma, que ela só [1912] a sua alma, que ela, só [1970]

[Eça escreveu primeiro a sua alma; riscou alma e acrescentou na entrelinha ser, pelo que se mudam os
gêneros do artigo e dos pronomes.]

1474: de Deus] de Deus, [1970]

1474: do lodo,] do lodo [1912; 1970]

1476: Assim Onofre gemia,] Assim Onofre gemia [1912; 1970] [Em 1912 começa aqui
o capítulo VIII.]

1478: Deserto Líbico,] deserto líbico. [1970]

1478-9: palmeiras, apareciam mais raras,] palmeiras apareciam mais raras [1912; 1970]

1479: areias rosadas pelo sol] areias, rosadas pelo sol, [1970]

1481: rastejava, entre pedras,] rastejava entre pedras [1912; 1970]

1482: considerou,] considerou [1912; 1970]

1483: diferenciava [No Ms.: diferença desenvolvido por mão albeia; adota-se a lição da tradição.]

- 1485 nele caminhava erguido, com a face para o céu à maneira do
homem mais justo, e o da fera pousava sobre as quatro patas,
com o focinho baixo, como mal despegado ainda da argila original
donde nascera. Então para mais completamente se humilhar, e
nada reter da humanidade superior que não merecia, decidiu
1490 igualizar o seu corpo ao do bruto, — e penetrar de rastos, na
Penitência e no Deserto. Arrojou o bordão, despiu o saio de lã
atirou as mãos sobre a areia e começou a caminhar, de rojos,
e lentamente, entre a erva, já rara e amarelada, como uma ali-
mária ferida.
- 1495 Toda a verdura findou — e só havia terra seca, depois a
planície arenosa coberta dum rubor matutino, até às montanhas
lísticas, que pareciam dum mármore fino e cor-de-rosa. Onofre
avançava, orando, gemendo, com a longa barba a arrastar.
A espaços parava, não para repousar, mas descobrir, na areia os
1500 sulcos que os seus joelhos pesadamente cavavam, — e sentir

1485: céu] céu, [1912; 1970]

1486: e o da fera] e na fera [1912; 1970]

1488: Então] Então, [1912; 1970]

1489: superior] superior, [1912; 1970]

1490: de rastos,] de rastos [1912; 1970]

1491: Penitência e no Deserto.] penitência e no deserto. [1970]

1491: de lã] de lã, [1912; 1970]

1492: areia] areia, [1912; 1970]

1492: e começou [No Ms. existem dois fôlios com o n.º 172; repetem, com variantes, as lições um do outro. A lição escolhida baseia-se no critério da última vontade do escritor, inscrita no fôlio mais limpo de emendas, que deve tratar-se de cópia. Os editores da tradição utilizaram lições das duas versões.]

1492-3: caminhar, de rojos, e lentamente, entre a erva,] caminhar de rojo, lentamente, entre a erva [1912; 1970]

1495-6: Toda a verdura findou — e só havia terra seca, depois a planície arenosa] Toda a verdura findara e só havia agora terra seca, — a planície arenosa, [1912] Depois toda a verdura findou e só havia terra seca, depois a planície arenosa, [1970]

1495-8: a verdura / gemendo, [No Ms., variante devido à duplicação de fôlios: a verdura findava; o vasto ermo arenoso refulgia, até às Montanhas da Líbia, fulvo, da cor dum leão. E Onofre avançava, orando, gemendo; v. nota supra.]

1496: dum rubor matutino,] dum rubor matutino, estendendo-se [1912] de um rubor matutino, [1970]

1497: lísticas,] Lísticas, [1912]

1497: dum] de um [1970]

1499: espaços] espaços, [1912; 1970]

1499: mas descobrir,] mas para descobrir, [1912] mas para descobrir [1970]

1500: cavavam,] cavavam [1970]

bem, nesse rasto de fera a imensidade da sua abjeção. E **se** avistava seixos aguçados, ou uma pedra áspera, por sobre elas se empurrava, para abater, pela dor da carne débil, a rebelião da alma soberba. Já a sede o devorava — e bebia, com avidez e gosto, as
 1505 lágrimas grossas, que lhe arrancavam as saudades dos seus anos de paz e pureza.

O dia ia em meio — todo o deserto refulgia, lívido, duma horrível secura. As montanhas, ao longe, na tremura do ar quente, eram amarelas, — e só havia, em toda a extensão silêncio, solidão e
 1510 sol. Onofre avançava, arquejando com a língua seca, e pendente. Um poço de caravana, marcado ao longe, por um círculo de pedras, e dous tamarindos negros, surgia como uma tentação: — mas o Penitente afastou a face, mais ansiosamente rastejou fugindo daquela água, decerto turva e lodosa, como duma voluptuosidade
 1515 mortal. E não cessava de orar. Quando encontrava ossadas de animais, esparsas, no pó, erguia os olhos embaciados às alturas, murmurava: — Meu Deus, faz que os meus ossos vis, assim

1501: de fera] de fera, [1912; 1970]

1501-2: E **se** avistava [No Ms.: se foi acrescentado por mão alheia; elimina-se a vírgula em avistava.]

1502: aguçados,] aguçados [1912; 1970]

1502: sobre elas] sobre eles [1970]

1504: devorava —] devorava, [1912; 1970]

1499-505: A espaços / as lágrimas [No Ms., por duplicação de fólhos, a variante: E só parava para considerar os longos que cavava na areia, as marcas que nela imprimiam, os dedos já gretados, — e sentir bem humildemente a sua abjeção. Uma sede, aguçada pelo pó fino e quente já o devorava — e bebia com gosto suas lágrimas. Duas vezes parou — ficando estirado na areia, *v. nota supra.*]

1505: grossas,] grossas [1912; 1970]

1507: em meio —] em meio: [1912]

1507: duma] de uma [1970]

1509: extensão] extensão, [1912; 1970]

1510: Onofre [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1510: arquejando / seca,] arquejando, / seca [1912; 1970]

1511-2: longe, por um círculo de pedras, e dous] longe por um círculo de pedras e dois [1912; 1970]

1513: Penitente] penitente [1912; 1970]

1513: rastejou] rastejou, [1912; 1970]

1514: duma] de uma [1970]

1515: encontrava [*Vírgula eliminada.*].

1516: esparsas,] esparsas [1912; 1970]

1517: murmurava: — Meu] murmurava: «Meu [1912; 1970]

também branquejem perdidos! — As angústias da fome, que o assaltavam foram para ele como bem-vindas — e ofertou essas
 1520 dores, ao Senhor, como lhe ofertara a da sede. O destroço do seu corpo era tão grande que cada pousar da mão, esfolada na areia ardente lhe arrancava um gemido: — e já por momentos se abatia, estirado, inerte, como morto, sob a dardejação crua do sol. E era então nele, um terror angustioso da morte — que
 1525 lhe abreviaria os tormentos, e lhe impediria o resgate.

A refulgência do deserto esmorecia — e um lento véu anilado revestia a cordilheira líbica. Era o descer da tarde — e com ele descia sobre Onofre, uma sonolência, fria e funda, como um desmaio. Para a sacudir tentava cantar hinos santos: — mas
 1530 a sua pobre boca, ressequida e rígida como de greda, só lançava sons roucos, que se perdiam gemidos. E marchar já não podia — porque os seus joelhos eram duas chagas, onde se empastavam areia e sangue. Rasgou um pedaço da túnica, para os embrulhar: — e como o sol se escondera e ao longe, um
 1535 monte de pedra, uma magra palmeira, indicavam outro poço, para lá se arrastou, receando tombar na inanição, que lhe encurtasse a penitência. A água do charco era negra e lodosa: — mas

1518: perdidos! —] perdidos!» [1912; 1970]

1518: As angústias [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1519: assaltavam] assaltavam, [1912; 1970]

1519-20: essas dores,] essas dores [1912] essas suas dores [1970]

1520: Senhor,] Senhor [1970]

1521: mão,] mão [1912; 1970]

1524: sol.] Sol. [1970]

1524: nele, / morte —] nele / morte, [1912; 1970]

1526: esmorecia —] esmorecia, [1912]

1527: líbica.] Líbica. [1912]

1528: Onofre,] Onofre [1912; 1970] [No Ms.: o Onofre,]

1529: Para [1912 e 1970 abrem parágrafo]

1530: rígida] rígida, [1912; 1970]

1531: se perdiam gemidos.] se perdiam entre gemidos. [1912; 1970]

1531-2: marchar já não podia —] marchar, já não podia, [1912] marchar, já não podia — [1970]

1534: o sol] o Sol [1970]

1534: ao longe,] ao longe [1970]

1536: tombar na inanição,] tombar num estado de inanição, [1912]

1537: água do charco] água do poço [1912]

sobre essa pedra havia uma farinha e fava crua dessas que
 as caravanas deixam, para as Divindades do Deserto. Comeu
 1540 enfim, bebeu enfim! Lavou as feridas — e mesmo deixou que os
 olhos se lhe cerrassem, mas, de pé apoiado ao gume dum
 penedo, para que o sono fosse doloroso e breve. Despertou aos
 uivos tristes dos chacais. Todo o céu se enchera de estrelas: — e
 Onofre, pousando na terra dura as mãos em chagas, recomeçou
 1545 a avançar no Deserto. Tão radiantes e largos eram os astros
 que a ilimitada areia alvejava, sob a muda palpitação com
 a lividez dum sudário: — e então, grossas formas, terríveis
 pela sua bestialidade, vieram aterrar o coração cansado do
 Penitente. Ora era um vasto macaco, de dorso arqueado que
 1550 sobre as quatro patas, caminhava ao lado dele, como ele, e
 quando ele gemia, gemia — e quando ele orava, guinchava.
 Ora era um Licorne, que vinha do fundo do ermo ao galope, e
 estacava diante de Onofre, com o seu corno enristado entre
 os olhos refulgindo intoleravelmente. Depois eram disformes

1538-9: sobre essa pedra havia uma farinha e fava crua dessas que as caravanas deixam,] sobre essa pedra havia uns restos de farinha e de fava crua, desses que as caravanas deixam [1912] sobre a pedra havia um resto de farinha de fava crua, dessa que as caravanas deixam [1970] [*Virgulas eliminadas. depois de havia e de caravanas*]

1539: as Divindades do Deserto.] as divindades do deserto. [1970]

1541: de pé] de pé, [1912; 1970]

1541: dum] de um [1970]

1544: Onofre,] Onofre [1912]

1545: Deserto.] deserto. [1970]

1545: astros] astros, [1912; 1970]

1546: areia alvejava, / palpitação] areia alvejava / palpitação, [1912; 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de areia*]

1547: dum] de um [1970]

1547: então,] então [1912; 1970]

1548: aterrar o coração cansado [*Virgulas eliminadas depois de aterrar e de coração.*]

1549: Penitente.] penitente. [1970]

1549-50: arqueado / as quatro patas,] arqueado, / as quatro mãos [1912] arqueado / as quatro patas [1970]

1551: gemia —] gemia [1912]

1552: Licorne,] licorne, [1970]

1552-3: ermo ao galope, e estacava] ermo a galope e estava [1912] ermo a galope, e estacava [1970]

1553: entre [*Leitura duvidosa; adota-se a lição da tradição.*]

- 1555 morcegos, quási tapando o céu que se abatiam com um voo
mudo e mole, e o cobriam com as suas asas, que tinham
o calor duma carne nua. E Onofre ia caminhando no Ermo,
rodeado de monstros. Para os espantar o desgraçado gritava o
nome de Jesus — e eles recrudesciam, inumeráveis e silenciosos.
- 1560 Não eram pois demónios? E Onofre deixou cair o corpo,
como esmagado sob tanta cólera do Céu. Imediatamente, todas
as formas medonhas, os dorsos, os focinhos, as asas frementes,
se abateram, se estenderam, como um pano fúnebre sobre o
areal. E só houve um silêncio sob o grande céu estrelado.
- 1565 Onofre cerrara os olhos, inanimado. E através dum des-
canso que o envolvia, doce, como o da noite, entrevia, a
distância, batido por um sol de madrugada, um bosquezinho de
palmeiras, e sicômoros, que era o da morada em que nascera.
Um fio de água descia dum tanque de pedra, cantava entre os
- 1570 linhos verdes. Os íbis pousavam na borda do terraço. Para
além alvejavam as propileas, cobertas de relevos, do Templo de
Serapis. O velho escriba que lhe ensinara as letras, lá estava,
no seu costumado assento de pedra, envolto nos panos brancos,
todo rapado, cheio das rugas do saber, e imóvel, com as mãos

1555: morcegos, quási tapando o céu] morcegos quási tapando o céu, [1912] morcegos
quase tapando o céu, [1970]

1557: duma] de uma [1970]

1557: Ermo,] ermo, [1912; 1970]

1558: Para os espantar] Para os espantar, [1912; 1970; *abrem parágrafo.*]

1560: eram pois] eram, pois, [1912; 1970]

1560: E [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1561: Céu.] céu. [1912]

1563: estenderam,] estenderam [1912; 1970]

1565: dum] de um [1970]

1566: doce, / entrevia,] doce / entrevia [1912] doce / entrevia, [1970]

1568: palmeiras,] palmeiras [1912; 1970]

1569: descia dum tanque de pedra, cantava] descia dum tanque de pedra, cantando [1912]
descia de um tanque de pedra, cantando [1970]

1571: as propileas, cobertas] os propileos, cobertos [1912] os propileus, cobertos [1970]

1571: Templo] templo [1970]

1572: velho escriba] velho escravo, [1912; 1970]

1572: estava,] estava [1912]

1574: das rugas] de rugas [1970]

- 1575 longas, de cera, pousadas sobre os joelhos magros, meditando a eternidade. Homens graves, com a túnica branca dos **cris-tãos**, que se preparavam para atravessar o Deserto, em peregrinação às ermidas da Tebaida, esperavam, sob a ramada da vinha, com os seus embrulhos no chão, e por cima o cajado.
- 1580 O velho escravo Núbio **Ahmès** carregava com lentidão os odres de água, sobre os dromedários — e cantava um antigo canto da Núbia. **Mais** doce e triste era o canto, nos seus ais prolongados, que as ramas das palmeiras na sua cadência. E ele Onofre, lá estava também, curioso, pasmando para os
- 1585 homens, que iam assim tão longe visitar Antão, e Pacómio, e Paulo, e os Santos magníficos, que habitavam sepulcros... Um enternecimento infinito penetrou Onofre — e estendeu, ansiosamente os braços, para aquelas imagens, tão antigas e doces. Oh, se ele recuperasse a simplicidade desses tempos, naquele bosquezinho de mimosas — As lágrimas brotaram
- 1590 quentes e densas dos seus olhos cerrados — e através da névoa deles, arvoredos e casa, e o dromedário, e o velho núbio com a sua tanga branca, tudo se confundiu e desvaneceu.

1575: de cera, [*A vírgula não existe no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

1576: eternidade.] Eternidade. [1970]

1576-7: **cris-tãos**, [*Palavra ilegível; adota-se a lição da tradição.*]

1577: preparavam [*Vírgula eliminada.*]

1577: Deserto.] deserto, [1970]

1578: esperavam,] esperavam [1912; 1970]

1580: Núbio **Ahmès**] núbio Amés [1970] núbio Ahmés [1912] [*No Ms.: nubio Toutmés*]

1581: de água,] de água [1970]

1582: **Mais** doce [*Conforme a tradição, em vez de Tão.*]

1583: cadência.] cadência... [1912; 1970]

1584: E ele] E ele, [1912; 1970]

1585: homens,] homens [1912; 1970]

1586: Santos magníficos,] Santos magníficos [1912] santos magníficos [1970]

1587: Um [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

1587-8: estendeu, / braços,] estendeu / braços [1912; 1970]

1589: Oh,] Oh! [1912; 1970] [*A vírgula é conjecturada.*]

1590: mimosas —] mimosas... [1912; 1970]

1592: e casa,] e casas, [1912; 1970]

1592: núbio] Núbio, [1912] núbio, [1970]

Então naquele imenso deserto, que o cercava, sentiu mais
 1595 profundamente, o seu abandono, e a sua miséria. Deus, seu socorro
 e força no ermo da sua antiga penitência, para sempre agora
 se retirara da sua alma. E era, solitário, desamparado do Céu,
 tão velho cheio de chagas, e deixando o seu sangue em rastos
 1600 pelas areias que ele tinha de afrontar as solidões, os transe, as
 necessidades, e os Demónios. Que importa? Devia caminhar,
 e padecer!

E de novo, recomeçou a rastejar balbuciando louvores ao
 Senhor. Todas as estrelas se tinham apagado. Das formas mons-
 truosas que há pouco o cercavam, nenhuma se destacava, ou
 1605 movia na escuridão ilimitada. Apenas restava a mudez, a treva e
 a solidão infinita. E sob aquele vasto céu negro, por sobre aquele
 imenso deserto negro — Onofre seguia, única forma viva, negra
 também, de rastos, como um bicho, todo ferido, todo sangrento,
 gemendo, com longos gemidos, que se perdiam na treva.
 1610 E não cessava de avançar, nem de gemer. Sempre para diante,
 pousando na areia as mãos já **roidas** e gastas, arrastando
 na areia, os ossos descarnados dos joelhos, — e chorando,
 e gritando: Senhor, tem piedade! Senhor tem piedade!

Mas já a alma ia perdendo o domínio sobre o corpo: — e era
 1615 só o seu desejo que caminhava para além para as montanhas, porque
 a cada instante, os braços se lhe estiravam pelo chão, moles e inertes,

1597: E era,] E era [1912; 1970]

1597: do Céu,] do céu, [1912]

1598: velho] velho, [1912; 1970]

1599: areias] areias, [1912; 1970] [*Virgula suprimida depois de afrontar.*]

1600: Demónios.] demónios. [1970]

1601: padecer!] padecer. [1970]

1602: de novo, / rastejar] de novo / rastejar, [1912; 1970]

1602-3: ao Senhor [*No Ms.: o Senhor; adota-se a lição da tradição.*]

1604: cercavam, [*No Ms.: cercava; adota-se a lição da tradição.*]

1605: treva] treva, [1912; 1970]

1607: Onofre seguia,] Onofre lá seguia, [1912; 1970]

1608-9: rastos, / gemendo,] rastos / gemendo [1912; 1970]

1611: areia,] areia [1912; 1970]

1611: já **roidas** [*Palavra ilegível; adota-se a lição da tradição.*]

1612: areia [*Virgula suprimida, conforme 1912 e 1970.*]

1613: Senhor, / Senhor tem piedade!] «Senhor, / Senhor! tem piedade!» [1912; 1970]

e entre eles a cabeça, coberta de suor regelado, ficava, rolando na areia, na tontura duma agonia. Tentava então, desesperado, arquejando, solevar aquela carne miserável que o traía. E não podia, não podia! Só lhe restava acabar ali naquela areia, sem alcançar o resgate enrolado no seu pecado. E com a face voltada para o céu, para o céu negro, sem uma luz, que lhe fosse como uma esperança, esperou a Morte. Mas a Morte não vinha. Ante os seus olhos, embaciados e lívidos, como que surgia uma clari-
 1620
 1625

dade. Era como uma névoa, vaga e rosada, — e através, vinha de longe, tristemente o tanger lento duma sineta em marcha. Subitamente, sentiu rumores, vozes. E entreabrindo as pálpebras, distinguiu faces escuras e ardentes, que se debruçavam sobre ele, um cavaleiro com uma lança, e longos pescoços de dromedários, carregados de fardos. Uma cabaça foi posta
 1630
 contra os seus lábios e bebeu dela, avidamente. Já havia mãos fortes que o erguiam, — e sobre os seus joelhos feridos, caía deliciosamente um fio de óleo muito fresco. E já de pé, entre os braços que o amparavam, Onofre, desmaiou docemente.

1635
 Mas, através do seu desmaio, ele sentiu que o içavam para cima dum dromedário, onde ficara como um fardo, estendido

1615-7: para além / instante, / ficava,] para além, / instante / ficava [1912; 1970]

1618: duma] de uma [1970]

1618: Tentava [1970 abre parágrafo.]

1619: solevar [Virgula eliminada, conforme 1912 e 1970.]

1620: acabar ali] acabar ali, [1912; 1970]

1621: resgate enrolado] resgate encetado [1912; 1970; enrolado: palavra de leitura difícil.]

1626: longe,] longe [1912; 1970]

1626: tanger lento [No Ms.: tanger surge entrelinhado sobre a palavra toque, que o autor não cancelou.]

1626: duma] de uma [1970]

1627: Subitamente,] Subitamente [1912; 1970]

1628: distinguiu [Virgula eliminada.]

1631: lábios] lábios, [1912; 1970]

1632: feridos,] feridos [1912; 1970]

1634: docemente. [Termina aqui a fixação do texto-base a partir da transcrição do Ms. E1/289 da Biblioteca Nacional de Portugal.]

1635: Mas, [A partir daqui, texto estabelecido pela edição de 1912, até à palavra precioso; não consta de nenhum dos manuscritos autógrafos disponíveis, devendo ter sido estabelecido nas edições da tradição por fragmentos que entretanto se perderam. Ressalva-se um curtíssimo passo, adiante assinalado, correspondendo a parte útil do fl. 189, em tempos na posse do Prof. Guerra da Cal.]

1636: dum] de um [1970]

entre fardos. Houve brados. E a sineta recomeçou tilintando lentamente, em cadência, — enquanto ele, embalado pelos passos do dromedário, que já por vezes chapinara água, recaíra naquele
1640 desmaio tão doce, em que todas as misérias da sua vida adormeciam, como dores que se calmam num banho.

Era uma caravana, que trazia gomas da Cirenaica, que assim o recolhera por compaixão da sua velhice, e do sangue que lhe corria das feridas. E quando Onofre reabriu lentamente os olhos,
1645 a manhã clara enchia o céu, um cheiro de verdura tenra errava no ar macio, e os íbis esvoaçavam pelos ramos das mimosas. O seu dromedário ajoelhara — e os mesmos homens de faces queimadas e ardentes o ergueram, e levaram para um pobre casebre, com um vergel, onde mulheres, sob uma palmeira, pisavam,
1650 cantando, o grão de centeio. Turbas correram, um velho acudiu, com o seu balde de rega — e estirado sobre um montão de folhas secas de papiros, dentro do casebre, Onofre sentiu ainda, através dum rumor de piedade, que lhe limpavam as faces, lhe deitavam sobre as feridas um óleo salutar. Depois readormeceu.

Ao declinar da tarde, quando acordou, o velho estava diante dele numa contemplação grave, sentado com as mãos pousadas sobre os joelhos, como uma estátua de escriba. E as duas filhas esperavam, agachadas sobre esteiras de cores, com lentilhas numa malga, e um púcaro de água do Nilo. Onofre comeu e depois
1660 ergueu a custo o corpo do leito de folhas, para retomar o caminho do Deserto. Mas, por humildade e exemplo, contou a sua história, a sua penitência, os seus pecados, e como caíra exausto no grande areal, sob a cólera do Senhor.

Então de repente o velho, erguendo as mãos espalmadas, gritou:
1665 — Oh homem cheio de anos e de virtude, tu és daqueles que sabem as palavras novas que consolam! Fica entre nós, come do nosso pão, e ensina as nossas almas.

E Onofre, espantado, soube que, havia tempos, ali tinham vivido dous monges, que todos amavam pela sua caridade,

1642: Era [1912 *inicia aqui o capítulo ix.*]

1653: dum] de um [1970]

1661: Deserto.] deserto. [1970]

1669: vivido dous] vivido dois [1970]

1670 pela sua ciência das ervas que curam, a sua arte em expulsar os demónios, e ainda pelas doces festas com que celebravam o rejuvenescer da primavera.

1675 Mas um dia tinham partido para um mosteiro, no Alto Egito, — e desde então toda a aldeia os lamentava, e lamentava as doces histórias que contavam do Menino nascido no curral, e dum reino no Céu em que todos comeriam de frutas divinas, e da cruz de escravo, em que a Vítima tomara sobre si todos os pecados humanos.

1680 Assim, oh! alegria! Onofre fora trazido para entre almas quási irmãs! Nos olhos negros das duas raparigas, que se erguiam para ele, brilhava um calor de fé. E o velho, alargando os braços, murmurava ainda com ardor:

1685 — Oh homem justo, que sabes a natureza dos Deuses, e as cousas que estão para além da vida, fica na nossa morada, come do nosso pão!

No coração de Onofre ia um grande alvoroço. Fora por acaso por determinação do Senhor que ele viera, trazido do fundo do Ermo, para que sob o seu ensino a Verdade, já em botão, de todo florescesse naquelas almas simples? Então o Senhor 1690 convertia a privação da sua penitência na glória dum apostolado. Porquê? A noite de agonia, donde vinha, fora bastante resgatadora, para que sobre ele descesse já a misericórdia do Céu?... Não lhe competia a ele, servo do Senhor, penetrar os motivos do seu Amo. Para entre aquelas almas, onde já se enterrara a boa semente, fora ele trazido — e só lhe cumpria trabalhar como 1695

1674: Egito, —] Egito — [1970]

1676: no Céu] no céu [1912]

1679: oh! alegria!] oh, alegria, [1970]

1679-80: almas quási] almas quase [1970]

1682: braços, [*A partir desta palavra e até nosso pão! transcreve-se o Ms. outrora na posse do Prof. Guerra da Cal.*]

1683: Deuses,] deuses, [1970]

1687: acaso] acaso, [1970]

1688: Ermo] ermo [1970]

1690: dum] de um [1970]

1692: do Céu?...] do céu?... [1912]

1694: Para [1970 abre parágrafo.]

bom lavrador, no campo precioso que Deus lhe confiava. E humildemente murmurou:

— Pois que de mim necessitais, entre vós ficarei.

E ficou — escolhendo logo para morar um alpendre aberto
 1700 a todos os ventos, em que o velho recolhia os seus búfa-
 los. Em breve por todas as choupanas se espalhou que outro
 monge chegara à aldeia, — que sabia também as histórias divi-
 nas do Menino que nascera na Síria, e de seu Pai que acolhia os
 servos mais humildes, num Céu todo cheio de cantos e de
 1705 abundância. De todos os casais logo as mulheres acudiram,
 trazendo a Onofre presentes de frutas, e bolos de mel, e linho
 tecido. De joelhos diante do seu alpendre Onofre orava, com
 os braços abertos, a face voltada para o céu: — e, todos,
 pasmados, para aquela velhice tão macerada, para as longas
 1710 barbas brancas que no chão rojavam, erguiam também como
 ele, mudamente para o céu, os olhos cheios duma esperança
 nova. O que contemplava ele assim, no céu radiante? Quais
 eram essas orações que ele sabia, e como se falava a esse Deus
 tão bom, e tão amigo dos pobres? E quando Onofre reco-
 1715 meçava a contar do Senhor, e **dos seus** grandes ensinoss de
 caridade, e de bondade de Amor, um doce murmúrio de con-
 tentamento corria entre os simples, como de famintos que

1696: precioso [*A partir deste local e até ao final da narrativa, o texto-base é estabelecido de acordo com a transcrição do fragmento manuscrito do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.*]

1699: alpendre,] alpendre [1912; 1970]

1701: Em breve / choupanas] Em breve, / choupanas, [1912; 1970]

1703: Síria,] Síria [1970]

1704: num Céu] num céu [1912]

1705: acudiram,] acudiam, [1912]

1707: joelhos / alpendre] joelhos, / alpendre, [1912; 1970]

1708: céu:] Céu: [1970]

1708-9: e, todos, pasmados,] e todos pasmados [1912; 1970]

1711: mudamente] mudamente, [1912; 1970]

1711: céu, / duma] Céu, / de uma [1970]

1712: céu] Céu [1970]

1714: Onofre [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Onofre.*]

1715: e **dos seus** grandes ensinoss [*No Ms.: e das suas grande ensino; adota-se a lição da tradição.*]

1716: bondade de Amor,] bondade, e de amor, [1912; 1970]

1716: murmúrio [*Vírgula eliminada.*]

são saciados. Uma lenta adoração inconsciente, e ainda gen-
 tíllica começava a envolver Onofre, saída ardentemente daqueles
 1720 corações simples — que não diferenciavam bem o Deus Novo,
 do velho que o revelava. Quando ele atravessava os diques,
 ou os atalhos entre os campos, — a gente prostrava-se ante ele,
 com uma reverência, misturada de medo: as mães traziam os
 filhos, nus e coroados de flores, como quando os votavam aos
 1725 antigos altares, para que Onofre lhes desse a Boa-Sorte: — e os
 casaleiros vinham puxar pela ponta da sua túnica, mostrando, com
 o olhar suplicante, os campos que desejavam que ele fecundasse.
 Um surdo temor, então, invadiu Onofre — porque naquela
 reverência pela sua virtude, ele só via perigos para a sua humildade.
 1730 Quando lhe traziam doentes para que ele os sarasse, ou mulheres
 possuídas dum demónio para que ele as purificasse — já Onofre
 recuava aterrado, batia no peito, gritava: «— Mas eu não sei!
 Não posso. Quem sou eu? O mais vil dos pecadores. Pedi a
 Deus, orai a Deus.» Mas a dor daquelas **almas** crédulas, ante
 1735 as suas súplicas desatendidas, dilacerava o coração de Onofre.
 E não era menor o tormento da sua dúvida. Se ele possuía na
 verdade o dom, por graça do Senhor, de sarar a carne doente,
 calmar as almas, — quanta era sua crueldade em não suprimir

1718-9: inconsciente, e ainda gentíllica] inconsciente e ainda gentíllica, [1912; 1970]

1720-1: não diferenciavam bem o Deus Novo, do velho] não diferenciavam bem o
 Deus Novo do velho Solitário [1912; 1970] [No Ms.: diferenciava; *adota-se a lição da tradição.*]

1721: os diques,] os bosques, [1912; 1970]

1723: reverência,] reverência [1912; 1970]

1728: Um surdo temor, [No Ms.: Uma surda temor; *adota-se a lição da tradição.*] [1912
abre parágrafo.]

1728: porque] porque, [1912; 1912]

1731: dum] de um [1970]

1731: Onofre [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Onofre.*]

1732: «— Mas] «Mas [1912; 1970]

1733: posso,] posso! [1912]

1734: daquelas **almas** crédulas,] daquelas almas crédulas [1912] daqueles crédulos [1970]

1735: desatendidas,] desatendidas [1970]

1737: verdade o dom, por graça do Senhor, de sarar] verdade, por graça do Senhor,
 o dom de sarar [1912; 1970]

1738: almas, —] almas, [1912; 1970]

essas aflições. Mas, também no exercício do Milagre, quantas pavorosas tentações do orgulho. E cada dia este tormento se alargava. Aquelas mãos desgrenhadas, que lhe gritavam entre soluços, «— Tem piedade do meu pobre filho!» Aqueles velhos aleijados, que do chão onde os retinha o mal, estendiam os braços, para ele, com ansiedade, murmurando «— Ah se tu quisesses!» — E ele forçado pelo terror de Deus, e dos riscos que corria a sua alma — forçado a não ter piedade, e forçado a não querer! Mas não comprometia ele também, com aquela dura inércia, o derramamento da Fé, e da Lei do Senhor? Não findariam aquelas gentes simples, por se desprender dum Deus, que eles viam tão desatento, e alheio **às suas** misérias? Já quando ele ensinava o Deus Novo, descobria nas faces em redor, desconfiança, e desdém. Nas suas longas orações então pedia ao Céu uma inspiração. Mas do Céu emudecido, e fechado para ele, nenhuma inspiração descia sobre o seu espírito angustiado. Redobrava as penitências, torturava com o cilício o seu pobre esqueleto, alargava os duros jejuns, clamava por Deus do fundo da sua incerteza. E Deus permanecia impenetrável. Com esta dor da sua alma, ele ia ficando mais macerado, mais

1739: aflições.] aflições? [1912; 1970]

1739: Mas, / Milagre.] Mas / milagre, [1912; 1970]

1740: orgulho.] orgulho! [1912]

1742: soluços, «— Tem / filho!» soluços: «Tem / filho» [1912; 1970. *Aspas conjecturadas.*]

1743: o mal,] o mal [1970]

1744: braços,] braços [1912; 1970]

1744: murmurando «— Ah] murmurando: «Ah [1912; 1970]

1745: quisesses!» — E ele] quisesses!» E ele, [1912; 1970]

1747: Mas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1748-9: findariam] findariam, [1970]

1749: dum Deus,] dum Deus [1912] de um Deus [1970]

1750: desatento,] desatento [1912; 1970]

1750: **às suas** misérias? [*No Ms.: aos seus misérias?; adota-se a lição da tradição.*]

1751: descobria nas faces] nas faces, [1912] descobria nas faces, [1970]

1752: desconfiança,] havia desconfiança [1912] desconfiança [1970]

1752: orações então] orações, então, [1912; 1970]

1753: ao Céu] ao céu [1912]

1753: do Céu] do céu [1912]

1756: alargava os] alongava os [1912; 1970]

1757: Deus [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Deus.*]

abatido, mais velho, do que com trinta anos de trabalhos no
 1760 Deserto. Já quási não se sustentava, direito: e caminhava tão
 trémulo apoiado ao seu bordão, que uma pouca de vento o
 poderia derrubar. A sua consolação seria que aquele povo o
 ultrajasse, pela sua crueldade, a sua resistência a fazer o bem
 supremo. Oh! se o amaldiçoassem! Se o apedrejassem! Cada pedra,
 1765 que o ferisse, a ofertaria ele ao Senhor, como uma evidência da
 sua humildade. Mas doce e tímida, aquela gente só se lamen-
 tava, como os que são abandonados. E sem sacudir a esperança,
 voltavam, insistiam em suplicar a sua intervenção onnipotente.

Um dia uma filha do velho que o recolhera, — não acor-
 1770 dou, branca e imóvel no seu catre, como se a alma, durante
 o sono, a tivesse para sempre deixado. Diante dele, de joelhos, o
 velho suplicava e chorava:

— Tu podes tudo. Sabes as artes. És amado de Deus!
 Os outros monges curavam, dispunham da vida. Salva, salva,
 1775 a minha filha do meu coração.

E, cheio de lágrimas também, Onofre sentiu a certeza de
 que se tocasse com as mãos na face da pobre rapariga, ela
 se ergueria curada, e sorrindo. E já estendia as mãos — quando,
 bruscamente, no seu espírito, passou, como o clarão do
 1780 inferno, o orgulho do seu poder. Então, recuou, aterrado,
 a tremer. O velho, de rojos, beijava os pés de Onofre.

1760: Deserto. Já quási] deserto. Já quase [1970]

1760-1: sustentava, / trémulo] sustentava / trémulo, [1912; 1970]

1761: uma pouca de vento] um pouco de vento [1912; 1970]

1763: ultrajasse,] ultrajasse [1912; 1970]

1764-5: Cada pedra, que o ferisse,] Cada pedra que o ferisse [1970]

1766: Mas] Mas, [1970; *abre parágrafo*.]

1769: Um dia] Um dia, [1970] [*1912 inicia aqui o capítulo x.*]

1769-70: recolhera, — não acordou,] recolhera, não acordou, — e ficou [1912] re-
 colhera não acordou [1970]

1770: se a alma] se alma [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição*.]

1774: salva,] salva [1912; 1970]

1776: sentiu [*Virgula eliminada*.]

1777: mãos [*Virgula eliminada*.]

1779: espírito,] espírito [1970]

1780: inferno,] Inferno, [1970]

1780: Então,] Então [1912 e 1970; *abrem parágrafo*.]

1781: O velho, [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

— Sê bom! Sê bom!

Mas Onofre via o Inferno, — e fugiu, fugiu, soluçando, arrepelando as barbas, num desespero infinito. Fugiu do casebre, fugiu da aldeia. Duas vezes caiu, tão trôpego, e débil. E ia atirando sempre os passos trémulos, para longe, para longe dos homens, e do seu perigo, para a solidão inviolável, onde não estivessem os homens, e estivesse a Morte. Todo o dia inteiro assim se arrastou. E o sol descia, num céu de ouro, quando os seus olhos cansados, e mal seguros através das lágrimas, avistaram arvoredos, e casais, outra aldeia, à orla dos areais. Onofre tinha fome e tinha sede: — e querendo só as forças, para continuar o sofrimento, arrastou os passos, para uma cabana, mais isolada, feita de adobe, e canas, apoiada com um ar de ruína, contra um antigo resto de muralha. Uma rapariga que voltava da fonte, pousara à porta da cabana, sobre uma pedra, o seu cântaro de barro: e vendo aquele velho, de imensas barbas, em farrapos, que avançava tropegamente, na poeira do caminho, arrimado ao seu bordão, ficou como à espera dele, com uma piedade, nos seus largos olhos negros. Onofre estendeu a mão, para

1784: infinito.] infinito... [1912; 1970]

1785: trôpego,] trôpego [1912; 1970]

1786-7: trémulos, para longe, para longe dos homens, e do] trémulos para longe dos homens e do [1912; 1970]

1788: Todo o dia inteiro] Todo o dia [1912]

1789: o sol descia,] o sol descia [1912] o Sol descia [1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de sol.*]

1790: olhos] olhos, [1912; 1970]

1791: à orla] na orla [1912; 1970]

1792: só as forças,] só forças [1912; 1970]

1793: passos, para uma cabana,] passos para uma cabana [1912; 1970]

1794: de adobe,] de adobe [1912; 1970]

1794-5: apoiada com um ar de ruína, contra um antigo] apoiada contra um longo muro, um antigo [1912; 1970]

1795: rapariga] rapariga, [1970]

1796: fonte,] fonte [1912; 1970]

1797: barro:] barro, [1912]

1798: tropegamente, na poeira do caminho,] tropegamente na poeira do caminho [1912]

1799: piedade,] piedade [1912; 1970]

1800: Onofre estendeu a mão,] Onofre estendeu a mão [1912; 1970]

uma esmola. Ela entrou na cabana, onde uma criança chorava, lentamente, num choro cansado, doente. Quando voltou com um pedaço de pão, duro e velho já Onofre se abatera de fadiga sobre o chão, com a cabeça encostada ao muro, os olhos
 1805 tristemente perdidos no céu, naquele céu, para onde em vão, a sua alma aspirava. Os íbis esvoaçavam recolhendo aos ninhos. Longos raios de ouro pálido passav**am** através das palmeiras: e longe, do lado do rio, vinha o mugir lento dos búfalos. Onofre comeu o pão da esmola; — e a boa rapariga inclinou para a sua
 1810 pobre boca ressequida e poeirenta, a borda do cântaro murmurando: — Que esta água alegre o teu coração.

Ele bebeu, louvando o Senhor, que manda a água aos que têm sede: — depois apanhou o seu bordão, e ajudado pela boa rapariga, de novo se ergueu, com um suspiro tão doloroso, que
 1815 os dous belos olhos negros se humedeceram.

E seguia, — quando à porta da cabana, uma mulher, pálida e magra, apareceu, trazendo ao colo, uma criancinha que um farrapo embrulhava. Onofre parou tomado duma infinita piedade por aquele pobre pequenino, todo encolhido nos braços
 1820 da mãe, com a facezinha caída contra o seu ombro, como uma

1801: cabana, / chorava,] cabana / chorava [1912] cabana / chorava, [1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Onofre.*]

1802: cansado, [No Ms. não existe vírgula; adota-se a lição da tradição.]

1802: Quando [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1803: pão,] pão [1912; 1970]

1803-4: abatera de fadiga] abatera, de fadiga, [1912; 1970]

1805: céu,] céu [1970]

1805: em vão,] em vão [1912; 1970]

1806: esvoaçavam] esvoaçavam, [1912; 1970]

1807: passav**am** [No Ms.: passav; adota-se a lição da tradição.]

1807: palmeiras:] palmeiras, [1912; 1970]

1810: cântaro] cântaro, [1970]

1811: — Que] — «Que [1912; 1970]

1811: coração.] coração» [1912; 1970]

1813: e ajudado] e, ajudado [1912; 1970]

1817 os dous] os dois [1970]

1816: cabana,] cabana [1912]

1817: ao colo,] ao colo [1912; 1970]

1818: Onofre parou] E Onofre parou [1912; 1970]

1818: duma] de uma [1970]

1825 flor tenra, quebrada pela haste, e já morta. Grossas crostas de
 feridas, arroxeadas, cobriam a sua miserável cabeça, onde todo o
 cabelo se despegara: a orelha era uma chaga: um **trapo** manchado
 de sangue seco cobria um dos seus olhos, recaía ainda sobre o
 1830 outro, amortecido, toldado de lágrimas: uma pele lívida e mole
 recobria os seus ombros: e o seu gemer não cessava, lento
 e cansado. Com tanta dor, e ternura, o considerava Onofre,
 que a pobre mãe contou como aquele mal lhe viera, quando ele
 chegara aos dous anos, e ela ficara, e a miséria se abatera sobre
 1835 o seu casebre. Com o filho nos braços, mendigando o seu pão,
 ela percorrera os Templos, onde os males se curam, escutara os
 conselhos dos que vêm de longe e conhecem as ervas Salutares.
 Mas o mal, de seu filho, nem homens nem Deuses, lho tinham
 curado. Tão pobre era que nem um pouco de leite alcançava para
 o consolar: — e sempre com ele nos braços, adormentando o seu
 sofrer, e sobre ele chorando, como podia trabalhar. A caridade
 dos vizinhos, pobres também, já se cansava. E em ninguém tinha
 esperança. Em ninguém tinha esperança!

Onofre, murmurou:

1840 — Jesus foi pequenino, e sofreu!

1821: morta. Grossas crostas] morta; crostas, [1970]

1822: feridas, arroxeadas,] feridas arroxeadas [1912; 1970]

1823: cabelo se despegara:] cabelo se despegava; [1912; 1970]

1823: uma chaga:] uma chaga; [1912]

1823: um **trapo** [No Ms.: um tra; *adota-se a lição da tradição*.]

1825: lágrimas:] lágrimas; [1912; 1970]

1826: ombros:] ombros; [1912; 1970.]

1827: Com [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

1827: dor, e ternura,] dor e ternura [1912; 1970]

1829: ela ficara,] ela ficara viúva, [1912; 1970]

1831: Templos,] templos, [1970]

1832: Salutares.] salutares. [1912; 1970]

1833: o mal,] o mal [1912; 1970]

1833: Deuses,] Deuses [1912] deuses [1970]

1836: trabalhar.] trabalhar? [1912; 1970]

1839: Onofre,] Onofre [1912; 1970]

1840: — Jesus [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de Jesus.*]

E então uma Voz, lenta e triste, mas em que havia a certeza e o orgulho duma Força, murmurou, dentro dele: — Ah se tu quisesses Onofre.

1845 Todo ele tremeu. Se quisesse! Era outra vez o Inimigo incansável que lhe soprava na alma o calor do Pecado. Sim! Se ele quisesse... Aquelas feridas secariam, e aquele gemer findaria — e, o pobre corpinho, como um galho seco, reverdecia, cheio de seiva nova. E logo nele, para sua perdição, se desencadearia o orgulho do seu Poder! Não, não! Ele bem sentia
1850 o Inimigo, tentando penetrar nele, pela porta da sua Piedade, entreaberta. E sempre a sua perdição estaria, onde estivesse a humanidade. Só no seu ermo havia segurança.

Murmurou uma benção à mãe desgraçada e ia partir, desesperado. Mas a criancinha gemeu — ele parou ainda com
1855 um longo suspiro. Oh doce inocentinho, que toda a longa noite, ia assim gemer, tão dolorido, talvez com fome... E ninguém o curaria. E não tinha ninguém! Os lábios de Onofre tremiam.

— Oh meu pobre menino, meu pobre menino!

1841: em que [No Ms.: em que em que]

1842: murmurou,] murmurou [1912; 1970]

1842-3: — Ah se tu quisesses Onofre.] «Ah! se tu quisesses, Onofre!» [1912] «Ah! se tu quisesses, Onofre...» [1970]

1846: quisesse... Aquelas] quisesse — aquelas [1912]

1847: findaria — e,] findaria, e [1912; 1970]

1850: nele, / Piedade,] nele / piedade [1912]

1851: perdição estaria,] perdição estava [1912; 1970]

1852: humanidade.] humanidade! [1912]

1852: no seu ermo] no ermo [1912; 1970]

1853: Murmurou [1912 e 1970 não abrem parágrafo.]

1853: desgraçada e] desgraçada, e [Virgula eliminada depois de benção.]

1855-6: noite, ia assim gemer,] noite ia assim gemer [1912; 1970]

1856: fome...] fome!... [1912]

1857: o curaria.] o curava. [1912; 1970]

1858: menino!] menino! exclamou. [1912; 1970]

Então a criancinha ergueu a cabeça devagar, e com um
1860 gemido maior, um ai tão triste, levou a tremer a mãozinha
magra, ao seu pobre olho coberto de trapos.

Uma violenta, desesperada piedade invadiu o coração de
Onofre. Arrojou o cajado, gritou:

— Pois bem, que importa que a minha alma se abisme,
1865 no orgulho e no mal!

E com a face que flamejava, os cabelos erriçados, de
terror divino, arrebatou a criança, levantou-a toda para o céu.
E diante da mãe espavorida, Onofre bradava:

— Meu Deus, dá-me o meu salário. Setenta anos te servi!
1870 Por ti, sofri todos os tormentos do Deserto! E, sem descanso,
sem um queixume, sem um pedido, trabalhei na tua obra. Dá-me
o salário que me deves! Que esta criancinha me sare aqui entre
as mãos, e estou pago. Depois, se quiseres abandona a
minha alma!

1875 Os seus braços trémulos, sem força, deixaram cair a crian-
ça — que a mãe agarrou, apertou, sofregamente. Oh Prodígio.
Estava sã! Secas todas as feridas da face! Redivivos e límpidos os
olhos, e que num momento se alargavam e sorriam! Fresca
e cheia, e rosada por um sangue novo a **criancinha**, que o

1859: criancinha [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de criancinha.*]

1860: um ai] um *ai* [1912]

1860: levou [*Vírgula suprimida.*]

1861: magra,] magra [1912; 1970]

1864: — Pois bem, que importa] — Pois bem, que importa! [1912; 1970] [*A vírgula não existe no manuscrito; adota-se a lição da tradição.*]

1864: abisme,] abisme [1912; 1970]

1866: erriçados,] eriçados [1912; 1970]

1867: céu.] Céu. [1970]

1869: servi!] servi. [1912; 1970]

1870: Por ti,] Por ti [1912; 1970]

1870: Deserto!] deserto! [1970]

1873: mãos,] mãos, — [1912]

1873: quiseres] quiseres, [1912; 1970]

1876: Oh Prodígio.] Mas, oh prodígio! [1912] Oh prodígio! [1970]

1878: e que num] que num [1912; 1970]

1878: Fresca,] Fresca [1912]

1879: novo] novo, [1912; 1970]

1879: a **criancinha** [*No Ms.: a carnecezinha; adota-se a lição da tradição.*]

1880 mal chupara... E colhida nos braços da mãe já adormecera, num longo, doce, infinito e profundo repouso. Com ele, assim no colo, tão quieto, tão são, ela **na** grande alegria do prodígio, nem se movia sufocada: — e dos seus lábios trémulos, só fugia, por fim um grito abafado de inquietação:

1885 — E para sempre? E para sempre?
Mas Onofre, já desaparecera.

Deslumbrado, espavorido, corra tropeçando, ao longo da velha muralha, com os cabelos ao vento, as mãos ao céu. Furiosamente, na sua alma se erguera logo a certeza da sua santidade. E debalde ele queria recalcar, sufocar, aquela afirmação do Orgulho, que nele se desenroscara, como uma serpente acordada e faminta «Não! Não era tanto. Fora Deus, só Deus que fizera o Prodígio. Só ele devia ser louvado, na sua Misericórdia sublime!» Mas vozes confusas, violentas, silvavam, cantavam nas profundidades do seu ser: «Foste tu! Deus só escuta aqueles que ama. Tu és o amado de Deus. A manifestação do seu amor, é a concessão da Bem-Aventura. O Céu é teu. **Em** ti reside a virtude celeste! Toca com as tuas mãos um galho seco e ele reverdecerá!»

1880: chupara... E colhida] chupara, colhida [1912; 1970]

1880: mãe já adormecera,] mãe, já adormecera [1912] mãe, já adormecera, [1970]

1881: infinito e [Segue-se a lição da tradição]

1881-2: Com ele, assim no colo,] Com ele assim no colo [1912] Com ela assim no colo [1970] [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1882: tão quieto, tão são,] tão quieta, tão sã, [1970]

1882: ela **na** grande] ela, na grande [1912] a mãe, na grande [No Ms.: ela grande; adota-se a lição de 1912.]

1883: trémulos,] trémulos [1970]

1884: só fugia,] só fugira [1912; 1970]

1885: — E para / E para] É para / É para [1970]

1886: Onofre,] Onofre [1912; 1970]

1887: corra tropeçando,] corria tropeçando, [1912; 1970]

1889: Furiosamente, na sua alma] Furiosamente, na sua alma, [1912; 1970; abrem parágrafo.]

1890-1: sufocar, / Orgulho, / se desenroscara,] sufocar / orgulho, / se desenroscava [1912; 1970]

1893: o Prodígio,] o prodígio. [1912; 1970]

1893-4: Misericórdia] misericórdia [1970]

1894: Mas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1897: amor,] amor [1912; 1970]

1897: O Céu] O céu [1912]

1898: **Em** ti [No Ms.: E ti; adota-se a lição da tradição,]

1900 Oh, estava pois plenamente invadido pelo irremediável
Orgulho. Só aniquilando o seu espírito ele poderia destruir o
Mal que nele habitava. Toda a mortificação da carne era inú-
til — porque sempre, aquela luz de Inteligência que dentro
dele tremia, seria feita de fogo do Inferno. Estava perdido! Estava
1905 perdido!

Caiu com a face no chão, junto às muralhas, que o sol
poente cobria de cor-de-rosa — e ali ficou, para sempre e
para morrer. Aquela alma perversa, que ele trazia em si como
uma fera indomável, estava destinada aos Tormentos sem-
1910 piternos. Pois bem, que neles se afundasse depressa — por
quanto mais errasse sobre a Terra, mais afrontaria o Senhor.
Adeus, pois, oh vida! Quanto estéril, e inútil lhe fora porque
lhe não servira para vencer a Morte.

E com a face no pó, os braços estendidos no pó, colando-se
1915 todo àquele pó, em que queria abismar o seu ser, soluçava:
— Vida inútil, vida estéril...

Mas então, pensou naquela criancinha, que agora dor-
mia, sã, livre de toda a dor, e tão docemente nos braços de sua
mãe. Inútil a sua vida? Não. Ele descia aos abismos, arrastado

1900: Oh, estava pois] Estava, pois, [1912; 1970] [*No Ms. há, entre Oh e estava, uma palavra ilegível; a vírgula é conjecturada.*]

1903: sempre,] sempre [1912]

1903: Inteligência] Inteligência, [1912; 1970]

1904: perdido!] perdido. [1970]

1906: muralhas,] muralhas [1912; 1970]

1907: rosa —] rosa, [1912; 1970]

1907: sempre] sempre, [1912; 1970]

1909: Tormentos] tormentos [1912; 1970]

1910: Pois bem,] Pois bem! [1912]

1910-1: por quanto] porque, quanto [1912] porquanto [1970]

1911: a Terra,] a terra, [1912]

1912: vida!] Vida! [1912; 1970]

1912: Quanto estéril,] Quão estéril, [1912; 1970]

1912-3: fora porque lhe] fora, pois que lhe [1912] fora, porque lhe [1970]

1913: Morte.] Morte! [1912]

1915: em que queria abismar] em que abismasse [1970]

1916: estéril...] estéril!... [1912]

1917: Mas] Mas, [1912; 1970]

1917: que agora] que, agora, [1970]

1919: abismos,] abismos [1912; 1970]

1920 pelo Orgulho — mas ao menos, no mundo ficava, por obra dele, **esse** pobre pequenino, que já não sofria, nem levava gemendo, a mãozinha, à sua pobre face cheia de chagas.

Então, uma Voz muito doce, murmurou sobre ele:

— Onofre!

1925 O velho ergueu a face lentamente, depois o corpo trémulo, e começou, mandado, a caminhar. Mas os seus passos tremiam tanto, que se encostou ao velho muro, que ele mal via já, sob a névoa, de lágrimas, de desmaio, que o velava.

Assim se arrastou um momento, tremendo, gemendo.

1930 Mais doce, e cheia de carinho, a Voz ao seu lado murmurou:
— Onofre!

Então Onofre voltou a face, — avistou uma forma que resplandecia toda de brancura, na solidão do crepúsculo. Mudo, já todo frio, deu para ela um lento passo — e desfaleceu,
1935 caiu sobre o seio **de** Jesus Cristo, Nosso Senhor, que o apertou docemente nos braços e o levou consigo para o Céu, no esplendor de ouro da tarde.

1920: Orgulho — mas] orgulho — mas, [1912; 1970]

1921: **esse** pobre pequenino, [No Ms.: e uma pobre [criancinha] pequenino, *Adota-se a lição da tradição.*]

1921-2: levava / mãozinha, / chagas.] levava, / mãozinha / chagas! [1912]

1923: Voz / doce,] voz / doce [1970]

1926: começou, mandado,] começou [1912; 1970]

1927-8: muro, / névoa,] muro / névoa [1912]

1928: de desmaio, que o velava.] e no desmaio, que lho velava. [1912] de desmaio, que lho velava. [1970]

1930: Mais doce,] Mas, doce [1912; 1970]

1930: Voz] voz [1970]

1932: — avistou] — e avistou [1912; 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de avistou.*]

1933: toda] toda, [1912; 1970]

1935: seio **de** Jesus] seio Jesus [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1936: braços] braços, [1912; 1970]

1936: Céu,] céu, [1912]

S. FREI GIL

O solar de D. **Rui**, Senhor de Mortágua, Selores e Gonf-
lim, era, a duas léguas duras de Vouzela, numa colina, por onde
descia, espalhada até ao rio, entre olivais e vinhedos, a aldeia de
Gonfelim. Um fosso, uma muralha delgada e simples como um
5 muro de herdade, uma torre construída em tempos da Senhora
Rainha D. Tareja, defendiam a casa térrea, a capela, os celeiros,
o forno, o pátio bem lajeado, onde dous chorões davam fres-
cura e sombra a uma fonte de bronze. Para além um alto silvado,
coberto de amoras pelo S. João, envolvia a abegoaria, a eira clara,
10 o redil, um pomar bem regado, e o campo de tavolagem: — e
depois, por todo o outro pendor do outeiro, lento e suave, ver-
dejavam os pastios de gado.

No fundo do vale, o ribeiro, frio e límpido, toldado de arvo-
redo, saltava e espumava entre grossas pedras claras: um mosteiro
15 rico de Domínicos ocupava toda a colina fronteira a Gonfelim,
com a sua vasta, frondosa cerca: — e as duas margens eram ligadas
por uma velha ponte romana dum só arco, onde o bom Senhor,
para purificar a obra e a pedra pagã, mandara erguer um cruzeiro.

1-2: D. **Rui**, Senhor de Mortágua, Selores e Gonfelim, era,] D. Rui de Valadares, senhor
de Mortágua e Gonfelim, era [1912; 1970] [*No Ms. D. Sueiro; adota-se o nome D. Rui, última
vontade do autor no decorrer da narrativa; as ocorrências seguintes não são anotadas, apresentando-se a variante
a negrito no corpo do texto. A edição de 1912 dividiu o texto em capítulos, iniciando aqui o capítulo I.*]

5-6: Senhora Rainha] senhora rainha [1970]

7: o forno,] o o forno [Ms.] [*Repetição por mudança de folha.*]

7: dous [Grafia adotada em 1970 e em 1912 (neste caso com uma exceção): dois]

17: dum só / Senhor] de um só / senhor [1970]

Desde muito naquelas terras, os anos tinham sido de paz; as
 20 correntes da ponte levadiça, que se não **levantava**, estavam perras
 e cobertas de ferrugem: as ervas bravas cresciam nos fossos secos:
 na velha torre, donde se retirara até o besteiro que lá costumava
 dormir, havia agora um pombal: — e o bom Senhor D. **Rui**
 engordara tanto que nem saía à serra com os seus falcões, nem
 25 mesmo cavalgava o seu bom ginete por nome *Almansor*, muito
 gordo também, e para sempre ocioso, diante da manjedoura cheia.

D. **Rui** desposara a neta de mestre Ariberto, Cancelário do
 Senhor Rei D. Sancho; e não havia, em toda a Beira, dona de me-
 lhor diligência e ordem no governo da sua casa. Trigueira, de olhos
 30 pestanudos e meigos, com um buço, e um peito de rola farta,
 D. **Tareja**, logo desde a alvorada, fazendo tilintar o seu grosso molho
 de chaves, distribuía a tarefa às aias, visitava a despensa e a capoeira,
 vigiava a fornada do pão, escolhia a fruta no pomar, — e mesmo,
 arrastando o seu longo vestido por sobre a terra ainda húmida ia
 35 procurar as ervas salutares para compor os unguentos domésticos.
 Todo o solar por isso resplandecia de gravidade e asseio. Nas lájeas
 do pátio não crescia uma erva. No rebordo de cada janela havia um
 manjerição bem regado e fresco. Bem esfregados a carqueja os soa-
 lhos pareciam sempre de madeira nova. Das arcas cheias de roupa
 40 de linho saía um bom cheiro de alfazema. Os pratos e os pichéis

19: Desde muito] Desde muito, [1912] Desde há muito [1970]

20: **levantava**,] baixava, [Ms.; *adota-se a lição da tradição*.]

21: ferrugem:] ferrugem; [1912]

21-2: secos: / torre, / besteiro] secos; / torre / besteiro, [1912]

23: Senhor] senhor [Ms.; 1970] [*Adota-se a lição de 1912*.]

24: tanto] tanto, [1912; 1970]

25-6: ginete / ocioso,] ginete, / ocioso [1912; 1970]

27-8: Cancelário do Senhor Rei] cancelário do senhor rei [1970]

29: da sua] de sua [1912; 1970]

31: D. **Tareja** [No Ms. D. Tereza; *adota-se o nome D. Tareja, última vontade do autor no decorrer da narrativa, tal como fizeram as edições da tradição; as ocorrências seguintes não são anotadas, apresentando-se a variante a negrito no corpo do texto*.]

34: vestido por sobre] vestido sobre [1912; 1970]

35: salutares] salutares, [1970]

36: Nas lájeas] Nas lajes [1912; 1970]

38: carqueja] carqueja, [1970]

39-40: arcas / linho] arcas, / linho, [1912]

de estanho sobre os bufetes, refletiam, como espelhos, os labores das altas cadeiras de espaldar, as listas vistosas das cortinas, ou os ramalhetes de açucenas e rosas, transbordando dos vasos de barro vidrado.

45 Ocioso e risonho, com uma larga simarra de pano orlada de peles de raposa que lhe descia até aos sapatos de couro vermelho, o bom Senhor D. **Rui** cofiava a sua barba, através do seu solar, gozando esta paz e esta ordem. Os seus dias corriam retirados e doces, como num mosteiro rico — e raramente tomava o seu
50 bastão de cabo de prata, para transpor a velha ponte levadiça. Pelos tempos chuvosos, o bom Senhor de janela em janela, contemplava o vale, o arvoredado molhado, as duas torres do mosteiro; aquecia pacientemente as mãos ao braseiro; abria o cofre de ferro, pregado no chão aos pés do seu leito, e contava o seu
55 dinheiro; ou ia observar no bocal de vidro, se as sanguessugas, subindo à flor da água, anunciavam o norte e o bom tempo. Nos dias de sol, percorria devagar a sua horta, pelas ruas orladas de alfazema; visitava os seus galgos, que, ociosos, e gordos também, dormitavam pesadamente; descia ao lagar, depois à eira, sorrindo
60 paternalmente aos servos que dobravam o joelho; e terminava por descansar, num caramanchão de rosas, escutando o murmúrio lento das águas de rega.

41: de estanho] de estanho, [1912; 1970]

41: labores] lavor [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

42: as listas] as listras [1970]

46: raposa] raposa, [1912]

46: couro vermelho,] couro vermelho [Ms.; *adota-se a lição da tradição.*]

47: Senhor] senhor [1970]

51: Senhor] Senhor, [1912] senhor, [1970]

52: contemplava] contemplando [Ms.; *adota-se a lição da tradição.*]

53: mosteiro; aquecia] mosteiro; ou aquecia [1912; 1970]

53: braseiro; abria] braseiro; ou abria [1912]

55: vidro,] vidro [1912; 1970]

55: sanguessugas, [*O negrito indica, em ocorrências similares, que se adota a lição da tradição, quanto à pontuação.*]

57: sol,] sol [1912; 1970]

60: servos] servos, [1912; 1970]

O toque de Trindades anunciava a ceia. Na sala separada da cozinha, por um arco de cantaria, as grossas malgas de caldo
 65 fumegavam sobre o carvalho nu da tábola, entre pães de sêmea, e fortes pichéis de vinho. O bom Senhor, tendo as mãos na água, perfumada de vinagre, que o servo entornava dum grande jarro de cobre, ocupava a sua cadeira senhorial. O capelão defronte dizia o *benedicite*. — e D. **Tareja** tirava todos os seus anéis para deitar
 70 dentro da sua malga a côdea escura do pão. O bom Senhor comia com lentidão e silêncio. O vinho do seu pichel era renovado pelo Intendente que, a cada instante, se erguia com a boca cheia, e ia encher o pichel senhorial, ao pipo pousado a um canto sobre barrotes de madeira. Depois do porco assado, vinha uma ave,
 75 galinha ou pato, que D. **Rui** partia com os dedos — limpando-os aos pelos do lebréu, sentado a seu lado à espera dos ossos. Nas tardes de verão, o maioral dos gados vinha junto da janela da sala, tocar na flauta de barro. E quando o servo retirava as frutas, apinhadas em seiras de esparto, e outro punha sobre a mesa vazia
 80 dous candis, o capelão ia buscar um grosso fólio, que abria, e lentamente, emperrando nas letras, lia a vida dum Santo, ou uma batalha do *Tesouro das Batalhas* que conta todas as grandes guerras, desde a que os Anjos maus travaram com os Anjos bons. D. **Tareja**

63-4: sala separada da cozinha,] sala, separada da cozinha [1912; 1970]

66: Senhor,] senhor, [1970]

66: tendo as mãos] tendo lavado as mãos [1912; 1970]

67: dum grande] de um grande [1970]

69: anéis] anéis, [1970]

70: Senhor] senhor [1970]

72: Intendente] intendente [1970]

72: cheia,] cheia [1912; 1970]

73: senhorial, / canto] senhorial / canto, [1912; 1970]

75: dedos —] dedos, [1912; 1970]

76: lado] lado, [1912; 1970]

77: verão,] verão [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

77-8: janela da sala,] janela da sala [1912; 1970] [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em gados.*]

80: grosso-fólio,] grosso in-fólio [1912; 1970]

81: dum Santo,] dum santo, [1912] de um santo, [1970]

82: *Tesouro das Batalhas*] *Tesouro das Batalhas*, [1912] «*Tesouro das Batalhas*» [1970]

83: Anjos maus / Anjos bons.] anjos maus / anjos bons. [1970]

85 tomava a sua roca, e fiava, ou dava alguns pontos, no frontal
que havia dez anos andava bordando para a Igreja do Convento.
O bom Senhor com as mãos sobre o estômago dormitava.
E quando o capelão parava, a beber um golo de água, ouvia-se
ranger o catavento de ferro — ou, nas noites de verão, o canto
triste dos sapos nas relvas.

90 Mas com um gesto, D. **Tareja**, detinha o Santo homem que
fazia uma dobra na página do seu in-fólio. O Intendente à
porta da cozinha batia as palmas, todos os servos entravam,
mesmo o pastor com o seu surrão. E era o bom Senhor, que
de pé, e ainda sonolento, rezava a primeira Ave-Maria do Terço.
95 Depois D. **Tareja** fechava os bufetes, tomava um candil, um
pichel de vinho preparado com mel e canela, e subia com o seu
Senhor, para o quarto, a repousar no vasto leito de carvalho,
que tinha três varas de largo.

Assim a existência corria, igual e serena, no solar de Gon-
100 falim. Às vezes algum Rico-homem, dos arredores, parente de
D. **Rui**, vinha, com os seus cães, e escudeiros, desmontar no
pátio tranquilo. D. **Tareja**, corria, ao portal, trazendo uma toa-
lha bordada, um jarro de água, que derramava sobre as mãos
do hóspede. Atirava-se à pressa lenha na lareira, para assar, nos
105 espetos de azinheiro, um cabrito, ou um leitão: e das arcas saía
um tapete do Oriente que se estendia sobre as lajes do quarto

84: sua roca, / frontal] sua roca / frontal, [1912; 1970]

86: Senhor] senhor, [1970]

86: estômago] estômago, [1970]

87: um golo] um gole [1970]

90: **Tareja**, detinha o Santo homem] Tareja detinha o santo homem, [1912; 1970]

91: seu in-fólio.] seu fólio. [1912; 1970]

91-2: Intendente / cozinha] Intendente, / cozinha, [1912; 1970]

92: as palmas] as as palmas [Ms.; *repetição por mudança de página.*]

92: servos, [De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em servos.]

93: Senhor,] senhor [1912] Senhor [1970]

94: Ave-Maria] Ave-Maria [1912] ave-maria [1970]

97: Senhor,] Senhor [1912] senhor [1970]

100: Rico-homem,] Rico-Homem [1912] rico-homem [1970]

101: cães,] cães [1912; 1970]

102: D. **Tareja**, corria, ao portal,] D. Tareja corria ao portal, [1912; 1970]

104: lareira,] lareira [1912]

105: leitão: e das] leitão: das [1912; 1970]

de Honra, onde as maçãs, apilhadas sobre os armários, davam um cheiro doce e acre: as tochas de cera ardiam na sala até tarde, — e os Senhores conversavam de parentes, de colheitas, dalgum novo milagre, das honras devassadas pelos corregedores de El-Rei, e dos maus tempos que corriam para os homens fidalgos. Outras vezes eram menestréis errantes que passavam, pediam agasalho — e, depois da ceia, tangendo o violino ou a frauta, cantavam as cantigas novas, diziam histórias maravilhosas de paladinos de França, — ou repetiam as histórias que tinham ouvido, nas estalagens, ou nas lareiras doutros solares, sobre as guerras que o Senhor Rei fazia aos mouros, para além do Tejo. Mas o que mais agradava a D. **Tareja** era a passagem dos monges mendicantes: esses sabiam os milagres novos, os casamentos fidalgos de Viseu e de Lamego, receitas de doces ou de unguentos, e histórias de peregrinos que tinham afrontado os mares, e visto o vero túmulo do Senhor Jesus Cristo, ainda tinto do seu sangue fresco. Estas eram as distrações destes Senhores excelentes. Pelo Natal havia um presépio na Capela, com missa cantada pelos frades do convento, e uma ceia em que se comia o porco novo. Nos anos de D. **Rui**, arrombava-se uma pipa de vinho, no campo da tavolagem, e os moços de Gonfalom faziam grandes jogos de bola, e lutas. E não havia naqueles arredores mais alegre fogueira, do que a **que** se acendia, entre danças e cantos, no terreiro em frente da ponte levadiça, por noite de S. João.

106-7: Oriente / Honra,] Oriente, / honra, [1970]

109: tarde, — e os Senhores] tarde — e os senhores [1912; 1970]

110: dalgum] de algum [1970]

110: milagre,] milagre [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

111: de El-Rei,] de el-rei, [1970]

113: — e,] — e [1912; 1970]

115: França, —] França — [1912; 1970; *elimina-se a vírgula depois de repetiam.*]

116: doutros] de outros [1970]

123: Estas [1912 *abre parágrafo.*]

123: Senhores] senhore [1970]

124: Capela,] capela, [1912; 1970]

125: convento,] convento [1912; 1970]

129: fogueira,] fogueira [1970]

129: a **que**] a [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

130: terreiro] terreiro, [1912; 1970]

Assim os anos tinham corrido no solar de Gonfalom, quietos e iguais, quando D. Tareja, sentiu, alvoroçada, em si, um começo de maternidade. Foi um pasmo, uma magnífica alegria. Longos anos eles tinham desejado, esperado com ardor um filho: — e para o
 135 obter D. Tareja fizera promessas, invocara todos os padroeiros da fecundidade, acendera durante trinta dias trinta velas a Santa Margarida, bebera da água de sagna-canina, trouxera muito tempo sobre a cinta uma pele de coelha. Mas a doce esperança não se encarnava; e o bom Senhor D. Rui resignado decidira deixar o seu senhorio, e
 140 o dinheiro das suas arcas, a um afillhado de sua mulher, moço lido em livros, e que era provedor de El-Rei em Lamego. Muitas vezes porém suspirava, vendo, por vezes diante dum casebre, um vilão, que com o filho sobre os joelhos, construía uma armadilha para os pássaros, — ou um velho que sorria, amparado nos seus passos
 145 trôpegos por um moço forte, e cheio de respeito. Agora porém chegava o bem de que desesperara: — e o bom Senhor repentinamente remoçado, com a face toda risonha e dilatada no orgulho da sua paternidade, começou, por todos os arredores, a anunciar a nova esplêndida — até a um sórdido Ermitão que vivia numa

131: corrido] corrido, [1912]

132: D. Tareja,] D. Tareja [1912; 1970]

133: Foi [1912 abre parágrafo.]

134: ardor um filho:] ardor, um filho; [1912; 1970]

136: acendera durante trinta dias] acendera durante, trinta dias, [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição,*]

137: bebera da água] bebera água [1912; 1970]

138: de coelha.] de coelho. [1970]

139: Senhor D. Rui resignado] Senhor D. Rui, resignado, [1912] senhor D. Rui, resignado, [1970]

141: de El-Rei] de el-rei [1970]

141-2: vezes porém] vezes, porém, [1970]

142: vendo, por vezes diante dum] vendo, diante dum [1912] vendo, por vezes, diante de um [1970]

142-3: vilão, que] vilão que, [1912; 1970]

144: pássaros, —] pássaros, [1970]

144: velho que sorria,] velho sorria, [1970]

145-6: Agora porém chegava] Agora, porém, chegava [1912; 1970]

146: desesperara: — e o bom Senhor] desesperara. O bom Senhor [1912] desesperara — e o bom senhor, [1970]

148: arredores,] arredores [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição,*]

149: Ermitão] ermitão [1912; 1970]

150 cova no fundo do vale, até ao tosquiador que viera à tosquia dos gados. Um recoveiro partiu logo, para Lamego, a encomendar ao mestre entalhador, um berço de grande riqueza. Todas as aias, tirando das arcas os linhos mais finos, trabalhavam no enxoval: — e D. Tareja ao fim do primeiro mês fora comun-

155 gar ao Mosteiro, para que a Hóstia divina fosse o primeiro alimento do menino bem-desejado. De que cuidados cercava o bom Senhor aquela dona excelente, cujo ventre lhe parecia precioso como um sacrário.

Inquieto, constantemente lhe tirava das mãos com bran-

160 dura as chaves da despensa para que ela se não fatigasse nos governos do solar. Ele, só ele, preparava o vinho reconfortante, com canela, mel, ervas aromáticas, que lhe devia dar força e valor: — e sem cessar, quando ela caminhava, estendia os braços, receando todos os degraus, qualquer pedra, uma prega-

165 do vestido em que ela tropeçasse. Era então inverno, um inverno muito duro, que todas as manhãs branqueava de neve os prados, e os tetos dos casebres: e D. Rui, e **D. Tareja**, sentados ao braseiro infundavelmente conversavam sobre o «seu menino». Ele tinha já o seu destino tão claro e marcado, como se um letrado o tivesse escrito num códice. O seu nome seria Gil Mendo: os melhores leitores do Mosteiro vizinho e amigo

170 lhe ensinariam as letras, a escrita, e a arte de contar: escudei-

151: logo,] logo [1912; 1970]

152: entalhador,] entalhador [1912; 1970]

154: D. Tareja / mês] D. Tareja, / mês, [1912; 1970]

155: Mosteiro,] mosteiro, [1970]

156: De [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

157: Senhor] senhor [1970]

158: sacrário.] sacrário! [1912]

160: despensa] despensa, [1912; 1970]

162: dar força] dar forças [1912; 1970]

165: em que ela] em que [1970].

165: Era [1912 abre parágrafo.]

165-6: um inverno] um um Inverno [Ms] [*Repetição por mudança de folha.*]

167: prados,] prados [1970]

167: D. Rui,] D. Rui [1912; 1970]

168: braseiro] braseiro [1912; 1970]

171: Mosteiro] mosteiro [1970]

172: contar:] contar; [1912]

ros hábeis viriam adestrá-lo na arte de cavalgar, no manejo das
 armas, e tudo o que pertence à caça: depois ele, D. Rui,
 175 o levaria aos bispados de Lamego, do Porto, de Coimbra,
 para **que** conhecesse as cidades, e tratasse com os Ricos-homens.
 Depois casaria com uma dama virtuosa, de rica linhagem e
 governaria, em tranquilidade o seu senhorio — porque nenhum
 deles desejava que o seu filho afrontasse os perigos das guerras,
 180 ou se partisse para terras estranhas. E quando assim conver-
 savam, a ambos vinha uma inquietação que não diziam —
 porque certas Palavras, quando soltas, são apanhadas pelos
 Espíritos maus, que as condensam e delas fazem cousas reais
 e vivas. Se Gil nascesse torto ou mudo?... Então D. Tareja
 185 ia escondidamente à capela fazer promessas à Senhora da
 Boa Saúde — e D. Rui reclamava do Capelão que mais
 uma vez percorresse o Tombo do seu solar, para ver se jamais
 varão da sua raça nascera com mau defeito. Mas a certeza que
 todos os seus avoengos, desde os Godos, eram robustos, e de
 190 belo porte, não calmava a sua inquietação: — e tendo uma
 manhã avistado uma gralha pousada no rebordo do seu apo-
 sento, o que poderia tornar o menino gago — de tanta angús-
 tia se tomou, que os maus humores se lhe extravasaram,
 e amarelo como uma cidra, jazeu uma semana no seu vasto

176: para **que** conhecesse as cidades, e tratasse] para conhecesse as cidades, e tratasse [Ms.]
 para conhecer as cidades e tratar [1912; 1970] [*Palavra conjeturada para correção gramatical da frase.*]

176: Ricos-homens] Ricos-Homens [1912] ricos-homens [1970]

177-8: linhagem / tranquilidade] linhagem, / tranquilidade, [1912; 1970]

180: E quando [1912 abre parágrafo.]

181: inquietação,] inquietação [1912; 1970]

182: Palavras,] palavras, [1912; 1970]

183: Espíritos] espíritos [1970]

183: cousas [Grafia adotada em 1970: coisas; em 1912: cousa, com uma exceção.]

186: D. Rui [De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em D. Rui]

186: Capelão] capelão [1970]

187: jamais [Elimina-se a vírgula.]

188: com mau] com algum [1912; 1970]

189: Godos,] godos, [1912]

190: inquietação: — e] inquietação — e, [1970]

191: gralha pousada] gralha que pousara [1912; 1970]

192: gago — de] gago, de [1970]

195 leito, entregue às drogas de Mestre Álvaro Porcalho, o bom
Físico que viera à pressa de Viseu montado na sua mula.
Por conselho dele D. Tareja nunca mais tocou água fria, e só
bebeu caldos de cobra. Mas uma ansiedade maior entrou na
alma do bom Senhor — porque Mestre Porcalho, depois de
200 bem examinar o interior das pálpebras de D. Tareja, e cer-
tas sardas que tinha na testa, abanava a cabeça gravemente, e
não podia afirmar que o menino fosse varão! Decerto o
bom Senhor amaria uma menina que viesse com as suas frágeis
graças, e a sua doçura, alegrar a severidade fria da sua vivenda.
205 Mas com quanto mais amor, e orgulho, e tranquilidade junta-
mente, ele receberia um varão, para continuar a sua casa, reger
os seus bens. Mandou então chamar um Astrólogo famoso,
Mestre Leonardo, que vivia numa velha ruína do tempo do
Conde Ordonho, junto aos muros de Lamego. Bem provido,
210 com um cântaro de vinho, e um empadão o douto homem
passou a noite, uma clara noite de março, com astros bem
claros e fáceis de ler, na torre de menagem, donde espantara
as pombas, a preparar o seu horóscopo: — e D. Rui teve
a dita de ouvir, que seu filho seria varão, venceria os infiéis,
215 entraria nos Conselhos de El-Rei, e desposaria a filha dum
Rico-homem poderoso, que tinha três Castelos, e a vassalagem

195: drogas de] drogas do [1912; 1970]

195-6: Mestre / Físico] mestre / físico [1970]

196: Viseu] Viseu, [1912; 1970]

197 conselho dele] conselho dele, [1912; 1970]

199: Senhor / Mestre] senhor / mestre [1970]

202: que o menino fosse varão!] que a criança fosse um varão! [1912; 1970]

203: bom Senhor] bom senhor, [1970]

203-4: amaria uma menina que viesse com as suas frágeis graças,] amaria uma menina
que viesse, com as suas frágeis graças, [1912; 1970]

207: seus bens.] seus bens! [1912]

207-8: Astrólogo / Mestre] astrólogo / mestre [1970]

209: Conde] conde [1970]

210: vinho, e um empadão] vinho e um empadão, [1912; 1970]

214: ouvir,] ouvir [1912; 1970]

215: Conselhos de El-Rei,] conselhos de el-rei, [1970]

215-6: dum Rico-homem] dum Rico-Homem [1912] de um rico-homem [1970]

216: Castelos,] castelos, [1912; 1970]

216: e a vassalagem] e vassalagem [1912; 1970]

de três vilas. Senhorialmente pago, Mestre Leonardo recaval-
 gou a sua mula, e deixava o solar, quando, junto da ponte leva-
 diça, indo o sol já alto, encontrou Mestre Porcalho, que com
 220 a sua caixa de simples a tiracolo, a seringa de estanho dentro
 dum saco, recolhia de visitar o armeiro de Gonfálim. Imedia-
 tamente os dous sábios, do alto das suas muare, trocaram
 duros sarcasmos; depois injúrias — e ambos saltando abaixo
 das cavalgaduras, com suas longas garnachas, se arremessaram
 225 corpo a corpo, tão ferinamente, que ambos rolaram no fundo
 dos fossos.

Mas mestre Leonardo acertara — e foi um varão! E mesmo
 a Comadre e as aias, afirmavam que, **pela** força com que cho-
 rara, e sacudira os pezinhos roxos, ao penetrar na vida, o
 230 Senhor D. Gil seria homem de grande valentia, e ação. O que a
 todos porém espantava debruçados sobre o seu berço, era a sua
 perfeita beleza, e inteligência. Gordo, todo redondo, branco como
 os linhos finos do seu lençol, com uma boquinha que parecia
 uma folhinha de rosa, e dous grandes olhos negros resplande-
 cendo sob a testa muito clara, — ele parecia ter já uma alma
 235 e compreender. Duas aias constantemente o velavam, sentadas
 em esteiras, balouçando um leque de penas, para **preservar** das
 moscas a frescura do seu sono, ou cantando, para o embalar,

217: pago, Mestre] pago, mestre [1970; *conforme a tradição, elimina-se sempre e sem mais registo a vírgula entre sujeito e predicado, como em Leonardo.*]

219: Mestre Porcalho,] mestre Porcalho [1970]

221: dum saco,] de um saco, [1970]

222: muare,] mulares [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

223: sarcasmos;] sarcasmos, [1912]

223: injúrias — e] injúrias: — e [1912]

227: Mas [*A edição de 1912 abre o capítulo II. A edição de 1970 não abre espaço.*]

228: a Comadre] A comadre [1970]

228: as aias,] as aias [1970]

228: que, **pela** força] que força [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

230: valentia,] valentia [1972]

231: porém espantava] porém espantava, [1912] porém, espantava, [1970]

232: beleza,] beleza [1912; 1970]

237: **preservar** [*No Ms.: preservar*] [*Adota-se a lição da tradição.*]

238: embalar,] embalar: [1970]

240 *Dormi, dormi, senhor meu:* — e um mês passara, já os arcos
 de buxo erguidos nas alegres festas do Nascimento estavam
 murchos, já D. Tareja purificada, de novo corada e ágil, fazia
 tilintar as suas chaves pelo corredor do solar — e ainda Gil não
 chorava. Uma gota de leite do peito cheio da ama bastava para
 o adormecer docemente: — e acordado, os seus olhos negros,
 245 largos, rutilantes, constantemente procuravam, seguiam, ou as
 réstias de sol, ou o brilho dum jarro de estanho, ou as cores mais
 vivas dum véu. Vindo em cada instante em pontas de pés,
 entreabrir as cortinas do berço o bom Senhor não esquecia
 nenhuma das práticas que concorrem a tornar a criança perfeita.
 250 Para que ele tivesse uma voz forte e bela, esfregava-lhe a boquinha
 com uma velha moeda de ouro. Ele mesmo desfizera sal virgem
 em água tirada da fonte ao nascer do sol que faz com que
 o cabelo das crianças nasça encaracolado e basto. Para que ele
 tivesse força, trouxe uma antiga espada de seu avô D. Froilás,
 255 e pôs-a entre as mãozinhas de Gil: — e para que à força do
 corpo, se juntasse a força da alma, três domingos a seguir o
 Capelão veio ler sobre o berço o Evangelho *dos três Reis*.

260 Pelo batizado foram celebradas grandes festas. O padrinho foi
 D. Mendo, Senhor de Mortágua — a madrinha Nossa Senhora da
 Saúde: e no caminho para a Igreja, juncado de rosas e erva-doce,
 ao lado de D. Mendo, magnífico, com as suas barbas de neve,

239: *meu.* — e] *meu.* E [1970]

240: Nascimento] nascimento [1970]

241: D. Tareja purificada,] D. Tareja, purificada e [1912; 1970]

243: chorava.] chorara. [1912; 1970]

244: e acordado, [1912] e acordando, [1970]

244-5: negros, largos,] negros largos, [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

246-7: dum jarro / dum véu] de um jarro / de um véu [1970]

247-8: Vindo em / de pés, / do berço] Vindo a / de pés / do berço, [1912; 1970]

248: Senhor] senhor [1970]

252: sol] sol, [1912; 1970]

254: D. Froilás,] D. Frulas, [1912; 1970]

255-6: que à força do corpo,] que, à força do corpo, [1912] que à força do corpo [1970]

257: Capelão] capelão [1970]

257: Evangelho *dos três Reis*.] Evangelho dos três Reis. [1912] Evangelho dos Três Reis. [1970]

259: Senhor de] um parente de [1912] senhor de [1970]

260: Igreja,] igreja, [1970]

261: de neve,] de neve [1912; 1970]

sobre o saio de escarlata, caminhava, no seu andor, aos ombros de quatro cavaleiros-peões de Gonfálim, a Senhora Madrinha, coroadada de ouro, com um manto novo, onde as estrelas de
 265 ouro sobre o azul do veludo faziam como um céu de verão. Para maior honra (e para que o menino não fosse surdo) foi D. Mendo, o padrinho, que puxou a corda do sino, deu os primeiros repiques festivos. Toda a pedra da Igreja desaparecia sob as colgaduras de veludo branco. E quando a ponta duma faixa
 270 de seda que se prendia, pela outra ponta, às mãos da Senhora, veio tocar a penugem fina e loira da cabeça de Gil, nuzinho e quieto, nos braços do Padre, sobre a Pia — todos observaram com espanto, que o menino sorria, às luzes das tochas, e as pontas dos palmitos se agitaram, e alguma cousa de branco, como o sulco duma asa, passou na penumbra do Batistério.
 275

Depois um enorme festim, tumultuoso, e voraz, reuniu a rude aldeia. No terreiro três vitelas inteiras assavam, em fogueiras claras. O vinho, correndo sem cessar das pipas enfeitadas de louro, fazia poças roxas, onde as crianças se rolavam. A cada instante
 280 os laúdes e violas dos menestrels chamavam os moços, as raparigas, afogueados, com a boca cheia, e toucados de rosas, a longas danças estonteadas sobre a relva pisada. Um empadão imenso trazido numa padiola, e precedido por dous anões que cabriolavam, apareceu ao fim da tarde, entre aclamações: tirando

262: de escarlata,] de escarlata, [1912]

263: quatro cavaleiros-peões] quatro cavaleiros peões [1912; 1970]

264-5: de ouro sobre o azul do veludo faziam] de ouro, sobre o azul do veludo, faziam [1912; 1970]

266: surdo)] surdo), [1912; 1970]

268: Igreja] igreja [1970]

269: duma faixa] de uma faixa [1970]

271: tocar [*adota-se a lição da tradição e suprime-se a vírgula em tocar.*]

271: e loira] e loura [1912; 1970]

272: Padre, sobre a Pia] padre sobre a pia [1970]

272-3: observaram com espanto, que o menino sorria,] observaram com espanto, que o menino sorria [1912] observaram, com espanto, que o menino sorria [1970]

275: duma asa, / Batistério.] de uma asa, / batistério [1970]

276: tumultuoso,] tumultuoso [1912; 1970]

280: laúdes] alaúdes [1912; 1970]

280: moços, as] moços e as [1912; 1970]

281: cheia,] cheia [1970]

- 285 a espada, um cavaleiro-peão fendeu-lhe a tampa, maior que um
teto de cabana: — e de dentro fugiu um bando de pombas, que
batiam no ar, com esforço, as asas pesadas da gordura, perse-
guidas pelos moços, que as apedrejavam, com pedaços de terra,
com grossos pães de sêmea, e com os pratos de estanho.
- 290 Mas de repente, junto da ponte levadiça, surgiu uma
bandeira: — e ao lado de D. Mendo, e seguido do Capelão, do
Intendente, e de aias com altas toucas de renda, apareceu o
bom Senhor D. Rui, pálido de alegria, de orgulho, que trazia
nos braços, todo coberto de rendas, para o mostrar ao Povo,
295 o seu filho, e o seu herdeiro. Raparigas correram com cestos
cheios de folhas de rosa que lhe atiravam; — e, da mesa de
honra onde estava o Meirinho de El-Rei, dous velhos, vie-
ram, um com um prato cheio de sal, que simboliza a Agudeza
de Espírito, outro trazendo um ovo que significa a Duração
300 da Vida, para oferecer ao menino, como votos tangíveis. E foi
um espanto, um longo murmúrio maravilhado, quando Gil,
debatendo-se entre as rendas, estendeu um bracinho para o sal,
e outro para o ovo. Os velhos, muito graves, reconheceram
que o menino era um eleito de Deus — e ninguém duvidou
305 que ele chegaria à extrema velhice, através da extrema sapiência.

287: pesadas da] pesadas de [1912; 1970]

288: apedrejavam,] apedrejavam [1912; 1970]

289: sêmea,] sêmea [1912; 1970]

290: Mas de repente,] Mas de repente [1912; 1970] [*Adota-se a abertura de parágrafo conjeturada pela tradição.*]

290: ponte levadiça,] ponte levadiça [1970]

291-2: do Capelão, do Intendente,] do capelão, do intendente, [1970]

292: e de aias] e das aias, [1912; 1970]

293: Senhor] senhor [1970]

294: ao Povo,] ao povo, [1912; 1970]

295: filho, e o seu] filho, o seu [1912; 1970]

296: atiravam,] atiravam: [1912; 1970]

297: Meirinho de El-Rei,] meirinho de el-rei, [1970]

297: dous velhos,] dois velhos [1912; 1970]

299: ovo] ovo, [1970]

300: para oferecer] para oferecerem [1912; 1970]

302-3: sal, e] sal e [1970]

Ele com efeito cada hora crescia em força e beleza. A sua cabecinha redonda bem depressa se cobriu de anéis finos como seda e cor de ouro: — e todos os dentes lhe vieram, são e fáceis, sem lhe custar uma lágrima. Quando não dormia, do seu
 310 dormir, tão sereno que parecia uma rosa sobre uma almofada, passava horas, nos braços das aias ou da mãe deslumbrada, quieto, imóvel, já direito, com os olhos resplandecendo, e parecendo pensar em cousas profundas. Um tão raro encanto se exalava daquele corpinho, todo em rugas gordas, brancas e duras como
 315 mármore, que as aias se não podiam apartar do seu berço, esquecendo as horas de comer: — e os que um diapousavam no solar, e o viam um momento, ainda depois nas suas moradas, e entre outros cuidados, ficavam pensando, com ternura, naqueles cabelos, de ouro puro, e nas duas estrelas dos seus olhos.

320 No aposento, onde estava o seu berço, não era necessário no inverno aquecer o braseiro, nem, nas canículas, entreabrir as janelas à aragem — porque havia ali sempre um ar igual, doce, tépido, fresco, e que cheirava bem: — mesmo este aroma ia crescendo, e tanto sobretudo em volta do seu berço, que Mestre
 325 Porcalho, que reprovava as essências derramadas junto dos berços, batia o pé impaciente, cada manhã que lá entrava e dizia, franzindo a venta: — «Mas aqui cheira a jasmim! Mas aqui cheira

306: Ele com efeito] Ele, com efeito, [1912; 1970]

308: seda e] seda, e [1912]

309: lágrima. Quando] lágrima; Quando [Ms.] lágrima: quando [1970] [*Adota-se a lição de 1912.*]

309-10: seu dormir,] seu dormir [1912; 1970]

311: passava horas,] passava horas [1912; 1970]

312: resplandecendo,] resplandecendo [1970]

316: pousavam] passavam [1912; 1970]

318-9: outros cuidados, ficavam pensando, com ternura, naqueles cabelos,] outros cuidados, ficavam pensando com ternura naqueles cabelos [1912] outros cuidados ficavam pensando, com ternura, naqueles cabelos [1970]

324: e tanto] e tanto, [1912; 1970]

324: Mestre] mestre [1912; 1970]

326-7: impaciente, / entrava e dizia / venta: —] impaciente / entrava, e dizia, / venta: [1912; 1970]

a rosa!» Mais duma vez também sucedera, que apagando-se a lâmpada, o quarto continuara alumiado, duma luz translúcida, 330 vaga, láctea que era mais tênue junto dos altos muros, mais viva, e como irradiada, em torno do berço: a ama, assustada erguia o cortinado, encontrava o menino a sorrir, no seu sono: — e se então visitava os seus cueirinhos, mais se assombrava, não os reconhecendo como os do rico enxoval, mas diferentes, dum linho 335 mais fino que todos os linhos, alvos como outra alvura não havia, e tão doces e macios à mão, que o seu contacto tinha a doçura dum beijo. O bom Senhor D. Rui ouvia estas maravilhas — e grossas lágrimas de gosto rolavam na sua barba ruiva.

As pombas que tinham o seu pombal, na velha torre de 340 atalaia começaram então, a vir todas as manhãs em bando, pousar sobre o rebordo da janela do menino: — e mesmo, se encontravam as portadas abertas, algumas mais ousadas, por serem mais brancas, voavam em torno do seu berço, dum voo subtil e sem rumor. Gil seguia-as com os seus grandes olhos, ou 345 atirava a mão para as apanhar: — e se tocava em alguma que pousasse nas grades do berço, essa tomava logo o voo, triunfantemente, mergulhava muito alto no azul, e não recolhia ao pombal. Mas não eram só as pombas que amavam o menino. Borboletas raras, de cores radiantes, vinham bater contra os vidros,

327-8: «Mas / rosa!» [*As asas não surgem no Ms.; adota-se a lição da tradição.*]

328: sucedera, que] sucedera que, [1912; 1970]

330: láctea] láctea, [1912; 1970]

331: assustada] assentada, [1912] sentada [1970]

332: cortinado,] cortinado e [1912; 1970] [*A vírgula é conjecturada.*]

332: sorrir,] sorrir [1912; 1970]

333: cueirinhos, / assombrava,] cueirozinhos, / assombrava [1912; 1970]

337: dum beijo,] de um beijo. [1970]

337: Senhor] senhor [1970]

339: As pombas] as pombas, [1912]

339: pombal,] pombal [1912; 1970]

340: atalaia começaram então,] atalaia, começaram então [1912] atalaia começaram então [1970]

340: manhãs] manhãs, [1912; 1970]

342: as portadas] as portas [1912; 1970]

343: dum voo] de um voo [1970]

348: Mas [1912 abre parágrafo.]

349: Borboletas [1970 abre parágrafo.]

350 aos bandos como folhas vivas e soltas de flores que não há na terra. Uma amendoeira que havia em baixo no pátio, rompeu a crescer, a subir, como se com as pontas das suas ramagens tentasse espreitar para dentro do aposento: — e depois cobriu-se de flores em janeiro: e um rouxinol veio durante todo o
355 inverno cantar sobre ela maravilhosamente. Mas a surpresa maior foi que no canto do pátio lajeado, onde se despejava a água em que D. Gil tomara banho, começaram a crescer por entre as lajes, umas florinhas azuis, brancas, e cor de ouro, que nenhum jardineiro jamais vira, e que perfumavam todo o ar.

360 No dia em que o menino fez um ano, estando no colo da mãe, com o seu saiozinho de brocado branco todo bordado de pérolas, escorregou-lhe subitamente dos braços, para o soalho e deu o seu primeiro passo na Vida. Todos os braços em redor, se estenderam ansiosos, para o amparar: — mas ele, ia firmando
365 os pezinhos, redondos e lentos, sem tropeçar, atento e direito a uma réstia de sol que entrava pela janela — com a mãozinha aberta e erguida, como amparada por outra mão que se não via, e que docemente o levava. E assim mergulhou na réstia de sol, onde ficou quieto, com um riso que resplandecia, todo aureolado
370 de ouro. Frei Múncio murmurou:

— Neste menino há maravilha.

350: aos bandos] aos bandos, [1912; 1970]

350-1: na terra.] na Terra. [1970]

351: em baixo] em baixo, [1912; 1970]

352: como se] como se, [1970]

352: se / ramagens] se, / ramagens, [1970]

353: aposento: —] aposento —: [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

354: janeiro:] janeiro; [1912] Janeiro, [1970]

354-5: veio / o inverno] veio, / o Inverno, [1970]

356: despejava] despejara [1912; 1970]

358: lajes, / brancas, e] lajes / brancas e [1912; 1970]

361: saiozinho] saiozinho [1912; 1970]

362: braços, para o soalho] braços para o soalho, [1912; 1970]

363-4: redor / estenderam / ele,] redor, / estenderam, / ele [1912; 1970]

371: — Neste / maravilha] «Neste / maravilha» [1912; 1970; *não abrem parágrafo.*]

O seu crescer foi então igual e são, como o duma flor, que em terra bem regada, e sob a fiel carícia do sol, desabrocha com esplendor. Nenhum dos males que Mestre Porcalho
 375 receava, carregando o sobrolho agoirento, veio interromper a sua florescência — e todos os dentes lhe nasceram, sem uma dor ou uma lágrima. A sua fala era tão doce, e graciosa, que a todos fazia sorrir de ternura, como cantar dum pássaro, na espes-
 380 sura. A brancura ebúrnea da sua pele nem parecia pertencer a um corpo mortal: e em todo ele a Inteligência resplandecia mais visivelmente do que uma luz, por trás dum vidro. Uma curiosidade inquieta, insaciável constantemente o levava, correndo, e espalhando o brilho dos seus olhos negros, através da velha morada senhorial. Não havia já na torre de Ermigues, nos
 385 pátios, nos escuros sótãos, recanto que ele não tivesse rebuscado, no impulso, irresistível, de tudo saber. As aias constantemente o encontravam, procurando, com os seus pequeninos braços, frágeis como hastes de flor, erguer as pesadas tampas das arcas; e se encontrava uma aberta, eram gritos impacientes, até que lhe
 390 deixassem desdobrar as peças de linho, desenrolar os rolos de fitas, destapar os cofres, remexer as rendas, amontoar em torno de si, sobre o soalho, um vasto bragal devastado. Já mais crescido, brincando pela quinta, mergulhava em todas as espes-
 395 suras de folhagens, de rastos, como um bicho, emaranhando o cabelo nas silvas, para conhecer o que se ocultava nas sombras

372: O seu [A edição de 1912 abre o capítulo III. Em 1970 elimina-se o espaçamento que está no Ms]

372-3: duma flor, que / regada,] duma flor, que, / regada [1912] de uma flor, que / regada [1970]

374: Mestre] mestre [1970]

378: dum pássaro,] de um pássaro, [1970]

378-9: na espessura.] nas ramarias. [1912]

380: Inteligência] inteligência [1912; 1970]

381: dum vidro.] de um vidro. [1970]

382: inquieta, insaciável] inquieta, insaciável, [1912; 1970]

384: torre de Ermigues,] Torre de Ermigues, [1912]

386: impulso, irresistível,] impulso irresistível [1912; 1970]

388: arcas;] arcas: [1912; 1970]

389: impacientes,] impacientes [1912; 1970]

392: devastado. [No Ms.: devastado; adota-se a lição da tradição.]

392: Já mais [1912 abre parágrafo.]

húmidas: escavava em torno das plantas para conhecer a forma das raízes; e espreitando o voar dos pássaros, trepava às árvores para saber o segredo dos ninhos.

Nada o assustava. Quando o pai, para o adestrar, na
 400 grande arte de cavalgar o montou uma manhã, num potro, ele, empurrando o cavaleiro que segurava o freio, largou a galopar, em torno ao silvado da quinta, bem colado à sela, com os cabelos ao vento, gritando de pura glória. Se sentia, ao fim da tarde, os chocalhos, e a fila da boiada recolhendo, nada o retinha, corria
 405 a bater as palmas, provocando os novilhos, ou os bois de mais longas pontas: — e constantemente o aio, aterrado, tinha de o agarrar para que ele não descesse dentro do balde à cisterna, ou não percorresse o topo da velha muralha, saltando de ameia em ameia. Depois, à noite, à ceia, ouvindo, absorto, com a face
 410 entre os punhos, o olhar deslumbrado, as histórias de batalhas que lia Frei Múnio, no seu grande fólio, — soltava brados de alegria, quando vinha um desses golpes de espada que partem o elmo, racham o Cavaleiro, e matam ainda o cavalo, ou quando nos assaltos das vilas, a força dum só braço, quebrava uma porta de bronze. De noite, no seu catre, gritava, sonhando com recontros
 415 de lanças. E a mãe que corria, pondo a mão diante da lâmpada, quási se aterrava vendo na linda testa do seu anjo adormecido, uma ruga de cólera heroica. Mas D. Rui sorria, deslumbrado, certo que seu filho seria um dia um grande conquistador.

397: raízes;] raízes: [1912; 1970]

399: Nada [1912 e 1970 não abrem parágrafo.]

399-400: adestrar, / cavalgar / manhã,] adestrar / cavalgar, / manhã [1912; 1970]

402: ao silvado] do silvado [1912; 1970; *elimina-se a vírgula depois de silvado.*]

403: Se sentia, ao fim da tarde,] Se sentia ao fim da tarde [1912; 1970]

404: o retinha,] o detinha, e [1912; 1970]

406: longas pontas:] largas pontas: [1912; 1972]

406-7: o agarrar] o agarrar, [1912; 1970]

410-1: batalhas / Frei Múnio,] batalhas, / Frei Múnio [1912] batalhas, / frei Múnio [1970]

411: grande fólio, —] grande in-fólio, — [1912] grande in-fólio — [1970]

413-4: elmo / Cavaleiro, / cavalo, / quando / braço,] elmo, / cavaleiro / cavalo; / quando, / braço [1912; 1970]

417: quási [*Grafia adotada em 1970: quase*]

417-8: aterrava / adormecido,] aterrava, / adormecido [1912; 1970]

418: Mas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

420 Era todavia admiravelmente sensível e bom: — e Frei Múnio
antes via nele, todos os prenúncios duma caridade que
ilustraria a Igreja. Amava todos os animais, sobretudo os
pequenininos: e o seu cuidado era que as pombas não sofres-
sem sede, e não faltasse a ração farta, aos galgos, no seu canzil.
425 Protegia os sapos por os saber desprezados; e se encontrava
um na erva húmida, rente da nora, com as suas mãos, e sem
nojo, o levava para longe, para que a vaca atrelada à roda dos
alcatruzes, o não pisasse, no seu giro dormente. Aos domingos,
descendo, com os pais, a avenida de castanheiros para a Igreja,
430 a cada passo se detinha, a procurar na escarcela, uma moedinha
para os pobres: — e na igreja, de joelhos sobre a almofada, no
altar-mor, com as mãos postas, e o seu gorro de plumas pousado
no chão, tanto se penetrava, da pobreza e dor por que Jesus
passara, vendo o seu corpo nu e pequenino nas palhas do curral,
435 a sua túnica rasgada pelos açoites, as suas mãos tão doces aos
tristes, varadas pelos pregos, que os olhos se lhe enchiam de
lágrimas. À porta da Igreja, todo o povo de Gonfálim se juntava
para o ver passar, com os seus cabelos louros, em anéis sobre os
ombros, coberto com os veludos dum Príncipe, fino e direito
440 como uma espada toledana, — mas tão simples e familiar que

420: Era [1912 e 1970 não abrem parágrafo.]

420: Frei Múnio] frei Múnio [1970]

421: nele, todos os] nele os [1912; 1970]

421-2: duma caridade / Igreja] de uma caridade / igreja [1970]

422: sobretudo] sobre [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

424: farta,] farta [1912; 1970]

424: seu canzil.] seu canil. [1912; 1970]

424: canzil.] canil. [1912; 1970]

426: um] um, [1912; 1970]

428: alcatruzes,] alcatruzes [1912; 1970]

429: Igreja,] igreja, [1970]

430: escarcela,] escarcela [1912; 1970]

433: penetrava,] penetrava [1912; 1970]

435: mãos] mãos, [1912; 1970]

436: tristes] tristes, [1912; 1970]

437: Igreja,] Igreja [1912] igreja [1970]

439: dum Príncipe,] de um príncipe, [1970]

reconhecia os criados, gritava rindo os seus nomes, — ou atirava às crianças, no colo das mães, beijos que cantavam no ar.

Aos oito anos, tendo Frei Múnio preparado num quarto da Torre de Ordonho, por ser mais silenciosa, livros, folhas
 445 de velino, e grossas penas, Gil começou a aprender as letras, a escrita, a História-Santa, e os cálculos dos Árabes. Por mais lenta e longa que fosse a lição ele permanecia atento, e grave. A sua alegria foi ruidosa quando soube escrever o seu nome, e os seus apelidos, com letras ornadas e floridas. Mas quanto mais
 450 viva e funda a dos pais, quando o ouviram, ler, sem gaguejar, no grande livro de Frei Múnio as batalhas de Alexandre, e de Roldão, par de França!

Tão orgulhoso andava o bom Senhor do saber do seu filho que o quis mostrar aos Santos padres beneditinos, seus
 455 vizinhos, e aliados. Montado na sua mula branca, com Gil ao lado sobre o seu alazão, passaram a velha ponte romana, uma tarde, subiram a calçada nova, que por entre álamos, levava à grossa porta chapeada de ferro como a duma cidadela. E logo no pátio, bem plantado de ciprestes, encontraram, entre
 460 dous fortes carros de bois, o D. Abade dirigindo o carregamento

441: nomes, —] nomes, [1970]

443: Frei Múnio] frei Múnio [1970]

444: Torre de Ordonho,] Torre de Ermigues, [1912] torre de Ermigues, [1970]

445: velino,] velino [1970]

446: a História-Santa, / dos Árabes.] dos árabes. [1912] a História Santa [1970]

447: lição / atento,] lição, / atento [1912; 1970]

448: nome,] nome [1912; 1970]

450: ler,] ler [1912; 1970]

451: Frei Múnio] Frei Múnio, [1912] frei Múnio, [1970]

453: Senhor] senhor [1970]

454: filho] filho, [1912; 1970]

454: aos Santos] aos santos [1912; 1970]

455: vizinhos,] vizinhos [1912; 1970]

457: que] que, [1970]

457: álamos,] álamos [1912]

458: ferro] ferro, [1912; 1970]

458: duma cidadela.] de uma cidadela. [1970]

460: D. Abade] D. Abade, [1912; 1970]

de seis pipas de vinho branco, dos vinhedos do Convento, que ia mandar de presente ao Papa.

Com grande contentamento, acariciando os lindos cabelos de D. Gil, o Prelado muito sapiente conduziu os seus vizinhos, para os lados do Claustro, mandando a um leigo que trouxesse um açafate de fruta, e um pichel daquele vinho branco que era a glória da sua herdade. Mas no Claustro, como era sábado, toda a sábia comunidade, numa longa fila, só com a túnica, e sem a capa, estava sendo barbeada: — e o D. Abade caminhou para a entrada da cerca, onde se sentou, entre os seus hóspedes, num banco de pedra, sob um cedro, junto duma fonte, que dentre rochas cantava num tanque de mármore. Aí o bom Senhor D. Rui contou ao prelado o grande amor do seu Gil aos estudos, e como já traçava a letra grande e a miúda, e quanto lhe eram familiares todas as sagradas Histórias: — e andava ele pensando se seu filho, bem ensinado, por outro mais lido em livros que Frei Múnio, não se tornaria um bom Escolar em Leis, ou fino sabedor das Artes de curar. Então o bom prelado tomando a mão de Gil, e indicando a pedra polida e

461: Convento,] convento, [1912; 1970]

464: Prelado] prelado [1970]

464: vizinhos,] vizinhos [1912; 1970; *elimina-se vírgula depois de sapiente.*]

465: Claustro,] claustro, [1970]

467: Mas] Mas, [1912; 1970]

467: Claustro,] claustro, [1970]

468-9: sem a capa] sem capa, [1912; 1970]

469: D. Abade] D. Abade, [1912] D. abade, [1970]

471: sob um cedro, [*Passagem omitida em 1912 e em 1970.*]

471-2: duma fonte, que dentre rochas] de uma fonte, que de entre rochas [1970]

472: Aí [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

472-3: bom Senhor D. Rui] bom senhor [1970]

473: amor do] amor de [1912]

474: e a miúda,] e miúda [1912] e miúda, [1970]

475: sagradas Histórias:] Sagradas Histórias: [1970]

476: ensinado,] ensinado [1912; 1970]

477: Frei Múnio,] frei Múnio, [1970]

477: bom Escolar] bom escolar [1912; 1970]

478: em Leis,] em leis, [1970]

478: Artes de curar.] Artes de Curar. [1912; 1970]

479: prelado] prelado, [1912]

480 branca que encimava a fonte, convidou risonhamente Gil a ler
a inscrição que lá gravara, havia anos, um douto monge daquele
mosteiro. Sem esforço, o moço gentil decifrou as rudes letras
entalhadas, que diziam: — «Clara e perene, como sai esta água
destas rochas, brote a bondade dos nossos corações...»
485 E o D. Abade admirou este precoce saber. Mas quanto mais, o
seu grande conhecimento das Histórias Sagradas! Direito, com um
brilho nos lindos olhos, e como se conversasse de cousas familia-
res e íntimas, o moço gentil, interrogado pelo D. Abade, contava
a grande Cólera de Jeová, Caim fugindo através dos montes,
490 a chuva durante quarenta dias, Joseph governando o Egito,
o Povo errando no deserto, Jericó caindo ao estridor das
trompas... Todos os pássaros se tinham calado, em redor na rama-
ria da cerca. A água, caía da rocha, com um murmúrio abafado.
Uma doçura maior amaciara o ar: — e os raios do sol que descia
495 ficaram parados, dourando com tons de ara, o banco de pedra,
onde Gil dizia as divinas histórias. Então o bom Abade, pousando
a sua gorda mão sobre a cabeça de Gil, afirmou que havia ali
um agudo entendimento, e que bem devia D. Rui, pois tinha
cabedal, mandar aquele moço estudar a França, terra de grande
500 sapiência... O pai, murmurou:
— Tão longe!

483-4: água destas rochas, brote] água desta rocha, brota [1912; 1970]

485: o D. Abade] o bom Abade [1912] o bom abade [1970]

485: mais,] mais [1912; 1970]

489: grande Cólera] grande cólera [1912; 1970]

490: Joseph] José [1970]

492: Todos [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

492: redor] redor, [1912; 1970]

493: A água,] A água [1912; 1970]

495: ara,] ara [1912; 1970]

495: pedra,] pedra [1970]

496: Gil [De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em Gil.]

496: histórias.] Histórias. [1912]

496: Abade,] abade, [1970]

500: O pai,] O pai [1912; 1970]

501: — Tão longe! «Tão longe» [1912] — «Tão longe» [1970] [1912 e 1970 não abrem parágrafo.]

Não! Não havia longes terras para ir buscar o Saber. Mais
 longe se ia, a Jerusalém, para alcançar a Graça! E a Sapiência,
 tanto como a Graça, conservava a alma limpa do mal... — Desejou
 505 então que D. Rui provasse o seu vinho branco. E tendo dado a
 ambos a bênção de Deus, e ordenado a um hortelão que ali
 regava as plantas que metesse num açafate cerejas e rosas para
 a Senhora D. Tareja, tomou o braço do noviço, porque tocara a
 vésperas — e ele devia dispor uma remessa de Relíquias desti-
 510 nadas a uma herdade do Convento, visitada recentemente pelos
 repetidos flagelos de fogo, lobos, e sezões. Os dous Senhores
 beijaram a sua mão reverenda — e recolheram contentes ao solar,
 pelo caminho da Ermida.

Gil começou então a estudar com tanto fervor — pensando
 515 sempre nos louvores do D. Abade — que bem depressa soube
 tudo quanto sabia o doce Frei Múnio. Mesmo muitas vezes
 perturbava este discreto Mestre, com a sua curiosidade teme-
 rária, que tudo queria compreender, até a Ordem da Natureza.
 Era sobretudo à tarde, quando para repousar das práticas
 520 estudiosas, ambos subiam ao eirado da Torre de Ordonho, e,
 lentamente passeavam, em volta das ameias, todas verdes de
 hera. O céu arqueava por cima a sua abóbada, de azul claro,

502: Não!] Não. [1912; 1970]

503: longe [*Elimina-se a vírgula, de acordo com a tradição.*]

503: se ia,] se ia [1912; 1970]

503: a Sapiência,] a sapiência, [1912; 1970]

506: bênção [*Elimina-se a vírgula.*]

507: plantas] plantas, [1970]

508: Senhora] senhora [1970]

509-10: Relíquias / Convento,] relíquias / convento, [1970]

510-1: recentemente, / de fogo, lobos,] recentemente / do fogo, lobos [1912; 1970]

511: Senhores] senhores [1970]

512: recolheram [*Elimina-se a vírgula.*]

513: Ermida.] ermida. [1970]

516: Frei Múnio.] frei Múnio. [1970]

517: Mestre,] mestre, [1970]

518: Ordem] ordem [1970]

519: quando] quando, [1970]

520: Torre de Ordonho,] Torre de Ermigues, [1912] torre de Ermigues, [1970]

520-1: e, lentamente passeavam,] e lentamente passeavam [1912; 1970]

522: abóbada,] abóbada [1912; 1970]

imutável e sempiterna. O sol, como uma roda de metal can-
 dente, roçava a espinha dos montes dardejando longos raios.
 525 E a terra, escura e maciça, estendia a sua ondulação de vales e
 serras, até onde o olhar se perdia. Então D. Gil queria saber
 qual era na verdade a forma da terra: para onde ia o sol,
 quando se sumia tão serenamente por trás dos montes: e quem
 sustentava assim, tão firme, a abóboda do céu. Para satisfazer
 530 o seu discípulo Frei Múnio folheava os fólhos, que pedia
 emprestados à livraria do Convento — sobre os *Ensinamentos da*
Prudência, obra mirífica que, nas suas laudas fortes, encerrava
 a suma do saber Beneditino. E pondo o dedo na lauda
 explicava a Gil, que a Terra é quadrada, tendo, por centro,
 535 na face voltada para o Céu, a Santa cidade de Jerusalém: que
 o sol, de noite vai alumiar o mar, e por vezes, nos dias de
 festa, alumiar o Purgatório: e que quem ampara esta abóbada,
 cheia de luz, de estrelas, de nuvens, de ventos, são os quatro
 Evangelistas, aos quatro **cantos** do mundo, com as suas
 540 mãos que tudo podem, por terem tocado as mãos do Senhor.
 Mas nem sempre D. Gil parecia persuadido. E puxando para
 si o in-fólio, lia a boa doutrina, mais detidamente, como quem

524: montes] montes, [1912; 1970]

526: Então [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

527: era na verdade] era, na verdade, [1970]

527: da terra:] da Terra: [1970]

527: o sol [No Ms., o foi acrescentado por mão albeia; adota-se a lição da tradição.]

530: discípulo] discípulo, [1912; 1970]

530: Frei Múnio] frei Múnio [1970]

530: os fólhos,] os in-fólhos, [1912; 1970]

531: Convento —] Convento, [1912] convento, [1970]

531-2: *Ensinamentos da Prudência*,] Ensinamentos da Prudência, [1970]

533: Beneditino.] beneditino. [1970]

533: lauda] lauda, [1912; 1970]

534: a Terra] a terra [1912]

534: tendo,] tendo [1912; 1970].

536: noite / vezes, nos] noite, / vezes, em [1912; 1970]

539: Evangelistas,] evangelistas, [1970]

539: quatro **cantos** do] quatro do [Ms.] [*Adota-se a lição de 1912 e 1970, apoiada em*
acrescento alógrafo do vocábulo.]

542: quem] quem, [1970]

para um recanto que ficou mal alumiado chega uma luz mais forte. Tanto amor ganhou então por estes livros, e ao saber que deles
 545 tirava, que não houve mais para ele outro interesse ou cuidado. Logo desde a alvorada se encerrava na torre do estudo, diante da vasta mesa que os fólhos majestosos cobriam: — e muitas vezes às horas de comer, tendo já o varlete de mesa tocado três vezes a buzina, tinha D. Rui de subir a escadaria da torre, e
 550 sacudir-lhe o braço, para o arrancar ao estudo, onde a alma se lhe afundava, como num mar de deleite. Passeando na quinta a cada passo, tirava da escarcela um pedaço de velino, e encostado a um tronco de árvore, ora com o olhar esparso pelo chão, ora alçado lentamente ao céu, traçava linhas vagarosas. Tão alheado
 555 vivia no seu pensar que D. Tareja tinha de lhe pentear os cabelos que ele deixava emaranhados, e de lhe laçar os atilhos dos seus borzeguins de couro mole. De noite, com o candil pendurado junto do leito, e um in-fólio no travesseiro, lia ainda, lia tanto que já as andorinhas cantavam no beiral da sua janela, quando
 560 ele, com um suspiro, e a custo, cerrava os fechos do fólio.

Começou a emagrecer, a sua pele tomou a palidez duma cera de altar — e Mestre Porcalho declarou sinistramente que já nos olhos do Senhor D. Gil se sentiam os prenúncios do tresler. Então, para o afastar dos livros, D. Rui organizou

543: recanto que ficou mal alumiado,] recanto mal alumiado [1912] recanto mal alumiado, [1970]

544: então por] então a [1912; 1970]

546: do estudo,] de estudo, [1912; 1970]

548: varlete de] varlete da [1912] valeta da [1970]

551-2: quinta a cada passo,] quinta, a cada passo [1912; 1970]

552: e encostado,] e, encostado, [1912] e, encostado [1970]

553: ora com o olhar esparso] com o olhar ora esparso [1912; 1970]

555: pensar] pensar, [1912; 1970]

558: um in-fólio] um fólio [1912; 1970]

558: tanto] tanto, [1912; 1970]

559: janela,] janela [1912; 1970]

561-2: duma cera] de uma cera [1970]

562: Mestre / declarou sinistramente] mestre / declarou, sinistramente, [1970]

563: Senhor] senhor [1912; 1970]

564: Então, [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

564: livros] livros, [1912; 1970]

565 para ele uma matilha de caça. O canzil foi alargado, coberto de
colmo novo: e o latir dos mastins, dos perdigueiros, dos lebréus
barbarescos, atroava o solar. Ao lado havia um alpendre para
os falcões: — e um homem hábil que viera de Viseu estava insta-
lado na abegoaria, fazendo redes, armadilhas, laçarotes, e capuzes
570 de couro para os açores.

D. Tareja, abraçada no filho conseguiu dele a promessa
que todas as manhãs sairia a montar, para que nos fortes ares
da serra, lhe voltassem as cores da saúde. Mas ele quis primeiro
aprender a Arte de Caçar — e foi ainda um motivo de se enterrar
575 entre velhos cadernos, de letra miúda, em que se ensina a adestrar
os lebréus, a afeitar os falcões, a conhecer as pegadas do lobo,
o cheiro dos veados, e ainda os ventos mais propícios à caça, as
orações que se devem a Santo Huberto, e o modo de impedir
que os espíritos Malignos transviem na serra o caçador. Depois
580 desejou ainda aprender nos livros os hábitos dos animais — a que
horas bebe o veado, onde faz ninho a perdiz, que manha tem o
javardo, e os rumos do voar das águias. Em tantas leituras
mais se definhou — e perante as lágrimas da mãe decidiu enfim
começar as grandes manhãs de caça.

585 Com que alegria D. Rui e D. Tareja, do alto das escadas
do solar, o viram, montado no seu alazão, airoso na sua cota
de couro branco, com o falcão emplumado sobre o guante — e
em volta os lebréus, puxando as trelas, e latindo. O Monteiro
soou a trompa — e bom caçador, voltando ainda na sela,

565: O canzil] O canil [1912; 1970]

568: hábil que viera de Viseu] hábil, que viera de Viseu, [1912]

569: laçarotes, e] laçarotes e [1970]

571: filho] filho, [1912; 1970]

572: que] que, [1912; 1970]

576: a afeitar] a afoitar [1912; 1970]

578: Huberto,] Huberto [1912; 1970]

579: Malignos] malignos [1912; 1970]

579: o caçador.] a caçada. [1912; 1970]

582: javardo, e os rumos] javardo, e o rumo do [1912] javardo e o rumo de [1970]

582: Em tantas leituras] Em tantas leituras, [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

588: trelas, e] trelas e [1912; 1970]

589: trompa — e] trompa, — e, [1912] trompa — e, [1970]

589: voltando ainda na sela,] voltando-se ainda na sela [1912; 1970]

590 para atirar um beijo à mãe, passou a ponte levadiça, num grande brilho de sol, que então saía dentre as nuvens.

Voltou por noite cerrada, com uma cor forte nas faces, um cheiro de mato nas roupas, tendo morto um veado, lebres, todo um bando de codornizes — mas descontente das suas proezas.
 595 Não iam ao seu coração doce as violências da caça: e os lebréus partindo a espinha dos coelhos, entre as urzes; o falcão, despedaçando nos ares uma pobre ave, e voltando a pousar-se no guante todo enroflado, as setas espetadas no pescoço dos veados, que ficavam bramando, com grandes olhos agoniados,
 600 todas estas ferocidades, findo o impulso que as inspirara, entre os gritos dos monteiros, e o ressoar das buzinas, lhe davam como a tristeza dum arrependimento. E, de noite no seu catre, só, chorou pelos animais mortos.

Voltou ainda uma manhã à serra com falcões e lebréus: — mas
 605 nenhuma seta saiu da sua aljava de couro suspensa ao arçã da sela; todo o caminho os monteiros, retesando as trelas contiveram os cães que latiam desesperadamente: e debalde os falcões, retidos pelos laços de couro, batiam as asas impacientes sobre o braço dos falcoeiros. Nem animal, nos cerrados, nem
 610 ave no ar foi molestada. Gil galopava contente respirando os ares ásperos e fortes da serra. Pela tarde, cansado, dormiu à sombra dum roble. E quando recolheu na doçura da tarde, de todos os lados do caminho, dos cerrados e das tocas saíam

591: saía dentre] saía de entre [1970]

595: caça:] caça; [1912; 1970]

596: falcão,] falcão [1970]

598: guante / enroflado,] guante, / enrufado; [1912; 1970]

599: agoniados,] agoniados; [1912; 1970]

602: dum arrependimento,] de um arrependimento. [1970]

602: noite] noite, [1912; 1970]

604: lebréus: —] lebréus. [1912] lebréus. — [1970]

605: suspensa ao] suspensa do [1912; 1970]

606-7: trelas contiveram os cães] trelas, contiveram os cães, [1912; 1970]

609: Nem animal,] Nem animal [1912; 1970]

610: contente] contente, [1912; 1970]

612: dum roble,] de um roble. [1970]

612: recolheu] recolheu, [1912; 1970]

animais, que o espreitavam, o seguiam mesmo algum tempo,
 615 confiados, e alegres dous pavões, de repente, quando ele pas-
 sava, desdobraram as suas caudas como para o festejar: uma
 cobra enorme que atravancava o caminho desenroscou-se, para
 ele passar: muito tempo, um bando de rolas brancas voou ao
 seu lado serenamente. E quando ele entrou no pátio do solar,
 620 todos os galos cantaram.

Desde esse dia não voltou a sair com falcões e lebréus.
 Mas ganhara o amor das longas galopadas nas serras — e todas
 as manhãs, no seu ginete aragonês, levando apenas uma espada,
 transpunha a ponte levadiça, penetrava nas terras. Sob o sol, sob
 625 a chuva, todo o dia, caminhava, ora galopando nas planícies,
 ora a passo, gozando a frescura das ramagens, bebendo no fio
 dos regatos, comendo amoras silvestres, ou por vezes, no alto
 dum cerro, desmontado, com o seu ginete à rédea, contem-
 plava pensativamente os vales, os caminhos coleando nas encostas
 630 remotas, os horizontes remotos, pensando no mundo tão vário,
 que ficava para além. À noite recolhia, enlameado, com silvas
 no fato, um grande cheiro de mato e de serra, o olhar todo
 brilhante — e era ele quem entretinha o serão, conversando, e com
 tanta verdade e saber, e tão belas histórias, e uma tão perfeita
 635 graça no dizer, que o pai, a mãe, embevecidos, ora lhes parecia
 ouvir a sapiência dum missal, ora a doçura dum canto.

614: o seguiam] e seguiam [1912; 1970]

615: confiados,] confiados [1912; 1970]

616: festejar:] festejar; [1912]

617: enorme que atrancava o caminho desenroscou-se,] enorme, que atrancava o caminho,
 desenroscou-se [1912] uma cobra enorme, que atravancava o caminho, desenroscou-se [1970]

618: voou ao] voou a [1912; 1970]

619: E] E, [1912; 1970]

621: Desde [1970 não abre parágrafo.]

622: e] e, [1912; 1970]

625: dia, caminhava] dia caminhava, [1912; 1970]

627: silvestres,] silvestres; [1912]

628: dum cerro,] de um cerro, [1970]

632: mato] mato, [1970]

634: tanta verdade] tanta vontade [1970]

636: Dum missal, / dum canto,] de um missal, / de um canto. [1970]

Mas **em** pouco o Senhor D. Gil começou a andar pensativo. Já não gastava então o dia todo nos campos: — mas só a certa hora, a mais quente, quando todos repousam, ele mesmo
 640 arreava o seu ginete, e partia, sem ruído, como se receasse ser apercebido, mesmo dos cavaleiros. Depois quando voltava, um brilho de singular felicidade aureolava o seu rosto, tão lindo: — mas todo o serão permanecia calado, como num doce e ditoso cansaço, que por vezes cerrava as suas longas pestanas negras, enquanto
 645 D. Rui, grave na sua cadeira de espaldar, afagava a barba grisalha, e D. Tareja, já mais pesada, retardava os fios lentos, da sua tapeçaria. Às vezes, mesmo, como se a sala, alumiada por duas tochas o abafasse, abria as portadas, da janela, e sentado no peitoril de pedra, olhava as estrelas, pensativamente, ou a lua.
 650 Certas noites mesmo, saía, para o pátio, onde a lentidão pensativa dos seus passos traía algum cuidado muito fundo da sua alma: — e a mãe que, deixando escorregar a tapeçaria, o ia espreitar, entre os vidros, sentia-o por vezes suspirar e com suspiros que não eram tristes. Os seus livros jaziam na torre
 655 fechados e cobertos de pó. E a sua ocupação era antes percorrer o jardim, onde, por vezes, apanhava um botão de rosa que guardava no seio do gibão.

Quis então aprender a viola e o canto, como se as cousas vagas e sem nome que lhe tumultuavam na alma só pudessem

637: Mas **em** pouco [No Ms. em foi acrescentado por mão albeia; adota-se a lição da tradição; 1912 inicia aqui o capítulo IV.]

637: Senhor] senhor [1970]

641: Depois] Depois, [1912; 1970]

646: lentos,] lentos [1912; 1970]

647: Às vezes,] Às vezes [1912] [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

648: tochas] tochas, [1912; 1970]

648: portadas,] portadas [1912; 1970]

648: e] e, [1912; 1970]

650: Certas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

650: noites mesmo, saía, para o pátio,] noites, mesmo, saía para o pátio, [1912] noites, mesmo saía para o pátio [1970]

652: a mãe] a mãe, [1912; 1970]

656: jardim, onde por vezes,] jardim, onde por vezes [1912] jardim onde por vezes [1970]

660 ser traduzidas, pela doçura do tanger, e do trovar. E agora,
 muitas noites, quando todo o solar dormia, e dormia o rio e o
 vale, e na terra se não via luz, além da lâmpada que ardia
 no cruzeiro da velha ponte romana, Gil, à janela do seu quarto,
 soltava, no silêncio e na escuridão suave, uma doce vibração de
 665 cordas, e um murmúrio de endecha, em que vagamente cantava
 duma selva, duma fonte clara, e da alma que lá lhe ficara.

Era com efeito para uma selva frondosa, a uma nascente de
 água viva, que todos os dias, à hora da sesta, ele voltava o galope
 do seu alazão aragonês. Ficava esse doce sítio, no fundo dum
 670 vale, donde nada se via, dentre o arvoredado que o cercava,
 senão o grande azul do céu benéfico. Uma água fria saía dentre
 rochas, e caindo de pedra em pedra, formava um riacho claro,
 que ia cantando e fugindo, sob a ramagem de grande arvoredado.
 Mas num sítio onde as árvores clareavam, a água mais lisa e
 675 larga fazia um remanso, como um lago pequenino, — e daí,
 subia desde a margem húmida, e florida de margaridas, até ao
 cimo dum doce outeiro, uma relva, igual e tenra, onde os
 gados podiam pastar. Ali desmontava D. Gil, prendia o seu
 cavalo, a um tronco de árvore: — e se tudo estava deserto,

660: traduzidas,] traduzidas [1912; 1970]

660: tanger,] tanger [1970]

660: agora,] agora [1912; 1970]

661-2: rio e o vale [No Ms.: rio e vale; *adota-se a lição da tradição.*]

662: via luz] via luz, [1912; 1970]

666: duma selva, duma fonte] de uma selva, de uma fonte [1970]

669: sítio,] sítio [1912; 1970]

669-70: dum vale, / dentre o arvoredado] de um vale, / de entre o arvoredado [1970]

671-2: dentre rochas,] de entre rochas, [1970]

672: e caindo] e, caindo [1912; 1970]

674: Mas] Mas, [1912; 1970; 1970 *abre parágrafo.*]

675: pequenino, —] pequenino — [1912; 1970]

675: e daí,] e, daí, [1912] e daí [1970]

676: húmida,] húmida [1912; 1970]

677: dum doce] de um doce [1970]

677: relva,] relva [1912; 1970]

678: Ali [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

679: cavalo,] cavalo [1912; 1970]

680 tocava, na sua buzina. Bem depressa um rafeiro ladrava: — e
 pelo alto do outeiro, redondo e verde, aparecia uma pastora, com
 a roca à cinta, e com ela um rebanhozinho de ovelhas. Ambos
 sorriam, corando, a pastora e o Senhor D. Gil. E enquanto
 o gado bebia na água clara — ambos se sentavam, na relva,
 685 à sombra da mesma faia que os tinha abrigado, na tarde em
 que D. Gil, vindo ali descansar duma longa correria nas serras,
 lá encontrara a pastora, no momento em que uma nuvem
 grossa passava, e dela caía um grosso chuva.

Desde então, todas as sextas ali se encontravam: na mesma
 690 relva se sentavam: e mesmo sem que falassem, só por se
 sentirem, junto um do outro, naquela solidão, sob as sombras
 que na véspera **os** tinham coberto, os seus olhos, brilhando e
 rindo, se humedeciam de felicidade. Um pobre surrão de esta-
 menha, cingido à cinta por uma corda, era todo o vestuário da
 695 pastora: através dos rasgos que nele tinham feito os silvados,
 a pele do seu peito, do seu joelho brilhava, com a brancura macia
 de um mármore fino: e sob os cabelos despenteados, na face linda
 que o sol e o ar da serra crestara, o largo azul dos seus olhos
 grandes, que pareciam sempre maravilhados, tinha o brilho divino
 700 do azul do céu, e a graça tímida do azul do miosótis. Gil só
 sabia que ela se chamava Solena: — e que servia, de pastora,

680: tocava,] tocava [1912; 1970]

682: com ela] com ela, [1912]

684: gado [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em gado.*]

684: clara — / sentavam,] clara, / sentavam [1912; 1970]

685: abrigado,] abrigado [1970]

686: duma longa] de uma longa [1970]

687: momento,] momento [1912; 1970]

689: encontravam:] encontravam, [1912]

691: sentirem,] sentirem [1912; 1970]

692: véspera **os**] véspera a [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

693: Um [1970 *abre parágrafo.*]

695: dos rasgos] dos rasgos [1912; 1970]

696: joelho brilhava, com] joelho, brilhava, com [1912] joelho, brilhava, como [1970]

699: maravilhados, tinha] maravilhados, tinham [1912]

700: azul do] azul dos [1912; 1970]

701: Solena: — e que servia,] Solena, e que servia [1912] Solena e que servia [1970]

desde pequena, um velho que tinha a sua granja, para além das colinas. Sentados na relva fresca, tinham longos silêncios: ele tomava a mão da sua amiga, e fazia girar sorrindo um pobre
 705 anel de chumbo, que lhe enfeitava o dedo: ela erguia da relva o gorro de Gil, e acariciava as plumas brancas que o ornavam. Brincando ela lavava, no riacho claro os seus pobres pés que a serra endurecera: e ele apanhava flores silvestres, que lhe metia rindo no cabelo. O cuidado de ambos era saberem se tinham
 710 pensado um no outro: — e baixo, com os dedos enlaçados, contavam os sonhos que lhes tinham encantado a noite. Nunca Gil falava do rico e nobre solar que habitava: mas ela decerto o considerava como filho dum Rei igual ao duma história de fadas que sabia, porque às vezes lhe dizia, «um dia vais, e
 715 não voltas mais». Ele jurava muito grave, que passariam a vida, juntos, sentados naquela relva, vendo correr a água clara.

As ovelhas brancas pastavam pela encosta. O rafeiro dormia ao lado de Solena. E ela então, prendendo um joelho entre as mãos, os seus claros olhos erguidos para as ramagens quietas, começava
 720 a cantar. E era tão doce o cantar, e tão linda a cantiga que Gil se punha a pensar, em contos que ouvira às aias, quando era pequeno, e em que fadas adoráveis tomam as formas de pastoras, e cantando, como Solena cantava, atraem para o alto das serras,

702: um velho] a um velho [1912; 1970]

702: granja,] granja [1912; 1970]

704: e fazia] e fazia, [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

704: girar sorrindo] girar, sorrindo, [1970]

707: Brincando / claro] Brincando, / claro, [1912; 1970]

708-9: metia rindo] metia, rindo, [1970].

710: no outro: —] no outro: [1912; 1970]

711: Nunca [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

712: habitava:] habitava, [1912; 1970]

713: dum Rei] dum rei, [1912] de um rei, [1970]

713: duma história] de uma história [1970]

714: dizia, «um] dizia: «Um [1912; 1970]

715-6: jurava / vida, juntos,] jurava, / vida juntos, [1912; 1970]

720-1: cantiga que Gil se punha a pensar, em contos] cantiga, que Gil se punha a pensar em cantos [1912; 1970]

722-3: as formas de pastoras, e cantando] a forma de pastoras, e cantando [1912] a forma de pastoras, e, cantando [1970]

723: serras,] serras [1912; 1970]

os Cavaleiros que passam. Como ele iria contente, mesmo para
 725 a morte, levado por ela! De tão perto então mergulhava os seus
 olhos nos dela, respirava o seu respirar, que o seio pequenino de
 Solena arfava, sob a dura estamenha. Um enleio, que era cheio de
 doçura e tristeza, invadia os seus dous corações. Ambos sentiam,
 como uma vontade de chorar. E por vezes, ambos brusca-
 730 mente, se afastavam, como envergonhados, — ele, indo bater
 no pescoço do seu ginete que escarvava a relva impaciente,
 ela dando alguns passos, ao longo do riacho, com a sua roca,
 e fiando, com os dedos tão trémulos, que o fuso lhe caía na relva.
 Mas bem depressa ele gritava: «Solena!», corria atrás dela, pas-
 735 sava o braço, em torno da sua cinta, que ele sentia, quente
 e como nua, através do surrão: e assim, iam calados, ao comprido
 da água murmurosa para se sentarem mais longe, noutra relva,
 à sombra de outro arvored.

Mas pouco a pouco a tarde caía. Ela de novo apanhava
 740 a sua roca, chamava o rafeiro. Gil murmurava — «Ainda não!»
 E quando por fim, tendo infinitamente repetido «Adeus, Deus te
 leve», Solena subia o outeiro, com as suas ovelhas atrás, ele ficava,
 ainda, revendo os lugares, onde tinham pisado a relva, a água
 em que ela mergulhara os pés, todo aquele arvored, por onde
 745 se evolara o seu canto. Depois, montando, com um grande
 suspiro, recolhia sob a doçura da tarde, sentindo também na sua
 alma a tristeza de um escurecer.

724: Cavaleiros] cavaleiros [1970]

725: perto então] perto, então, [1912; 1970]

728-9: Ambos sentiam, como uma vontade] Ambos sentiam como vontade [1912; 1970]

729: vezes,] vezes [1970]

729-30: bruscamente,] bruscamente [1912; 1970]

730-1: ele,/ ginete] ele/ ginete, [1912; 1970; *elimina-se vírgula depois de bater.*]734: gritava: «Solena!»,] gritava Solena. [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

735: braço,] braço

735: sentia,] sentia [1912; 1970]

737: murmurosa] murmurosa, [1912; 1970]

739: Mas [1970 *não abre parágrafo.*]

740: rafeiro: Gil murmurava —] rafeiro. Gil murmurava: [1912; 1970]

740: «Ainda não!»] Ainda não! [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

742-3: ficava, ainda, revendo os lugares,] ficava ainda revendo os lugares [1912; 1970]

745: Depois, montando,] Depois, montando [1912; 1970]

Um dia, chegando junto do ribeiro, e tendo tocado a sua
 buzina, não ouviu ladrar o rafeiro — nem Solena apareceu com
 750 as suas ovelhas atrás. Impaciente, correu ao cimo do outeiro — e,
 até onde seus olhos inquietos podiam abranger, não avistou reba-
 nho nem pastora. Ainda esperou, errando, tristemente, junto
 da água, e sob as árvores. E só quando escureceu, tornou
 a cavalgar, recolhendo a passo, as rédeas caídas, tão triste, que
 755 um bando de ceifeiras, que passavam cantando cessaram o
 seu canto, e o ficaram a olhar, compadecidas. À ceia, os seus
 lábios nada tocaram — e apenas Frei Múnio dera as Graças, ele
 beijando a mãe com uma ternura mais viva, correu para o seu
 aposento, e caiu sobre um escabelo, diante dum retábulo da
 760 Virgem, e ali ficou toda a noite, perdido numa saudade, que não
 tinha nome nem fim.

Com que ansiedade, logo de madrugada, correu de novo,
 à fresca fonte, onde «a alma lhe ficara»! Mas o sol ia alto, três
 vezes ele tocara a sua buzina, — e nem o rafeiro latiu; nem
 765 aparecia a pastora. Então desesperado, largou a galopar
 por vales e outeiros, sondando todas as espessuras de bosques,
 parando a olhar o fundo dos barrancos, subindo aos cimos, gri-
 tando, pelas quebradas, o nome de Solena. Mas em torno dele
 só havia solidão e mudez. Pela tarde avistou uma velha, que
 770 subia uma encosta, apoiada ao seu bordão, carregando um molho

749: apareceu] apareceu, [1970]

751-2: rebanho] rebanho, [1912; 1970]

753: da água,] à água, [1912; 1970]

753: escureceu,] escureceu [1970]

755: cantando] cantando, [1912; 1970]

757: Frei Múnio dera as Graças, ele] Frei Múnio dera as graças, ele, [1912] frei Múnio
 dera as graças, ele, [1970]

759: dum retábulo] de um retábulo [1970]

762: novo,] novo [1912; 1970]

764: buzina, —] buzina — [1970]

764-5: nem aparecia a pastora.] nem apareceu a pastora! [1912; 1970]

765: Então] Então, [1912; 1970]

768: dele] dele, [1912]

769: Pela tarde] Pela tarde, [1912; 1970; *abrem parágrafo*]

de lenha. Correu, interrogou a velha — mas ela, tonta e vaga não compreendia, e Gil, outra vez abalou, sem esperança, **não** vendo os caminhos por onde corria, com as lágrimas que lhe bailavam nos olhos. Já o sol descia, quando junto duma cruz
 775 que se erguia entre três carreiros, encontrou dous homens, que descansavam, um segurando pela mão um burro carregado de vasilhas, **outro** com duas lebres mortas às costas, penduradas duma lança. Ao ver Gil que colhera as rédeas, o caçador tirou a gorra de pele de raposa, e dobrou o joelho como um
 780 servo: — mas quando Gil lhe perguntou, pela pastora e pelo rebanho, nem ele, nem o homem do burro, lhe souberam informar. Gil com um grande suspiro meteu pelo caminho de Gonfalom.

Toda a noite, velou, numa ansiedade mortal. Ora a supunha
 785 inconstante, esquecida dele, tendo levado para outro sítio, para a beira de algum pastor como ela, o seu rebanho, e o seu lindo cantar; ora a imaginava, na granja do amo doente, ou morta talvez, devorada pelos lobos, levada pelas águas duma torrente. E o seu desespero era não saber qual o amo, a granja que ela
 790 servia, onde ele pudesse correr, e saber a verdade. A tocha de cera que ardia a um canto estava derretida. Já a manhã clareava.

771: Correu, [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

771-3: vaga não compreendia, e Gil, outra vez abalou, sem esperança, **não** vendo] vaga, não compreendia, e Gil outra vez abalou, sem esperança, não vendo [1912] vaga, não compreendia, e Gil outra vez abalou sem esperança, não vendo [1970] [No Ms., *mão alheia substituiu mas por não, lição adotada pela tradição.*]

774: duma cruz] de uma cruz [1970]

777: **outro**] ou [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição, apoiada em acréscito alógrafo.*]

777-8: penduradas duma lança.] penduradas numa lança: [1912; 1970]

779: raposa,] raposa [1912; 1970]

780: lhe perguntou,] lhe perguntou [1912; 1970]

781: lhe souberam] o souberam [1912; 1970]

782: Gil / suspiro] Gil, / suspiro, [1912; 1970]

784: noite, velou,] noite velou [1912; 1970]

787: imaginava, / amo] imaginava / amo, [1912; 1970]

788: duma torrente.] de uma torrente. [1970]

789: E [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

789: granja] granja, [1912; 1970]

791: cera que ardia a um canto] cera, que ardia a um canto, [1912]

Abriu a porta, desceu ao pátio, à quinta, a espalhar a sua dor na frescura das ramagens. Um homem, que apagava uma lanterna, no muro da cavalaria, correu para ele, tirando o seu gorro de pele de raposa. Gil reconheceu um Pêro **Casco**, falcoeiro, que desde o Natal tomara serviço no solar.

— Meu senhor! disse o homem. A pastora por que ontem perguntáveis, no Cruzeiro, quando eu lá estava, com duas lebres às costas, guardava umas dez ovelhas, e tinha um podengo amarelo?

800 Gil, agarrou o braço do homem.

— Dize!

Então Pêro contou, que o podengo fora encontrado morto; um almocreve achara adiante as ovelhas perdidas; de madrugada passara nesse sítio um bando de homens-de-armas, que vinha das bandas de Aguiar. A pastora fora decerto roubada.

805 Gil ficou mais branco que a cal do muro por trás. E com um tom de comando e de força, como se aquela dor por que vinha penando, do Donzel houvesse feito surgir o Homem, ordenou a Pêro que desse o alardo aos moços de armas, se armasse ele

792: Abriu [*Elimina-se a vírgula.*]

792: quinta, a espalhar] quinta, espalhar [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

793 homem, que [*De acordo com a lição da tradição, desloca-se a vírgula de que para homem.*]

793-4: lanterna, / tirando o seu gorro] lanterna / tirou sua gorra [1912; 1970]

795: Pêro **Casco** [*No Ms. Pêro Malho; adota-se o nome Pêro Casco, última vontade do autor no decorrer da narrativa; as ocorrências seguintes não são anotadas, apresentando-se a variante a negrito no corpo do texto. A tradição preferiu manter o primeiro apelido do falcoeiro. Opta-se pela forma Pêro, acentuada de acordo com a primeira ocorrência no ms. e com a lição de 1970.*]

797: senhor! disse o homem.] senhor! — disse o homem — [1912] senhor — disse o homem — [1970]

798: Cruzeiro,] cruzeiro, [1970]

799: ovelhas,] ovelhas [1912; 1970]

799: amarelo?] amarelo?... [1912]

800: Gil,] Gil [1912; 1970]

800: do homem.] do homem: [1912]

802: contou,] contou [1912; 1970]

803: morto; um] morto; uma [1912]

804: de madrugada] e madrugada [1970]

806: do muro por trás.] do muro que lhe ficava por trás. [1912; 1970]

808: penando,] penando [1912; 1970]

808: Donzel / Homem,] donzel / homem, [1970]

809: o alardo] o alarde [1912] o alarme [1970]

810 de ascuma e loriga, e estivessem todos, com cavalos, ao pé do
 Portelo da Faia. Depois, subiu as escadarias de pedra, e na velha
 sala de armas, onde há tanto **tempo** só entrava o serviçal para
 sacudir a poeira, vestiu a cota de malha, e o capelo, que seu pai
 lhe dera, escolheu uma lança de monte, e armado, tendo feito o
 815 sinal da cruz, desceu devagar para que nem as aias se apercebessem,
 e foi ter ao Portelo, onde um a um espantados, ainda com os
 olhos inchados de sono, vinham chegando os homens-de-armas.
 Eram os sete que havia no solar — já velhos, tendo perdido
 nas tarefas da lavoura, os hábitos do capelo e da cota que
 820 se tinham enferrujado, e com as lorigas de couro mal juntas, os
 coxotes mal afivelados, montando velhos ginetes, a que quietos
 anos de sono e razão farta, tinham tirado a ligeireza e o garbo,
 formavam um troço de homens toscos e moles, de que se riria
 qualquer bom cavaleiro, voltando da Fronteira e dos Mouros.
 825 Mas quando o Senhor D. Gil, no seu grande fouveiro sacudiu a
 lança, e partiu — lá galoparam, mal acostumados à sela, enro-
 lando por vezes na clina, as mãos calejadas do arado e do
 malho. Bem depressa porém a carreira parou, no encontro
 de dous caminhos — porque D. Gil mal sabia o que o levava,
 830 assim, armado, com a sua ronqueira mesnada de sete homens de
 lavoura, através dos campos quietos. E os seus belos olhos, de

812: tanto **tempo** só] tanto só [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição, apoiada em acréscito alógrafo.*]

816-7: onde um a um / inchados de] onde, um a um, / inchados do [1912; 1970]

818: Eram [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

818: solar — já] solar — e já [1912]

819: lavoura,] lavoura [1912; 1970]

819: cota] cota, [1912; 1970]

823: riria [*Elimina-se a vírgula.*]

824: Fronteira] fronteira [1970]

825: Mas] Mas, [1912 e 1970, *que abrem parágrafo.*]

825: Senhor] senhor [1912; 1970]

825-6: fouveiro sacudiu a lança, e partiu —] fouveiro, sacudiu a lança e partiu, [1912; 1970]

827: clina,] clina [1912; 1970]

828: Bem [1912 abre parágrafo, *tal como* 1970.]

828-9: depressa porém a carreira parou, no encontro de dous caminhos —] depressa, porém, a carreira parou, no encontro de dois caminhos, [1912] depressa porém a carreira parou no encontro de dois caminhos, [1970]

829-30: D. Gil mal sabia o que o levava, assim [*Eliminam-se as vírgulas depois de D.Gil, sabia e de assim*]

835 novo se enevoaram de lágrimas, de donzel, sentindo que a sua grande cólera era vã, e sem alvo, como uma lança arremessada, contra o vento. Para onde ir? Contra quem correr? Se a pobre Solena fora roubada, para onde a tinham levado os seus roubadores? A que solar pertenciam? Como tomar a desforra, com esses sete homens mal armados?

— Que fazer, Pêro?

840 Ao seu lado Pêro **Casco**, montando um ginete pequeno de longas clinas, com uma loriga de tiras de couro negro, tomara o lugar de escudeiro. E com a sua ascuma atravessada na sela, coçando o queixo rapado pensativamente terminou por aconselhar, que se fossem pelos caminhos, e pelas herdades, indagando da passagem desses homens armados que tinham vindo de Aguiar.

845 — Assim seja, Pêro.

850 E todo o dia, por vales e outeiros, daquela terra pouco habitada, a cavalgada trotou, sob o sol de agosto. Mas nem um almocreve que conduzia cantando os seus machos, nem um bando de jograis que iam para a feira de Vouzela, nem duas moças que cavavam à beira duma herdade solitária lhes souberam dizer dos homens que procuravam. Pela tarde, quando o sol descia, indo por um carreiro entre cerros, avistaram no alto, a torre negra, as ameias dum paço acastelado. A levadiça estava erguida: e tudo parecia deserto, na tristeza do poente. D. Gil fez

831-4: seus belos olhos, / lágrimas, / arremessada, contra o vento] belos olhos / lágrimas / arremessada contra o vento! [1912; 1970]

836: desforra,] desforra [1912; 1970]

839: lado] lado, [1970]

842: rapado pensativamente / aconselhar,] rapado, pensativamente, / aconselhar [1912; 1970]

844: armados, [1912; 1970]

846: e outeiros,] e outeiros [1912; 1970]

847: Mas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

848: almocreve que conduzia] almocreve, que conduzia, [1912]

848: cantando] cantando, [1912; 1970]

850: duma herdade] de uma herdade [1970]

850: solitária] solitária, [1912; 1970]

852: alto,] alto [1912; 1970]

853: dum paço] de um paço [1970]

854: erguida:] erguida, [1912; 1970]

855 soar a sua buzina — nenhuma atalaia apareceu entre as ameias.
Mas tendo costeado o cerro, e entrado num campo, que um
valado cercava, dous homens correram, com chuços, gritando:

— Cá por aqui é honra! A que vindes?

Pêro, alçado nos estribos, gritou:

860 — De quem, a torre?

— De Lanhoso, e não há cá ninguém.

A cavalgada seguiu, — enquanto outros homens, bestei-
ros, e moços do monte, se acercavam também do silvado, gritando
também, com tom de ofensa e de briga: — Cá por aqui é honra!

865 D. Gil, cujos olhos faiscavam, colhera as rédeas, apertava a
lança — mas já Pêro **Casco** o retinha, com bom conselho. De que
servia brigar? Com sete homens não se assaltava um castelo.

Os beijos de D. Gil tremiam. Talvez, dentro daqueles
muros estivesse agora a pobre Solena, perdida sem remissão.
870 De que servia andar, na vã empresa? Os homens violentos que
a tinham levado estavam decerto, metidos com ela, dentro de
muralhas e torres. Só o poder de El-Rei a poderia libertar. Não
ele, com os seus sete criados... E mesmo que corresse, sobre
aqueles, ou homens doutro castelo, como saber, se **eram** esses
875 na verdade os culpados, e se não estaria inocente, o sangue
que então corresse? Só lhe restava chorar aquela flor, que ele
descobrira, e que outros tinham colhido.

855: buzina —] buzina: — [1912]

856: Mas tendo [*De acordo com a lição da tradição, desloca-se a vírgula de tendo para Mas.*]

860: quem,] quem [1912; 1970]

862: seguiu, —] seguiu — [1970]

862-3: besteiros,] besteiros [1912; 1970]

864: — Cá [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

869: muros] muros, [1912; 1970]

870: andar,] andar [1912; 1970]

871: decerto, metidos com ela,] decerto metidos com ela [1912; 1970]

872: El-Rei] el-rei [1970]

873: com os] com [1970]

873: corresse,] corresse [1912; 1970]

874: saber,] saber [1912; 1970]

874: se **eram** esses [*Adota-se a lição de 1912, seguida também por 1970.*]

875: inocente,] inocente [1912; 1970]

876: corresse?] corresse [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

877: outros [*Elimina-se a vírgula.*]

Nestes pensamentos o colheu a noite, e foram pernoitar a uma herdade, onde o pobre fazendeiro, um velho, ficou aterrado
 880 ao ver aquele senhor com os seus homens-de-armas, que decerto
 esvaziariam a sua capoeira, e levariam a palha do seu palheiro,
 sem lhe dar um maravedi: — mas quando Gil declarou que
 tudo pagaria pelo preço de Vouzela, foi uma festa na herdade,
 e até desoras, em torno duma grande fogueira, os homens-
 885 -de-armas esvaziaram pichéis de vinho novo, rindo das histórias
 que contava o facundo Pêro **Casco**. D. Gil, embrulhado no
 seu mantel, pensava em Solena, nas tardes junto à Ribeira, e
 naquela fraqueza dos seus braços, que a não podiam salvar. Mas,
 mesmo que a arrancasse dentre os homens brutais que a tinham
 890 levado, seria ela a mesma Solena, que embalava nos braços o anho
 branco? Não, Virgem Santa! A lama sujara a água clara.
 A pata do boi pisara a flor silvestre. Ai dele! Da Solena que
 conhecera nada restava, e era como se ela morresse, e **o seu**
 895 lindo corpo, que alvejava entre os rasgões do surrão, estivesse
 apodrecendo na vala escura. As lágrimas, ao pensar assim, caíam
 nas suas faces: — mas a violenta angústia cessara, como um
 temporal, e agora uma saudade se estabelecia na sua alma, calma

878: Nestes] Nesses [1012; 1970]

880: senhor] senhor, [1912; 1970]

882: maravedi: — mas] maravedi. Mas [1912; *abre parágrafo*.]

883-4: herdade, e até] herdade, até [1912; 1970]

884: duma grande] de uma grande [1970]

884: fogueira,] fogueira [1912; 1970]

885: vinho novo, rindo] vinho, rindo [1912; 1970]

886: D. Gil, [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

887: Ribeira,] ribeira, [1912; 1970]

889: dentre os homens] de entre os homens [1970]

891: branco? Não, Virgem Santa!] branco? Não, Virgem Santa. [1970] [*Adota-se a lição de 1912.*]

891: clara.] clara; [1970]

892-3: Solena que conhecera] Solena, que conhecera, [1912]

893-4: e **o seu** lindo] e a sua lindo [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

896: cessara,] cessara [1970]

e doce, como o luar triste, que se espalha pelos campos, depois que passou a tormenta.

- 900 De manhã, tendo os seus homens já montado, não quis recolher ao solar. Era como uma esperança, de poder ainda talvez socorrer a mísera pastora, e uma vergonha de voltar, a depor na sala de armas, entre a poeira, a sua lança que não **servira**. Todo o dia ao acaso trilhou os caminhos. Ao passar pelas
- 905 granjas fazia ressoar a sua buzina. Se avistava algum cavaleiro, montado na mula de jornada, estacava, com a lança a prumo sobre o coxote; o cavaleiro passava tirando **o gorro**; e D. Gil retomava a marcha. Por vezes, enervado, impaciente, despedia numa longa carreira — até que homens e cavalos estacavam arquejando.
- 910 E no despeito surdo que sentia, com aquelas correrias sem destino, e sem glória, desejava ao menos encontrar um lobo, um touro bravo a derrubar. Os homens, cobertos de poeira e suor, praguejavam já surdamente; e Pêro que enfiava o casco de ferro no braço, declarava que o melhor era irem a Vouzela alugar dous
- 915 ou três homizios, para vencer e ficar fartos.

Ao descer do sol, à vista dum pinheiral que cobria um outeiro, sentiram de repente um grito, depois outro. «Louvado seja S. Tiago!» exclamou logo Pêro. D. Gil, largando rédea, correu, para o bosque escuro — e num barranco, avistaram entre fardos,

898: e doce, como o luar triste,] e doce como o luar triste [1912] e doce, como o luar triste [1970]

900: homens [*Elimina-se a vírgula.*]

901: uma esperança,] uma esperança [1912; 1970]

902: de voltar,] de voltar [1912; 1970]

903: não **servira**] não vira [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

904: Todo [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

905: granjas] granjas, [1912]

907: tirando **o gorro** [Ms.] tirando; [*Adota-se a lição da tradição.*]

909: cavalos [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em cavalos.*]

910: E [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

910: surdo] fundo [1912; 1970]

913: surdamente;] surdamente. [1912; 1970]

913-5: e Pêro que enfiava o casco de ferro no braço, declarava que o melhor era irem a Vouzela alugar dous ou três homizios, para vencer e ficar fartos. [*Passagem omitida em 1912 e 1970.*]

918: Pêro.] Pêro. — [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

918: rédea, correu,] rédea, correu [1912; 1970]

920 e caixas caídas, da mula que as carregava, três homens-de-armas
que amarravam a um tronco um velho, enquanto atavam com
uma corda os pés dum rapazito, cheio de sangue na boca.
Os três cavalos dos homens esperavam à orla do pinheiral: e antes
925 sobre os ginetes, fugiam furiosamente. O bom cavaleiro largou
sobre eles com dous dos seus solarengos: — mas, conhecendo
decerto os caminhos que se cruzavam entre o arvoredor,
os três homens tinham desaparecido na espessura. Então, voltou
para o velho, que Pêro desamarrara, e que, tremendo todo, e
930 gaguejando, contou que ia com o neto levar duas jardas de pano
de almáfega ao paço dos Senhores de Solores, quando fora
assaltado, espancado. O rapazito tinha dous dentes partidos,
um ombro com a carne rasgada duma lasca de pedra — e
D. Gil lamentou não saber como todo o cavaleiro deve, a
935 arte de curar as feridas. Fez montar a criança, que desmaiava,
à garupa de Gundes, o seu homem-de-armas que trazia o cavalo
mais forte: a carga foi arrumada sobre a mula: — e três dos
seus solarengos, com Gundes, acompanharam o recoveiro, ao
solar de Solores. Depois quando viu o velho partir, assim bem
940 escoltado — largou a galope para Gonfálim; tão alegre agora,
e satisfeito com a vida que rompeu a cantar.

919-20: avistaram entre fardos, e caixas caídas, da mula que as] avistaram, entre fardos e caixas caídas da mula que as [1912] avistaram entre os fardos, e caixas caídas, da mula que os [1970]

921: atavam] atava [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

922: dum rapazito,] de um rapazito, [1970]

924: usar as lanças,] usar a lança, [1912; 1970; *elimina-se a vírgula depois de D. Gil.*]

925: O bom [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

927: decerto [*Elimina-se a vírgula.*]

931: de almáfega ao paço dos Senhores] de almafega [1912] de almafega ao paço dos senhores [1970]

932: assaltado, espancado,] assaltado e espancado [1912; 1970]

933: duma lasca] de uma lasca [1970]

933: pedra — e / saber] pedra, e / saber, [1912; 1970]

937: forte: / mula: —] forte; / mula; [1912; 1970]

938: recoveiro,] recoveiro [1912; 1970]

939: Solores. Depois] Solores. Depois, [1912] Solores; depois, [1970]

940-1: escoltado — / Gonfálim; / com a vida] escoltado, / Gonfálim, / com a vida, [1912; 1970]

A noite cerrara, quando a cavalgada chegou à levadiça do solar. Serviçais esperavam com tochas — e Gil, desmontado, caiu nos braços de D. Rui e de D. Tareja, que sem saber para
 945 onde partira o filho do seu coração, com cavalos e armas, tinham passado dous dias, no alto da torre de atalaia, olhando sofregamente os caminhos, tremendo a cada rolo de poeira que ao longe se enovelava, e fazendo ricas promessas a todos os Santos do Céu. Mas quando o viram tão airoso e forte, na sua armadura, nem
 950 o repreenderam do terror que lhes dera — embevecidos com o seu belo cavaleiro que lhes parecia tão belo como S. Miguel armado. D. Tareja passava as mãos com amor, na cota brunida. Foi D. Rui que o desembarçou da rodela e da lança. —E quando à ceia o bom Senhor soube de como ele libertara o recoveiro,
 955 e o neto, e os três bandidos tinham fugido — não se conteve, no seu entusiasmo, e gritou, com uma punhada na mesa, que fez tremer os pichéis de estanho:

— Vida de Cristo! Que nunca ouvi, nem sei que se conte nos livros, de mais justa façanha!

960 Então começou este moço gentil a amar grandemente as armas. Mas, por elas, não esquecia a linda Solena roubada: — e até se agora se empenhava em ser um forte e destro cavaleiro, é que sonhando uma noite com ela, a vira, no fundo duma torre, com os cabelos soltos e grilhões nas mãos, que lhe dizia

942: cavalgada [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em cavalgada.*]

943: Serviçais [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

944: que] que, [1912]

946: dias,] dias [1912; 1970]

948-9: os Santos do Céu. Mas] os santos do céu. Mas, [1912; 1970]

950-1: dera — / cavaleiro] dera, / cavaleiro, [1912; 1970]

952: com amor,] com amor [1912; 1970]

953: da lança. —] da lança. [1912; 1970]

954: Senhor] senhor [1970]

956: gritou, / mesa,] gritou / mesa [1912; 1970]

960: Então [*Início do capítulo V na edição de 1912; 1970 não deixa espaço entre este parágrafo e o anterior.*]

962: até] até, [1912; 1970]

963: que] que, [1912; 1970]

963-4: duma torre,] de uma torre, [1970]

965 através de lágrimas: — «Se não pudeste socorrer-me, a mim
 pobre pastora que só te tinha a ti no mundo, dedica-te, por amor
 e lembrança de mim, a socorrer todas as fraquezas, amparar
 todos os desamparos.» Depois a torre e Solena tinham-se sumi-
 do — e ele vira Jesus Nosso Senhor de repente, que sorrindo,
 970 lhe oferecia uma grande espada mais clara que um diamante.
 Então, começou a pensar, em correr mundo, como Paladino
 errante, para socorrer todos os fracos: — e agora, que aprofundava
 aquela ideia, nenhuma existência lhe parecia mais nobre e mais
 bela. O mundo vira já muitos desses cavaleiros famosos. Mudos,
 975 cobertos de ferro, seguidos dum só escudeiro; com a lança,
 eles percorriam os reinos da terra, protegendo os pobres e
 os mesterais, libertando damas encerradas em torres, derrotando
 os gigantes daninhos, derrubando os príncipes dos tronos usur-
 pados, remindo povos cativos, destruindo as feras que assolam
 980 as searas, e a caminho de conquistar um Reino, parando a
 consolar uma criança que chora num horto. Um anjo voava
 por trás deles, com as asas abertas: — e as suas façanhas não
 provinham da irresistibilidade da sua força mas da evidência da
 sua Justiça: uma tal vida deslumbrava D. Gil — e a sua possi-
 985 bilidade era clara, pois que sem procurar aventuras, só porque

965: mim] mim, [1912]

967: mim, a socorrer] mim, socorrer [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

968: Depois] Depois, [1912; 1970; *abrem parágrafo.*]

969: Senhor de repente, que] Senhor, de repente, que, [1912; 1970]

970: espada] espada, [1912; 1970]

971: pensar,] pensar [1912; 1970]

971: Paladino] paladino [1970]

975: escudeiro;] escudeiro [1912; 1970]

976: terra,] Terra, [1970]

980: e] e, [1912; 1970]

980: Reino,] reino, [1912; 1970]

981: que chora] que chorava [1912]

982: deles,] deles [1912; 1970]

983: força] força, [1912; 1970]

984: Justiça:] justiça. [1912; 1970]

985: que] que, [1912; 1970]

sete lanças o seguiam, ele, libertando o recoveiro, no Pinhal, fizera obra de Paladino.

Então todos os seus pensamentos foram dados a esta empresa. Todos os dias se adestrava em jogar a espada com qualquer
 990 mão, em arremessar bestas, em vibrar o montante — e o velho
 D. Rui do balcão da sala de armas, aplaudia estes exercícios
 que tanto convêm a um fidalgo, que preza Deus, a honra,
 e a linhagem. Por sua ordem, o Intendente comprou o melhor
 995 alazão de guerra, que nesses tempos apareceu na grande feira
 do S. João em Viseu: todos os homens-de-armas foram pro-
 vidos com lorigas novas, ascumas de largo cutelo, cascos que
 reluziam como espelhos: — e a armadura de Gil, que a mãe,
 com dinheiro das suas arras lhe quis dar era tão bela que
 esteve, durante todo um domingo, exposta na capela do solar.
 1000 Pêro **Casco**, constantemente acompanhava D. Gil, nestas
 ocupações de cavaleiro ou no interior do solar. Era ele quem
 polia as armas, dava a ração ao ginete de guerra, cuidava dos
 galgos favoritos de D. Gil, tudo dispunha para os exercícios de
 armas: — e mesmo como a idade e os achaques iam tornando
 1005 mais trôpego o aio de D. Gil, era Pêro quem dormia, atraves-
 sado à porta do seu aposento, e lhe batia as roupas com um

986: no Pinhal] no pinhal [1912; 1970]

987: Paladino.] paladino. [1970]

990: em arremessar] em disparar [1912; 1970]

991: D. Rui] D. Rui, [1912; 1970]

992: um fidalgo,] um fidalgo [1912; 1970]

992: honra,] honra [1912; 1970]

993: Intendente] intendente [1970]

994: guerra,] guerra [1912; 1970]

995: do S. João] de S. João, [1912; 1970]

997: mãe,] mãe [1912; 1970]

998: dar era tão bela] dar, era tão bela, [1912; 1970]

1000: Pêro **Casco**,] Pêro Malho [1912; 1970; *abrem parágrafo*.]

1000: D. Gil,] D. Gil [1912; 1970]

1001: cavaleiro ou no interior do solar.] cavaleiro. [1912]

1002: ginete de guerra,] ginete, [1912; 1970]

1004: mesmo] mesmo, [1912; 1970]

1005: dormia,] dormia [1970]

junco, e, à mesa, lhe enchia o pichel de vinho. D. Gil começava a ganhar grande afeição a este escudeiro.

1010 Era Pêro um mocetão, mais moreno que um mouro, e esperto e destro, e destemido, duma alegria que lhe trazia sempre descobertos os dentes magníficos, grande sabedor de histórias e rifões, lindo bailador em festas de adro, e tão rijo que podia passar dous dias de jornada, sem sono, sem ração, bebendo apenas nas fontes um golo de água pela borda do sombreiro. Sabia
1015 tudo quanto compete a caça e a guerra: — e D. Gil tanto se ia afeiçoando a este moço, que já decidira levá-lo por escudeiro, se jamais partisse, a correr mundo, como Cavaleiro-andante.

O seu desejo, agora que era destro em todos os exercícios das armas, era ser armado cavaleiro. E como D. Rui lhe
1020 prometera essa honra para quando tivesse vinte anos, e apenas faltavam duas semanas de agosto, logo se começou a preparar a grande festa, — e se armaram arcos de buxo, desde o solar até à Igreja do Mosteiro, onde D. Gil devia velar as armas. Nessa
1025 noite por **toda** a aldeia, junto do velho **solar** e no terreiro do Convento, se acenderam pipas de alcatrão, e fogueiras, onde o povo dançou, em grande ruído, ao som de violas e doçainas.

1011: esperto e destro, e destemido,] esperto, destro e destemido, [1912; 1970]

1011: duma alegria] de uma alegria [1970]

1015: golo de água] golo de água, [1912] gole de água, [1970]

1016: a caça e a guerra: —] à caça e à guerra — [1912; 1970]

1017: que já decidira] que decidira [1970]

1018: partisse,] partisse [1912; 1970]

1018: Cavaleiro-andante.] cavaleiro andante. [1970]

1023: festa, —] festa — [1970]

1023: buxo,] buxo [1912; 1970]

1024: Igreja do Mosteiro,] igreja do mosteiro, [1970]

1024: velar as armas.] velar armas. [1970]

1025: por **toda**] por todos [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1025: velho **solar**] velho, [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1025-6: terreiro do Convento,] terreno do Convento, [1912] terreno do convento. [1970]

1026: alcatrão,] alcatrão [1912; 1970]

1027: o povo [*Elimina-se a vírgula.*]

Um velho parente **de D. Rui**, Senhor de Mortágua, que coman-
 dava trinta lanças, e tinha voz em três Castelos, veio, com linda
 1030 comitiva, dar a pranchada em D. Gil. No terreiro do solar, duas
 vacas inteiras assavam em espetos maiores que lanças. Das
 pipas, juntas em cima dos carros e toldadas de louro, o vinho
 corria como de fontes públicas. Os berros das **longas** festivas,
 misturavam-se aos cantos dos jograis. E quando pela tarde se
 1035 baixou a levadiça, e D. Gil, todo armado, seguido de homens-
 -de-armas, de escudeiros, de moços de monte, saiu ao terreiro,
 e empinando o ginete, brandiu três vezes a lança, — todos os
 sinos repicaram, bandos de pombas soltas branquearam o ar,
 punhados de rosas voltaram no ar, e uma chuva de moedas de
 1040 prata e de cobre, caiu sobre o povo, como no advento dum Rei.

Depois de novo o solar caiu em quietação e em silêncio.
 E D. Gil, que abandonara os livros, não tinha já quem encon-
 trar na solidão do bosque, e se saciara do exercício das armas,
 começou a achar os dias pesados e longos. As correrias, pelos cam-
 1045 pos com os seus homens-de-armas, agora bem armados e bem
 montados, não tinham motivo, nem destino: — e depois de galo-
 parem nalguma planície, **atravessarem** alguma herdade fazendo

1028: Um [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1028: parente **de D. Rui**, Senhor de Mortágua,] parente D. Sueiro, Senhor de Mor-
 tágua, [Ms.] parente, D. Soeiro, Senhor de Tondela, [1912] parente, D. Soeiro, senhor de
 Tondela, [1970]

1029: Castelos,] castelos, [1912; 1970]

1030: No terreiro [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1032: de louro,] de louros, [1912; 1970]

1033: Os berros [1970 abre parágrafo.]

1033-4: Os berros das **longas** festivas, misturavam-se] lingas [Ms.] O clangor das
 longas festivas misturava-se [1912; 1970] [longa era uma trombeta medieval.]

1036: ao terreiro, e] do terreiro, e, [1970]

1038: o ar] o espaço [1912; 1970]

1040: cobre,] cobre [1912; 1970]

1040: dum Rei.] de um rei. [1970]

1041: Depois] Depois, [1912; 1970]

1042: não tinha] e não tinha [1912; 1970]

1043: solidão do bosque,] solidão dos bosques, [1912; 1970]

1044-5: correrias, pelos campos] correrias pelos campos, [1912; 1970]

1047: **atravessarem**] atravessem [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

latir os cães, e fugir as galinhas, descansarem à sombra dum
arvoredo, e atroarem os vales com toque de buzina à mou-
1050 risca, nada mais lhes restava, que recolherem, pelo fim da tarde,
cobertos de poeira, cansados, sem aventura para contar à ceia.

Para seguir então mais fielmente a vida dos Paladinos,
como a aprendera nos livros, saía só com o seu escudeiro Pêro,
que vestia um saio azul e branco que eram as cores de Vala-
1055 dares, trazia duas longas plumas brancas e azuis no gorro, e
levava o montante e o broquel do seu amo. Ia, então, para
esperar aventuras, postar-se como Roldão, no encontro de dous
caminhos: ou como D. Clarimundo, à entrada das pontes. Mas só
encontrava algum almocreve, que o saudava humildemente, ou
1060 um frade mendicante que lhe dava uma relíquia a beijar, algum
pobre menestrel que, a troco dum maravedi, lhe cantava um
vilancete, ou a gente dos arredores, lavradores e mesteirais, que
todos o conheciam, e lhe diziam, com agrado: — Deus salve
o Senhor D. Gil. E bem depressa abandonou estas cavalgadas
1065 solitárias — passando os dias, no solar, pela quinta, com um
látego inútil na mão, a visitar as cavalariças, o telheiro onde os
falcões engordavam entorpecidos, o lagar, ou a eira. Na grande
sala, D. Rui, que ia embranquecendo, e cada dia mais gordo,

1047-8: herdade fazendo latir os cães,] herdade, fazendo latir os cães [1912; 1970]

1048-9: dum arvoredo,] de um arvoredo, [1970]

1049: com toque] com toques [1912; 1970]

1050: restava,] restava [1912; 1970]

1051: cansados, sem] cansados, e sem [1912; 1970]

1052: então mais fielmente] então, mais fielmente, [1912; 1970]

1052: Paladinos,] paladinos, [1970]

1054-5: branco que eram as cores de Valadares,] branco (que eram as cores dos Vala-
dares), [1912] branco, que eram as cores dos Valadares, [1970]

1056: Ia, então,] Ia então, [1912; 1970]

1057: postar-se] postar-se, [1912; 1970]

1058: caminhos: ou] caminhos, ou, [1912; 1970]

1061: menestrel que,] menestrel, que, [1912] menestrel, que [1970]

1061: dum maravedi,] de um maravedi [1970]

1063: conheciam,] conheciam [1912; 1970]

1063-4: — Deus salve o Senhor D. Gil.] «Deus salve o Senhor D. Gil» [1912; 1970]

1065: dias,] dias [1912; 1970]

1066: telheiro] telheiro, [1912; 1970]

1067: lagar,] lagar [1912; 1970]

1070 dormitava na sua alta cadeira de carvalho, com os pés numa grande almofada, as mãos cruzadas e escondidas, como as dum padre, nas mangas da sua simarra. D. Tareja, com o cabelo todo branco, sentada numa esteira no chão, trabalhava entre as aias: — e todas as noites Frei Múnio recomeçava a batalha de Dario, ou os milagres de Santa Úrsula.

1075 Às vezes, seguido só do seu alão D. Gil descia, através da aldeia, a uma pequena casa, junto do rio onde Mestre Porcalho, muito velho também, enriquecido pelos dons de D. Rui, se retirara, a repousar, cultivando o seu horto. Encontrava sempre o douto velho, com os seus longos cabelos brancos muito
1080 compridos, soltos sobre a garnacha negra, cuidando do cebolinho, do feijoa, — ou, à mesa da cozinha, coberta de plantas secas, dispondo folhas entre as páginas dum fólio. D. Gil amava este douto prático — e gostava de o interrogar sobre os segredos do Corpo humano, a sua estrutura, os seus humores,
1085 e as influências que o regem. Mas agora, que já não exercia a sua ciência, o bom Porcalho franzindo as grossas sobranceiras brancas sobre os olhos cavos e muito luzidios, declarava nada saber, menos que um porco — porque só havia três ciências de curar; — uma a dos monges, por meio de peregrinações, milagres,
1090 gres, e contactos de relíquias, e esta era falsa porque o ilustre

1068-9: embranquecendo, e cada dia mais gordo, dormitava] embranquecendo, dormitava, já muito gordo e pesado, [1912; 1970]

1070-1: dum padre,] de um padre, [1970]

1073: Frei Múnio] frei Múnio [1970]

1075-6: alão D. Gil descia, através da aldeia,] alão, D. Gil descia através da aldeia [1912; 1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois de D. Gil.*]

1076: rio] rio, [1912; 1970]

1076: Mestre] mestre [1970]

1078: Encontrava [1912 e 1970 *abrem parágrafo*]

1079: brancos] brancos, [1912; 1970]

1080-1: cebolinho, do feijoa,] cebolinho, o feijoa, [1970]

1081: ou, à mesa] ou à mesa [1912; 1970]

1082: dum fólio.] dum in-fólio. [1912] de um in-fólio. [1912]

1082: D. Gil [1912 e 1970 *abrem parágrafo*]

1084: Corpo humano] corpo humano [1912; 1970]

1086: Porcalho] Porcalho, [1912; 1970]

1089: curar; — uma] curar. Uma, [1912] curar: — uma, [1970]

1090: e esta era falsa] e era esta falsa, [1912; 1970]

Físico árabe Rhazei provara que Deus não se entremete com a saúde das criaturas; a outra a do Povo, feita toda de feitiços, esconjuros, e sortilégios, era ilusória porque vem do Diabo, e o Espírito-do-Mal não pode promover o bem humano: — e a terceira, a verdadeira, eficaz, essa ainda não chegara a estes reinos de Portugal, e estava toda em França, terra de grandes escolas, e de grandes Escolares. No entanto ele, Porcalho, fizera importantes achados! Era incontestável que a pedra de ágata facilitava as dores da maternidade, como ele provara com a Senhora D. Tareja! Que a sangria de março devia ser feita nas veias do peito! E que a hipocondria era produzida por um vento funesto que vinha da Lua e que inchava o fígado!... De resto descobrira alguns simples maravilhosos — e a ele, não a outro, se devia que em toda a terra dentre Douro e Minho se reconhecia hoje a excelência da mandrágora! Dizia estas cousas profundas, com um grande **ar** inspirado e sinistro. Em redor toda a cozinha estava cheia de almofarizes, grossas garrafas com líquidos de cores radiantes,

1091: Físico] físico [1970]

1091: se entremete] se intromete [1912; 1970]

1092: outra] outra, [1912; 1970]

1092: do Povo,] do povo, [1970]

1093: esconjuros,] esconjuros [1912; 1970]

1094: Espírito-do-Mal [*Elimina-se a vírgula.*]

1095: humano: — e] humano. E [1912; 1970].

1095: verdadeira, eficaz,] verdadeira, a eficaz, [1912; 1970]

1096: reinos [*Elimina-se a vírgula.*]

1097: escolas, e de grandes Escolares] Escolas. [1912] escolas. [1970]

1098: Porcalho, [*Segue-se a lição da tradição e acrescenta-se a vírgula; 1912 abre parágrafo*]

1100: Senhora D. Tareja] Senhora D. Tareja; [1912] senhora D. Tareja; [1970]

1101: devia ser feita] devia ser [1970]

1101: peito!] peito; [1912; 1970]

1102: funesto] funesto, [1912]

1102: da Lua] da lua [1912]

1103: fígado!...] fígado! [1912]

1103: resto] resto, [1912; 1970]

1105: terra dentre Douro e Minho] terra do Douro ou das Beiras [1912; 1970]

1106: profundas,] profundas [1912; 1970]

1106-7: grande **ar** inspirado] grande inspirado [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1107: redor] redor, [1912; 1970]

1107: a cozinha] a casinha [1970]

aves empalhadas, molhos de ervas secas penduradas das traves
 1110 defumadas do teto: um cheiro doce e triste perturbava a alma: e
 nos vastos fólhos, com fechos de metal parecia dormir uma ciência
 imensa e profunda.

D. Gil voltava para o solar devorado pela curiosidade
 daquele saber. Nenhum poder humano lhe parecia mais alto do
 1115 que aquele que suprime as dores, luta com a influência do Invi-
 sível, e vence a Morte. Quanto bem a derramar pelo mundo,
 quando se possua aquele divino saber! Se era já belo e grande
 tomar armas e ir pelo mundo livrar os homens dos males que os
 homens lhes fazem, quanto maior e mais belo, libertar o pobre
 1120 corpo dos males infinitos que lhe faz a natureza. E bem com-
 prendia agora aquela regra, tão fundamental, dos Livros de boa
 Cavalaria, que todo o bom cavaleiro devia saber a arte de curar
 as feridas que a lança faz. Não era pois indigno, antes nobremente
 próprio dum fidalgo, conhecer os simples, as influências, a arte
 1125 do bem-sarar. Por aquela ciência como por uma escada sem
 fim que mergulha nos céus, o homem ascende aos altos segredos!
 Aquele que um mal aflige pode então recorrer a esse alto saber
 tão eficazmente, como a Deus, por meio da prece: — e na ver-
 dade, o bom sabedor da Grande Arte, é como um Deus, que
 1130 percorre o mundo distribuindo a Vida.

E destes pensamentos, que o conservavam de noite desperto,
 resultou que o gentil cavaleiro, deixando as armas cobrirem-se
 outra vez de poeira, se quis preparar, antes de novo as tomar,

1111: vastos fólhos, / metal] vastos in-fólhos, / metal, [1912; 1970]

1113: solar] solar, [1970]

1115-6: Invisível,] invisível, [1912; 1970]

1119: mais belo,] mais belo [1912; 1970]

1120: natureza.] natureza! [1912] Natureza! [1970]

1121-2: dos Livros de boa Cavalaria] dos livros de boa cavalaria [1912; 1970]

1124: dum fidalgo,] de um fidalgo, [1970]

1125: Por aquela ciência] Por aquela ciência, [1912] Por aquela ciência, [1970; *abre parágrafo*.]

1127: Aquele que] Aquele a quem [1912; 1970] [1970 *abre parágrafo*.]

1127-8: saber tão eficazmente, como a Deus, / e] saber, tão eficazmente como a
 Deus / e, [1912] saber, tão eficazmente como a Deus / e [1970]

1129: Arte, é como um Deus,] Arte é como um Deus [1912; 1970]

1130: a Vida.] a vida. [1912; 1970]

com a grande Ciência dos Simples e das Drogas. Começou
 1135 então a estudar, assiduamente, com Mestre Porcalho, que se
 orgulhava deste discípulo, tão gentil e tão nobre. O seu dia todo
 se passava, no horto, ao pé do rio. Sentados ambos, sob
 a latada, D. Gil com um pergaminho no joelho escrevia todos
 os preceitos, que lhe revelava o velho Mestre, para depois
 1140 os decorar, passeando até desoras no seu quarto. Já sabia os
 princípios de Galeano e dos Gregos, as receitas de Razhei e dos
 Árabes. E por um caderno mirífico que Mestre Porcalho obtivera
 dum judeu, e que continha extratos do *Canon* de Avicennes já
 conhecia vinte doenças, e as suas vinte causas, e os seus vinte
 1145 remédios. Mas a experiência original e própria do Mestre não
 era menos valiosa: — e por ela aprendeu D. Gil todas as medi-
 cações, que se devem aplicar segundo os meses — em janeiro
 tomar poção de gengibre, em fevereiro sangrar na veia do peito,
 em março pôr ventosas no fígado... Por meio de ossos humanos,
 1150 que o Mestre outrora, com grande risco roubara num cemitério,
 e que guardava numa arca, sob o leito, conheceu os segredos
 da estrutura humana: — e ao ver uma caveira que nunca vira,
 e que o fez persignar-se para afastar o *mal-olhado*, pensou, sem
 saber porquê em Solena, no brilho do seu olhar, na sua pele tão

1134: Ciência dos Simples e das Drogas.] ciência dos simples e das drogas. [1912; 1970]

1135: Mestre] mestre [1970]

1137: passava,] passava [1912; 1970]

1137: no horto,] no Horto, [1912]

1137: ambos,] ambos [1912; 1970]

1138: D. Gil] D. Gil, [1912; 1970]

1138-9: joelho / preceitos,] joelho, / preceitos [1912; 1970]

1139: Mestre,] mestre, [1970]

1142: mirífico] mirífico, [1912]

1143: dum judeu,] de um judeu, [1970]

1143: de Avicennes] de Aviceno, [1912] de Avicena, [1970]

1144: conhecia [*Elimina-se vírgula.*]

1145: Mestre] mestre [1970]

1146-7: medicações,] medicações [1912; 1970]

1149: Por [*1912 e 1970 abrem parágrafo.*]

1150: Mestre] mestre [1970]

1150-1: risco / arca,] risco, / arca [1912; 1970]

1152: humana: —] humana: [1912; 1970]

1154: porquê] porquê, [1912; 1970]

1155 macia e doce. Depois, diante dele, Mestre Porcalho uma noite matou um bácoro, e Gil conheceu as veias, os tendões, e o saco do estômago, onde «o ar penetrando decompõe os alimentos».

No solar o velho D. Rui estranhava a nova existência de Gil — que agora, das suas caminhadas solitárias, sem galgo, sem escudeiro, voltava, carregado de ervas, como um aprendiz de herbanário. Mas quando soube que ele andava aprendendo a arte de curar, a sua admiração por aquele filho excelente cresceu, e não duvidou que ele viesse um dia a ter fama, em todo o Reino, pelo seu saber maravilhoso: — e uma tarde, montando com custo, 1165 na sua mula, foi ao Mosteiro, levar ao D. Abade a nova desta empresa nova a que se lançara o grande espírito do seu doce Gil. Era no tempo dos figos — e tendo demasiadamente comido desta fruta, o bom abade fora atacado de um duro mal. Na sua cela, onde recebeu afavelmente o seu vizinho, as Relíquias do convento 1170 estavam expostas, sobre um pequeno altar para dar saúde ao bom Abade. Um frade rezava junto ao vasto leito de carvalho. Outro pisava uma massa dentro dum almofariz — e dous noviços, com ramos de louro, sacudiam as moscas da face venerável, que o mal empalidecera.

1155: dele, Mestre Porcalho] dele, mestre Porcalho [1970] [*Elimina-se vírgula, depois de Porcalho*]

1158: No solar [*Início do capítulo VI na edição de 1912.*]

1159: que] que, [1912; 1970]

1160: voltava,] voltava [1912; 1970]

1160-1: herbanário] ervanário [1970]

1163: o Reino,] o reino [1912; 1970]

1164: com custo,] com custo [1912; 1970]

1165: Mosteiro,] Mosteiro [1912] mosteiro [1970]

1165-6: a nova desta empresa nova] a notícia desta empresa nova nova [1912] a notícia desta empresa nova, [1970]

1166: lançara [*Elimina-se vírgula.*]

1167: Era [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1168: abade] Abade [1912]

1169: Relíquias] relíquias [1970]

1170: altar] altar, [1912; 1970]

1171: Abade.] abade. [1970]

1171: Um [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1172: dum almofariz] de um almofariz [1970]

1175 D. Rui lamentou o bom Abade, — e sentado, num escan-
 nho aos pés do leito, contou logo como justamente o seu Gil
 começara agora, com o grande desejo de saber a arte de curar
 aquele e outros males.

— Pois mandai-o estudar a França! acudiu logo o D. Abade
 1180 estendendo a mão fora da roupa, com um gemido. Não sei que
 haja mais útil saber. Mas nós aqui neste Reino, nem uma dor
 sabemos calmar... Não o digo pelos doutos padres desta casa!
 Mas já desde domingo, que foi a merenda, estou aqui em traba-
 lhos... Estamos em grande atraso... Mandai-o estudar a França.

1185 E pregou os olhos nas santas Relíquias — ficou mudo.
 Só quando D. Rui, lhe beijou o anel da mão caída sobre a colcha
 de seda, tornou a voltar o rosto, a murmurar:

— Mandai-o estudar a França.

1190 D. Rui recolheu ao solar, melancolicamente. Deus decerto,
 pela voz do D. Abade, que sofria cercado de relíquias, lhe indicava
 aquele dever de mandar o seu filho a França, para se ilustrar
 no saber. Mas a ideia de o ver partir, e ele já tão velho cortava

1175: Abade,] abade, [1970]

1175: e sentado,] e, sentado [1912; 1970]

1175-6: num escanho] num escano [1970]

1176: como justamente o seu Gil] como, justamente o seu Gil, [1970]

1177: começara agora,] começava agora [1912]

1179: França! / D. Abade] França!... — / D. Abade, [1912; 1970]

1180: gemido,] gemido. — [1912; 1970]

1181: Mas nós] Mas nós, [1912; 1970]

1181: Reino,] reino, [1970]

1182: desta casa!] desta casa!... [1912; 1970]

1185: pregou] E, pregando [1912; 1970]

1185: Relíquias —] Relíquias, [1912] relíquias, 1970]

1186: Só [1912 e 1970 *abrem parágrafo*.]

1186: D. Rui,] D. Rui [1912; 1970]

1186: da mão] da mão, [1912; 1970]

1187: o rosto, a] o rosto e a [1970]

1189: solar,] solar [1912; 1970]

1189: Deus] Deus, [1912; 1970]

1190: D. Abade,] Dom Abade [1912]

1190: relíquias,] Relíquias, [1912]

1192: ver partir, e ele já tão velho] ver partir e — ele já tão velho, [1912; 1970]

o seu coração. Quási desejava que seu filho fosse um moço, de espírito simples, contente em caçar, e justar as armas, no pátio do seu solar. E nem contou a D. Tareja esta visita ao mosteiro, o conselho penoso que lá fora escutar.

E era então, com mágoa, que via agora o seu filho, cada dia mais devotado aos livros. Tendo começado por estudar a arte dos Simples e das Drogas, como complemento da sua educação de cavaleiro, ele começava agora a amar esse saber, como a o fim supremo da vida. Como um peregrino que percorre um templo, e a quem a beleza ou raridade duma capela inspira o desejo devoto, de percorrer as que além na sombra fazem cintilar os seus ouros, este gentil cavaleiro, de cada estreita região do saber em que penetrava recebia a nobre tentação de invadir outras, que ao longe faziam cintilar a maravilha dos seus segredos. As secas plantas com que Mestre Porcalho lhe ensinava a fazer emplastos para curar humores, lhe tinham dado o desejo de conhecer toda a vasta natureza que cobre a Terra, e a estrutura dessa Terra onde se escondem os metais e o fogo: a Terra ela mesma lhe fizera sentir o desejo de conhecer tudo o que a cerca, os ventos que a sacodem, as nuvens que sobre **ela**

1193: Quási [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1193: um moço,] um moço [1912; 1970]

1194: as armas,] as armas [1912]

1195: mosteiro,] Mosteiro, [1912]

1197: era então, com mágoa, que via agora o seu filho,] era então com mágoa que via agora seu filho [1912; 1970]

1199: Simples e das Drogas,] simples e das drogas, [1970]

1200-1: como a o fim] como o fim [1912; 1970]

1201: Como [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1202: ou raridade duma capela] ou a raridade de uma capela [1970]

1203: desejo devoto,] desejo devoto [1912; 1970]

1203: além na sombra] além, na sombra, [1912]

1205: que penetrava] que penetrava, [1912; 1970]

1206: ao longe [Elimina-se vírgula.]

1207: As secas plantas] As secas plantas, [1912; 1970; abrem parágrafo.]

1207: Mestre] mestre [1970]

1207-8: lhe ensinava] lhe ensinara [1912; 1970]

1209: vasta natureza que cobre a Terra,] vasta natureza que cobre a terra, [1912] vasta Natureza que cobre a Terra, [1970]

1210: dessa Terra] dessa terra, [1912] dessa Terra, [1970]

1211: a Terra ela mesma] a Terra, ela mesma, [1912] a Terra, ela mesma, [1970]

formam e desfazem um toldo de multicolor beleza, os astros, pequeninos e grandes que sobre ela derramam o seu brilho fulgurante ou meigo. Do homem, de quem o velho físico lhe explicara os ossos, ele bem depressa quis conhecer a alma, e as leis múltiplas e maravilhosas que a regem... Porque aspirava ele ao bem? Porque sentia uma resistência ao mal? Donde nascia o amor? Porque pensava, e em que parte íntima do homem, brotava a fonte imperecível do pensar? Depois era ainda a curiosidade de saber o que o Homem, desde tão longas idades criado, tinha feito na terra, e as cidades que fundara, e as grandes guerras que travara, e as leis que criara para se conservar manso e sociável... E do homem a sua curiosidade ascendia ao Deus que o criara. Qual era a sua essência, onde habitava, que cuidado tinha ele pela humanidade que criara? — E assim, este moço gentil, a quem a barba mal nascera, aspirava a percorrer todas as Ciências, a compreender todo o Ser. Mas entre as velhas muralhas daquele solar, naquela quieta aldeia adormecida sob o olivedo e a vinha, como poderia ele adquirir todo esse saber, que ocupa, para ser codificado e aclarado, monges de tantos mosteiros, escolares de tantas escolas! Todos os trinta e três livros que formavam a rica livraria do Convento Beneditino lhe tinham sido emprestados, por supremo favor, e em todos, confusamente e tumultuosamente, aprendera milagres de Santos, leis visigóticas, batalhas da antiguidade, receitas de drogas, e notícias dos países que estão para o Oriente: — mas eram como curtas fendas, num teto de

1212-3: sobre **ela** formam e desfazem um toldo de multicolor beleza, os astros,] sobre formam [Ms.] sobre ela formam um toldo de multicolor beleza, os astros [1912; 1970]

1215: Do homem / físico] Do Homem / Físico [1912; 1970]

1218: ao mal?] mal. [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1222: terra,] Terra, [1970]

1224: E do homem] E, do Homem, [1912; 1970]

1227-8: Ciências, / Ser.] ciências, / ser. [1970]

1229: aldeia] aldeia, [1912; 1970]

1230: poderia ele adquirir] poderia adquirir [1912; 1970]

1232: livros] livros, [1970]

1233: Convento Beneditino] convento Beneditino [1912] convento beneditino, [1970]

1235: de Santos,] de santos, [1970]

1235-6: antiguidade,] Antiguidade, [1970]

1236: drogas,] drogas [1912; 1970]

1240 maciças traves, por onde entrevia pontos vivos de luz, aqui e além,
e tudo o resto era escuro, e a luz completa estava por trás, sem a
alcançar. Mesmo por vezes lera um grande tomo, de Aristóteles
ou de Séneca — mas sentia que o seu espírito solitário, sem um
Guia, ia através daquele saber, como um homem perdido de
noite numa montanha desconhecida.

1245 A sua alma então, nesta grande sede que não podia ser
saciada, porque estava longe de toda a fonte, caiu numa melan-
colia. Abandonou os grossos fólhos onde já nada novo podia
aprender — e não o atraía companhia dos homens que nada lhe
podiam ensinar. Só, com um galgo, partia de manhã, penetrava
nos campos, procurava a solidão das quebradas e dos vales: e aí
1250 caminhando devagar, ao comprido dum ribeiro, ou deitado à sombra
duma árvore, ele pensava na inutilidade da vida... Aquilo pois era
viver — esta monótona sequência dos atos instintivos: acordar,
comer, caminhar entre as árvores, voltar à mesa onde as malgas
fumegam, e quando a luz finda adormecer? Assim vivia qual-
1255 quer bicho no mato. Mas de todas as ocupações humanas qual
era verdadeiramente digna de que o homem nela pusesse a
sua alma inteira, e a tornasse o fim do seu esforço, na terra?
Não decerto vestir as armas, seguir um pendão, rasgar as car-
nes doutros homens, gritar no estridor das batalhas, para que

1240: Mesmo [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1241-2: um Guia,] um guia, [1912; 1970]

1244: nesta grande] nessa grande [1912; 1970]

1245: estava longe] estava tão longe [1912; 1970]

1246: grossos fólhos] grossos in-fólhos [1912; 1970]

1247: companhia dos] companhia de [1912; 1970]

1249: e aí] e aí, [1912; 1970]

1250-1: dum ribeiro, / duma árvore,] de um ribeiro / de uma árvore, [1970]

1251-2: Aquilo pois era viver —] Aquilo, pois, era viver, — [1912; 1970; abrem parágrafo.]

1252: esta monótona sequência [Eça escrevem: este monótono e repetido obedecer; riscou
as duas últimas palavras que substituiu por sequência; adota-se a lição da tradição.]

1254: e quando a luz finda] e, quando a luz finda, [1912; 1970]

1255: mato.] mato! [1912; 1970]

1256: era verdadeiramente] era a verdadeiramente [1912; 1970]

1257: esforço,] esforço [1912; 1970]

1257: terra?] Terra? [1970]

1259: doutros homens,] de outros homens, [1970]

1260 o Senhor Rei possua mais um castelo, ou alargue, para além
 dum rio, as fronteiras do seu reino! Não decerto juntar marave-
 dis, com eles comprar mais terras e mais servos, engrossar rendas,
 atulhar as arcas de sacos de ouro. Não decerto, andar de solar
 em solar, com plumas no gorro, e um falcão em punho, galan-
 teando as damas, conversando de linhagens, justando nos pátios, e
 1265 escutando os jograis que cantam ao serão!... O *quê* então? E o
 seu espírito recaía naquela ambição que o torturava, vaga, — a
 ambição de tudo saber, de se elevar, pela posse dessa Ciência,
 acima dos homens, e exercer essa supremacia, toda em favor e
 1270 bem dos homens. Queria ter um saber que lhe permitisse fazer
 as leis mais justas, curar todos os males do corpo, enriquecer as
 multidões, estabelecer a paz entre os Estados, e guiar todos os
 seres vivos, pela larga estrada do Céu. Para tal fim, só para
 ele valeria a pena viver. E para o conseguir não haveria trabalho
 1275 a que se não sujeitasse — fadiga que não afrontasse. Veria, sem
 dor, o seu corpo penar, comeria as ervas dos campos, vestiria os
 trapos mais sujos, serviria nos misteres mais rudes — contanto
 que a alma se fosse enchendo desse grande saber, cada vez mais
 alto, mais belo, dominando todas as almas pela abundância de ver-
 1280 dade que possuísse, e pela eficácia do bem que espalhasse. Mas esta
 ambição como a realizar? Onde, como, adquirir esse saber
 benéfico? E quando o tivesse adquirido, de que modo fazer que
 ele aproveitasse aos homens, para se tornarem melhores, e serem

1260: o Senhor Rei] o senhor rei [1970; *elimina-se a vírgula depois de Rei.*]

1261: dum rio,] de um rio, [1970]

1263: ouro.] ouro! [1912; 1970]

1263: decerto,] decerto [1912; 1970]

1266: O *quê* então?] O que então. [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição, que abre parágrafo.*]

1267: ambição que o torturava, vaga, —] ambição vaga que o torturava, [1912; 1970]

1268: Ciência,] ciência, [1912; 1970]

1269: supremacia,] supremacia [1912; 1970]

1272: Estados,] Estados [1970]

1273: vivos,] vivos [1912; 1970]

1273: do Céu.] do céu. [1912]

1274-5: E para o conseguir / sujeitasse —] E, para o conseguir, / sujeitasse, [1912; 1970]

1277: nos misteres] aos misteres [1970]

1281: ambição] ambição, [1912; 1970]

aliviados dos males da vida? Seria um grande físico, que fosse
 1285 pelo mundo curar os males da carne? Seria um grande teólogo
 derramando a paz nas almas? E mesmo que melhorasse algumas
 almas, ou sarasse alguns corpos, quantos ainda por todo o vasto
 mundo ficariam sem remissão e bem-estar! Qual era o meio
 de fazer o bem simultaneamente a grandes multidões? Assim
 1290 pensava D. Gil na solidão dos vales. Este moço gentil tinha
 então vinte e dous anos — e era tão belo e airoso, que a gente
 se voltava nos caminhos, e o ficava a olhar, com doçura. Os seus
 longos cabelos, dum louro escuro, caíam em anéis como os dum
 arcanjo. Nada havia mais doce e luminoso que o olhar dos seus
 1295 olhos escuros. Um buço, apenas nascente, dava uma sombra de
 virilidade à sua pele ebúrnea como a duma Virgem: — e no
 seu andar, havia uma graça altiva, como a dum Príncipe em
 plena felicidade. Os seus modos eram tão doces e cortesões, que
 logo prendiam as almas. Nenhuma pessoa, por mais humilde
 1300 o saudava — sem que ele gravemente erguesse o seu gorro de
 fidalgo: e nos caminhos estreitos encostava-se às sebes, para deixar
 passar os velhos, ainda que fossem mendigos. Ainda que naquela
 farta e quieta aldeia não havia pobreza, — a sua escarcela saía
 cheia, e voltava sempre vazia. Amava todos os animais — e as
 1305 crianças faziam-no parar sorrindo, enternecido.

1284: Seria [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1284: físico,] Físico, [1912]

1285: teólogo] Teólogo [1912] teólogo, [1970]

1288: bem-estar!] bem-estar? [1912; 1970]

1289: Assim [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1290: moço gentil] moço tão gentil [1912; 1970]

1292: Os seus [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1293: cabelos, dum louro] cabelos, dum loiro [1912] cabelos, de um louro [1970]

1293-4: dum arcanjo.] de um arcanjo. [1970]

1296: pele ebúrnea] pele ebúrnea, [1912; 1970; *elimina-se a vírgula, depois de virilidade.*]

1296: duma Virgem:] de uma virgem: [1970]

1297: andar,] andar [1912; 1970]

1297: dum Príncipe] de um príncipe [1970]

1299: pessoa,] pess [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição, que abre parágrafo.*]

1299-300: Nenhuma pessoa, por mais humilde o saudava —] pess [Ms.] Nenhuma
 pessoa, por mais humilde, o saudava, [1912; 1970. *Abrem parágrafo.*]

1303: pobreza, —] pobreza, [1912; 1970]

1304-5: animais — / parar] animais, — / parar, [1912; 1970]

Com esta cordura de monge — tinha todas **as** prendas dum cavaleiro. Ninguém justava, jogava o tavalado, domava um potro bravo, erguia uma barra de ferro, com mais força e primor. Nada temia — nem os homens, por mais fortes, nem as feras
 1310 por mais bravias, nem os duendes, por mais malignos. Mas na casa de seu pai era obediente como uma criança — e era ele quem servia o velho, o ajudava a erguer da sua poltrona, e mesmo
 1315 lhe penteava os seus cabelos brancos. Um olhar da sua mãe era para ele como um mandamento divino — e com tanta devoção
 1315 lhe beijava a mão, que outra mais não tinha, como à Mãe-do-Céu.

Nunca sua alma, branca como a água mais pura, fora toldada pela passagem dum pensamento injusto, ou impuro. A Justiça era para ele tão necessária como a luz: — e se testemunhava uma injustiça, sofria, como se um guante alheio lhe tivesse batido
 1320 a face, sentindo-**se** ofendido na ofensa que via fazer aos outros. Adorava a Verdade, logo abaixo da Virgem Maria: — e todo o olhar que não fosse franco, toda a palavra que não fosse livre, lhe davam o horror duma cousa suja. Queria que todos os solarengos lhe falassem sem submissão: — e amando todos os
 1325 homens como iguais, a servidão parecia-lhe uma ofensa ao seu amor.

1306: monge —] monge, [1912; 1970]

1306: todas **as** prendas] todas prendas [Ms.] [*A palavra as foi acrescentada no Ms. por mão albeia; adota-se a lição da tradição.*]

1306-7: dum cavaleiro.] de um cavaleiro. [1970]

1309: Nada [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1309: os homens,] os homens [1912; 1970]

1310: duendes,] duendes [1912; 1970]

1312: poltrona,] cadeira, [1912]

1313: da sua mãe] de sua mãe [1912; 1970]

1315: outra mais não tinha, como à] outra maior não tinha com a [1912; 1970]

1317: dum pensamento] de um pensamento [1970]

1317: injusto,] injusto [1912; 1970]

1317-8: A Justiça] A justiça [1912; 1970, *que abre parágrafo.*]

1320: sentindo-**se**] sentindo [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1323: horror duma] horror de uma [1970]

1323: Queria [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1324: submissão: — e] submissão: e, [1912; 1970]

Assim o Sr. D. Gil, era, — nesses anos ainda curtos, uma das almas melhores da Cristandade.

Um dia tendo despertado, com o cantar das calhandras, e sentindo a alma mais triste, partiu só, com um grande lebréu,
 1330 e levado pelos seus pensamentos, foi dar ao alto duma colina, que era a mais alta daqueles sítios e se chamava, a serra do Bruxo. Dali via, mais baixas, a vasta colina onde negrejava o seu solar, a aldeia de Gonfalom, espalhada entre a verdura, o branco convento dos Beneditinos, o rio, luzindo, entre as margens altas, e a
 1335 ondulação dos cabeços, até ao extremo azul: — e de pé, envolto no vento largo que soprava, Gil começou a considerar quanto era estreito aquele horizonte, e quanto seria impossível, na verdade, que dentro dele se realizassem sonhos que abrangiam o mundo todo. Que havia ali, naquele círculo de colinas? Os muros do seu solar,
 1340 um convento de velhos frades, uma aldeia de pobres colonos, e para além terras bravias, matos, colinas que o tojo vestia! Como poderia jamais ser ali o homem que desejava, o homem de grande saber, de grande ação? E quando por um dom divino, assim se tornasse, onde havia ali uma humanidade múltipla e larga para ele
 1345 exercer a ação da sua alma? Mas para além havia outras terras, grandes reinos, cidades ricas, grandes escolas, mosteiros de alto saber, e multidões inumeráveis sobre quem uma alma forte,

1326: o Sr.] o Senhor [1912] o senhor [1970]

1326: D. Gil, era, —] D. Gil era, [1912; 1970]

1327: Cristandade.] cristandade. [1970]

1328: dia tendo despertado,] dia, tendo despertado [1912; 1970]

1330: duma colina,] de uma colina, [1970]

1331: daqueles sítios] naqueles sítios [1912; 1970]

1331: se chamava,] se chamava [1912; 1970]

1333-4: convento] Convento [1912]

1334: luzindo,] luzindo [1912; 1970]

1341: para além / matos, colinas] para além, / matos, colinas, [1912; 1970]

1343: E quando] E quando, [1912; 1970]

1344: e larga] e larga, [1912; 1970; *suprime-se vírgula em ali.*]

1345: sua alma?] sua alma. [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1347: multidões inumeráveis] multidões inumeráveis, [1912; 1970]

1347: forte,] forte [1912; 1970]

e bem provida podia exercer uma supremacia que valesse a pena conquistar. Se ele deixasse o seu lar estreito — se ele partisse!

1350 Um alvoroço encheu o seu coração — e quási imediatamente sentiu ao lado entre umas fráguas, uma voz moça e fresca que cantava:

Pelo mundo vou
Onde chegarei?
1355 E o que procuro
Onde encontrarei?

E um moço apareceu, ligeiro e magro, pobremente vestido, que trazia uma sacola de mendicante ao tiracolo, um forte bordão ao ombro, e duas grandes penas de galo no seu gorro remendado. Uma alegria, franca e livre, alumiaa a sua face magra.
1360 Todo ele parecia respirar com delícia, o ar áspero e livre da serra: — e os seus olhos refulgiam, com um grande fulgor risonho.

Diante de Gil parou, batendo com o bastão na rocha.
— Como se chama esta serra, e onde leva este caminho?
1365 Gil, tirou o seu gorro, com cortesia.
— Esta serra não tem nome, e este caminho só leva a outras serras... Para onde ides?

O moço limpou lentamente o suor que lhe alagava a testa:
— Vou procurando terras de França...
1370 — Assim, para tão longe, a pé...
O moço riu alegremente:

1349: estreito — se ele partisse!] estreito! se ele partisse! [1912]

1351: ao lado / fráguas,] ao lado, / fragas, [1912; 1970]

1353: mundo vou] mundo vou, [1912]

1358: ao tiracolo] a tiracolo, [1912; 1970]

1360: Uma [1912 e 1970 abrem parágrafo,]

1361: delícia,] delícia [1912; 1970]

1363: de Gil] de Gil, [1912; 1970]

1364: esta serra,] esta serra [1912; 1970]

1365: Gil,] Gil [1912; 1912]

1368: o suor] o suor, [1912]

1370: a pé...] a pé! [1912; 1970]

— É que o Senhor Rei quando distribuiu as terras e os solares esqueceu-se de me dar uma. E uma mula para jornadas custar bom ouro. Mas as pernas são rijas, e mais rijo o coração.
 1375 É ele que me leva, neste desejo de ir a França, para entrar nas Escolas, e saber o grande saber, e vir a ser Físico-Mor no paço dum Rei, ou ensinar decretais, num Conselho. Na herdade em que nasci só havia um livro que era o missal da capela. E como em todo o mosteiro há uma côdea de pão para um mendigo, e
 1380 nos ribeiros não falta a água, aqui me vou, com o meu cajado, cantando por estes caminhos da terra.

Os seus olhos fulguravam como duas chamas — e do cajado que ele assentara, rindo, sobre uma pedra, chispavam longas faíscas. E continuou:

1385 — Só me falta um companheiro. Moço sois, forte pareceis; em França as mulheres são lindas; nas grandes escolas aprende-se o segredo das cousas; e as guerras não faltam a quem apetece a glória. Vinde também comigo, e seremos dous a cantar.

1390 Gil respondeu gravemente, mostrando Gonfalim e o paço acastelado:

— Acolá fica a casa de meu pai.

Então o moço tirou o seu gorro:

— Rico sois! Ajudai um pobre estudante...

1395 Gil abriu a escarcela, e corando tirou uma moeda de prata que pôs na mão do estudante. E sem saber porquê sentia uma atração para ele, como um desejo estranho de se juntar àquele

1372: Senhor Rei / os solares] Senhor Rei, / os solares, [1912; 1970]

1373: uma. E] uma, e [1912; 1970]

1373: jornadas] *[Suprime-se a vírgula.]*

1374: rijas,] rijas [1912; 1970]

1375-6: nas Escolas,] nas escolas, [1912; 1970]

1376-7: Físico-Mor no paço dum Rei,] Físico-mor no paço dum rei [1912] físico-mor no paço de um rei, [1970]

1377: decretais, num Conselho.] Decretais, num conselho. [1912] decretais num conselho. [1970]

1380: falta a água,] falta água, [1912; 1970]

1393: estudante...] estudante. [1912; 1970]

1394: e corando] e, corando, [1912; 1970; *suprime-se a vírgula em Gil.*]

1395: E sem saber porquê] E, sem saber porquê, [1912; 1970]

destino errante. Mas o moço, atirando o cajado para as costas, dando um jeito à sacola, partiu. E de novo cantava:

1400 Dia e noite caminho
 Para onde irei?
 Feliz, que o saber que procuro
 Encontrarei?

1405 A meio da encosta ainda se voltou, acenou com a mão a Gil — e subitamente desapareceu. No chão em que os seus pés se tinham pousado a erva secara toda.

1410 Gil recolheu ao solar, pensativamente. Aquele moço, pobre, partia, sem temer as misérias do caminho, pronto a esmolar o seu pão pelos mosteiros — só para adquirir, longe, nas grandes escolas o saber a que aspirava. E ele, rico, que poderia partir, com bolsa farta, escudeiros, e bagagens, — hesitava em partir para satisfazer as justas, nobres ambições do seu espírito? Se Deus lhe pusera na alma aquele ideal elevado, era por acaso para que ele o deixasse morrer insatisfeito, e inútil? Dava-lhe Deus uma luz clara, para ele alumiar os outros, e em vez de a tornar mais viva
 1415 e clara, tão alto, quanto alta possa ser uma luz da Terra — ele deixaria, por timidez, e enleio da vontade, que ela esmorecesse e

1399: noite caminho] noite caminho, [1912]

1400: onde irei?] onde irei. [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1401: Feliz, que o saber que procuro] E o saber que procuro, [1912] E o saber que procuro [1970]

1402: Encontrarei?] Encontrarei. [Ms.] Onde encontrarei? [1912; 1970]

1404-5: No chão / tinham pousado] No chão, / tinham pousado, [1912; 1970]

1406: Gil [*Início do capítulo VII na edição de 1912. A edição de 1970 não abre espaço.*]

1406: moço, pobre,] moço pobre [1912; 1970]

1409: escolas] escolas, [1912; 1970]

1410: escudeiros, e bagagens, — hesitava em partir] escudeiros e bagagens, hesitava em partir, [1912; 1970]

1411: justas, nobres / espírito?] justas e nobres / espírito! [1912; 1970]

1413: insatisfeito, e inútil?] insatisfeito e inútil! [1912] insatisfeito [1970]

1415: da Terra —] da terra, [1912] da Terra, [1970]

1416: timidez,] timidez [1912; 1970]

perecesse, entre as abóbadas dum velho solar? Não decerto! E, como pensando assim, avistasse, à beira do caminho, um cruzeiro, — tirou o seu barrete, e jurou pela Cruz, que nessa
1420 noite falaria a seu pai, e lhe pediria para ir estudar a França.

E foi num caramanchão no pomar, que ele revelou a D. Rui e a D. Tareja, este grande desejo do seu coração. A ambos pediu para o acompanharem, ao pomar, que tinha grande nova a dar a quem tanto amava. E sentado num rude banco de pedra,
1425 sob um caramanchão, onde se entrelaçavam rosas, e madressilvas, tendo numa das mãos presa a mão do pai, na outra a da boa Dona, lhes disse quanto lhe penava, o passar os anos naquele solar, sem proveito para si, e utilidade para os homens, seus irmãos: tinha a ambição da Glória, de honrar o seu nome, e de espalhar o bem
1430 pelo mundo: mas o serviço das armas, se lhe poderia dar Glória, não o atraía, porque na guerra não havia senão miséria e mal: — e depois de muito cogitar, decidira que o seu desejo se satisfaria indo estudar às escolas de França, para voltar ao Reino, como um grande Escolar em Medicina, que era um saber próprio de nobres.
1435 Apenas um ou dous anos por lá passaria. Daria de si novas constantes — e ainda eles não teriam começado a sentir a longura da separação, já ele estaria de volta, licenciado no grande saber, para espalhar o bem em todo o Reino, e ser bendito dos homens.

1417: perecesse,] perecesse [1912; 1970]

1417: dum velho] de um velho [1970]

1417: Não decerto! E,] Não, decerto! E [1912; 1970]

1418-9: avistasse, à beira do caminho, um cruzeiro, — / Cruz,] avistasse à beira do caminho um cruzeiro — / cruz [1912; 1970]

1421: num caramanchão] num caramanchão, [1912; 1970; *suprime-se a vírgula em foi.*]

1422 a D. Tareja,] a D. Tareja [1912; 1970]

1423: acompanharem,] acompanharem [1912; 1970; *suprime-se a vírgula, em pediu.*]

1424: amava.] amava... [1912; 1970]

1425: rosas,] rosas [1912; 1970]

1426-7: do pai, / Dona / penava,] do seu pai / dona / penava [1912; 1970]

1428: os homens, seus irmãos:] os outros homens, seus irmãos: — [1912; 1970]

1429: Glória,] glória, [1912; 1970]

1430: Glória,] glória, [1912; 1970]

1433: Reino,] reino, [1912; 1970]

1434: Escolar em Medicina,] escolar em medicina, [1912; 1970]

1435: Apenas [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1438: o Reino,] o reino, [1912; 1970]

— Isto vos peço pelas chagas de Cristo, que me não negueis
1440 a este desejo, que é para bem dos homens, e por Jesus inspirado.

As lágrimas caíram pelas faces dos dous velhos. E elas e os seus
silêncios bem mostravam quanto eles julgavam nobre o desejo
do seu Gil, e inspirado pelo Céu, e difícil de ser recusado. Mas
dous anos de separação — e eles já velhos, e a França tão longe!

1445 Como se ele já partisse, e ela o quisesse reter, a mãe abraçara
o filho, e murmurava:

— Em tanto mimo criado... E partires só para essas terras!
E tão grandes os perigos, e as tentações. Nós, nós, sem ti,
como viveremos?

1450 Mas o velho, mais forte, recalcando a emoção:

— Tão nobre desejo não pode ser negado. O nosso filho tem
altos espíritos... Não é nesta aldeia e neste velho solar, que
ele pode ganhar fama, e servir o Reino. Não seria o amor
de pai, que para não sofrer um ano, deixasse aqui neste ermo,
1455 apagar-se sem serventia, luz de tamanha promessa. Não te pese
que choremos... Cumpre tu o teu dever de homem bom. Deus
te leva, Deus te trará.

Gil murmurou:

— Deus decerto me trará.

1460 Ficaram um instante todos três abraçados — depois em
silêncio foram à Igreja onde muito tempo rezaram.

1439: peço] peço, [1912]

1440: a este desejo,] este desejo, [1912; 1970]

1441-2: os seus silêncios] o seu silêncio [1912; 1970]

1443: Gil, e inspirado pelo Céu,] Gil inspirado pelo Céu [1970]

1443: Mas [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1445-6: abraçara o filho,] abraçava o filho [1912; 1970]

1448: os perigos,] os perigos [1912; 1970]

1449: como viveremos?] como viveremos! [1912; 1970]

1450: velho, mais forte, recalcando a emoção:] velho, mais forte, recalcando a emoção,
exclamou: [1912] velho mais forte, recalcando a emoção, exclamou: [1970]

1452: aldeia e] aldeia, [1912; 1970]

1453: fama,] fama [1912; 1970]

1453: Reino.] reino. [1912; 1970]

1454: pai, que] pai que, [1912; 1970]

1454-5: ermo, apagar-se] ermo apagar-se, [1912; 1970]

1460: todos três] todos os três [1912; 1970]

1460-1: depois em silêncio foram à Igreja] depois, em silêncio, foram à igreja, [1912; 1970]

Sem outras lágrimas, ainda que com grave melancolia foram feitos os aprestos da longa jornada. Duas possantes mulas de caminho, uma para Gil, outra para o seu escudeiro Pêro, vieram da feira da Covilhã, com os seus arreios novos. Os alforjes de couro foram atulhados de roupas novas: — e o ovençal de D. Rui reuniu quinhentos maravedis de ouro. O bom Abade dos Beneditinos deu cartas de boa acolhida, para os Conventos de Espanha e de Provença: e um monge que fizera a jornada, marcou num grande pergaminho o roteiro que através da Castela, e de Leão, levava à cidade de Paris. Na véspera da jornada, a capela do solar, e a Igreja de Gonfalom estiveram toda a noite alumiadas, com capelães, e os solarengos rezando, para que o Senhor guardasse o fidalgo que partia. D. Tareja lançou ao pescoço do filho uma relíquia, um pedaço do manto da Virgem dentro dum escapulário. Nessa madrugada Gil ouviu missa — e o velho Frei Múnio deu a bênção, a tudo que ele levava, armas, alforjes, o grande lebréu e a mula. Pelas horas de Matinas, estando todas as aias e serviçais reunidos no pátio — D. Gil apareceu, entre o pai, e a mãe, pálido, com o seu grande feltro de jornada, um brial escuro, e grandes botas de couro cru, onde brilhavam acicates de ouro. De joelhos recebeu a bênção do pai — longamente esteve fechado nos braços da

1462: melancolia] melancolia, [1912: 1970]

1465: feira] Feira [1912]

1467: Abade] abade [1970]

1468: Conventos] conventos [1912; 1970]

1468-9: acolhida, / Conventos / Provença: e um monge] acolhida / conventos / Provença, e um monge, [1912; 1970]

1470-1: que / da Castela,] que, / de Castela [1912]

1472: solar,] solar [1912; 1970]

1472: Igreja] igreja [1970]

1473: capelães,] capelães [1912; 1970]

1476: Virgem] Virgem, [1912; 1970]

1476: dum escapulário,] de um escapulário. [1970]

1477: Frei Múnio] frei Múnio [1970]

1477: bênção,] bênção [1912; 1970]

1479: de Matinas,] de matina, [1970]

1480: pai,] pai [1912; 1970]

1482-3: De joelhos recebeu a bênção do pai —] De joelhos, recebeu a bênção do pai, [1912; 1970]

1485 mãe. Todos os sinos então repicaram. Os solarengos erguendo os
sombrieiros bradaram «boa-ida — boa-volta.» — E com os olhos
vermelhos, mais pálido que uma cera, o Senhor D. Gil, a galope,
transpôs a levadiça do solar.

1490 Amparados um ao outro os dous velhos subiram à torre de
Atalaia. E quando viram as duas mulas desaparecer, ao fundo
da azinhaga — caíram de joelhos, nas lajes duras, tremendo,
chorando, murmurando o Padre-Nosso.

1495 À entrada da ponte um velho de cabelos brancos, sobre a
sua garnacha negra, deteve D. Gil, que trotava, soluçando. Era
Mestre Porcalho, para lhe dizer o adeus da partida. O fidalgo, o
velho Físico longamente se abraçaram.

— Lede Galeno, murmurava o prático entre lágrimas, mal
reprimidas.

1500 E quando Gil, de novo trotava sobre as lajes sonoras da velha
ponte romana, ainda o Físico lhe bradou, com a mão descarnada
no ar:

— Lede-me sempre Aristóteles.

1484-5: Os solarengos erguendo os sombrieiros bradaram «boa-ida — boa-volta.» —
Os solarengos, erguendo os sombrieiros, bradaram: «Boa ida, boa volta!» [1912; 1970]

1485: E] E, [1912; 1970] [1970 abre parágrafo.]

1486: Senhor] senhor [1970]

1488-9: outro / Atalaia.] outro, / atalaia. [1912; 1970]

1489: quando [De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em quando. 1970 abre parágrafo.]

1490: azinhaga — caíram de joelhos,] azinhaga, caíram de joelhos [1912; 1970]

1491: Padre-Nosso.] padre-nosso. [1970]

1492: ponte] ponte, [1912; 1970]

1493: Gil,] Gil [1912; 1970]

1493-4: Era Mestre] era mestre [1970]

1494: Porcalho, para lhe dizer] Porcalho, que lhe vinha dizer [1912; 1970]

1494-5: O fidalgo, o velho Físico] O fidalgo e o velho Físico [1912] O fidalgo e o
velho físico [1970]

1496: Galeno, / lágrimas,] Galeno — lágrimas [1912; 1970]

1498: Gil,] Gil [1912; 1970]

1499: o Físico.] o físico [1970; suprime-se a vírgula em Físico.]

1501: Aristóteles.] Aristóteles! [1912; 1970]

Doze dias tinha D. Gil caminhado com o seu escudeiro
 Pêro Casco: — e tão fastidiosa, e monótona se estendia a longa
 jornada, sob a ardência de agosto, que, por vezes, o moço gentil,
 1505 dormitava como um frade, ao lento passo da sua mula, ou acor-
 dando, suspirava com uma saudade do seu solar, e dos frescos
 arvoredos de Gonfálim. Desde que tanto se alongara da sua aldeia,
 de Entre-Douro-e-Minho, nada encontrara, que lhe fizesse sentir
 a beleza ou variedade do Mundo. Sempre os mesmos rudes
 1510 e estreitos caminhos, escavados pelo trilho das cavalgaduras,
 ou dos carros se sucediam através de terras pobres, sem ver-
 dura e sem homens, duma cor seca de greda, com alguma árvore
 poeirenta onde as cigarras cantavam. Por vezes, avistava uma
 pequena aldeia, de adobe e tetos de colmo, agachada em torno
 1515 duma velha igreja, meio arruinada, findando por uma taverna, que
 estendia por cima do caminho, o seu ramo de louro, preso na ponta
 dum pau. Gil desmontava aí fatigado havia sempre algum frade
 mendicante, de aspeto torvo, bebendo o seu pichel de vinho,
 ou dous mesteirais errantes jogando os dados sobre um toro
 1520 de carvalho: e a taverna, os homens, toda a aldeia em redor

1502: Doze [*Início do capítulo VIII na edição de 1912. Em 1970 não há espaço entre as linhas.*]

1503: Pêro Casco [*A partir daqui o apelido do escudeiro de D. Gil passa a ser Casco; 1912 e 1970 escolheram manter Malho, lição que, por ser recorrente, não se anota nas ocorrências seguintes.*]

1503-4: fastidiosa, / jornada] fastidiosa / jornada, [1912; 1970]

1504: que, por vezes,] que por vezes [1912; 1970]

1505: ou] ou, [1912; 1970]

1506: solar,] solar [1912; 1970]

1507-8: aldeia, de Entre-Douro-e-Minho, nada encontrara,] aldeia, nas serras da Beira, nada encontrara [1912; 1970]

1509: do Mundo.] do mundo. [1970]

1509: Sempre [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1511: dos carros se sucediam] dos carros, se sucediam [1912] dos carros, se sucediam, [1970]

1512: duma cor] de uma cor [1970]

1513: poeirenta] poeirenta, [1912; 1970]

1513-4: Por vezes, / aldeia,] Por vezes / aldeia [1912; 1970]

1515: duma velha] de uma velha [1970]

1515: taverna,] taberna, [1912; 1970]

1516: caminho,] caminho [1912; 1970]

1517: dum pau.] de um pau. [1970]

1517: aí fatigado] aí, fatigado; [1912; 1970]

1520: a taverna,] a taberna, [1912; 1970]

1520: em redor] em redor, [1912; 1970]

eram tão tristes, tão rudes, que Gil tornava a partir, preferindo dormir, à beira da estrada, sob a luz das grandes estrelas de verão, junto duma fogueira que acendiam por causa dos lobos. Outras vezes, caminhando na planície avistavam, num alto
 1525 de colina, entre rochas, um negro, severo castelo: para lá trepavam, e depois de longas vezes tocarem a buzina aparecia entre as ameias, algum velho servo, que gritava, para baixo, num tom rouco: «Ninguém está, e ninguém entra.» Nas ermi-
 1530 das que topavam, encravadas entre fráguas, os ermitões pareciam entontecidos pela velhice ou pela penitência, recusavam abrigo aos cavaleiros, ou fugiam para o alto do monte: — e nunca nestas ermidas havia cruz, ou imagem santa. Longos dias tinham passado sem que encontrassem uma capela, um cruzeiro onde ajoelhassem, dissessem as suas rezas.
 1535 O pão que por vezes compravam nalguma rara taverna, a água quente e turva dalgum poço, fora todo o seu alimento: — e Gil pensava consigo, que guerra assolara aquelas regiões, ou se seria assim, árida e triste, toda a terra de Portugal, para além do vale de Gonfalom.

1540 — Meu bom senhor, murmurava então Pêro Casco, nós vamos errando caminho.

E sucedia então, que sempre algum pastor, ou frade mendicante, de barba revolta, ou caçador com a sua besta ao ombro,

- 1521: eram tão tristes, tão rudes,] era tão triste, tão rude, [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]
 1521-2: preferindo dormir,] preferindo dormir [1912; 1970]
 1523: duma fogueira] de uma fogueira [1970]
 1524: Outras [1912 e 1970 abrem parágrafo.]
 1524: planície avistavam,] planície, avistavam [1912; 1970]
 1526-7: trepavam, / buzina aparecia entre as ameias, / que gritava,] trepavam; / buzina, aparecia entre as ameias / que gritava [1912; 1970]
 1529: entre fráguas,] entre fragas, [1912; 1970]
 1532: cruz,] cruz [1912; 1970]
 1534: cruzeiro] cruzeiro, [1912; 1970]
 1535: rara taverna,] rara taberna, [1912; 1970]
 1536: dalgum poço,] de algum poço, [1970]
 1537: consigo,] consigo [1912; 1970]
 1538: para além [No Ms. parem alem; *adota-se a lição da tradição.*]
 1540: senhor,] senhor, — [1912; 1970]
 1540: Pêro Casco,] Pêro Malho, — [1912] Pêro Malho — [1970]
 1542: então,] então [1912; 1970]

1545 surgia dum valado, ou dentre rochas, e lhes afirmava ser aquela, bem direita e bem certa, a estrada que os levaria a Zamora.

Pêro Casco, derreado, com os pés caídos fora das largas estribейras de pau, coçava a cabeça pensativamente.

1550 — Senhor, meu amo, estes caminhos parecem arrançados, para o Diabo andar de jornada... Já reparou Vossa Mercê que ainda não encontrámos nem capela, nem mosteiro, nem cruz a que se reze um Padre-Nosso? E o que mais me arrenega é que ainda não topámos com águas claras, com águas correntes... Onde não está água, não está Deus. Chão de greda é cuidado do Demónio.

1555 E como D. Gil permanecia mudo, alongando os olhos para os secos descampados, onde só vivia a urze e a piteira, Casco recuava a mula, para trás de seu amo, suspirando baixinho:

— Ai Portugal! Portugal!

1560 Uma manhã tinham penetrado entre grandes serranias de rocha, seguindo o leito seco duma torrente. Tão grande era a solidão e o silêncio, que D. Gil sentia como o terror duma treva, e como se estivesse para sempre separado do mundo e das cousas vivas. O sol, no alto, faiscava furiosamente através dum ar tão espesso que se lhe via a vibração, o tremor luzidio,
1565 como dum pó de vidro suspenso. As patas das mulas estremeciam, a cada passada, tocando a ardência das pedras e do chão: — e dos altos muros de rocha, aos dous lados, vinha um calor áspero, seco, como se fossem os muros de tijolo dumas

1544: dum valado, / dentre rochas,] de um valado, / de entre rochas, [1970]

1545: direita] direita, [1912; 1970]

1547: estribейras de pau,] estribейras, [1912; 1970]

1548: — Senhor,] — Senhor [1912; 1970]

1548: arrançados,] arrançados [1912; 1970]

1551: Padre-Nosso?] padre-nosso? [1970]

1557: mula,] mula [1912; 1970]

1557: suspirando baixinho:] e suspirava baixinho: [1912; 1970]

1560: duma torrente,] de uma torrente. [1970]

1561-2: duma treva,] de uma treva, [1970]

1564: dum ar] de um ar [1970]

1564: tremor [*Suprime-se a vírgula.*]

1565-6: estremeciam,] estremeciam [1912; 1970]

1568: seco,] seco [1912; 1970]

1570 termas acesas. D. Gil arquejava, procurando uma cova, uma fenda de rocha, onde achassem sombra e refúgio: mas as duas encostas só ofereciam, nos seus dorsos redondos, como de grandes fornos, estendais secos, e lisos, de pedregulho miúdo, que faiscava.

1575 — E serem isto terras de El-Rei de Leão, murmurava Pêro Casco, com tédio.

Então D. Gil, para depressa fugir daquele vale ardente, de mortal secura, picou, com furor os ilhais da mula. Naquele sinistro silêncio de terra morta, sob o faiscar inclemente do sol, muito tempo galoparam, saltando por duas vezes, sobre 1580 grandes ossadas de cavalos, que ainda inteiras branquejavam entre as pedras. Quando estacaram esbaforidos, com grandes flocos de espuma caindo dos freios das mulas, estavam em frente duma vasta planície, deserta, nua, como varrida por um grande vento de abstração e de morte: — e por cima o sol faiscava 1585 furiosamente. D. Gil murmurou: « — Deus da Boa Viagem nos valha!» Desde a véspera, em que numa choça deserta, uma velha lhes dera, rosnando e praguejando, um pedaço de chouriço, e uma malga de vinho, nada tinham comido: já a sede

1568-9: dumas termas] de umas termas [1970]

1571: encostas] [*Suprime-se a vírgula.*]

1572: secos, e lisos,] secos e lisos [1912] secos e lisos, [1970]

1574: de El-Rei] de el-rei [1970]

1574: Leão, murmurava] Leão! — murmurava [1912; 1970]

1576: fugir [*Suprime-se a vírgula.*]

1577: secura, picou,] secura, picou [1912; 1970]

1577: Naquele [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1579: vezes,] vezes [1912; 1970]

1580: que ainda inteiras] que, ainda inteiras, [1912; 1970]

1581: estacaram] estacaram, [1912; 1970]

1582-3: frente duma] frente de uma [1970]

1584: de abstração] de assolação [1912; 1970] [*A lição da tradição apoia-se numa correção por mão alheia, que riscou o vocábulo usado por Eça e que se entende ser demasiado intrusiva.*]

1584: e por cima] e, por cima, [1912; 1970]

1585: «— Deus] «Deus [1912; 1970]

1586: valha!»] valha, [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1586: deserta,] deserta [1912; 1970]

1587-8: de chouriço,] de chouriço [1912; 1970]

os atormentava: — e na infinita planície, não havia caminho marcado... Que fazer?

— É andar, senhor meu amo, aconselhou Pêro Casco. Devagar, e a direito, e cantando, para espairecer.

E o alegre escudeiro tomou a sua viola de duras cordas, e começou um longo canto mourisco, dolente e dormente, — enquanto, a passo, sacudindo a espuma dos freios, as duas mulas arremetiam, através do descampado ardente. Nem um galho de tojo seco, nem uma lâmina de piteira, surgiam naquele vasto deserto, chato, onde a terra estava toda em fendas, que se esfarelavam, sob as patas das mulas. Longos sulcos tortuosos marcavam por vezes os riachos secos. E a única nota viva era o zumbir de grandes moscardos. Com os pés caídos fora dos estribos, as abas dos sombreiros descaídas sobre a face, as rédeas abandonadas, D. Gil, sentia amolecer, fundir-se naquela grande tristeza da solidão, e do calor, a Vontade, o desejo de Ação, que tão alegremente o fazia galopar, nos primeiros dias da jornada, como para uma conquista: — e agora o seu pensamento voltava-se para ideias de repouso, de indolência, entre mármore frescos, em jardins bem regados. Ao seu lado, com a perna encolhida sobre o arção da sela, Pêro Casco feria as cordas da viola num don-dlin-don seguido, cantando, para animar a marcha, as trovas dum Cavaleiro que atravessando um laranjal encontrara uma Infanta a pentear os cabelos de ouro. E a imaginação de

1589: atormentava: — / planície,] atormentava / planície [1912; 1970]

1591: amo,] amo, — [1912] amo — [1970]

1591-2: Devagar,] Devagar [1912; 1970]

1594: dormente, —] dormente — [1970]

1595: arremetiam,] arremetiam [1912; 1970]

1598: fendas, que se esfarelavam, sob as patas] fendas, sob as patas [1912] fendas, que se esfarelava, sob as patas [1970]

1600: Com [1912 abre parágrafo,]

1602 [De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em D. Gil.]

1603: solidão,] solidão [1912; 1970]

1603-4: a Vontade, o desejo de Ação,] a vontade, o desejo de ação, [1970]

1604-5: galopar, / agora] galopar / agora, [1912; 1970]

1608: Pêro Casco] Pêro Malho [1912; 1970] [De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em Casco]

1609: don-dlin-don,] don-dlin-don [1912; 1970]

1610: dum Cavaleiro] dum cavaleiro [1912] de um cavaleiro [1970]

1611: Infanta] infanta [1970]

D. Gil, seguia aquela Infanta, sentia a frescura do laranjal, dos cabelos da Dama passava aos seus braços brancos, que se arqueavam no mover do pente. Uma sonolência lânguida, ia-o
 1615 invadindo, naquela fraqueza crescente do jejum e da sede. A grande planície, lívida, flamejava em silêncio. Muito cansadas as mulas mal sacudiam o pescoço baixo, que os moscardos mordiam. Grandes bafos de calor passavam por vezes, tão espessos, que as faces dos dous viajantes lhes sentiam o embate mole e ardente. E incansáveis, teimosos, para animar a marcha, os dedos de Pêro feriam
 1620 a viola com um dlin-dlon, seguido. O Cavaleiro na sombra do laranjal, ajoelhado na relva aos pés da dama beijava a franja do seu cinto branco. Gil mal seguia o canto, o suor pingava, da sua face pálida, o pó branquejava as pregas do seu brial, e
 1625 com os olhos meio cerrados, do cinto da dama, vinha a pensar no corpo airoso que ele cingia. Porque não encontrariam eles na sua jornada, um fresco laranjal assim povoado? A viola fazia dlin-dlin-dlon. A terra seca esfarelava-se sob as patas das mulas. E assim, seguiam, por aquele ermo do reino de Leão, sob o
 1630 grande sol de agosto, o Senhor D. Gil e o seu escudeiro, nas

1611-2: de D. Gil,] de Gil [1912; 1970]

1612: Infanta] infanta [1970]

1612: laranjal,] laranjal, — [1912; 1970]

1613: Dama] dama [1970]

1614: arqueavam] arqueavam, [1912; 1970]

1614: lânguida,] lânguida [1912; 1970]

1616: cansadas] cansadas, [1912; 1970]

1618: por vezes,] por vezes [1912; 1970]

1619-20: E incansáveis,] E, incansáveis, [1912; 1970]

1621: dlin-dlon,] dlin-dlon [1912; 1970]

1621: O Cavaleiro] O cavaleiro, [1912; 1970]

1622: dama] dama, [1912; 1970]

1623: pingava,] pingava [1912; 1970. *Suprime-se a vírgula em Gil.*]

1624: e,] e, [1970]

1625: dama,] dama [1912; 1970]

1626-7: Porque não encontrariam eles,] Porque não encontraria ele, [1912; 1970. *Em 1970, abre-se parágrafo em Porque. Suprime-se vírgula em encontrariam.*]

1628: A terra [1970 abre parágrafo.]

1629: assim, seguiam,] assim seguiam, [1912; 1970]

1629: reino] Reino [1912; 1970]

1630: Senhor] senhor [1912]

suas mulas cansadas, cobertos de pó, cheios de sede, ao som dormente e áspero da viola mourisca.

Um cismando, outro cantando, entre aquela radiância da luz que os ofuscava, como uma névoa de ouro fosco, não tinham
 1635 os dous cavaleiros reparado que a terra por onde caminhavam, se ia elevando em colina, docemente. Mas de repente, um ar mais fresco, onde errava um aroma de verdura, bateu a face do Senhor D. Gil. Despertando daquele tanger que o entorpecia, estacou a sua boa mula. Estavam no cimo dum outeiro e em
 1640 baixo, num vale, cavado e fundo, verdejava um grande bosque, e tremia como um brilho de água.

Com que ansiedade **tangeram** as mulas! E com que consolo, com que largo suspirar, penetraram sob folhagens e sombras. Era um belo arvoredor, de troncos espaçados, já velhos, onde se
 1645 prendia, tapando o sol, uma longa renda de folhagem dum verde claro e tenro, como não há em agosto. Todo o chão era um musgo fresco. E no silêncio fino e alto, aqui e além, um melro cantava. Com os sombreiros na mão, a passo, respirando deliciosamente, eles penetraram, naquela frescura bendita, por entre os altos
 1650 troncos alinhados, como ruas de uma coutada real. E o bosque parecia infundável, cada vez mais fresco, mais verde, mais silencioso. Por fim, um brilho de água, que o sol batia, brilhou

1631: cansadas,] cansadas [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição,*]

1633: aquela radiância da] aquela radiação de [1912] aquela radiância de [1970]

1634: os ofuscava,] os ofuscava [1970]

1635: caminhavam,] caminhavam [1912; 1970]

1636: Mas [1970 abre parágrafo.]

1637: bateu a] bateu na [1912; 1970]

1638: Senhor] senhor [1970]

1639: dum outeiro] dum outeiro: — [1912] de um outeiro: — [1970]

1641: e [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em e.*]

1642: **tangeram**] tan [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição,*]

1643: sombras.] sombras! [1912; 1970]

1644: Era [1970 abre parágrafo.]

1645: tapando o sol, uma longa [*Elimina-se a vírgula em tapando e longa.*]

1645: dum verde] de um verde [1912]

1649: eles penetraram,] eles penetraram [1912; 1970]

1650: E [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1652: um brilho] um espelho [1912; 1970; *a tradição optou pela correção por mão alheia registada no Ms.*]

entre os últimos troncos: — e, espantados os dous cavaleiros,
 pararam à beira dum belo lago, todo cercado de arvoredos, cujas
 1655 longas ramagens, pendentes roçavam a água. Tão clara e pura
 era ela, que eles viam no fundo reluzir uma areia, muito fina, e
 como misturada de pó de ouro. No meio surgia uma ilha com
 um arvoredos, que fazia um grande ramalhete verde. E à beira
 de água, seguia um pequeno caminho, limpo e branco, orlado de
 1660 flores silvestres.

Por esse caminho meteram, lentamente, quási esquecendo a
 fadiga e a sede, no assombro daquele divino recanto, de verdura
 e paz silvana: — e de repente, saindo do arvoredos, encontraram
 uma vasta e fresca relva, à beira de água, onde estava preguiçosamente
 1665 estendido um cavaleiro, tendo ao lado um grande alforje
 aberto, e espalhados na relva, garrafas, empadões, e fundas taças
 de prata. Ao tronco da árvore que lhe dava sombra, estava encostada
 uma enorme lança branca: dos ramos estendidos como um
 toldo, pendia o seu escudo negro. Dous cavalos murzelos, com
 1670 rédeas de couro escarlata, e freios de ouro, pastavam, junto da
 água: — e um escudeiro, que debruçado desarrolhava uma garrafa
 que entalara entre os joelhos, voltou para os cavaleiros uma face
 estranha e grotesca, rapada como a dum frade, com dous olhos
 negros que chamejavam.

1675 Cortesmente D. Gil, tirara o sombreiro. Com grande cortes-
 sia também, o Cavaleiro se ergueu da relva. Era um formidável

1653: espantados] espantados, [1912; 1970]

1654: dum belo] de um belo [1970]

1655: ramagens,] ramagens [1912; 1970]

1656: uma areia, muito fina,] uma areia muito fina [1912; 1970; *elimina-se vírgula em reluzir.*]

1658: E] E, [1912; 1970]

1662: recanto,] recanto [1912; 1970]

1666: e espalhados] e, espalhados [1912; 1970]

1667: árvore] árvore, [1912; 1970]

1668: branca: / estendidos] branca; / estendidos, [1912; 1970]

1670: escarlata, / pastavam,] escarlata / pastavam [1912; 1970]

1671: escudeiro, que] escudeiro que, [1912] escudeiro, que, [1970]

1673: dum frade,] de um frade, [1970]

1675: Cortesmente D. Gil,] Cortesmente, D. Gil [1912; 1970]

1676: o Cavaleiro] o cavaleiro [1912; 1970; *elimina-se vírgula em Cavaleiro.*]

1676: Era [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

homem-de-armas, de barba ruiva findando em bico, as cores
vivas e quentes dum flamengo, e largo, robusto peito, cin-
gido numa sobreveste negra. O cabelo, mais ruivo ainda que a
1680 barba, erguia sobre a testa uma poupa aguda e flamante, e recaía
em grossos anéis sobre os ombros fortes, capazes do mais duro
esforço, e cobertos por um brial escarlate. Dos olhos deste
homem, pequenos e redondos, saía um brilho infinitamente
esperto, decidido, e risonho.

1685 — Bem fatigado deveis vir senhor cavaleiro, com tanta calma
e pó, exclamou ele. Esta sombra chega para dous, a merenda está
sobre a relva, e quem vos convida, que é o Senhor de Astorga,
só quer alegria e paz... Harbrico!

A este grito, que um vivo olhar acentuara, o escudeiro
1690 de face de frade, correu a segurar o estribo, para que o Senhor
D. Gil desmontasse. Mas já Pêro Casco, mais pronto agarrara o
loro: — e Harbrico então, risonhamente, correu a tirar de dentro
do alforge, de cores estridentes, um estofado de samite rico e macio,
que estendeu na relva para o Senhor D. Gil se recostar.

1695 O moço gentil corava de gosto a estas honras que lhe fazia
o Senhor ilustre de Astorga:

— Bendigo, murmurou ele, com a mão sobre o peito, ben-
digo os duros caminhos que trouxeram a tão doce acolhimento...

1677: barba ruiva] barba ruiva, [1912; 1970]

1678: dum flamengo,] de um flamengo, [1970]

1678: peito,] peito [1912; 1970]

1682: Dos] Nos [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1684: decidido,] decidido [1912; 1970]

1685-6: vir senhor cavaleiro / e pó,] vir, senhor cavaleiro, / e pó — [1912; 1970]

1687: Senhor] senhor [1970]

1690: frade,] frade [1912; 1970]

1690: Senhor] senhor [1970]

1691-2: pronto agarrara o loro: — e Harbrico então, risonhamente,] pronto, agarrara o
loro: Harbrico então, risonhamente, [1912; 1970; *reajusta-se a pontuação, de acordo com a tradição.*]

1693: samite rico] samite, rico [1912; 1970]

1694: relva] relva, [1912; 1970]

1694: Senhor] senhor [1970]

1695: gentil [*Suprime-se a vírgula.*]

1697: — Bendigo, murmurou ele, / o peito,] — Bendigo, — murmurou ele / o
peito, — [1912; 1970]

1700 O meu nome é D. Gil de Valadares; e o solar de meu pai é bem-falado, e bem-honrado entre todo o Minho-e-Douro.

Com os dedos gordos, que findavam em unhas muito agudas e curvas, o Senhor de Astorga aguçava a ponta da barba, pensando:

— Valadares, Valadares... Um D. Rui de Valadares, conheci eu em Coimbra, que tinha casa de boa pedra, no bairro cintado
1705 ao pé da Sé, e era vedor do Senhor D. Sancho II de Portugal.
— Meu avô.

O Senhor de Astorga atirou uma palmada à coxa:

— Pois soberbo avô tínheis, Senhor D. Gil, homem de boa alegria e façanha! Muito bem me lembro duma tarde de maio, em
1710 Lorvão... Mas melhor vão, à sesta, as histórias alegres! Agora todo esse suor e pó vos está pedindo água clara e lustral...

E diante de D. Gil, o ondeante Harbrico, sustentava numa das vastas mãos cabeludas uma bacia de prata, na outra uma fina toalha que arrastava sobre a relva as rendas ricas da sua
1715 franja. Com que delícia banhou a face! Da água saía um aroma de benjoim. E uma frescura penetrante calinou de repente toda a sua fadiga dos ermos atravessados... Mas já o ágil Harbrico arrojara toalha e bacia, e voltava, todo ele ondulando, com um denso molho de penas rutilantes de galo: — e tão fina e destramente lhe sacudiu
1720 o espesso pó dos caminhos, que a sobreveste negra, os boteirões de couro escarlata, pareceram como novos, sem nunca ter servido, e as esporas de ouro rebrilharam com um lampejo desusado!

1699: Valadares;] Valadares, [1912; 1970]

1700: entre todo o Minho-e-Douro.] na nossa terra da Beira [1912] entre todo o Minho e a Beira [1970]

1702: Senhor] senhor [1970; *suprime-se vírgula em Astorga.*]

1702: barba] barba, [1970]

1707: Senhor] senhor [1970]

1708: Senhor] senhor [1970]

1709: duma tarde] de uma tarde [1970]

1712: E diante] E diante, [1912; 1970]

1712: Harbrico,] Harbrico [1912; 1970]

1713: outra [*Suprime-se vírgula.*]

1714: toalha] toalha, [1912; 1970]

1716: E uma [1970 *abre parágrafo.*]

1721: sem nunca ter] sem ter [1912; 1970]

D. Gil grandemente se maravilhava. E por trás dele, Pêro Casco, tendo limpado e pendurado as armas do amo, e lançado
 1725 a pastar as suas mulas, junto aos dous corcéis negros, considerava o Senhor de Astorga, com assombro e desconfiança. Era sobretudo aquele tufo de cabelo erguido na testa, como uma crista flamante, que o inquietava. E que alforge era aquele que
 1730 continha, na sua estreita bolsa, bacias de prata, bragais de linho fino, toda a ucharia duma mesa real, e tapizes de rico samite? E onde houvera mais coruscante olhar, negro como fendas do Inferno, do que aquele do estranho Harbrico? O bom Pêro coçava o queixo, — com um desejo, que o invadia, de gritar de repente, por sobre o fidalgo, o escudeiro e os alforges,
 1735 o nome afugentador de Jesus, Maria, José. Mas justamente, Harbrico espalhava diante dos cavaleiros uma deliciosa, irresistível merenda! Eram gordas perdizes aloiradas, um vasto salmão frio e cor-de-rosa, com um molho de salsa e cravo que perfumava o ar, cestos de pêssegos e uvas, como só há nos pomares de El-Rei... E às garrafas, cobertas de veneráveis crustas
 1740 negras, deitadas com cuidado na relva, o destro Harbrico juntou pichéis de um vinho espumante e branco, que ele trouxera dentre a espessura do bosque, e onde cintilavam pedras de gelo. Esfomeado, sedento, o bravo Pêro escancarava os lábios
 1745 donde escorria uma baba. E, com convicção, pensou: — «Venham de Deus, venham do Demónio, quando há fome e sede, não se

1724: limpado] limpo [1912; 1970]

1726: Senhor de Astorga,] Senhor de Astorga [1912] senhor de Astorga [1970]

1730: a ucharia duma mesa] uxaria [Ms.] a hucharia [1912] a hucharia de uma mesa [1970]

1732: Inferno,] inferno, [1912]

1732: Harbrico?] Harbrico. [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1733: queixo, —] queixo, [1912; 1970]

1734: escudeiro e] escudeiro, e [1912; 1970]

1735: Mas] Mas, [1912 e 1970, *que abrem parágrafo.*]

1736: Harbrico [*Suprime-se vírgula.*]

1736-7: deliciosa, irresistível] deliciosa e irresistível [1912; 1970]

1740: El-Rei...] el-rei... [1970]

1740: E [*1970 abre parágrafo.*]

1742: de um vinho] de vinho [1912; 1970]

1743: dentre a espessura] de entre a espessura [1970]

1744: Pêro escancarava] Pêro escancara [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

recusam vinho nem perdiz...» E servilmente, fraternalmente, sorriu a Harbrico, que mostrou também a grande dentuça, amarela e aguda, como a dum lobo.

1750 Todos aqueles bons comeres, e frescuras de vinhos, grandemente encantavam D. Gil. Ele, que, em Gonfálim, nas festas do solar, sempre fora indiferente aos mimos melhores da fornalha e da adega, agora, desde que naquele fresco prado, se estendera ao lado do Senhor de Astorga, só pensava nos regalos da
1755 boa merenda! Ao enterrar a faca aguda no peito da perdiz, sorria, com os beijos lustrosos, como um frade guloso: — e quando Harbrico lhe deitou, na vasta taça de estanho, um vinho gelado que espumava, a sua mão de cavaleiro tremia, de gozo e gula. O Senhor de Astorga apenas colheu alguns bagos de uva. Mas
1760 que rijo beber! Rejeitando as taças, agarra com a sua vasta mão cabeluda, os garrafões, e dum trago breve e ansioso, os despejava, sem que na sua barba ardente restasse um brilho de humidade. E no entanto, cuidava da satisfação de D. Gil.

— Provai daquele empadão da Alsácia... Aquela pimenta
1765 amarela, vem das pimenteiras do Papa...

1747: perdiz...»] perdiz.» [1912; 1970]

1747: E servilmente,] E, servilmente, [1912; 1970]

1748: dentuça,] dentuça [1912; 1970]

1749: dum lobo,] de um lobo. [1970]

1750: e frescuras] e frescura [1912; 1970]

1751: D. Gil.] D. Gill [1912; 1970]

1753: prado,] prado [1912; 1970]

1754: Senhor] senhor [1970]

1754: pensava [*Suprime-se vírgula.*]

1755 enterrar [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula*]

1757: lhe deitou, / de estanho,] lhe deitou / de prata [1912; 1970]

1758: cavaleiro tremia [*Eliminam-se as vírgulas.*]

1759: Senhor] senhor [1970]

1760: rijo [*Elimina-se a vírgula.*]

1760-1: agarra / cabeluda,] agarrava / cabeluda [1912; 1970]

1761: e dum] e, dum [1912] e, de um [1970]

1763: E] E, [1970]

1763: no entanto,] no entanto [1912]

1763: de D. Gil.] de Gil. [1912; 1970]

1765: amarela,] amarela [1912; 1970]

Depois, estendendo mais, na relva, as suas longas pernas, calçadas de botas negras:

— Há na verdade horas doces na vida! — Que melhor alegria, que uma boa merenda, com esta frescura de vinhos, por uma sesta quente de agosto, entre esta bela verdura!

— Grande razão tendes, Senhor de Astorga! exclamou D. Gil, cujos olhos resplandeciam, e que esvaziara um copo de vinho de Chipre. E depois de tão feia jornada, como venho passando, **desde que** entrei em terras de Leão, esta hora que vos devo é muito para ser lembrada.

O Senhor de Astorga pousou, sorrindo, os seus olhos redondos em D. Gil:

— Muito me recordais, por vezes, no jeito, no dizer, o vosso avô D. Rui! E para onde vos ides assim, em tão longa jornada?

— A Paris, Senhor de Astorga.

O de Astorga moveu lentamente a cabeça:

— Grande cidade, fina cidade... Bons amigos lá tenho na Corte e nas Escolas.

Foi uma interessante surpresa para o Senhor D. Gil. Como! O Senhor de Astorga assim conhecia Paris, e as Escolas? Mais venturoso ainda fora pois aquele encontro que dele podia tirar

1766: mais, na relva,] mais na relva [1912; 1970]

1768: vida! — Que] vida! — observou — Que [1912] vida! Que [1970]

1768-9: melhor alegria,] melhor alegria [1912; 1970]

1771: Senhor] senhor [1970]

1771: exclamou] — exclamou [1912; 1970]

1773: Chipre.] Chipre. — [1912; 1970]

1774: **desde que**] desde [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1776: O Senhor] O senhor [1970]

1777: Gil:] Gil. [1970]

1778: recordais, por vezes,] recordais por vezes [1912; 1970]

1779: D. Rui!] D. Rui!... [1912; 1970]

1780: Senhor] senhor [1970]

1781: O de Astorga] O Senhor de Astorga [1912] O senhor de Astorga [1970]

1782: tenho] tenho! [1912; 1970]

1784: Senhor] senhor [1970]

1785: Senhor] senhor [1970]

1785: **Mais**] Mas [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1786: fora pois aquele encontro] fora, pois, aquele encontro, [1912; 1970]

grandemente ensino e Conselho. Que para as Escolas, em Paris, ia ele, por aquela jornada... Mas, pouco sabia, na verdade, dos Mestres que lá ensinavam, e dos usos dos Escolares com quem ia acamaradar, e dos preceitos que se impunham a quem procurava o bom saber... Só estava certo, que assim era a fama em Portugal, que para quem desejava aprender, se devia ir às Escolas de Paris — estava ali a Verdade.

O Senhor de Astorga alçou com solenidade as suas espessas sobancelhas, alargou os olhos claros. E teve este ditame: — Para o grande saber, só há na terra uma escola, e essa em Toledo.

E como Gil o olhava perplexo:

— Que pretendeis vós aprender?

— As artes médicas.

O Senhor de Astorga encolheu os ombros, com largo e risonho desdém:

— Oh! Para isso decerto, tendes em Paris, mestres que bastem. E mesmo em Zamora encontraríeis o bom físico árabe Reimão Esterravia! E até na vossa Coimbra tendes homem professo, que tudo vos podia ensinar, em Mestre Esteves Garracho!... Mas vós Senhor D. Gil, um moço de tão boa feição, de altos

1787: Conselho] conselho [1912; 1970]

1788: Mas,] Mas [1912; 1970]

1789: Mestres / Escolares] mestres / escolares [1970]

1793: Paris — estava] Paris. Estava [1912]

1794: Senhor de Astorga,] Senhor de Astorga [1912] senhor de Astorga [1970] [*Uma correção autógrafo, no Ms., riscou Sr. e opta por Senhor, caucionando a adoção, nesta edição e na tradição, da forma por extenso, em detrimento da abreviada, que regista poucas ocorrências. De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em Astorga.*].]

1795: claros.] claros, [1912; 1970]

1796: na terra] na Terra [1970]

1801: Senhor] senhor [1970]

1801-2: largo e risonho [*De acordo com a lição da tradição*]

1803: decerto, tendes em Paris,] decerto tendes em Paris [1912; 1970]

1804: físico] Físico [1912]

1806: em Mestre] em mestre [1970]

1807: vós Senhor D. Gil,] vós, Senhor D. Gil [1912] vós, senhor D. Gil, [1970]

espíritos que decerto amais a fama, como vos quereis amesquinhar em saber tão mesquinho?

1810 D. Gil, que corara aos louvores, murmurou surpreendido:
— E que outro saber há mais?

Mas uma risada aguda, silvada, cascalhante, ressoou por trás, entre os troncos de árvores. E os dous cavaleiros voltando o rosto, viram Harbrico, sentado na relva, ao lado de Pêro Casco, com vitualhas e garrafas espalhadas, diante na relva, que se torcia, com as mãos nas ilhargas magras, a boca fendida, numa hilaridade disforme, gritando «que rebentava!» — enquanto, ao lado, debruçado sobre ele, com o olho brilhante, o dedo espetado, Pêro Casco, lhe segredava uma história. Os dous molossos, sentados em frente, conservavam uma gravidade sombria.

— Divertido escudeiro tendes, Senhor D. Gil, murmurou sorrindo o Senhor de Astorga. E pela viola que lhe vi ao ombro, penso que sabe trovar. Ocasão terei de o ouvir por essas estradas, agora que há lua, porque como ides a Segóvia o nosso caminho é o mesmo até Zarro. E agora deveríamos descansar, e fazer a sesta à mourisca, para montar e partir, pela frescura da tarde...

1825 E imediatamente D. Gil sentiu que os olhos se lhe cerravam — e reclinado no coxim de veludo docemente adormeceu.

1808: espíritos] espíritos, [1970]

1813: de árvores.] das árvores. [1912; 1970]

1813: cavaleiros] cavaleiros, [1912; 1970]

1814: de Pêro Casco.] de Pêro [1912]

1815-6: espalhadas, diante na relva, que se torcia, / ilhargas magras] espalhadas diante, que se torcia, / ilhargas magras, [1912; 1970]

1817: enquanto.] enquanto [1912; 1970]

1818-9: Pêro Casco] Pero [1912] Pêro [1970] [*Segue-se a lição da tradição e elimina-se a vírgula depois do nome da personagem.*]

1821: Senhor] senhor [1970]

1821-2: Gil, murmurou sorrindo o Senhor de Astorga.] Gil, — murmurou, sorrindo, o Senhor de Astorga. — [1912] Gil — murmurou, sorrindo, o senhor de Astorga. — [1970]

1822: E pela] E, pela [1912; 1970]

1824-5: porque como ides a Segóvia / Zarro.] porque, como ides a Segóvia, / Zarro! [1912; 1970]

1827: D. Gil [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em D. Gil.*]

1827-8: cerravam — e reclinando no coxim de veludo] cerravam, e, reclinando no coxim de veludo, [1912; 1970]

1830 Mas, adormecido, percebia a frescura das grandes árvores,
 via o brilho do claro lago: — e, sem saber se era já a viola
 de Casco que tocava, começou de ouvir uns sons muito len-
 tos e doces, que tremiam como fugindo de cordas afinadas.
 Depois uma fina flauta suspirou, depois um lento gemido de
 harpa passou. E bem depressa uma doce, grave melodia encheu
 1835 tão completamente o bosque, como se fossem os ramos que
 cantassem. E era um canto, todo de adoração, mas contido,
 apenas murmurado, como de uma multidão invisível que esta-
 ticamente esperasse uma aparição maravilhosa. Uma imensa
 languidez passou no ar. Todo o sol, que caía na água, nas
 1840 folhas, rebrilhou, com uma cintilação mais intensa. E subia,
 mas eis que por trás da ponta da Ilha que verdejava, em meio
 do lago, surgiu a proa duma **barca** que tinha a forma dum
 cisne todo enronflado e nadando. O canto foi então apenas um
 murmúrio doce infinitamente, errando na murmurosa espessura
 1845 do arvoredado. Fendendo lentamente a barca avançava: — e
 nela, de pé, vinha uma mulher, de beleza maravilhosa. Entre
 o vestido negro que a cobria, o seu colo e os ombros nus

1831: de Casco] de Pero [1912; 1970]

1831: ouvir [*Elimina-se a vírgula.*]

1834: grave [*Elimina-se a vírgula.*]

1835: completamente [*Elimina-se a vírgula.*]

1836: canto,] canto [1912; 1970]

1837-8: que estaticamente] que, estaticamente, [1912; 1970]

1839: o sol,] o sol [1912; 1970]

1839: rebrilhou,] rebrilhou [1912; 1970]

1840: E subia,] Mas o canto subia, mais ardente, [1912] E subia, mais ardente, [1970]
 [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1841: mas eis que por trás da ponta da Ilha que verdejava, em] quando por detrás da ponta
 da ilha, que verdejava no [1912] quando por detrás da ponte da ilha, que verdejava no [1970]

1842: duma **barca** que] duma que [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

1842-3: duma **barca** / dum cisne] de uma barca / de um cisne, [1912; 1970]

1843: todo enronflado] todo enrufado, [1912] todo enrufado [1970]

1843-5: O canto foi então apenas um murmúrio doce infinitamente, errando na
 murmurosa espessura do arvoredado.] E foi então apenas um murmúrio infinitamente doce,
 errando na umbrosa espessura do arvoredado. [1912] O canto foi então apenas um murmúrio
 doce, infinitamente errando na umbrosa espessura do arvoredado. [1970]

1845: Fendendo lentamente a barca] Lentamente a barca [1912; 1970]

1846: mulher,] mulher [1912; 1970]

1847: nus [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em nus.*]

lançavam uma claridade, como a da neve, sob o sol. Por
sobre o manto negro, cujas pregas desciam, pesadas e hirtas,
1850 enchendo o barco, os seus imensos cabelos caíam, como um
outro manto de ouro fulvo. Nenhuma joia a enfeitava: — uma
languidez negra e profunda cerrava quási os seus olhos: — e
nos seus lábios vermelhos errava a tristeza dum sorriso.
Lenta e serena a barca **fendia a água**, sem deixar sulco;
1855 e pouco a pouco o canto em redor, no fresco arvoredor, era
mais sumido e vago. Quando a barca tocou a margem de relva
verde, — o cantar findou, e houve só em redor um êxtase
mudo, da verdura, das águas, da luz. D. Gil esperava, sem se
mover, deslumbrado. Então a Mulher maravilhosa **deu** um
1860 passo lento na relva, depois outro: o seu grande manto, arras-
tava pesadamente: — e sob a orla do seu vestido, brilhava a
brancura dos seus pés nus. Assim docemente se acercou de
D. Gil, cujo coração batia, ansiosamente: — e à medida que
ela assim se avizinhava dele, o casto moço percebia, que o
1865 pesado vestido negro, o pesado manto negro, se adelgaçavam,

1848: neve,] neve [1912; 1970]

1849: pregas [*Elimina-se a vírgula.*]

1850: caíam, como um] caíam como um [1912] caíam como em [1970]

1851: Nenhuma [1970 *abre parágrafo.*]

1851: enfeitava: —] enfeitava, [1912; 1970]

1852: olhos: — e nos] olhos, nos [1912; 1970]

1853: dum sorriso.] de um sorriso. [1970]

1854: serena a barca **fendia a água**,] serena, a barca fendia a água [1912; 1970]

[*No Ms. foram rasuradas as palavras fendia a água que aqui se repõem, como fez a tradição, para que a frase tenha sentido.*]

1856: Quando [1912 e 1970 *abrem parágrafo.*]

1857: verde, — o cantar] verde, o cântico [1912; 1970]

1858-9: D. Gil / mover] mover, [1912; 1970. *De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em D. Gil.*]

1859: a Mulher] a mulher [1912; 1970; *elimina-se a vírgula em Mulher.*]

1861: e sob] e, sob [1912; 1970]

1862: Assim docemente] Assim, docemente [1912] Assim, docemente, [1970]

1863: batia,] batia [1912; 1970]

1864: percebia,] percebia [1912; 1970]

- se tornavam transparentes; já deixavam distinguir, sob as suas pregas, as brancuras vagas dum corpo divino. O longo manto não era mais que um véu tão leve que nem vergava as pontas finas das relvas. O vestido era tão fino que se colava aos seios,
- 1870 se enrolava nos joelhos: — e quando a Mulher maravilhosa chegou junto do seu rosto, toda sua nudez, mais bela que a de Helena, de Vénus, resplandecia, mais branca, sob a ténue névoa de uma gaze negra. Então aquele corpo maravilhoso se debruçou sobre ele, — que lhe sentia o calor, o perfume. E os lábios
- 1875 vermelhos e fortes deram aos seus que tremiam, um beijo tão profundo — que um grande grito de gosto doloroso fugiu do seu peito. Acordou: — e ao lado, de pé, já com o seu largo sombreiro posto, o Senhor de Astorga afivelava o cinturão da espada.
- 1880 — Boa sesta fizemos, Senhor D. Gil. A tarde está fresca, e é tempo de cavalgar, se queremos ainda hoje chegar a Alba de Tormes.
- D. Gil ainda tremia. E os seus olhos inquietos procuravam em redor, numa saudade daquele sonho divino que findara. Montou em silêncio na sua mula, que Pêro Casco já tinha
- 1885 à rédea. E quando saiu daquele doce prado — ainda se voltou

1866: transparentes; já] transparentes. Já [1912]

1867: dum corpo] de um corpo [1970]

1868: leve] leve, [1912; 1970]

1869: tão fino] tão fino, [1912; 1970]

1870: joelhos: — e] joelhos. E [1912] joelhos; — e, [1970]

1870: Mulher] mulher [1970]

1873: Então [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1874: ele, —] ele [1912; 1970]

1875: deram aos seus que] que deram [Ms.] deram nos seus, que [1912; 1970]

1876: profundo —] profundo, [1912; 1970]

1878: o Senhor] o senhor [1970; *elimina-se a vírgula, depois de Astorga.*]

1880: Senhor D. Gil.] senhor D. Gil! [1912] fizemos, senhor D. Gil. [1970] [*Segue-se a tradição e acrescenta-se vírgula, depois de fizemos.*]

1880: está fresca, e] está fresca e [1912; 1970]

1882: D. Gil [*De acordo com a lição da tradição, elimina-se a vírgula em D. Gil.*]

1884: Montou [1912 e 1970 abrem parágrafo.]

1884: Pêro Casco] Pêro Malho [1912; 1970; *elimina-se a vírgula, depois de Casco.*]

1885: doce prado —] doce prado, [1912; 1970]

na sela, olhou a relva, a água serena do lago, a ilha, o arvoredos todo, e um suspiro fugiu-lhe dos lábios.

Muito tempo cavalgaram calados. A estrada agora era entre grandes arvoredos, fresca e risonha.

1887: todo,] todo, — [1912]

1888: Muito [*As edições da tradição não deixam espaço entre este parágrafo e o anterior.*]

APÊNDICES

S. CRISTÓVÃO

Ms. E1/286

- 5 A Anunciação de Cristóvão.
10 As esperanças e o nascimento de Cristóvão.
5 10 Primeiros anos e morte da mãe.
15 A educação e crecença de Cristóvão.
10 Cristóvão no Castelo.
20 Cristóvão pastor, conhecimento do Evangelho.
25 Cristóvão no Convento.
10 20 Cristóvão na cidade atacada da peste.
25 Cristóvão na aldeia.
25 Cristóvão entre os ermitas.
10 Cristóvão com as companhias.

1: [1966 e 1970 introduzem o título «Esboço de um plano». Os números à margem são do punho do escritor, representando o último (280) o somatório daqueles números; pode tratar-se de um cálculo de dimensão a atingir, no desenvolvimento deste plano.]

5: da mãe.] da Mãe. [1966]

7: no Castelo.] no castelo. [1970]

9: no Convento.] no convento. [1970]

10: da peste.] pela peste. [1966; 1970]

13: companhias.] Companhias. [1966]

- 20 Cristóvão no Solar das Damas.
 15 35 Cristóvão comandando os Zázaros.
 25 Cristóvão gigante nas feiras.
 10 Cristóvão correndo mundo.
 15 Cristóvão no rio.
 280

20

[II]

- Cristóvão nasce numa floresta.
 Milagre ao nascer (portas abertas de par em par).
 O seu extraordinário crescer.
 Toda a gente da aldeia o vem ver.
 25 O Castelão quer ver Cristóvão — o Castelo.
 Morte do pai de Cristóvão.
 Cristóvão retira-se para a floresta.
 Cristóvão volta à aldeia.
 Cristóvão no Convento.
 30 Cristóvão protege os amores do estudante.
 Cristóvão ouve o Evangelho.
 Cristóvão sente-se servo de Jesus.
 Cristóvão vai servir na aldeia os pobres.
 Cristóvão, tendo abandonado o Convento, os padres vingam-se dele.
 35 Cristóvão expulso da aldeia.
 Cristóvão na cidade atacada da peste.
 Cristóvão expulso da cidade por despeito do Príncipe.

14: Solar das Damas.] solar das damas. [1970]

20: [1966 e 1970 dão como título «Acompanhando os passos do Santo». Na margem esquerda e praticamente em todo o manuscrito, encontram-se várias chavetas, aparentemente do punho do escritor, talvez reportando-se a seqüências ou a capítulos do conto a desenvolver.]

25: Castelão] castelão [1970]

25: Castelo.] castelo. [1970]

29: Convento.] convento. [1970]

34: [Adota-se a pontuação de 1966 e 1970; no manuscrito: Cristóvão tendo]

34: Cristóvão, Convento,] convento, [1970]

36: da peste.] de peste. [1966; 1970]

37: Príncipe.] príncipe. [1970]

- 40 Cristóvão entre os ermitas.
Cristóvão descobre o orgulho dos ermitas.
Cristóvão deixa os ermitas.
Cristóvão errante nos caminhos.
Cristóvão numa região devastada pela guerra.
Cristóvão na terra devastada pela fome.
Cristóvão entre os feiticeiros.
- 45 Cristóvão no Solar das Damas.
A amizade do menino por ele.
Ingratidão do menino.
Doença do menino.
- 50 Cristóvão sabe que se prepara a revolta dos servos.
Cristóvão defende o castelo atacado.
- Cristóvão toma o comando dos servos.
Pede esmola pelos castelos.
Traz os servos, como um bando de pedintes.
Cristóvão e os servos são atacados.
- 55 A batalha.
Cristóvão ferido.
Sonha com as lutas sociais.
Um anjo cura Cristóvão.
- 60 Cristóvão exerce a sua bondade pelo mundo.
Cristóvão mostra-se nas feiras.
Cristóvão de novo corre mundo.

45: no Solar das Damas.] no solar das damas. [1970]

46: [1966 e 1970 não avançam o texto nesta linha nem nas duas seguintes.]

46: menino] Menino [1966] menino [1970]

47: menino.] Menino. [1966] menino. [1970]

48: menino.] Menino. [1966] menino. [1970]

52: [1966 e 1970 não avançam o texto nesta linha nem na seguinte.]

52: pelos castelos.] pelos caminhos. [1966; 1970]

53: servos.] servos [1966; 1970]

55: [1966 e 1970 não avançam o texto.]

56: Cristóvão ferido.] Cristóvão é ferido. [1966]

57: [1966 e 1970 não avançam o texto nesta linha nem na seguinte.]

Cristóvão no Rio como passeur.
 Sua morte.
 Sobe ao Céu.

65

[III]

Formas de bondade instintiva

70

75

80

Esquecimento de si.
 Tendência a servir os outros.
 Paciência sob os trabalhos.
 Resignação com a miséria.
 Amor das crianças.
 Amor dos pobres.
 Amor dos animais.
 Sofrimento pelo sofrimento de Jesus e dos homens.
 Prontidão a socorrer.
 Efusão em dar.
 De servir os indivíduos passar a servir classes.
 Ser tão humilde que se substituem os animais de carga.
 Defender mesmo os maus, quando são atacados.
 Amor por tudo o que vive.
 Amor pela natureza insensível.
 Substituir-se mesmo às coisas de utilidade, como pontes, etc.

62: passeur.] «*passeur*». [1966] «passeur». [1970]

63: [1966 e 1970 não avançam o texto nesta linha nem na seguinte.]

69: Tendência a] tendência de servir [1966; 1970]

70: sob os trabalhos.] sob o trabalho. [1966; 1970]

76: Prontidão a] Prontidão em [1966; 1970]

78: servir classes.] servir a classe. [1966; 1970]

79: se substituem] se substitui [1970]

82: pela natureza insensível.] pela natureza universal. [1966] pela Natureza universal. [1970]

[IV]

85 Aspetos da Meia-Idade

Cidade.

Aldeia.

Castelo.

Mosteiro.

90 Ermida.

Floresta.

Acampamento.

Estalagem.

Tipos da Meia-Idade

95 O barão.

O Cavaleiro Andante.

O mercenário.

O Monge.

A Monja.

100 O ermita.

O peregrino.

O feiticeiro.

O Menestrel.

O Astrólogo.

105 O estudante.

O mercador ambulante.

Episódios da Meia-Idade

A vida feudal.

A vida monacal.

85: Meia-Idade] Meia Idade [1970]

86: [1966 e 1970 não apresentam lista mas texto corrido.]

94: Meia-Idade] Meia Idade [1970]

96: Cavaleiro Andante.] cavaleiro andante. [1966; 1970]

97-9: O mercenário. / O Monge. / A Monja. [1966 e 1970 omitem.]

103: Menestrel.] menestrel. [1966; 1970]

104: Astrólogo.] astrólogo. [1966; 1970]

107: Meia-Idade] Meia Idade [1970]

- 110 A vida ermita.
A peste.
A guerra dos Jacques.
A guerra dos barões.
O torneio.
- 115 As jornadas de mercadores.
As forcas.
As flagelações.
Os bruxedos.
A adoração das relíquias.
- 120 As peregrinações.
As festas populares.

[V]



115: de mercadores.] dos mercadores. [1966; 1970]

122 [Desenho de paisagem, do punho de Eça; representa uma floresta, um ribeiro, um mosteiro e um castelo.]

[VI]



123: [Desenho de paisagem, do punho de Eça; representa um castelo, com as suas dependências.]

S.^{TO} ONOFRE

Ms. E1/289 — fls. 3A, 7 e 8

em solidão com o seu Deus; e como o aliviam de todo o serviço,
e partilhavam com ele da farinha e da lentilha, e como lhe abriam
lugar, junto a fogueiras, ou à borda dos poços, como a igual e
5 a um irmão! E quantas maravilhas, ele vira no deserto! — os
Mosteiros, longas filas de celas, mais pobres que ergástulos, espa-
lhadas pelo areal, onde os monges, sob os seus negros capuzes
oravam de braços abertos, folheavam grossos livros, fabricavam
cestos de esparto, regavam hortas de legumes, ou se fustigavam
10 com um látego! Depois uma buzina ressoava e todos em filas
mudas, se apressavam para um templozinho branco e novo, que

2: em solidão [1966 e 1970 omitem a passagem entre em solidão e um irmão.] [Uma vez que estes dois fólhos repetem, com variantes, o sentido do texto anterior, conjectura-se que se trata de dois fragmentos de manuscritos diferentes. Como Abmès só se torna cristão após a descrição dos atos dos eremitas, este pode ser um fragmento anterior. V. supra.]

5: E [1966 e 1970 abrem parágrafo.] [As edições da tradição transferem o texto deste fólho, a partir deste lugar e até solitários como sequência do texto que termina em maravilha no fólho 4. V. supra.]

5: maravilhas, ele vira no deserto! —] maravilhas ele vira no Deserto! [1966] maravilhas ele vira no deserto! [1970]

5-6: os Mosteiros,] Os mosteiros, [1966; 1970; abrem parágrafo.]

6: longas filas de celas,] a longa fila das celas, [1966; 1970]

6-7: ergástulos, espalhadas / monges,] ergástulos espalhados / monges [1966; 1970]

9: legumes / látego!] legumes, / látego. [1966; 1970]

10-11: Depois uma buzina ressoava e todos em filas mudas, se apressavam para um templozinho] Depois um templozinho [1966; 1970; abrem parágrafo.]

15 tinha no alto uma cruz, igual àquela em que se crucificam os
 escravos. Mas mais prodigiosas eram as histórias dos solitários!
 Todos se entregavam a penitências pavorosas, tinham existências
 15 mais duras que os escravos, — e as suas faces resplandeciam de
 felicidade. Um poder saía deles que dominava a terra e as feras!
 Gregório fazia reflorir os galhos duma árvore queimada para dar
 sombra aos seus discípulos! Serapião quando queria atravessar o
 Nilo, chamava um crocodilo e montava sobre o seu dorso. Com
 20 que espanto ele escutava estas histórias!

Enfim duma dessas peregrinações Ahmès, voltara Cristão,
 e conhecia Jesus, a lei nova! Mas, pobre dele, simples e rude,
 só lhe **soubera contar que** Jesus era filho dum grande
 Faraó, que vivia para além das nuvens, num reino mais rico em
 25 delícias e gados e palácios que todos os reinos da terra — e
 ele esperava servindo Jesus, poder entrar nesse reino, e viver lá
 eternamente, com um manto de seda, governando os seus gados

12: no alto uma cruz,] ao alto uma cruz [1966; 1970]

12-3: crucificam os escravos.] crucificam escravos. [1966; 1970]

13: Mas mais prodigiosas eram as histórias dos] Mas o mais prodigioso eram os seus
 mosteiros de [1966; 1970; *abrem parágrafo.*]

14-16: Todos / feras! [*Passagem transferida nas edições da tradição para o final do fôlio 6,*
depois de seu filho!]

15: duras [*Elimina-se a vírgula.*]

15-6: escravos, — / felicidade. Um poder] escravos — / felicidade — um poder [1966;
 1970; *elimina-se vírgula depois de dominava.*]

17-9: Gregório / dorso [1966 e 1970 *omitem o texto entre Gregório e dorso*]

19: Com [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

21: duma dessas] de uma dessas [1970]

21: Ahmès, voltara Cristão,] Ahmès voltara Cristão [1966] Amés voltara cristão [1970]

22: Jesus, a lei nova!] Jesus e a Lei Nova! [1966; 1970]

22: Mas,] Mas [1966; 1970; *abrem parágrafo.*]

23: só lhe **soubera contar que** Jesus] só lhe Jesus [*Ms.; conjectura com base em cancelamento*
do escritor, que riscou soubera contar] só [sabia que] Jesus [1966; 1970]

23-4: dum grande Faraó,] de um grande faraó, [1970]

24: reino [*Elimina-se vírgula.*]

25: e gados] e gado [1966; 1970]

25: da terra —] da Terra — [1966; 1970]

26-7: reino, e viver lá eternamente, com um manto] reino e viver eternamente com
 um [1966; 1970] [*No Ms., com manto; a partir daqui e até seu pai, transcreve-se um fôlio localizado*
na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; em Ms. E1/289 encontra-se cópia com a letra de Maria d'Eça
de Queiroz. Este fôlio termina com três palavras ilegíveis, a seguir a seu pai]

30 e sorrindo às suas concubinas. Pobre Ahmès, decerto Deus lhe
perdoaria que ele tão mal o compreendesse — porque o seu
coração era puro. E bendito fora quem lhe ensinara o caminho
da Verdade, — porque desde então só desejara acompanhar
também alguma caravana de peregrinos ao Deserto, conhecer a
Lei de Jesus, e os homens que em tanta perfeição a cumpriam.

35 Que alvoroço o seu desde então quando algum bando de Cris-
tãos aparecia na taverna, de manhã, para alugar dromedários! Ele
corria para os aliviar das bagagens, trazia água para as abluções,
estendia tapetes sob os pés dos mais velhos ajudava a arrear os
dromedários, velava pela frescura da água que chocava nos odres.
E quando seu pai [ilegível]

40

Ms. E1/289 — fls. 11-12

por ela, quando o Escriba e Onofre pararam no alto da
escadaria, de mármore, vinham caminhando, dous pavões com
a cauda de azul e ouro aberta, resplandecendo, ao sol.

28: Pobre [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

28: Ahmès,] Amés, [1970]

28-9: lhe perdoaria] lhe perdoava [1966; 1970]

29: mal o compreendesse] mal compreendesse [1966; 1970]

31: Verdade, —] verdade — [1966; 1970]

32: Deserto,] deserto, [1970]

34: seu desde então] seu, desde então, [1966; 1970]

34-5: Cristãos] cristãos [1970]

35: na taverna,] na taberna [1966; 1970]

37: velhos] velhos, [1966; 1970]

41: por ela,] [Passagem omitida em 1966 e 1970.]

41: quando o Escriba] Quando o escriba [1966; 1970]

42: escadaria, de mármore, vinham caminhando, dous pavões] escadaria de mármore
vinham caminhando dois pavões [1966; 1970] [pavões: *leitura duvidosa; adota-se a lição da tradição.*]

43: cauda de azul e ouro aberta, resplandecendo,] cuda aberta de azul e oiro resplan-
decendo [1966; 1970] [No Ms.: ou aberta]

Então o bom Arquivista pousou a mão pálida, sobre o ombro
45 de Onofre, e murmurou docemente:

— Oh meu filho tu vais para os ardores e os perigos do
Deserto, e das viagens, e do Mundo: — mas nunca encontrarás,
paz melhor que esta!

Onofre ficara pensativo — e quando descia para o lado da
50 taverna, ainda se voltou, a contemplar aquele Templo branco e
silencioso, que resplandecia, com tanta harmonia, tanta doçura.

Cedo, ao cantar do galo a Caravana partira — mas o Velho
Escriba ainda apareceu no *Galo*, trazendo ao seu discípulo, dos
arquivos do templo um pedaço de pedra **calcítica** que cura das
55 mordeduras das serpentes e dos sopros empestados. Os odres de
água as provisões estavam carregadas — e os três monges sírios
já esperavam, montados nos seus dromedários, com os longos
capuzes descidos sobre a face, as sacolas de couro pendentes das
cintas. Onofre guardou precipitadamente o amuleto no seio;
60 acenou um adeus aos servos da cozinha e da adega, que invocavam
por ele os auspícios de Osíris Viajante, e ajoelhou para receber
a bênção lenta e grave de Toutmés. Depois subiu para o seu

44: Arquivista, pousou a mão pálida,] arquivista pousou a sua mão pálida [1966; 1970]
[Arquivista: *leitura duvidosa; adota-se a lição da tradição, eliminando-se também a vírgula.*]

45: Onofre,] Onofre [1966; 1970]

46: meu filho] meu filho! [1966; 1970]

46-7: e os perigos do Deserto,] e perigos do deserto, [1966; 1970]

47: e das viagens, e do Mundo: / encontrarás,] das viagens e do mundo / encontrarás [1966; 1970]

49: pensativo —] pensativo, [1966; 1970; *vírgula eliminada depois de quando.*]

50: taverna, ainda se voltou,] taberna, ainda se voltou [1966; 1970]

50-1: Templo branco e silencioso, que resplandecia,] templo branco e silencioso que
resplandecia [1966; 1970]

52-3: galo a Caravana partira — mas o Velho Escriba] galo a caravana partira, e mesmo
o velho escriba [1966; 1970; *vírgula eliminada depois de Escriba.*]

53: *Galo*, trazendo ao seu discípulo,] Galo trazendo ao seu discípulo [1966; 1970]

54: de pedra **calcítica** que] de pedra [...] que [1966; 1970] [*No Ms.: pedra calítica*]

55: Os odres [1966 *abre parágrafo.*]

56: água as provisões estavam carregadas —] água estavam carregados [1966; 1970]

57: esperavam, / dromedários,] esperavam / dromedários [1966; 1970]

59: Onofre [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

59: no seio;] no seio, [1966; 1970]

62: Depois [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

dromedário, com a alegria de noivo que parte para o seu noivado. Subitamente os três monges, mesmo o Velho Cassiano, sem se moverem entoaram um cântico com as mãos, a face erguida para o céu. E a Caravana lentamente desceu, para a Porta da Lua. Então vendo

Ms. E1/289 — fls. 13-15

então pensar só, nessa viagem feita com Cassiano, em que ele recebera o Conhecimento verdadeiro da Lei de Jesus — e a fé penetrara na sua alma, com a segurança, e o fulgor duma espada que brilha. Com que alegria recordava então a sua chegada ao Mosteiro de Thebane — os seus primeiros jejuns, o êxtase da primeira Missa, e o seu encanto com aquela existência dos monges, espalhados nas suas celas em torno da Igreja.

Fora uma manhã, que ele se lançara aos pés de Serapião o abade de Thebane, que andava cavando pedindo para o admitir entre os seus monges. Mas o velho venerável hesitara.

63: dromedário, com a alegria de] dromedário com a alegria do [1966; 1970; *virgula eliminada depois de alegria.*]

64-5: o Velho Cassiano, sem se moverem] o velho Cassiano, sem se moverem, [1966; 1970] [Cassiano *é leitura provável.*]

65: um cântico] um cântico, [1966; 1970]

65-6: erguida para o céu.] erguidas para o Céu. [1966; 1970]

66: E a Caravana,] E a caravana, [1966; 1970; *abrem parágrafo.*]

66: lentamente desceu, / Lua.] lentamente, desceu / Lua! [1966; 1970]

67: Então vendo [*Omitido em 1966 e 1970.*]

69: então pensar só, nessa] pensar nessa [1966; 1970]

69-70: em que ele [*Nô Ms.: a ele; adota-se a lição da tradição.*].

70: o Conhecimento] o conhecimento [1966; 1970]

71: alma, com a segurança,] alma com a segurança [1966; 1970]

72: Com [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

73: Mosteiro de Thebane] Mosteiro de Tebane [1966] mosteiro de Tebane [1970]

74: primeira Missa,] primeira missa [1966; 1970]

75: dos monges,] de monges [1966; 1970]

75: da Igreja.] da igreja. [1970]

76-7: Serapião o abade de Thebane, que andava cavando] Serapião, o Abade de Tebane, que andava cavando, [1966; 1970]

78: Mas o velho venerável hesitara.] Mas o velho hesitava: [1966; 1970; *abrem parágrafo.*]

— Meu filho, dissera o velho, o que um sopro faz um sopro
 80 o desfaz! Experimenta primeiro a tua fé na melancolia da solidão,
 e se ela resistir e fortificar, então voltarás, e serás, então, ser,
 como uma pedra forte, nesta obra que erguemos ao Senhor.

Foi com lágrimas que ele deixou o mosteiro — acompa-
 nhando os Monges Sírios, que iam mais longe, a trinta milhas de
 85 Thebane, visitar os solitários que viviam numa montanha. Aí encon-
 traram santos velhos, habitando cavernas junto dum pequeno
 Oásis, onde um fio de água corria entre palmeiras. Tão velho
 era um deles que dobrado pela idade só podia caminhar com as
 mãos no chão — e tomado logo de uma veneração infinita, por
 90 aquele ancião, suplicou logo, para ali permanecer, ouvindo os
 seus conselhos, e servindo a sua fraqueza. Os Monges ali o
 deixaram partir. E quási imediatamente o velho morrera, uma
 tarde, a orar, tão docemente, como um pássaro que se cala, e
 adormece no ninho. Por suas mãos o enterrara — e quando a
 95 cova estava bem coberta sentira como se na sua alma tivesse

79: filho, dissera o velho, o que] filho — disse — o que [1966; 1970]

80: fé, / solidão,] fé — / solidão — [1966; 1970]

81: e fortificar] e frutificar [1966; 1970]

81: serás, então, ser [Omitido em 1966 e 1970.]

82: forte, / que erguemos] forte / que ergueres [1966; 1970]

83-4: o mosteiro — acompanhando os Monges Sírios,] Mosteiro — acompanhando
 os monges Sírios [1966] o mosteiro — acompanhando os monges sírios [1970]

85: Thebane, visitar os solitários] Tebane, visitar os Solitários [1966; 1970]

85: Aí [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

86: habitando [Suprime-se a vírgula.]

86-7: santos velhos, / Oásis,] santos velhos / oásis [1966] santos velhos, / oásis [1970]

87: entre palmeiras.] entre palmares. [1966; 1970]

89: chão — e tomado / infinita,] chão. E Onofre, tomado / infinita [1966; 1970]

90: suplicou logo,] suplicou [1966; 1970]

91: conselhos, e servindo] conselhos e servindo [1966; 1970] [Mr. servido; *adota-se a lição da tradição.*]

91: Os Monges] Os monges [1966; 1970; *abrem parágrafo.*]

92: deixaram partir. E quási] deixaram, partir. E quase [1966; 1970] [*Abertura de parágrafo em 1966 e 1970.*]

92-3: velho morrera, / docemente, / cala,] velho morria, / docemente / cala [1966; 1970]

94: Por [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

94: o enterrara —] o enterrara, [1966; 1970]

entrado toda a devoção, e a doçura e a humildade, do monge morto. Como levado por uma ordem divina, partira, sem mesmo se despedir dos outros monges, caminhara longos dias, sofrendo a fome, a sede, todos os terrores do deserto, — e um
 100 dia em que pensava que morreria, avistou aquele monte, aquelas palmeiras, aquela cova, a mimosa em flor. E como um exilado que encontra a sua pátria — ele sentiu tanta alegria, que para sempre ali ficara.

Quando Onofre se perdia nestes pensamentos, toda a inquietação o abandonava.
 105

Ms. E1/289 — fls. 16-21

e quando voltaram, e ali de novo pararam, ao entrar o sol em Capricórnio, o velho morrera e Onofre desaparece.

Onofre desde os **vinete anos vivia no Deserto**. Mais profunda
 110 funda para os lados do Mar Vermelho a cova que ele assim escolhera, na flor da sua idade, era na escarpa dum monte,

96: e a doçura e a humildade,] a doçura e a humildade [1966; 1970; *suprime-se vírgula em entrado.*]

97: Como [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

97: partira,] partira [1966; 1970]

99-100: deserto, — e um dia em que pensava que morreria, avistou] Deserto — e um dia avistou [1966] deserto — e um dia avistou [1970]

101: E como [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

102: alegria,] alegria [1966; 1970]

104: nestes pensamentos,] nesses pensamentos, [1966; 1970]

105: abandonava.] abandonava. [1966; 1970] [No Ms., *abando por mudança de fôlio; adota-se a lição da tradição.*]

108: [Desde e quando até desaparece: *passo omitido em 1966 e 1970.*]

109-10: Onofre desde os **vinete anos vivia no Deserto**. Mais profunda para os lados do Mar Vermelho, a cova que ele assim] Onofre, [1966; 1970] [*Este início apresenta escrita muito acidentada, com cancelamentos e entrelinhamentos. Adota-se, em parte, a lição da tradição, que faz parágrafo em Deserto e não transcreve assim que é de leitura duvidosa.*]

111: na escarpa] no escarpamento [1966; 1970]

111: dum monte] de um monte [1970]

115 todo de rocha — e decerto servira outrora de abrigo a ladrões
 Sarracenos, porque um vasto terreno de rocha que diante dela
 se estendia, estava cercado dum muro com seteiras como o
 120 duma fortaleza. Rudes degraus talhados na pedra desciam
 até um vale, estreito como uma fenda, onde um fio de água,
 caindo, dos penedos, alimentava ervas, piteiras, tamarindos,
 uma mimosa e palmeiras. Para além era o Deserto, em ondula-
 ções, lentas, fulvas como a pele dum leão, infundável, sempre
 125 igual até ao Mar Vermelho. A alegria e o aroma, daquele ermo,
 era uma grande mimosa que, pela páscoa do Senhor, se cobria
 de cachos amarelos, alegres e perfumados. Cada vez que as
 primeiras flores apontavam, entre a folhagem, sobre o arbusto,
 Onofre, com um ferro de lança que ele desenterrara, uma
 tarde cavando no areal, entalhava sobre rocha um risco, como os
 que se marcam nas traves das adegas, para contar os anos do
 vinho: — e agora que as barbas todas brancas, e incultas, se lhe

112: rocha — e] rocha, e [1966; 1970]

113: Sarracenos,] sarracenos, [1966; 1970]

113-4: vasto terreno de rocha / estendia,] vasto terreno / estendia [1966; 1970]

114: dum muro] de um muro [1970]

114-5: seteiras, como o duma fortaleza.] seteiras como numa fortaleza. [1966; 1970]

115: Rudes [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

115-6: desciam até um vale, estreito como uma fenda,] desciam até um vale aberto
como uma ferida [1966; *suprime-se a vírgula em pedra*.]

116-7: água, caindo, dos penedos, alimentava ervas,] água caindo dos penedos ali-
mentava erva, [1966; 1970]

117-8: tamarindos, uma mimosa e palmeiras.] palmeiras, tamareiras e uma mimosa.
[1966; 1970]

118: Para [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

118-9: Deserto, em ondulações,] Deserto em ondulações [1966] deserto em ondulações
[1970]

119: dum leão,] de um leão, [1966; 1970]

120: A alegria e o aroma, daquele ermo,] A alegria e o aroma daquele ermo [1966;
1970; *abrem parágrafo*.]

121: que, pela páscoa do Senhor,] que pela Páscoa do Senhor [1966; 1970]

122: Cada [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

123: apontavam,] apontavam [1966; 1970]

124: de lança] de lançara [Ms.]

124: desenterrara,] desenterrara [1966; 1970]

125-6: um risco, / que se marcam] um risco / que marcam [1966; 1970]

127: brancas, e incultas,] brancas e incultas [1966; 1970]

emaranhavam até à cintura, ele, correndo os dedos sobre a pedra, podia contar nela, quarenta e três entalhaduras.

- 130 O viver do seu corpo, nesses anos, fora tão igual e
regrado, como o mover dos astros. Ainda com todas **as estrelas**
do céu, cada noite, Onofre se erguia, do seu leito de areia
e rocha, atava uma corda em torno da rude pele que servia
de túnica, saía da sua cova na terra e diante **duma cruz** feita de
135 dois pedaços de pau, com os braços abertos, começava a
sua ardente oração, até que o sol surgisse vermelho e vasto,
do lado do mar. Então, de pé, cantava, na muda solidão, um
Cântico alegre ao Senhor. Depois, obedecendo ao Ditame,
dos Padres melhores do Deserto, que atribuem ao Trabalho
140 tanta virtude como à Prece, tomava o seu balde de couro, uma
enxada que recebera por esmola do mosteiro de Cétis, e partia,
a cavar e a regar, um horto que traçara, naquelas terras, que
bordavam o fio de água. Constantemente o vento do deserto
recobria de areia os regos que ele abrira e plantara: — e
145 Onofre serenamente recomeçava. Depois quando o sol

129: contar nela,] contar nela [1966; 1970]

130-1: nesses anos, / regrado,] nesses longos anos, / regrado [1966; 1970]

131-2: todas **as estrelas** do céu, cada noite,] todas do céu [Ms.] todas [as estrelas]
do céu, cada noite [1966; 1970]

132: erguia,] erguia [1966; 1970]

133: que servia] que lhe servia [1966; 1970]

134-5: diante **duma cruz** feita de dois pedaços de pau,] diante duma de feita [Ms.]
diante de dois pedaços de pau, [em] cruz, [1966; 1970]

136: o sol surgisse] o sol surgisse, [1966] o Sol surgisse, [1970; *suprime-se a vírgula em Sol.*]

137: Então, [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

138: Cântico] cântico [1966; 1970]

138: Depois [1966; 1970; 1966 *abre parágrafo; suprime-se a vírgula.*]

138-9: Ditame, / Deserto,] Ditame / Deserto [1966] ditame / deserto, [1970]

139-40: Trabalho / Prece,] trabalho / prece, [1966; 1970]

141: mosteiro de Cétis, e partia,] Mosteiro dos Scitas e partia [1966] mosteiro dos
Citas e partia [1970]

142: regar, um horto que traçara, / terras,] regar uma horta que traçara / terras [1966]

143: Constantemente [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

143-4: deserto recobria de areia] Deserto recobria de areia [1966] deserto recobria de
areia [1970] [*Suprime-se a vírgula em deserto e em areia.*]

145: e Onofre serenamente] Onofre, serenamente, [1966; 1970]

145: Depois [1966 e 1970 *abrem parágrafo.*]

145: o sol] o Sol [1970]

desaparecia, a primeira **estrela** brilhava, — Onofre à porta da sua cova, comia, algumas tâmaras secas, ou rilhava um pouco de pão seco, que a cada seis meses, ia buscar, caminhando, com os pés nus sobre o ardor das areias, à Igreja dos Cenobitas de Thebane. Depois entoava o Cântico de Graça, estendia-se, na leve camada de folhas de papiro que lhe servia de leito, e a cada hora, se arrancava asperamente ao sono, para orar, ou fazer três vezes, de joelhos a volta das rochas negras, ou a obra piedosa, porque certamente a Palavra se cumpriria, e o *Deserto se cobriria de Flores*. Nenhum torrão rolava sob a enxada, nenhuma água humedecia o torrão — sem que Onofre, juntando as mãos, murmurasse uma doce oração. Quando o sol ia mais alto, e as pedras brancas refulgiam, o Solitário subia ao seu terraço, repousava, estendendo sobre os joelhos, um longo rolo de pele em que estava escrita a Vida do Senhor: corria os dedos sobre as linhas como se lhe palpasse nelas a doçura

146: primeira **estrela** brilhava, — Onofre] primeira brilhava [Ms.] primeira [estrela] brilhava — Onofre, [1966; 1970]

147: cova, comia [Pontuação reajustada, conforme a tradição.]

148: pão seco, que cada seis meses,] pão duro, que cada seis meses [1966; 1970]

148-9: caminhando, / nus] caminhando / nus, [1966; 1970]

149-50: Igreja dos Cenobitas de Thebane.] igreja dos cenobitas de Tebane. [1970]

150: Depois [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

150: o Cântico de Graça, estendia-se,] o cântico de Graças, estendia-se [1966; 1970]

151: de papiro] de papiros [1966; 1970]

152: cada hora,] cada hora [1966; 1970]

153: três vezes,] três vezes [1966; 1970]

153: negras, ou] negras... [1966; 1970]

153-4: a obra piedosa, porque certamente a Palavra se cumpriria,] Certamente a palavra se cumpriria [1966; 1970]

155: *de Flores.*] *de flores.* [1966; 1970]

155: Nenhum [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

155-6: sob a enxada,] sob a sua enxada, [1966; 1970]

156-7: torrão — sem que Onofre, juntando as mãos,] torrão, sem que Onofre juntando as mãos [1966; 1970]

157: Quando [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

158: o sol] o Sol [1970]

159: joelhos [vírgula suprimida, conforme a tradição.]

161: dedos [Elimina-se a vírgula.]

161: se lhe palpasse] se palpasse [1966; 1970]

da divina História, perdia-se numa meditação, em que todos os passos de Jesus, desde a Galileia, até à dura Jerusalém se repetiam lentamente na sua alma, e nela reviviam, reais e angustiosas, todas as dores da Paixão. Voltava depois ao seu rude labor; e cada vez, que ia encher à nascente, o seu balde de couro, soltava o seu cântico de modo que daquele ermo perdido, subisse para o Céu, como um incenso numa ara que nunca se apaga, uma adoração perenal. O sol declinava, todo o deserto se avermelhava, — e as rochas, perdido o brilho, tinham cores de sangue. Mais vasta e funda parecia a taciturnidade do Deserto: — e na imobilidade maior do alto azul, alguma água passava fatigando as asas.

Ms. E1/289 — fls. 22-24

meditar nos padecimentos do Senhor, direito e hirto, nu, batido do vento, no cimo das rochas.

Mas se a vida do seu corpo era assim cheia de silêncio e de regra — na sua alma, longos anos houvera só barulho e com-

162: História,] história, [1970]

162: meditação,] meditação [1966; 1970]

163: Jerusalém] Jerusalém, [1966; 1970]

163-4: Galileia, / Jerusalém / alma, e nela] Galileia / Jerusalém, / alma e nele [1966; 1970]

165: Voltava [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

166: labor; e cada vez,] labor, e cada vez [1966; 1970]

166-7: nascente, / couro,] nascente / couro [1966; 1970]

167: cântico] cântico, [1966; 1970]

167-8: que daquele ermo perdido, subisse para o Céu, como um incenso numa] que naquele ermo perdido, subia para o céu, como o incenso de uma [1966; 1970]

169: uma adoração perenal.] uma oração perenal. [1966; 1970]

169: O sol] O Sol [1970] [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

170: avermelhava, —] avermelhava — [1966; 1970]

171: Mais [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

172: Deserto:] deserto: [1970]

172-3: imobilidade maior / passava] imobilidade / passava, [1966; 1970]

175-6: meditar / rochas. [Passagem omitida em 1966 e 1970.]

178: houvera [Elimina-se a vírgula.]

bates, como numa cidadela cercada. Apenas anoitecia, o Demó-
 180 nio invadia o Ermo. E furiosamente recomeçava os seus
 assaltos, àquele homem que a Penitência ia tornando perfeito.
 Ao princípio, muito o Inimigo invadia a sua Imaginação, com
 a visão da sua vida, passada, e da cidade que vivera. Era de
 noite, quando findo o seu magro repasto, ele repousava sentado
 185 nas rochas, com a cabeça caída contra os altos penedos. Todo o
 pensamento lhe fugia para a cidade distante de Afrodite em
 que ele nascera, onde o viver era tão doce. Seu pai tinha uma
 taverna, no bairro novo junto da porta das Areias, à orla
 dum bosque de plátanos e sicômoros, que se estendia, por uma
 190 colina mais alta que as muralhas, até a um pequeno Santuário
 de Esculápio. Por aquele bosque cheiroso e mudo, acom-
 panhava ele sua mãe, uma grega das Ilhas Egeias, tão branca, tão
 doce, quando ela, consumida pelos ardores do Egito, ia suplicar
 a saúde ao seu Deus Helénico, o ídolo feio de barbas douradas,

178-9: alma, / houvera, / combates,] alma / houvera / combates [1966; 1970]

179: Apenas [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

180: Ermo.] Ermo, [1966] ermo, [1970]

181: assaltos,] assaltos [1966; 1970]

181: Penitência] penitência [1970]

182: Ao princípio, muito] Ao princípio, lentamente, [1966; 1970; *abrem parágrafo*;
elimina-se vírgula em muito.]

182-3: Imaginação, / vida,] imaginação / vida [1966; 1970]

183: que vivera.] em que vivera. [1966; 1970]

183: Era [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

184: repasto,] repasto [1966; 1970]

185: cabeça caída contra os altos penedos.] cabeça encostada contra o alto penedo.
 [1966; 1970]

187: onde o viver] onde a vida [1966; 1970]

187: Seu [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

188: taverna,] taberna, [1966; 1970]

188: bairro novo] bairro [1966; 1970] [*No Ms.: bairro no*]

188: porta] Porta [1966; 1970]

189: dum bosque] de um bosque [1970]

189: estendia,] estendia [1966; 1970]

190: que as muralhas, até a um] que muralhas, até um [1966; 1970]

190: Santuário] santuário [1970]

191: Por [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

191: bosque cheiroso e mudo,] bosque mudo, [1966; 1970] [*Leitura duvidosa em cheiroso*]

192: uma grega] uma Grega [1966]

194: Deus Helénico,] deus helénico, [1966; 1970]

195 e derramar sobre a sua ara, — que o Senhor tivesse piedade
do seu erro, — um fio de óleo da Ática que ele levava num
jarro! Por aquele bosque também descia todas as tardes, com a
sua infusa de greda, sob o manto de linho, a buscar à taverna
cerveja de Cilícia, e Vinho Mareótico, o velho Arquivista, o
200 bom Ammonio que lhe ensinara as letras, os números, certos
ditames de música, as divisões do Império Romano, e mesmo
sobre uma esfera feita de vergas finas, o caminhar das estrelas.
Pobre Ammonio, que tanto o amava, e admirava tanto a sua
inteligência e a sua memória — e aconselhara mesmo seu pai
205 que o mandasse às Escolas de Alexandria, aprender com melho-
res mestres, as Belas Letras e Latinas. Felizmente ele tinha um
mestre melhor que todos, o pobre Rhamès, bom como o pão
fresco, ou como uma noite de sono. Era um escravo coberto
das cicatrizes do açoite e do ferro, que tratava

194-5: douradas, / ara,] douradas / ara [1966; 1970]

196: seu erro,] seu erro [1966; 1970]

196: que ele levava] que levava [1966; 1970]

197: Por [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

198-9: à taverna cerveja de Cilícia,] à taberna cerveja da Cilícia, [1966; 1970]

199: e Vinho Mareótico,] ou vinho Mareótico, [1966] ou vinho mareótico [1970]

199-200: Arquivista, o bom Ammonio] arquivista, o bom Amónio, [1966; 1970]

200: lhe ensinara / e mesmo] lhe ensinava / e mesmo, [1966; 1970]

203: Pobre Ammonio,] Pobre Amónio, [1966; 1970; *abrem parágrafo*.]

203: amava, e admirava,] amava e admirava [1966; 1970]

203-4: tanto a sua inteligência e a sua memória —] a sua inteligência e a sua memória, [1966; 1970]

204: e aconselhara mesmo seu pai] e mesmo aconselhara o seu pai [1966] e mesmo aconselhara a seu pai [1970]

205: às Escolas de Alexandria,] à Escola de Alexandria [1966; 1970]

206: mestres, as Belas Letras e Latinas.] mestres as Letras Latinas. [1966; 1970]

206: Felizmente ele tinha] Felizmente tinha tido [1966; 1970; *abrem parágrafo*.]

207-8: Rhamès, bom / fresco,] Ahmès, puro / fresco [1966; 1970]

208-9: Era / tratava [Passagem omitida em 1966 e 1970; o final deste fôlio parece ter sequência narrativa no apêndice v.].

210

Ms. E1/289 — fl. 24 [184-C]

215

220

dos dromedários — porque seu pai costumava então alugar dromedários aos Cristãos de Alexandria e do Delta que subindo desembarcavam em Afrodite, para visitar os Mosteiros da Tebaida, ou a Santa cidade Oxalínque já então povoada de cenobitas, ou o monte Colzim, onde ainda vivia em glória, e com cem anos, aquela grande maravilha do Deserto, o bom e perfeito S.^{to} Antão! O Bom Ahmès guiava ao Deserto, estas pequenas caravanas de Peregrinos — E como ambos dormiam, em cubículos chegados, por cima do vasto barracão onde se guardavam os arreios dos dromedários, os odres, e a erva, quando Ahmès voltava dessas jornadas do Deserto, não se fartava de lhe contar a doçura dos Cristãos,

Ms. E1/289 — fls. 25-26

225

Dos altos pórticos, das colunas de mármore branco, dos mármore polidos, que revestiam os muros, do teto, de cedro polido, caía uma frescura, uma paz, propícia a serenar toda a agitação e toda a dor. O grande Esculápio, sobre seu alto pedestal, sorria, beneficentemente, na sua longa barba encanuda a e dourada. Ao lado sua Irmã Higeia sorria também, inclinando

210: [Omitido em 1966 e 1970.]

222: [O final deste fôlio parece ter sequência narrativa no apêndice VI. Esta conjectura é reforçada pelas duas linhas que Eça riscou: e a sua doçura, e os seus cânticos, e os mosteiros que tinham erguido no Deserto, para viver]

224: Dos altos [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

225: polidos, que revestiam os muros, do teto, de cedro,] polidos que revestiam os muros dos tetos de cedro [1966; 1970]

226: uma paz,] uma paz [1966; 1970]

227: O grande [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

228: sorria, beneficentemente,] sorria beneficentemente [1966; 1970]

229 Ao lado [1966 e 1970 abrem parágrafo.]

229: sua Irmã Higeia sorria também,] uma terna Hígia sorria também [1966; 1970]

230 a sua taça de ouro donde escorriam sobre os homens, a
saúde e a força. E diante dele, da ara de bronze, subia um
fumo lento, ténue, direito, como uma prece contínua, festiva,
serena. Na larga gaiola as serpentes sacras, gordas, mos-
queadas de amarelo, dormiam com beatitude, sob as fofas
235 lâs de Mileto. E num recanto do pórtico, o Sacerdote de
serviço, dormia também, numa cadeira de marfim, com as
mãos sobre o ventre, reluzindo de pedrarias, e uma ponta do
manto estendida por sobre a face suada. A grande avenida
que precedia o Templo, com roseiras em flor entre sicômoros,
240 deserta e bem areada: — e entre as colunas cheias de estelas
votivas e de cachos amarelos de mimosas. Era à hora da sesta.
Em torno do Santuário, sob o pesado esplendor do sol que
entrava em Capricórnio, todo o bosque sagrado dormia, imó-
vel, o céu de bronze, abrigando, aqui e além, a alva nudez
245 muda duma estátua, ou um pequeno oratório, de mármore

230: ouro donde escorriam sobre os homens,] ouro, donde escorria sobre os homens
[1966; 1970]

231: E diante dele,] E, diante deles, [1966; 1970; *abrem parágrafo*.]

231: bronze,] bronze [1966; 1970]

232: ténue, direito,] ténue, discreto [1966; 1970]

232-3: contínua, festiva, serena.] contínua, [...] serena. [1966] contínua [...] serena.
[1970]

233: Na larga [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

234: beatitude,] beatitude [1966]

234: sob as fofas] sobre as fofas [1970]

235: E] E, [1966; 1970]

235: Sacerdote] sacerdote [1970]

236: serviço, dormia também,] serviço dormia também [1966; 1970]

236-7: marfim, / pedrarias,] marfim / pedrarias [1966; 1970]

238: por sobre] sobre [1966; 1970]

238: A grande [1966 e 1970 *abrem parágrafo*.]

239: Templo,] templo, [1970]

240: areada: —] areada. [1966; 1970]

240-1: e / sesta. [*Passagem omitida em 1966 e 1970*.]

242: Santuário,] santuário, [1970]

242: do sol] do Sol [1970]

243: em Capricórnio,] no Capricórnio, [1966; 1970]

244: o céu] e o céu [1966; 1970]

244: bronze, abrigando, aqui e além,] bronze abrigando aqui e além [1966; 1970]

244-5: alva nudez muda duma estátua,] alva nudez de uma estátua, [1966; 1970]

245: oratório,] oratório [1966; 1970]

cor-de-rosa. E o silêncio, doce, o roçar das sandálias de
 papiro do Escriba, sobre as lajes lavadas e lustrosas, o gotejar
 dormente das águas lustrais na sua fonte de pórfiro, e o arrulhar
 dalguma rola aninhada nas palmeiras, eram ainda como rumores
 250 sagrados, cheios de gravidade e doçura.

Ms. E1/289 — fl. 184B

dromedário dobrou, com um longo passo balançado, o muro
 da cisterna, e ele não tornou a ver ninguém dentre os vivos!
 Dentre os vivos! Um grande suspiro sacudiu o seu peito — e
 255 todo aquele céu lhe pareceu tão triste como a abóboda dum
 sepulcro, e aqueles ares tão lívidos como um sudário que o
 envolvesse! Então um desejo ardente de ver homens numa praça,
 arvoredos, monumentos e largas filas de casas alvejando ao sol,
 invadiu a sua alma, — e para a calmar, para que os seus pés não
 260 se lançassem a correr pelo deserto, à busca da vida da cidade,
 tinha de tomar as disciplinas, e vergastar o corpo. Mas logo aos
 primeiros golpes, todas as visões desapareciam — uma serenidade
 caía na sua alma, e era-lhe

246: E o silêncio,] E o silêncio [1966; 1970; *abrem parágrafo*.]

247: papiro do Escriba,] papiros do Escriba [1966] papiros do escriba [1970]

247: sobre as lajes [No Ms.: sob as lajes; *adota-se a lição da tradição*.]

247: lavadas e lustrosas,] lavadas, [1966; 1970]

249: dalguma rola] de alguma rola [1966; 1970]

250: sagrados,] sagrados [1966; 1970]

250: [O *apêndice II* parece dar sequência temática a este *fólio*.]

251: [Cópia pela letra de Maria d'Eça de Queiroz, com a indicação «O original entregue ao António». Omitido em 1966 e 1970.]

S. FREI GIL

Ms. BN E1/267

- O solar de Mortágua.
D. Rodrigo.
D. Menda.
5 O pessoal da casa.
Sua vida simples.
Deus ama-os.
Dá-lhes um filho.
Um milagre ao nascer o filho.
10 A sua beleza é o pasmo de todos.
Aos cinco anos começa a mostrar um espírito inquieto e curioso.
Passa horas, folheando manuscritos.
Depois são as armas e a caça que o seduzem.
A sua curiosidade é um velho físico que lhe dá noções dos
15 simples. Vai com ele ver os doentes. Sabe receitar.
Mas o coração começa a falar.
Apaixona-se vagamente. Abraço a raparigas no campo. Chora
sem razão. Queria por vezes abraçar uma rosa.

13: seduzem] seduz [Ms.]

Depois apaixona-se pelo desconhecido, pelas viagens. Quer
 20 saber, ver mundo, ter aventuras, ter amores. E ir estudar para
 Paris tudo **conhecer**, e fixa-se neste imenso desejo.

[Plano da obra]

Nascimento de Gil, num solar ao pé de Vouzela.
 O pai e a mãe de Gil.
 25 Infância de Gil.
 Sua beleza.
 Sua curiosidade insaciável.
 Amor dos manuscritos.
 Um velho físico dá-lhe a paixão dos simples, e das
 30 plantas que curam.
 Cresce.
 Toma gosto pelas armas, pelos cavalos.
 Tem amores vagos, pelas raparigas.
 Mas não descarta os livros.
 35 Vem-lhe a paixão do desconhecido das viagens.
 Para tudo conhecer, quer ir estudar medicina a Paris.

Parte com grandes lágrimas da mãe, e duma moça que sedu-
 zira. Toma o caminho de Paris com o seu fiel Simão, escudeiro.

21: **conhecer** [Palavra conjecturada, por dificuldade de leitura do suporte; outra leitura possível é combina]

23: [As edições de 1912 e 1970 apresentam o texto corrido: 1970 sem abertura de parágrafos; separando-se os períodos com travessões e pontos finais em 1912; apenas com travessões em 1970. No Ms. surge a lápis azul, por mão alheia, as indicações «S. Frei Gil / Eça de Queiroz / Plano da Obra» na margem superior e, no canto inferior esquerdo, «Encontrado juntamente com o manuscrito incompleto». Esta última indicação é repetida nas edições da tradição, que acrescentam na margem superior «Plano da Obra».]

29: velho físico] velho Físico [1912]

35: do desconhecido] do desconhecido, [1912; 1970]

36: tudo conhecer,] tudo conhecer [1912] tudo combinar, [1970]

38: [A edição de 1912 não apresenta o separador mas abre parágrafo para indicar a pausa; 1970 não faz nenhuma demarcação.]

38: duma moça] de uma moça [1970]

39: Simão, escudeiro.] Pêro, escudeiro. [1912; 1970]

40 Numa estalagem, no caminho, encontram um cavaleiro que
trava conversa com ele, e sabendo que Gil vai a Paris estudar
Medicina, lhe diz que **vá** antes com ele a Toledo, onde ele vai
também para se formar nas artes Negras. Essas artes que ele des-
creve dão a quem as possui, o ouro, o poder, a eterna mocidade
45 e tudo o que dá a felicidade.

Gil cede.

Partem para Toledo, conversam pelo caminho. São assal-
tados. O cavaleiro desconhecido desbarata os salteadores.

Em Toledo, Gil é levado logo à Universidade das artes
50 Negras. Aí encontra os professores que lhe dão um festim e que
lhe dizem que a Arte melhor é assinar um pacto com o Demónio.

Gil assina.

Desde esse dia tornado onnipotente, abandona a ideia
de Paris, e passa a ter todos os gozos.

55 Começa, pela vida de moço, tendo palácios, mulheres,
cavalos, ouro às pilhas.

Mas depressa se cansa disto. Ambiciona então o poder, e
o Demónio fá-lo Rei.

Mas depressa se cansa da realeza.

60 Apetece então as grandes aventuras, e é pirata nos mares,
viaja até os últimos sertões, vê povos estranhos.

40: Numa [1912 não abre parágrafo nem deixa o espaço anterior; 1970 não faz nenhuma
demarcação.]

42: Medicina,] medicina, [1912; 1970]

42: que **vá** que vai [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

43: artes Negras.] Artes Negras. [1912; 1970]

43: Essas artes] Essas artes, [1912; 1970]

44: as possui,] as possui [1970]

48: desconhecido [*Elimina-se a vírgula.*]

49: levado logo] levado [1912; 1970]

49-50: artes Negras.] Artes Negras [1912; 1970]

50: os professores] os professores, [1912]

51: a Arte] a arte [1912; 1970]

53: esse dia] esse dia, [1912]

55: Começa,] Começa [1912; 1970]

57: Ambiciona [1912 abre parágrafo.]

59: Mas [1912 não abre parágrafo.]

61: os últimos] aos últimos [1912; 1970]

Mas depressa se cansa destas emoções.

Então apetece tudo saber, e vai estudar para Paris, como simples estudante.

65 Mas depressa se cansa desta ciência dos livros.

Quer saber os mistérios. O Diabo leva-o aos astros, penetram nas entranhas da Terra.

Quer ver o Inferno e o Céu. Mas o Diabo não lho pode mostrar.

Então apetece uma afeição profunda, um amor profundo.

70 Vê uma mulher, que adora de repente, sem lhe ver o rosto. Segue-a até que um dia ela se lhe revela e é o esqueleto da Morte.

Renega então a sua vida — e volta para Portugal, para se meter num convento.

75 Desespero do Diabo, que de amigo se volve inimigo, e o começa a tentar.

Tentações medonhas, que ele combate pela paciência e pela bondade.

Vai-se sentindo feliz, e o seu desejo é obter o pacto que fez com o Diabo.

80 Mas, a sua penitência ainda não é bastante, é necessário que ele pratique um ato que o torne merecedor de que a Virgem quebre o pacto.

62: Mas [1912 não abre parágrafo.]

65: Mas [1912 não abre parágrafo.]

66: O Diabo] o diabo [1912]

67: da Terra.] da terra. [1912]

68: Quer [1912 não abre parágrafo.]

68: o Diabo] o diabo [1912]

70: Vê [1912 não abre parágrafo.]

70: mulher.] mulher [1912; 1970]

72: vida — [1912; 1970]

74: Desespero [1912 não abre parágrafo.]

74: volve inimigo] volve em inimigo [1912; 1970]

76: Tentações [1912 não abre parágrafo.]

78: obter o pacto] obter a quebra do pacto [1912; 1970]

80: Mas, a sua] Mas a [1912; 1970; 1912 não abre parágrafo.]

80: bastante.] bastante; [1912]

81: Virgem.] Virgem [1912]

Esse ato fá-lo, dedicando-se por uma criancinha — ou
por um velho doente.

85

Então a Virgem entrega-lhe o Pacto.

O diabo ainda o tenta mas ele agora sorri e despreza-o.

Entra na paz, na felicidade, e conhece enfim a vida perfeita
que é uma doce vida de convento, no sossego dum vale.

Morre em Santidade.

83: Esse [1912 não abre parágrafo.]

83: uma criancinha —] uma criancinha [1912; 1970]

85: o Pacto.] o pacto. [1912; 1970]

86: O diabo] O Diabo [1912; 1970]

86: o tenta] o tenta, [1912; 1970]

86: despreza-o] despreza [Ms.] [*Adota-se a lição da tradição.*]

87: Entra [1912 não abre parágrafo.]

87: perfeita] perfeita, [1912]

88: dum vale.] de um vale [1970]

89: Santidade.] santidade. [1912; 1970]

Notas bibliográficas

Eça de Queirós (1845-1900)

- 1845 25 de novembro: nasce na Póvoa de Varzim. A 1 de dezembro é batizado em Vila do Conde.
- 1866 Forma-se em Direito e inicia a colaboração na *Gazeta de Portugal* (Lisboa).
- 1867 Diretor do *Distrito de Évora*. Retoma a colaboração na *Gazeta de Portugal*, onde publica «Uma Carta. A Carlos Mayer».
- 1869 Participa com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis na criação de Carlos Fradique Mendes (primeiro aparecimento: *A Revolução de Setembro*, n.º 8167, xxx ano, domingo, 24 de agosto). Viagem ao Egito e à Palestina.
- 1870 Administrador do concelho de Leiria. Publicação d'O *Mistério da Estrada de Sintra* (em coautoria com Ramalho Ortigão). «Palavras sobre o Jornalismo Constitucional» em *República — Jornal da Democracia Portuguesa*.
- 1871 Início da publicação d'*As Farpas*, em coautoria com Ramalho Ortigão. Participação nas Conferências do Casino (junho), com uma intervenção provavelmente intitulada *A Literatura Nova (o Realismo como Nova Expressão da Arte)*. Publica a carta ao redator do *Jornal do Comércio* (4 de maio de 1871), a carta ao redator do *Diário Popular* (subscrita também por Ramalho Ortigão e publicada a 5 de maio de 1871); a carta a Antero de Quental e Jaime Batalha Reis (subscrita também por Salomão Sáragga, publicada a 6 de julho de 1871).
- 1872 Cônsul de Portugal nas Antilhas Espanholas (Cuba).
- 1873 Publica no *Almanaque Álbum Ilustrado para 1873* o texto «Três Americanos».
- 1874 Publica o conto «Singularidades de uma Rapariga Loura», no *Brinde aos Senhores Assinantes do Diário de Notícias em 1873*. Parte para Newcastle (dezembro).

- 1875 É publicado *O Crime do Padre Amaro* (1.^a versão) na *Revista Ocidental* (Lisboa), nas versões portuguesa e espanhola. Inicia a revisão deste romance.
- 1876 Publica a 2.^a versão d'*O Crime do Padre Amaro* em livro e prepara *O Primo Basílio*.
- 1877 Concede e comunica ao editor o projeto das «Cenas da Vida Real», depois designadas «Cenas da Vida Portuguesa» e «Cenas Portuguesas».
- 1878 Publicação d'*O Primo Basílio* (1.^a e 2.^a edições). Possível redação d'«A Batalha do Caia» e de «Um Dia de Chuva». Publica «Ramalho Ortigão (carta a Joaquim de Araújo)», n'«*A Renascença*».
- 1880 Inicia a colaboração na *Gazeta de Notícias* (24 de julho) do Rio de Janeiro. Publicação da 3.^a versão d'*O Crime do Padre Amaro* (2.^a edição em livro), com uma nota introdutória, d'*O Mandarim* e dos contos «Um Poeta Lírico» e «No Moinho» (ambos em *O Atlântico*).
- 1883 Escreve [«Testamento de Mecenas»], que não conclui.
- 1884 Publicação d'«A Inglaterra e a França Julgadas por Um Inglês», na revista *A Ilustração*.
- 1885 Contribui com «Festa de Crianças» para *Beja-Creche* e um autógrafo sem título para *Esmola*. Publicação de «Outro Amável Milagre» (in *Um Feixe de Penas*) e d'«A Catástrofe». Publica «Uma Carta sobre Victor Hugo (carta ao diretor da *Ilustração*)».
- 1886 Casamento com D. Emília de Castro Pamplona. Publica a carta-prefácio a *O Brasileiro Soares*, de Luís de Magalhães, e a carta-prefácio a *Azulejos*, do conde de Arnoso.
- 1887 Publicação d'*A Relíquia*. O *Almanaque das Senhoras Portuenses* inclui o autógrafo de «A Vida». «Mr. Cumberland» sai no jornal portuense *A Província*. Data provável de [«O Francesismo»], que ficou inédito.
- 1888 Publicação d'*Os Maias* (em livro e nos jornais *Cidade do Rio* e *A Província de São Paulo*) e de parte d'*A Correspondência de Fradique Mendes* (*Gazeta de Notícias* e *O Repórter*). Publica «A Europa» n'*O Repórter* e [«A Partilha da Dor»] em *Lisboa-Porto*. Muda-se para Paris.
- 1889 Começa a ser publicada a *Revista de Portugal*. Reinicia-se, nessa revista, a publicação d'*A Correspondência de Fradique Mendes*. Sai o volume de poemas *Aquarelas* de João Dinis, com um prefácio de Eça. Publica n'*O Tempo*, anonimamente, «Os Vencidos da Vida».

- 1890-1891 Publicação (dois volumes) d'*Uma Campanha Alegre*, com a colaboração d'*As Farpas*.
- 1891 No volume de solidariedade *Anátema*, publica «Fraternidade».
- 1892 Termina a *Revista de Portugal*. Início da última fase da colaboração na *Gazeta de Notícias* (18 de janeiro); aí publica «Notas Contemporâneas»: «Colombo e o Seu Centenário» e «O Caminho de Ferro de Jerusalém», ambas sob o pseudónimo «João Gomes».
- 1893 Publicação de «Positivismo e Idealismo» e de «Tema para Versos I e II» (ambos na *Gazeta de Notícias*); o segundo será postumamente intitulado «A Aia» (*Contos*).
- 1894 Publicação d'«As Histórias»: «O Tesouro» e «Frei Genebro» (ambos na *Gazeta de Notícias*). 3.^a edição d'O *Mistério da Estrada de Sintra*.
- 1895 Publica um texto sem título no número de homenagem *Os de Paris a João de Deus*. Escreve «Um Novo Plano de Almanques» e o prefácio ao *Almanaque Enciclopédico para 1896*. Possível redação de «Engelberto». Publicação do conto «O Defunto» (na *Gazeta de Notícias*).
- 1896 «Um Génio Que Era Um Santo»: publicação em *Antero de Quental: In Memoriam*. Conto: «Adão e Eva no Paraíso» (no *Almanaque Enciclopédico para 1897*).
- 1897 Termina a colaboração na *Gazeta de Notícias* (20 de setembro). Contos: «A Perfeição» e «José Matias» (ambos publicados na *Revista Moderna*). Início (novembro) da publicação d'*A Ilustre Casa de Ramires* (*Revista Moderna*). É publicada a «Crónica. Carta a Bento», na *Revista Moderna* (Paris, 1897, ano 1.º, vol. 1, n.º 3).
- 1898 O número de homenagem *A Duse* publica um texto de Eça, sem título. Publicação do conto «O Suave Milagre» na *Revista Moderna*.
- 1899 Fim (março) da publicação da *Revista Moderna* e interrupção d'*A Ilustre Casa de Ramires*.
- 1900 16 de agosto: morre em Neuilly. Publicação em livro d'*A Correspondência de Fradique Mendes* e d'*A Ilustre Casa de Ramires*.
- 1901 Publicação d'*A Cidade e as Serras*.
- 1902 Publicação de *Contos* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1903 Publicação de *Prosas Bárbaras* (ed. de Luís de Magalhães, com uma introdução de Jaime Batalha Reis).

- 1905 Publicação de *Cartas de Inglaterra* e de *Ecos de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1907 Publicação de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1909 Publicação de *Notas Contemporâneas* (ed. de Luís de Magalhães).
- 1912 Publicação de *Últimas Páginas* (ed. de Luís de Magalhães), onde se incluem as três *Lendas de Santos*.
- 1925 Publicação de *Correspondência*, de *Alves & C.^a*, d'O Conde d'Abranhos — *Notas Biográficas por Z. Zagalo e A Catástrofe* e d'A *Capital* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1926 Publicação d'O *Egito. Notas de Viagem* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho).
- 1929 Publicação de *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós, filho), incluindo «Um Dia de Chuva» e «Engelberto».
- 1940 Publicação de *Cartas de Londres* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1944 Publicação de *Cartas de Lisboa* (ed. de Lopes de Oliveira e Câmara Reis).
- 1966 Publicação de *Folhas Soltas. Palestina. Alta Síria. Sir Galahad. Os Santos* (ed. de Maria d'Eça de Queiroz) que inclui «Sir Galahad».
- 1970 Publicação de *Lendas de Santos*; fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura (Lisboa, Livros do Brasil).
- 1973 Publicação de *Versos* de Carlos Fradique Mendes (recolha, prefácio e notas de Pedro da Silveira. Lisboa, Edições 70).
- 1980 Publicação d'A *Tragédia da Rua das Flores* (edições divergentes).
- 1985 Publicação de textos de Carlos Fradique Mendes por Joel Serrão (*O Primeiro Fradique Mendes*. Lisboa, Livros Horizonte, 1985).
- 1989 Publicação de inéditos do espólio de Eça de Queirós: *A Construção da Narrativa Queirosiana. O Espólio de Eça de Queirós* por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro.
- 1992 Publicação d'A *Capital!* (*começos duma carreira*) (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte).

- 1993 Publicação d'O *Mandarim* (ed. crítica por Beatriz Berrini).
- 1994 Publicação de *Alves & C.^a* (ed. crítica por Luiz Fagundes Duarte e Irene Fialho).
- 1995 Publicação de *Textos de Imprensa VI (da «Revista de Portugal»)* (ed. crítica por Maria Helena Santana).
- 1999 Publicação d'A *Ilustre Casa de Ramires* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2000 Publicação d'O *Crime do Padre Amaro* (2.^a e 3.^a versões; ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).
- 2002 Publicação de *Textos de Imprensa IV (da «Gazeta de Notícias»)* (ed. crítica por Elza Miné e Neuma Cavalcante).
- 2003 Publicação de *Contos II* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik).
- 2004 Publicação de *Textos de Imprensa I (da «Gazeta de Portugal»)* (ed. crítica por Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho).
- 2005 Publicação de *Textos de Imprensa V (da «Revista Moderna»)* (ed. crítica por Elena Losada Soler).
- 2007 Publicação d'As *Minas de Salomão* (ed. crítica por Alan Freeland).
- 2009 Publicação de *Contos I* (ed. crítica por Marie-Hélène Piwnik) e de *Cartas Públicas* (ed. crítica por Ana Teresa Peixinho).
- 2011 Publicação de *Almanaques e Outros Dispersos* (ed. crítica por Irene Fialho).
- 2014 Publicação d'A *Correspondência de Fradique Mendes. Memórias e Notas* (ed. crítica por Carlos Reis, Irene Fialho e Maria João Simões).
- 2015 Publicação d'O *Mistério da Estrada de Sintra. Cartas ao «Diário de Notícias»* (ed. crítica por Ana Luísa Vilela).
- 2017 Publicação d'Os *Maiais. Episódios da Vida Romântica* (ed. crítica por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha).
- 2019 Publicação de *Textos de Imprensa II (do «Distrito de Évora»)* (ed. crítica por Ana Teresa Peixinho).
- 2021 Publicação de *Philidor* (ed. crítica por Kathryn Bishop-Sanchez) e d'A *Relíquia* (ed. crítica por Carlos Reis e Maria Eduarda Borges dos Santos).

Anna Luiza Campanhã C. A. Bauer (São Paulo, Brasil) é licenciada em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e concluiu o mestrado em Língua Portuguesa pela mesma Universidade em 1993 com a dissertação *Dos rascunhos à obra editada: um itinerário poético*. Em 2000, concluiu o doutoramento pela Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof.^a Elza Assumpção Miné, com a tese *Proposta de edição crítica numa perspectiva genética: Santo Onofre e São Frei Gil*, de Eça de Queirós. Ensinou na PUCSP e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), neste caso com lecionação do seminário «Uma leitura e interpretação de alguns manuscritos de Eça de Queirós». Atualmente dedica-se à revisão de trabalhos acadêmicos, principalmente dissertações de mestrado e teses de doutoramento.

Eliane Hosokawa Imayuki é licenciada em Língua e Literatura Portuguesa, pela Universidade de São Paulo. Em 1995 concluiu o mestrado em Língua Portuguesa, sob a orientação de Elza Miné, na mesma universidade, com a apresentação da dissertação *Para uma edição crítica de São Cristóvão, de Eça de Queirós*. Durante três décadas, lecionou no ensino secundário e em cursos superiores da UNASP (Centro Adventista de São Paulo), participando em processos seletivos, bem como em cursos de extensão e de pós-graduação. Jubilou-se em 2019. Presentemente, trabalha no segmento didático da CPB Educacional, como coautora de materiais para o nível básico de ensino. Coordena programas de formação contínua, em regime presencial e a distância.

O volume *Lendas de Santos* que agora se publica constitui, na série Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, um contributo importante para colmatar lacunas e para se tentar chegar o mais perto possível da vontade de Eça de Queirós, no que diz respeito às três narrativas que aqui se encontram. Uma vontade inconclusa, acrescento, porque estamos perante textos que o grande escritor não deu à estampa e que foram deixados em estádios de desenvolvimento relativamente incipientes.

Conforme frequentemente ocorre com trabalhos desta natureza, aquilo que agora se publica não está (nem poderia estar) isento de dúvidas. A seriedade e a competência investidas nesta edição por Anna Luiza Bauer e Ellane Hosokawa Imayuki (ambas autoras de estudos académicos sobre os santos de Eça, com orientação de Elza Miné) são, contudo, argumentos fortes para se avançar decisivamente, no sentido de se atingir uma edição tão segura quanto o permitem os materiais disponíveis.

Carlos Reis, da *Nota prefacial*

